O Eneagrama

Símbolo de Tudo e Todas as Coisas

Mapeando o caminho da sua compreensão

O Eneagrama

Símbolo de Tudo e Todas as Coisas

NATHAN BERNIER

GILGAMESH

Título do Original:
The Ennenagram - Symbol of All and Everything
Publicado em inglês em 2003
Copyright © 2003 Nathan Bernier
Traduzido para o português em 2004

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida em qualquer maneira, eletrônica ou mecânica, sem permissão por escrito
da Editora, exceto no caso de breves citações.

Capa e composição gráfica de Daniel Teshet
Desenhos de Nathan Bernier

EDITORA GILGAMESH
SHIS QI 17 CJ 14 - 12
Lago Sul, Brasília, DF
71645-140 Brasil
www.gilgamesh.com.br

Impresso no Brasil, pela
Teixeira Gráfica e Editora, Taguatinga Norte, DF
www.teixeiraeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

B528e

Bernier, Nathan.
O eneagrama : símbolo de tudo e todas as coisas / Nathan Bernier. – Brasília: Gilgamesh, 2004
416 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia e índices.
ISBN 85-87154-04-4

1. Metafísica. 2. Simbologia. 3. Eneagrama. 4. Esoterismo. 5. Autodesenvolvimento. 6. Gurdjieff, G. I. Título.

CDD 248.2
CDU 111: 248.1

Meu filho,

Gostaria de orientar-te, de indicar-te a senda,
de apressar teu passo, mas
não existe um caminho para a felicidade:
a felicidade é o caminho.

“Sou um peão — pensei, enquanto esperava o bonde.
Mas às vezes sou cavalo e pulo várias casas.
Às vezes parece que recebo cartas premiadas e jogo mal,
e outras vezes nem tão boas, mas me saio bem.
Senti claramente que o desenrolar da vida poderia estar se passando
num tabuleiro de xadrez ou num jogo de baralho.
Identificava situações e impasses absolutamente semelhantes.
Deve haver uma lei que rege tudo — pensei, e hei de descobri-la.”

Conteúdo

George Ivanovitch Gurdjieff,
o Mistério em Forma de Mestre 10

Introdução 12

Parte 0 — O Homem 16
A Situação 18
Divisão Interior 25
A Estrutura do Homem 33

Parte I — O Universo 53
A Inteligência Primordial 55
Simbologia Objetiva 65
Geometria 77
Heptaparaparshinokh,
Lei de Sete e Lei de Nove 95
Lei de Três 113
O Raio da Criação 119
Nutrição 131

Parte II — O Eneagrama 137
Origens 139
Eu Sou 141
Sonhos 146
Estrutura Gráfica 150
Geração Simbólica 158
Geometria Sagrada 180
Processos 219
Dinâmica da Existência 245
O Eneagrama se Move 257
O Eneagrama das Energias 265

Parte III – Aplicações 283
Como Usar o Eneagrama 285
Construção de uma Casa 287
Pintando um Quadro 297
Numa Empresa 307
Aprendendo Piano — Professores e Mestres 321
Vivendo pelo Eneagrama 329
Vida Comum 341
O Homem, a Vida e o Caminho 364

Referência Bibliográfica 401
Índice Analítico
405
Índice Alfabético

George Ivanovitch Gurdjieff, o Mistério em Forma de Mestre

Durante toda a ocupação nazista em Paris, um minúsculo apartamento a poucas quadras da catedral ortodoxa russa da Rua Daru fervilhava de emoção e perplexidade. Sem alarde, as janelas permanentemente cobertas com tapetes aderiam ao blecaute obrigatório e lá dentro perdia-se a noção do tempo.

Havia um Mestre. Pouco ou nada se sabia sobre ele, mas aquele em quem ele pousasse os olhos ou a quem dirigisse a voz uma só vez era marcado para sempre. Era impossível vê-lo e esquecê-lo. Assim como era impossível vê-lo e não ver-se a si mesmo, tocado por uma varinha mágica — que ele chamava de "consciência".

Encontrá-lo era encontrar-se a si próprio, ainda que por um breve momento. Talvez este tenha sido o motivo de ser ao mesmo tempo tão amado e tão temido. Ver-nos a nós mesmos é o legado que nos deixou — um legado difícil, assustador e, no entanto, abre o caminho que conduz à verdadeira liberdade.

Gurdjieff influenciou o mundo atual de três maneiras distintas.

Diretamente, através da tradição oral, formou discípulos que, por sua vez, formaram grupos e até hoje dão prosseguimento ao Trabalho. Foi desta maneira que ensinou o eneagrama.

Indiretamente, de modo tão invisível e anônimo quanto os heróis da resistência francesa, suas sementes se infiltraram nas correntes ideológicas contemporâneas sobre o homem e o universo.

Foi ecologista pioneiro, ao mostrar, no Raio da Criação, o lugar que o homem ocupa no organismo único da Vida Orgânica sobre a Terra.

A simplicidade estonteante de suas explicações das leis que regem o mundo conquistou as mais arraigadas mentes científicas.

Seus métodos para o trabalho sobre si, o autoconhecimento e o desenvolvimento harmonioso dos três centros do homem (mental, físico e emocional) deram novas e sólidas bases às modernas terapias psicológicas e a toda a nova ciência da auto-ajuda.

A música especial, que compôs com Thomas de Hartmann, e as danças sagradas, coletadas de diversas fontes da Ásia Central e organizadas em um sistema, começam agora, cinqüenta anos após sua morte, a desafiar o anonimato.

Sua terceira forma de influenciar foi por meio de livros. Escreveu uma obra única, a trilogia denominada "*All and Everything*" (*Tudo e Todas as Coisas*), cuja leitura recomenda que seja feita em determinada ordem, o que é compreensível, pois se trata de "literatura objetiva", com um efeito intencional sobre o leitor.

A primeira série dessa trilogia, "*Beelzebub's Tales to His Grandson*" (Contos de Belzebu a seu Neto[1]*)*, em três volumes, é extensa e complexa. Escrita sob a forma de escrituras sob um véu exterior de ficção científica, e com muitas camadas de significado, exige e incrementa toda a nossa capacidade de atenção.

A segunda série, mais fácil de ler e mais popular, "*Meetings with Remarkable Men*" (Encontro com Homens Notáveis[2]), é autobiográfica e alegórica, e serviu de base a um filme com o mesmo nome[3].

A terceira série, "*Life is real only then, when 'I am*", (A Vida só é real quando 'Eu Sou'[4]), inclui cinco conferências e um capítulo sobre o mundo exterior e o mundo interior do homem (*The Outer and Inner World of Man*), e termina inesperada e misteriosamente.

---

[1] Editado no Brasil pela Editora Horus, em um único volume, 2004.
[2] Editado no Brasil pela Editora Pensamento, 1981.
[3] Dirigido por Peter Brooks, UK, 1979.
[4] Editado no Brasil pela Editora Horus, 2004.

INTRODUÇÃO

Um *símbolo* vale pela contraparte de realidade que conduz. Através dos símbolos associamos o perto com o distante, o concreto com o abstrato, o que está em baixo com o que está em cima. A palavra *símbolo* vem do grego[1] e designava um selo de terracota partido em duas metades que, quando encaixadas, identificavam como idôneo o portador de uma mensagem. A *coincidência* era a chave.

Sem uma *chave* para a interpretação, o símbolo passa despercebido e não é aproveitado. Com a chave correta, adquire vida e fala — numa linguagem além da simples lógica racional, uma linguagem própria aos mundos superiores, adequada às realidades abstratas.

> *"Ao falar sobre o Eneagrama, G. disse que postulava todo o ensinamento do Trabalho e que quanto melhor o entendíamos, mais compreendíamos o Trabalho."*[2]

O *Eneagrama,* pura expressão da Lei Única universal, nos foi deixado por G. I. Gurdjieff, que nunca o desvendou completamente, nem a seus discípulos mais próximos. A chave para decifrá-lo está na totalidade dos ensinamentos do mestre, que formam uma escola muito especial, o Quarto Caminho, também chamada simplesmente "O Trabalho".

Os ensinamentos de Gurdjieff, passados essencialmente por *tradição oral* nos círculos iniciados, consistem em um sistema único para a compreensão do homem e do universo, e o Trabalho Interior que professa leva o individuo a despertar e desenvolver suas infinitas possibilidades de evolução.

Este livro é meu modo de compartilhar um estudo que busca concatenar, organizar e interpretar informações de três fontes. Primeiro, os escritos do próprio Gurdjieff, suas palavras, a estrutura subjacente e principalmente as entrelinhas e alusões aparentemente

---

[1] Do grego *symbolon*, *symballein* (συμβολον): colocar junto, reunir.
[2] Nicoll, *Comentarios*, vol. II, p. 11.

inócuas. A seguir, fragmentos significativos transmitidos por seus seguidores, e ainda a vasta herança de simbologia antiga remanescente em diversos sistemas esotéricos, não apenas escrita como também embutida em obras de arte, contos e tradições. A terceira e última fonte, que funcionou como amálgama na síntese e compreensão das duas primeiras, foram muitos anos de Trabalho, observação de fenômenos e processos exteriores e interiores, constatação, meditação e revelação.

Registrar a tradição oral, no entanto, é como encerrar um pássaro numa gaiola: ele simplesmente não será o mesmo sem o espaço aberto onde voar, nem seu canto soará igual. É como encher uma caneca com água, querendo guardar o rio — mas levar uma caneca de água a um prisioneiro sedento pode ser o primeiro passo para sua libertação.

Escrever sobre o eneagrama é um processo difícil: cada palavra, ao mesmo tempo em que revela, limita. Tem-se a impressão de estar transformando ouro em chumbo, numa alquimia reversa. Além do mais, tal explanação não comporta seqüência linear. Existem ligações cruzadas de significados em diversos níveis e direções. Por isso, muitas coisas são ditas antes de poderem ser explicadas. Este não é, pois, um livro de leitura simples. Será preciso paciência e certa vivência para que alguma compreensão se cristalize. Mas o esforço deve ser bem-vindo, pois o estudo do eneagrama traz em si enorme poder de transformação e aperfeiçoamento pessoal.

No início, pensei que colocando em palavras o significado que encontrava neste símbolo poderia cristalizá-lo no leitor, impedindo-o de uma percepção mais profunda, direta, mais correta ou mesmo apenas diferente. No entanto, após muitos anos nesse estudo, observei que o eneagrama é tão especial que quanto mais estudado, mais florescem novas interpretações. É como uma cornucópia mágica, sempre fluindo mais e mais relações e significados; como um poço, que quanto mais se cava mais profundo se mostra. Portanto, hoje me atrevo a escrever sobre este símbolo. Um verdadeiro buscador não ficará satisfeito apenas com palavras escritas, mas desejará aplicar este conhecimento em sua vida para encontrar e ele mesmo a verdade.

Também escrevi este livro para estimular o interesse nas principais obras do Quarto Caminho; por isso o uso de muitas citações e notas de rodapé.

"Para um estudo exato
é preciso uma linguagem exata."[1]

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff fala*, p. 66.

Nas duas primeiras partes são apresentados conceitos básicos sobre a natureza e estrutura do Homem e do Universo, forjando uma linguagem em que possamos nos comunicar. Somente depois é tratado o Eneagrama em si: primeiro em seus aspectos teóricos, de matemática sagrada e simbolismo esotérico, e finalmente através de vários exemplos de aplicações práticas.

O mundo é um jogo
que funciona conforme regras próprias.
Conhecer as regras — as leis do mundo —
é o primeiro passo para a transcendência
em direção à liberdade.

Parte 0 – O Homem

A Situação

Não nos Conhecemos

"Duas estradas divergiam em um bosque, e eu —
Eu escolhi a menos trilhada,
E esta escolha fez toda a diferença." [1]

Habitando este planeta Terra, temos uma vaga idéia de sermos algo superior às plantas e aos animais, e nos descrevemos como seres racionais. Apesar de eventuais lampejos de consciência, não compreendemos nossa missão cósmica e nos vemos como indivíduos separados, imaginado-nos por isso com grande auto-suficiência em relação à totalidade da natureza.

Porém, mesmo como indivíduos separados e com alguma consciência, não nos conhecemos absolutamente. Deixamos nossa vida fluir ao sabor de influências externas, sem definir para nós mesmos qualquer objetivo maior que a mera sobrevivência durante o período de nossa vida terrestre. Quanto à duração indeterminada e incerta dessa vida, fazemos os maiores esforços para ignorá-la, apoiando-nos num tempo linear pretensamente sem fim.

Qualquer confronto com algum significado real e superior nos assusta e buscamos desesperadamente algum conforto auto–tranqüilizante que nos distraia de nós mesmos e do que não queremos ver em nós. Muitos recorrem a drogas ou vícios, mas a grande maioria dorme na mecanicidade de hábitos sem sentido, congelados numa vida de robô a realizar tarefas para as quais foi programado — sem assumir, é claro, a menor responsabilidade por elas.

A alguns ocorre, eventualmente, sacudidos por sua própria sensibilidade ou por um choque imprevisto, perceber a realidade subjacente — são esses os que fazem a diferença.

---

[1] Robert Frost (1874-1963), poeta norte-americano, *The Road Not Taken (A Estrada não trilhada).*

Possibilidades e Escolha

O poder dado ao homem em sua criação tem sido usado, na prática, para seu próprio aniquilamento e pode resultar em grande devastação a nível planetário. A tecnologia de produção de bens e a mídia de propaganda tornaram-se instrumentos para manter os indivíduos cada vez mais automatizados, ocupados apenas com assuntos materiais.

A utilização do corpo físico e suas sensações como principal fonte de prazer acentua a ilusão de que o indivíduo seja separado e independente da Natureza e dos demais indivíduos, amortecendo, deturpando e quase anulando os instintos naturais de sobrevivência pessoal e da espécie.

Graças à sua racionalidade, da qual nenhum outro animal seria capaz, o homem tem vivido de forma cada vez mais antinatural, numa inversão total de valores — entre guerras, crimes, dissolução da família e da sociedade, e destruição de suas próprias obras. Pois um animal não poderia escolher ser menos que um animal, mas o homem está conseguindo ser menos que um homem e muitas vezes até menos que um animal.

Embora não se lembre disso, o homem tem uma natureza mista: além da parte *humana*, tem uma parte *divina*, da qual se encontra desligado.

Geralmente subutiliza sua parte humana, vivendo trancado[1] na despensa, quando sua casa é imensa e bela, cercada de jardins. Precisa – e pode – abrir portas e janelas, ampliar suas capacidades, expandir a consciência sem medo e assumir as possibilidades que lhe são inerentes por direito de nascimento.

Temos poder de escolha.

Criação e Evolução

A existência é um *movimento* em duas correntes: uma que desce, materializando a energia, e outra que sobe, refinando. Essas duas correntes, Criação e Evolução, estão em tudo e funcionam dentro de cada um de nós, entrelaçadas como um único e vasto rio.

Quando vemos o fluir de um rio, nossa impressão imediata é que nele só há movimento numa direção: do alto das montanhas para baixo, rumo ao mar. E assim é a corrente da Criação: natural, forte e óbvia.

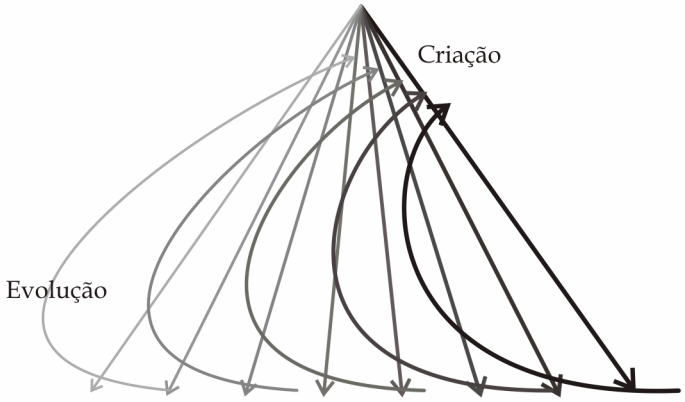
---

[1] Ver p. 77, a história de um homem

Mas, se observarmos bem, poderemos ver que há peixes nadando. O rio não teria peixe algum se estes não fizessem um esforço constante contra a correnteza natural.

A existência manifestada precisa manter as duas correntes — o rio e os peixes — em movimento e adequadamente equilibradas. Manter a Criação parece fácil, uma vez que ela se origina no Absoluto e desce com força total. Tudo que é criado naturalmente segue essa direção. É uma questão *coletiva*, de quantidade e massa. No entanto, a existência também precisa do Retorno — uma questão de *indivíduo* e qualidade. O retorno só pode ser feito por meio da Vontade e de esforços individuais.

Depende de cada um, individualmente, escolher: escolher-se a si próprio como eleito à Evolução[1]. Cada homem traz a semente da evolução e todos têm dentro de si os recursos necessários para isso.



[1] Ver p. 172, poucos são escolhidos.

"...meu futuro mestre entrou de improviso e,
sem perder tempo em sentar-se, perguntou a meu pai:
— Onde está Deus neste momento?
Meu pai respondeu-lhe com gravidade:
— Deus está neste momento em Sarykamich.
Sarykamich é uma região arborizada, na fronteira da antiga Rússia
com a Turquia, famosa em toda a Transcaucásia e Ásia Menor
pela altura extraordinária dos pinheiros.
A seguir, o velho padre perguntou: — E que faz Deus ali?
Meu pai respondeu que Deus construía ali escadas duplas,
no topo das quais fixava a felicidade
a fim de que, sobre essas escadas,
indivíduos e nações inteiras pudessem subir e descer."[1]

A corrente da Criação, descendente e involutiva, cria multiplicidade, matéria e vida, tudo que nasce, cresce, se reproduz e morre. A Evolução trabalha no sentido inverso: o que foi separado refina suas energias e volta, subindo, buscando reunir-se ao todo.

Tudo o que existe está descendo ou subindo. Nada fica parado. Quem tenta parar, cai. A descida é fácil: a força que impele para baixo é avassaladora, contínua, automática e, sob o nosso ponto de vista, inconsciente e cega. A Evolução, ao contrário, é um movimento difícil, pois luta contra a força do Criador. Exige esforço individual contra a correnteza, como os peixes na piracema[2].

Foi assim que Jacó teve seu nome mudado para Israel, ou "*aquele que lutou contra Deus*"[3], pois mudou de Ser, morreu para a corrente descendente e renasceu na corrente que sobe. *É preciso morrer para renascer*[4] — implícito nisso, vemos que só pode subir aquilo que um dia desceu. Também a parábola do Filho Pródigo[5] representa essa verdade, retratando a descida ao mundo material e a volta ao Pai.

A cada instante escolhemos, passiva ou ativamente, se descemos ou subimos. Só se evolui com esforço intencional, reiterado e persistente, e a cada distração ou esquecimento escorregamos como numa rampa íngreme. Se não definimos nosso objetivo de maneira consciente, acabamos como um rebanho, acompanhando a massa para baixo.

É preciso *despertar* para assumir a evolução consciente e intencional.

---

[1] Gurdjieff, *Encontros*, pp. 44-45. "Esse processo (...) era um meio muito original de desenvolvimento mental e de auto-aperfeiçoamento. Chamavam-no *kastusilia*."
[2] *Piracema* é a jornada dos cardumes, corrente acima, para desovar na cabeceira do rio.
[3] "Não te chamarás mais Jacó, mas Israel; porque tens lutado com Deus e com os homens e tens prevalecido.." Gênesis *32: 28.*
[4] João 3: 3.
[5] Lucas 15: 11-32.

Este livro se destina àqueles que optam pela corrente ascendente, dispostos a pagar seu preço, fazendo o esforço necessário.

INTENÇÃO E META

O que quero? Não posso ter certeza do que quero, porque às vezes quero e logo não quero. Paro e reflito, resolvo racionalmente o que é bom para mim e a seguir vejo-me fazendo o contrário, agindo muitas vezes como se fosse meu próprio inimigo.

Nunca pretendi ser masoquista e recuso ver-me como tal. Desenvolvo, então falsas razões[1] que justifiquem essa incoerência interna, dizendo-me, por exemplo, que devo amar-me e tratar-me bem. Caio num problema prático: se quiser simplesmente agradar-me o tempo todo, viverei num mundo irreal como o de *Alice*[2], mudando como camaleão para me adaptar às mudanças constantes e inesperadas do meio ambiente e aos choques da vida.

Perguntas passam pela minha mente. Quem sou eu? Como vim parar aqui? Que quero de mim? Mudou o mundo, ou mudei eu? Pois o que ontem tracei para mim como principal objetivo, hoje relego a plano secundário. Sinto minha divisão interior. Digo a mim mesmo: se Paulo, que era Paulo, se sentia assim[3], como posso ousar querer ser diferente? Porém se *algo* em mim pensa desse modo, *algo* existe em mim acima de toda a minha ignorância — e nessa intuição eu confio. *Há* dentro de mim quem ouse levantar-se contra a incoerência, quem ouse buscar a verdade e a compreensão.

Embora possamos ter muitas metas menores, implícitas ou explícitas, nosso objetivo natural é a *felicidade* e a *permanência*. Mas não compreendemos exatamente tais conceitos nem sabemos como proceder para alcançar esses objetivos. Foi dito que todos podem evoluir, que basta querer. Porém, como dizer "Eu quero?".

Para a *felicidade*, como ausência de conflitos interiores, é necessário ter *unidade*. Já o desejo de *permanência*, decorrente de um instinto inato de sobrevivência, exige a formação de *corpos superiores*, com que suplantar a morte. Como? Gurdjieff ensinou um trabalho prático de autotransformação e nos deixou o eneagrama, que pode servir de bússola ou mapa, orientando-nos, pelas leis cósmicas, no conhecimento de nós mesmos e na realização de nossas possibilidades.

---

[1] Ver p. 26, Amortecedores.
[2] Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*.
[3] "Pois o que faço, não o entendo; porque o que quero, isso não pratico; mas o que aborreço, isso faço. (...); com efeito, o querer o bem está em mim, mas o efetuá-lo não está." São Paulo, em Romanos 7: 15-18.

Se, por um lado, mudamos de idéia a toda hora, por outro temos imensa teimosia e resistência interior à verdadeira mudança. Facilmente nos apegamos a conceitos, sentimentos, pessoas ou objetos que se tornam pedras e montanhas no caminho do nosso crescimento.

Que mistério é esse que faz com que alguns escolham a evolução e outros se deixem levar correnteza abaixo? O que nos faz *despertar*?

Como na parábola do semeador, há um certo acaso inicial. Embora todas as sementes tenham igual potencial, umas caem em terra boa, outras não.

"E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho
e as aves vieram e comeram.
Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra.
Brotou logo, porque a terra era pouco profunda.
Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou.
E outra ainda caiu entre espinhos.
Os espinhos cresceram e a abafaram.
Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto,
uma cem, outra sessenta e outra trinta.
Quem tem ouvidos, ouça." [1]

O processo de *auto-escolha* começa como um jogo de futebol. O primeiro chute não leva a bola diretamente à rede. Vários jogadores — muitos *eus*[2] — unem-se como um time, perseguindo a mesma meta. A bola vai e volta no campo muitas vezes antes de ganhar pontos em cada gol. À medida que o jogo prossegue, mais coeso e eficiente fica o grupo, a meta vai ficando mais clara e os esforços passam a ser mais compensadores.

AUTOCONHECIMENTO

O primeiro passo é o conhecimento de si mesmo.

Uma vez despertada a *Vontade*, inicia-se uma luta entre esta e os *desejos* — a batalha do Mahabharata se trava dentro de nós. Mas como discernir? Devemos começar com o estudo do homem como *máquina*, pois ignoramos quase totalmente nosso próprio funcionamento, o que somos e o que podemos vir a ser.

O maior obstáculo ao autoconhecimento é acharmos que já nos conhecemos. Se nos observamos um pouco, constatamos situações desconcertantes. Ora dizemos "eu" nos referindo ao corpo, logo

[1] Mateus 13: 3-9.
[2] Ver p. 23, Divisão Interior.

dizemos “meu corpo” sugerindo que somos algo além dele, talvez a alma. Mas então nos vemos dizendo “minha alma”.

O conhecimento de si mesmo exige um longo Trabalho interior de auto-observação, para distinguir o que é real do que não é real em nós.

Divisão Interior

O homem está dividido sob vários pontos de vista, e é impossível compreendê-lo como um todo. Estudaremos primeiro as partes da máquina humana e como se relacionam entre si.

Embora o corpo físico dê uma ilusão de separatividade, como se fosse um organismo autônomo e independente, o homem é parte da Vida Orgânica Sobre a Terra. Por outro lado, é um ser polar, dividido em dois sexos que se complementam, sem cuja união é impossível sua reprodução e continuidade. A polaridade sexual é a maior evidência de que o homem não é completo em si.

Essência e Personalidade

O sistema de Gurdjieff faz importante distinção entre o que é próprio e inato do homem, a *Essência*, e aquilo que ele adquire de fora, a *Personalidade*.

Uma criança, ao nascer, é essência pura. Sua personalidade se forma com a educação e a vivência. Imita os outros e aceita ou repudia mecanicamente as influências. Sob este aspecto, o homem começa como uma folha de papel em branco, que os demais se encarregam de preencher. Depois, assume como suas tais informações plenas de contradições e as grava em "discos", que reproduz à menor provocação exterior, em reações e associações automáticas.

A personalidade não pertence ao homem — é tudo aquilo nele que pode ser perdido. Uma amnésia, por exemplo, pode apagar a personalidade e deixar a essência intacta.

O homem só pode evoluir a partir da essência. No entanto, a essência, para se desenvolver, precisa ser alimentada com um conhecimento especial: a *compreensão pela experiência*, o que só pode ocorrer através da personalidade, instrumento pelo qual a essência interage com a vida.

Distinguimos, então, dois tipos de educação: a *educação* comum, que vem de fora e visa a personalidade, e o *Trabalho interior*, ou auto-

educação, consciente e voluntária, que visa tornar a personalidade passiva para que a essência se desenvolva.

Sem Trabalho interior a essência pode parar de crescer e a personalidade dominar, a tal ponto que o indivíduo se *identifica* completamente com ela — a "queda de Adão" — vivendo apenas exteriormente, como um escravo.

A personalidade tem uma parte útil e necessária, que pode e deve servir à essência, e outra parte que chamamos *falsa-personalidade*, totalmente em desacordo com a essência, e que deve ser completamente eliminada.

No processo de autodesenvolvimento é preciso "separar o joio do trigo"[1]: parte da educação pode estar de acordo com a essência e ajudá-la a crescer, porém a parte que não corresponde à essência deve ser descartada.

Há, pois, uma seqüência a ser obedecida. Primeiro desenvolver a personalidade, mesmo às custas da essência — temos que nos preparar profissionalmente e aprender várias habilidades para a vida comum. Depois, tornar a personalidade mais passiva; só então a essência poderá aprender com a personalidade como crescer e utilizá-la como ferramenta para isso.

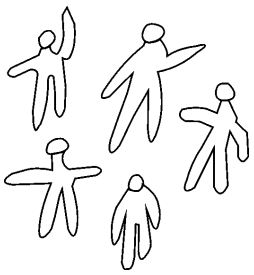
Muitos Eus e Personagens

"Trate de compreender que aquilo que tem o hábito de chamar 'eu'
não é eu; há muitos 'eus', e cada 'eu' tem seu desejo próprio.
Tente fazer você mesmo a experiência disto.
Você quer mudar, mas que parte de você deseja isto?
Há muitas partes em você e elas querem muitas coisas
— lembrem-se da parábola das Bodas de Canã —,
mas só uma dessas partes é real.
Será muito útil para você tentar ser sincero consigo mesmo.
A sinceridade é a chave que abre a porta
pela qual verá suas partes separadas,
e aquilo que você verá então será inteiramente novo.
Deve persistir em suas tentativas para ser sincero.
Cada dia você põe uma máscara; deve tirá-las aos poucos."[2]

Múltipla e inconstante, a personalidade é composta de vários pequenos *eus* que se alternam no comando dos pensamentos, sentimentos e ações. O homem, em seu interior, mais parece uma

[1] Mateus 13: 24-30. Lucas 3: 17.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff fala*, p. 237.

comunidade do que um só indivíduo[1]. Nele, *muitos eus* atuam, cada qual em interesse próprio, e essa divisão interior age contra qualquer interesse evolutivo — "*Os inimigos do homem serão os da sua própria casa*"[2].



Certas situações ou associações acionam regularmente determinados grupos de *eus*, como uma "deixa" para que entrem em cena, desempenhando um papel pré-estabelecido. Esses grupos de *eus* são os *personagens* que existem no homem, o que tem muito a ver com o simbolismo das *máscaras*.

Desde cedo aprendemos como atuar em certa gama de situações no mundo exterior, e desempenhamos então diversos *papéis* — por exemplo, em casa, no emprego ou entre amigos. Ora somos pais, ora filhos, profissionais, amantes, vizinhos, etc. Quando a atuação num papel exterior se cristaliza, forma um *personagem* interior — e este muitas vezes atua mesmo quando não é chamado.

Vários desses papéis ou personagens são úteis e necessários. Mas ainda assim é comum operar-se completa transformação numa pessoa ao mudar o personagem atuante, como na lenda *O Médico e o Monstro*[3]. Uma pessoa normalmente gentil pode transformar-se ao dirigir um carro, um chefe autoritário comportar-se como cordeirinho diante de seu superior, alguém muito simpático no escritório chegar em casa e tratar mal justamente as pessoas que mais ama.

O fundamental é a adequação às circunstâncias. É importante saber quem somos e onde estamos a cada momento. Um professor de adolescentes, por exemplo, precisa demonstrar firmeza e superioridade nas aulas, mas humildade ao ouvir alguém mais sábio. Certos personagens precisam ser usados em certas ocasiões — a questão é "*quem usa quem*". Você usa seus personagens ou eles usam você?

---

[1] "Qual é o teu nome? Respondeu-lhe ele: Legião é o meu nome, porque somos muitos." Marcos 5: 9. "Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios." Lucas 8: 30. "saíram-lhe ao encontro dois endemoninhados." Mateus 8: 28.

[2] Mateus 10: 36.

[3] Robert Louis Stevenson (1850-1894), escritor escocês, em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Prometemos algo hoje e o *eu* que assume amanhã não quer cumprir. Decidimos fazer algo importante, mas logo surge um imprevisto ativando outro *eu* e nos esquecemos completamente da decisão anterior.

Contradições e inconsistências decorrem de *eus* em nós que não se conhecem mutuamente e nunca entram em contato. O trabalho de auto-unificação exige constante observação desses *eus* e dos personagens.

AMORTECEDORES

As contradições, como vemos, são comuns no homem, mas ele não agüentaria vê-las de repente tal como são. Formam-se então certos dispositivos artificiais entre partes diferentes de sua personalidade, com o objetivo de amortecer inconsistências e conflitos que lhe tornariam a vida insuportável. São pontos cegos, racionalizações, mentiras ou afirmações categóricas, que o fazem sentir-se bem consigo mesmo, como se estivesse sempre certo.

Os *amortecedores* ajudam o homem a não sentir sua consciência.[1] Quanto mais fortes esses amortecedores, mas o homem ignora que os possui, e mais confiante e "seguro de si'" se torna[2].

UNIFICAÇÃO

VONTADE E DESEJOS

Ao invés de uma Vontade única e constante, temos vários desejos, parciais e contraditórios.

Os desejos, provindos do corpo ou da personalidade, visam satisfação imediata, sem se preocupar com decorrências ou resultados futuros. Mudam a cada instante, pois pertencem aos *muitos eus*. Já a *Vontade* está comprometida com alguma meta, o que pressupõe certa unificação e consciência do tempo. Enquanto não temos meta, o poder dos desejos sobre nós é arrasador. O Trabalho sobre si é uma constante luta entre os desejos e a Vontade. Enquanto o homem estiver dividido, haverá nele conflito, dificuldade e infelicidade.

O corpo, que deveria obedecer à personalidade, geralmente impõe a esta seus desejos e motivações. Outras vezes a personalidade se impõe e não quer respeitar os limites e as necessidades naturais do

[1] Ouspensky, *Fragmentos*, p.155.
[2] Walker, *A Study*, p. 96.

corpo. Isso para não falar da essência, que na maioria das vezes não é reconhecida nem levada em conta.

Somos como árvores: uma parte visível, razoavelmente consciente, que geralmente se abre para cima em galhos divergentes, e outra parte invisível, as raízes, que partem de um ponto central e se ramificam para baixo, inconscientemente, em várias direções. Nosso ideal seria nos parecermos ao pinheiro de copa cônica e silhueta triangular, tão evidentemente dirigido ao alto. O símbolo clássico da árvore de Natal é sem raízes, como se houvéssemos trazido todo o subconsciente à tona, mas tem uma base sólida, que rodeamos de presentes, como se estivéssemos adubando uma Vontade orientada para o alto. Os presentes simbolizam uma dádiva ou sacrifício à terra, para que possamos nos desapegar dela.

Lugar Tranqüilo

Em cada homem há um ponto central permanente, a semente da unidade, que tem a possibilidade de, como as árvores, almejar a luz e dirigir-se para o alto.

Existe em nós um *Eu Real,* de origem divina, que torna possível a evolução em direção à consciência. No homem comum, o Eu Real é passivo e só se manifesta quando a personalidade permite ou em situações extremas. Normalmente não escutamos essa Voz Interior. No entanto, para ouvi-la basta parar um pouco a "conversa interior", desligando o fluxo automático das associações.

"Eis que estou à porta e bato;
se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta,
entrarei em sua casa,
e com ele cearei, e ele comigo." [1]

Todos nós temos às vezes vislumbres da verdade. No fundo, sabemos perfeitamente o que é melhor para nós. No entanto, algo em nós não quer a verdade — esse algo é a *falsa-personalidade*, o conjunto dos inimigos dentro de nós que buscam constantemente o sono e a alienação.

---

[1] *Apocalipse 3: 20.*

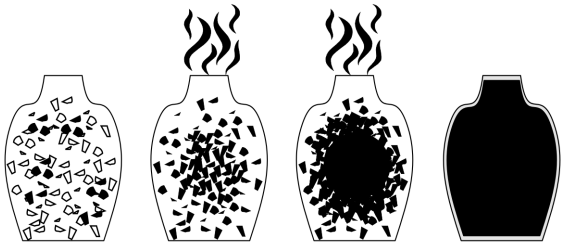
No fundo de nós mesmos temos amor e sabedoria, somos como um diamante bruto à espera da lapidação. Quando nos libertarmos das ilusões e dos falsos conceitos acumulados em decorrência da imperfeição a nós inerente, o *Eu Real* poderá brilhar.

Mas não podemos começar assim com meta tão ambiciosa. Enquanto nossa verdadeira luz não estiver liberta, o que podemos fazer é trabalhar, "lembrando-nos de nós mesmos a todo instante e em todos os lugares". Aos poucos, se formará um pequeno núcleo consciente, um *Eu Observador,* que poderá começar, assumindo o Trabalho.

Técnicas de parar e relaxar nos levam aos poucos a conhecer aquele "lugar tranqüilo" dentro de nós, onde há paz e verdade, onde está a eternidade.

Caráter e Atitude

A formação do caráter efetua-se quando certos conjuntos de *eus* se agrupam, se cristalizam por atrito e se fundem por fricção, como numa solda[1]. Constitui-se em função de fatores como predisposições inatas, educação e associações geralmente acidentais. Fortalece-se com o atrito nas experiências vividas. Mais tarde pode crescer e se firmar a partir da Vontade, de dentro para fora.[2]



No entanto, se vier a formar-se uma cristalização errada, o homem pode perder sua chance de evoluir.

A Hora da Volta

Há um tempo certo para tudo. Se é verdade que é preciso *esforço* e *ajuda*[3], também é preciso *tempo*. Não apenas no sentido de

[1] Mouravieff, *Gnosis*, vol. I, pp. 24-6, 57-9.
[2] Ver p. 39, Centro Magnético.
[3] Ouspensky, *Psicologia*, pp. 6-8.

amadurecimento, mas também o momento certo, dependendo de várias condições.

Para iniciar o trabalho sobre si, a *personalidade* deve estar desenvolvida — e com ela, inevitavelmente, a *falsa-personalidade*. Entramos no mundo pela corrente da Criação, descendente, como as ovas dos peixes depositadas no alto dos rios, que vão descendo, levadas correnteza abaixo. Num certo momento, na idade responsável, surge a possibilidade de um milagre: o momento da volta. É o ponto mais difícil da jornada. O homem deve tomar consciência de que deve fazer um esforço adequado e constante para retornar à fonte.

Essa virada é importante não só para o indivíduo, mas para toda a Natureza, que precisa do tipo de energia assim gerada. O homem tem uma posição especial na Criação: é o *ponto de retorno*, no qual as energias dispersas e materializadas podem se reunir e se espiritualizar. Tem a possibilidade de *escolha*, e cabe a ele decidir se quer ou não reverter o processo, passando para a outra corrente — desta forma ajudará o Criador na manutenção e na reciclagem positiva das energias do universo.

Assim como há o tempo certo para plantar, se a colheita não for feita na época correta se perderá.

Trabalho em Grupo

A primeira dificuldade no auto-estudo é que não nos vemos. Estarmos presos em nós mesmos, identificados com a personalidade. Por isso é preciso ajuda externa: um mestre ou instrutor e trabalho em grupo. O instrutor deve ser alguém mais evoluído que nós, alguém já no Caminho e que, além de servir de modelo, possa nos orientar. As outras pessoas do grupo servem como "espelhos" e nos dão o *feedback* necessário. Com elas criamos situações de relacionamento sem as quais jamais nos conheceríamos.

Na dinâmica do grupo vemos os outros e, ao observar os outros, aprendemos algo sobre a nós mesmos. É fácil ver nos outros o que não queremos ver em nós.

Só vemos uma coisa quando estamos fora dela. Assim, precisamos aprender a nos separar de nós mesmos para podermos nos observar. A auto-observação quebra a identificação[1] com o corpo e com a personalidade e coloca a consciência em outro referencial, incentivando a ação do *Eu Observador*.

---

[1] Identificação é a perda da consciência de si, quando esta se desloca totalmente para um objeto exterior. "No estado de identificação, o homem não vê nem ouve." Ouspensky, *Psicologia*, p. 52.

O Trabalho Interior

Diz-se que este Trabalho "não é para qualquer um". Na verdade, não há nada que impeça qualquer um de trilhá-lo. Apenas é preciso que se tenha alguma Vontade, formando antes uma infra-estrutura, não apenas material, como também psicológica. O desenvolvimento do Ser importa em metas, realização e significado.

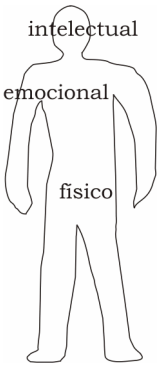
A Evolução é árdua e precisamos de ajuda. O paradoxo é que *a ajuda vem com certeza* — mas para quem se ajuda.

Iniciados

Encontrar o Caminho não basta; é preciso manter-se nele e avançar. Nos círculos esotéricos, fala-se muito em "iniciados". Eu prefiro falar em "continuados", pois iniciar não é suficiente. É preciso continuar, ir além e envolver-se totalmente.

A Estrutura do Homem

Centros



O homem é um ser tricerebrado, ou seja, tem *três* centros ou cérebros independentes, com diferentes funções e manifestações: o *físico*, o *emocional* e o *intelectual*.

Pode-se falar em termos de *quatro* centros, pois o físico também é dito *instintivo-motor*, como se fossem dois centros: o centro instintivo e o centro motor. Fala-se também em um *quinto* centro, com referência ao centro sexual, embora este praticamente nunca trabalhe de maneira autônoma. E os centros superiores, apenas latentes no homem comum, são o *sexto* e *sétimo* centros. Porém, como veremos no decorrer deste livro, tudo acaba se resumindo nos três centros básicos.[1]

Embora não estejam fisicamente localizados, pois permeiam o corpo inteiro, os centros têm locais de máxima concentração. O centro intelectual ou mental tem seu centro-de-gravidade ou máxima concentração na cabeça, o emocional no plexo solar, o motor na coluna vertebral e o instintivo no abdome. Mas é preciso estudá-los em termos de funções ou atividades e não como estruturas anatômicas.

Cada centro, além de uma força de impulsão, é um aparelho receptor que capta influências diversas. Trabalham com velocidades e energias diferentes, e cada um tem sua própria memória e seu próprio tipo de felicidade e bem-estar.

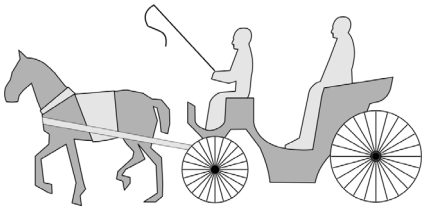
A Carruagem

As fontes de sabedoria antiga já utilizavam a imagem da carruagem para representar a estrutura do homem. A cabine em si corresponde ao corpo físico, o cavalo às emoções e o cocheiro ao

[1] Notando que aquilo que é 3 também pode ser 4, 5 ou 7, começamos a ver que a matemática esotérica é algo diferente da convencional.

intelecto. O passageiro dentro da carruagem — se é que existe — é o Mestre, Amo ou Eu Real.

Num automóvel dos dias de hoje, o motor corresponde ao cavalo[1], o motorista ao cocheiro, a carroceria ao corpo e o passageiro ao Mestre.[2]



"Não seja um táxi", diz Gurdjieff,
"que cada vez conduz um passageiro diferente".

Os Quatro Caminhos

Há uma relação direta entre os centros e os três caminhos tradicionais de desenvolvimento interior.

No primeiro caminho, dito o caminho do *faquir*, o homem se esforça para desenvolver a vontade física, o poder sobre o corpo. Neste caso o mestre não ensina: serve de exemplo e o discípulo o imita.

O segundo caminho, emocional, é o caminho do *monge.* Opera por meio da fé, de sentimentos religiosos e sacrifícios. Geralmente é escolhido por homens com inclinações devocionais muito fortes e intensa imaginação religiosa. O discípulo deve ter fé absoluta no mestre e obediência, porém o essencial é a fé em Deus.

O terceiro caminho é o do *iogue,* do intelecto e do conhecimento. O discípulo não pode e não deve fazer nada sem um mestre. Deve inicialmente imitar seu mestre e crer nele, porém torna-se gradualmente seu próprio mestre: aprende os métodos e exercita-se em aplicá-los a si mesmo.

A escola de Gurdjieff, *o Quarto Caminho,* trabalha sobre os três centros ao mesmo tempo. O homem nada deve fazer sem compreender — salvo a título de experiência, sob o controle e a direção de seu instrutor. Mas "é preciso estar preparado para entrar no Quarto Caminho, e essa preparação, das mais sérias, deve ser adquirida na vida ordinária e incluir vários aspectos diferentes"[3], ou

---

[1] Não é por acaso que quantificamos a potência de um motor em "cavalos-motor" (HP ou *horse power).*
[2] Ver p. 36, Uso dos Centros.
[3] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 66.

seja, o homem deve reunir em sua vida condições favoráveis ao Trabalho, antes de lançar-se a ele.

Esse Trabalho é desenvolvido em grupos, sob a orientação de um instrutor. Abrange *duas linhas*: a linha do Conhecimento e a linha do Ser, que devem avançar juntas, paralelamente, sustentando-se uma à outra. Sob outro aspecto, há *três linhas* de trabalho: primeiro o indivíduo trabalha para si mesmo, depois para o grupo, depois para escola — mas na realidade são trabalhos simultâneos.

Os três primeiros caminhos têm um ponto comum, pois começam pelo que há de mais difícil: a renúncia e o afastamento do mundo. O Quarto Caminho não exige essa renúncia; pelo contrário, *utiliza as dificuldades da vida comum* para o burilamento do ser. É um caminho sem forma definida e, antes de tudo, deve ser *encontrado*. É o primeiro teste.[1]

Os Três Centros Inferiores

Centro Físico ou Instintivo-Motor

O centro físico é o mais bem organizado no homem comum. Funciona desde a concepção e dirige o corpo físico, regulando a acumulação e o gasto de suas energias.[2]

As funções *instintivas* são inatas, mantendo automaticamente a vida orgânica, o trabalho interno autônomo do organismo, a respiração, circulação e digestão, o funcionamento glandular, etc. Também incluem os sentidos e todas as sensações físicas, desde as indiferentes até as agradáveis e desagradáveis, e o instinto das necessidades básicas. As únicas funções instintivas externas são os reflexos.

As funções *motoras* precisam ser aprendidas. Compreendem todos os movimentos exteriores, tais como andar, comer, falar, escrever. Uma das principais propriedades do centro motor é a capacidade de imitar, que caracteriza a inteligência animal.

Convém lembrar que as ações automáticas, que o homem faz sem consciência, não são necessariamente as funções instintivas ou motoras, pois podem se originar em qualquer centro, como, por exemplo, os sentimentos ou pensamentos automáticos baseados em associações com o passado.

---

[1] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 66.
[2] Os centros estão muito bem explicados por Ouspensky, em *Psicologia*.

Centro Emocional

O centro emocional ou afetivo é o mais veloz, porém o menos desenvolvido, quase nulo, no homem. É o que nos permite apreciar e avaliar tudo em relação a nós mesmos, isto é, em relação ao que percebemos e conhecemos de nós mesmos. Por meio dele geralmente sentimos emoções "parciais", ou seja, emoções de um só personagem[1]: alegria, raiva, surpresa, etc. Afetam diretamente o físico, alterando a tensão muscular e a química do organismo. As emoções comuns, inerentes a um único aspecto do indivíduo, são automáticas e reativas, dependem do personagem presente e mudam facilmente.

Um cachorro, por exemplo, pode ter as mesmas emoções comuns que nós, mas não pode "amar seu inimigo", que é um sentimento real, pertencente ao Centro Emocional Superior. Dos sentimentos superiores, como o *amor real*, temos apenas rápidos vislumbres — o amor real é indivisível, portanto se não amamos a todos e a tudo, sempre, não *amamos* nada.

Gurdjieff usa um termo especial, "consideração exterior", para designar a espécie de amor consciente que somos capazes de sentir, incluindo aí respeito, compaixão, benevolência e outros componentes parciais do amor.

O desenvolvimento do centro emocional é o objetivo principal do trabalho esotérico. É a *chave* para a evolução.

"Ninguém vai ao Pai, senão por mim." [2]

Centro Intelectual ou Mental

Sendo o mais lento de todos, o centro intelectual — ou a função do pensamento — efetua processos mentais, como percepção de impressões, formação de idéias, representações e conceitos, raciocínio, comparação, afirmação, negação, formação de palavras, linguagem, imaginação, etc. Permite comparar, julgar, planejar, coordenar, classificar e prever.

Inicialmente vazio, sofre intenso desenvolvimento logo após o nascimento. Em nossa civilização, tem sido o centro mais treinado, muitas vezes hipertrofiado, embora ultimamente esteja havendo grande valorização do físico.

---

[1] Vaysse, *Rumos*, p. 82.
[2] João 14: 6.

Subdivisões dos Centros Inferiores

Como reflexo da polaridade universal, cada centro se divide em *duas partes* inseparáveis — positiva e negativa — que, por si, não são boas ou más. Além disso, cada centro está dividido em *três setores* ou andares: o aspecto seletivo ou inteligente, o afetivo ou motivador e o mecânico ou executante; tendo cada setor suas partes positiva e negativa.

No *centro físico,* a parte positiva efetua funções *instintivas* e acumula energia, e a parte negativa efetua funções *motoras* e consome energia. Estas duas partes funcionam em estreita ligação, formando tríade com o centro sexual.

A divisão do *centro emocional* pode parecer evidente: emoções agradáveis, como alegria, simpatia, confiança em si, seriam da parte positiva e emoções desagradáveis, como raiva e inveja, seriam da parte negativa. Porém, na realidade, é muito mais complicado. Não há parte negativa natural no centro emocional. Quase tudo que chamamos "emoções" são, ou simples afetividade animal (instinto), ou "emoções negativas".[1]

As *emoções negativas* são artificiais e aprendidas. Não pertencem ao centro emocional propriamente dito; foram desnaturadas pela *imaginação,* pela *consideração interior*[2] e pela *identificação*. É algo cultural: o centro emocional nasce puro e límpido, e já na infância começa a aprender emoções negativas.

O *centro intelectual* efetua julgamento, por assim dizer, pesando e medindo as idéias. A parte positiva é criadora e a negativa limitadora. A cada instante uma das duas prevalece sobre a outra ou, se ambas se equivalem, surge a indecisão.

Os centros inferiores, divididos em três andares e partes positiva e negativa, totalizam dezoito subdivisões. Em cada pessoa, a cada momento funciona geralmente uma combinação de dois ou três desses setores, resultando na possibilidade de quase mil combinações. São os *muitos eus*, alternando-se incessante e anarquicamente. Semelhante ao fenômeno de interferência de ondas, a interferência dos pequenos *eus* no todo causa desgaste e esgotamento energético no homem. Se cada *eu* puxa numa direção diferente, o resultado de um enorme esforço pode ser nulo ou até o inverso do inicialmente desejado.

---

[1] Leia mais em Ouspensky, *A Further Record*, pp. 19-49 (Chapter 2).

[2] *Consideração interior* é quando o fomem se identifica com o que os outros pesnasm dele, como o tratam e que atitude têm em relação a ele. Leia mais em Ouspensky, *Fragmentos*, p. 151.

Atenção

É interessante analisar as divisões dos centros segundo a quantidade e a qualidade da *atenção* que exigem. Atenção é a faculdade que liga o exterior com o interior. Bennett a compara à esteira rolante de uma fábrica[1], carregando material de um ambiente para outro — tudo que colocamos em nossa atenção é levado adiante, de um centro para outro, de um momento para outro, ou para os corpos superiores.

A *parte instintivo-motora* de cada centro funciona quase automaticamente, não exigindo propriamente atenção (às vezes funciona até melhor sem ela) — tem atenção reativa. Não pode "pensar" e não se adapta à mudança das circunstâncias. A *parte emocional* é constituída principalmente por emoções típicas do centro (emoções instintivas, motoras, intelectuais ou sentimentais). Nela a atenção não exige esforço, sendo atraída e retida pelo objeto, em termos de identificação, entusiasmo ou interesse. A *parte mental*, com funções de criar, inventar e descobrir, não pode trabalhar sem atenção ativa. Tal atenção precisa ser controlada e mantida por meio da vontade. Como não temos vontade, a atenção flutua e a mente opera em devaneio ou sono.

Centro Sexual

A função sexual desempenha um papel neutralizador entre os centros instintivo e motor. Esta função só aparece na vida quando as quatro primeiras já se manifestaram plenamente; é condicionada por elas. Apóia-se nas outras funções, mas as supera, para ser o suporte do aspecto *criador*.

Seu estudo só será útil quando se conhecerem bem os centros inferiores.

No homem comum, o centro sexual dificilmente funciona com sua própria energia; é comum que os outros centros lhe roubem energia. Numa primeira fase, representa os centros superiores, ainda adormecidos, e muitas vezes funciona com a energia deles.

Uso dos Centros

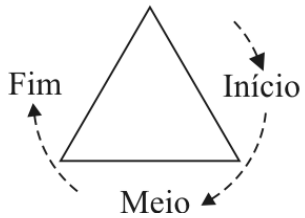
Saúde é o uso correto dos centros, quando os usamos de forma equilibrada, cada centro trabalhando com a energia que lhe é própria.

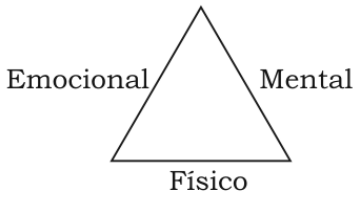
Qualquer habilidade, por exemplo, dirigir um carro, precisa ser aprendida primeiro com o centro mental, que a seguir ensina o centro motor e o treina por repetição, o emocional funcionando como

[1] Bennett, *Making a Soul*, pp. 91-2.

motivador. A partir daí, é o centro motor que calcula e coordena os movimentos. Não podemos usar o centro mental para manobrar o carro, pois é lento demais e não agiríamos a tempo no trânsito. O mesmo se dá ao andar ou dançar: uma vez aprendido um movimento, não precisamos mais *pensar* nele.

No exemplo do carro, quem opera o carro é o centro motor, porém este não sabe para onde vai. Quem sabe o caminho é o mental. Quando este se distrai e devaneia, erramos o caminho, pois o centro motor então conduz o carro automaticamente para onde estava acostumado a ir ou vai atrás do carro à sua frente. O emocional controla a harmonia e a velocidade com que anda o carro. Se surge uma emoção agressiva, decorrente de algum pensamento ou em resposta a uma situação de trânsito, o pé automaticamente acelera ou freia abruptamente, podendo ocasionar acidentes perigosos. Se o emocional está em paz, dirigimos bem, com reflexos corretos e fluidos. Se estamos *identificados*, os reflexos tardam ou ocorrem indiscriminadamente. A viagem pode ser calma e segura, ou nervosa e apressada, dependendo do treino em dirigir, de nosso estado emocional e da atenção que conseguimos manter.





No Eneagrama, colocamos os três centros básicos no triângulo. O conhecimento de suas funções é fundamental para a compreensão da dinâmica deste símbolo. Para a maioria dos exemplos que aqui citamos, os centros são dispostos como indica a figura, significando que tudo começa com idéias, que se realizam no plano físico e se consolidam no emocional.

Os Centros Superiores

Existem dois centros muito especiais, dos quais praticamente não tomamos conhecimento: o Centro Emocional Superior e o Centro Intelectual Superior.

Estes centros são perfeitos, completos em si e não têm partes nem setores. Na realidade, funcionam em conjunto, como um só. Estão plenamente desenvolvidos desde o nosso nascimento e trabalham todo o tempo, mas seu trabalho nunca chega à nossa consciência comum; só aparece em estados alterados de consciência.

Sua linguagem se faz por meio de imagens e símbolos. Eles "batem à porta"[1], mas geralmente não ouvimos.

O homem exterior, identificado com a personalidade, está *desconectado* dos centros superiores, e esta é a base original da *religião*[2]. O verdadeiro trabalho religioso é o Trabalho Interior: religar-se e estabelecer um vínculo permanente com os Centros Superiores, a partir do *centro emocional inferior*.

O Centro Emocional Superior nos permite sentimentos e valores verdadeiros. O Centro Intelectual Superior proporciona uma forma objetiva de pensar, sem comparações, julgamento ou divisão — um modo de pensar que não conhecemos ainda.

"A alma, como o corpo, tem dois olhos; enquanto os olhos do corpo vêem as coisas de um modo idêntico, os olhos da alma as vêem de um modo diferente: um deles contempla a Verdade em símbolos e imagem, o outro a contempla face a face."[3]

INFLUÊNCIAS

Gurdjieff diz que o homem é uma máquina posta em movimento por influências[4] e choques exteriores, que não tem movimentos independentes, nem interior nem exteriormente. Por si mesmo, o homem é apenas um mecanismo com certa provisão de lembranças de experiências anteriores e algum potencial de energia em reserva. A máquina humana, no entanto, é capaz de desenvolver-se e criar para si mesma níveis muito altos de receptividade e ação.

O homem, além de sujeito às leis que regem os mundos em que vive, sofre vários tipos de influências na vida exterior.

Interessam-nos agora apenas três tipos dessas influências:

Influências A ⇨ interesses e atrações gerados pela própria vida. Por exemplo, interesses de sobrevivência, saúde, dinheiro, conforto, prazeres, distrações, vaidade e reputação. É o caso da maioria das informações veiculadas pela mídia de massa e das manifestações mecânicas coletivas e individuais. Tais influências não têm consciência nem direção e em geral são conflitantes ou se anulam entre si.

---

[1] Ver p. 27, Eis que estou à porta e bato.
[2] Do latim *re-ligare:* voltar a ligar — o contrário de "seita", que vem do latim *seccionare*: separar ou cortar.
[3] Santo Isac da Síria, citado por Mouravieff, em *Gnôsis*, vol. III, p. 100.
[4] Gurdjieff, *G.Fala*, pp. 254-265 (Os diversos tipos de influências).

Influências B ⇨ interesses de outro nível, despertados por idéias originadas nas escolas. Essas influências, dirigidas e conscientes na origem, jogadas no turbilhão geral da vida, passam através de muitos espíritos diferentes e atingem o homem pela filosofia, ciência, religião e arte. Precisamos aprender a distingui-las em meio à confusão e escolhê-las, pois, sempre misturadas às influências A, podem acabar por perder qualquer semelhança com o que eram inicialmente.

Influências C ⇨ influências conscientes na origem e no destino. Só podem ser transmitidas por ensinamento direto, como na relação mestre-discípulo. Quando um homem encontra essa influência e mostra-se capaz de assimilá-la, começa a libertar-se da Lei do Acaso.

Centro Magnético

Se um homem faz esforço para discernir e absorver as influências B, e se estas são constantes e suficientes, forma-se nele algo permanente: um *Centro Magnético*. Um grupo de *eus*, ao se tornarem bastante fortes e unidos, servem como fator de orientação e controle, conduzindo-o a uma escola. Esse homem passa então, por sua vez, a exercer influência ao seu redor. Passa a desviar-se das influências A, às vezes em forma de transgressão às normas da vida exterior, provocando conflitos ao seu redor. Se vence esse conflito, acaba atraindo a atenção de um homem de influência C, e assim vai fortalecendo cada vez mais seu Centro Magnético em direção à unificação de si mesmo.[1]

Estados de Consciência

O *nível de ser* de um homem é determinado pelos estados de consciência que ele pode atingir. Os centros do homem podem funcionar em quatro diferentes estados de consciência:

Sono ou Subconsciência ⇨ durante o sono fisiológico ou mesmo fora dele, quando a máquina continua funcionando, porém com pressão muito baixa.

Consciência de Vigília ⇨ o estado normal quando se está "acordado": razão, consciência clara, consciência subjetiva do Eu.

Consciência de Si ⇨ consciência do Eu Real, consciência

[1] Ver p. 28, Caráter e Atitude, p. 55, *fônon*.

objetiva do Eu, quando o homem está presente em si mesmo, nos três centros. O homem comum só experimenta este estado por efêmeros vislumbres. Pode ser chamado *Lembrança de si*.

Consciência Objetiva ⇨ consciência do Absoluto, quando o homem vê as coisas como elas são.

Mesmo tendo a possibilidade de conhecer esses quatro estados de consciência, a maioria dos homens vive nos dois primeiros: uma parte de sua vida transcorre no sono e a outra na vigília — e, na realidade, este estado neles difere muito pouco do sono. Os dois estados superiores de consciência são geralmente inacessíveis ao homem comum.

Por meio de estudos e esforços especiais, podemos tornar a consciência mais constante e controlável. Aumentar nosso nível de consciência passa a ser, pois, a pura expressão do objetivo do Trabalho Interior.

KUNDABÁFER

A dificuldade que o homem encontra, aqui no planeta Terra, para despertar e formar seus corpos superiores se deve principalmente aos efeitos cumulativos e hereditários dos resultados das conseqüências do órgão Kundabáfer.

Gurdjieff conta que, logo após o surgimento da Lua e de Anulios[1], uma Alta Comissão de Indivíduos Sagrados desceu à Terra e implantou nos seres tricerebrados que aí vivem um órgão com tal propriedade que, primeiro, eles perceberiam a realidade ao contrário e, segundo, qualquer impressão externa repetida evocaria neles sensações de prazer.[2]

O motivo da implantação desse órgão, chamado Kundabáfer, que então cresceu neles na base da coluna espinhal[3], foi impedi-los de compreender que, por sua própria existência e razão de ser, deveriam manter (alimentar) aqueles fragmentos destacados da Terra.

Mais adiante, outra Alta Comissão veio à Terra e constatou não ser mais necessário esse órgão, que foi então removido, assim como suas propriedades. No entanto, os resultados de suas conseqüências passaram a se cristalizar nas presenças da maioria dos tricerebrados desse planeta, de modo a se tornar quase impossível para eles atingir o aperfeiçoamento de ser que lhes era devido. Essas conseqüências

---

[1] Ver p. 123, Lua e Anulios.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, p. 88.
[3] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, p. 88.

têm sido propagadas por hereditariedade e pela educação, e a maioria dos homens tem vivido apenas servindo à Grande Natureza, como escravos inconscientes, não cumprindo sua verdadeira missão como seres tricerebrado normais do nosso universo.

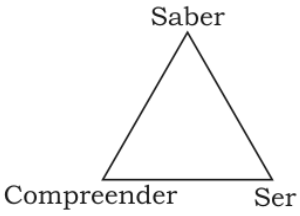
Devido às conseqüências do Kundabáfer, o homem sofre com identificação, consideração interior e emoções negativas[1].

O antídoto para isso pode estar na "atenção", "consciência", "presença" e "consideração exterior"[2]. Para se libertar dessa escravidão e erradicar as conseqüências do Kundabáfer em si mesmo, é preciso que o indivíduo aja por intenção, iniciativa e persistência próprias, sustentado por seus próprios esforços. Ashiata Shiemash, mensageiro do Alto, enviado à Terra: para achar uma solução, propôs a seguinte "cura":

"Trabalho consciente e sofrimento intencional"[3].

Ser, Saber e Compreender

"Quando falo a alguém e ele não me compreende,
calo-me e o escuto.
Se conseguir compreendê-lo,
então saberei por que ele não me compreende." [4]



Saber e compreender são duas coisas completamente diferentes. O saber ou conhecimento, por si mesmo, não traz compreensão: esta não poderia ser aumentada apenas por um acréscimo de conhecimento ou informação. A *compreensão* depende da relação entre o *saber* e o *ser*, consistindo no fator reconciliador resultante desses dois aspectos.

Compreender é, pois, uma *relação*. Para compreender uma coisa, é preciso notar a sua relação com algo mais vasto ou um conjunto maior, bem como as conseqüências dessa relação. Compreender uma coisa significa compreendê-la enquanto parte em sua relação com o todo.

---

[1] Ver p. 35, *emoções negativas*.
[2] Ver p. 34, consideração exterior.
[3] Ver p. 113, deveres Partkdolg e p. 389, Esforços Obligolnianos .
[4] Amadou Hampaté Bâ (1901-1991), mestre africano da tradição oral.

Para que dois homens se compreendam entre si, devem ter uma linguagem comum. Também, não se pode compreender sem estar de acordo. Para que se compreendam, dois homens devem não só possuir um saber igual, mas lhes é, também, necessário um nível de ser igual. No entanto, aquele que tem maior nível de ser pode compreender o outro, e assim, ter compaixão ou perdoar.

A aquisição de conhecimento é relativamente fácil, porém a compreensão só é alcançada com o crescimento simultâneo do ser. Como já dissemos, a compreensão alimenta a *essência.*

Sete Categorias de Homens

Os homens podem pertencer a categorias, tipos ou níveis muito diferentes, sem parecer diferir em nada uns dos outros.

Coisas aparentemente idênticas podem ser completamente diferentes, segundo o tipo dos homens a que pertençam. Por isso é tão difícil que se compreendam entre si e a si mesmos.

A distribuição do homem em *sete categorias* explica muitas particularidades que não poderiam ser compreendidas de outro modo. Todas as manifestações interiores e exteriores dos homens, tudo o que lhes é próprio, todas as suas criações, são igualmente distribuídas em sete categorias, em três grupos: o homem Exterior, o homem Transicional e o homem Interior.

O Homem Exterior

No que se refere ao homem comum, à humanidade mecânica, existem basicamente três tipos de homem, instáveis e em constante contradição, que não desenvolveram ainda ligação com os centros superiores. Qualquer coisa que lhes seja dada, interpretarão a seu modo, subjetivamente, reduzindo tudo ao seu próprio nível inferior. Todo homem, ao nascer, pertence obrigatoriamente a um dos seguintes tipos fundamentais:

Homem n° 1 ou Homem Instintivo-Motor ⇨ aquele no qual prevalece o centro *físico*. A maioria das pessoas está nesta categoria, sentindo prazer em jogar-se na vida, à mercê de seus desejos e instintos animais. Seu saber é baseado na imitação e nos instintos; adquire-o como um macaco ou um papagaio. Sua arte é copiada ou grosseiramente primitiva e sensual, como a música e as danças dos povos selvagens. Sua religião é feita de ritos, formas exteriores, sacrifícios e cerimônias.

Homem n° 2 ou Homem Emocional ⇨ já é consciente de seus desejos animais e pode ao menos manipulá-los. Nele prevalece o centro *emocional*. Seu saber é simplesmente o saber daquilo que gosta; sempre e em tudo, quer algo que o agrade. Ou, ao contrário, pode ser atraído por tudo aquilo que o desagrada, fascinado por sua própria negatividade. Sua arte lida com sentimentos, geralmente pessoais. Sua religião é a da fé, da adoração e do arrebatamento, facilmente transformável em fanatismo ou perseguição.

Homem n° 3 ou Homem Intelectual ⇨ nele as funções *mentais* predominam sobre as emocionais, instintivas e motoras. É o homem racional, que tem uma teoria para tudo o que faz, que parte sempre de considerações mentais e geralmente acha que sabe tudo. Seu saber, acadêmico e teórico, fundamenta-se num pensar subjetivamente lógico, em palavras e na compreensão literal. Sua arte é intelectual, inventada e programada. Sua religião é intelectualizada, baseada em provas e argumentos, interpretações e deduções lógicas.

O Homem Transicional

Quando o homem começa a trabalhar sobre si e a *despertar*, passa para uma categoria intermediária. Daí, então, poderá ascender aos níveis superiores. Esta é a etapa mais difícil e sofrida da jornada.

"Bem-aventurados aqueles que têm uma alma;
Bem-aventurados também aqueles que não têm nenhuma,
mais ai daqueles que estão construindo a sua!"[1]

Homem n° 4 ou Homem no Trabalho ⇨ é o produto de um trabalho de escola e só se torna n° 4 depois de esforços de caráter bem definido. Nenhum homem nasce assim, nem se desenvolve acidentalmente; as influências comuns da educação e da cultura não podem produzi-lo. Nele a idéia de seu próprio desenvolvimento tornou-se mais importante que todos os outros interesses. Tem um centro magnético permanente, formado por suas idéias, sua apreciação do Trabalho e sua relação com a escola. Seus centros psíquicos começaram se equilibrar, e ele começa a se conhecer e a saber para onde vai. Está consciente de querer mudar. Começa a se libertar dos elementos subjetivos e está a caminho da objetividade.

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, p. 246.

O Homem Interior

Para pertencer aos tipos superiores, o homem tem que *nascer de novo,* como a semente que morre como tal para transformar-se em árvore, abdicando da supremacia da personalidade para viver a essência:

Homem n° 5 ou Homem Integrado ⇨ é o que adquiriu identidade e possui um Eu indivisível. Tendo unidade, não pode mais mudar continuamente — essa unidade se refere aos muitos *eus*, e é neste sentido que não muda continuamente. Isto não significa cristalização, pois deste nível em diante suas mudanças e sua maleabilidade são conscientes. Tem consciência subjetiva de si e pleno acesso aos centros superiores — *Eu Real*. Ainda pode, a qualquer momento perder a unidade que adquiriu.

Homem n° 6 ou Homem Consciente ⇨ além da unidade, adquiriu consciência objetiva de si — *Consciência*. Começa a desenvolver poderes superiores dos tipos mental e físico. Representa a integridade do saber acessível ao homem. Ainda pode perder o que tem, pois algumas de suas propriedades superiores ainda não se tornaram permanentes.

Homem n° 7 ou Homem Completo ⇨ no estágio final, já alcançou tudo que um homem pode alcançar, tem um eu permanente, consciência objetiva e vontade livre — *Vontade*. Tem o saber objetivo e totalmente prático de tudo, e nada do que alcançou lhe pode ser tirado. É imortal nos limites do sistema solar.

Tipos

Gurdjieff fala em "tipos" de homens sem definir quais são, mas sempre faz alusão aos centros e à hierarquia de desenvolvimento do ser, como vimos nas Sete Categorias de Homens. Quando fala em teatro, cita a "lei da tipicalidade", dizendo que os seres deste planeta são formados como vinte-e-sete diferentes tipos[1]. Cita Jesus Cristo,

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 76.

que decidiu realizar sua missão por meio de doze diferentes tipos de seres.[1]

O Homem e a Mudança de Ser

Em relação à possibilidade de mudança de ser, Gurdjieff divide a humanidade em três categorias[2]. Primeiro, há o *chefe-de-família*[3], que leva uma vida comum, mas é capaz de assumir responsabilidades, de modo que outros podem depender dele. Só este tipo de homem pode um dia chegar ao Trabalho e realizar em si algum aperfeiçoamento.

As outras duas categorias são o *vagabundo*, incapaz de completar qualquer empreendimento na vida, por não estar interessado em coisa alguma; e o *lunático,* tipo sem discernimento, mais perigoso, pois abraça falsos valores e embarca em aventura após aventura, sem nunca atingir meta alguma. O vagabundo e o lunático poderão ter uma chance, se primeiro mudarem para o estilo de vida responsável.

Existe ainda uma quarta categoria, o *hasnamuss* — aquele que se formou como ser responsável, com ou sem corpos superiores, mas que só se preocupa com suas próprias ambições pessoais e destrói em si as possibilidades de evolução.[4]

Brinde aos Idiotas

Entre seus métodos de ensino, Gurdjieff usava um ritual de "Brinde aos Idiotas", provavelmente apoiado numa antiga tradição do Cáucaso, de fazer brindes em festas. Sem nenhum sentido pejorativo, "*Idiota"* vem do Latim, derivado do grego *idios* (*ιδιος*): próprio ou peculiar.

Havia uma escala de 21 ou 22 *idiotas*, em nível crescente de desenvolvimento espiritual, e não termos de peculiaridades — o próprio "Deus sendo o Idiota Único".[5] Essa tradição não continuou após sua morte.

O Brinde aos Idiotas visava mais desestruturar um autoconhecimento semicristalizado do que indicar qualquer característica do indivíduo. Baseava-se no desenvolvimento do ser, cujo objetivo era conquistar a compreensão: o funcionamento correto dos centros e o domínio dos *muitos eus*.

---

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 332.
[2] Ouspensky, *A Further Record*, pp. 75-80.
[3] Do inglês *householder*: homem ou mulher capaz de responsabilidade com outros. Ouspensky, *O Quarto Caminho*, pp. 278-9. Ouspensky, *A Further Record.* pp. 75-80.
[4] Gurdjieff cita quatro tipos de *indivíduos-Hasnamuss,* em *Beelzebub's Tales*, vol. I, p. 406,
[5] Moore, p. 354.

Falsos Eneagramas

Um discípulo de Ouspensky lançou uma classificação das pessoas em sete tipos, correspondendo aos planetas distribuídos no eneagrama[1], hoje usada em alguns grupos. Na prática, é grande entrave ao autoconhecimento, semelhante à disseminação popular do Tarô, Livro de Sabedoria, hoje instrumento de profecia consultado assim: "Diz aí como é que eu sou e o que devo fazer" — "*Ça serait trop facile*", como diz o francês...

Também ultimamente se difundiu mundialmente um outro movimento, auto-intitulado "Eneagrama da Personalidade". Fundamentado numa psicologia estereotipada, classifica as pessoas em nove tipos empiricamente distribuídos no eneagrama. Criou-se toda uma hermenêutica a respeito, com terapias relâmpago prometendo mudanças rápidas e efetivas — e caras, evidentemente. O "tipo" da pessoa é definido pelo próprio psicólogo que coordena o workshop, ou por meio de questionários, até mesmo pela Internet.

Achar alguém que diga como somos e o que devemos fazer é o sonho dos dependentes, candidatos a alimento da Lua.[2]

É imperativo dizer que isso não vem de Gurdjieff e não encontra apoio algum em seus ensinamentos.

> *"Reduzir o eneagrama de Gurdjieff a um símbolo da personalidade é estranha ironia. Gurdjieff propôs seu eneagrama (...) não para excitar o narcisismo, mas para reconciliar suas 'Lei de Três' e 'Lei de Sete' a nível de macrocosmo e de microcosmo."*[3]

> *"Certamente, Gurdjieff empregaria qualquer meio viável para a transmissão de seu sistema de idéias, especialmente meios que fossem à prova de falsificação ou menos suscetíveis de distorção pelos outros. A proliferação de livros non-sense sobre o Eneagrama, recheados de irrelevante palavrório, é um infeliz exemplo do grau de degeneração que pode ocorrer em apenas meio século."*[4]

> *Estaremos testemunhando a trajetória degenerativa a que estão destinados todos os empreendimentos espirituais do homem?* [5]

Deve-se refletir bem sobre a "degeneração". No primeiro caso acima, tipos e planetas, pode-se considerar degeneração do

---

[1] Planetas no eneagrama, ver p. 370.
[2] Ver p. 270, alimentar a Lua ou o Sol.
[3] Moore, *The Enneagram*. Leia mais em Moore, *Anathomy*, p. 345.
[4] Owens, *The struggle*.
[5] Peretzi, *On the Third Line de Work, p. 30.*

ensinamento, pois a anomalia está sendo usada nos grupos do Trabalho, em conjunto com os demais ensinamentos de Gurdjieff, o que implica em falsificação.

Já no segundo caso, tipos no Eneagrama, não creio que tenha havido especificamente degeneração — os ensinamentos não estão em questão, pois não há ensinamentos. Chamo esse movimento de Falso Eneagrama, porque na verdade não tem nada que ver com o Eneagrama, exceto seu uso por motivos estéticos e ornamentais.

> *"Temos no mínimo a responsabilidade de manifestar audivelmente nossa crítica bem-intencionada pela maneira inadequada em que o Eneagrama tem sido usado. Caso contrário, queiramos ou não, nos tornamos cúmplices do rebaixamento do eneagrama."*[1]

O verdadeiro Caminho sempre começa com o autoconhecimento, e este exige anos de auto-observação, auto-estudo, exercícios e experiências — não é jamais instantâneo.

Quando falamos em tipos humanos no Quarto Caminho, estamos nos referindo às Categorias de Homens, principalmente aos três *tipos* básicos, os homens nº 1, 2 e 3: físico, emocional e intelectual.

Mas nem nessa simples classificação sabemos nos posicionar. Temos muitos *eus* e mudamos a cada momento. A educação que recebemos ignora totalmente a essência de cada um, e muitas vezes pensamos pertencer a uma determinada categoria, quando isso se dá apenas porque a personalidade foi mais treinada em tal sentido. Precisamos separar o joio do trigo e descobrir o que "não somos", o que em nós "não é nosso" (a falsa-personalidade), para reencontrar a essência.

Não temos um *eu* único para classificar. Qualquer tentativa de rótulo nos fixará num determinado aspecto da personalidade e a identificação com um aspecto parcial é como o congelamento em determinada postura, como virar estátua. Isso impede qualquer trabalho para o crescimento do ser. Cristalização é morte.

Energias e Corpos

Três Tipos de Alimento

Gurdjieff compara o organismo humano a uma fábrica de três andares, uma fábrica de produtos químicos onde tudo foi previsto para alta eficiência, mas que, nas condições da vida comum, nunca funciona plenamente. Produz apenas o estritamente necessário à sua própria existência e, ainda assim, nem sempre satisfatoriamente. O

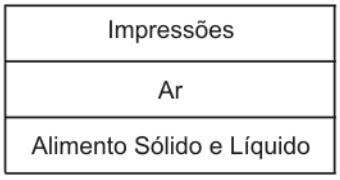
[1] Peretzi, *On the Third Line de Work, pp. 32-3.*

trabalho da fábrica é transformar substâncias grosseiras em substâncias finas, por uma série de complexos processos ditos *alquímicos*, pois não dependem apenas das funções do corpo físico.

Tudo na natureza é interligado e tudo tem uma função no Todo. As plantas funcionam como dispositivos transformadores para o oxigênio, fabricam as complexas estruturas atômicas das vitaminas e fazem a síntese das proteínas a partir da luz solar. Assim contribuem para a Vida Orgânica Sobre a Terra, poupando nosso organismo de tais trabalhos, liberando-o para a elaboração de energias superiores.

Os animais criam energias de emoções físicas e instintivas, como afetividade e agressividade. Tanto o planeta precisa dessas energias que, se uma determinada espécie animal é extinta ou sua quantidade muito reduzida, alguém mais deve passar a fazer o seu trabalho; assim, se o homem extingue animais selvagens, ele se torna mais selvagem para compensar.

O homem, também, parte integrante da Vida Orgânica sobre a Terra, tem uma função transformadora no Todo.



Os três andares da fábrica humana correspondem aos *três alimentos* do homem. O primeiro é o *alimento sólido e líquido*, que entra pela boca; o segundo é o *ar*, processado nos pulmões, e o terceiro são as *impressões*, recebidas pelos órgãos dos sentidos. O homem pode viver aproximadamente 40 dias sem comida, 4 dias sem água, 4 minutos sem ar e 4 segundos sem impressões.

> *"Se todas as impressões do mundo exterior cessassem (...) cairíamos imediatamente em coma e morreríamos rapidamente."*[1]

O homem comum vive razoavelmente bem sua vida física, com a fábrica num ritmo de processamento corriqueiro desses três alimentos. No entanto, a Nutrição é um processo de Evolução e procura, sempre em ligação com a natureza, refinar e transformar matéria em energia. O Trabalho interior nos possibilita implementar esse processo, evitando a perda inútil de energia e acelerando o refinamento, de modo que possamos criar e manter *corpos superiores* com os excedentes da energia do corpo físico.

Como vemos, o desenvolvimento interior é um processo *material*, um processo de nutrição. Tal como o corpo físico, os corpos superiores precisam ser bem alimentados e sadios. As substâncias finas que necessitam são idênticas às que necessita o corpo físico,

[1] Walker, *A Study*, p 134.

porém em maior quantidade. O excedente dessas substâncias pode servir para o crescimento e alimentação de cada corpo subseqüente.

Mas *é no corpo físico que podem ser produzidas todas as substâncias dos corpos superiores*. Daí a importância da duração da vida terrena e por que não devemos desperdiçar energia.

Corpos Superiores, Continuidade

O homem é responsável por sua própria continuidade. Não nasce terminado, mas como uma semente de si mesmo — algo físico, com imenso *potencial* interior de crescimento e inteligência.

A meu ver, o ponto mais importante do ensinamento de Gurdjieff é saber que o crescimento dos corpos superiores não é algo natural e espontâneo: só se realiza com intenção, consciência e esforços adequados.

Imediatamente após o corpo físico, forma-se o corpo *kesdjan* (astral), e acima deste pode se formar um terceiro (mental) e depois um quarto corpo (causal) — como quatro organismos inter-relacionados que se interpenetram[1], porém capazes de ações independentes. Cada corpo completamente formado pode sobreviver à morte do corpo anterior, passando para o mundo seguinte.

Pode-se fazer a analogia da carruagem com os corpos, assim como fizemos com os centros. O importante é a noção da formação hierárquica e intencional dos corpos superiores.

E a alma?

"No homem comum, não há amo.
E onde não há amo, não há alma".[2]

Os corpos são formados por energias diferentes, tão mais finas quanto mais elevado o corpo. Em conseqüência disso, funcionam em mundos diferentes, sujeitos a leis diferentes. O homem não pertence a um único mundo. Refinando suas energias, pode elevar-se cada vez mais a mundos superiores.

Do mesmo modo que um homem pode edificar seu segundo corpo,
o corpo astral, por um processo metódico de acordo com as leis,
pode edificar no interior de si mesmo um terceiro corpo
e, em seguida, empreender a construção do quarto corpo.
Um corpo nasce no interior do outro.
Podem ser separados e sentar-se em cadeiras diferentes...[3]

---

[1] Ouspensky, *Fragmentos*, pp. 57-60.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 214.
[3] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 204.

Parte I – O Universo

A Inteligência Primordial

Uma inteligência original molda e mantém o mundo. Poder-se-ia dizer que tudo é absolutamente científico. Mas a distância entre o homem e o Absoluto é tal que não cabe em nossa lógica e compreensão o modelo da existência. Somos a parte tentando inferir o Todo a partir de sua projeção num mundo com menos dimensões — o que não nos impede de tentar o exercício dessa compreensão para o crescimento do nosso ser.

O estudo da realidade comporta um modelo matemático, no sentido da Ciência Objetiva. Um modelo cíclico, ao mesmo tempo algorítmico e heurístico, e são tantas as interferências dos sistemas entre si, que em nosso nível atribuímos quase tudo ao "acaso".

O crescimento orgânico da vida sobre a terra, as formas irregulares das paisagens e o comportamento dos fenômenos climáticos nos parecem caóticos. Em vão o homem tenta controlar a Natureza, sem aceitar que é parte integrante dela e ela, por sua vez, parte de algo muito mais amplo. Tal complexidade nos impede de ver o Todo como um conjunto inteligente.

O mundo em que vivemos é uma equação complexa, constituída de outras equações. São equações dentro de equações, em intercâmbio contínuo, alimentando-se umas às outras com parâmetros, constantes e variáveis, num sistema que Gurdjieff chama de Manutenção Recíproca.

"... ele conhece tudo pela medida, o número e o peso."[1]

A harmonia do universo se fundamenta na matemática sagrada, subjacente à Criação. Sobre um padrão geometricamente estruturado, a vida se manifesta com a liberdade da incerteza inerente à inteligência criativa, qual tapete caprichosamente bordado sobre uma talagarça quadriculada.

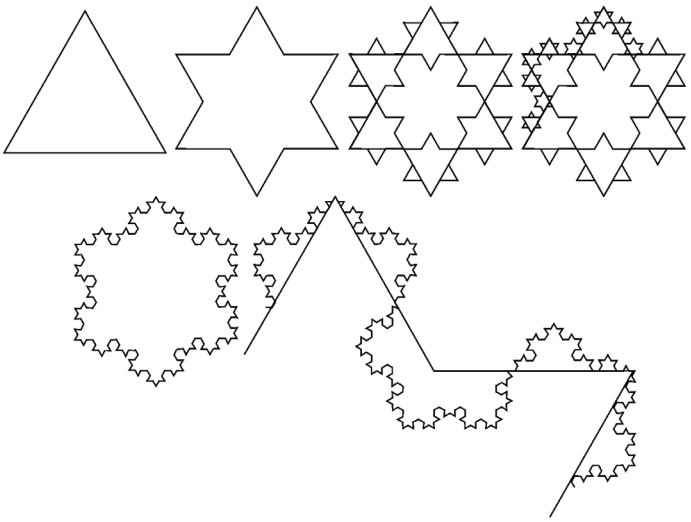
Nossa única abordagem possível à compreensão da inteligência primordial, do arquétipo abstrato à mais material cristalização, é por meio de *símbolos*, a linguagem dos centros superiores.

---

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 28.

"É necessário notar que no Grande Universo todos os fenômenos em geral, sem exceção, onde quer que surjam e se manifestem, são simplesmente 'Frações' de algum fenômeno inteiro sucessivamente formadas conforme a lei, fenômeno este que teve seu primeiro surgimento no Mui Sagrado Sol Absoluto.
Conseqüentemente, todo fenômeno cósmico, de onde quer que proceda, tem um sentido de objetividade. E essas 'Frações' sucessivamente formadas conforme a lei são postas em funcionamento em todos os aspectos, mesmo no sentido de sua involução e evolução, graças à lei cósmica principal, o sagrado Heptaparaparshinokh."[1]

A teoria do caos organizado e dos fractais traz excelente subsídio para o entendimento dos subsistemas orgânicos e até dos inorgânicos. Não é difícil imaginar um fractal no plano, como um organograma hierárquico em rede de equações repetitivas ou como árvore genealógica.



Podemos imaginar um fractal no espaço — isso já é feito em computadores. Como realidade virtual, um fractal no tempo programa antecipadamente todas as fases de crescimento e ainda pode programar movimento e reações condicionais. Assim por diante, teremos idéia da Grande Equação.

Uma semente de carvalho contém o programa de sua vida, forma e desenvolvimento, assim como todas as possibilidades de interação com o meio-ambiente — virar-se em direção à luz, curvar-se ao vento,

[1] Gurdjieff, Beelzebub's Tales, vol. I, pp. 123-4. Ver p. 93, Heptaparaparshinokh.

estender as raízes em busca de água, regozijar-se com a primavera, adoecer por falta de nutrientes e um dia morrer.

Perguntei ao mestre: — Como descobrir tudo?
— Está tudo escrito, disse ele.
— Onde? Onde? perguntei com ansiedade.
— Em tudo, respondeu. Está escrito em tudo.

O Homem

Em meio a esse determinismo, o Homem é uma criação especial, a única capaz de interferir em sua própria equação e escolher qual deseja implementar entre os inúmeros programas genéticos que traz, e como deseja agir, entre inúmeras possibilidades de ação.

Através da consciência e da vontade pode recriar a si mesmo, e orientar-se em direção à meta e ao sentido da existência, segundo o nível que ocupa no cosmos.

O Segredo da Vida

Tudo o que existe é vibração. Pensamentos, sentimentos, objetos e seres — tudo é *processo*, ou vibração atuando conforme a lei. O movimento e a mutação são uma constante, embora nem sempre perceptíveis. Na pedra mais quieta e estável, os elétrons estão em permanente agitação, seu esforço mantendo a aparente estabilidade. O que vemos como pedra é apenas o rastro de vibrações atômicas.

Tudo tem sua posição no *espectro eletromagnético*[1]. Bem no meio deste está a luz visível, que se apresenta como *fóton*, ora se comportando como *partícula*, ora como *onda*. Assim, podemos dizer que a *luz* separa o mundo de cima, ou das *energias*, do mundo de baixo, ou da *matéria*.

A física do estado-sólido afirma que uma "partícula imaginária", o *fônon*[2], por sua vibração, mantém coesos os átomos em formas sólidas ou cristalizadas. Quando não há "trabalho" (a vibração adequada) para manter as moléculas em seu lugar na rede cristalina, elas escorrem, como nos líquidos, ou se dispersam, como nos gases.

---

[1] Ver p. 107, Oitavas e o Espectro Eletromagnético.
[2] Do grego *fônon* (φωνον): som, voz, vibração.

O fônon é, pois, uma boa analogia para o Centro Magnético[1] do homem, que mantém coesas as energias finas "segurando" a substância dos corpos superiores.

O universo todo precisa manter-se em constante trabalho, e este é o grande segredo da vida: interdependência e troca.

Termodinâmica Esotérica

A termodinâmica trata das relações entre o *calor* como energia básica ou alimentadora, e o *trabalho* como aplicação dinâmica da energia, ou gasto.

Sua primeira lei diz que a energia total é sempre a mesma, apenas está mudando de forma, de lugar, de um sistema para outro e vice-versa, ou seja, que a energia se conserva; não se cria e não se perde.

A segunda lei da termodinâmica diz que existe um *fluxo espontâneo*, uma *tendência natural* a gastar energia. Refere-se a sistemas isolados, mas em nosso universo sistemas isolados são apenas teóricos. Portanto, podemos esperar que em sistemas não isolados ou abertos ocorra o inverso desta lei, isto é, um fluxo não espontâneo.

O fluxo espontâneo é a corrente descendente, o trabalho do Criador, que nos fornece combustível ou alimento material. Porém, se fizermos um Trabalho interior, como o *fônon*, conseguiremos manter nossas partes coesas e não seremos arrastados como mero alimento para os demais sistemas.

Deveríamos dar novos nomes a certas ciências clássicas, a fim de compreendê-las num mundo não limitado pelo pensamento puramente intelectual. Chamaríamos esse estudo de "termodinâmica esotérica", pois física, psicologia ou filosofia seriam insuficientes.

É mais exato ainda que a matemática,
porque aqui não se trata de probabilidades.
Isso exige um estudo muito mais vasto e aprofundado... [2]

Quando me sento para assistir um filme — o que é *realidade* e o que é *ilusão*? A verdade, no momento, sou eu aqui, sentado. O que se passa na tela existe no sentido em que "eu" interpreto, no sentido em que "me" afeta. Se ao assistir o filme eu esquecer que existo, esse pedaço da minha vida terá sido "comido" pelo tempo. Mas, se me

[1] Ver p. 39, Centro Magnético.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 42.

lembrar de mim mesmo enquanto interagir com o exterior, estarei fazendo um Trabalho interior.

Em termodinâmica, o grau de "naturalidade" da transformação calórica é chamado *entropia*. A entropia aumenta quando o processo se faz na direção natural e fácil, na descida. Pode-se dizer que é a direção do fluxo normal do tempo[1] (Heropass), pois a entropia também é chamada *tendência à desordem* ou à desorganização.

Outro modo de compreender a *entropia* é como uma tendência à perda de calor, ao esfriamento. O calor tende a se espalhar pelas zonas que não têm calor, nivelando a temperatura, assim como as moléculas dos gases, que se espalham e se dispersam sem padrão definido. Ora, se tudo naturalmente se espalha e tende a ficar igual, nivelado e sem estrutura, então não haverão mais diferenças, nem *erros*, nem *significado* — nem *vida*[2].

Seres Vivos

Embora quase todos os processos da natureza operem na "direção natural", em que a entropia aumenta ou se mantém constante, há uma exceção: os *seres vivos.*

Os seres vivos funcionam também segundo princípios contrários à segunda lei da termodinâmica, e neles pode haver *ganho de organização*, às custas de outro sistema, alimentador (*perda local* de entropia). O mesmo pode ocorrer em máquinas feitas pelo homem, quando este impõe à matéria inorgânica certos princípios que regem seu próprio corpo.[3]

O homem, por sua condição de semelhança-do-todo, tem poderes da corrente ascendente, podendo *intencionalmente* transformar matéria para sua própria evolução individual.

Na corrente natural é perfeitamente possível a transformação de *toda* a energia alimentadora em energia mais lenta ou pesada. Mas na transformação de matéria em energia fina que fazem os organismos vivos, uma parte não pode ser transformada. Parte da energia que alimenta o sistema precisa ser usada na manutenção do próprio sistema ou processo, portanto sempre origina *perda* ou resíduos.

O conceito de *perda* na corrente ascendente é essencial para que se compreenda que "há um preço a pagar pelo retorno". Quando se

---

[1] Ver p. 118,
A Criação segundo Gurdjieff.
[2] Ver p. 69, Teoria da Informação de Shannon.
[3] Gamow, *Matéria e Energia*, p.114-5.

dá a evolução, ou a concentração da multiplicidade na unidade, parte da energia é descartada como *refugo* descendente[1], podendo ser depois reciclada.

Queira ou não, o homem tem que dar algo à Terra, como um aluguel do espaço que ocupa enquanto vive nela. Se não pagar voluntariamente, pagará involuntariamente, pois, inevitavelmente seu corpo físico será um dia a ela reincorporado.

No homem, as duas correntes funcionam entrelaçadas, como no movimento de um pêndulo. Recebendo um impulso, o pêndulo balança, seu próprio peso o traz de volta e seu próprio peso volta a lhe dar um novo impulso. Esse balanço seria perpétuo não fosse a fricção com o ar ambiente, que lhe rouba paulatinamente a força. O homem sofre esse tipo de interação energética com o meio-ambiente, mas tem o poder de *usar a própria fricção com o meio-ambiente* como força alimentadora de seu Trabalho interior. Dessa maneira, pode superar a entropia e efetuar o retorno.

Na Criação, depois de constituída a base inorgânica do mundo, com seu nível próprio de inteligência, o surgimento da *vida* orgânica foi uma "virada" no conjunto.

A formação da matéria pela fusão nuclear, quando as estrelas, a partir do hidrogênio, fabricam todos os elementos da tabela periódica[2], é a base da corrente descendente da Criação. É uma torrente fortíssima, pesadíssima, que *empurra* tudo para baixo, como *ação* ou dinamismo. O calor *faz,* mas quando faz, esfria e perde poder criativo. Como recuperá-lo, para que a Criação possa continuar?

Num determinado momento, a Criação recebeu um toque de consciência — a Vida Orgânica —e de certa forma foi-lhe transferida responsabilidade e capacitação por sua própria existência, numa verdadeira *delegação de poder.*

Necessidades e Sobrevivência

Os seres vivos foram criados com *necessidades* — e são estas que os impulsionam para cima.

À semelhança do Sol Absoluto, que diminuía pela ação do Heropass[3], a matéria agora *viva*, precisava se conscientizar de que, caso não *fizesse* alguma coisa, morreria. Caso essa matéria viva, com poder à semelhança-do-Todo, não *buscasse seu próprio alimento*, o veículo de sua consciência pereceria.

---

[1] Bennett, *The Dramatic Universe*, v. II, p. 111.
[2] Ferris, *O Despertar da Via Láctea.*.
[3] Ver p. 118, Heropass.

Desde as mais simples células orgânicas, a matéria viva foi aprendendo a se alimentar, movendo-se em direção às fontes que a podiam energizar, depois saindo à caça, e finalmente manufaturando e estocando produtos nutritivos.

Tomemos um único indivíduo humano como analogia do Todo. Que pode um homem fazer sem esforço, sem gastar o calor de seu sistema? Se tentar parar de interagir com o exterior, tentar não comer nem beber, será impedido por uma espécie de *egoísmo básico*, um instinto fortíssimo de sobrevivência individual. A sábia Natureza, ainda, prevendo a inércia inerente à matéria, fez da *respiração* um trabalho automático em que o organismo se alimenta de ar sem esforço intencional. Também as impressões nos tocam gratuitamente, apenas por sermos o que somos — receptivos por natureza.

O homem, pois, como todo ser vivo, é um mecanismo provido de uma válvula automática no sentido da autopreservação.

SALTO QUÂNTICO

Usaremos aqui a analogia do *salto quântico*, que ocorre quando um elétron se move de um nível para outro — ele não passa gradualmente pelos níveis intermediários de energia, mas salta de um nível orbital para outro. Quando desce de órbita, emite fótons (luz); e quando sobe, come ou absorve fótons. A direção natural, a descida, significa perder calor ou ser comido, enquanto que subir significa comer ou adquirir energia.

O início da vida orgânica, com os seres unicerebrados, foi o *salto quântico* da "fome": o instinto "egoísta" de distinguir o que se pode comer e a capacidade de procurar alimento. A autopreservação automática pela fome, a par da respiração e da absorção de calor por osmose, é característica do *primeiro cérebro,* primitivo, instintivo-motor.

A fase seguinte se caracteriza pela necessidade de alimentar também outros seres. O salto quântico neste ponto foi o surgimento de um instinto "altruísta". O indivíduo passou a ter consciência da prole e da espécie, além de si próprio. Os mamíferos possuem um *segundo cérebro*, afetivo ou límbico, capaz de "ver" o próximo como outro ser que também tem necessidades de sobrevivência, e de assumir o papel de criador na fase de dependência (pseudo-Autoegocrata[1]) dos filhotes.

O terceiro salto quântico foi formidável: o homem. Com o acréscimo do *terceiro cérebro* ou córtex, veio a *consciência tridimensional*: de si mesmo, do próximo e do universo. Este ser tem

[1] Ver p. 118, Autoegocrata.

agora consciência no tempo, na qual se baseia o intelecto, o raciocínio e a lógica.

Esses três cérebros do homem[1], quando e *se* utilizados adequadamente, produzem um quarto nível de consciência: o *significado*.

Um homem não pode ser um réptil. Pode tentar, mas sendo um mecanismo muito mais complexo e delicado, não poderia viver simplesmente num pântano, comendo peixes — seria logo devorado por um crocodilo. Vale o mesmo raciocínio para o homem que desejasse viver apenas no nível de um mamífero. Não sobreviveria na selva entre os demais mamíferos. O homem só pode sobreviver se utilizar sua parte humana, que o leva ao usar criatividade e trabalho, e a tentar "fazer".

A sensibilidade que este ser tricerebrado adquiriu em seu elevado grau na criação, faz com que tenha em si todos os tipos e níveis de consciência do universo, embora em doses muitas vezes mínimas, e lhe dá a assustadora e inevitável responsabilidade de semelhança-do-Todo.

Em termos materiais, o homem é formado de água e pedra — um peso enorme que a gravidade da Terra "puxa" e um dia vai absorver. Mas o homem não é um mineral. Não é uma pedra. É o princípio tridimensional criador que habita a matéria.

No entanto, o homem Exterior[2], o homem do nível mais baixo, caso se deixe levar pela inércia, acaba reduzido a pedra, servindo à Lua e depois absorvido pela Terra.

Um segundo tipo de homem, o homem Transicional, disposto a fazer o esforço mínimo necessário, poderá sobreviver por certo tempo em certas dimensões. É o homem consciente da necessidade de *intercâmbio* com outros sistemas, o homem que não se isola e interage, alimenta e é alimentado.

Mas existe a possibilidade — e a necessidade cósmica — de um terceiro tipo de homem: o homem nível *significado,* o homem Interior, aquele que não foge ao seu destino maior e que, consciente da irreversibilidade da entropia nos sistemas isolados, liga-se cada vez mais a tudo e a todos, num esforço de unificação que permita a conservação da energia através da concentração.

Esse terceiro tipo de homem trabalha em termos de superesforço, alterando o metabolismo das energias, de forma a diminuir e compensar as perdas, num processo intersistêmico semelhante à

[1] Ver tb. Buzzell, *A Long Thought*, p. 16-7.
[2] Ver p. 42, O Homem Exterior

reciclagem na ecologia. Pode criar proporcionalmente em si seu próprio Megalocosmo[1].

Em tudo isso, o que vive mesmo é a *Inteligência*.

Como pedra, a Inteligência aprende a ser,
como planta a dar,
como animal inferior a se manter,
como mamífero a interagir.
E como homem, o que é que a Inteligência aprende?
Ela compreende — n*o sentido em que abrange, reúne, é.*

[1] Ver p. 111, Megalocosmo.

Simbologia Objetiva

O homem é o meta-símbolo do universo.

Para compreender o homem e o universo, partimos em busca da simbologia objetiva ou sagrada, aplicável a tudo e a todos em todas as épocas e lugares. Chamamos de *sagrado* o que é essencial, objetivo e imparcial, em contraposição ao que é existencial, subjetivo e pessoal.

Em busca da verdade através dos símbolos, somos guiados pelas coincidências que achamos por analogia. Partimos do particular ao nosso alcance, o *homem*, para compreender o *universo*, e muitas vezes a observação dos fenômenos universais nos levam à compreensão de nossas próprias possibilidades.

O *objetivo* é sempre ligado ao cósmico, ao homem (essência) e ao universo. *Subjetivo* é nosso ponto de vista pessoal (personalidade). Tudo em si é objetivo, mas nossa visão é subjetiva, e nossa interpretação mais ainda. É preciso muita *liberdade interior* para compreender que aquilo que acreditamos ver tão claramente pode ser exatamente o contrário da realidade.

Tentamos aqui exercitar nossa capacidade de interpretação para o ajuste do subjetivo que percebemos ao objetivo que é.

Alto e Baixo

O primeiro e principal conceito que se pode ter em simbologia objetiva é a idéia de que existe um "em cima" e um "em baixo", separados e distintos.

"...vou lembrá-lo da fórmula bem conhecida da Tábua de Esmeralda de Hermes: 'O que está embaixo é como o que está em cima.' Podemos perfeitamente tomar essa fórmula como ponto de partida de nossa conversa."[1]

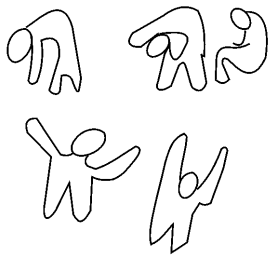
Este axioma de Hermes Trimegistos, baseado na analogia da correspondência de sistemas completos (cosmos tridimensionais),

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 22.

refere-se ao conceito de Céu e Terra. Espelha também a relação entre o Criador e o homem. Mas é preciso enfatizar: analogia não é igualdade — parecido não é igual.

"Por analogia, passou dos pequenos acontecimentos
da vida quotidiana de um homem
aos grandes períodos da vida da humanidade inteira,
fazendo, desse modo, sobressair a ação cíclica dessa Lei de analogia
na esfera mais restrita da vida da humanidade terrestre."[1]

Em todas as partes do mundo, o Alto é reverenciado, em parte pela simbologia intuitiva e em parte pela mais pura realidade. Chamamos de Alto os nossos símbolos mais evidentes de superioridade, tudo que está acima de nós. Em termos materiais, o Alto é o céu, infinito; o Sol, nossa fonte de energia; os planetas, que nos influenciam: as estrelas, cuja implícita noção de distância nos transmite esperança, e ainda as nuvens e outros fenômenos atmosféricos. Na terra, o Alto é reverenciado no cume das montanhas, como nas pirâmides. Também os impulsos de amor e fé são diariamente alimentados pelo Sol, com calor e luz e pela certeza da periodicidade em nossas vidas, na repetição infalível dos dias e das noites.



A gravidade nos atrai para baixo — sentimos o peso do corpo e é impossível não notar o esforço necessário para contrariar essa força a todo o momento. Até onde a preguiça é um pecado e até onde é uma lei restritiva da física material? Associamos facilmente os termos "prostração" ou "cair por terra" com depressão, declínio e doença, e sabemos que o estágio final do corpo físico é sua reintegração à Terra. Paralelamente, associamos o Ar e o Alto com saúde e liberdade. Quando estamos alegres nossa tendência é abrir e levantar os braços, com ímpetos de abraçar, dançar e voar, em direção ao Céu.

"eles começaram imediatamente a reverenciar os nomes
de seus deuses e a esperar suas bênçãos
(...) por uma razão ou outra, nessas ocasiões
sempre levantam suas cabeças e olham para cima."[2]

---

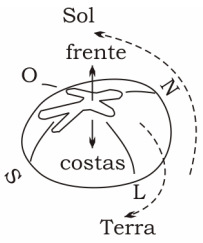
[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 23.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, p. 223.

Eixos de Simetria

O corpo humano tem as partes de cima e de baixo completamente diferentes, não só em forma, como em função. Em cima é a unidade, uma só cabeça para comandar o corpo, e em baixo a estabilidade. Não há simetria entre o alto e o baixo.

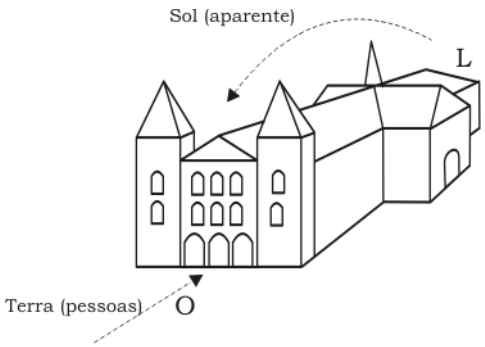
Temos aqui o mais importante eixo do homem: o *eixo vertical* — não apenas um eixo, mas um eixo orientado, um eixo que escolhe e naturalmente prefere o Alto.

Observamos correspondências entre os eixos do homem e os do planeta. Quais são os nossos pontos cardeais?

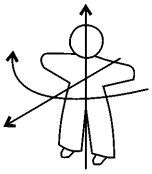


O segundo eixo do homem é o *horizontal*, sobre o qual se estampa a simetria bilateral, pois seus lados *direito e esquerdo* são praticamente uma estampa de dobra simétrica. Corresponde ao eixo Leste-Oeste sobre a Terra, o caminho aparente do Sol, onde se escolhe a direção Leste, nascer do Sol ou Oriente, como orientação sagrada.

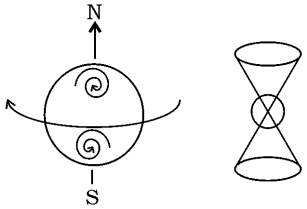
Podemos ver isso na maioria das catedrais góticas e monumentos arqueológicos de pedra.

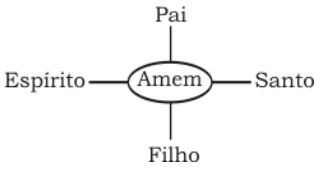


Nossa *simetria bilateral* é apenas externa, pois internamente há assimetria nos órgãos, especialmente no funcionamento dos dois hemisférios cerebrais. O eixo direita-esquerda é igualmente evidente para todos e mais facilmente identificado pelo sentido da rotação.



O sentido dos ponteiros do relógio é uma convenção ou escolha humana — os primeiros relógios foram inventados no hemisfério norte, baseados em antigos relógio de sol ou de sombra, dispositivos simples que marcam o movimento do Sol em relação ao movimento da Terra. Se você estiver no hemisfério norte olhando para o Sol, deverá observar o Sol nascer à sua esquerda e se pôr à sua direita, indo de Leste para Oeste. Portanto, a direção esquerda-direita foi associada à direção dos ponteiros do relógio, escolhida como a direção positiva.





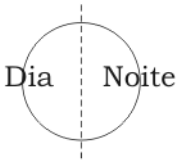
Existem pessoas destras e pessoas canhotas, uns fazem o sinal da cruz da esquerda para a direita, outro ao contrário; uns escrevem de cá para lá, outros ao contrário. O sentido da escrita dos povos provavelmente tem a ver com sua localização geográfica no globo. Mas isso não muda a noção geral.

A água entra pelo ralo da pia no sentido horário ao norte do Equador, e ao sul ao contrário, devido ao movimento da Terra.

A noção de direita e esquerda só se torna evidente se considerarmos o terceiro eixo canônico do homem: *frente e costas,* ou identidade e não-identidade. Podemos então identificar a direita como o sentido dos ponteiros de um relógio à nossa frente, no chão.

DUALIDADE

Sentei-me no jardim. Pela beleza da manhã,
agradeci a Deus esse momento.
Depois pensei: Se não fosse o Sol, estaria eu agradecendo assim?
Se fosse noite, talvez nem me lembrasse da Graça,
pois estaria ocupado acendendo as luzes.



De dia a luz vem de fora — você recebe; de noite você tem que acender a sua luz — você dá.

Conhecemos, interpretamos e vivenciamos a simbologia universal da dualidade entre alto e baixo, fora e dentro, luz e escuridão, consciente e inconsciente. Vivemos na dualidade, em busca da reconciliação.

Temos que coordenar os dois *hemisférios cerebrais* — o esquerdo com enfoque *digital* e o direito com enfoque *analógico* — harmonizando finito e infinito, racional e irracional.

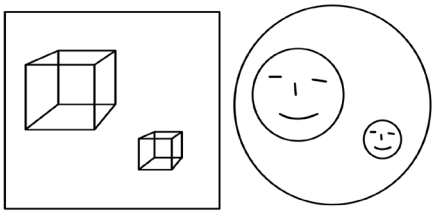
HIERARQUIA

O conceito de "superior" e "inferior" mostra uma relação objetiva: é uma dualidade neutralizada por uma escolha: o intermediário. Traz a idéia de *hierarquia.*

Para o nosso estudo é essencial aprender a distinguir o objetivo do subjetivo. Além disso, vemos que certas noções são *absolutas*, como "em cima" e "em baixo" e outras *relativas* ou hierárquicas, como "superior" e "inferior".

PROPORÇÃO

Mesmo noções tidas como absolutas precisam de um ponto de referência: o observador. Então precisamos levar em consideração *escala e tamanho* — e chegaremos finalmente à noção mais objetiva ou invariável: a *proporção*.



Proporção é uma relação triádica (duas partes e um todo) e se mantém a mesma ainda que a escala ou o tamanho varie. Um cubo é um cubo, seja grande ou pequeno; um rosto humano guarda as

mesmas proporções, visto de perto ou de longe, numa fotografia ampliada ou reduzida.[1]

Ao lado dos conceitos espaciais e geométricos, a simbologia abrange conceitos de *vibração* e *tempo*. Precisamos examinar proporção também no domínio das oscilações.

Além dos inúmeros ciclos biológicos, como respiração, circulação, nutrição e sono, também efetuamos gasto e reposição de energias em ciclos mentais e psicológicos. O homem é uma máquina de corrente alternada e não de corrente contínua. A instabilidade psicológica, dentro de certos limites, é normal e necessária à criatividade. Tal como todo o universo, o ser vivo oscila — ou morre.

Ao escrever à mão, o indivíduo deixa sua imagem simbólica no papel, mais do que o faria um aparelho de medição de ondas cerebrais ou cardiológicas. Em grafologia e nos testes gráficos de psicodiagnóstico autoprojetivo, pode-se interpretar muitos sinais de forma objetiva, independente de época ou região, pois a escrita à mão depende basicamente da energia e dos ritmos pessoais. No entanto, contém também várias características da personalidade, devido à educação.

Traços verticais podem ser interpretados sempre da mesma maneira, objetivamente, reverenciando o Alto, e os traços horizontais, para a direita ou para a esquerda, em relação ao sentido em que a escrita se desenvolve, como "passado e futuro", "eu e os outros". A pressão no papel e o tamanho da letra têm significado, mas podem variar dentro de certos limites. Porém há um elemento fixo em grafologia, o que mais identifica um indivíduo: a *proporção,* sendo impossível a falsificação da proporção numa escrita longa ou demorada.

Expressão

A expressão do homem comum é sempre auto-expressão, mecânica e subjetiva. Em sua psique, associações e experiências subjetivas se superpõem aos símbolos universais e arquétipos. Suas manifestações são sempre pessoais e auto-referenciadas. Assim é toda a sua arte.

Certa vez, após assistir um filme com "movimentos" de Gurdjieff, alguém perguntou onde ficava no Trabalho a auto-expressão e a

[1] Ver tb p. 178: Em geometria, proporção é...

espontaneidade. Eu pergunto: A espontaneidade *de quem*? — se o indivíduo não tem consciência de si, cada vez expressará um de seus muitos *eus*, e o automatismo abrirá caminho apenas para a "falsa-personalidade".

A arte objetiva, no entanto, só pode ser produzida por um homem consciente, e se apóia em conhecimento, simbologia objetiva e proporções sagradas. Tem intenção e meta, visando a transmissão de influências positivas e evolutivas.

Assim também é o que Gurdjieff chama de "legominismo"[1], quando seres sábios ou iniciados colocam informações importantes para gerações futuras, de maneira disfarçada, em obras de arte objetiva ou mesmo em objetos de uso comum, esperando que o futuro observador, conhecendo as leis cósmicas fundamentais, tenha sua atenção despertada por certos "erros" intencionais e se disponha a interpretar a mensagem em termos objetivos.

O Óbvio e a Informação

Cabe aqui colocar a Teoria da Informação de Shannon[2], baseada na probabilidade. Nessa teoria, quanto mais improvável um sinal, mais informação e *significado* conduz. Assim, por exemplo, numa casa em que todas as paredes são brancas, o branco da parede é *óbvio* e não nos chama a atenção. Se nessa parede houverem alguns inesperados rabiscos pretos, estes se tornarão importantes para nós e tentaremos decifrá-los ou limpá-los. Porém, se houverem muitos rabiscos pretos na parede, espalhados por igual (entropia), não lhes daremos mais importância e consideraremos a parede como "estampada", pois os sinais passaram ao domínio do óbvio.

É por isso que livros de medicina, por exemplo, se preocupam tanto com patologia e doença e quase nunca descrevem a saúde, que é considerada como "óbvio".[3]

Não vemos o óbvio e não percebemos a perfeição, porque nossa atenção é "dirigida ao erro". A maioria das pessoas poderia ser razoavelmente feliz se não fossem tão atraídas pela imperfeição. Nós podemos ser 90% felizes — e falar o tempo todo sobre os 10% de problemas que temos. É a nossa tendência.

---

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, p. 349.

[2] Claude Shannon (1916-2001), matemático norte-americano: *A Mathematical Theory of Communication*.

[3] Glen Doman, por exemplo, teve que reorientar suas pesquisas sobre doenças para pesquisas sobre saúde, ao criar seu método de tratamento, e apresenta esta situação em *O que fazer*.

PERCEPÇÃO

O homem, talvez justamente por "pensar", perdeu o contato direto com a Natureza da qual é parte integrante e afastou-se de seus instintos mais básicos. Um ovo não pensa que é a casca — quando está pronto, o passarinho luta para quebrá-la, liberta-se e sai para a vida. Nem a lagarta pensa que é o casulo — quando vira borboleta, ela simplesmente voa. O homem, no entanto, "pensa" que é seu corpo físico, porque isso é o que ele vê.

"Porque agora vemos como por espelho, em enigma,
mas então veremos face a face;
agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente,
como também sou plenamente conhecido."[1]

Não vemos nada.

Gurdjieff nos incentiva a "ver as coisas de um modo diferente", e "pensar em novas categorias". É preciso abrir-se, pois o conhecimento já adquirido se transforma em obstáculo para a aquisição de conhecimentos novos. Por um lado, porque acreditamos já saber o suficiente, por outro, porque Nosso conhecimento pode estar errado, obsoleto e cristalizado em nossa memória.

A atitude ideal para compreender é não confiar em nada que "já sabemos", se possível colocar-nos como uma criança diante do mundo, pois a qualquer momento, qualquer experiência pode nos ensinar algo novo e derrubar velhos conceitos.

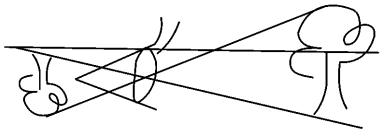
Como ilustração, imaginemos as pessoas antes da teoria heliocêntrica, que "viam" claramente o Sol girando ao redor da Terra todos os dias. Compreender que a verdade era exatamente o contrário do que viam foi um passo de extrema liberdade interior. Acreditamos perceber sete cores e milhões de matizes, mas vemos apenas três cores[2] e luminosidade. Nosso ouvido capta apenas uma pequena região do espectro das vibrações e precisa ser muito treinado para vir a apreciar sons complexos. Podemos ouvir e repetir imediatamente melodias simples[3], que nos agradam de imediato, porém logo, com igual facilidade nos cansam. Já uma música erudita ou orquestrada exige certo trabalho para ser apreciada, no entanto, com a devida atenção poderemos descobrir nela nuances novas e cada vez mais belas. Normalmente nem percebemos bem o nosso próprio corpo, sua presença integral, suas partes e seu funcionamento.[4]

---

[1] I Coríntios 13: 12.
[2] Ver p. 275: três cores *primárias*.
[3] Ver p. 379, Musiquinha de 5 notas.
[4] Ver p. 77, Ouspensky e o ganso.

As conseqüências do Kundabáfer, como um "pecado original" transmitido geneticamente e pela educação, nos fazem ver a realidade "de cabeça para baixo". Mouravieff diz que se invertermos tudo o que pensamos saber, talvez possamos achar a verdade.

Nós somos assim, baseados em nosso "hardware": fisicamente, nossos olhos percebem as imagens invertidas, e a correção é feita no cérebro. Nossos olhos não podem distinguir entre uma imagem virtual e o objeto real. Ainda fisicamente, nossos hemisférios cerebrais percebem e comandam cada um o lado oposto do corpo.



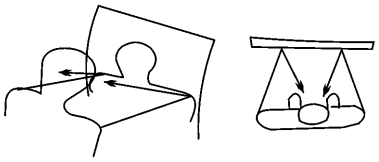
Ilusão

Nossa percepção nos ilude das mais variadas maneiras. Uma das mais interessantes é o "enigma do espelho". Por que o espelho nos reflete invertendo os lados direito e esquerdo, pelo *eixo vertical*, mas não troca a parte *de cima* com a *de baixo*?

Considere esta questão por alguns minutos.

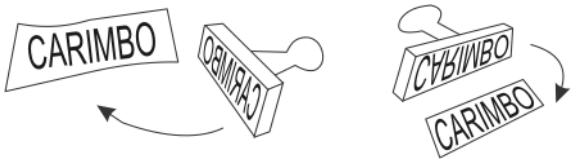
O espelho nos confunde porque imaginamos nosso reflexo como se fosse outra pessoa, esperamos um "encontro" frontal, e o que o espelho mostra é apenas um reflexo ponto-a-ponto. O que está à direita continua à direita, o que está à esquerda continua à esquerda, o que está em cima continua em cima e o que está embaixo continua embaixo. Confundimos *encontro* com *reflexo*, porque se trata de uma imagem *humana*, sobre a qual já temos muitas expectativas cristalizadas.

Não esperaríamos o mesmo de um carimbo, no qual gravamos algo ao contrário para obter o real por reflexo — isso nos parece natural porque é um objeto neutro em termos *afetivos* e não nos identificamos com ele.



O que percebemos em geral é apenas o reflexo da realidade, colorido pela nossa subjetividade. É preciso praticar o discernimento.

Muitas leis da velha física atrasaram descobertas na nova física e muitas leis da nova física mascararam a realidade por não conseguirem distinguir *finito* de *infinito*.



As palavras enganam, por terem adquirido com o tempo significado subjetivo. Por exemplo, usa-se muito o termo "evolução" quando se trata de "involução". O mais incompreendido fenômeno neste sentido é a origem, criação e manutenção do mundo. O processo em que as estrelas fabricam os elementos, *descendo* na tabela periódica do hidrogênio e hélio até os elementos mais pesados, não é a "*evolução* dos elementos", como a ciência costuma dizer, mas exatamente o processo primordial de *involução,* criação ou materialização, na corrente descendente. "Criação" precisa ser algo bem definido, pois é um ato "para baixo". Ninguém nem nada pode criar algo superior ou igual a si mesmo.

"Nenhuma entidade isolada pode criar por si mesma;
a criação coletiva é a única possível." [1]

VER O NOVO

Por mais que tenhamos estudado, a melhor atitude para aprender é dizer "não sei" ou duvidar: "pode ser e pode não ser".

Nossa percepção é seletiva, ou seja, vemos o que queremos ou esperamos ver e ouvimos o que queremos ou esperamos ouvir. Usamos a *atenção* como um filtro limitador. Isso, por um lado, é uma defesa contra o excesso de informações que nos atingiria se prestássemos realmente atenção a tudo. Mas, por outro lado, nos faz ver apenas o que já havíamos visto antes e não perceber o novo.

Associação é outra grande limitação. Precisamos aprender a "ver o novo" a cada momento, como a tela do computador, que precisa se

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 196.

renovar (*refresh*) a cada mudança na informação que exibe, pois em geral, quando um ambiente ou pessoa se torna familiar, deixamos de ver o momento presente e só vemos o que já tínhamos na memória. Para ver o novo, precisamos aumentar nossa capacidade de atenção ativa.

Leis

Outro problema que temos em simbologia é empregar a lei errada. É preciso um cuidado especial na interpretação das leis, porque embora exista uma Lei Única no ápice da hierarquia, os mundos abaixo obedecem a diferentes ordens de leis, leis dentro de leis. Cada cosmo abaixo tem mais *restrições* que o de cima, e somente a Lei Única Universal se aplica a tudo.

Existem leis que determinam exatamente o inverso umas das outras, pois pertencem a mundos diferentes. Por exemplo, a lei da atração, que na matéria une os opostos, como no sexo ou no magnetismo, em termos de energia une os similares, como a ressonância que faz vibrar a corda igual, com a qual sintoniza.

Considerando que vivemos num estado quase total de ilusão, a maior parte de nossas limitações é ilusória, como na história do elefante:

"Como domesticar um elefante?
Pegue um elefante bebê e o amarre com uma corda a uma pequena estaca de madeira. Ele tenta se libertar, mas não consegue.
Tenta novamente, de novo e de novo. Então desiste.
Ele cresce e se torna muito forte, mas ainda amarrado a uma pequena estaca de madeira, como no circo, nunca mais tentará escapar."

O homem vive numa prisão. Isso nós sabemos, mas não existe pior prisão do que a imaginária. Se conhecermos bem a verdadeira prisão, então poderá haver alguma chance de escapar.

Geometria

Dimensões

Quanto ao Trabalho interior, em que podem ajudar estudos sobre dimensões?

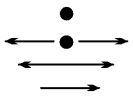
Se considerarmos a busca da consciência, da felicidade e da imortalidade, deduzimos que as dimensões nos interessam para conhecer a escada pela qual subir, onde cada degrau acima significa mais um *grau de liberdade* em termos das leis que limitam os mundos consecutivos[1].

Antes de mais nada, precisamos aprender a pensar com lógicas não usuais. No estudo tradicional da geometria, a partir do *ponto*, com a geração da reta, do plano e do sólido, há materialização — mas, por outro lado, abrem-se graus de liberdade no espaço-tempo. É a própria descrição da "escada". Os mundos ou seres com mais dimensões são superiores ou mais livres.

A Criação do Mundo é um processo de autolimitação do Absoluto, no qual o Raio da Criação[2] forma mundos cada vez mais densos e menos móveis — a emanação primordial vai sofrendo um amortecimento gradual em direção à imobilização total, ao estado mais denso da matéria.

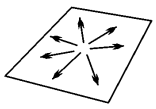
Como podemos comparar as dimensões e que relação tem isso com o autodesenvolvimento?

Digo que minha intenção não é ficar preso a um ponto, mas poder deslizar por uma linha com infinitas opções e ainda poder escolher a direção — neste caso, uma direção entre duas.



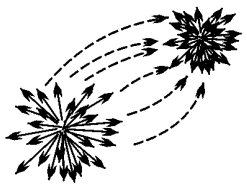
[1] Ver p. 125, Mundos e Leis.
[2] Ver p. 117, Raio ou Cone da Criação.

Porém, seria mais livre ainda se este ponto que sou pudesse mover-se por toda uma superfície — um mundo com uma dimensão a mais — e pudesse escolher infinitas direções, ainda que num mesmo plano.

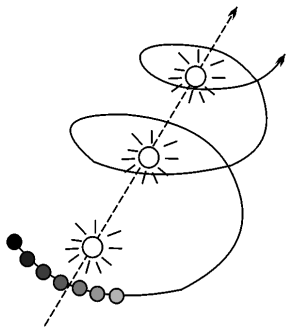


Se, então, de repente, despertasse em mim a consciência de outra dimensão ainda, meu ser teria a possibilidade de expandir-se por infinitos planos e eu-ponto teria a liberdade de um espaço tridimensional ilimitado, podendo deslocar-me em infinitas direções por infinitos planos.

Já não temos como desenhar no papel esse conjunto enorme de possibilidades. Daqui em diante mesmo nossa imaginação mal consegue representar a próxima etapa, que seria a liberdade no espaço-tempo quadridimensional.



Posso tentar ilustrar essa compreensão de duas maneiras. Primeiro, dizendo que a Terra não é uma esfera, como estamos acostumados a pensar — a forma de esfera é apenas um momento ou uma fatia do seu ser. A Terra gira continuamente ao redor do Sol e este se desloca em direção a um zênite no espaço. A forma da Terra deve ser, pois, no mínimo uma espiral.



"Aquele que está familiarizado com a moderna teoria da pluridimensionalidade do espaço dirá que o mundo é geralmente considerado como uma esfera tridimensional infinita, mas que, de fato, um mundo de três dimensões não pode existir como tal e só representa a seção imaginária de outro mundo, de quatro dimensões, de onde saíram e para onde voltam todos os acontecimentos de que somos testemunhas."[1]

Num segundo exemplo, constato que meu corpo também não é essa forma tridimensional que se pode ver — isto é somente um instante de mim. Meu corpo é mais o processo[2] onde uma única célula fecundada se desdobra e se auto-elabora na linha do espaço-tempo, cria cabeça, tronco e membros, cresce, anda, se alimenta, interage com outros seres, depois começa a se cansar e um dia é deixado como alimento para o planeta, enquanto a vida que o habitava prossegue talvez adiante, livre, por novas e incalculáveis dimensões. Este corpo é o *ponto* ao qual não pretendo ficar preso.

Ouspensky ilustra muito bem as diferenças dimensionais da consciência dos animais, com exemplos que vão desde a trajetória linear de um caracol, ao ganso que arrasta uma folha seca presa ao pé sem se dar conta, o cavalo dando voltas ao redor de uma casa que cada vez é nova para ele, até o cachorro e o gato quando lutam contra o tapete amarfanhado onde dormem.[3]

Já o ser humano tem capacidade cumulativa de criar mudanças. Tem o poder de fazer sua própria história[4] e abrir para si mesmo portas que o levem a novas dimensões.

Conta-se a história de um homem que vivia entre as quatro paredes de um quarto sem aberturas. Era tranqüilo e autoconfiante, pois conhecia muito bem seu mundo. Certo dia descobriu uma porta que nunca percebera antes. Isso o deixou desconfiado e inseguro. Porém, a curiosidade acabou vencendo e ele abriu a porta. Foi enorme a surpresa quando constatou que seu quarto era apenas um entre muitos, numa linda e espaçosa mansão. Levou muito tempo para se habituar a essa novidade e mais ainda para conhecer a casa inteira e voltar a se sentir seguro. Ficou tranqüilo novamente, até que um dia bateram à porta da frente. Ao abrir, constatou não só que havia mais alguém no mundo, como também que residia em frente a um enorme bosque, ao lado de um rio, sob um infinito céu azul. Abateu-se sobre ele o medo e uma insegurança aterradora. No entanto, quando enfrentou o sofrimento e aceitou rever seus conceitos obsoletos sobre o mundo, maravilhou-se com a natureza e

---

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 70.
[2] Ver p. 86: Linha-Mundo.
[3] Ouspensky, *Tertium Organum*, pp. 84-96. (Cap. 8 e 9, psicologia animal).
[4] Roberts, *O livro de ouro, p. 20.*

seguiu o desconhecido que batera à porta. Partiu na exploração de novos horizontes, em busca de mais amigos e novas portas. Jamais aceitaria voltar a encerrar-se no pequeno quarto.

Forma e Número

"Uma pedra é música congelada."[1]

Há uma íntima relação entre vibração e forma, entre número e matéria. Essa relação, estudada e ensinada nas escolas esotéricas, vem passando atualmente ao campo da ciência. Pitágoras e outros fizeram experiências com sinos de diferentes formas e tamanhos, copos com água, flautas, martelos e cordas. Evidenciaram a influência da vibração sobre a forma e sobre o comportamento das substâncias[2]. Cada avanço da ciência apenas confirma conceitos antes ditos "esotéricos".

"A matemática possui o simbolismo
mais potente e perfeito que o intelecto conhece."[3]

Os Símbolos e Nós

Mas somos seres tricerebrados e precisamos de símbolos que nos falem primeiro aos três centros, e só depois aos centros superiores. Além da matemática, procuramos a compreensão através da física, da geometria, da música e principalmente da própria vida.

Para aplicar a simbologia objetiva, antes precisamos aprender que centro usar em cada situação.

Quando um sapo pula de uma pedra a outra, descreve uma parábola perfeita sem fazer cálculos mentais de geometria analítica ou balística — seu centro instintivo *sabe* exatamente como posicionar o corpo e que força imprimir aos membros. O mesmo se dá com o homem — se fosse *pensar* em como mover as pernas a cada passo, não andaria.

---

[1] Platão (c.427-347 BC), filósofo grego.
[2] Por exemplo, Hans Jenny, em *Cymatics*, o estudo dos fenômenos de ondas.
[3] Claude Bragdon, arquiteto, em sua introdução a *Tertium Organum*, de Ouspesnky, citando Philipp Henry Wynne.

Precisamos nos conhecer: nossas partes e como estão montadas, nossas dimensões e nossa ressonância.

Interessa que eu tenha consciência de mim mesmo através do tempo: do que acho que fui, do que estou sendo e do que poderei vir a ser. Assim, num simples exemplo, faço anotações na última página do livro que leio (pelo que me conheço, vou precisar disso um dia) e as uso muitos anos depois, poupando-me o trabalho de ler tudo novamente. Este fato liga duas fatias de mim mesmo no tempo e torna o intervalo entre elas mais real e presente.

Também, através de um livro, ligo-me ao autor, em outro tempo e outro espaço — sinto-o, talvez por seu estilo, por alguma fotografia, pela própria forma da obra, e sei que ele de alguma maneira pensou em mim. Forma-se um elo entre nós e conversamos muito mais do que as meras palavras do papel.

Assim como no tempo, a expansão da consciência no espaço também amplia meu mundo. Onde estou? Numa cadeira, numa casa, na cidade, no planeta, no sistema solar? Estas simples perguntas resultam num *eu* mais abrangente — sou um *eu* de todo o espaço e tenho todas as idades.

Um holofote sobre um ator, no palco,
não apaga a existência dos espectadores no escuro do teatro
— eles tiveram e terão seus momentos de luz.

FAZER BEM FEITO

Dizem que Arquimedes saiu da banheira para a rua gritando "Eureka", quando teve uma idéia brilhante e fez importante descoberta. O processo mental acionou o emocional, trazendo-lhe alegria e entusiasmo, e então o corpo também quis participar. Quando uma idéia[1] é realmente boa, uma idéia de três centros, ela implica também em sentimento e ação.

Há uma passagem na vida de Beethoven, em que ele estava à mesa, marcando o tempo com as mãos e os pés, cantarolando e escrevendo, então parou abruptamente e saiu de casa correndo, gritando e agitando os braços pelos campos, e então parou de repente para escrever em seu caderno.

"Assim que compreendi o sentido dessa idéia, foi como se tivesse reencarnado; levantei me e comecei a correr ao redor da fonte, sem saber o que fazia, como um jovem potro."[2]

---

[1] Do grego *eidos* (ειδεσ): forma.
[2] Gurdjieff, *Life*, p. 26.

Tão importante é a participação dos três centros, que Gurdjieff ensinava através de palavras, movimentos e música — além da influência direta pelo contato pessoal, é claro.

Pelo que diz a Bíblia, Deus fez o mundo em ações triádicas[1]: percebia determinada necessidade, agia e constatava que havia sido bom. Também, ao sétimo dia descansou. Descansou porque havia feito, e havia feito bem. Não há modelo melhor para a Lei de Três e da Lei de Sete do que a Gênesis, mas na verdade ainda precisamos aprender muito para chegar lá.

A felicidade é uma das medidas do correto.
No entanto, felicidade não significa a ausência de dificuldade.

O eneagrama, símbolo dos processos vivos, é o símbolo do "fazer bem feito". É o símbolo do homem, com sua simetria bilateral, seus três centros, sua periodicidade temporal e sua participação na eternidade. Para compreendê-lo melhor, passaremos agora por um estágio intermediário de conhecimento.

Para subir é preciso conhecer a escada, seus degraus e suas armadilhas. É preciso ser "astuto" e não apenas sábio.

"ilustravam suas conversas com vários diagramas
e séries de números que, em conjunto,
formavam um sistema harmonioso
de símbolos, uma espécie de código
onde um só número podia exprimir todo um grupo de idéias."[2]

Primeiro aceitaremos que não sabemos nada e que não iremos conhecer diretamente a verdade tão cedo. Usaremos *simbologia* para aprender. Pisaremos sobre areia movediça.

Podemos interpretar o Todo como sete, nove, dez ou doze mundos — tanto faz quantos degraus houverem realmente na escada, desde que possamos estar subindo.

Para efeitos de compreensão, podemos usar sistemas esotéricos, científicos, psicológicos, religiosos ou filosóficos, ciências, artes, jogos, lutas marciais ou esportes. Não interessa o meio — embora da comparação entre vários sistemas e pela coincidência possamos extrair os princípios mais relevantes e permanentes.

Número e forma, aritmética e geometria, são a pura essência de todos esses sistemas, e podem formar entre eles uma ligação, como um código tradutor universal.

---

[1] Gênesis 1.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 21.

"Traçou uma figura muito simples e,
fazendo referência às leis da mecânica,
desenvolveu o esquema de construção de todo o Universo.
Através das cifras e dos números alinhados
numa ordem estrita e harmoniosa
transparecia a multiplicidade na unidade.
(...) Sobre o todo reinava uma única e mesma lei."[1]

Desdobramento da Geometria

Desdobrando a geometria elementar, temos noções a serem interpretadas como metáforas, parábolas e alegorias em relação a todos os ramos do conhecimento. É um excelente exercício preparatório para a compreensão do eneagrama.

O Ponto e o Deslocamento Dimensional

O ponto, na prática, é apenas um conceito ou idéia. Tem dimensão nula ou zero. Mas nunca poderemos representá-lo sem alguma matéria com dimensão existencial — sempre haverá um pingo de tinta ou um grão de giz.

Isso nos coloca em face ao limite básico da compreensão: *existe* ou não uma figura de zero dimensões? O ponto *quase* não existe. Este "quase" se deve ao deslocamento de zero a um, a *mutação* constante na existência. Sempre que trazemos um conceito abstrato à prática há um deslocamento dimensional, uma "imperfeição" conforme a lei.

Da teoria à prática, passamos do domínio do *absoluto* ao domínio do *relativo* e entramos no "funcionamento". Se tudo está em constante movimento, cada vez que nos expressarmos geométrica ou algebricamente estaremos nos referindo a uma fração infinitesimal de um momento do universo.

O ponto pergunta: O que? Quem?

Assim, a primeira figura geométrica, corresponde ao zero da álgebra, ao Imanifestado. É adimensional e só pode ser compreendida em função do "vir a ser".

Linha

Ao mover-se, o ponto desenvolve um grau de liberdade, como linha. O digital se transforma em analógico. Diz-se então que a linha,

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, pp. 24-25.

objeto matemático de uma só dimensão — o comprimento — é "gerada" pela propagação do ponto no espaço.

Trataremos aqui da linha abstraída como *reta*, pois se considerarmos uma linha não reta, sinuosa ou curva, ela já passará a ocupar mais lugar no espaço e poderemos ter dimensões fracionárias, o que é tratado na teoria dos fractais.

Na prática, a linha precisa ter certa espessura, o que lhe dá uma existência potencial na dimensão seguinte.

Uma reta simplesmente traz a noção de *dualidade*: a possibilidade de dois infinitos. Ela pergunta: Para onde?

Mas uma *reta orientada* é uma reta que escolheu. Traz a noção de movimento e meta, como uma seta que responde: Para lá.

Se o ponto é um momento teórico entre 0 e 1, a reta é o mesmo entre 1 e 2. A compreensão da relação entre o ponto e a reta é fundamental para todo o estudo que se segue. Um ponto pode ser expresso ou marcado sobre uma reta, como um nó numa corda. Assim, se o ponto ao mover-se cria uma linha, o ponto parado tem poder de dividi-la, quebrá-la ou limitá-la. Uma corda pode ser separada em duas partes por um nó.

Dois nós ou pontos delimitam um *segmento de reta*. Se os pontos se aproximarem muito, esse segmento de reta volta a ser ponto.

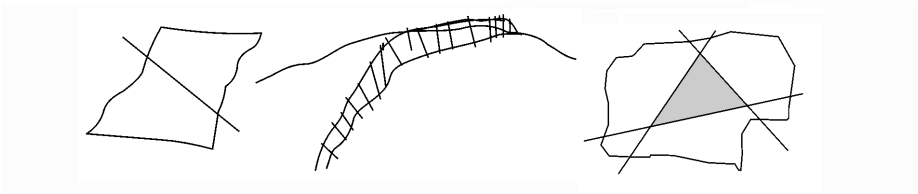
A circunferência é uma linha que retorna a si mesma, fazendo um caminho de desvios infinitesimais absolutamente regulares.

Plano – 2D

Analogamente, a reta ao mover-se gera um plano ou superfície, formando uma nova dimensão: a largura.

O plano também pode ser determinado pela interação entre uma reta e um ponto fora dela, ou por três pontos não pertencentes a uma mesma reta.

O plano, ou *superfície,* é *infinito* no âmbito de suas duas dimensões. Mas a linha, seja um risco num papel, ou uma cerca no campo, tem poder de dividir o plano.

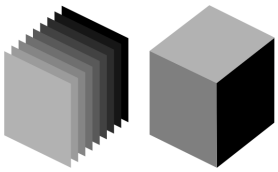


Quando falamos de uma *figura plana*, como um quadrado ou um triângulo, estamos nos referindo a um plano finito, *limitado* por linhas. Três retas podem limitar o plano a um triângulo — este é um arquétipo da limitação da forma e da interação hierárquica.

Portanto, a segunda dimensão pode ser interpretada como uma *figura*, limitada, ou um *plano*, infinito.

O círculo, figura de duas dimensões, é a área delimitada pela circunferência, guardando sempre entre perímetro e área uma relação fixa, altamente simbólica.

SÓLIDO – 3D



Cada fase de manifestação subentende ou pressupõe a fase dimensional seguinte. O plano, em seu movimento, descreve outra dimensão — a altura, gerando o *espaço* ou o *sólido* tridimensional. O plano tem também o poder de limitar o espaço.

Tudo pode ser formado por liberdade ou por limitação: de cima para baixo, ou de baixo para cima, nas duas correntes. Embora expressão de um mesmo nível de dimensões, o *espaço* é livre e infinito e o *sólido* limitado e finito.

A esfera é o sólido mais perfeito, podendo ter apenas uma medida: o raio.

Dimensões e Hierarquia

Há aqui um paradoxo: estudamos simbologia para compreender o que não pode ser dito em palavras, mas precisamos de palavras para explicá-la. Em termos de hierarquia, essa história de "geração" geométrica pode nos confundir.

Se o ponto "gera" a reta, poder-se-ia supor que fosse absolutamente superior a ela. O ponto, na verdade, é o Zero e o 1, o Nada e o Tudo, o Alfa e o Ômega — é o Absoluto.

As dimensões existem, e tanto podem representar aprisionamento e limitação, como mais espaço de ação e liberdade. A escada está aí, mas o importante é o *movimento* — e a direção. Para onde você está indo?

O ponto está em cima e está embaixo. Quanto mais alto, maior o seu potencial. Quando desce, perde poder e realiza-se na forma, limitando-se. Quando sobe perde densidade, mas ganha liberdade e retoma o poder.

Portanto, a mutação do ponto à reta, como um protótipo do desenvolvimento geométrico, pode ser interpretada de duas maneiras. Primeiro, o ponto, se multiplicando, como que materializa a reta — como o Absoluto se multiplica no Raio da Criação por meio de emanações, criando cadeias de mundos mais densos. Por outro lado, temos o ponto mais afastado do Absoluto, tomando consciência de sua imobilidade e limitação e deslocando-se intencionalmente em direção à liberdade, cada vez por mais e mais dimensões, até integrar o Todo.

Movimento e Relatividade

Ao imaginarmos o deslocamento de um sólido, caímos nos domínios controversos do tempo. É o momento em que se passa da física newtoniana para a relatividade.

Devido ao nosso nível usual de consciência, não compreendemos bem os espaços quadridimensionais e os outros além deles.

Podemos mover um objeto de cá para lá e perceber sua posição antes, durante e depois do movimento, mas só percebemos o movimento pela comparação com outro sólido "parado".[1]

Cada entidade geométrica pode ter três aspectos, conforme a Lei de Três:

[1] A Teoria da Relatividade está muito bem explicada por Gamow em *Um, Dois, Três.*

1-D	1. Reta	Liberdade
	2. Segmento de reta/Seta	Limitação
	3. Linha	*Linearidade (medida ou capacidade)*
2-D	1. Plano	Liberdade
	2. Figura plana (pré-forma)	Limitação
	3. Superfície	*Área (medida ou capacidade)*
3-D	1. Espaço	Liberdade
	2. Sólido	Limitação
	3. Matéria	*Volume (medida ou capacidade)*

O Tetragramaton e a Escada

O nome de Deus em hebraico, Yod-Hé-Vau-Hé, YAWEH, ou Tetragramaton, com 4 letras que são 3, é excelente *chave* para a compreensão não só da Lei de Três, mas da hierarquia e da continuidade da criação (leia da direita para a esquerda):

יהוה

Yod-Hé-Vau-Hé pode ser chamado de 1-2-3-4, correspondendo à seguinte seqüência:

DIMENSÃO	FIGURA	NÚMERO DE PONTOS	LETRA	FIGURA
0	ponto	1	Yod	
1-D	linha	2	Hé	
2-D	plano	3	Vau	
3-D	espaço	4	Hé	

Um cosmo em si não representa o todo em termos de leis, e é preciso tomar *três cosmos consecutivos* para compreender o conjunto das leis. Isso fica claro na tabela que se segue, pois para nós conceitos como ponto, linha e plano são apenas teoria — só percebemos ou sentimos como real o volume, tridimensional como o nosso corpo.

Todo cosmo é tridimensional em si próprio. Avançamos por tríades, com um "intervalo" de superposição: um sólido tridimensional é o *ponto* de uma nova seqüência dimensional.

	INDIVÍDUO	MUNDO		UNIVERSO	
Yod	Ponto				
Hé	Linha				
Vau	Plano				
Hé	Espaço	Yod	Ponto-Mundo		
		Hé	Linha-Mundo (Espaço-Tempo)		
		Vau	Plano-Mundo		
		Hé	Espaço-Mundo	Yod	Ponto-Universo
				Hé	Linha-Universo
				Vau	Plano-Universo
				Hé	Espaço-Universo

Com o sólido 3-D começamos uma nova etapa, o *espaço-tempo*, o qual na etapa seguinte chamamos "ponto-mundo", termo cunhado por Einstein paralelamente a Linha-Mundo[1] (deslocamento do volume no tempo).

O corpo físico do homem desde o nascimento até a morte é uma Linha-Mundo:

Se imaginarmos que o homem *age* e se move no espaço além de simplesmente crescer, vemos que descreve um Plano-Mundo.

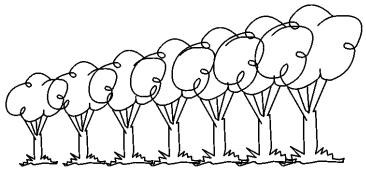
No entanto, só isso não nos diz nada. Assim como na fase anterior, a linha e o plano são teóricos para nós.

Quando um homem "faz", e sua ação tem *significado*, então podemos compreender o Espaço-Mundo, a terceira dimensão numa segunda etapa, superposta.

[1] Gamow, *Um, Dois, Três,* pp. 73-4.

Esse Espaço-Mundo é agora o ponto da próxima etapa: o Ponto-Universo. E assim por diante.

PERCEPÇÃO DO TEMPO

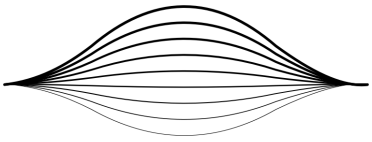


O primeiro e mais natural movimento no tempo, é a linha do *crescimento*. Por exemplo, o crescimento de uma planta é seu movimento no espaço tridimensional. Esse movimento é imperceptível aos nossos olhos, embora, com o passar dos dias possamos observá-lo, apoiados na memória.

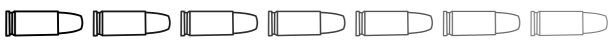
"Perguntaram a uma borboleta: Esse carvalho se move?
Ela respondeu: Estou certa que não,
pois durante toda a minha vida pouso em seus galhos
e nunca notei mudança alguma."

O *deslocamento* de objetos no espaço pode ser observável quadro a quadro, como num filme. Muitas vezes, não sendo capaz de perceber cada quadro intermediário, temos a impressão, devido à *perspectiva*, que um objeto cresce ou diminui em tamanho quando se aproxima ou se afasta de nós. Nossa *mente* completa a compreensão, equacionando a distância e interpretando a perspectiva. Quando nos movemos corrigimos com a mente a visão do ambiente que se deforma aos nossos olhos.[1]

Certos movimentos muito rápidos nos impressionam como *deformação;* por exemplo, a vibração de uma corda.



Em movimentos ainda mais rápidos, como uma bala de revólver, por exemplo, há uma *dissolução* aparente da imagem, que virtualmente some.



[1] Leia mais em Ouspensky, *Tertium Organum*, vida aparente dos objetos, p. 89.

Tempo e Sensibilidade

O tempo linear é uma série de eventos. Mas há subjetividade em nossa percepção. Os eventos se situam sobre a linha de minutos e horas que formam o dia — tempo cronológico, com uma dimensão. A que prestamos atenção? Na nossa *consciência*, um só evento desagradável pode expandir-se facilmente e preencher todo o dia.

"Uma pessoa pode expandir um evento desagradável até que ele ocupe toda a sua vida."[1]

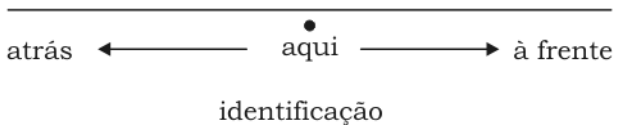
Quanto maior o nível de consciência, melhor a percepção do tempo. A vida pode passar rápida e quase despercebida se não nos lembrarmos de nós mesmos, mas pode ter "alta resolução" se nos tornarmos conscientes de mais quadros por unidade de tempo. Em situações de perigo, por exemplo, muitas vezes percebemos o tempo em câmera-lenta.

"Freqüentemente, no calor e excitação de um jogo, a percepção e a coordenação de um jogador melhoram dramaticamente. Nesses momentos, experimentamos um tipo de lucidez que nunca vi adequadamente descrito. Às vezes, por exemplo, o tempo parece se escoar com estranha lentidão, como se todos estivessem se movendo em câmera lenta. Parece então que eu tenho todo o tempo do mundo"[2]

Podemos perceber tudo de uma forma muito mais rica, com todos os quadros observados, se despertamos para esse tipo de percepção. O homem pode se tornar capaz de perceber mais em si e nos outros, e de constatar a existência de oitavas dentro das oitavas.

"Depois de falar das oitavas crescendo como galhos de um tronco, o Sr. Gurdjieff acrescentou que cada nota de cada oitava se apresenta, de outro ponto de vista, como uma oitava inteira. Isso se passava com tudo. Essas oitavas 'interiores' podiam ser comparadas às camadas concêntricas do tronco da árvore, cujos anéis se encaixam uns nos outros."[3]

Separar-se de Si



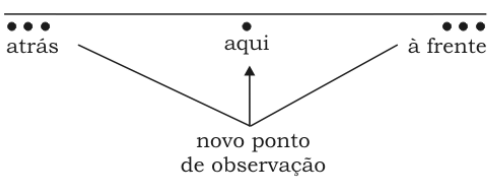
[1] Nicoll, *Comentários*, vol. II, p. 56.
[2] John Brodie, jogador americano de futebol, em Thomas, *The Body*.
[3] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 27.

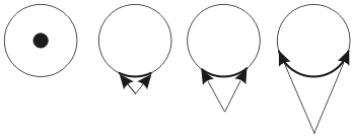
Se você está identificado com uma situação, não poderá vê-la. Se está preso dentro de si, também não poderá se ver. Por isso os outros nos vêem muito melhor do que nós nos vemos — é mais fácil quando não estamos "colados" ou dentro do objeto.

Quando estamos identificados com nós mesmos, ficamos na realidade "abaixo" de nós mesmos, ao passo que um estado superior de consciência pode nos elevar "acima" de nós mesmos, como no caso em que o Anjo tirou São Pedro da prisão.

"Então Pedro, voltando a si..."[1]

A auto-observação vai criando um estado superior de consciência que torna possível a separação de si e torna possível uma visão cada vez mais verdadeira e abrangente.





Em relação ao tempo, quanto maior a *identificação* com o momento atual (que nem sempre é o momento presente), menos tempo vivemos. E aqui está toda a importância da *consciência* em relação ao tempo. Um homem pode viver cem anos quase sem se lembrar de si mesmo, e sua vida é nada. Outro, consciente, pode viver até os trinta e ter uma vida enorme.

"Os casos em que o tempo parece dilatado resultam de uma aceleração considerável das vibrações dos centros."[2]

O homem exterior, tridimensional no espaço, é monodimensional no tempo. Porém, está ao seu alcance adquirir outras dimensões no tempo. Se ele se afastar da linha geométrica sobre a qual costuma viver, para onde achava que não havia mais nada, constatará com surpresa que lhe é possível observar não só o "aqui e agora", mas simultaneamente mais pedaços, cada vez maiores da linha-mundo, atrás e à frente, antes e depois. Seu momento presente se amplia.

O homem pode conquistar o tempo e ter sua vida ampliada, modificando gradual e permanentemente sua percepção, elevando seu próprio nível de ser. Seria bom considerar isso uma meta maior.

---

[1] Atos 12: 11 — conforme relatado por Gregório I em *Diálogos*, Livro II - *Life of Benedict*, Capítulo 3.

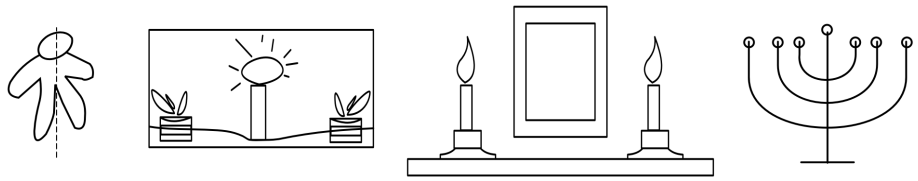
[2] Mouravieff, *Gnôsis*, vol. I, p.142.

"... esta meta é a ascensão da Imperfeição e da Assimetria
ao estado de Perfeição.
Esta Perfeição é, ela própria, (...)
existência no Presente real, que cobre, para cada
Individualidade, todo seu Passado e todo seu Futuro."[1]

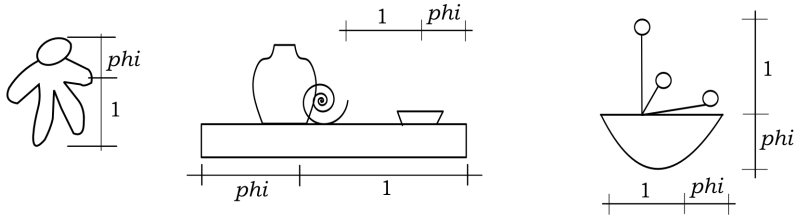
Sensações Objetivas das Proporções

As proporções evocam em nós estados objetivos de ser e nos influenciam diretamente, sejam elas visuais, auditivas, químicas, elétricas ou magnéticas.

A razão ou proporção 1:2, ou "partido ao meio", nos parece algo normal e justo. Lembra nossa própria simetria bilateral, mas principalmente evoca o eixo vertical alto-baixo. Por tal motivo é usada em igrejas e altares. Evoca ordem, seriedade e devoção, mas principalmente tudo que é feito pelo homem. É uma proporção mental e lógica, como o verde nas cores, a nota Sol na música.

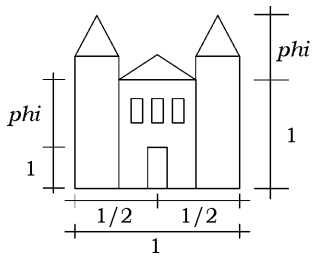


A proporção ou seção áurea[2], 1:0,618... (1:*phi*), encontrada por todo o corpo humano, traz à baila a perfeição da natureza e os fractais naturais, onde o número *phi* domina em padrões de coordenação, arranjo e distribuição. É uma proporção verdadeiramente emocional — usada, por exemplo, na arte do Ikebana de arranjo floral, que lida com linha, ritmo e cor em diferenças de longitudes e ângulos.



[1] Mouravieff, *Gnôsis*, vol. I, p. 227.
[2] Ver p. 192, Seção Áurea, p. 193, *phi*.

As igrejas góticas, protótipos da arquitetura sagrada, utilizam esses dois tipos de proporção, à semelhança do corpo humano. A proporção mental aparece na simetria bilateral, e a proporção áurea se junta a ela, para formar o todo harmonioso.



Embora pareça que muitos cálculos precedem o trabalho numa boa obra de arte, o que em última análise é verdade, pessoas treinadas ou com alto nível de Ser têm em si o sentimento da seção áurea, de modo que a escolhem e traçam de modo absolutamente *natural*.

À medida que o homem cresce em nível de ser, vai-se tornando capaz de distinguir as influências mais adequadas a ele e aos demais. É preciso estudar eternamente. Mesmo os grandes artistas e sábios, que têm em si as proporções sagradas como naturais, não prescindem de preparação e esforço.

Heptaparaparshinokh, Lei de Sete e Lei de Nove

A lei fundamental de que mais Gurdjieff fala em seus livros é o sagrado Heptaparaparshinokh, algumas vezes associado à Lei de Sete, como no período Babilônico[1], e outras associado à Lei de Nove[2].

A *Lei Única* de tudo e todas as coisas é expressa no *Eneagrama* pela conjunção das duas leis cósmicas fundamentais, a Lei de Sete e a Lei de Três e seu inter-relacionamento no círculo da existência. Embora sempre funcionem em conjunto, estudaremos separadamente essas leis antes de nos lançarmos ao estudo do Eneagrama propriamente dito.

A Lei de Sete rege as vibrações e se aplica ao desenvolvimento no tempo de todas as ações e movimentos, em todos os mundos e em todas as escalas. Preside a matéria e, conseqüentemente, a energia.

É enunciada como "*a linha do fluxo constante de forças que se afastam conforme a lei e de novo voltam a se unir*"[3].

Constitui um fluxo constante, que atravessa tudo que é criado e que existe. A linha desse fluxo é dividida em segmentos, os *stopinders*, separados por *deflexões* ou *centros-de-gravidade*. Como esses segmentos não são iguais, o fluxo não é contínuo e uniforme. Sofre amortecimentos e perdas de energia em momentos que chamamos *intervalos*, desviando o curso da ação de seus objetivos iniciais e levando-a ao fracasso caso alguma força *externa* não intervenha de maneira adequada.

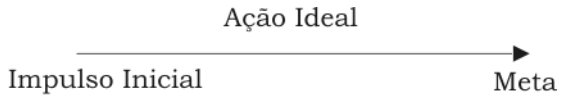
Desvios, Intervalos e Choques

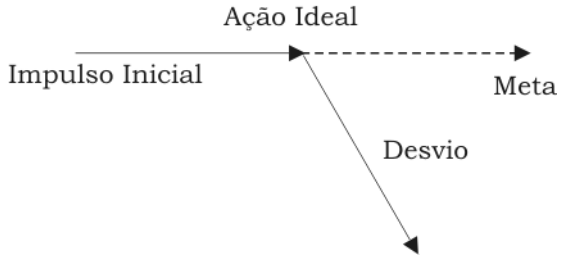
Segundo a Lei de Sete, desvios consecutivos alternados com fases normais criam descontinuidades que interferem na propagação do movimento. As vibrações na Natureza não se desenvolvem

---

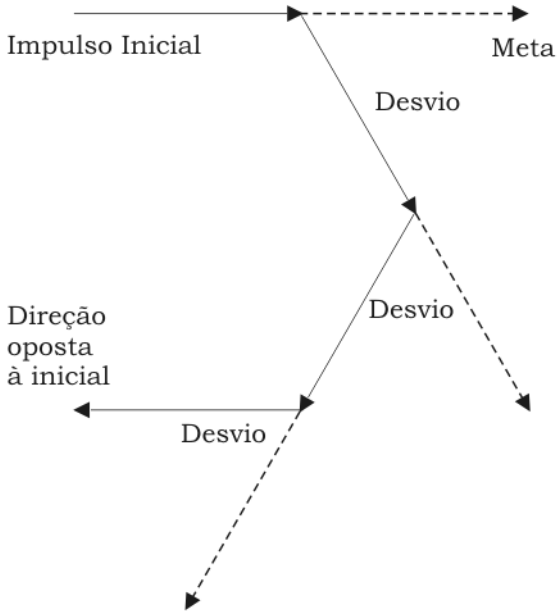
[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, pp. 60, 67, 83, 107.
[2] Ver p. 108, Lei de Nove.
[3] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 342.

uniformemente. A ação ideal, caso não se desviasse de seu objetivo, seria uma reta orientada.





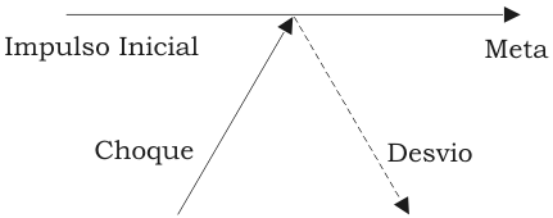
Porém, há sempre um desvio quando a ação busca mecanicamente atingir uma meta. Toda ação em uma determinada direção, se deixada a si mesma, desvia-se e após o terceiro desvio toma direção oposta à inicial.



Isso é uma característica do processo Trogoautoegocrata[1], que obriga os sistemas a interagirem uns com os outros.

[1] Ver p. 118, Trogoautoegocrata.

A Lei de Sete indica como provocar a interação adequada, neutralizando, em certa medida, a tendência ao desvio. Para que o movimento em direção a uma determinada meta possa prosseguir numa mesma direção sem desvios, é necessário que se lhe apliquem, do exterior, impulsos complementares, ou *choques,* em pontos ou momentos determinados, ou seja, nos *intervalos*. Por isso esta lei também é chamada Lei do Choque, e se diz que é uma lei *artificial*, ao contrário da Lei de Três, que é natural.



Sem as correções adequadas, andaremos "em círculos", repetindo as mesmas tentativas e os mesmos erros, aprisionados na teia do tempo.

Escala Musical

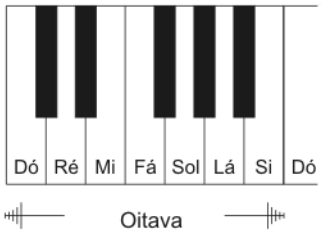
"...a escala musical, tal como existe atualmente,
foi construída nos tempos antigos por homens que possuíam
o Conhecimento e você vai ver como ela pode ajudar
a compreender as leis fundamentais."[1]

Usamos a escala musical[2] para estudar a Lei de Sete, pois embora não corresponda exatamente ao sagrado Heptaparaparshinokh (mais adiante veremos por que), é bastante ilustrativa.

A Lei de Sete funciona sobre uma unidade básica, a *oitava*, que pode servir como unidade de medida para energias ou vibrações. A oitava é um segmento do fluxo das energias, dividido em sete *stopinders*, que se repete ciclicamente, dobrando o número de vibrações a cada ciclo.

---

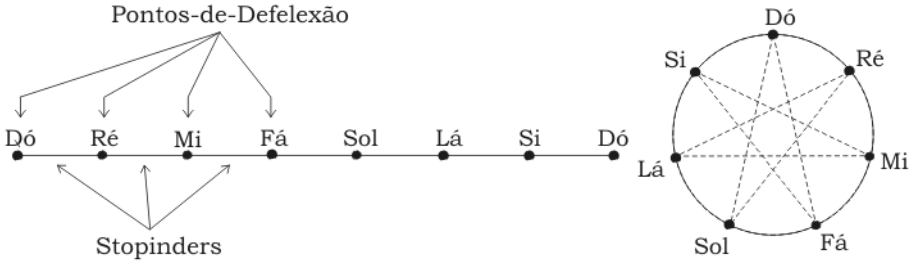
[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 25.
[2] Do latim, *scala:* escada.



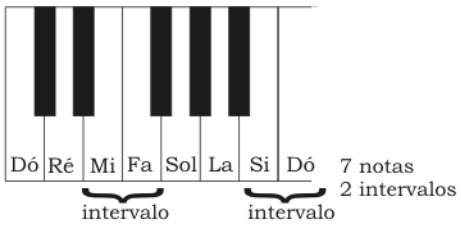
O modo mais fácil de visualizar a oitava e a escala musical é no teclado de um piano, onde cada conjunto de sete notas brancas, ou oitava musical, corresponde às sete notas básicas Dó Ré Mi Fá Sol Lá Si.

Neste livro, usamos a série Dó Ré Mi Fá Sol Lá Si por razões que veremos mais adiante, mas se sete notas básicas também podem ser representadas como C D E F G A B.

Se representamos a escala musical sobre uma linha, os pontos onde marcamos as notas são chamados deflexões ou centros-de-gravidade e a distância entre eles, *stopinders*. Num círculo, ilustramos como essa função se aplica dividindo-o em 7 deflexões e 7 arcos ou *stopinders*.



Em cada oitava existem também cinco teclas pretas e notam-se claramente dois intervalos entre os grupos de duas e três notas pretas. São 12 teclas ao todo (7 brancas + 5 pretas). Dizemos que cada tecla preta é um *semitom* — um semitom é a diferença em *pitch* entre quaisquer duas teclas adjacentes no teclado do piano, incluindo as teclas pretas. E dizemos que cada tecla branca é um *tom*, exceto Mi e Si, que são semitons. Cada tecla preta é um semitom entre duas brancas. Mi-Fá e Si-Dó são “intervalos”, onde não há tecla preta e o movimento perde força.



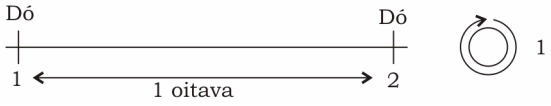
A Escala Diatônica

"E particularmente em relação à 'divisão da oitava chinesa em 7 tons', que alcançou os nossos favoritos contemporâneos, então, embora, como eu disse, eles a usem extensivamente no processo de sua existência comum, ao mesmo tempo nem sequer suspeitam que tal divisão foi especialmente criada e construída com os próprios princípios de som com os quais é mantido tudo que existe na totalidade do nosso Grande megalocosmo."[1]

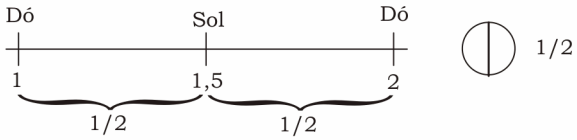
A escala diatônica é a escala musical mais amplamente usada na atualidade. Parece que, no decorrer do tempo, tudo se ajustou a uma escala de vibrações singela e simples, refletindo formas geométricas puras.

Vamos estudá-la aqui em termos de frações ou proporções. É uma escala matematicamente bela. Sentimos sua importância na geometria sagrada e em nosso estudo em particular.

De Dó a Dó o número de vibrações dobra, portanto temos aí 1 oitava ou ciclo completo (1 inteiro).



Se dividirmos a oitava ao meio (1/2 ou 0,5) teremos a nota Sol, com um número intermediário de vibrações:

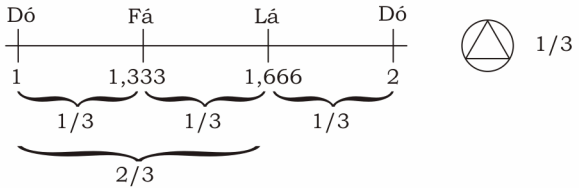


A nota Dó então é chamada a *tônica* e Sol, a quinta nota a partir do Dó, é chamada a *dominante*.

---

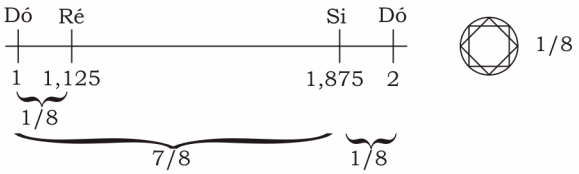
[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, p. 48.

Dividindo a oitava por 3 (1/3, 2/3, 3/3) teremos as notas Fá e Lá: um triângulo eqüilátero.



Dividindo a oitava por 4 (1/4) teremos a nota Mi no primeiro quarto: um quadrado.

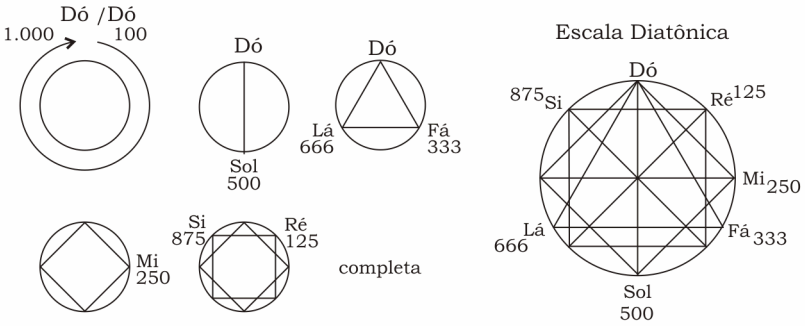
E dividindo a oitava por 8 (1/8) teremos as notas Ré e Si no primeiro e no último oitavos respectivamente: um octógono.



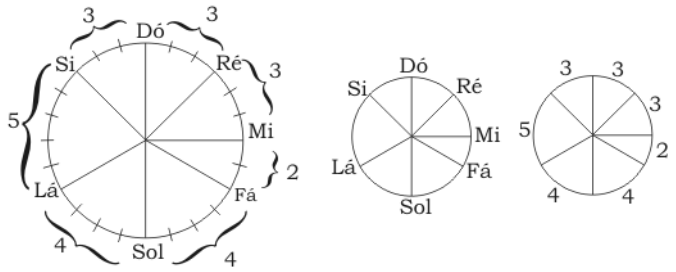
Distâncias proporcionais de Dó:

Dó	0	0
Dó a Ré	1/8	0,125
Dó a Mi	1/4	0,250
Dó a Fá	1/3	0,333...
Dó a Sol	1/2	0,5
Dó a Lá	2/3	0,666...
Dó a Si	7/8	0,875
Dó a Dó	1	1

Colocando a escala diatônica no círculo, podemos notar suas proporções geométricas puras, de acordo com os mais simples polígonos regulares.



Poderemos ter outra visão, mais simplificada ainda, da escala diatônica, se dividimos o círculo ou oitava em 24 unidades. É um artifício de cálculo que nos permite representar frações por números inteiros, mantendo as proporções. Além da beleza matemática, podemos observar ainda inúmeras relações com a Seção Áurea.[1]



Por que motivo teriam sido usadas essas proporções para a construção da escala que acabou sendo a mais amplamente aceita? Qual é o segredo do agradável?

Assim como existe o fator "ressonância"[2] na música, temos o mesmo na geometria, e as formas puras nos fazem bem, ao evocar e fazer vibrar o que de melhor temos em nós. Formas geométricas perfeitas e harmoniosas são como sons em relações harmônicas, e nos põem em sintonia com a ordem do universo, em contraste com ruídos e formas caóticas, que nos põem em contato com a entropia crescente.

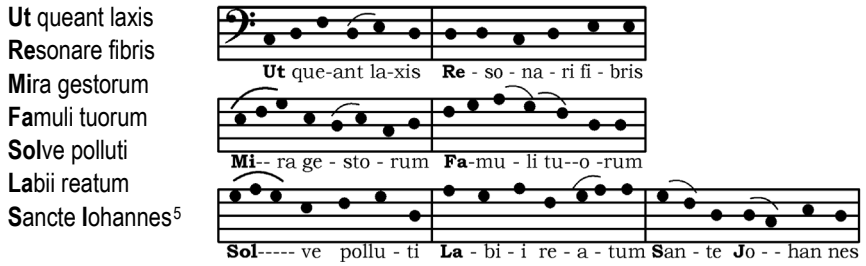
Vivemos de relações numéricas, desde a nossa pulsação cardíaca e a respiração, até a proporção física dos ambientes em que nos encontramos. Gurdjieff diz que o ambiente nos influencia de acordo

[1] Ver p. 196, A Seção Áurea e a Escala Diatônica.
[2] Ver p. 73: ressonância .

com a Lei Daivibrizkar: "*a lei da ação das vibrações que surgem na atmosfera de espaços fechados*"[1].

NOTAÇÃO MUSICAL

A criação dos diversos cosmos[2] ficou indelevelmente gravada na escala musical moderna quando o beneditino Guido d'Arezzo[3] deu nome às notas musicais a partir das primeiras sílabas do hino a São João Batista, de Paulo Diácono[4], também beneditino, onde cada frase musical começava com uma nota na seqüência da escala maior.



Este hino apresenta a escala ascendente Ut Ré Mi Fá Sol Lá Si, correspondente à Evolução. O Raio da Criação corresponde à escala descendente Dó Si Lá Sol Fá Mi Ré. A nomenclatura musical sofreu algumas modificações posteriores, pois Guido usava apenas as 6 primeiras notas e uma pauta de 4 linhas — hoje em dia usam-se 7 notas e uma pauta de 5 linhas.

A denominação "Ut", abreviação de "Útero", do latim *Uterus*, usada no início da escala ascendente, foi posteriormente mudada para "Dó", de *Dominus:* latim "Senhor". A nota "Si" vem das iniciais de "São João", dito "O Precursor" — e Si realmente precede Dó na subida, assim como João Batista precedeu Jesus. Tais alterações refletem o cuidado na conservação e transmissão do Conhecimento. Esses nomes, claramente esotéricos, derivados do latim, só podem ter sido usados *intencionalmente* no hino, pois a música muda, mas o Conhecimento Objetivo se mantém.

---

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, pp. 56-7.
[2] Ver p. 117, Raio ou Cone da Criação.
[3] Guido (990-1050?) nasceu em Paris, França. Como monge beneditino, mudou-se por volta de 1025 para a cidade de Arezzo na Itália, onde foi músico teórico e professor.
4 O Diácono Paulo Warnefrid (c.720-779?), também conhecido como Paulo, o Diácono, historiador, poeta, escritor e religioso lombardo, viveu em Monte Cassino, Itália. A Primeira Regra de São Bento é atribuída a ele.
[5] "Para que teus servos possam exaltar a plenos pulmões as maravilhas dos teus milagres, perdoa a falta do lábio impuro, Ó São João".

Mouravieff[1] cita explicitamente esta simbologia da denominação das notas, porém sem indicar a fonte.

Dó	Dominus	Senhor, Absoluto, Pai
Si	Siderus	O Espaço Sideral
Lá	Láctea	Via Láctea, a Galáxia
Sol	Sol	O Sol, Filho, "Seguinte em Ordem de Liderança"
Fá	Factum	Família[2] de Planetas, Fado, Destino (Fate)
Mi	Mixtus Orbis	A Terra, Mundo Misto, Miragem, Microcosmo
Ré	Regina Cœli	A Lua, Rainha do Céu, Res[3] (Coisa)

A abadia de Vézelay, na França, um dos pontos iniciais da peregrinação a Santiago de Compostela, constitui jóia preciosíssima de simbolismo arquitetônico, unindo astrologia, kabbalah e alquimia, como um livro dos mais completos para quem souber ler. Um pequeno guia sobre a abadia[4], traz esse mesmo significado cósmico das notas musicais, no capítulo sobre o Número Oito, mas também não cita a fonte desse conhecimento.

> *"Os músicos profanos não sabe a origem dessa nomenclatura e não a adotam. Assim, os países anglo-saxões e germânicos usam as letras de A a G como nomes das notas, com A representando a nota Lá e G a nota Sol."*[5]

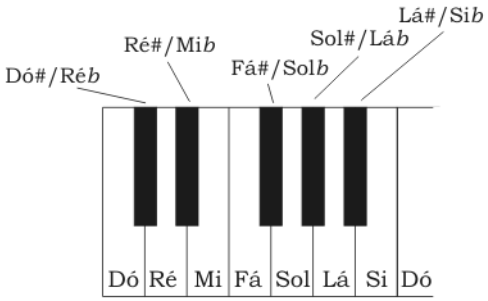
Acidentes Musicais (Semitons)

No piano, as teclas pretas são chamadas semitons e correspondem aos "acidentes musicais" *sustenido* ("#", um semitom acima) e *bemol* ("*b*", um semitom abaixo). Esses acidentes são colocados na pauta sempre numa determinada seqüência:

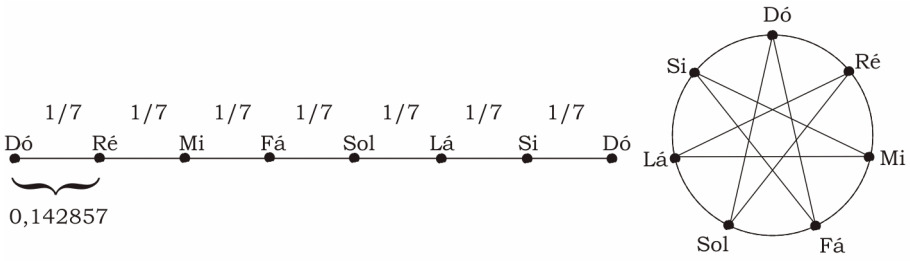
Ordem dos sustenidos # ⇒ Fá-Dó-Sol-Ré-Lá-Mi-Si (FCGDAEB)
Ordem dos bemóis ♭ ⇒ Si-Mi-Lá-Ré-Sol-Dó-Fá (BEADGCF)

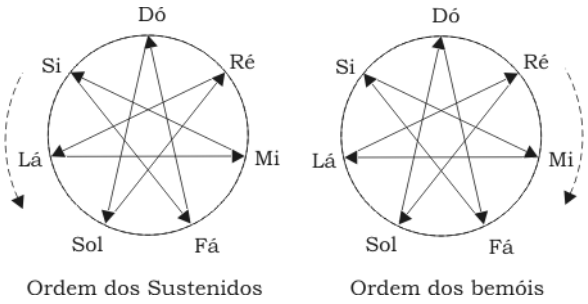
---

[1] Mouravieff, *Gnosis*, vol. I, pp. 114-5.
[2] Do latim *familia (household*), incluindo servos e todos que cuidam da casa; de *famulus:* servo.
[3] Do latim *res: coisa*, matéria.
[4] Fraçois Vogade, *Vézelay - symbolisme et esotérisme*, Vanzelles, 1965.
[5] Tereshchenko, *Gurdjieff et la Quatrième Voie,* p. 175.



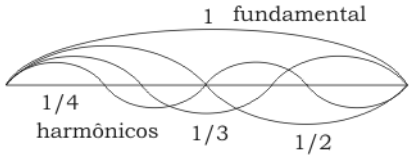
Imaginamos que a Lei de Sete ideal ou original tenha sido uma divisão uniforme da unidade por sete, e então teríamos todos os *stopinders* com a mesma duração. Assim, essa lei se expressaria no heptágono regular estrelado, que pode assumir duas direções contrárias de rotação, coincidindo num sentido com a ordem dos sustenidos e noutro com a ordem dos bemóis:





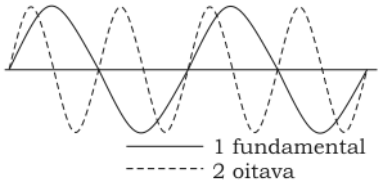
Proporções, Harmônicos e Acordes

A maioria dos sons musicais não é apenas uma simples vibração, o som *fundamental*, mas sim uma composição de vários sons sobrepostos que nossos ouvidos combinam em um. Quando esses outros sons superpostos ao som principal mantém uma relação múltiplas ou inteira da freqüência fundamental, são ditos *harmônicos*.



Um *acorde* é um som complexo resultante de vários sons, geralmente três, tocados simultaneamente conforme um certo plano estético. Na harmonia tradicional, o acorde se baseia numa *tríade* de três notas, com proporções fixas. O tom mais baixo, ou raiz, é chamado "tônica", o médio "terça" (terceiro tom acima da tônica), e o seguinte "quinta" (quinto tom acima da tônica). Qualquer acorde com essa estrutura (raiz, terça e quinta) é uma tríade.

Assim, vejamos também as oitavas em forma de onda, considerando que uma oitava acima vibra o dobro da primeira:



Para criar sons que produzam sensações agradáveis, eles devem manter entre si relações consoantes, com boa parte de harmônicos coincidentes, como nos seguintes intervalos:

Notação por Proporções	
Intervalo	Relação
terça menor	6:5 (1,2)
terça	5:4 (1,25)
quarta	4:3 (1,333...)
quinta	3:2 (1,5)
sexta menor	8:5 (1,6)
sexta	5:3 (1,666...)
oitava	2:1 (2)

Há uma hierarquia nas relações harmônicas. A maioria das melodias se concentra em torno da *tônica*, e o quinto grau é chamado *dominante*, porque é o que domina após a tônica. Isso tem a ver com o *ciclo das quintas*, Pitágoras e música chinesa antiga.

Dó-Mi-Sol é um acorde maior, em Dó maior, e Ré-Fá-Lá é um acorde menor, em Ré menor. Todos os acordes maiores e menores guardam respectivamente as mesmas proporções. A distância em semitons entre a primeira nota e a terceira determina se o acorde é

maior ou menor. Assim, por exemplo, o acorde Dó-Mi b-Sol é menor, por ter a terça diminuída.

Acordes maiores soam com mais energia e alegria do que os acordes menores, cujo som é melancólico e romântico.

"O acorde maior é o primeiro e único acorde puro
que encontramos nos harmônicos naturais;
o maior é geralmente considerado como alegre, e o menor como triste.
Acredito que isso tenha a ver com o fato de que o menor
baixou o intervalo natural da nota intermediária
no acorde em um semitom artificial. (...) E o que é tristeza?
É uma divisão, um senso de que as coisas não estão certas,
de que queremos o que não podemos ter, ou deploramos
o que não fizemos. Lamentamos a perda de alguma coisa."[1]

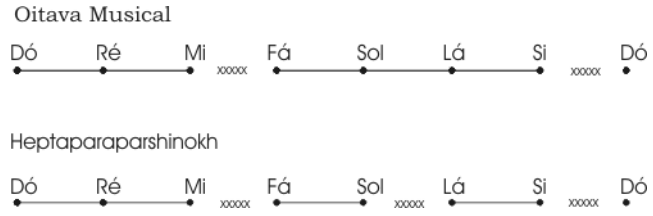
HEPTAPARAPARSHINOKH

"Eu repito, meu menino: tente fortemente compreender tudo que possa se relacionar com essas duas leis cósmicas fundamentais sagradas, pois o conhecimento dessas leis sagradas, especialmente o conhecimento relativo às peculiaridades do Heptaparaparshinokh sagrado ajudarão você no futuro a compreender facilmente e muito bem todas as leis de segundo e terceiro grau da criação-do-Mundo e da existência-do- Mundo."[2]

Tanto a Lei de Sete ou Heptaparaparshinokh, quanto a escala musical, têm 7 *stopinders* e 7 deflexões.

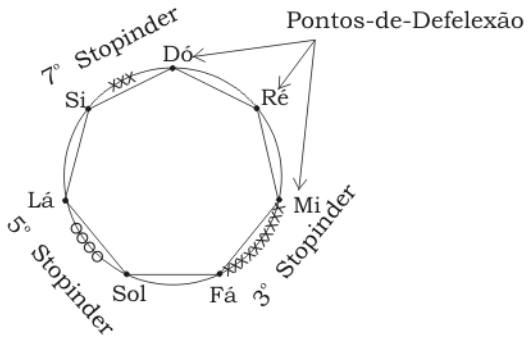
"... não dá no mesmo se você tem uma lebre ou uma mula
para o trabalho de sua fazenda?
As duas têm quatro pernas..."[3]

Mas há uma grande diferença: a oitava musical que atualmente usamos tem apenas *dois* intervalos e o Heptaparaparshinokh tem *três*.

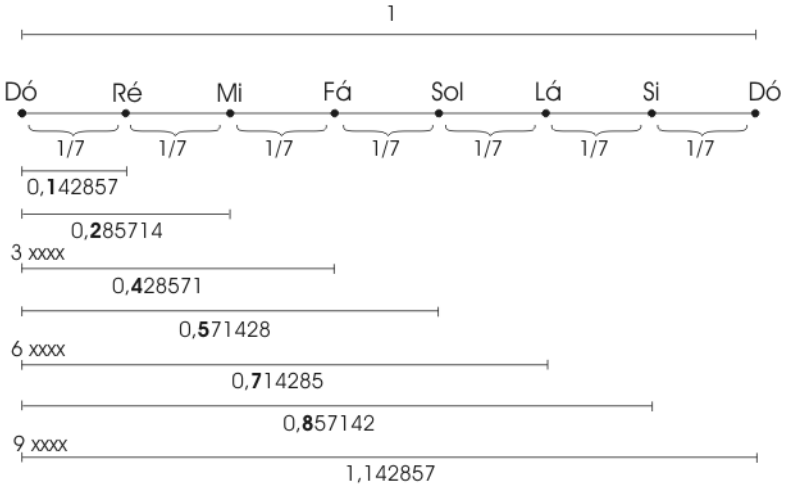


[1] Menuhin, *A Música*, p. 31.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, pp. 347-8.
[3] Mullah Nassr Eddin, em Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, p. 53.

Além dos intervalos Mi-Fá e Si-Dó, o Heptaparaparshinokh tem um intervalo entre Sol e Lá. Veremos isso em detalhe quando tratarmos do Raio da Criação[1].



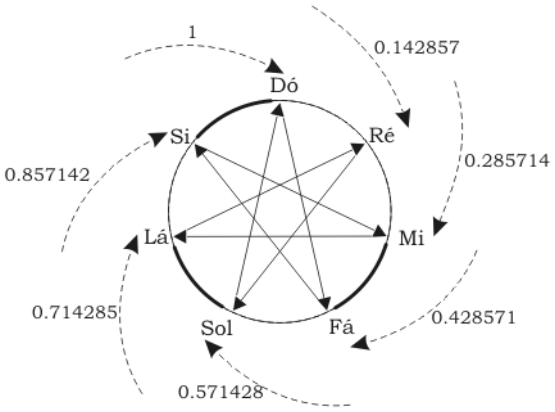
Pela "matemática do sete"[2] podemos observar que os três intervalos existem mesmo numa divisão por sete ideal, ainda que virtualmente.



Na divisão ideal da unidade por 7 não aparecem os dígitos 3,6 e 9, que pertencem à Lei de Três. Embora estejamos dividindo a unidade por sete de maneira uniforme, observamos três intervalos "latentes": em Mi-Fá, Sol-Lá e Si-Dó.

[1] Ver p. 117, Raio ou Cone da Criação, e p. 118, Alteração das Leis

[2] Ver p. 160, Matemática do Sete.

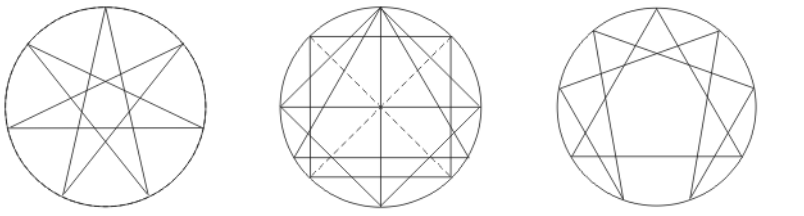


Formas da Lei de Sete

"O número de vibrações de cada nota é artificialmente determinado e muda de século para século. Assim, as notas de mesmo nome não têm o mesmo diapasão vibratório que tinham nos séculos precedentes. Logo, é certo que o Heptaparaparshinokh (que não muda) e a escala musical, seja ela 'cromática', 'temperada' ou outra, não são idênticos... ".[1]

Usamos a escala musical para ter uma idéia inicial da Lei de Sete, e daqui em diante usaremos os nomes das notas musicais — cuja origem, como vimos, transcende a música — para representar as deflexões dessa lei. Porém o estudo do Heptaparaparshinokh só poderá se aprofundar quando tratado em conjunto com a Lei de Três ,no Eneagrama.

As três formas da divisão por sete seriam:



Ideal Diatônica Heptaparaparshinokh

[1] Tereshchenko, *Gurdjieff et la Quatrième Voie*, p. 176.

A escala musical é monodimensional ou linear, enquanto o eneagrama é pluridimensional. O uso da *terminologia* musical é apenas uma simplificação didática: não há coincidência exata.

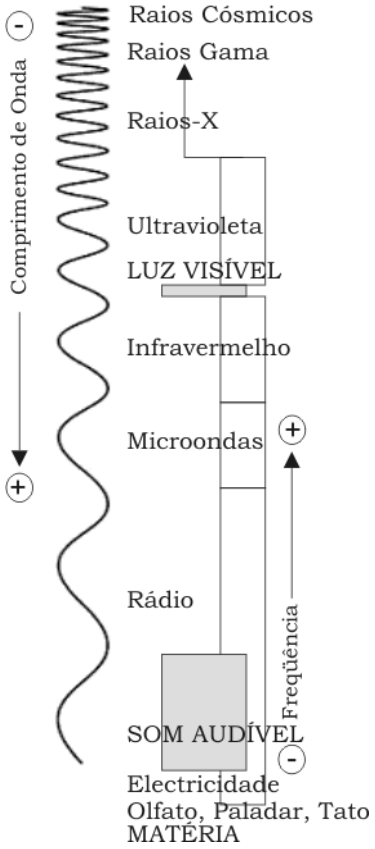
Aqui é muito importante lembrar que os legominismos[1] dos sábios da Babilônia se baseavam na introdução de inexatitudes na Lei de Sete.

Oitavas e o Espectro Eletromagnético

A Lei de Sete também é chamada Lei da Oitava, em paralelo com a escala musical, descontínua, com seus sete tons e intervalos.

A *forma* aparente da matéria, em suas três dimensões, pode ser medida com uma escala métrica e uniforme, porém as *vibrações* devem ser medidas com uma escala harmônica ou escala de oitavas.[2]

Observando o espectro eletro–magnético[3], podemos notar que essa escala se propaga oitava após oitava, com uma lógica toda especial, harmônica, que tem mais a ver com *proporções* do que com medida.



As vibrações ou ondas podem ser descritas por comprimento-de-onda, energia e freqüência. Esses três atributos descrevem diferentes propriedades, mas mantêm uma relação matemática entre si. Podemos usá-los igualmente ao nos referimos às ondas, por exemplo, a *energia* dos raios-X, o *comprimento* da microonda, a *freqüência* da onda de rádio.

Mesmo a matéria, em seu aspecto químico ou energético, também obedece à Lei da Oitava, como se pode constatar na Tabela Periódica dos Elementos[4].

---

[1] Ver p. 69, Legominismo.
[2] Ver p. 346, Espectro Eletromagnético no Eneagrama.
[3] Ver p. 55, O Segredo da Vida.
[4] Ver p. 356, Química.

No espectro, as ondas se distribuem das mais lentas e longas (matéria sólida, som) às mais rápidas e curtas (raios-X e cósmicos). De toda essa gama que permeia nossa vida, só percebemos diretamente a parte inferior, a matéria e o som, e uma faixa mínima no centro, a luz visível. O número total de neurônios receptores de informações para o cérebro, os de informação visual são cerca de 90%, contra somente 5% para audição e 5% distribuídos entre os outro sentidos.

Essa limitação e não-uniformidade da nossa percepção em 3 níveis, nos protege do caos que seria se percebêssemos simultaneamente todos os tipos de ondas, não só ao nosso redor, como também as que nos atravessam e permeiam — pensemos, por exemplo, que as ondas de rádio e TV passam todo o tempo através do nossos corpos. Somos afetados por muitas das vibrações que não percebemos, devido ao fator *ressonância* — capacidade de vibrar em si mesmo, como resposta a uma vibração.

LEI DE NOVE

Durante o período em que tinham o órgão Kundabáfer, os seres tricerebrados do planeta, não tinham condições de conhecer qualquer verdade sagrada. Somente após a retirada desse órgão, quando sua psique se tornou livre é que começou a haver a possibilidade de uma Razão-esseral-relativamente-sadia.[1]

Alguns seres do continente da Atlântida notaram certo "funcionamento anormal" neles próprios, mas viram que com esforços adequados poderiam corrigir isso. Paralelamente, enquanto buscavam compreender as causas dessa anormalidade, observaram que vários eventos ocorriam conforme certas leis. Descobriram que quase todos os resultados cósmicos ao seu redor, quando atualizados sempre manifestavam sete aspectos independentes, perceptíveis de uma forma ou de outra.

Como resultado dos trabalhos conscientes de vários sábios do planeta, desenvolveu-se na Atlântida uma ciência "quase normal, com o nome de Tazaloorinono"[2], sobre os sete-aspectos-de-todo-fenômeno-completo. Tal ciência difundiu-se tanto que não julgaram necessário então incluí-la em seus legominismos, motivo pelo qual tal conhecimento não sobreviveu à perda desse continente.

Muitos, muitos séculos mais tarde, depois que as areias cobriram Gobi[3], dois sábios príncipes chineses, gêmeos, que haviam herdado

---

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, pp. 9-11.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, p. 11.
[3] Gobi: antiga região habitada e civilizada, hoje deserto situado entre a Mongólia e o nordeste da China.

capacidades especiais e recebido educação apropriada, desenvolveram seus próprios estudos, tendo sido os primeiros, após a perda da Atlântida, a constatar a lei do Heptaparaparshinokh.

Foi sua curiosidade sobre a totalidade das substâncias cósmicas na semente da papoula, que levou esses dois sábios a constatar a maior das leis cósmicas.

Dedicaram-se então ao estudo de uma substância da citada planta, que denominaram "ópio" — em sua língua significava "fazedor de sonhos". Notaram que o ópio consiste de sete cristalizações independentes, com propriedades subjetivas definidas. Cada uma delas, por sua vez, consiste em outras sete, e assim por diante. Pesquisaram muitos outros fenômenos, mas limitaram seu estudo a apenas três: o *ópio*, a *luz-branca* e o *som*.

Além do conhecimento dos "sete-aspectos-de-todo-fenômeno-completo", esses dois irmãos foram os primeiros, após a Atlântida, a constatar *dois* dos três intervalos (Mdnel-Ins) dessa grande lei, e por isso (7+2) passaram a chamá-la *Lei de Nove*.[1]

Para suas experiências químicas, físicas e mecânicas, construíram um aparelho especial, o Alla-attapan, com o qual provaram que em todos esses fenômenos a essência da lei era a mesma. Com tal aparelho comprovaram também não apenas a existência de raios de luz positivos e negativos[2], como a influência mútua da matéria, do som e da luz entre si.

Surgiu então graças a eles, na antiga China, um ramo independente da ciência objetiva a respeito da lei do sagrado Heptaparaparshinokh, então chamada Lei de Nove.

Esse conhecimento, embora tenha sido acessível à percepção de todos os seres comuns naquela época, só alcançou as gerações subseqüentes através da transmissão por meio de alguns iniciados.

Devido às condições anormais de existência na Terra, estabeleceu-se uma necessidade orgânica nessas gerações subseqüentes, uma "sede irresistível de serem considerados como sábios pelos demais seres semelhantes a eles", e desenvolveram uma estranha capacidade de "esperteza" e "conversa fiada". O conhecimento foi então gradualmente distorcido e quase inteiramente destruído, restando apenas alguns fragmentos, guardados por um número muito limitado de verdadeiros iniciados.

Entre os seres comuns, restaram apenas fragmentos de uso prático não importantes, hoje quase totalmente esquecidos, como

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, pp. 21.
[2] Ver p. 275: dois sistemas de combinação de cor:.

métodos para separar certos elementos ativos do ópio, a lei da combinação de cores e a escala musical de sete notas[1].

Em resumo, na Atlântida se conhecia bem o Heptaparaparshinokh e esse conhecimento se perdeu, tendo sido parcialmente recuperado depois pelos gêmeos chineses, que constataram apenas dois de seus intervalos.

O conhecimento mais completo do Heptaparaparshinokh, com o terceiro intervalo esquecido, chamado *Harnel Aoot*[2], só voltou depois de Atlântida a ser veiculado pelo próprio Gurdjieff. Poder-se-ia mesmo chamar Lei de Dez (7+3).

A meu ver, os estudos classificatórios ou estruturais, como os da química, do som e da luz, não ajudam na compreensão do terceiro intervalo — o *Harnel Aoot* é bem mais evidente, e muito, no funcionamento dos *processos* e principalmente nas experiências *humanas* de autodesenvolvimento.

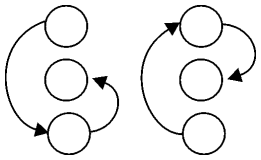
[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, p. 34.
[2] Ver p. 275, dois sistemas de combinação de cor:.

Lei de Três

Conforme o sagrado Triamazikamno, ou Lei de Três, todos os fenômenos no universo existem como resultado da ação convergente, sobre um mesmo ponto e no mesmo momento, de três forças independentes: a Sagrada Afirmação, a Sagrada Negação e a Sagrada Reconciliação.

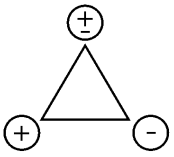
Harnelmiatznel

Tudo funciona e é criado de forma triádica. Como veremos adiante, na criação do Megalocosmo, o mundo em que vivemos, as leis cósmicas fundamentais foram alteradas[1] e as forças, antes independentes, passaram a atuar em tríades, através de um processo chamado *Harnelmiatznel*.



Conforme o Harnelmiatznel, um novo surgimento nasce de outro já existente quando "*o superior se une ao inferior, para formar o do meio, tornando-se assim superior para o inferior, ou inferior para o superior precedente*".[2]

As três condições fundamentais da criação do universo, tempo, espaço e equilíbrio,[3] manifestam-se como três princípios de base da vida: o principio *dinâmico,* o principio *estático* e o principio *neutralizante*.



A força ativa, Sagrada Afirmação ou Força 1, flui da condição dinâmica do tempo; a força passiva, Sagrada Negação ou Força 2, flui da condição estática do espaço e a força neutralizante, Sagrada

---

[1] Ver p. 118, Alteração das Leis.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 343.
[3] Mouravieff, *Gnôsis*, vol. I, p. 95.

Reconciliação ou Força 3, assegura a manutenção do equilíbrio no universo, em todos os planos e escalas.

Essas denominações de referem ao papel que cada força desempenha na cooperação que dá origem a qualquer fenômeno. A vida no universo nada mais é que um perpétuo movimento de criação, e qualquer evento é uma réplica da Primeira Criação.

A força passiva contém todas as *possibilidades* da criação do fenômeno; a força ativa intervém como fator *realizador* e a força neutralizante como *regulador*. Formam, não necessariamente nesta seqüência, uma *tríade*.

Embora qualquer força, para agir, precise ser ativa, as denominações "ativa", "passiva" e "neutralizante" se referem ao relacionamento entre elas em um determinado instante e não às condições de cada força em si. Já as denominações "primeira força", "segunda força" e "terceira força" devem ser usadas com cuidado, por levarem à confusão quando se tratam de tríades, caso em que a ordem em que entram é determinante.

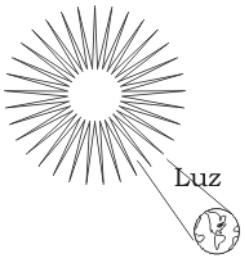
A "*terceira força", reconciliadora ou neutralizante,* é muito especial e geralmente escapa à nossa observação, seja pela natureza bipolar de nosso psiquismo, seja pela própria natureza da força, cujo papel, além de elemento de ligação, neutralizante ou resultado, pode ser também de catalisador.

Estamos acostumados a uma lógica bipolar — isso quando conseguimos observar pelo menos dois lados de uma mesma questão. Temos que passar a usar uma lógica triádica. Nossa linguagem também é "plana" e nos leva a confusas interpretações. Por exemplo, qual é o oposto de "útil"? Diríamos que é "inútil", porém este é o termo neutro, e o contrário de "útil", aquilo que ajuda, é "aquilo que atrapalha". Falamos de fotografias em "preto-e-branco", nos referindo a imagens em preto, branco e *tons de cinza*. Embora geralmente não notemos, há sempre uma terceira força que plasma a realidade.

"Deus Verbo é o mundo.
Deus disse: 'Assim seja', e enviou o Pai e o Filho.
Ele envia sempre o Pai e o Filho. E um dia, enviou o Espírito Santo. (...)
Se eu afirmo, ela se põe a negar e discutimos.
Mas nada novo será criado, se nada diferente intervier na discussão.
Só então algo *novo pode surgir."*[1]

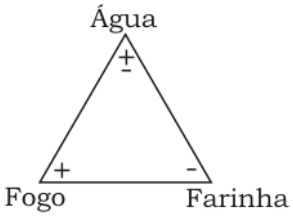
[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. *195.*

Um dos exemplos mais ilustrativos da Lei de Três é o Sol iluminando a Terra. O Sol emite luz e a Terra é opaca. Ele, como força ativa, envia a luz para o espaço e ela a recebe e reflete. A luz, terceira força, só se realiza e pode ser vista quando a emanação ativa encontra uma resistência, sendo impedida de seguir adiante.



Na prática, é preciso distinguir a força do condutor da força, pois uma mesma energia pode atuar como ativa, passiva ou neutralizante.

Gurdjieff costumava ensinar a Lei de Três com o processo de "fazer pão"[1]. Para fazer pão é preciso farinha, água e fogo, nesta ordem. A farinha nessa tríade é o elemento condutor da força *passiva*, o fogo da força *ativa* e a água da força *neutralizante*. A ação das forças ativa e neutralizante deve ser regulada conforme o conteúdo da força passiva, que intervém como elemento estável, permanecendo constante: para uma certa quantidade de farinha, precisamos ajustar o fogo e a água[2] — nas proporções corretas.

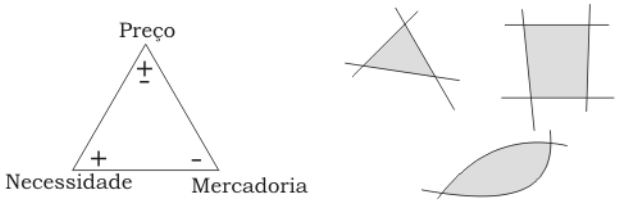


Temos aqui uma tríade do tipo evolutivo, iniciada pela Sagrada Negação, em que o resultado é mais "inteligente" do que o início, ou seja, o ser da farinha foi elevado. Pode-se também associar o pão tanto ao conjunto dos três centros, presença, como ao "trabalho consciente e sofrimento intencional" (Partkdolg-duty)[3], pois além do pão integrar indissoluvelmente três elementos, obtemos nosso pão de cada dia por meio de trabalho e suor[4] — é a mesma tríade.

O que resulta aqui é um novo elemento, como no Tetragramaton. (Yod-Hé-Vau-Hé).

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, pp. 144, 167, 188, 192 (farinha). Ver também p. 345, Fazer Pão neste livro.
[2] Gurdjieff, *Encontros*, (fazer pão) p. 186.
[3] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, pp. 103, 292, 409.
[4] Ver p. 359, A Oração do Senhor.

Numa compra, a mercadoria exposta age como força *passiva*, a necessidade do homem como força *ativa* e o preço como *neutralizante*.



Outro exemplo da Lei de Três é uma superfície 2-D, infinita em duas dimensões, força ativa, para nós teórica, que será algo perceptível ou real quando for limitada pelas linhas, formando então uma *figura* plana.

As Três Forças

Para melhor compreender as 3 forças ou impulsos sagrados, associamos a elas algumas denominações ou palavras-chave:

Força 1	Força 2	Força 3
Força Ativa	Força Passiva	Força Neutralizante
Sagrada Afirmação	Sagrada Negação	Sagrada Reconciliação
Positivo	Negativo	Neutro
Masculino	Feminino	Andrógino
Pai	Mãe	Filho
Yang	Yin	Tao
Branco	Preto	Cinza
Próton	Elétron	Nêutron
Fé	Esperança	Amor

Lembremos que as palavras limitam e traem o verdadeiro significado dos símbolos. Associamos, por exemplo, as forças ativa e passiva a "positivo e negativo", mas não há nisso qualquer conotação moral, como "bem e mal" ou "certo e errado".

Todas as tradições religiosas e esotéricas atribuem a uma Grande Tríade a manifestação do Absoluto ou Deus: Pai-Filho-Espírito Santo, Osíris-Ísis-Hórus, Brahma-Shiva-Vishnu, etc. Apesar de todas as explicações que queiramos dar, a Lei de Três continua um mistério maior.

Tríades

"A tríade é o mais simples sistema multitermo
no qual a mutualidade e o relacionamento
começam a mostrar sua profunda significância para a compreensão
de nós mesmos e do mundo em que vivemos".[1]

A tríade é o sistema no qual, a partir de certa "vontade", um "ser" é transformado por uma determinada "função". Esses três elementos, *vontade*, *ser* e *função*[2] — são os condutores das forças.

A seqüência das forças na tríade é tão importante, que mudando sua posição muda-se totalmente a natureza e o resultado do processo.

Se eu quiser fazer pão, terei de usar os elementos nessa ordem: farinha, água e fogo. Não seria o mesmo em outra ordem como, por exemplo, se jogasse água no fogo e cobrisse com farinha.

Cada força tem sua natureza, mas em cada tríade exerce um papel diferente, conforme sua posição. Se não tivermos o conhecimento certo e não aplicarmos as forças de maneira adequada, o resultado poderá ser diametralmente oposto ao desejado.

Toda tríade tem esta seqüência, que parece óbvia e por isso mesmo não costuma ser levada em consideração:

COMEÇO ⇨ MEIO ⇨ FIM

Com as três forças, ativa, passiva e neutralizante, que chamamos respectivamente de 1, 2 e 3, podemos ter 6 combinações de três posições seqüenciais: 6 tipos de atividade ou tríades fundamentais[3]:

1-2-3 Criação	1-3-2 Interação	3-1-2 Ordem
2-1-3 Evolução	2-3-1 Identidade	3-2-1 Liberdade

Uma sétima combinação, que seria a perfeita integração das forças sem nenhuma seqüência, é uma característica de um mundo superior, que não podemos absolutamente compreender.

Identificar tríades nos acontecimentos à nossa volta é muito difícil por vários motivos. Primeiro, porque não sabemos identificar nem as forças. Depois, porque a Lei de Três está em constante atuação e se desdobra em cadeias de tríades, uma levando a outra ininterruptamente. Por outro lado, quando dizemos que há 6 tríades, trata-se de extrema simplificação que só caberia com exatidão no

---

[1] Bennett, *The Dramatic Universe*, vol. II, p. 100.
[2] Bennett, *O Eneagrama*, p. 27.
[3] Leia mais em Bennett, *The Dramatic Universe*, v. II, pp. 100-128.

Mundo 6, a Galáxia. Poderemos entender isso mais adiante, quando tratarmos de Mundos e Leis[1] e virmos que existem forças puras ou *essenciais*, mas que à medida que os mundos se materializam, manifestam forças de sua própria ordem ou *existenciais*, já não tão conscientes como as originais. À medida que os mundos são criados, vão se formando mais e mais combinações de forças e outros tipos de tríades.[2]

O primeiro passo para a compreensão das tríades é reconhecer a diferença entre as *descendentes* e as *ascendentes*.

A Força 1, como o Absoluto, cria *para baixo*, materializando, e todas as tríades iniciadas pela Sagrada Afirmação ou nas quais esta precede a Sagrada Negação, são *involutivas* ou descendentes.

Ao contrário, as tríades onde a Sagrada Negação precede a Sagrada Afirmação são *evolutivas* ou ascendentes.

"Bem começado é metade feito".[3]

Tríades descendentes (onde a Força 1 precede a Força 2):

1-2-3 Criação
1-3-**2** Interação
3-**1-2** Ordem

Tríades ascendentes (onde a Força 2 precede a Força 1):

2-1-3 Evolução
2-3-**1** Identidade
3-**2-1** Liberdade

Para o presente estudo, as tríades que mais interessam são a Criação (1-2-3) e a Evolução (2-1-3), cujos protótipos são, respectivamente, o Raio da Criação, que materializa as energias, e a Nutrição, que as refina.

Na prática, devemos absolutamente observar com que tipo de força começamos as tríades, ou que força usamos em reposta a determinada situação, pois isso determinará o caráter das tríades que vivenciamos.

Por exemplo, um professor pode dar sua aula ativamente para alunos que o escutam receptivamente, mas deverá se submeter passivamente ao seu dentista.

---

[1] Ver p. 125, Mundos e Leis.
[2] Leia mais em Bennett, *The Dramatic Universe*, vol. II, pp. 100-211.
[3] Pamela L. Travers, discípula de Gurdjieff, em *Mary Poppins*.

O Raio da Criação

O universo, criado por um processo de autolimitação do Absoluto, forma o Raio ou Cone da Criação, numa estrutura com múltiplas ramificações: cadeias descendentes de mundos cada vez mais densos e submetidos a maior número de leis. Cada mundo superior é infinito em relação ao inferior, de modo que só as leis do mundo acima podem explicar a "incerteza" do mundo abaixo.

A sistematização do grande processo criativo no Raio da Criação foi uma contribuição única e pioneira de Gurdjieff para a cosmologia esotérica e científica. Esse conhecimento já existia, porém misteriosamente guardado e codificado, como foi na música por iniciados da era medieval.[1]

[1] Ver p. 100, Guido d'Arezzo.

A Criação segundo Gurdjieff

A criação do Megalocosmo foi algo necessário para fazer frente à ação destrutiva do fluxo do Tempo, o impiedoso Heropass, que fazia diminuir gradual e quase imperceptivelmente o volume do Sol Absoluto, concentração cósmica única, morada de nosso Pai Comum.[1]

Antes disso, o Sol Absoluto já existia e era mantido conforme um sistema Autoegocrata[2], no qual as *forças internas eram independentes,* baseado nas duas leis cósmicas fundamentais da Criação-do-Mundo e da Manutenção-do-Mundo, o sagrado Triamazikamno e o sagrado Heptaparaparshinokh.

Para criar o Megalocosmo, nosso Criador *alterou* o sistema de funcionamento dessas duas leis, tornando-o *dependente de forças extern*as, dando início a um sistema de Manutenção Recíproca, o sistema Trogoautoegocrata.[3]

Tendo no início alterado o funcionamento das leis cósmicas fundamentais, o Criador dirigiu a ação dessa leis ao espaço do universo, como emanação do Sol Absoluto, ação esta chamada Theomertmalogos ou Deus Verbo.

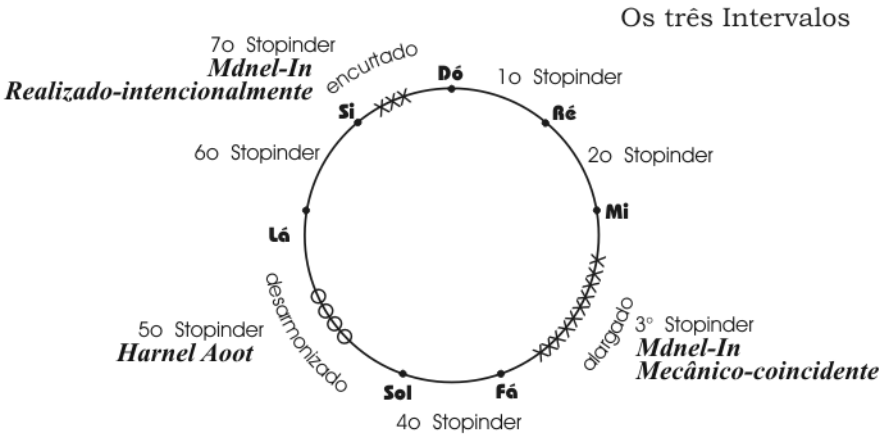
No processo de criação do Megalocosmo, a Vontade Divina participou apenas no início, e a criação subseqüente se fez automaticamente, graças às mudanças introduzidas nas leis fundamentais.[4]

Alteração das Leis

A maior alteração foi feita no Heptaparaparshinokh, nas "ações subjetivas" de três *stopinders*[5]. O Criador alargou o *stopinder* entre a terceira e a quarta deflexão, encurtou o último e desarmonizou o quinto.

---

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, pp. 340-1.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 342.
[3] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, pp.344-5.
[4] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 348.
[5] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 345.



O *stopinder* entre a terceira e a quarta deflexão (terceiro *stopinder*), chamado *Mdnel-In Mecânico-coincidente*, foi alargado a fim de melhor receber o afluxo automático de todas as forças próximas a ele.[1]

O *stopinder* entre a última deflexão e o início de um novo ciclo (sétimo *stopinder*), o *Mdnel-In Realizado-intencionalmente*, foi encurtado para facilitar o começo de novos ciclos quando os processos se completam, dependendo apenas da afluência de forças obtidas do exterior a partir dos resultados da ação da própria concentração cósmica na qual se completa o processo.

Quanto à terceira alteração, a desorganização do quinto *stopinder*, o *Harnel Aoot*, esta ocorreu por si mesma, em decorrência das alterações anteriores, dando origem a uma *assimetria* especial.

Devido a essa assimetria, que desarmonizou seu funcionamento *subjetivo*, o 5º *stopinder* passou a operar de três maneiras distintas:

- se o processo se faz entre muitas vibrações de causas externas, só obtém resultados externos;
- se o mesmo procede em absoluta calma, sem qualquer vibração externa, então os resultados permanecem dentro da concentração onde ocorre o processo, e só podem ser observados do exterior por contato direto;
- se, no entanto, não ocorrer nenhuma das condições extremas acima, os resultados se dividem em internos, para a manutenção do próprio processo, e externos.[2]

---

[1] Ver p. 196,
O Eneagrama e a Escala Diatônica.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, pp. 346-7.

Efeito em Cascata

Como um efeito em cascata, graças à nova particularidade do 5º *stopinder*, as emanações do Sol Absoluto (Dó-Si) começaram a atuar em determinados pontos sobre a substância cósmica primordial, e surgiram certas concentrações definidas (Lá). Depois disso, devido às Leis de Três e de Sete próprias dessas concentrações, da ação de umas concentrações sobre as outras gradualmente começaram a cristalizar-se Sóis-de-Segunda-Ordem (Sol), dando início a uma nova oitava.

Estes sóis passaram também, tal qual o Sol Absoluto, a ter seus resultados transformados e irradiados. Seus resultados, por tríades com o Deus Verbo e todos os demais resultados recém surgidos, gradualmente originaram a formação de cristalizações de diferentes densidades ao seu redor, como Sóis-de-Terceira-Ordem ou planetas (Fá-Mi).

Os planetas, então, devido a uma das peculiaridades do *Harnel Aoot*, passaram a manifestar somente metade de suas forças no mundo exterior, e neste ponto do processo apareceram sobre eles pequenas "similaridades-ao-já-surgido": microcosmos ou micro-organismos. A partir daí, por outra particularidade do 5º *stopinder*, a realização do ciclo fundamental (Grande Oitava) cessou, e a ação desse funcionamento concentrou-se para sempre nos próprios resultados já manifestados, e neles começaram a operar processos permanentes de transformação, chamados "evolução" e "involução".

Graças à lei cósmica de segundo grau "Litsvrtsi"[1], ou "agregação dos homogêneos", passaram a se agrupar nos próprios planetas, a partir das "similaridades-ao-já-surgido", ainda outras formações "relativamente independentes".

Ajudando o Criador

Quando estes seres tricerebrados, formados pela agregação dos microcosmos, adquiriram a possibilidade de mover-se automaticamente sobre os planetas, nosso Pai Comum teve a Divina idéia de usá-los como uma ajuda na administração do Mundo. Para tal, providenciou a esses cosmos a possibilidade de adquirir uma "Razão Individual". A conseqüência dessa atenção divina foi a capacidade da formação neles de *corpos superiores*.[2]

---

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 350.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, pp. 354-7.

Grande Oitava Cósmica e Primeira Oitava Lateral

O Raio da Criação cresce a partir do Absoluto. Seu elo mais novo, a Lua, está nascendo, motivo pelo qual precisa de toda a energia que possa captar.

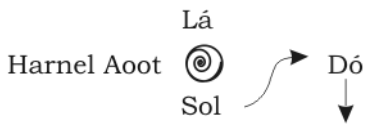
Dó
Si
Lá
Sol → Dó
Fá Si
Lá Sol Fá
Mi Mi
Ré Ré

Conforme a Lei de Sete, a Grande Oitava Cósmica tem seu intervalo Dó-Si preenchido pela Vontade do Absoluto. A energia necessária como choque neste primeiro intervalo está dentro do Dó, e daí tudo prossegue automaticamente até Fá-Mi, onde o Raio perde a força e precisa de um choque externo adicional.

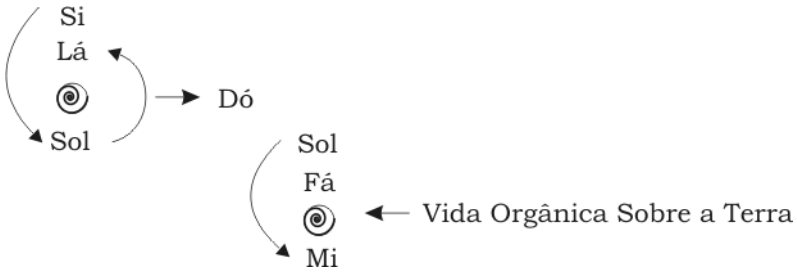
Temos duas representações básicas do Raio da Criação. A primeira, conforme a escala musical, mostra apenas dois intervalos ligando a Grande Oitava Cósmica e a Primeira Oitava Lateral. A seguir veremos por que se diz que a Criação prosseguiu automaticamente até Fá-Mi.

A segunda representação leva em conta o misterioso *Harnel Aoot*, o quinto *stopinder* desarmonizado na alteração das leis, e que tem resultados diferentes conforme o ambiente em que ocorre.

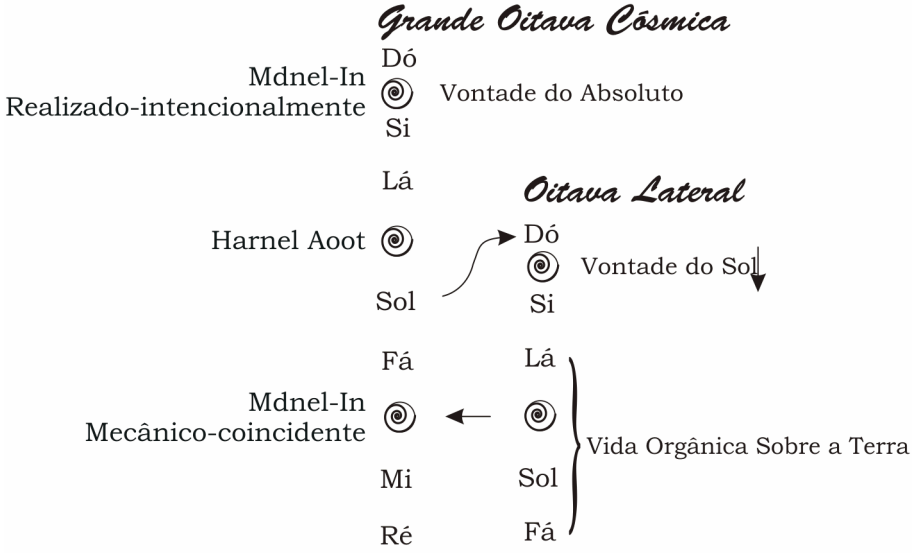
Na Grande Oitava Cósmica, quando o caos exterior ainda era dominante, o *Harnel Aoot* podia facilmente produzir resultados externos, e a passagem Lá-Sol foi implementada com a energia do próprio Sol, num Harnelmiatznel, que produziu uma concentração similar-ao-todo, capaz de iniciar nova oitava.



Entre Lá e Sol há uma grande diferença: a cristalização exterior.



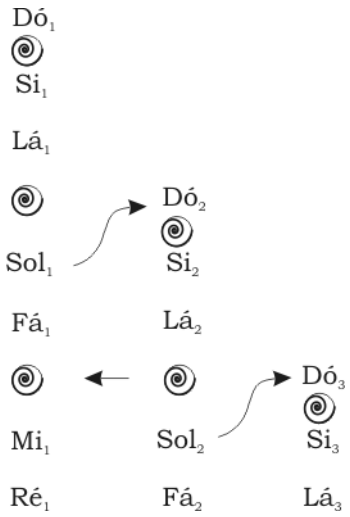
Em certo momento, o Sol da Grande Oitava Cósmica, um *Sol-de-Segunda-Ordem*, ressoa como Dó da Primeira Oitava Lateral (Segunda Oitava Cósmica). É o Sistema Solar. Seus próprios resultados começam a ser transformados e irradiados. Preenchendo o novo intervalo Dó-Si com sua própria Vontade, assim como um Filho que ao atingir a idade responsável inicia nova família, na qual agora é o Pai. A Primeira Oitava Lateral prossegue à semelhança da anterior e dá a esta o choque necessário no intervalo Fá-Mi, possibilitando seu crescimento, com a formação da Terra e da Lua.



Este choque é proporcionado pela *Vida Orgânica sobre a Terra* (Lá-Sol-Fá), que continuamente processa a energia necessária ao desenvolvimento da Terra e da Lua. Compreende o homem, a fauna e a flora.

O Dó da Primeira Oitava Lateral representa o Absoluto para a Vida Orgânica Sobre a Terra. É importante notar que a Vida Orgânica sobre a Terra tem uma nota acima em sua oitava, o Si, que lhe facilita a evolução.

Segunda Oitava Lateral



No entanto, a Oitava Lateral também tem seus intervalos, e precisa de choques para prosseguir.

Ao redor do Sol ($Dó_2$) formaram-se já os planetas, e sobre eles começam a tomar forma os microcosmos. O Sol_2 passa a atuar como $Dó_3$ da Segunda Oitava Lateral (Terceira Oitava Cósmica). Esta oitava, em sua ação sobre a Vida Orgânica sobre a Terra, cria condições e leis para a vida no corpo físico.

A Lua

Gurdjieff se refere ao nascimento da Lua como a Primeira Perturbação Transalpaniana no planeta, quando, devido à colisão com um cometa, dois fragmentos da Terra foram arremessados ao espaço. O maior desses pedaços é a Lua, e o menor, hoje esquecido, é Anulios.[1]

Como um grande organismo vivo, o Raio da Criação está em pleno crescimento. A Lua ainda não está completa e, como um feto da Terra, precisa ser constantemente alimentada com energias adequadas, basicamente fornecidas pela Vida Orgânica sobre a Terra, um grande organismo transformador e transmissor de energia através do Raio da Criação.

O $Dó_3$, da Segunda Oitava Lateral, evidentemente influencia a oitava abaixo, mas sua autoridade sobre o Homem não é absoluta —

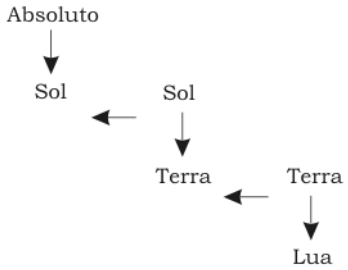
[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, pp. 81-6 Capítulo 9.

sua ação não ultrapassa a Terra. O homem pode escapar a essas leis através do trabalho sobre si e da formação de corpos superiores.

A intervenção direta do Dó$_3$ na vida humana se faz por meio da atração sexual, um tipo de "amor"[1] bastante automático, o nível mais rudimentar de consciência da necessidade de união, reunião e retorno. É o símbolo encarnado da necessidade de religação com os centros superiores.

Três Máquinas

Pela transformação do sistema Autoegocrata (forças independentes) em Trogoautoegocrata (interdependente) a Criação assegurou a Existência e o Retorno. A introdução de imperfeições ou "erros" nas leis fundamentais desencadeou as duas correntes da existência material e pôs em movimento um sistema interdependente de *Manutenção Recíproca*.



"Cada um desses pontos é um Dó.
Entre esses quatro pontos, há três oitavas: Absoluto-Sol, Sol-Terra,
Terra-Lua. No interior dessas oitavas, em três lugares,
há como que três máquinas cuja função é fazer Fá *passar a* Mi.
Ao longo da escada cósmica, o choque necessário, no nível do Fá,
deve vir do exterior, e o choque necessário, no nível do Si,
vem do interior do Dó. *Por esses choques se efetuam a involução,*
de cima para baixo,
e a evolução, de baixo para cima."[2]

Na Criação, o *Harnel Aoot* é preenchido pela Vontade do Sol (Dó-Si) que, prevendo a necessidade de um *choque mecânico* no intervalo Fá-Mi, se desdobra na criação de *mecanismos de ajuda* que

[1] Ver p. 133, Amor.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 196.

participam automaticamente da manutenção recíproca. A dinâmica da Criação pode ser melhor compreendida com o eneagrama[1].

Mundos e Leis

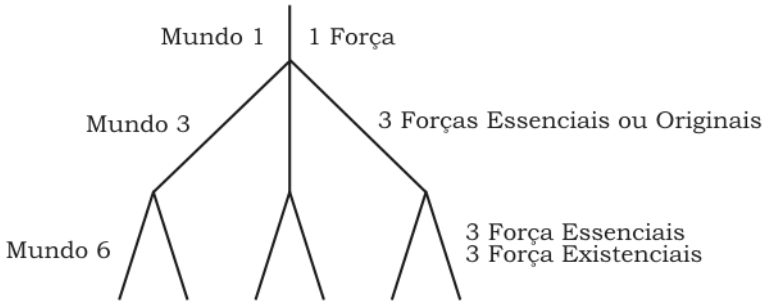
No Absoluto, que chamamos Mundo 1, as três forças são uma só, formando um todo independente, com Vontade, Consciência e Compreensão plena de si mesmas e de tudo o que fazem, como a tradicional Trindade dos ensinamentos religiosos, consubstancial e indivisível.

Quando o Dó cria o Si, Mundo 3 ou Siderus, as três forças continuam a agir, porém há uma separação. Deixam de formar um todo e agora existem três unidades.

> *"Cada uma das três forças contém em si mesma a possibilidade das três, mas, em seu ponto de encontro, cada uma delas só manifesta um princípio: o ativo, o passivo ou o neutralizante."*[2]

Os pontos de manifestação são determinados por uma vontade separada.

A seguir, a Galáxia, ou Mundo 6, manifesta três novas forças, de sua própria ordem, ditas *existenciais*, que atuam em conjunto com as três forças originais, *essenciais,* vindas de cima. Surgem então 6 ordens de leis, cuja natureza depende da seqüência em que as forças se manifestam; são as 6 *tríades fundamentais*.

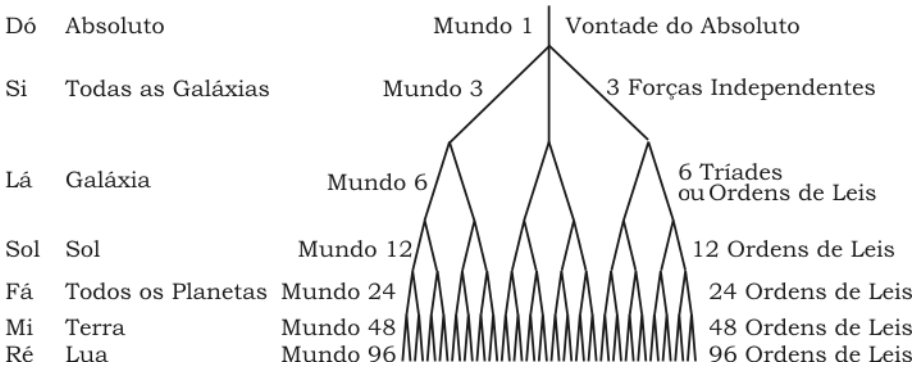


O Mundo 12, o Sol, manifesta mais 6 leis de sua própria ordem, que passam a atuar junto com as 6 anteriores, formando 12 ordens de leis ou restrições. Assim, subseqüentemente, vão sendo criados novos conjuntos de forças de outras ordens, cada vez mais mecânicas, cada vez mais afastados da Vontade Divina: os Mundos 24, 48 e 96.

---

[1] Ver p. 261, Eneagrama das Energias.
[2] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 100.

"A densidade seguinte será 12, e, num ponto determinado,
a matéria atingirá uma densidade de 48.
Isso significa que essa matéria é quarenta e oito vezes mais pesada,
quarenta e oito vezes menos inteligente e assim por diante.
Podemos conhecer o peso de cada matéria, se conhecermos seu lugar.
Ou, inversamente, se conhecermos seu peso,
conheceremos o lugar de onde provém essa matéria."[1]



Energias

Com o processo de cristalização progressiva dos mundos, é criada toda uma escala de energias ou substâncias cada vez mais densas. As energias mais finas, dos mundos superiores, penetram e permeiam os mundos abaixo. Gurdjieff chama as energias de Hidrogênios.

Hidrogênio (H) é o nome genérico da energia, quando não levamos em consideração a força que ela conduz, e sim sua densidade. Do ponto de vista da força que conduz, cada energia pode ser denominada C, O ou N.[2]

H	Hidrogênio	a energia em si, conforme sua densidade
C	Carbono	quando conduz a força Ativa
O	Oxigênio	quando conduz a força Passiva
N	Nitrogênio	quando conduz a força Neutralizante.

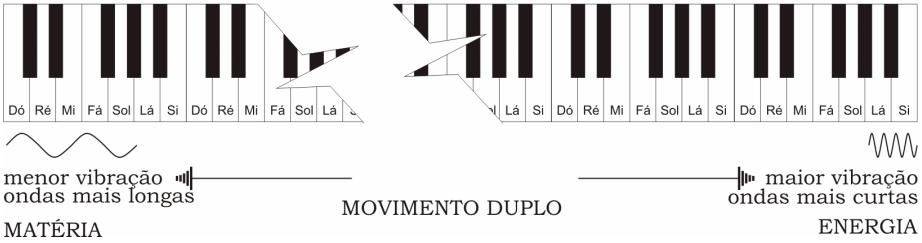
A *atuação* de cada hidrogênio como positivo (C), negativo (O) ou neutralizante (N) e sua *posição* diferente em cada tríade são fatores fundamentais nos processos de Nutrição, que formam a principal escala ascendente ou evolutiva na transformação das energias.

---

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 206.
[2] Como no Tetragramaton, 3 passa a 4, sendo 3 relacionado às *forças* e 4 à *matéria*.

Essas denominações H, C, O e N correspondem aos aspectos ou estados das substâncias. Por exemplo, a água é uma substância que pode assumir três estados: sólido, líquido e vapor.

Gurdjieff ensina uma química especial[1], uma alquimia na qual o "átomo" das diferentes substâncias não é o mesmo e depende do estado da substância. Essa química se aproxima mais da física, explicando todos os tipos de matéria e energia em função das vibrações.



Observando o paralelismo entre as energias e os diversos mundos[2], podemos classificá-las por ordem de densidade: H1 é energia do Mundo 1, H3 do Mundo 3, H6 do Mundo 6, H12 do Mundo 12, etc.

Dominus	Dó 1		
Siderus	Si 3		
Láctea	Lá 6		
	→	Dó 6	
Sol	Sol 12	Si 12	
Planetas	Fá 24	Lá 24	
	←	←	Dó 24
Terra	Mi 48	Sol 48	Si 48
Lua	Ré 96	Fá 96	Lá 96

H12 é um átomo do corpo do Sol, e assim por diante. Mas essa classificação não é absoluta, e sim *relativa* para cada ser. A cada ser corresponde um certo espectro ou faixa de energia, que determina sua posição no Raio da Criação. Por isso, ao tratarmos dos níveis de energia, usamos *escalas móveis*, que variam conforme o ser em questão. Para um pedaço de madeira o Absoluto é o fogo.[3]

Agora vejamos o Homem.

Considerando que temos três tipos de alimento, deduzimos que correspondem a três corpos diferentes ou três mundos em que vivemos, abrangendo, pois, três escalas de hidrogênios.

---

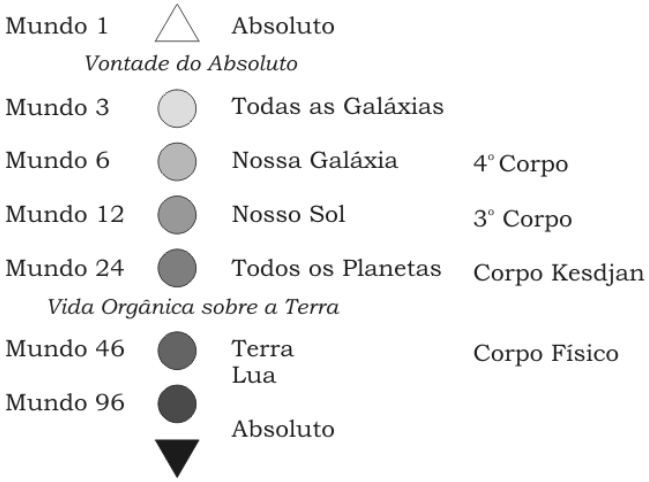
[1] Ouspensky, *Fragmentos*, pp. 111-2.
[2] Ver p. 261, Eneagrama das Energias.
[3] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 314.

Essas três escalas fazem parte de um conjunto de doze escalas, denominado "Tabela de Hidrogênios", com hidrogênios cujas densidades vão de 6 a 12288. São as *doze categorias de matéria* que se distribuem do Absoluto à Lua[1].

Usamos como "Escala do Homem" a gama de matérias entre H6 e H3072. Cada *Hidrogênio* abrange um número imenso de substâncias diferentes, representando no homem um "grupo cósmico" definido detentor de uma mesma função. Entre todos os elementos da Vida Orgânica sobre a Terra, apenas o homem utiliza ou pode utilizar em sua integralidade todos os hidrogênios desta escala, para o desenvolvimento completo de sua personalidade.

H6	Substância utilizada pelo centro intelectual superior
H12	Substância utilizada pelo centro emocional superior, pelo centro sexual, pela parte positiva do centro emocional inferior e pelo centro magnético;
H24	Substância utilizada pelo centro motor e pela parte negativa do centro emocional inferior — impressões que atraem a atenção e deixam vestígio
H48	Substância utilizada pelo centro intelectual inferior — impressões comuns
H96	Magnetismo animal, fogo do sangue. Ar rarefeito das grandes montanhas
H192	Ar comum, gases pesados, líquidos voláteis, sangue sem fogo
H384	Água, líquidos pesados
H768	Terra, alimentos sólidos
H1536	Madeira, fibras
H3072	Metais, minerais, pedra

Resumindo, temos o seguinte esquema do Raio da Criação em conjunto com os MUNDOS, as leis e os corpos do homem:



[1] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 201.

Nutrição

"... tudo come algo e é comido por algo.
A Terra tem emanações, o Sol também tem emanações,
e essas emanações são matéria."[1]

Em nosso universo Trogoautoegocrata, a importância da Nutrição na *evolução* é a mesma do Raio da Criação na *involução*.

As Três Oitavas da Nutrição

Alimento Físico		Ar		Impressões	
Si	H12				
Lá	H24				
		•••		← Dó	H48
Sol	H48	Mi	H48		
Fá	H96	Ré	H96		
•••		← Dó	H192		
Mi	H192				
Ré	H384				
← Dó	H768				

A nutrição através do corpo físico se faz em três oitavas que se superpõem e interagem. O homem absorve três espécies de alimento — o alimento *sólido e liquido*, o *ar* e as *impressões* — e cada um deles dá início a uma oitava, constituindo um choque no primeiro intervalo da oitava anterior.

De acordo com a Lei de Sete, o alimento comum não poderia prosseguir seu processo de transformação se não houvesse uma intervenção externa no primeiro intervalo, entre Mi e Fá. Aí entra o Dó 192 da oitava do Ar, a segunda oitava, e quando esta atinge o intervalo Mi-Fá, entra o Dó 48 da oitava das Impressões, a terceira oitava[2].

---

[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 187.
[2] Ver p. 262, Nutrição e Energias.

No *homem comum*, a primeira oitava alimentar compreende sete níveis de hidrogênios (do H768 ao H12), a segunda três níveis (do H192 ao H48) e a terceira geralmente apenas um nível (H48).

Para o homem comum, adormecido, a primeira oitava pode ser completada até o Si 12 — a energia mais fina que o organismo elabora sem Trabalho interior, porque já há em seu organismo algo superior que ajuda nesse Harnelmiatznel. A segunda oitava tende a parar no Mi 48 e a terceira soa como um Dó 48 geralmente tão fraco que não consegue impulsionar a nutrição mais além.

A segunda oitava, a Respiração, é iniciada sem esforço intencional, como um choque adicional no *Mdnel-In Mecânico-coincidente* da primeira oitava. Como vimos, no Raio da Criação foram criadas "três máquinas" para preencher automaticamente os intervalos entre Mi e Fá. Esse choque se faz no homem, como uma dádiva da natureza, Providência ou Graça — mas, verdade seja dita, a natureza tem interesse nisso.

Após a respiração, a primeira oitava já não tem dificuldade em prosseguir. No entanto, o interesse da natureza só vai até a simples completação da Vida Orgânica sobre a Terra, com a produção de alimento para a continuidade do Raio da Criação, a Lua.

O intervalo seguinte não recebe choque automático. O desenvolvimento do homem além desse ponto passa a ser de interesse exclusivo dele mesmo — o individuo, que poderá, *se quiser*, servir de auxílio ao Criador, nos ramos superiores do Raio da Criação. Este intervalo é *Harnel Aoot* do homem, onde ele pode usar seu livre-arbítrio e escolher conscientemente servir ao Sol. Se não usar seu livre arbítrio para escolher conscientemente, estará, por omissão, escolhendo servir à Lua.

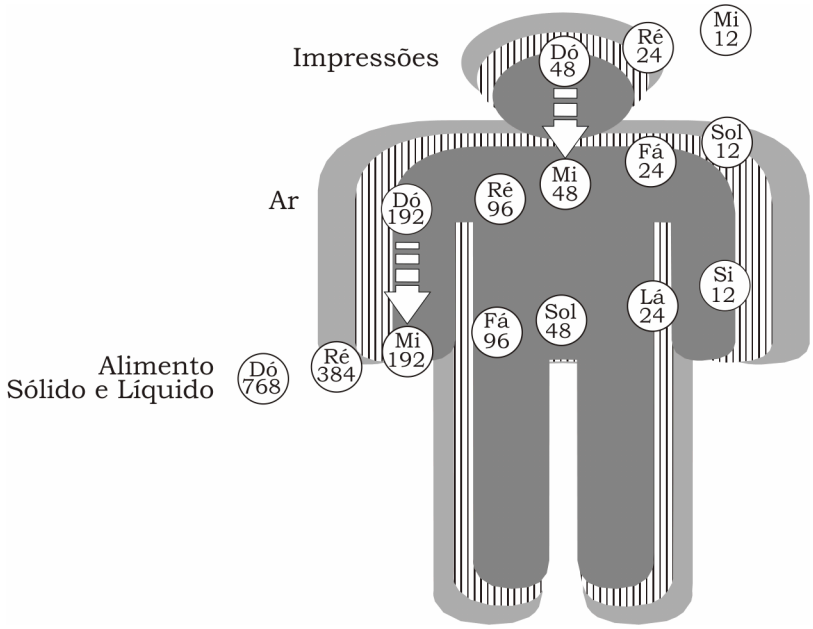
É nesse ponto que precisamos despertar.

	Alimento Físico		Ar		Impressões	
	Si	H12	Sol	H12	Mi	H12
	Lá	H24	Fá	H24	Ré	H24
			•••		← Dó	H48
	Sol	H48	Mi	H48		
	Fá	H96	Ré	H96		
	•••		← Dó	H192		
	Mi	H192				
	Ré	H384				
←	Dó	H768				

Um terceiro Dó fraco é o mínimo de Impressões a que o homem está automaticamente sujeito; corresponde à Graça na segunda oitava, a oitava do Ar. Mas sua força mecânica não basta para impulsionar a primeira oitava, que está em seu *Harnel Aoot*. Para que esse intervalo seja vencido, é necessário que haja consciência, através

da *lembrança-de-si* e da *constatação* das impressões no momento em que são recebidas. Fortalecendo-se o Dó 48, as oitavas dos três primeiros corpos, terão 7, 5 e 3 notas respectivamente.

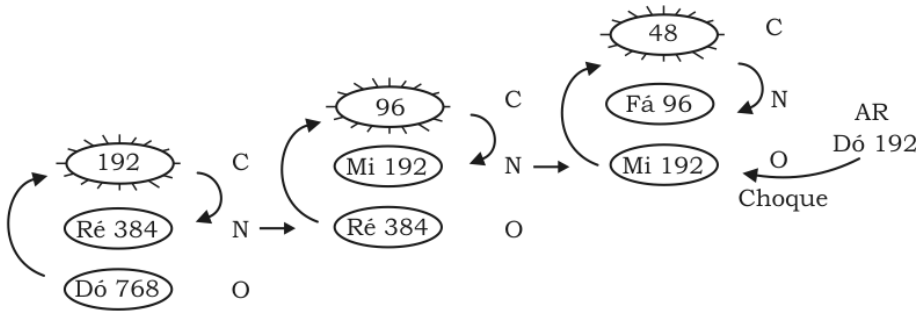
A terceira oitava, das Impressões, tem seu intervalo mecânico em Mi 12 e conta com alguma ajuda, pela lei da "agregação dos homogêneos"[1], podendo auxiliar a segunda oitava, do Ar, a formar o Lá 6, que é a continuidade mais provável nesta situação, podendo já esta energia fazer parte do quarto corpo, embora ainda muito volátil.



Conforme a Lei de Três, pelo processo Harnelmiatznel, em que o superior se une ao inferior para formar o do meio, o alimento introduzido pela boca, inicia a escala ascendente como Dó 768, entrando no organismo como *Oxigênio*, força passiva. Encontrando um *Carbono* de densidade 192, força ativa já presente no organismo, forma o *Nitrogênio* 384, no caso Ré 384.

Nota-se a necessidade de ajuda: o Dó 768 só se metaboliza a partir de uma substância mais fina que *já existia* no organismo, o que confirma o mistério alquímico — "*é com ouro que se faz ouro*". O homem pode evoluir porque *já tem* dentro de si elementos superiores.

[1] Ver p. 120, Litsvrtsi.



SÓLIDO E LÍQUIDO

O Ré 384, *Nitrogênio* da primeira tríade, torna-se *Oxigênio* na tríade seguinte, ou seja, entra agora como substância passiva a ser processada (o mesmo *Hidrogênio* passa a conduzir a força 2). Encontrando no organismo o *Carbono* 96, transmuta-se em *Nitrogênio,* Mi 192.

O Mi 192 encontra então o intervalo Mi-Fá e precisa sofrer transmutação. Passa a ser um *Oxigênio,* condutor da força passiva, mas depara-se com o intervalo Mi-Fá, não encontrando logo no organismo a necessária força superior que o processe. A Digestão não iria adiante sem o choque complementar da Respiração, quando o Ar penetra os pulmões como Dó 192. Este Dó 192, em contato direto com o Mi 192, lhe dá uma parte de sua energia, para que seja capaz de unir-se ao *Carbono* 48 já existente no organismo e assim formar o Fá 96.

Daí em diante tudo se processa de maneira análoga, obedecendo simultaneamente à Lei de Três e à Lei de Sete. Todo esse processo fica mais fácil de compreender com o eneagrama.[1]

Lembremos que este é um processo de *evolução,* que toda evolução deixa resíduo, e que as correntes ascendente e descendente funcionam conjuntamente. A cada nota é feita uma triagem do que pode ou não continuar a se refinar.

A interação com a escala descendente não só trata dos resíduos, como também da formação de novas matérias conforme as necessidades de crescimento ou reposição do organismo.

A partir do Fá 96 começam a ser transmutadas as substâncias que a ciência comum não explica. Fá 96 corresponde ao magnetismo animal, ou sangue oxigenado, com vida. Sol 48 é energia do centro intelectual inferior. Lá 24, energia do centro motor em todos os seus aspectos, já reflete as influências da qualidade dos alimentos ingeridos e a diferença entre alimentação quente ou fria.

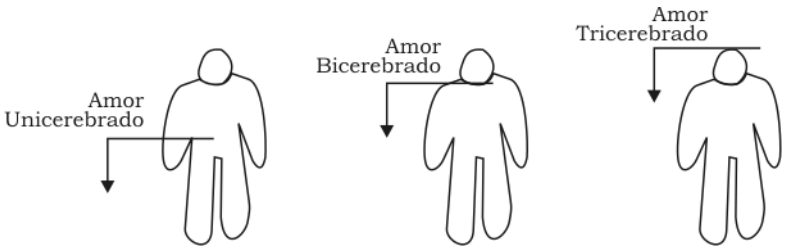
[1] Ver p. 262, Nutrição e Energias.

AMOR

Si 12, energia sexual, é a mais fina substância que o organismo humano pode fabricar a partir do alimento comum e do ar. Essa energia poderosa e polivalente pode ser usada de diversas maneiras. A mais natural é o próprio processo reprodutivo, com a criação de outro corpo físico, a partir do Dó 6, ou seja, outro indivíduo. Na maioria das vezes essa energia é roubada por outros centros e usada principalmente para a elaboração de emoções negativas. Mas também pode ser usada de uma terceira maneira: para acelerar a formação dos corpos superiores.

Como nas três oitavas da nutrição no homem, podemos observar três níveis de amor em relação ao corpo físico: amor físico, amor afetivo e amor mental — facilmente associados às notas Si 12, Sol 12 e Mi 12.

Um homem e uma mulher podem se amar da cintura para baixo (amor animal, de um só centro, de baixo nível), do pescoço para baixo (amor animal de dois centros, como nos mamíferos), ou com todo o seu corpo (amor de três centros, humano). Meu pai dizia que Deus foi sábio, ao colocar o coração acima da barriga e a cabeça acima do coração.



Quando o homem funciona a nível verdadeiramente humano, o acorde Mi-Sol-Si 12 ressoa em seus três centros — isso nos dá uma idéia do que podemos começar a chamar de Amor. Os acordes Ré-Fá-Lá e Mi-Sol-Si são acordes menores (Ré menor e Mi menor), fato este altamente significativo.

Só acima disso pode começar algum tipo de amor para o qual precisamos de corpos superiores, como o amor fraternal, o amor pela humanidade e o amor crístico.[1]

"... não nos esqueçamos, trata-se de um organismo e não de um mecanismo."[2]

---

[1] Orage, em seu ensaio *On Love,* fala em três tipos de amor: o amor físico, o amor emocional e o amor consciente.

[2] Mouravieff, *Gnôsis*, vol. III p. 147.

Parte II – O Eneagrama

Origens

As origens do Eneagrama são desconhecidas.

Muita pesquisa tem sido feita e nada foi encontrado antes de Gurdjieff, que disse havê-lo trazido de uma fraternidade oculta da Ásia Central.

Há vestígios da Lei de Nove, mas não do eneagrama, na literatura antiga e medieval (Plotino[1] e Kircher[2]), na kabbalah, na arquitetura religiosa e em círculos arqueológicos de nove pedras.

Alguns tentam atribuir o Eneagrama a origens sufi; no entanto, além de ser esta uma fonte muito recente, na verdade baseia-se no octógono.

Gurdjieff, que afirma ser seu ensinamento completamente independente e autônomo, passou esse ensinamento oralmente. Poucos de seus discípulos deixaram algo escrito a respeito: Orage, Bennett, Nicoll e Mouravieff (sobre o qual não temos registro de ter sido discípulo direto de Gurdjieff).

Consta que em seu apartamento em Paris[3] ainda estão dois painéis com eneagramas que usava para ensinar, provavelmente na forma descrita neste livro para a Dança das Oitavas.[4]

> *"Em prosseguimento, houve uma conversa solene sobre os dois eneagramas na parede do salão — traçados de improviso, um em azul e outro em vermelho, sobre um vidro montado em veludo preto."*[5]

Mouravieff, por sua vez, traz a público outro Eneagrama, o Eneagrama do homem pré-adâmico[6] e, embora tenha sido reticente sobre suas fontes, menciona o Monte Atos, que também foi mencionado por Gurdjieff.

---

[1] Plotino (III século), nascido e criado no Egito, tem um conjunto de livros organizados em 9 grupos de 6, as *Enéadas*.
[2] Athanasius Kircher (1601-1680), nascido na Alemanha.
[3] 6, rue des Colonels Renard.
[4] Ver p. 270, A Dança das Oitavas.
[5] Hands, *Diary*, p. 6.
[6] Ver p. 369, homem pré-adâmico.

Finalmente, o fato mais interessante é que em sua trilogia A&E Gurdjieff não usa a palavra “eneagrama”. Apesar disso, o conjunto de sua obra e cada série em particular se ajustam perfeitamente ao processo do Eneagrama.[1]

[1] Bernier, *Gurdjieff, His Life*.

Eu Sou

Eu sou o Eneagrama

Eu sou um símbolo que encerra conhecimento e poder. Represento os processos cíclicos de transformação. Posso ajudá-lo a ver dentro e fora de si mesmo.

Eu sou Mágico

Posso acionar forças desconhecidas, que agem de acordo com as leis universais da Criação-do-Mundo e da Manutenção-do-Mundo. Minha forma gera energia espontânea quando contemplada traçada, imaginada, estudada, adivinhada, representada, dançada...

Eu sou o Caminho

Indico o caminho da transformação e do desenvolvimento harmonioso do Homem.

Eu sou uma Ferramenta

Sou ferramenta universal para a resolução de problemas relativos ao ser e à ação. Sou útil na pesquisa e descoberta de coisas e idéias novas e na compreensão das conhecidas. Posso ser aplicado tanto a assuntos da vida interior, como aos da vida exterior e material. Sou instrumento de planejamento e execução, induzindo o exame e a definição de todas as etapas necessárias ao desenvolvimento de um processo de transformação. Sou auxílio no autoconhecimento, na psicologia e nas relações interpessoais.

Eu sou Um

Represento a unidade na multiplicidade, a unidade cíclica ou recorrente, o tempo e a eternidade. Sempre sugiro transformação. Seja em processos dinâmicos, como um sistema ou uma função, seja

em dados estáticos organizados, na classificação hierárquica ou na representação sistêmica.

Eu sou Dois

Sou simétrico em relação a uma linha vertical invisível, que corresponde ao fogo da transformação. Veja-me como se eu fosse você mesmo, não num espelho, mas como outro ser o vê, ou como você veria o seu próximo. Meu lado esquerdo — que você vê à direita — pode simbolizar o intelecto, a mente, a razão, a lógica, o mundo das idéias, o passado, o já experimentado, a introversão, o interior. Meu lado direito pode simbolizar o emocional, o mundo da realização, o artístico, o social, o amor, o futuro, a extroversão, o exterior. Posso ser visto e interpretado como os dois hemisférios cerebrais, como consciente e inconsciente, como Yin e Yang.

Eu sou Três

Minha dualidade, a simetria bilateral, é neutralizada pela linha vertical central, formando uma tríade equilibrada, tal como os dois hemisférios cerebrais e a medula espinhal. Represento a essência da Lei de Três. Englobo a atividade das sete tríades. desde a tríade perfeita até as tríades de criação, evolução, identidade, interação, ordem e liberdade .

Eu sou Três e Quatro

Sou formado por três partes (círculo, tríade e héxade) que são quatro, se consideramos o ponto central implícito, que simboliza o Imanifestado. O círculo, como primeira limitação do Absoluto, simboliza a existência e a recorrência cíclica. O triângulo simboliza a Lei da Criação. A héxade simboliza a Lei da Oitava, o funcionamento.

Eu sou Música

Meus nove pontos correspondem às sete notas (Dó-Ré-Mi-Fá-Sol-Lá-Si) e dois intervalos (Mi-Fá e Si-Dó) de uma oitava musical. Porém eu tenho mais do que apenas uma oitava musical. Tenho a melodia, a harmonia e o ritmo.

Eu sou Completo e Sem Fim

Através das leis universais da Criação e da Manutenção do Mundo, sou modelo de todos os processos cíclicos de transformação em todas suas fases e contenho todos seus detalhes em meus próprios insuspeitados detalhes. Pense no muito que existe sob as

profundezas de minha aparência singela — tenho muitos níveis e muitas dimensões. Quanto mais você procurar, mais vai encontrar!

Eu sou Espiral e Transcendental

A cada fim corresponde um novo início. Tridimensional em cada ciclo, represento as três oitavas da Criação. A Grande Oitava se inicia no alto do triângulo e é completada na primeira volta. A segunda e a terceira oitavas entram nos outros dois vértices do triângulo, respectivamente, no sentido horário. Para depois iniciar-se uma nova Grande Oitava no vértice superior — se tudo correu bem, já num plano acima. Nunca esqueça que cada vértice do triângulo é um ponto de contato com o exterior e, por isso, um ponto de choque!

Eu sou Dinâmico

Sou o próprio movimento, e sou mais que movimento. Sigo ao mesmo tempo o ciclo cronológico e um ciclo atemporal interior de funcionamento. Em cada ponto já estou adiante, e evoco etapas anteriores em *feedback* pelos arcos do círculo, pela héxade, ou pelas linhas internas. Nunca estou parado. Represento a existência e, portanto, as constantes e permanentes mutações de tudo que é manifestado e realizado.

Eu sou Sagrado como a Vida

A geometria sagrada e as sagradas proporções que me constituem falam aos que podem ouvir e mostram aos que podem ver: realidades objetivas que influenciam até mesmo aqueles ainda não tocados por esta compreensão. Meu desenho contém elementos e relações que só poderão ser inteiramente compreendidos por revelação direta, em estados superiores de consciência.

Represento todos os processos que se mantêm por auto-renovação.

Eu sou a Verdade

"Conhecereis a Verdade,
e a Verdade vos libertará."[1]

Mesmo que você não me compreenda hoje inteiramente, é possível que sinta — não em sua mente, mas em seu coração — e então poderá intuir algo secreto em que poderá confiar e ter fé.

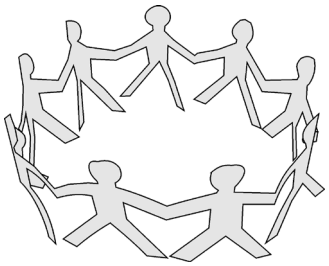
[1] João 8: 32.

Eu Sou

Sonhos

"O eneagrama é o movimento perpétuo (...) que os homens buscaram
desde a mais remota antigüidade, sempre em vão.
E não é difícil compreender por que não podiam encontrá-lo.
Buscavam fora de si mesmos o que estava dentro deles;
e tentavam construir um movimento perpétuo como quem constrói
uma máquina, quando o movimento perpétuo é parte de outro
movimento perpétuo e não pode ser criado fora deste.
O eneagrama é um diagrama esquemático do movimento perpétuo,
isto é, de uma máquina de movimento eterno.
Mas é claro que é necessário saber como ler esse diagrama.
A compreensão desse símbolo e a capacidade de utilizá-lo
dá ao homem um poder muito grande.
É o movimento perpétuo e também
é a pedra filosofal *dos alquimistas."*[1]

Ciranda no Céu



Sonhei que o eneagrama era uma Ciranda, em que nos dávamos as mãos e rodávamos, brincando de roda no céu. Cada ponto tinha um boneco e todos se davam as mãos.

O boneco do 8 era como um homenzinho de chumbo meio derretido, que foi se derretendo um pouco mais, de mão dada comigo e com o 9, que dava a mão ao 1... Ao mesmo tempo em que estava

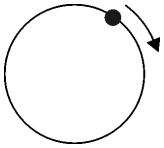
[1] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 336.

ainda faltando algo do 1 do ciclo anterior, faltava também algo do 1 do próximo ciclo.

E a gente ficava oscilando do 8 ao 9, do 9 ao 8, do 8 ao 9, tentando pegar embalo para passar ao 1. Como se já tivesse que existir matéria do próximo ponto para que se fizesse qualquer passagem.

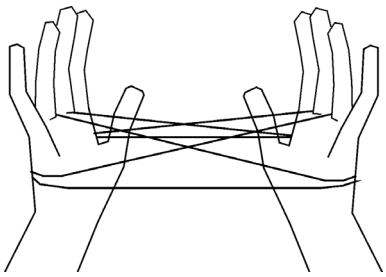
Esta situação parecia sugerida a um amigo meu, que "*queria passar do 8 ao 9, mas faltava algo do 1*". Também se aplicava a mim. É interessante: tudo que vejo para meus amigos, também é para mim!

Colar Ensaboado

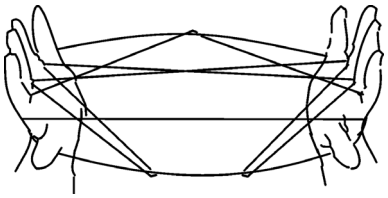


Outra vez sonhei que o eneagrama é ensaboado. Pois roda deslizando suavemente, em constante movimento. Vi-o como um colar, um fio de metal em círculo fechado, firme, com uma bolinha de metal enfiada, que desliza doce e facilmente, tendendo a parar nas estações onde estão os números. Ela precisa completar o círculo, mas desliza também, ao mesmo tempo, pelas linhas da héxade.

Cama de Gato

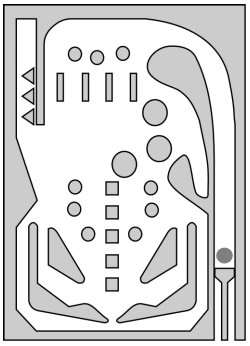


Olhando a figura da héxade me vêm à memória os jogos infantis, epecialmente a "cama-de-gato". Há uma antiga tradição e um reflexo das leis cósmicas fundamentais por trás dessa brincadeira. Atualmente, parece que ainda resta algo dessas leis, por exemplo, nos desenhos de areia dos tibetanos e dos navajos. Mas basta olhar certas configurações do barbante entre os dedos e brincar um pouco, para termos idéia de como funciona a héxade, em suas linhas mentais, mudando e se reorganizando a cada instante.



FLIPERAMA (*Pinball*)

Desta vez é um fliperama. Começando pela força com que puxamos a alavanca de partida, temos possibilidade de dar tapas nas paletas, em determinados locais (pontos de choque), para impulsionar a bolinha de metal, que vai cumprir certo roteiro e bater em certos marcos, assim contando pontos para o jogo. Tudo num determinado limite de tempo.



A força e a oportunidade dos impulsos (Lei de Três), e algum outro fator (Lei de Sete) de movimento natural (da máquina, do processo, ou mesmo nosso), e ainda a *sorte* ou *bias* da máquina (Lei do Acidente) — fazem a diferença.

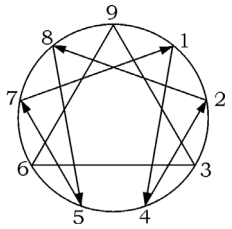
Podemos ganhar o jogo com escores variados, alguns dos quais dão direito a "outras vidas" de graça. Podemos perder, se o tempo esgotar — *jogo terminado* — antes de alcançada a meta básica. Então volta tudo atrás, à posição de descanso ou espera. Se tivermos mais fichas, é possível recomeçar e apostar novamente.

Podemos ficar presos em círculo vicioso (recorrência, sono), acreditando estar jogando, quando o jogo terminou e não notamos. Pois entre cada rodada, a máquina fica ligada em compasso de espera, na qual um jogo padrão roda sozinho. Nesse intervalo, crianças pequenas, sem ficha, podem ter a ilusão, de estar jogando, o que economiza dinheiro dos pais.

Por que jogamos fliperama? Parece bom, quando jogamos conscientemente, para nos divertir, para treinar situações de alerta, de impasse, de luta. Quando as fichas são pagas do nosso próprio bolso, e respeitamos os limites de tempo e dinheiro de que dispomos para apostar. Parece mau, quando não bancamos as apostas, jogando com dinheiro alheio. Ou quando embarcamos na mania e, perdendo ou ganhando, queremos jogar mais e mais, esquecendo o tempo, narcotizados, esquecendo nossa própria existência.

Quem sabe o fliperama nasceu do eneagrama?

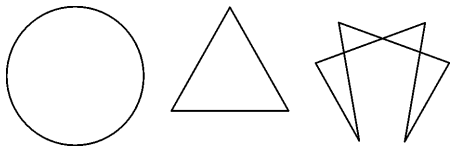
Estrutura Gráfica



O eneagrama é uma figura absolutamente única, tanto do ponto de vista geométrico como algébrico, mas é único principalmente sob o ponto de vista simbólico. É, por excelência, o diagrama da Lei Única, entrelaçando as duas leis cósmicas fundamentais, o sagrado Heptaparaparshinokh e o sagrado Triamazikamno, ou Lei de Sete e Lei de Três.

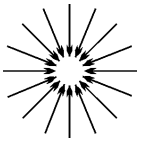
Este símbolo composto faz jus ao nome que lhe foi dado, proveniente do grego, em duas partes — *ennea* (εννεα): nove, e *gramma* (γραμμα): letra, sinal ou marca.

Dividindo o círculo em nove partes iguais, difere do *eneágono*, polígono regular, pela estrutura interna alterada, responsável por seu simbolismo transcendental.



Sua estrutura complexa, essencialmente tríplice, corresponde aos três centros do homem, como ser tricerebrado. Corresponde também os três aspectos básicos do *tempo* percebidos de forma diferente por cada centro do homem. São três partes, que são quatro, se considerarmos o ponto central como parte zero. No círculo o tempo flui cronologicamente, na héxade vai para trás e para a frente através da mente, e no triângulo corresponde à eternidade.

O PONTO

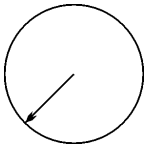


O ponto central, implícito e invisível, símbolo da Unidade, é a única *realidade*, verdadeira e independente. Não está sujeito ao espaço ou ao tempo, ou a lei alguma de nosso universo existencial. É para ele que tendemos, no processo de auto-aperfeiçoamento e unificação (Amor).

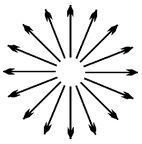
"...os caminhos que levam ao conhecimento da unidade dirigem-se para ela como os raios de um círculo convergem para seu centro; quanto mais se aproximam do centro, mais se aproximam uns dos outros."[1]

O CÍRCULO

O círculo simboliza o tempo em seu aspecto cronológico de recorrência cíclica. O Absoluto, ao manifestar-se, cria um reflexo de si mesmo, expandindo-se na unidade do raio. Na existência, o tempo limita e delimita, formando caminho e dando direção, embora circular e cíclica. O círculo é a única figura bidimensional que pode ser definida por uma só medida: o raio.



Na verdade, tudo continua o mesmo, pois o *tamanho* do círculo depende somente da escala e da comparação com outros corpos. Criado a partir do raio, uma reta orientada, sugere o primeiro movimento do Imutável, formando a *dualidade* como uma *respiração*, na qual o ponto central se expande e se contrai sem perder a figura de mandala primordial. Aí está impressa a idéia de fluxo e refluxo, e a própria expansão sugere o retorno.



Essa expansão também já traz a noção de *multiplicidade*, pois a circunferência é formada por um número infinito de pontos igualmente distantes do centro. A expansão dos pontos sugere a existência de vários Raios da Criação em infinitas dimensões.

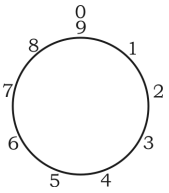
O círculo surge do nascimento físico do ponto na existência. Corresponde ao *centro físico* ou instintivo-motor do homem. Geometricamente tem dois aspectos: a *área* — que pode ser vista no eneagrama como a parte instintiva, inata, do homem e o *perímetro*, linear e numerado seqüencialmente — representando o centro motor e sua atuação no tempo cronológico.

O círculo é a sombra da esfera, a mais simples e perfeita forma tridimensional, sobre um plano bidimensional. Podemos dizer que

[1] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 326.

ponto, circunferência, círculo e esfera são uma mesma entidade em diferentes dimensões.

NÚMEROS



Os nove pontos em que a estrutura interna do eneagrama toca o perímetro do círculo são numerados seqüencialmente de 0 a 9, no sentido horário, começando e terminando no ápice.

É de extrema importância notar que Gurdjieff não nos deu opção de colocar os números no Eneagrama de nenhuma outra maneira. Isto é para mim a prova irrefutável de que a escala musical também funciona no sentido horário, começando no topo, e que quando ele fala sobre o terceiro intervalo, está se referindo ao número 3, intervalo entre o 2 e o 4. Na minha opinião, isto confirma a colocação dos intervalos como os coloquei no diagrama unificado da representação da Dança das Oitavas.[1]

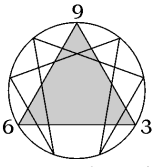
Em geral, não convém colocar setas nos arcos da circunferência, uma vez que a direção a seguir difere conforme o processo, se involutivo ou evolutivo.

De qualquer modo que olharmos o círculo, não podemos deixar de ver a *unidade*. Ao mesmo tempo em que tem dois aspectos inseparáveis, a área e perímetro, também é ponto e é círculo, dualidade na unidade e paradoxo filosófico onde os diferentes podem ser iguais — enfatizando a questão de *ser* e *escala*. O círculo é a imagem do ponto, assim como o homem é a imagem de Deus.

O TRIÂNGULO

O triângulo representa a eternidade e o mistério divino da Lei de Três, segundo a qual em toda manifestação devem intervir três impulsos ou forças: *ativa*, *passiva* e *neutralizante*.

Simboliza a homeostase, a busca natural e dinâmica do equilíbrio. Marca a tensão da alma, contida no círculo.



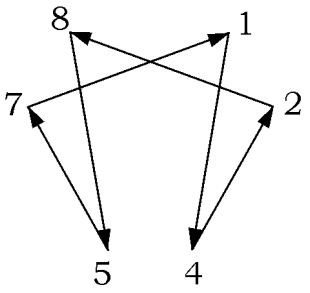
O triângulo eqüilátero orientado para cima corresponde ao *centro emocional* do homem, que vive o momento presente na eternidade. É a onipresença da Trindade, numa grafia que *não comporta setas* nem indicação de prioridade, pois para que ocorra o dinamismo é preciso que as 3 forças ou impulsos atuem com igual importância, independentes de espaço, tempo ou hierarquia. As 3

[1] Ver p. 270, A Dança das Oitavas.

forças, figuradas nos três vértices do triângulo, apesar de inscritas no círculo cronológico, estão presentes ao mesmo tempo em qualquer fase do processo que o eneagrama representar.

O triângulo inteiro é um Dó (Dominus), a nota mágica da escala musical, sempre uma força especial trazendo um poder de salvação como choque nos intervalos das oitavas, ou seja, nos pontos 3, 6 e 9 do eneagrama.

A Héxade

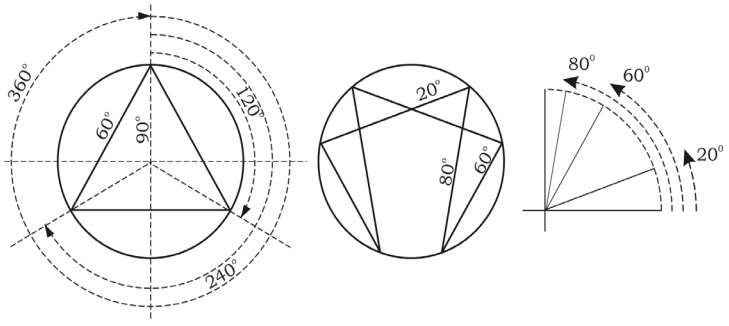


A héxade ilustra a Lei de Sete, base e medida de todos os movimentos vibratórios, de transformação ou de manutenção. Aparece no eneagrama como seis hastes simétricas em relação a um eixo vertical invisível.

Corresponde ao *centro intelectual* do homem e interage com os outros dois centros num movimento que avança e retrocede no tempo pelos caminhos da mente no espaço existencial.

A héxade é orientada por *setas*, formando um mecanismo articulado, como uma treliça, que toca o círculo apenas em seis pontos, numa ordem numérica especial: 1-4-2-8-5-7. Esta série não contém múltiplos de 3, deixando claramente à vista os intervalos do Heptaparaparshinokh, ou pontos de contato com o exterior.

Ângulos

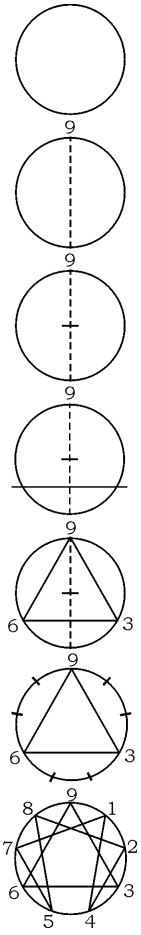


Desenhando o Eneagrama

Sendo um símbolo sagrado, o eneagrama bem desenhado traz influências muito boas e mesmo proteção.

Logicamente, se for desenhado com distorções, terá sua influência distorcida. Quando impresso, é importantíssimo que se observe a divisão perfeita por nove, ou seja, que os nove arcos sejam iguais. Pode ser numerado ou não, e contar ou não com setas na héxade, mas o triângulo nunca deve ter setas.

A própria experiência de desenhar o eneagrama é algo importante. Ao fazê-lo você será responsável pela influência e efeitos da imagem que criou. Portanto, não é uma tarefa que se execute sem preparação.



Desenho à Mão Livre

Traçar um círculo. Riscar de leve, ou apenas na mente, o diâmetro vertical, marcando ao alto o ponto 9. Também de leve, marcar o centro do círculo.

Pela metade do raio inferior, traçar uma reta horizontal. Marcar os pontos 3 e 6 e fechar o triângulo 3-6-9.

Em cada um dos três grandes arcos, marcar dois pontos que o dividam aproximadamente em três. Completar a numeração de 1 a 9. Traçar a héxade na seqüência 1-4-2-8-5-7-1, com setas, se desejar.

Apagar as linhas auxiliares.

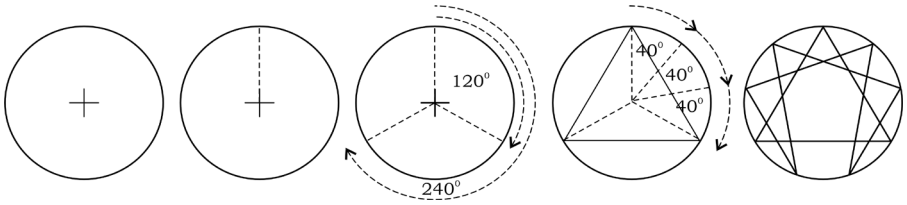
Com a prática, traçamos direto o círculo e o triângulo, e marcamos levemente dois pontos em cada arco, ligando então a héxade.

Desenho por Ângulos

Traçar um círculo a partir de um centro assinalado. Levantar um raio vertical do centro ao topo. Para o triângulo, traçar dois raios auxiliares, um a 120° e outro a 240°. Fechar o triângulo.

Marcar os outros seis pontos a 40° de distância uns dos outros. Este ângulo pode servir para marcar todos os pontos, tanto do triângulo quanto da héxade.

Numerar os pontos no círculo. Riscar a héxade na ordem 1-4-2-8-5-7-1. Apagar as marcas auxiliares.



DESENHO POR PROPORÇÕES

Inscrever um círculo num quadrado de lado 1.

Na horizontal:

Achar o meio e marcar o 9 no topo.

Dividir por 3 e marcar o 4 e o 5 em baixo.

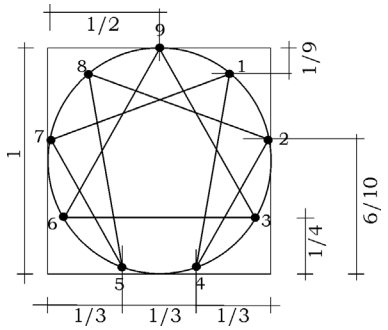
Na vertical:

Marcar 1/4 de baixo para cima e marcar o 3 e o 6. Fechar o triângulo 3-6-9.

Marcar 1/9 de cima para baixo e marcar o 8 e o 1.

Marcar 6/10 de baixo para cima e marcar o 7 e o 2.

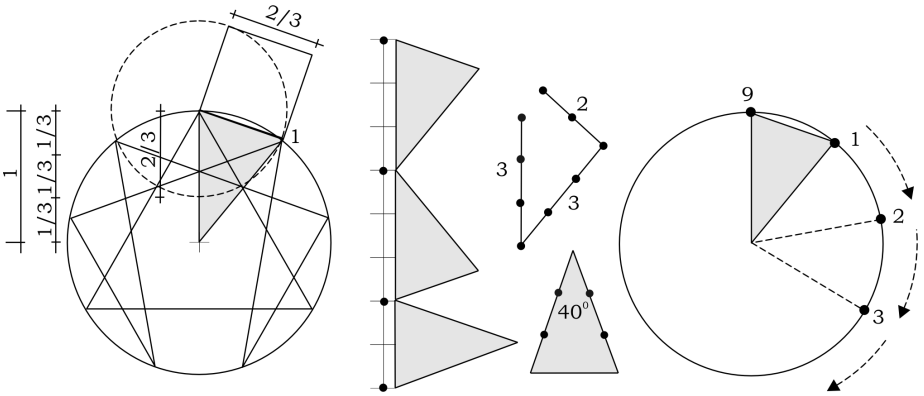
Fechar a héxade 1-4-2-8-5-7-1.



DESENHO NO CHÃO POR TRIÂNGULOS

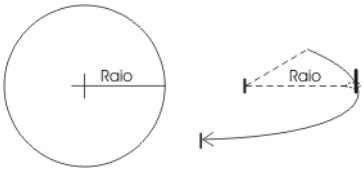
Você precisará de um triângulo auxiliar de 3x3x2 medidas — o ângulo mais agudo será de aproximadamente 40 graus. Pode fazê-lo em papel, se quiser um eneagrama pequeno. Ou então use uma corda marcada com 8 unidades (9 nós). Com ela construa o triângulo auxiliar. Ele terá aproximadamente 40 graus entre os lados iguais.

Posicione o triângulo, ligando o centro ao ponto 9, como na ilustração, e o outro vértice assinalará o 1. Daí em diante, vá girando o triângulo, coincidindo o primeiro lado com o último, e assim marcando e numerando os pontos seguintes. Depois ligue 3-6-9 e 1-4-2-8-5-7-1.



Desenho no Chão com Corda

Para desenhar um círculo no chão, com o auxílio de uma corda, pegar uma corda com o comprimento do raio a fazer uma alça em cada ponta. Marcar e fixar o centro do círculo com uma estaca. Prender uma das alças da corda na estaca fixa e colocar na outra alça uma estaca móvel, riscadora. Girar a corda ao redor da estaca fixa, traçando o perímetro do círculo com a estaca móvel, como se fosse um compasso.



Feito o círculo, marcar o ponto 9 de preferência voltado para o Leste, NE ou Norte. Ligando o ponto 9 ao centro e continuando em linha reta até em baixo, teremos o diâmetro vertical. Marcar a *metade do raio inferior* e traçar a base do triângulo, perpendicular (90°) a ele.

Marcar a héxade por meio de um dos métodos anteriores, ou dividir os grandes arcos em 3 segmentos iguais, por tentativa-e-erro.

Não esquecer de retirar ou desfazer qualquer marca auxiliar, inclusive o centro.

Esse trabalho fica interessante num gramado, retirando-se a grama e socando a terra nas linhas do eneagrama. Essas linhas também podem ser preenchidas com areia, pedras socadas ou mesmo mosaico de lajotas, para tornar o desenho permanente.

Desenho num Salão

O eneagrama desenhado no chão é ótimo para as danças sagradas. Pode-se desenhar o eneagrama no piso de um grande salão,

usando fita adesiva própria, giz ou tinta, conforme o objetivo. Ou pode ser feito no próprio piso, durante a construção, como um mosaico.

No piso do hall de entrada da Salle Pleyel[1], onde Gurdjieff ensinava movimentos em Paris, um círculo em mármore branco cercado por 9 colunas tem três indicações dos ângulos, em triângulos-seta de mármore preto, o suficiente para indicar um Eneagrama e para permitir que se marquem os pontos restantes. Consideramos que seja um *legominismo* intencionalmente deixado pelo mestre.[2] No entanto, essa casa de concerto foi recentemente adquirida por particulares, e obras de reforma a estão modificando. Pelo que parece, o hall voltará ao desenho inicial de antes do incêndio de 1928, no qual o eneagrama se dilui mais ainda, restando apenas, inevitavelmente, a "clareira" de nove colunas[3].

[1] 252, rue du Faubourg-Saint-Honoré, 75008 Paris.
[2] Fragomeni, *Legominism in Paris*, pp. 13-22.
[3] Ver p. 174, O Nove na Arquitetura.

Geração Simbólica

"Eppur si muove"[1]

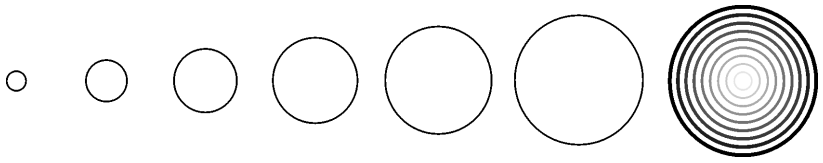
Sob o aspecto visual, de imagens ou geometria, como teriam surgido o eneagrama e suas partes? Imagens são o registro de movimentos ou vibrações, como num filme, numa fotografia ou no desenho. É preciso ver, por trás das imagens, o dinamismo de sua criação.

Geração

Geração do Círculo

O círculo surge graficamente do nada. O ponto invisível se expande radialmente e forma o círculo pela manifestação do Imanifestado, como ondas concêntricas se expandindo num lago tranqüilo, quando *algo* perturba a paz de sua superfície.

Esta é a imagem da Criação. A perturbação "acorda" o lago.

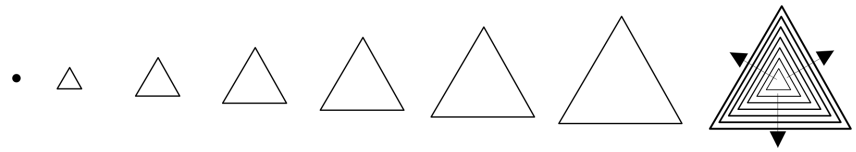


Geração do Triângulo

O triângulo é gerado pela Vontade do Absoluto, quando as três forças unidas do Mundo 1 se separam e criam o Mundo 3, Siderus. À semelhança do ponto, que se transforma em círculo, o triângulo surge do ponto pelo sagrado Triamazikamno.

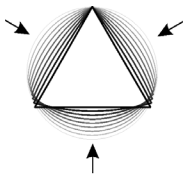
---

[1] Galileo Galilei (1564-1642), astrônomo italiano.



No que se refere à Trindade, só podemos fazer suposições e levantar hipóteses, pois o Mundo 1 gerando o Mundo 3 é um mistério que nossa mente não comporta.

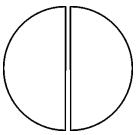
O triângulo também é gerado por autolimitação do círculo: o círculo se divide em três arcos iguais que se retificam.



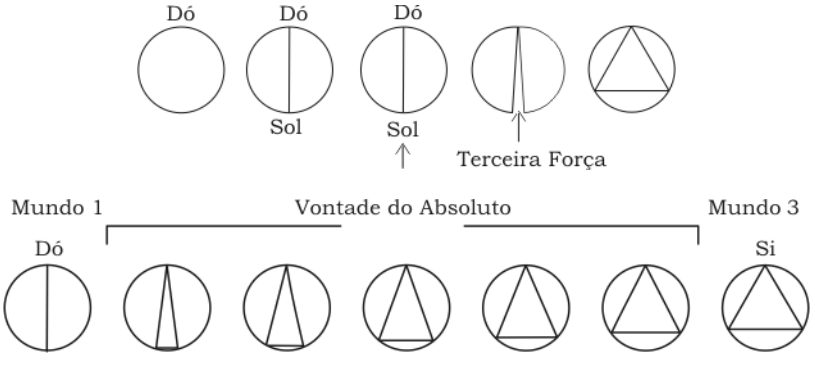
Simetria Bilateral

Podemos também imaginar a geração do triângulo como conseqüência do desdobramento da unidade em 2, o que originou inicialmente a simetria bilateral.

A primeira divisão seria o espelhamento do Absoluto pelo Não-Absoluto, a criação do Não-Ser a partir do Ser. Porém esta é uma etapa intermediária ou virtual, uma vez que o universo foi criado por tríades, então, devemos pensar na forma de um Harnelmiatznel.

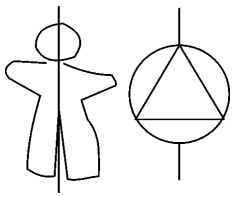


Nosso universo triádico é formado por dualidades que precisam ser reconciliadas. Imaginemos primeiro uma simples divisão por dois, ao meio, considerando que a nota Sol fica a meio caminho exato entre o inicio e o fim de cada oitava, e é a partir do Sol atuando como Dó que surgem as oitavas laterais. Com a força do Sol atuando em direção ao centro, as partes laterais se abrem e uma terceira força surge entre as duas, como linha horizontal[1]. Uma vez formado o triângulo inscrito no círculo, este não é mais livre como antes: agora tem orientação e hierarquia — o triângulo "fixou o círculo", criando um "em cima" e um "em baixo".

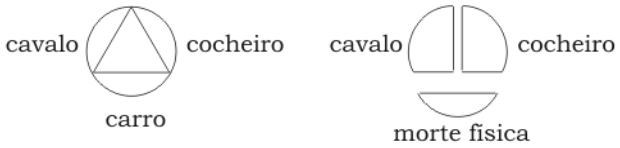


[1] Mouravieff, em *Gnosis* vol. III, p. 140, faz iteressante observação sobre essa linha base do triângulo.

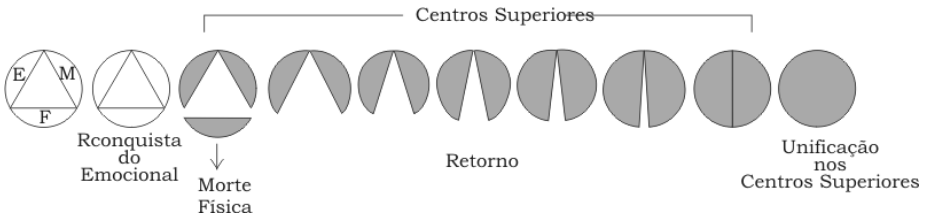
Esta seqüência começa a chamar atenção pela simetria em torno de um eixo vertical, semelhante à do homem, e encontramos aqui a origem da polaridade e do sexo.



A formação do triângulo por bilateralidade lembra o uso dos centros do homem que, identificando-se com o binário corpo-mente, raramente ou nunca usa o centro emocional. O mundo no qual vivemos é quase pura dualidade não resolvida e paira constantemente sobre nós a tensão de um terceiro aspecto que não compreendemos bem. Pode-se dizer que, nada estando parado, nosso mundo é um mundo "em processo de reconciliação".[1]

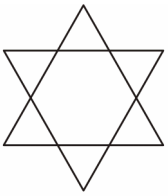


Para os que optaram pela corrente ascendente, o primeiro passo é a reconquista do centro emocional. A longo prazo, uma vez feitas as ligações com os centros superiores, a tendência é o mental integrar-se ao *centro intelectual superior* e o emocional ao *centro emocional superior*. Com a morte dos corpos inferiores, restarão apenas os centros superiores, que na verdade trabalham juntos, como um só, sua própria união sendo a terceira força. Portanto a evolução, ou retorno, é reunificação.



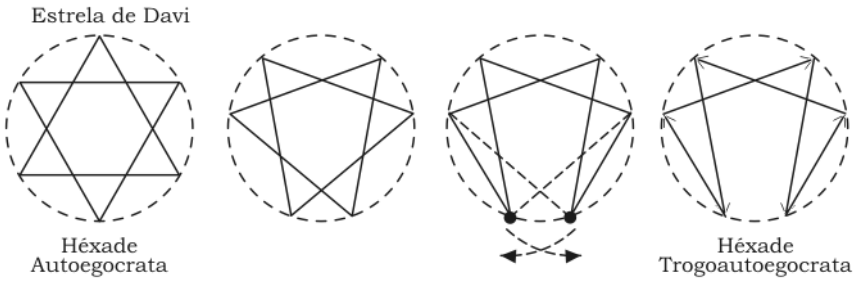
[1] See p. 222, A Gárgula.

GERAÇÃO DA HÉXADE



Estrela de Davi

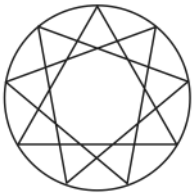
O triângulo do Mundo 3 se duplica no Mundo 6. Continuam as três forças originais, essenciais, e surgem mais três, existenciais, emanadas pelo próprio Mundo 6, em reflexo ao mundo superior a ele. A essa perfeição geométrica chamamos Estrela de Davi. Segundo Ouspensky, corresponde a um universo hexadimensional[1].



Se fosse perfeita, num sistema Autoegocrata, a Héxade seria uma Estrela de Davi com o triângulo perfeito e seu reflexo. No entanto, a héxade *não é perfeita*, devido às alterações introduzidas nas leis cósmicas fundamentais, que causaram uma assimetria parcial na existência, criando a *interdependência*, e um sistema Trogoautoegocrata. Houve uma troca na base do eneagrama, para que a héxade passasse a formar dois triângulos interdependentes.

Como o Mundo 3 e o Mundo 6 se interpenetram, no sistema Autoegocrata o eneagrama seria um eneágono regular e não haveria *dinamismo* suficiente para a existência material.

[1] Ouspensky, *Um Novo Modelo*, pp. 335-341.



Sistema
Autoegocrata

Sistema
Trogoautoegocrata

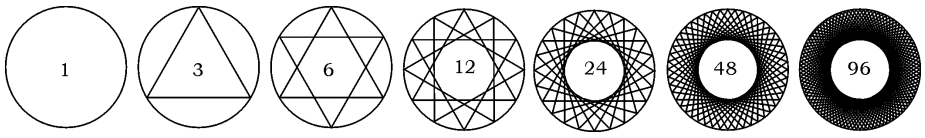
As alterações das leis, base do sistema de Manutenção Recíproca, uniram os dois triângulos da héxade perfeita em um só "mecanismo articulado" que, por sua vez, só funciona se houver intercâmbio com outros sistemas — os choques externos nos intervalos.

Há outro antigo símbolo esotérico, o Selo de Salomão, que enfatiza a diferença entre o triângulo *essencial* e o *existencial*.

Selo de Salomão

Como ilustrado no Selo de Salomão, o desdobramento para baixo do Mundo 3 no Mundo 6 resulta na *dualidade*: cada força, além de continuar a ser original, é duplicada pelo mundo recém-criado como uma força existencial de sua própria ordem. Daí em diante, no Raio da Criação, para cada novo mundo surgido, cada força se divide em duas, como na divisão celular.

Se levarmos adiante, o desdobramento das forças na cadeia dos mundos, teremos o esquema ideal dos 7 mundos:



Esses mundos se interpenetram e interagem, tanto de cima para baixo quantos de baixo para cima, e poderíamos teoricamente construir diagramas muito mais complexos, que representassem o real estado das coisas em cada nível, no sistema Trogoautoegocrata.

Porém, nossa mente não comportaria lidar com funções com tais números de equações, e parece bem mais prático o eneagrama tal como o usamos — veremos isso através deste livro.

MATEMÁTICAS

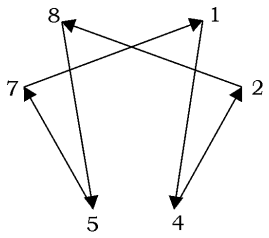
"Você sabe que você conseguiu algo especial quando a equação fica bonita."[1]

Os números nos levam ao segredo de como as coisas são.

MATEMÁTICA DO SETE

A héxade se caracteriza pela seqüência 1-4-2-8-5-7 e resulta da divisão dos seis primeiros números inteiros por 7.

1/7=0,142857...
2/7=0,285714...
Intervalo → 3
3/7=0,428571...
4/7=0,571428...
Intervalo → 6
5/7=0,714285...
6/7=0,857142...
Intervalo → 9



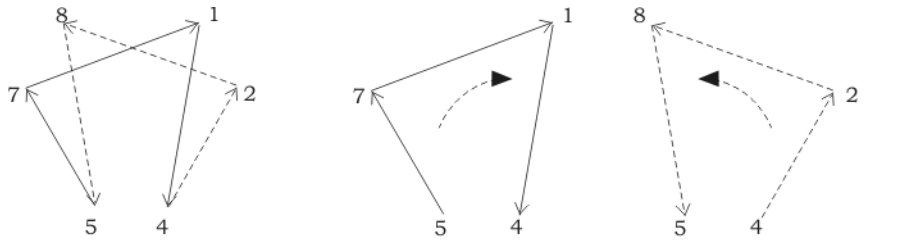
Quando o 1 é dividido por 7, o resultado é 0,142857... A natureza recursiva deste padrão fica clara quando o bloco com 142857 se repete *ad infinitum* como dízima periódica. Se somarmos de volta sete vezes esta dízima, teremos apenas 0,999999... significando a *tensão da incompletação*.

A dízima periódica só retorna à unidade no infinito. Excetuando-se os múltiplos de 7, qualquer número dividido por 7 resulta na mesma repetição da seqüência 1-4-2-8-5-7, onde nunca aparecem múltiplos de três (3, 6 e 9) nem zero.

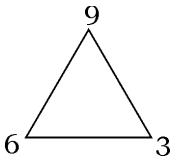
[1] Do filme *Enigma*, baseado na novela de Robert Harris, 2001, sobre a decifração de transmissoes alemãs encriptadas, durante a Segunda Grande Guerra.

A Lei de Sete segue a seqüência 1-4-2-8-5-7, chamada Linha da Periodicidade. Por isso a héxade é *orientada* e comporta *setas* ou *direções.*

Observando mais em detalhe, confirmamos que o Mundo 6 têm 3 leis *essenciais* e 3 leis *existenciais*, e encontramos na héxade dois conjuntos de setas, um no sentido horário e outro no sentido anti-horário. Isto pode ser analisado de duas maneiras:



Matemática do Três



Quando o 1 é dividido por 3, resulta em três frações (números racionais) de 1/3 ou 0,333..., onde o número 3 se repete *ad infinitum*. Se quisermos refazer a unidade e somarmos três vezes 0,333..., resultará em 0,999...

1/3=0,333...
1/3+1/3=0,666...
1/3+1/3+1/3=0,999...

Estará sempre faltando algo para recompor a Unidade. O significado disso é muito profundo. Resta uma *tensão* em tudo que foi separado do Todo. E tudo que é criado, sendo incompleto, aspira retornar à Unidade. O que foi dividido está sempre, como um elástico esticado, "sentindo falta" da unidade.

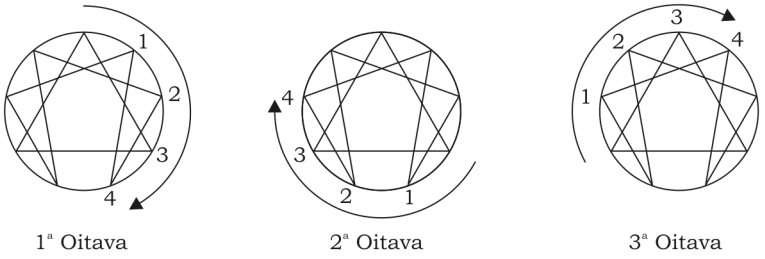
O 4 no Eneagrama

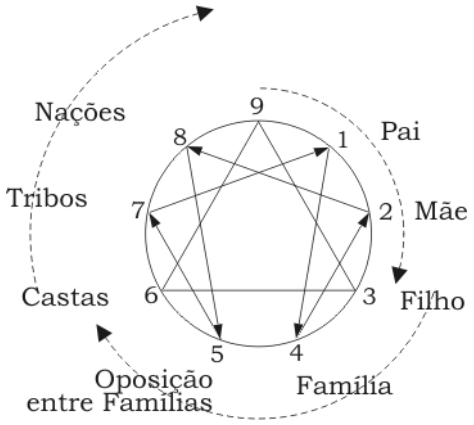
A primeira manifestação do 4 no eneagrama é por suas 4 partes: o ponto implícito, o círculo, o triângulo e a héxade (0, 1, 2, 3). Mas seu dinamismo se refere à tridimensionalidade do eneagrama, na superposição das oitavas e na hierarquia das dimensões, como vimos antes, representada pelo Tetragramaton, onde o 4 reduz o 3 a 1.

Há uma analogia com a família, que, de acordo com Papus[1], é um conceito que contém 3 termos: pai, mãe e filho. Assim, a família

[1] Papus, *Ciencia de los Números*, pp. 58-61.

propriamente dita é quaternário que leva de 3 a 1, formando outra oitava.[1]





Um exemplo vivo do 4 e sua relação com o 3 é o conjunto básico dos 4 nucleotídeos (TCAG) e a sua combinação em grupos onde cada seqüência de 3 nucleotídeos representa um aminoácido específico, os blocos construtores das proteínas, a base da vida.[2]

Analogias Numéricas

Nas analogias numéricas é fundamental observar se o número a que nos referimos é um número *cardinal* (exemplo: 1, 2, 3) ou *ordinal* (exemplo: 1º, 2º, 3º). Há uma diferença total nisso, que se pode ver

[1] Ver p. 171, Tetragramaton espiralado.

[2] Na verdade, poderiam haver 64 combinações: 61 são usadas, redundantemente, para formar 20 aminoácidos, e três são usadas como "parada" para indicar o fim de uma proteína. Assim são codificadas as proteínas na estrutura molecular do DNA.

principalmente nas tríades, quando ora nos referimos ao número cardinal da força, ora à sua posição na seqüência da tríade.

Quando usamos analogias com música, é importante saber diferenciar o absoluto do relativo. As *proporções* entre as vibrações são sempre absolutas e objetivas, embora o *número* de vibrações de cada nota possa variar, não apenas por causa da oitava a que pertence, mas também como conseqüência da afinação.

Quando se trata das notas, é preciso saber a qual oitava pertencem. Por exemplo, o Fá 96 na primeira a oitava da nutrição não é o mesmo que o Fá 24 na segunda oitava, o que veremos ao estudar as energias no Eneagrama.[1]

Divisão e Música

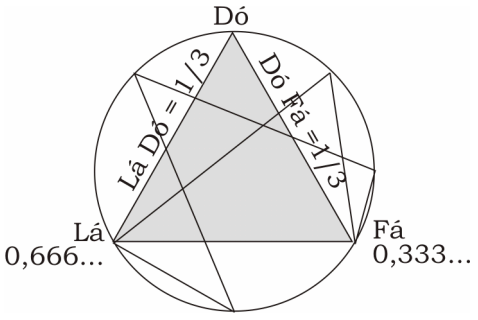
Isso posto, podemos nos perguntar, dado que vimos a interferência da Lei de Três na héxade, qual seria a ligação da tríade com a Lei de Sete.

Na escala diatônica[2], considerando as vibrações de cada nota e suas proporções na oitava, observamos que o Fá equivale a 1/3 da oitava e o Lá a 2/3, ou seja, 0,333... e 0,666... respectivamente.

Muitas analogias simbólicas surgem deste fato matemático.

> *"Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é 666."*[3]

Enquanto na Bíblia 666 é dito ser o *número do homem*, Lá é a *nota do homem* na Vida Orgânica sobre a Terra. Inclusive, Lá com freqüência de 440 Hz foi tomada como medida universal padrão para a escala oficial absoluta no ocidente, no século 20. Passou a ser a base da afinação dos instrumentos, além da nota preferida para o som do telefone e outros sons que nos chamam a atenção.



[1] Ver p. 261, O Eneagrama das Energias.
[2] Ver p. 97, A Escala Diatônica.
[3] Apocalipse 13: 18.

Outra a analogia é que Fá corresponde a 333, um número altamente simbólico, protótipo da divisão primordial. Além disso, Fá-Lá-Dó forma um acorde maior padrão, em triângulo eqüilátero, agradável aos sentidos.

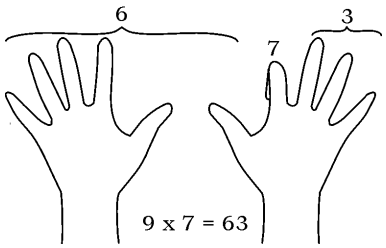
MATEMÁTICA DO NOVE

A notação decimal que usamos baseia-se em nossos 10 dedos[1], e se compõe dos dígitos 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9.

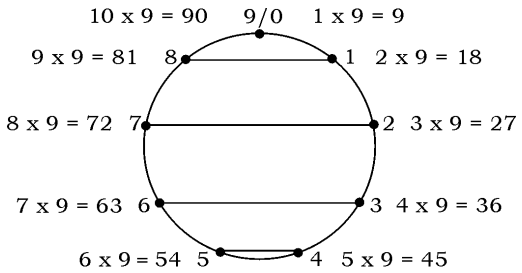
No eneagrama, em conseqüência da Lei de Três e da Lei de Sete, a circunferência fica dividida em 9 arcos iguais e é numerada de 0 a 9, começando e terminando no topo do triângulo, quando o 9 se sobrepõe ao 0.

Devido à nossa constituição e ao mistério do desdobramento triádico da Trindade (3 x3), o 9 é um número muito especial.

Uma tabuada prática pode ser feita com as mãos, para multiplicar por nove. Abrimos as duas mãos lado a lado, por exemplo, e para multiplicar 9 por 7 dobramos o sétimo dedo a partir da esquerda. Ficaremos com 6 dedos à esquerda e 3 dedos à direita, formando então o número 63, que é o resultado (9x7=63).



Outra maneira de multiplicar um número por 9, curiosa mas nada prática, é multiplicá-lo por 10 e depois subtrair o número original. Por exemplo, 52 x 10 = 520; 520-52=468, que é 9 x 52.



[1]Do latim *digitus*: Dedo

Ainda um terceiro modo de construir uma tabela de multiplicação por 9 é usando o Eneagrama. Se traçarmos linhas horizontais (níveis) ligando ao pares os pontos do eneagrama, veremos que sempre somam 9. Temos aí uma tabuada de multiplicação do 9 em cinco níveis (9-0, 8-1, 7-2, 6-3, 5-4). Partindo de cima, com o 9 puro (1x9), no sentido horário observamos que o par que se segue é 18 (2x9). Continuando, temos 27 (3x9), 36 (4x9), 45 (5x9), 54 (6x9), 63 (7x9), 72 (8x9) e 81 (9x9).

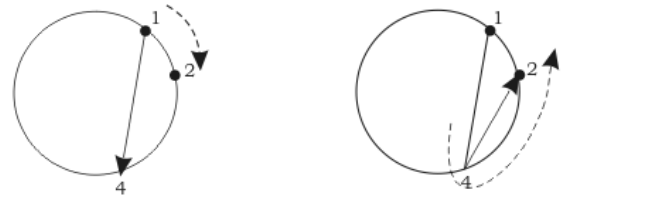
A *soma ou redução teosófica*, usada em numerologia e gema tria, é obtida somando-se os dígitos de um número, dividindo-se sucessivamente o total por 9 e tomando o resto. Por exemplo: 47=4+7=11=2.

Outra característica interessante do 9 é a "prova dos nove", que se faz para verificar cálculos, comparando a redução dos fatores com a redução do resultado. Por exemplo, na soma 4285+3431=7716, a redução de 4285 é 1; a redução de 3431 é 2 e a redução de 7716 é 3. O cálculo está correto, porque 1+2=3. Cálculos similares são usados para subtração, multiplicação e divisão.

Há muitas características especiais no número 9, principalmente por ser o último dos dígitos (0 a 9) no sistema matemático que adotamos, o decimal, de base 10. Em um sistema de base 8 (8 dígitos, de 0 a 7) usado, por exemplo, em computação (byte de 8 *bites*, ou octeto), o número especial seria o 7.

Sistema Mecânico – Marionetes

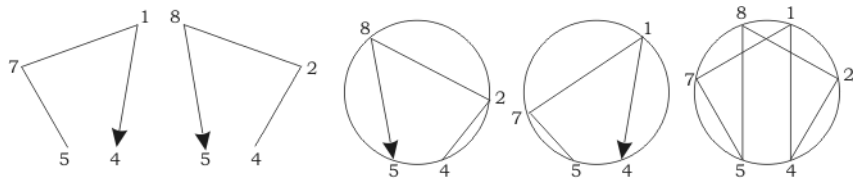
O eneagrama pode ser visto como um sistema mecânico articulado, de treliças, sofrendo a ação da gravidade e das forças que o processo desencadeia.



Gravidade
Atrai para baixo

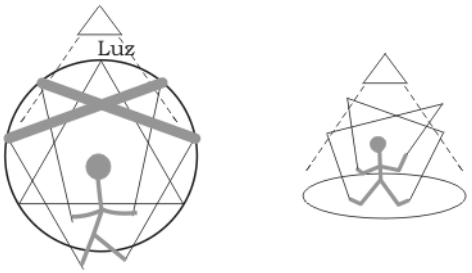
Você age e puxa para cima
ou o pensamento mecânico atrai

As treliças articuladas são 5-7-1-4 e 4-2-8-5. Os pontos 4 e 5 são os mais estáveis por sua ligação com a gravidade.



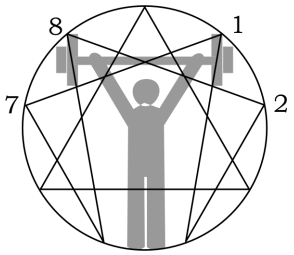
treliças articuladas treliças desequilibradas

Essas articulações lembram bem certos bonecos de teatro, e as ações dependentes que temos na vida. Marionetes são "manipuladas" de cima, pelo pensamento ou imaginação (1, 2) pelos desejos ou pelo se que "pensa que quer" (7, 8), conscientemente ou não.



Note-se, no desenho que a "luz", como nos holofotes do teatro, vem de cima e é composta de três cores básicas, equivalendo ao triângulo. O círculo é o palco.

Outros bonecos são manipulados por baixo, a partir do mundo físico, como os bonecos em "luva", controlados pelas mãos. Note-se que a palavra "manipulação" vem do latim — *manus,* "mão". Mesmo a palavra "manter", como em "manutenção", na Lei de Sete, vem do latim — *manu tenere:* ter na mão.



Tudo depende dos valores com que nos identificamos.

O cruzamento 7-1 com 2-8 é como uma balança que precisa ser equilibrada ou halteres que temos que levantar.

A manipulação, no entanto, pode ser útil, ou quando o centro magnético manipula os muitos *eus*, ou quando a essência manipula a personalidade.

Capacidade Mental – A Porta

O eneagrama é um excelente instrumento para o aprendizado, apresentando o limite da quantidade de "objetos" que podemos perceber simultaneamente.

A maioria das pessoas só consegue lidar com um máximo de 5 a 7 objetos de atenção ao mesmo tempo — por exemplo, cinco figuras numa página, sete pessoas numa reunião.

Como uma ferramenta para a observação e o aprendizado, o eneagrama modela em nós uma estrutura útil para a percepção da realidade. Se colocamos nele alguma extensa classificação, por exemplo, criamos apoio na memória visual e na associação simbólica, e mentalmente classificamos por partes (1, 3, 6, 7 ou 9) ou por conjuntos (oitavas), contando ainda com sua geometria especial que remete a relações objetivas. Ao fazer uma associação correta, a informação será naturalmente recuperada.

Cada individuo, a partir de seu número máximo de objetos individualizáveis, volta a perceber apenas o conjunto.

Por exemplo, se vemos mais de 9 pontos, concluímos que estamos vendo uma linha. Geralmente percebemos pontos ou outros objetos da seguinte maneira:

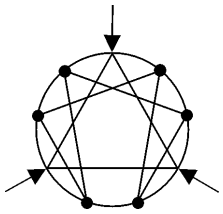
.	1 ponto
..	2 pontos
...	3 pontos
.....	...
.....	7 ou "vários" pontos
.....	Muitos pontos, uma "linha"

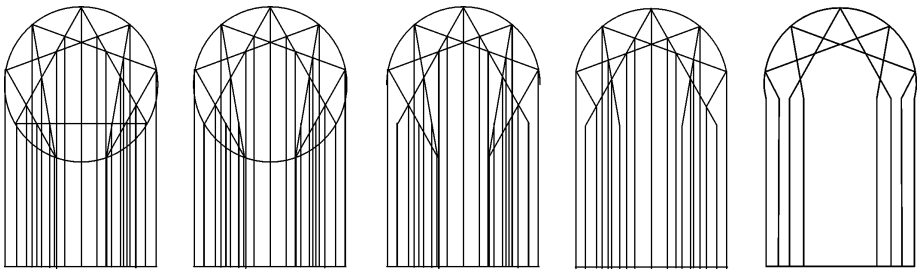
O caminho de 0 a 9 corresponde a um refinamento progressivo das energias, como no espectro eletromagnético, em termos de aumento das vibrações, e há, conseqüentemente, um aumento paralelo de inteligência.

Geralmente nossos empreendimentos vão bem até o nível de nossa capacidade de compreensão (nosso nível de ser). Normalmente vamos até o 4 ou o 5. A seguir encontramos o *Harnel Aoot*, a fase crucial dos processos, e as etapas depois dele (7, 8 e 9) só não nos parecem mais difíceis porque raramente as enfrentamos.

Exercícios de expansão de consciência ajudam muito nessa compreensão. Sem notar, à medida que desenvolvemos a consciência, passa a ser mais fácil lidar com nossa vida, em termos de processos e empreendimentos em geral. O eneagrama é a ferramenta ideal para o desenvolvimento da consciência. Vejamos algumas associações notáveis que podemos fazer com ele:

São 10 pontos que são 9,
São 9 pontos que são 3,
São 9 pontos que são 7,
que são 6,
que são 3+3+3
ou 3 pares com 2 intervalos,
ou 7 mais 2, etc...





Isso torna o eneagrama um instrumento *mnemônico*, caso se saiba usá-lo, reduzindo tudo à maior simplicidade possível.

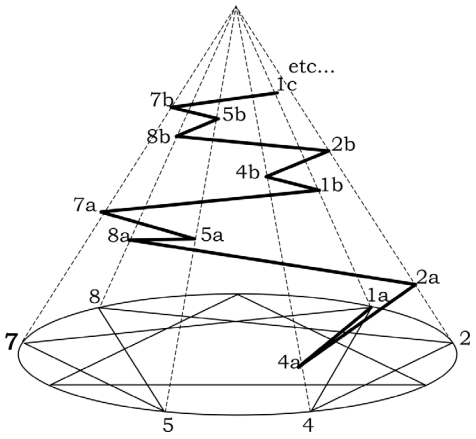
Depois que se começa a estudá-lo, torna-se a melhor fonte de associações para compreender e memorizar, não só coisas *fixas*, como classificações, como também coisas *dinâmicas*, como processos, linguagens, problemas e soluções.

Uma vez que se compreenda algo com o auxílio do eneagrama, isso passa para um nível especial de conhecimento em nós e dificilmente será esquecido.

Como símbolo abstrato e especial, o eneagrama fala diretamente aos centros superiores, agindo como uma verdadeira porta que transfere e fixa compreensão nos corpos superiores

Espiral, a Continuidade

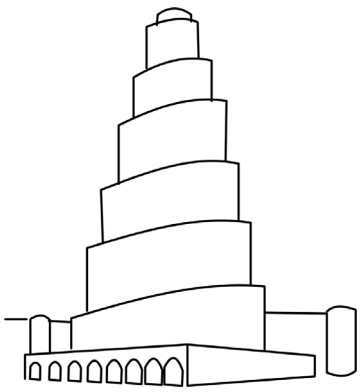
A espiral é a figura sugerida quando um ciclo se completa com sucesso e se renova. Representa a continuidade em outros níveis. Depende, pois, da completação vitoriosa de cada ciclo de nove. O nove completo de um ciclo passa a ser o zero do novo ciclo, porém o alfa e o ômega não estão exatamente sobre um mesmo círculo, mas sobre uma espiral.



Quando o ciclo não é completado, ou é completado de maneira errada, a espiral pode ser plana, bidimensional, ou até descendente, se expandindo como no caos da involução, e o círculo se torna maior no ciclo seguinte, mais afastado do centro.

Quando tudo ocorre "no sono", o resultado final de muitos ciclos pode ser apenas um círculo. Mas embora o conceito de "eterna recorrência"[1] sugira prisão ou repetição, como na espiral que retorna a si mesma, dificilmente algo se repete exatamente como foi antes.

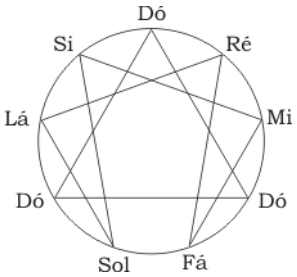
A imagem à direita é da grande mesquita em Samarra.



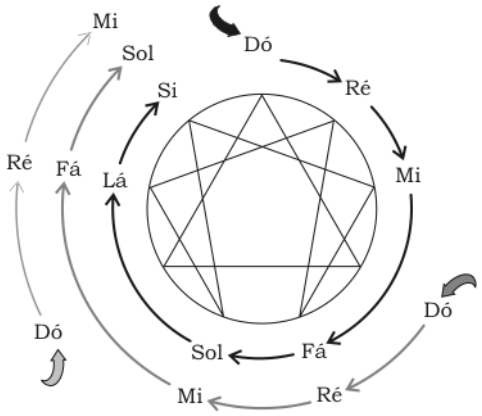
[1] "A idéia de recorrência como um conceito veio de Ouspensky, que sempre enfatizou que isso não é parte do sistema". Ver *P. D. Ouspensky, A Biographical Outline*, compiled by Merrily E. Taylor, *Gurdjieff International Review*, Winter 1998/1999 Issue, vol. II (2).

Escala Musical e as 3 Oitavas

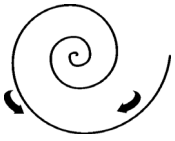
Ao colocar a escala musical no eneagrama, o triângulo inteiro corresponde à nota Dó, e as demais notas aos 6 pontos da héxade.



Isto é porque cada vértice do triângulo é o início de uma nova oitava, como podemos ver na ilustração abaixo, dando uma idéia da tridimensionalidade do Eneagrama. Embora desenhadas como 3 círculos concêntricos, cada oitava é na verdade uma espiral.



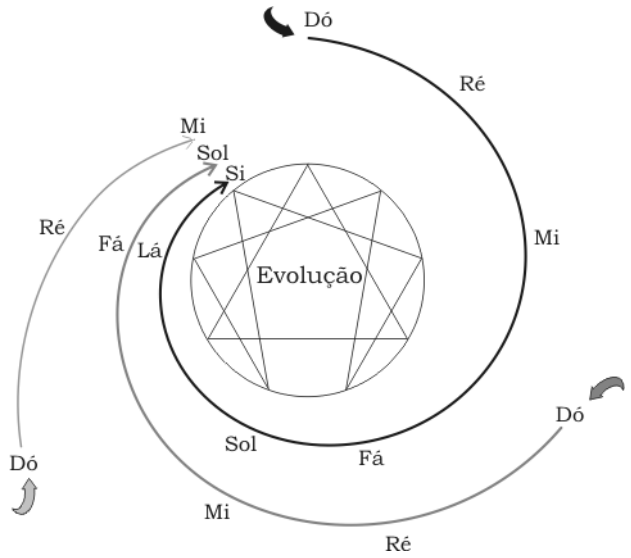
Quando um ciclo é completado com sucesso, o ciclo seguinte já se faz num nível *acima* e num círculo *menor*, conforme a tendência da evolução que procura o *Centro* e o *Alto*, o que torna a espiral tridimensional, ascendente e unificadora. Como em toda escada, também se pode descer por ela, o que se dá no sentido anti-horário, da involução ou automatismo.



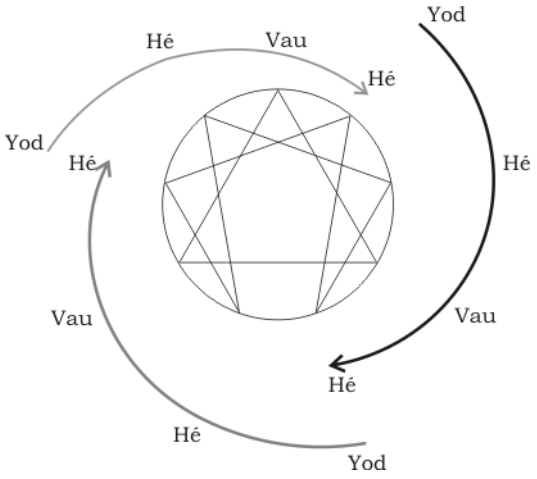
Vemos então que *a representação correta* das oitavas no eneagrama seria em espiral — as evolutivas convergindo, em direção ao centro, e as involutivas divergindo, afastando-se do centro. É interessante notar que Bennett usa a palavra “expansão” para a

tríade da criação e “concentração” para a tríade da evolução.

Apesar disso, neste livro representamos as oitavas como círculos, para simplificar seu traçado.

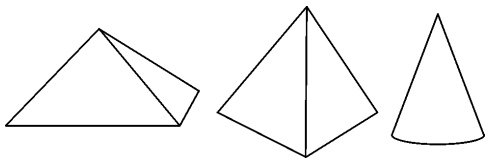


Em cada um dos vértices do triângulo se inicia uma nova oitava, um novo Dó — e isso também pode ser ilustrado com um Tetragramaton espiralado.[1]



[1] Ver p. 161, O 4 no Eneagrama.

Pirâmide, a Hierarquia



Pirâmide, tetraedro ou cone, todos esses sólidos são um bom auxílio para a interpretação do movimento de refinamento quantitativo que há entre uma grande base plana e um vértice no alto.

Estes sólidos ilustram bem a Lei das Proporções[1], pois "muitos serão chamados e poucos escolhidos"[2].

Por outro lado, com sua base quadrada — o quadrado é o símbolo da perfeição material — a pirâmide nos lembra que para ir ao topo é preciso estar bem embasado, firmemente apoiado na terra. Lembra a "questão material"[3] e por isso se fala na "pirâmide das necessidades humanas"[4], que vão do material para o espiritual.

Se o Quarto Caminho parece ser "elitista", é porque só um pequeno grupo sobe de cada vez. Existe hierarquia em tudo e, como vimos na Nutrição, os corpos superiores só podem ser formados a partir do corpo físico.

Simbolicamente, podemos ver as pirâmides tradicionais, por exemplo, no Egito, erguidas como imensos símbolos de "lembrança de si", homenageando o corpo físico, ao qual devemos a construção da nossa alma.

Labirinto, a Complexidade

"A Lei da Subida e Descida
opera em todos os funcionamentos."[5]

O aprendizado pela experiência pessoal se faz por *tentativa-e-erro*. Dependemos da interação com os sistemas exteriores, portanto não existe fórmula milagrosa para avançar. Aprendemos com os erros — nossos e dos outros. Avançamos e retrocedemos, muitas vezes nos enganando quanto à etapa em que estamos, no caminho em direção à meta.

---

[1] Ver p. 378, Lei das Proporções.
[2] Mateus 22: 14.
[3] Gurdjieff, *Encontros*, pp. 241-296.
[4] Ver p. 390, Necessidades humanas.
[5] Anderson, *The Unknowable Gurdjieff*, p. 149 (*Law of Up and Down*).

Apesar da aparente simplicidade da Lei Única e das leis cósmicas fundamentais, é preciso lembrar que não as conhecemos e não nos conhecemos.

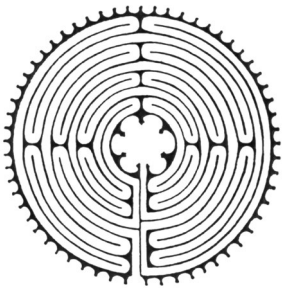
Avançamos sempre tateando, pois embora o Criador possa ter um algoritmo para a Criação, nós, que nascemos da *imperfeição* intencional, vivemos num mundo heurístico, como um imenso jogo de xadrez e a todo momento a ação de outro jogador pode exigir uma mudança completa nos nossos planos.

Muitas vezes é preciso voltar atrás, ceder ou perder, como estratégia para avançar. É uma técnica usada na guerra, em vários jogos e mesmo na matemática, quando se usam "artifícios de cálculo" para resolver problemas difíceis — como se "enganássemos" a vida, usando astúcia.

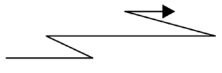
Para nós, o erro é inevitável e imprescindível. Se imaginarmos que o nosso Caminho percorre concomitantemente um eneagrama e um labirinto estaremos mais perto de compreender a realidade.

Existem dois tipos de labirinto.

O primeiro é o *labirinto* propriamente dito, aquele das catedrais góticas, no qual, por mais voltas que se dêem, sempre se chegará ao centro. Uma vez escolhida a direção correta, você não precisa mais tomar outra decisão, pois já encontrou o Caminho — agora cabe a você segui-lo. Havia um labirinto deste tipo em quase todas as catedrais góticas, e todos foram destruídos, com a exceção de um, em Chartres, França, ilustrado aqui.



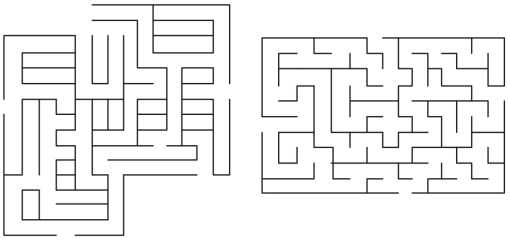
Unicursivo ou de via única, como a espiral, esse labirinto ilustra a jornada de quem já encontrou o caminho — é uma peregrinação. Você sabe aonde vai e, por mais percalços que encontre, tem sua meta e a persegue. Há apenas uma trilha, sinuosa e acidentada. Sua constituição interna expressa Fé — a fé de estar avançando, mesmo quando aparentemente se está voltando atrás. É muito parecido com a héxade, onde você vai para trás e para a frente, para cima e para baixo, mas sempre avança.



O segundo tipo de labirinto, o *dédalo* (em inglês, *maze*), é multicursivo e tem caminhos alternativos, nos quais você pode se

perder. Aquele que o percorre se defronta com uma série de escolhas críticas. Pode ter várias entradas e várias saídas. Não tem centro ou meta e de repente a estrada pode bater num muro. Tudo o que você quer é sair dali. Mas geralmente tem saída, no mesmo nível. É como na vida comum, quando ficamos à mercê de influências conflitantes que se anulam umas às outras e nossa energia pode acabar antes que encontremos o Caminho verdadeiro.

Você pode escapar de um dédalo com o auxílio de um algoritmo, mas não adianta, pois ao sair e estará de volta na vida, pronto para outro dédalo.



"Nenhum vento sopra a favor de um barco que não tem porto de destino".[1]

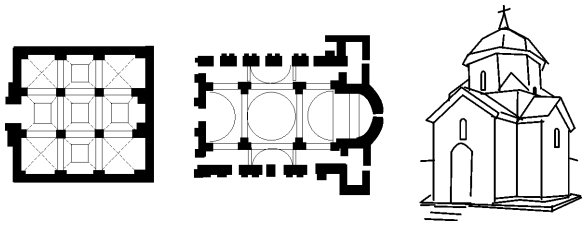
O eneagrama funciona como os labirintos das catedrais. Indica uma meta definida e ainda sugere o conhecimento dos processos para alcançá-la. Neste caso, os recuos podem ser úteis na retomada do impulso necessário para ir adiante.

A héxade representa o labirinto no eneagrama, e dá uma visão toda especial do tempo. Às vezes o futuro vem antes do presente.

O Nove na Arquitetura

O número nove não é absolutamente comum na arquitetura, principalmente por ser um número ímpar, o que não propicia estabilidade física. No entanto, a composição 3x3 é muito usada em arquitetura sagrada, em naves e altares românicos e góticos — por exemplo, como três fileiras superpostas de 3 arcos ou janelas — simbolizando tanto os três centros do homem, subdivididos em três, como os três corpos superpostos em hierarquia.

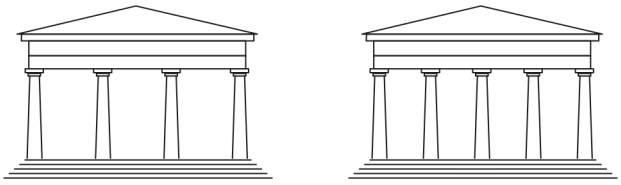
[1] Citação de Sêneca, às vezes atribuída a Montaigne.



Muitas igrejas ortodoxas, por exemplo, na Geórgia e na Armênia, têm uma planta quadrada de nove compartimentos, com quatro colunas centrais, resultando externamente numa cruz de 3x3 quadrados, com cúpula central. A variação é uma planta alongada, com nave em três setores e cruz com braços, antropomórfica.

Na religião Bahá'i, todas as casas de culto têm nove lados e uma cúpula central.

Encontra-se também o número nove em antigos marcos de civilização pré-histórica, em círculos de pedras, como em Dorset e Nine Ladies, Derbyshire, na Inglaterra.



par - comum ímpar - raro

Nas fachadas tradicionais em colunatas é muito raro encontrar-se nove elementos, principalmente porque, sendo o nove ímpar, haveria uma coluna no meio, onde costuma ficar a porta de entrada. Em certos casos essa limitação foi aceita, e esse raro simbolismo aponta o estranho Caminho que não pode ser acessado de imediato, diretamente pelo centro, e algumas vezes dá a chave de uma inexatitude intencional, como nos legominismos. É o caso do templo de Hera, em Pæstum, na Itália, e do mausoléu de Halicarnassus, na Turquia (hoje destruído, mas com partes no Museu Britânico).

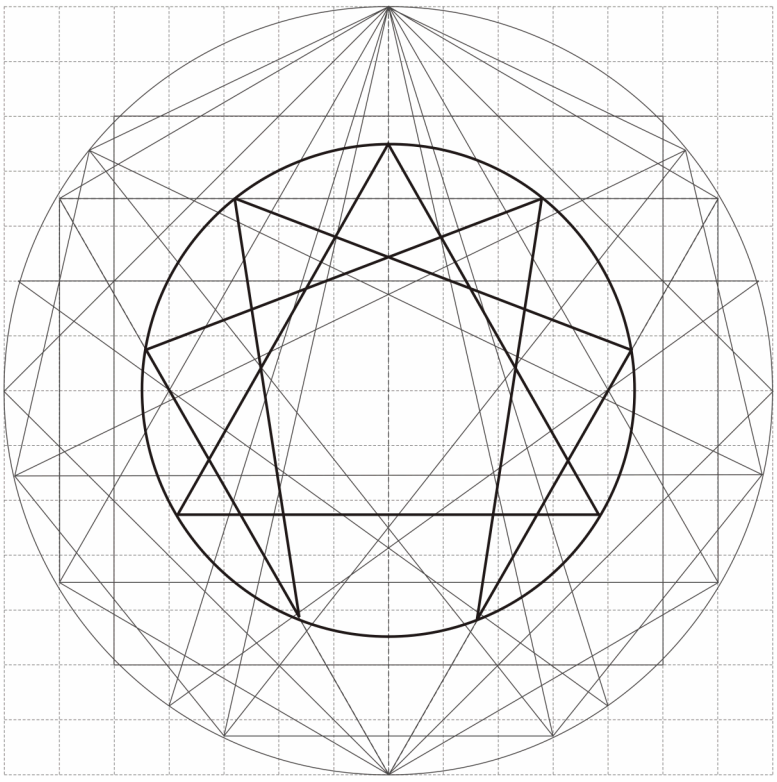
Parece haver também uma ligação com fortificações, defendendo lugares sagrados, como no Castelo de Caernarfon, Gwynedd, Gales do Norte, com nove torres e dois grandes portões.

Há ainda a Salle Pleyel em Paris, com fileiras de nove janelas da fachada, como um templo grego, e um Eneagrama velado no hall de entrada.[1]

[1] See p. 154, Salle Pleyel.

Geometria Sagrada

"A relação entre o fixo e o volátil (entre proporção e progressão) é a chave da Geometria Sagrada: tudo que é manifestado, seja no mundo físico ou no mundo de imagens e concepções mentais, pertence ao fluxo eterno da mudança constante; somente os domínios do Princípio não manifestado é imutável."[1]



Apresentaremos diversas comparações do Eneagrama com figuras geométricas regulares, com relações, proporções e

[1] Lawlor, *Sacred Geometry*, p. 27.

construções clássicas da geometria sagrada, que por si comprovam sua verdade e universalidade.

Nosso tema agora é *proporção*. Em geometria, proporção é uma relação entre 2 ou mais números. Como exemplo básico, temos 1:2==6:12, explicado em palavras como "um está para 2 assim como 6 está para 12".

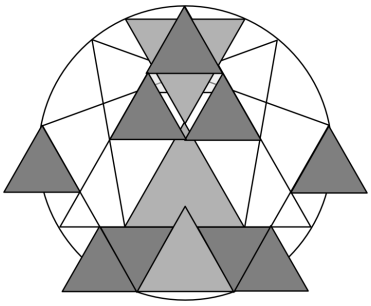
A interpretação em palavras de tantas coincidências gráficas escapa à capacidade de expressão do autor, pelo que deixamos tudo isso ao leitor como material para exercício e reflexão.

Quanto à geometria sagrada em si, ou a busca de significado através da geometria, não entraremos aqui em detalhe, e a quem se interesse recomendamos a leitura de "*Sacred Geometry – philosophy and practice*", de Robert Lawlor.

Polígonos Regulares

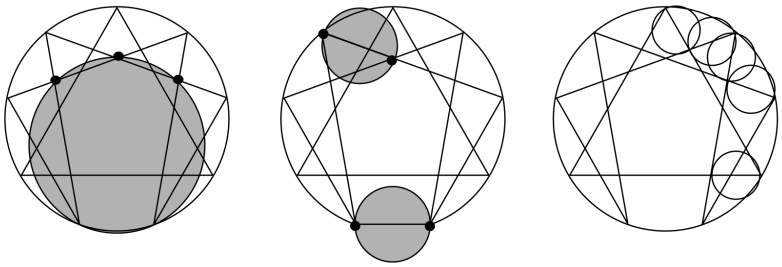
O Eneagrama e o Triângulo

Há tantos triângulos — eqüiláteros ou não — dentro do eneagrama ou implícitos, que levaríamos muito tempo não só para compreender, como mesmo para identificá-los. A seguir, damos uma visão geral.



O Eneagrama e o Círculo

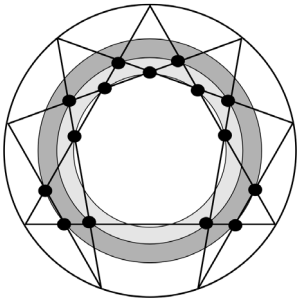
O círculo pode ser usado como um instrumento de medida para verificar distâncias internas equivalentes e chamar nossa atenção para coincidências ou seqüências no tempo cronológico.



Os Círculos da Humanidade

"Podemos então imaginar toda a humanidade,
conhecida e desconhecida,
como formada de vários círculos concêntricos".[1]

Pelos pontos de cruzamento das linhas internas do eneagrama, podemos traçar três círculos. Temos então, dentro do círculo do próprio eneagrama, três círculos internos, subentendidos, simbolizando os três círculos da humanidade, de onde nos chegam as influências: o exotérico (exterior), o mesotérico e o Círculo Esotérico ou interior.[2] Logo a seguir, tratando do eneagrama e o triângulo como parte de algo maior, veremos outros círculos, exteriores.

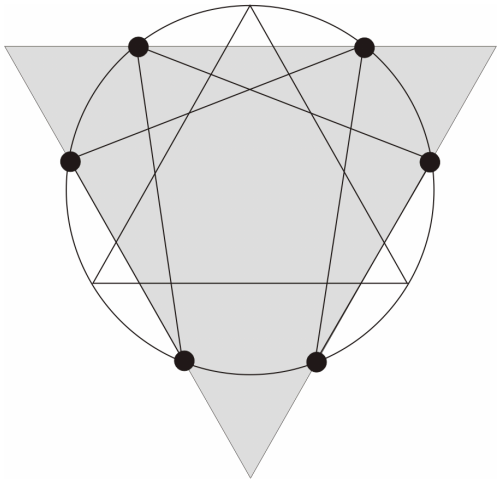


"O círculo exterior, no qual vivemos,— tem vários nomes que designam seus diferentes aspectos. É chamado círculo mecânico, porque nele tudo acontece tudo nele é mecânico e porque os homens que nele vivem são máquinas. É também chamado círculo da confusão das línguas, porque aqueles que vivem nesse círculo falam todos línguas diferentes e nunca se compreendem. Cada um compreende a coisa à sua maneira."[3]

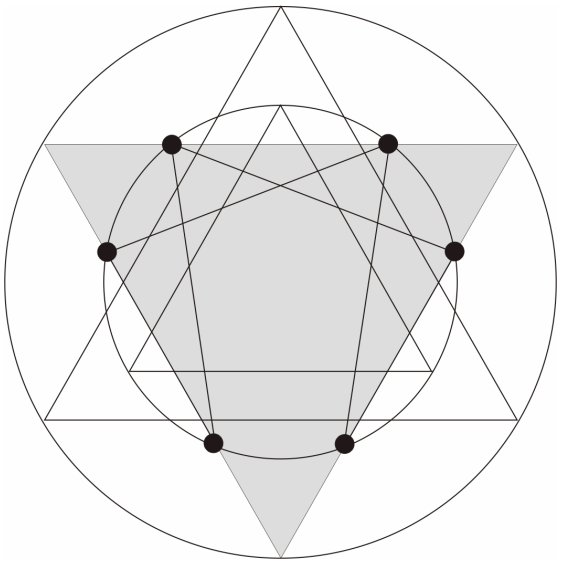
---

[1] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 353.
[2] Ouspensky, *Fragmentos*, p. 230.
[3] Ouspensky, *Psicologia,* p. 73.

PARTE DE ALGO MAIOR

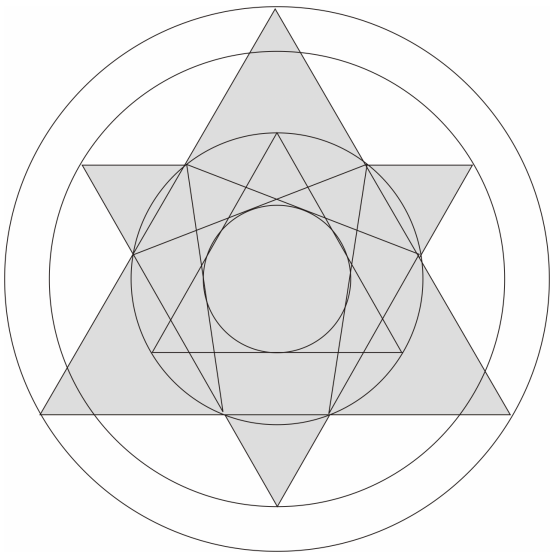


Os pontos em que a héxade toca a circunferência em 1-2, 4-5 e 7-8, pares de preparação-ação, fazem parte de um triângulo invertido, o que nos dá a perspectiva de outros mundos e o vislumbre de mundos dentro de mundos. Com essa figura podemos ver que a héxade pertence a um mundo além do Eneagrama.



Esse triângulo externo invertido está inscrito em um círculo concêntrico ao eneagrama. Ainda, pelos mesmos pontos da héxade temos outro triângulo exterior, maior que o primeiro. Esses dois

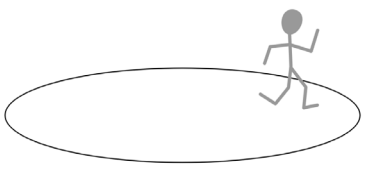
triângulos compõem uma Estrela de Davi irregular, mas de grande beleza, e mostram claramente os 4 círculos da humanidade, de um ponto de vista diferente daquele que vimos no tópico anterior.



"...há uma grande diferença entre os homens nº s 1, 2 e 3,
por um lado, e os homens das categorias superiores, por outro.
Na realidade, essa diferença é muito maior do que podemos imaginar
— tão grande que, desse ponto de vista, pode-se considerar
a vida dividida em dois círculos concêntricos:
o círculo interior e o círculo exterior da humanidade.
Ao círculo interior pertencem os homens nºs 5, 6 e 7; ao círculo exterior,
os homens nºs 1, 2 e 3. Os homens nº 4 estão no umbral do círculo
interior, isto é, entre os dois círculos.
Por sua vez, o círculo interior divide-se em três círculos concêntricos:
o mais interior é o dos homens nº 7; o intermediário,
o dos homens nº 6; o mais exterior, o dos homens nº 5.
Essa divisão não nos diz respeito no momento.
Para nós, os três círculos formam apenas um" [1]

Cada um dos três círculos interiores tem sua linguagem própria[2], e devemos sempre estudar a linguagem do círculo imediatamente interior àquele em que estamos.

Isto nos lembra a história do *iezida*, que não podia, por sua própria vontade, sair do círculo em que estava:



[1] Ouspensky, *Psicologia*, p. 72. Ver também Ouspensky, *Fragmentos*, pp. 353-5.
[2] Ouspensky, *Psicologia*, p. 73.

"Dentro dele, pode mover-se livremente.
Quanto maior o círculo, maior a superfície onde lhe é
possível deslocar-se, mas quanto a transpor a linha,
não é capaz de fazê-lo: uma força estranha,
fora de proporção com sua força normal, o retém prisioneiro".[1]

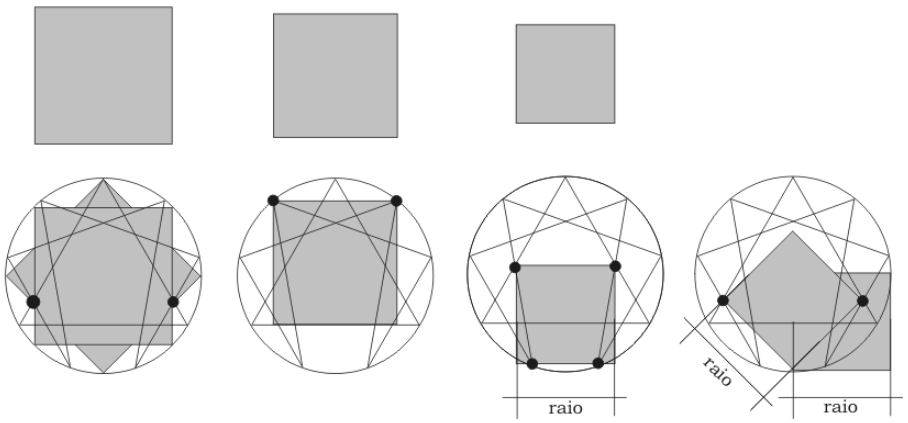
Em outra ocasião, Gurdjieff volta a falar, ainda que com certa ironia, em um "círculo mágico sem saída".[2]

O Eneagrama e o Quadrado

O quadrado inscrito[3] coincide com o eneagrama quando posicionado a 45 graus, lembrando o quadrado da Escala Diatônica[4].

Um quadrado com lado igual à distância entre o 1 e o 8 tangencia a base do triângulo.

O quadrado de lado igual ao raio também encontra coincidências, tanto na posição normal, como a 45 graus.



Estações do Ano

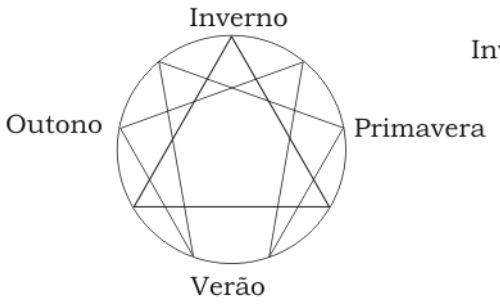
Poderemos confirmar com o estudo dos processos no eneagrama, que tudo começa na primavera, se desenvolve no verão, frutifica no outono e descansa no inverno.

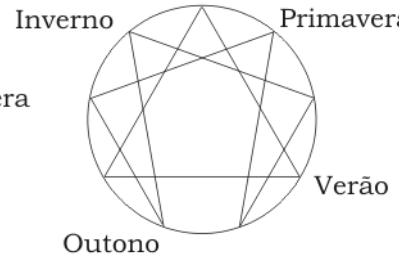
Agora, há um caso a observar. A primavera começa em abril no hemisfério norte, correspondendo a Áries, o 1º signo do zodíaco. As estações são invertidas no hemisfério sul. Parece haver uma tendência no hemisfério sul a se começarem os processos em Libra.

---

[1] Gurdjieff, *Encontros*, p. 70.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 205.
[3] Ver p. 190, Razões Inteiras .
[4] Ver p. 97, A Escala Diatônica.

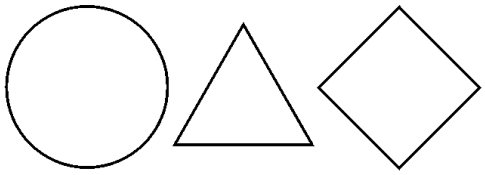
Libra corresponde ao 7 no eneagrama, e essa tendência faz as pessoas no Sul desejarem começar no ponto onde o objeto já deveria estar completo. Neste caso, há uma ilusão de fazer antes de haver qualquer plano ou realização. Isso poderia ser a "prisão" demarcada pela corda 7-1 em sua área superior.[1]

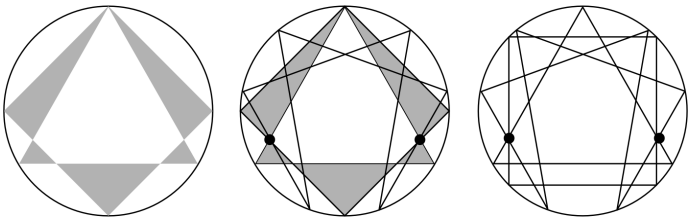




Círculo, Triângulo e Quadrado

O círculo, o triângulo e o quadrado formam outra importante tríade, representando estágios na evolução. Essas formas simbólicas têm sido usadas na formação de imagens mentais, para exercícios de concentração e visualização.





A seguir apresentamos uma ilustração feita por um mestre Zen[2], que desde sua origem tem evocado mistério e êxtase:

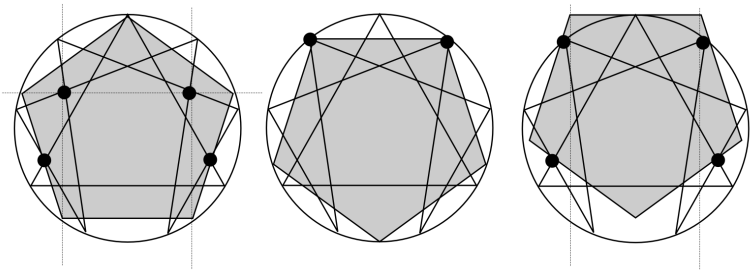
[1] Ver p. 251, Cordas.
[2] Sengai Gibon (1750-1838).

Em outra abordagem, a trindade de Ten, Chi e Jin é relevante no estilo de karatê Wa-Do Ryu, cujo fundador, Hironori Ohtsuka, acreditava que as verdadeiras Artes Marciais correspondiam perfeitamente às leis do cosmos e da natureza.[1] Trata-se essencialmente do relacionamento entre Ten (círculo) significando céu, ar; Chi (quadrado) significando terra, solo; e Jin (triângulo) como o homem (a humanidade), ou o que é humano.

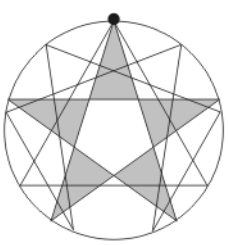
No Aikido, o triângulo representa a Entrada (posição inicial), a geração da energia e da iniciativa; o círculo se simboliza a Execução (técnica), unificação, serenidade e perfeição, e o quadrado representar o Término (resultado), forma e solidez, a base do controle aplicado.[2]

O Eneagrama e o Pentágono

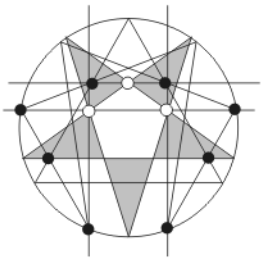
O pentágono como polígono regular, em suas duas posições, coincide com pontos e cruzamentos de linhas do eneagrama. Como polígono estrelado, tem um outro tipo de coincidência.



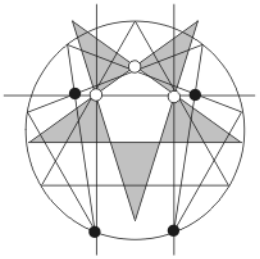
[1] Hironori Ohtsuka (1892-1982).
[2] Morihei Ueshiba (1883-1969), fundador do Aikido.



não-coincidência aparente

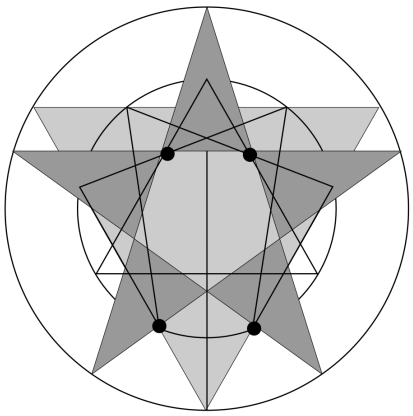


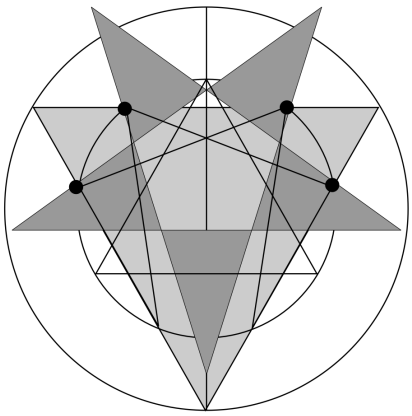
baixando o pentágono: coincidências não muito exatas



invertendo o pentágono: coincidências não muito exatas

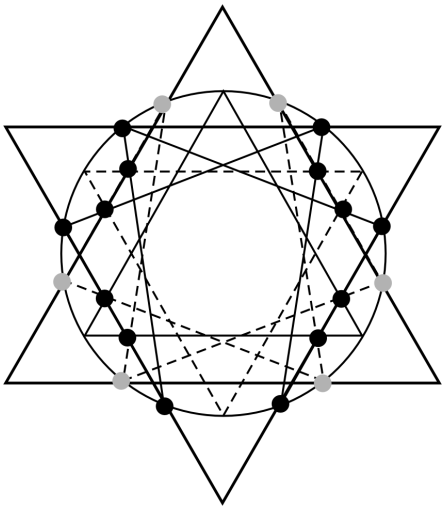
O pentágono inscrito no círculo do triângulo exterior que forma a héxade mostra mais coincidências, e bastante significativas. Pode-se sentir isso apenas olhando estes expressivos desenhos:



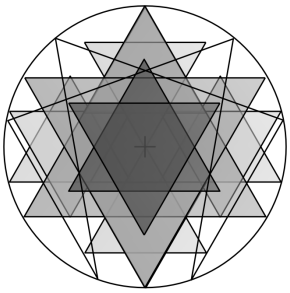


O Eneagrama e o Hexágono

A coincidência do eneagrama em suas posições normal e invertida mostra coincidências com o hexágono formado pelos triângulos externos que sugerem a héxade.

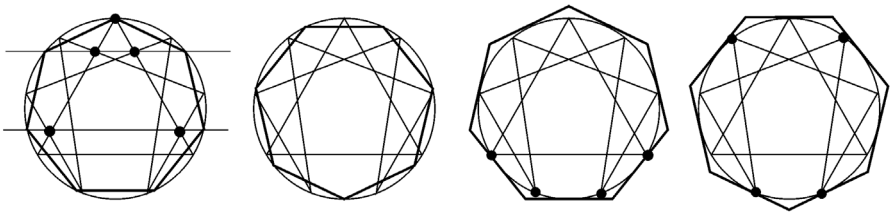


No estudo conjunto do eneagrama com o hexágono, surge a semelhança com o Yantra[1] indiano.

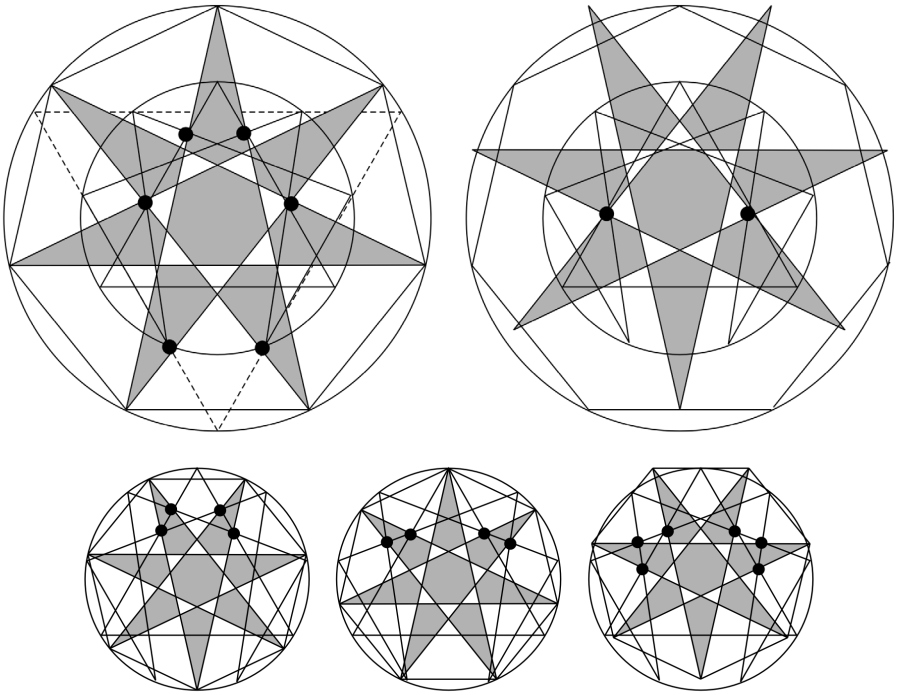


O Eneagrama e o Heptágono

Há coincidências com o heptágono regular, tanto inscrito como circunscrito, e também com o heptágono estrelado, em suas duas posições.



[1] Ver p. 202, Yantras.



O Eneagrama e o Octógono

"Entre todos os números,
nove é o primeiro quadrado de uma tríade ímpar perfeita,
enquanto oito é o primeiro cubo da díade par." [1]

O octógono é o símbolo da oitava, por excelência, preferido na arquitetura clássica por sua estabilidade.

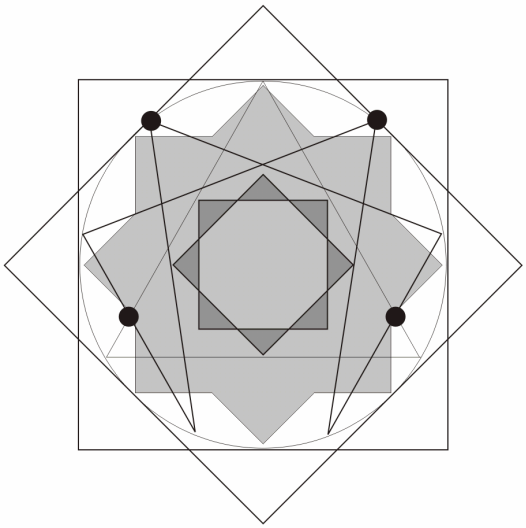
Constitui também importante símbolo esotérico na China, desde os oito hexagramas do I Ching[2] ao Ba-Guá do Feng Shui.

[1] Plutarco (c.46–120 AC), ensaista e biógrafo grego, em Moralia, *Quaestiones Romanae*, 102.
[2] Ver p. 364,
I Ching.

Inscrito no círculo, o octógono tem correspondência com as notas Ré e Si na escala diatônica. Neste caso, se superpõe ao quadrado inscrito e por isso compartilha algumas de suas qualidades.

Circunscrito ao círculo, o octógono tangencia o eneagrama nos pontos 1 e 8, sugerindo relação com os níveis de comando.[1]

Agora, é importante notar a existência de uma trindade[2] implícita no 8, devido à potência cúbica de dois: $2^3=8$.

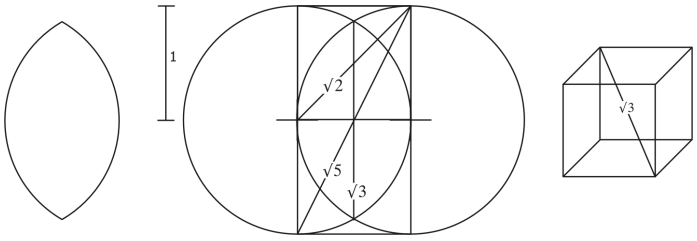


[1] Ver p. 312. Níveis na Empresa
[2] Ver p. 236, tridimensionalidade da matéria.

VESICA PISCIS

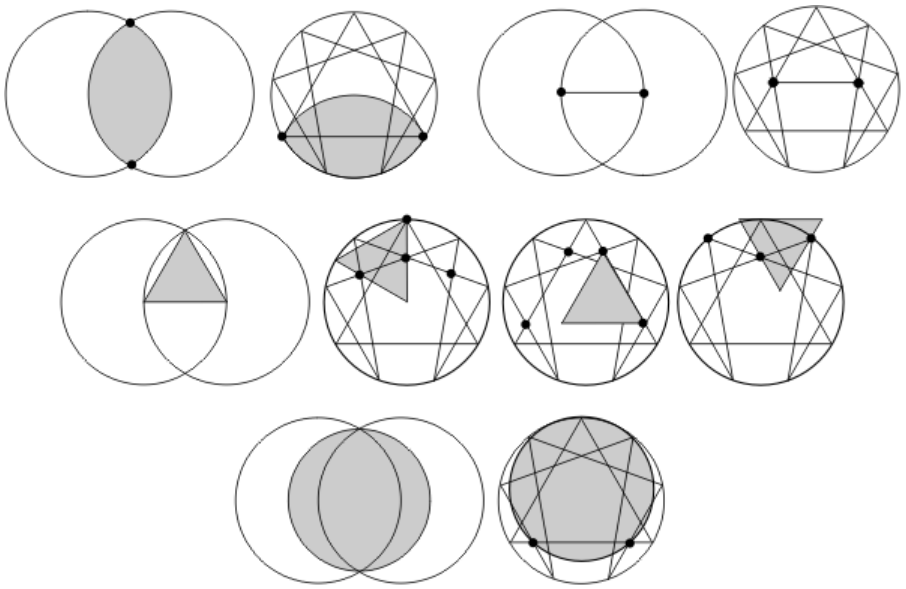
A Vesica Piscis[1], também chamada Mandorla, é a figura oval com pontas, resultante da interseção de dois círculos iguais que se tocam, passando a circunferência de cada um pelo centro do outro.

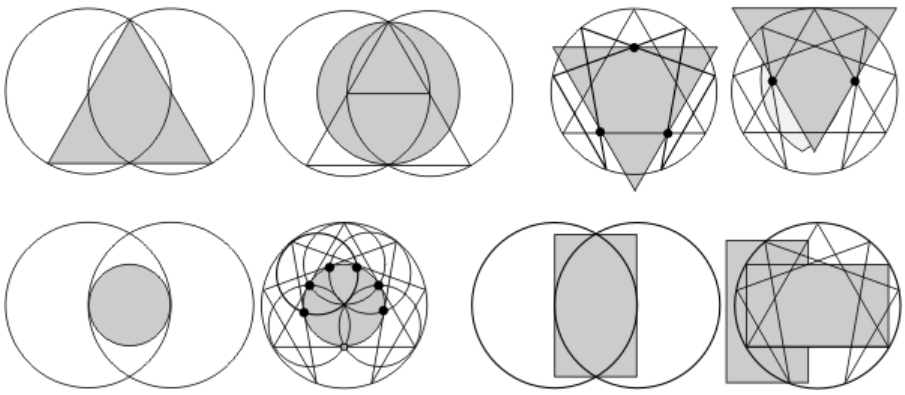
Simbolizando a união dos opostos, esta é uma configuração *geradora*, como uma máquina transformadora que gera números irracionais. Em geometria sagrada é muito importante por gerar graficamente as raízes quadradas de 2, de 3 e de 5.

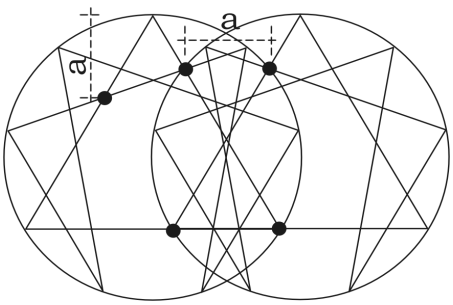


Quando os raios são iguais a 1, a linha traçada entre os pontos de encontro das duas circunferências equivale à raiz de três, número de caráter altamente formativo, que também aparece na diagonal do cubo de lado 1.

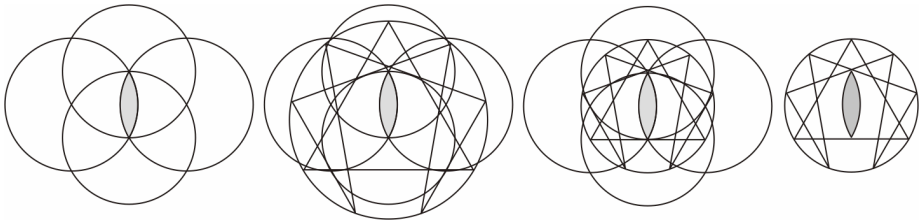
[1] Do latim, significando "bexiga de peixe".






a
a

Pétala



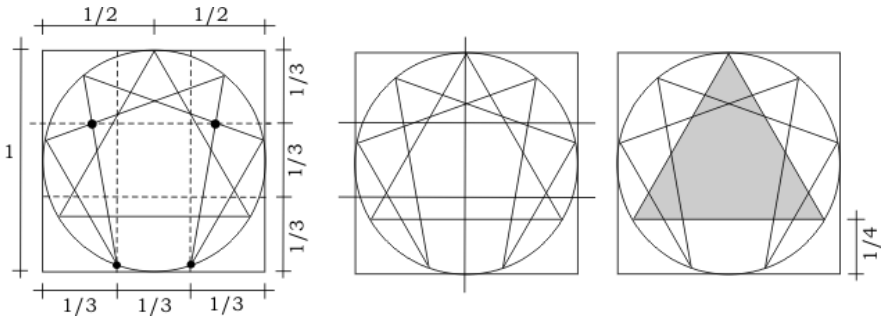
Relações Gráficas Matemáticas

Razões Inteiras Simples

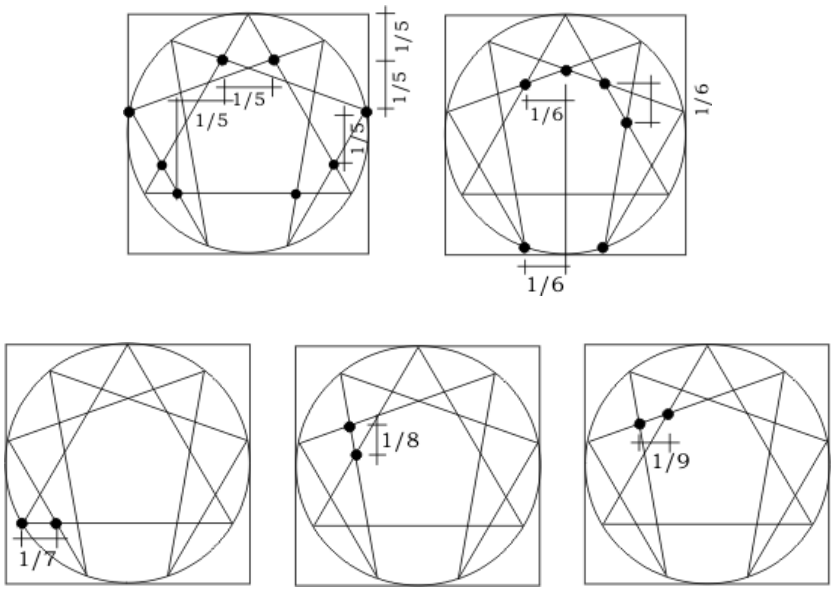
Razão é a comparação de dois números, por exemplo, 1/2 ou 1:2. *Proporção*[1] é uma equação com uma razão em cada lado, afirmando que as duas razões são iguais. Por exemplo: 1/3=2/6.

Em primeiro lugar, temos uma utilidade prática das razões e proporções no eneagrama, pois nos facilitam desenhá-lo bastante bem sem muitas ferramentas auxiliares.

Além disso, se tivermos algum conhecimento de geometria sagrada e das proporções da natureza, encontraremos muito sobre o que ponderar, em termos de conhecimento objetivo. Como podemos ver nas ilustrações que se seguem, o eneagrama contém várias razões inteiras simples, que não só ajudam a desenhá-lo, mas também podem fornecer um claro entendimento ao bom intérprete de geometria, especialmente se ele fizer analogias aos centros e suas subdivisões.

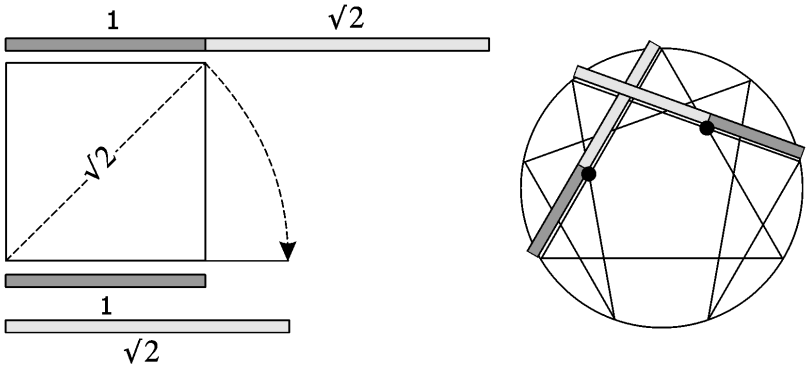


[1] Ver p. 67, Proporção.



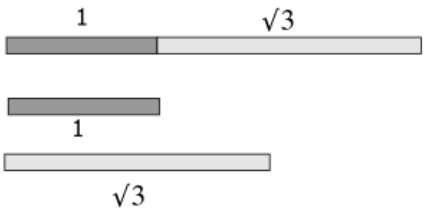
Raiz Quadrada de 2

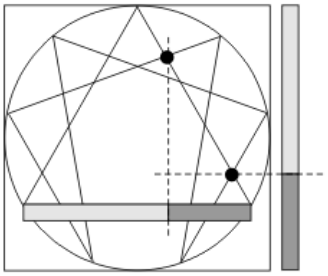
A raiz quadrada de 2 (aproximadamente 1,414) é a diagonal do quadrado de lado 1. Evoca o quadrado, portanto evoca a perfeição material.



Raiz Quadrada de 3

A raiz quadrada de 3 (aproximadamente 1,732) é gerada de duas maneiras: é a diagonal maior do cubo, e a interseção dos 2 círculos de raio 1 da Vesica Piscis. Esta última é a maneira mais prática de encontrá-la graficamente.

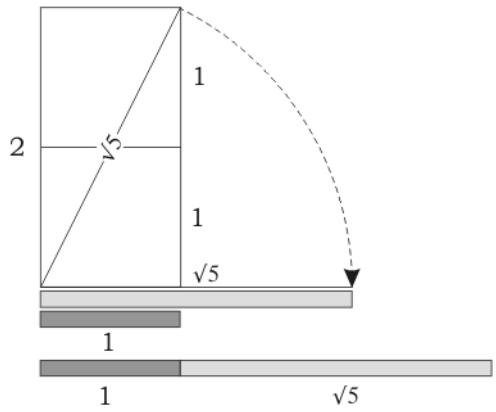


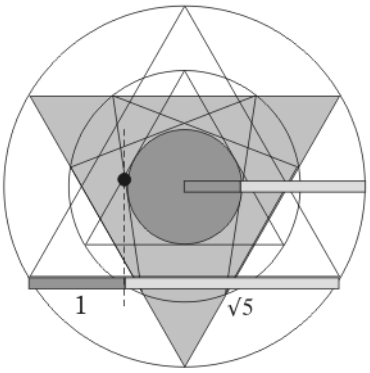


Suas coincidências com cruzamentos internos no eneagrama só podem ser encontradas por projeção — obviamente, isto tem uma conotação tridimensional e podemos observar que marca pontos de interseção entre o triângulo (emocional) e a héxade (mental).

Raiz Quadrada de 5

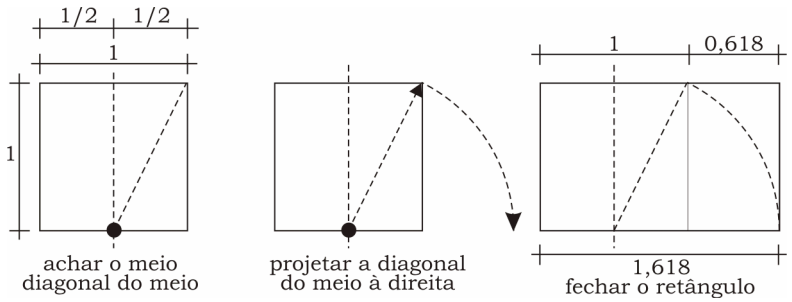
A raiz quadrada de 5 (aproximadamente 2,236) é a diagonal do retângulo de lados 1 e 2 (dois quadrados). Aparece no eneagrama por projeção sobre o triângulo externo formador da héxade, e também na relação entre os círculos interior e exterior.





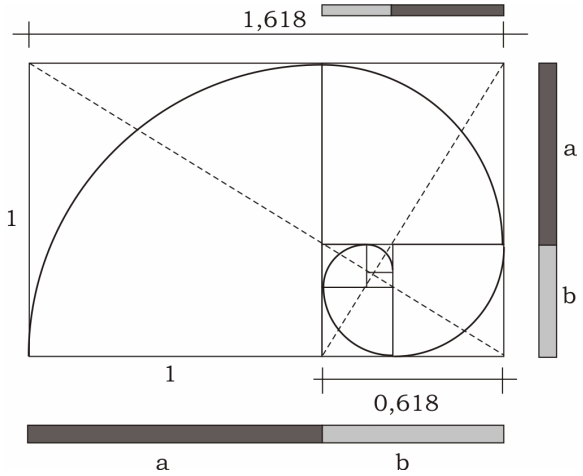
Seção Áurea

Em se tratando de geometria sagrada, o mais importante conceito é o da Seção Áurea, também chamada Segmento Áureo, Média Dourada ou Divina Proporção. É uma relação geométrica única, característica das criações da natureza, que aparece nas proporções do corpo humano, nas plantas, nas espirais da natureza.



Para obtê-la, começamos com um quadrado de lado 1 e passamos uma diagonal do meio da base até o vértice superior direito. Com centro no meio da base, traçamos um arco até que toque a extensão da base à direita, e teremos então o limite do novo retângulo, o retângulo áureo. Esta pequena adição à base de resulta em *phi*, um número que assume dois valores: 0,618... e 1,618..., sendo ao mesmo tempo a adição à base do quadrado e a base total do retângulo áureo.

Matematicamente, a Seção Áurea é a relação entre a unidade e o número *phi*[1].



Algo a torna tão misteriosa quanto a Santíssima Trindade[2], onde 2 é 3, por ser *a única proporção de três termos construída com dois termos*. Olhando a figura acima, podemos dizer que a:b::b:(a+b) ("a" está para "b" assim como "b" está para "a+b"). O único número que suporta tal relação é *phi*, pois no retângulo áureo a/b=*phi*.

O número *phi* gera a Série de Fibonacci, na qual os dois termos iniciais iguais (1) são somados para formar o termo seguinte e, a partir do terceiro, cada termo é a soma dos dois anteriores:

---

[1] *Phi*, Ø, 21ª letra do alfabeto grego.
[2] Ver Lawlor, *Sacred Geometry*, pp. 45-6.

1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233...

A razão entre cada par sucessivo de termos nesta série se aproxima cada vez mais do *phi* real. Depois do 40º número da série, a razão entre eles, *phi*, tem a precisão de 15 casas decimais:

1,618033988749895...

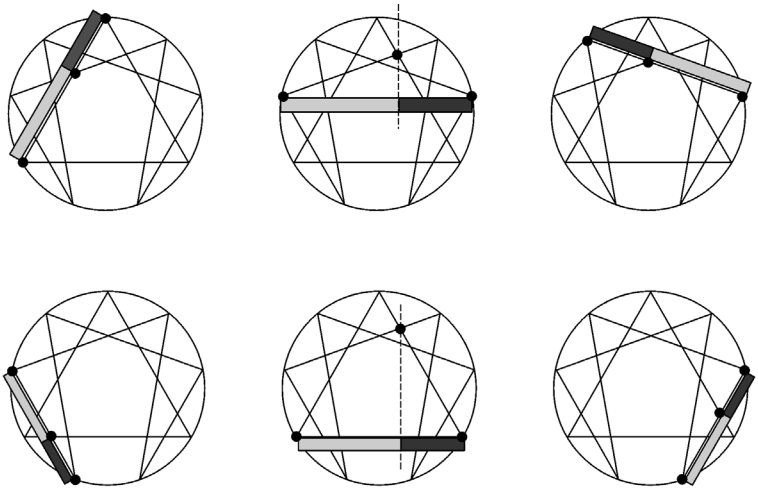
A Seção Áurea, o número *phi e a* Série de Fibonacci são intimamente relacionados e caracterizam o que há de mais sagrado na natureza.

A Seção Áurea é algo tão natural, tão instintivamente familiar, que agrada sempre a todos. Esteja certo de que ao usá-la não desagradará a ninguém em termos estéticos. Nas cores, corresponde a um certo tom de azul, como o céu. Na música, corresponde à nota Lá bemol ou "quase Lá". Nunca nos incomoda. Os fractais naturais, sempre baseados em relações geométricas racionais ou na seção áurea, nunca nos desagradam. Não há forma feia ou desagradável nas nuvens, nas folhagens, nas montanhas, nos rios, nas ondas, nos desertos.

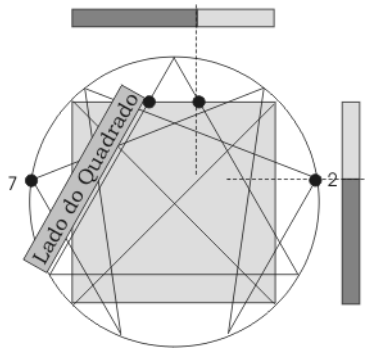
A Seção Áurea e o Eneagrama

Há no eneagrama vários segmentos que se complementam na proporção áurea. Mostramos aqui os mais evidentes, porém se tolerarmos erros mínimos poderemos encontrar muitos mais.

Essa proporção pode ser usada para verificar o grau de naturalidade, verdade e universalidade de uma forma, assim como o eneagrama pode ser usado para verificar o grau de correção de qualquer processo.

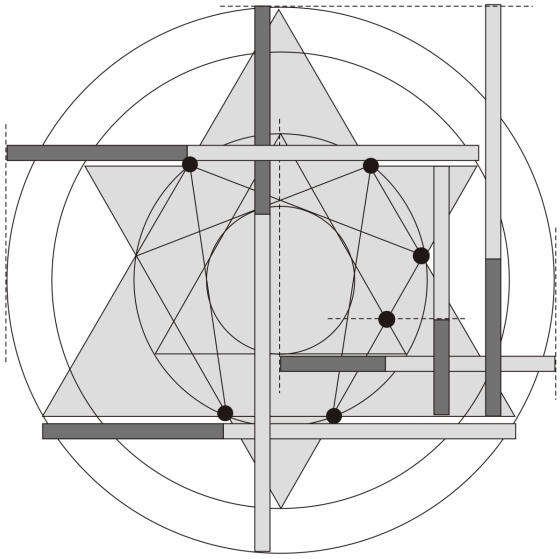


A Seção Áurea e o Quadrado Inscrito



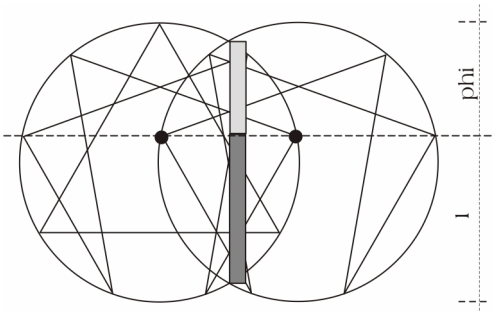
Os pontos de interseção do triângulo com o quadrado inscrito no eneagrama dividem o lado do quadrado em seção áurea e marcam sobre o triângulo um segmento igual ao lado do quadrado. A linha horizontal no nível 7 e 2 corta o lado do quadrado na seção áurea.

A Seção Áurea e a Estrela de Davi Exterior[1]

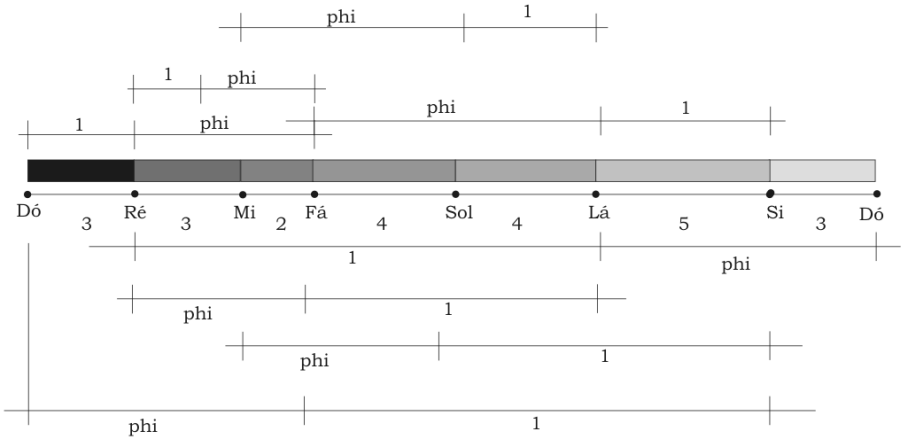


[1] Ver p. 180, PARTE de Algo Maior.

A Seção Áurea e a Vesica Piscis

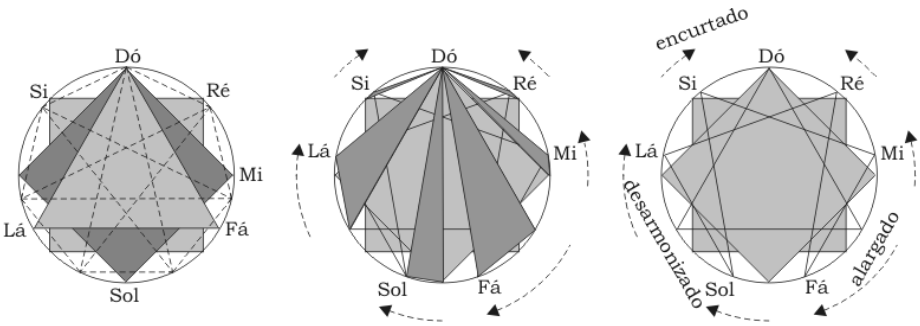


A Seção Áurea e a Escala Diatônica



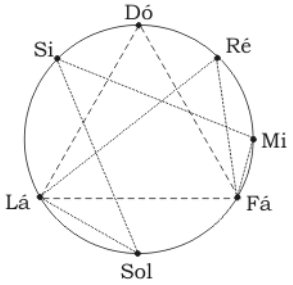
O Eneagrama e a Escala Diatônica

Estes são alguns diagramas para a comparação da superposição do eneagrama com a escala diatônica, no estudo das alterações feitas nos intervalos.

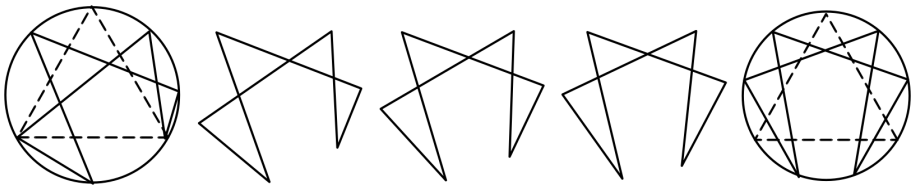


A maior coincidência geométrica entre o eneagrama e a escala diatônica é em seus triângulos, que se superpõem exatamente nas duas figuras. É interessante observar as alterações feitas nos intervalos do Heptaparaparshinokh[1] superpondo o eneagrama aos polígonos regulares inscritos da escala diatônica.[2]

Aqui temos o incrível Eneagrama Diatônico de Russell A. Smith,[3] exibindo a héxade diatônica peculiar:



A seguir podemos ver, através da interação seqüencial entre o eneagrama diatônico e o eneagrama gurdjieffiano, como a héxade passa a ser definitivamente separada do triângulo:

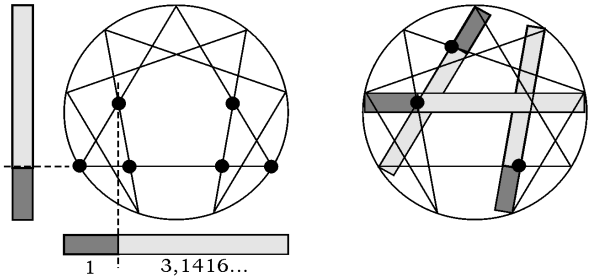


[1] Ver p. 104, Heptaparaparshinokh.
[2] Ver p. 97, Escala diatônica.
[3] Smith, *Cosmic Secrets*, p. 88.

O Eneagrama e Pi

Pi, representado pela décima sexta letra do alfabeto grego (π), denota a razão é entre o raio da circunferência de um círculo e seu diâmetro. É um número transcendental, tendo o valor aproximado de 3,1416...

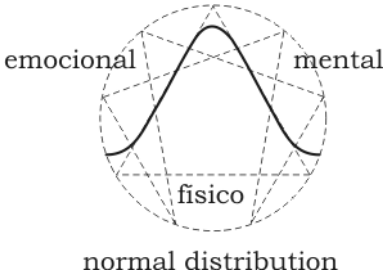
Pi corresponde à base da matéria e da existência, definindo aquilo que é cíclico ou elíptico na natureza.



Distribuição Normal

Pi também determina a curva de distribuição normal ou de Gauss, que define as possibilidades de ocorrência de eventos naturais.

Ajustada ao eneagrama, a curva de Gauss mostra uma distribuição onde há pouca atividade mental e emocional, enquanto a atividade física domina. Não é uma distribuição hierárquica, nem se relaciona com níveis de ser, como a Lei das Proporções.[1]



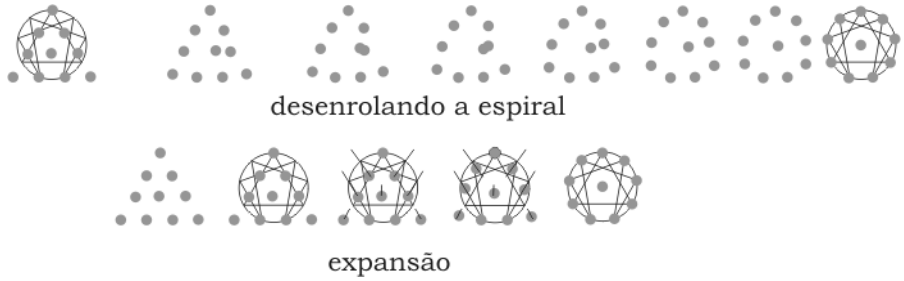
normal distribution

É uma distribuição natural e mais abrangente, considerando que as massas estão no centro, havendo apenas poucas exceções, seja abaixo ou acima da média. Por exemplo, entre os 3 tipos de homem Exterior, há predominância do homem n° 1 (físico) sobre os homens n° 2 e n° 3. Como nossa vida planetária se baseia na matéria, isto é dito "normal". As duas partes fora da forma de sino central da curva

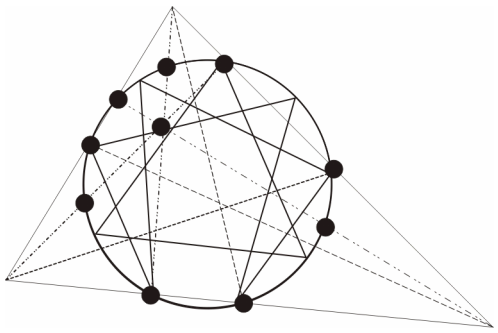
[1] Ver p. 378, Lei das Proporções.

correspondem às partes diferentes do "padrão normal", e marcam o "desvio padrão".

Tetraktys de Pitágoras



O Círculo de Nove Pontos



Podemos achar uma interessante relação com o eneagrama no círculo de Feuerbach, acima. Para qualquer triângulo arbitrário, os 3 pontos médios dos lados, os 3 pés das altitudes (altitude é um segmento perpendicular de um vértice ao lado oposto) e os 3 pontos que são os pontos médios dos segmentos que se juntam no ortocentro (*ortocentro* é a interseção comum das 3 linhas que contém as altitudes) até os vértices do triângulo, todos pertencem à circunferência de um círculo chamado Círculo de Nove Pontos.

A cada um dos vértices do triângulo correspondem 3 pontos, similares às 3 partes dos centros do homem. Se você aprecia geometria, pode experimentar isso com diversos tipos de triângulo, vendo e sentindo as diferenças que ocorreriam se o triângulo do eneagrama não fosse perfeitamente regular.

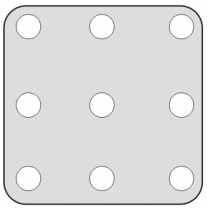
Jogos e Quebra-Cabeças de Nove Pontos

Considerando o caráter vivente do eneagrama, é compreensível quantos jogos[1] e quebra-cabeças podemos encontrar, desde os tempos antigos, baseados no número nove.

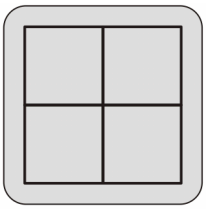
Em algumas catedrais de origem monástica, há um jogo de Nove Buracos, com o padrão de 3x3 buracos cavados nos claustros, em bancos de pedra e madeira, por exemplo. Nos jogos de Nove Pontos, os jogadores usam os nove pontos de interseção de seis linhas ortogonais.

Isso também corresponde às três partes dos três centros e sua divisão em seções positiva e negativa.

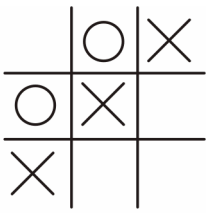
Provavelmente o mais popular dos jogos matriciais é o Jogo da Velha, no qual cada um de dois jogadores usa um lápis para marcar um "xis" ou um "zero" nos quadrados. O objetivo de cada jogador é formar uma linha de três marcas, seja ela vertical, horizontal ou diagonal.



Nove Buracos

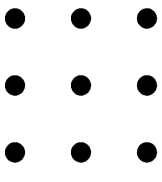


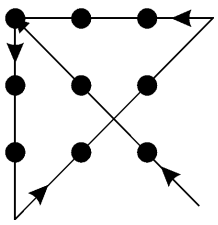
Nove Pontos



Jogo da Velha

O quebra-cabeça que se segue apresenta o mesmo padrão de 3x3 e desafia você a conectar todos os nove pontos com exatamente 4 linha retas, sem tirar o lápis do papel. Para resolvê-lo, você precisa estar aberto a um novo modo de pensar, extrapolando os limites implícitos do quadrado que lhe foi apresentado.





[1] Ver também 387, Jogos.

Hanukah ou Nove Luzes

No judaísmo, a Festa da Luz ou da Dedicação, Hanukah[1], simboliza o nascimento do Homem Novo e é celebrada com um candelabro de 9 luzes (e não 7, como no Menorah comum). As 8 luzes em dois ramos representam o milagre no templo de Judas Macabeu, quando uma única lâmpada de óleo puro encontrada no templo, que seria suprimento para apenas um dia, durou oito dias. Uma nona luz, *shammash* ou fonte, é usada para acender as outras, uma vez que as leis judaicas proíbem o uso prático das velas do Hanukah.

O oito é um número que designa o equilíbrio num plano superior, mais elevado. Ele prolonga a criação do mundo, criado em sete dias. O nove, assim, adquire um significado especial, como na pirâmide, em que o topo se distingue claramente da base.

O Carneiro no Arbusto

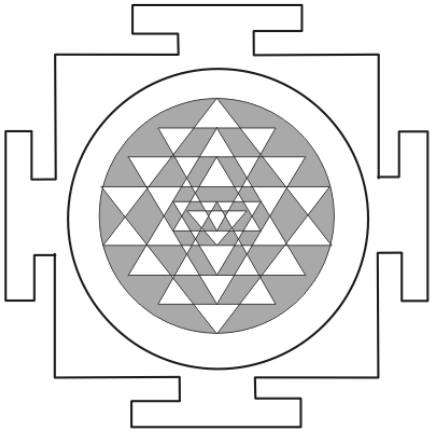
Da mais remota Suméria dinástica, o Museu Britânico exibe uma escultura em forma de carneiro, de uma tumba real em Ur, de 2600-2400 A.C. O arbusto tem nove ramos, como o Hanukah, e diz-se que simboliza a fertilidade.

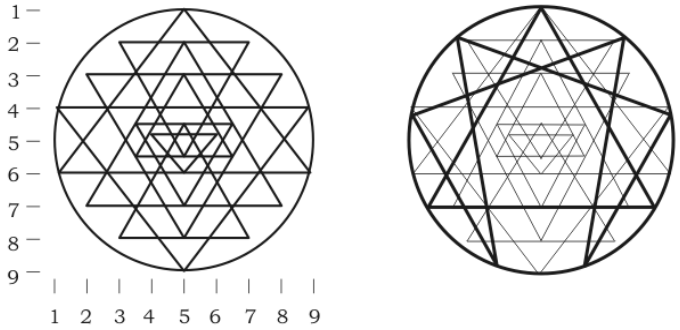
[1] Hanukah, palavra em hebraico, significa “dedicação”.

YANTRAS

O Yantra é o símbolo mais celebrado na Índia. Tem uma forma de mandala, que representa a divindade num diagrama geométrico, geralmente usado para auxiliar a meditação, a concentração e a contemplação. Como o eneagrama, o Yantra é um dispositivo que transmite significado e um método para o estudo espiritual através da matemática e da geometria.

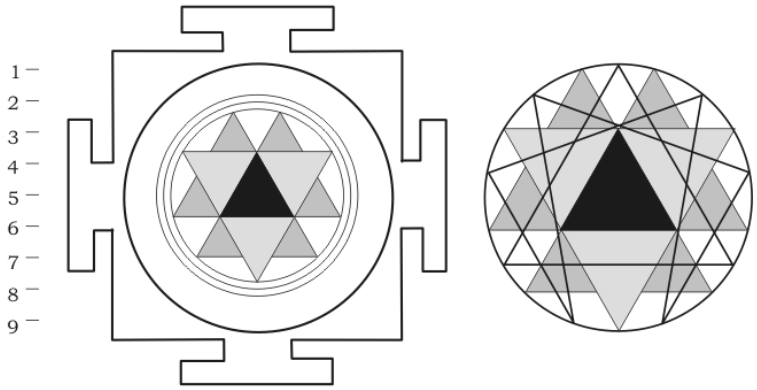
O mais difundido é o Sri Yantra, constituído pela interseção de 9 triângulos, 4 apontando para cima e 5 para baixo. O desequilíbrio torna o Yantra dinâmico e poderoso.



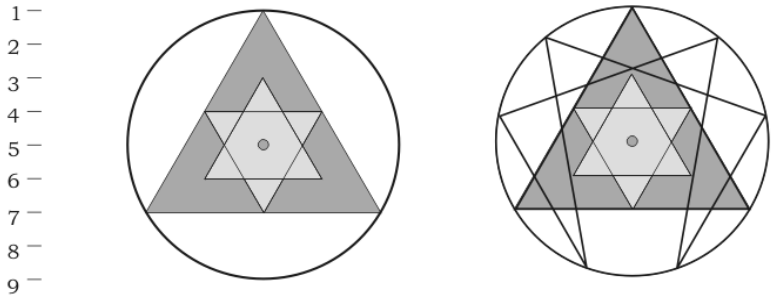


O quadrado exterior, ou assento, é o mesmo que para qualquer outro Yantra, com 4 portões correspondentes aos 4 pontos cardeais ou os 4 caminhos.

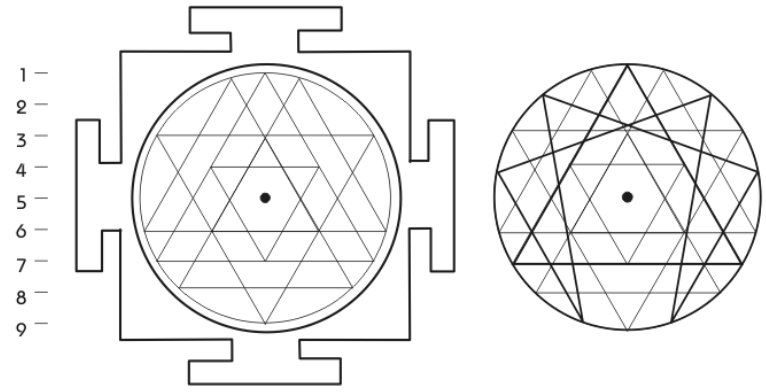
A seguir, temos o Durga Yantra, uma estrela de 9 pontas e sua imagem com o eneagrama:



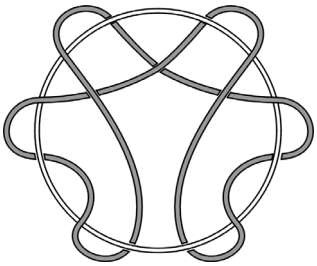
Depois, temos o Ganesha Yantra, um símbolo masculino, e sua imagem com o eneagrama:



Agora vemos o Durga e Ganesha Yantras combinados; e sua imagem com o eneagrama:

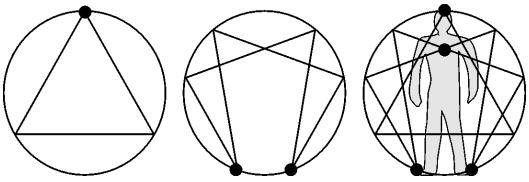


A Héxade em Curvas

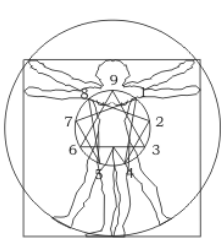


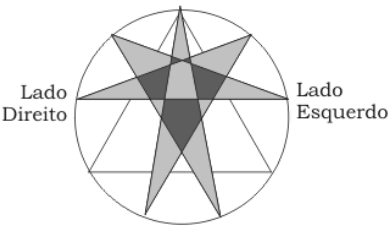
Proporções Humanas

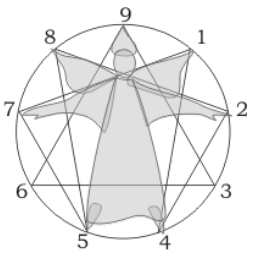
A simetria vertical e a orientação alto-baixo do eneagrama refletem as características do corpo físico do homem, com uma cabeça em cima, dois pés em baixo e o coração no meio.



Qualquer semelhança com o cânon de Da Vinci[1], o homem Vitruviano, *não* é mera coincidência:



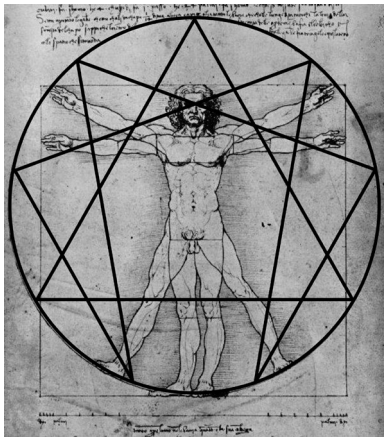




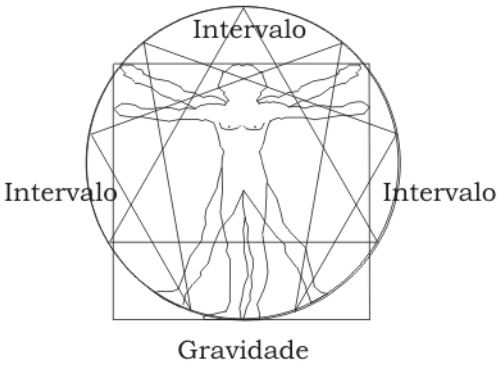
O eneagrama deve ser visto como se deitado de costas sobre o papel, portanto como um homem visto de frente, como vemos outro homem — ou como um anjo, com suas asas. O que importa é que quando nos referimos a seu *lado esquerdo*, estamos nos referindo ao lado à nossa direita no papel. Em outras palavras, 1, 2, 3 e 4 estão no lado esquerdo e 5, 6, 7 e 8 estão no lado direito.

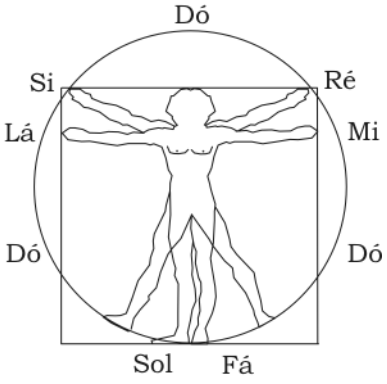
[1] Leonardo da Vinci (1452-1519), artista e engenheiro italiano.

O Homem Vitruviano de Leonardo



"O projeto dos templos depende da simetria: e o método desses arquitetos precisa ser aprendido diligentemente. Ele surge da proporção (que em grego é chamada analogia). A proporção consiste em tomar um módulo fixo em cada caso, tanto para as partes de um edifício, quanto para o todo, pelo qual é posto em prática um método da simetria. Pois sem simetria e proporção nenhum templo pode ter um plano aceitável."[1]



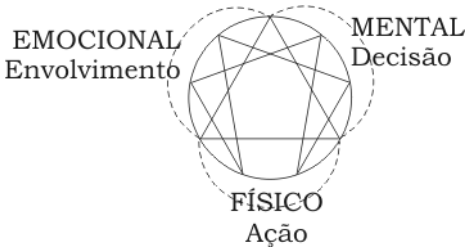


Estas ilustrações são derivadas de um desenho de Leonardo de em seu caderno sobre o homem Vitruviano.

[1] Vitruvius (c.70- 25 BC), arquiteto e enciclopedista romano, em *De Architectura*, Livro 3, Cap. 1 (*Planejamento dos Templos*].

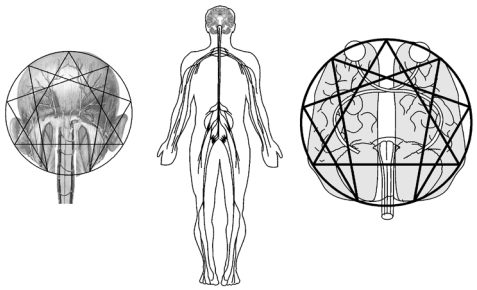
Note-se a correspondência entre a escala musical e os três centros do homem, com suas duas partes, positiva e negativa. No esquema dos três centros há ainda a analogia aos hemisférios esquerdo e direito e à medula espinhal.

Hemisférios Cerebrais e Medula Espinhal



Os hemisférios cerebrais e a medula espinhal aparecem no eneagrama na simetria bilateral e no eixo vertical implícito. O significado vem da união dos centros mental e emocional e sua manifestação através do físico.

Observe-se também a coincidência do cruzamento das linhas da héxade com o *cruzamento* dos feixes nervosos pelo qual cada hemisfério do cérebro comanda o lado oposto do corpo.

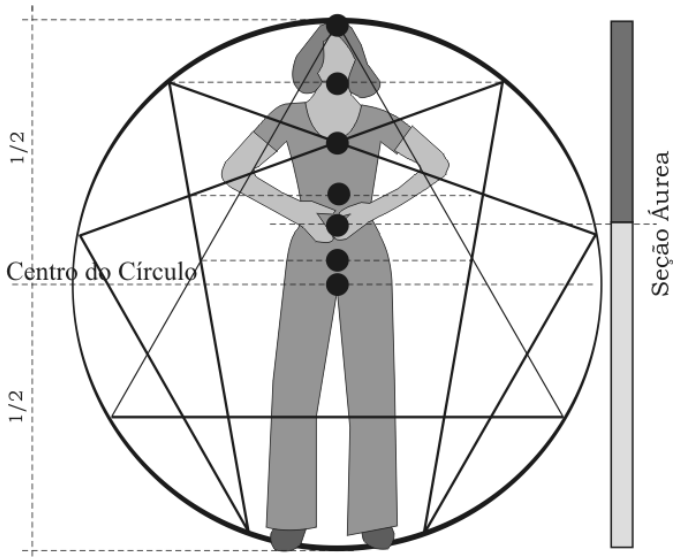


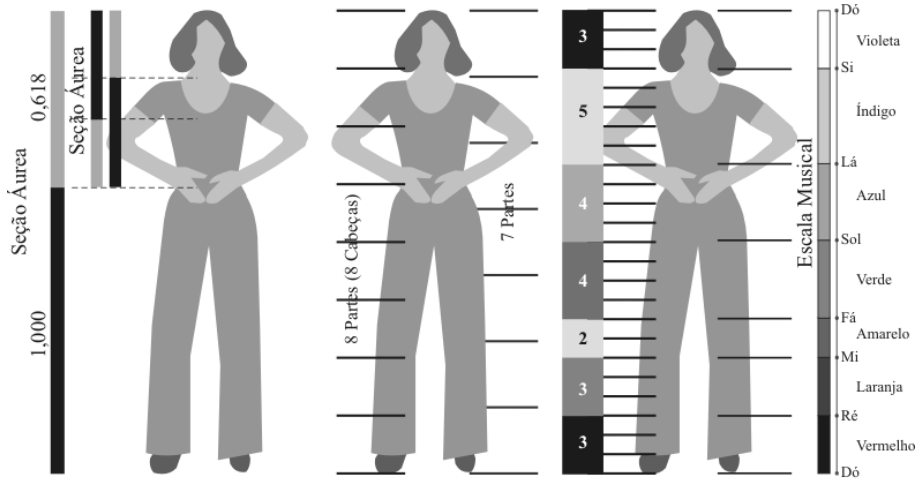
Lei das Dimensões

Gurdjieff cita a Lei das Dimensões[1], que determina proporções entre as diferentes partes do corpo e da face, relacionando-a à Lei de Sete. Os bons artistas, em geral, são tão conscientes da Seção Áurea como são desta lei. Além disso, os cânones, para a Lei de Sete e para a Seção Áurea coincidem de várias maneiras.

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 66.

"Sempre de acordo com a mesma grande Lei de Sete, as dimensões de qualquer parte definida de qualquer ser inteiro é o resultado de sete dimensões de suas partes secundárias que, por sua vez, são resultado de sete partes terciárias desse seres, e assim por diante.De acordo com isso, cada parte grande ou pequena da totalidade completa do corpo planetário de um ser tem dimensões que aumentam ou diminuem em proporções exatas em relação às suas outras partes."[1]





8 Partes pelas Notas Musicais
Módulo 24

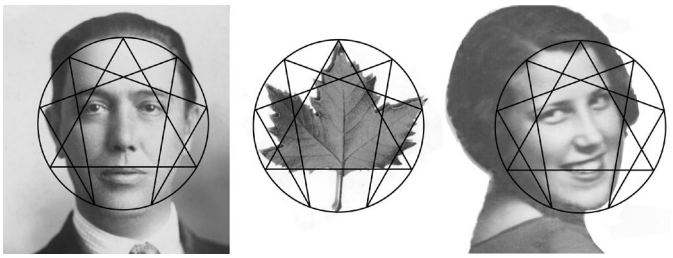
[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 67.

Quando conta o história da máscara mortuária de Gogol, Gurdjieff também fala dessa lei das Dimensões:

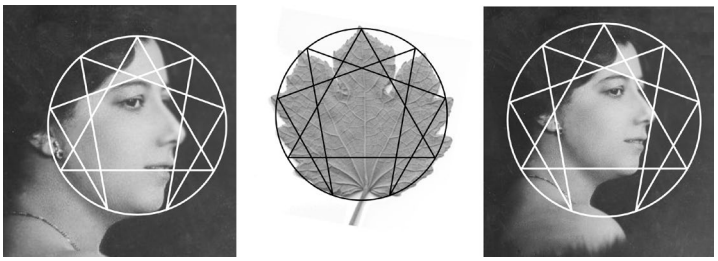
> *"De acordo com o número de notas e intervalos da oitava,*
> *o corpo do homem possui nove dimensões primárias*
> *que se exprimem por números.*
> *Esses números variam sensivelmente em cada homem*
> *— mas dentro de limites bem-definidos.(...)*[1]
>
> *Quem conhece as leis de descida das oitavas conhece*
> *ao mesmo tempo as leis de sua ascensão e pode, por conseguinte,*
> *passar não somente das oitavas principais às oitavas subordinadas,*
> *como vice-versa. é por isso que, a partir do rosto, se pode determinar*
> *o nariz e, inversamente, partindo do nariz, se pode restabelecer*
> *todo o rosto e até mesmo o corpo inteiro do homem, com todo rigor,*
> *infalivelmente. Não se trata de procurar a beleza, nem a semelhança.*
> *Uma criação não pode ser diferente do que é.*
> *É mais exato ainda que a matemática...* [2]

A conclusão que chegamos, visto que Gurdjieff ora fala em sete, ora em nove dimensões, é que aqui ocorre o mesmo que no Heptaparaparshinokh, que ora chama Lei de Sete, ora Lei de Nove. Consideramos neste caso a Lei de Sete com dois intervalos. Embora os intervalos sejam três, um deles não aparece graficamente, ou em termos de dimensões, assim como no eneagrama o intervalo Si-Dó ocupa um ângulo igual aos *stopinders* onde não há intervalo.

Proporções com Rostos e Natureza

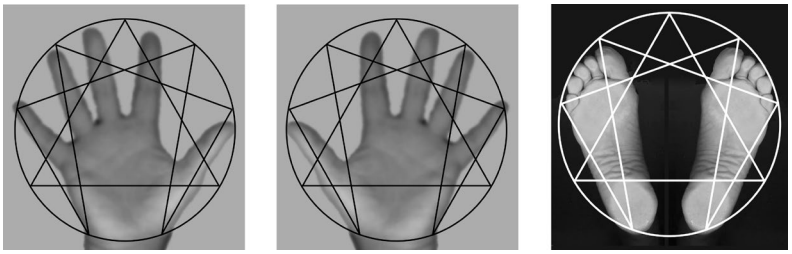


[1] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 41.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, pp. 41-2.



O eneagrama se ajusta tão bem ao rosto humano, que pode ser usado como gabarito para desenhá-lo. Podemos também usar essa coincidência para aprender muito mais sobre o próprio eneagrama.

Proporções de Mãos e Pés



A mão humana tem tal anatomia que combina com os intervalos das notas musicais. Sua simetria espelhada nos lembra a Dança das Oitavas[1] e as duas correntes, da Criação e da Evolução.

Os dois pés encaixam-se bem nas duas fases básicas dos processos, que tratam de acumulação e gasto de energia[2]. Para andar, precisamos alternar essas duas fases. Portanto, andar é como uma trilha filmada da dinâmica da héxade.

É interessante notar que nada inanimado fica em pé apenas com dois pontos de apoio: quando estamos vivos — ou despertos — uma "terceira força" nos *anima.*[3] Os joelhos do homem, coincidentes com a base do triângulo, são uma construção impossível de engenharia, se considerarmos apenas a matéria. Sem a "vida" os joelhos não sustentariam o corpo em pé.

---

[1] Ver p. 270, A Dança das Oitavas.
[2] Ver p. 225, *acumulação* e *gasto*.
[3] Do latim, *anima*: alma.

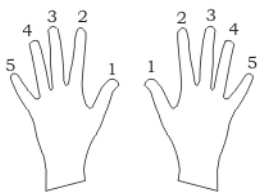
As Mãos no Piano

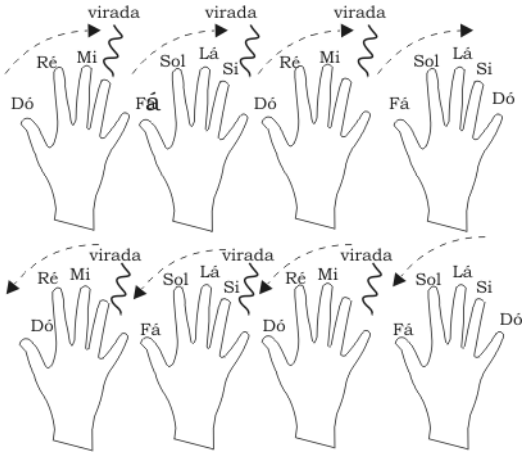
Para tocar as oitavas *ascendentes* no piano com a *mão direita*, começamos com o polegar e tocamos Dó-Ré-Mi, então encontramos a intervalo Mi-Fá. A fim de tocar as próximas cinco notas, precisamos trocar os dedos, dando uma virada na mão, movendo o polegar sobre o dedo médio direito para a próxima tecla, reiniciando sempre cada nova seqüência com o polegar. O mesmo ocorre com o intervalo Si-Dó. O dedo mínimo só tocará uma única vez, o último Dó, o mais alto.

Igualmente, com a *mão esquerda*, ao descer a escala, quando recomeçamos com o polegar a cada Sol e a cada Dó. Finalmente, o dedo mínimo toca o último Dó, o mais baixo.

Assim, com a *mão direita*, precisamos trocar os dedos entre Mi-Fá e Si-Dó, tanto subindo como descendo. Com a *mão esquerda*, ao descer fazemos a virada em Fá-Mi e Si-Dó, mas ao subir mudamos no Sol-Lá e Dó-Ré — há aqui algo para estudos posteriores.

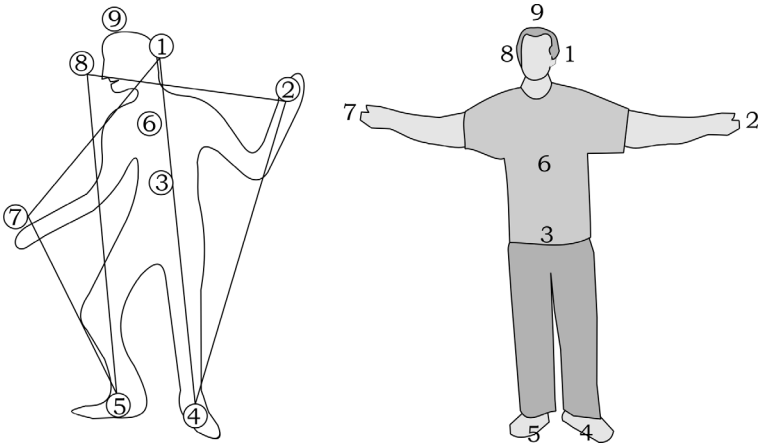
Isso é uma evidência de como podemos aprender as leis fundamentais a partir da natureza, principalmente em nosso próprio corpo.





O Homem e os Números do Eneagrama

Há duas ilustrações aqui, pelas quais se pode estudar a simbologia do corpo humano, buscando interpretar os pontos do eneagrama. É importante ponderar sobre isso.



O Emblema de Gurdjieff

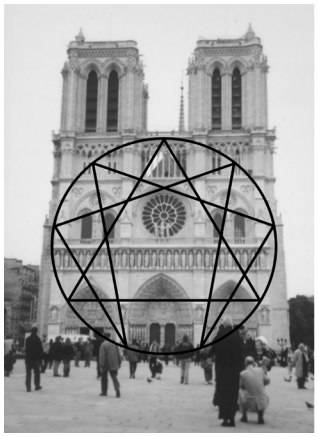
Este é o "emblema" de Gurdjieff, usado em seu Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem.

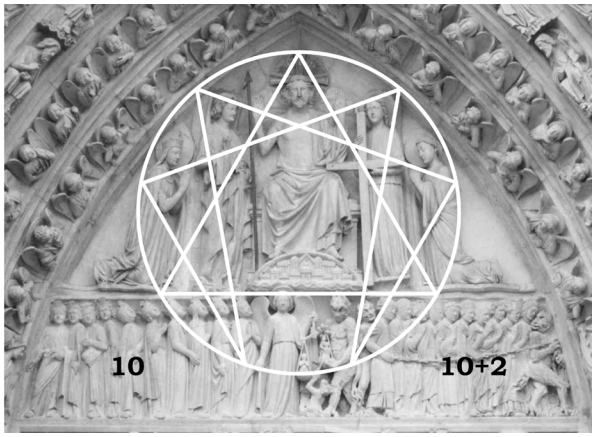
> *"Só merecerá o nome de homem e somente poderá contar com algo que foi preparado para ele, desde O Alto, aquele que tiver sabido adquirir os dados necessários para conservar indenes tanto o lobo como o cordeiro que foram confiados à sua guarda."*[1]

[1] Gurdjieff, *Encontros*, p. 14.

O Eneagrama e as Catedrais Góticas

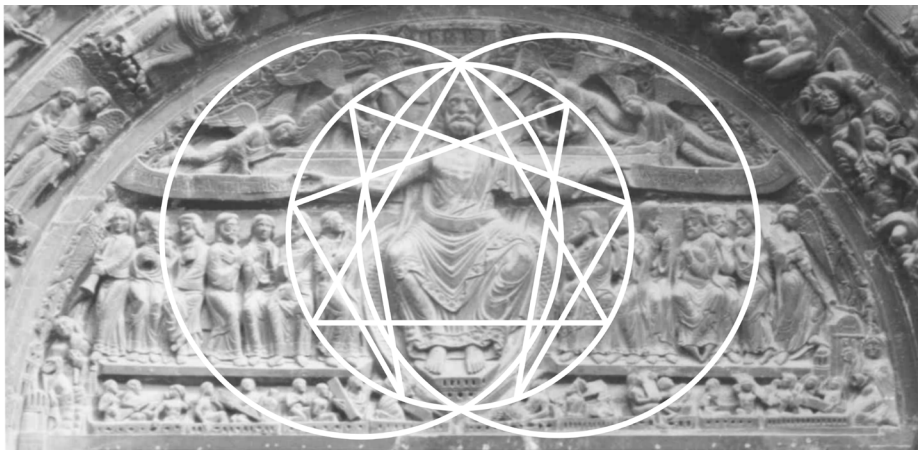
Como em muitas outras catedrais góticas, a fachada da catedral de Notre-Dame, em Paris, ajusta-se perfeitamente ao eneagrama por suas proporções, desenho e simbolismo. As duas torres são a clara expressão dos dois centro superiores do homem, extrapolando o ciclo da vida comum.



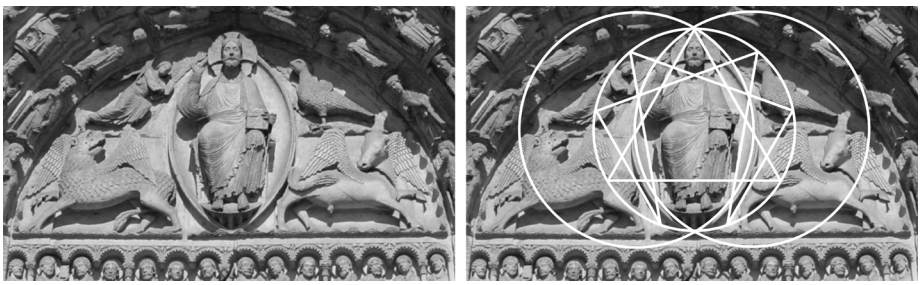


À direita, no tímpano da porta central (fachada oeste, Pórtico do Julgamento), Cristo aparece cercado por seis outros personagens, perfazendo um total de sete pessoas que coincidem com o eneagrama tal como as notas musicais — Cristo, o Dó, corresponde ao triângulo como um todo. No rodapé da imagem há 10 + 10 + 2 pessoas, o que ao mesmo tempo sugere nosso sistema decimal (o eneagrama ou 9 + 1) e o zodíaco (todos os sistemas circulares duodecimais), e em conjunto, aos 22 arcanos do Tarô.

O grupo de pessoas na parte inferior é um símbolo da vida física, e podemos ver isso tanto nas pessoas reais da foto à esquerda, quanto nas pessoas esculpidas no tímpano da foto à direita.



Em Saint-Denis, Paris, foto acima, podemos ver à entrada principal Cristo inscrito numa evidente Vesica Piscis e num não tão evidente eneagrama. Está ladeado por dois anjos na parte superior, correspondendo ao 8 e ao 1. No meio, como 7 e 2, estão "algumas" pessoas, e embaixo há uma grande quantidade de gente[1], o que ilustra bem a Lei das Proporções.



Na catedral de Chartres, na França, Cristo aparece no frontispício principal, dentro de uma mandorla, cercado pelos quatro animais sagrados[2]: o anjo, a águia, o touro e o leão.

[1] Ver p. 378, Lei das Proporções.
[2] Apocalipse 4: 6-7.

Processos

"O eneagrama é um instrumento que nos ajuda a adquirir uma percepção e uma ação mental triádicas. Enquanto nossos processos mentais comuns são lineares e seqüenciais, o mundo em que vivemos é tríplice."[1]

Três Arcos – Três Meios

De agora em diante, trabalharemos com o eneagrama evolutivo, consciente, e tríades artificiais, nos processos de "fazer".

Nosso objetivo principal é a formação de corpos superiores e para isso é preciso completar, sempre e em tudo, todas as etapas do eneagrama, como numa peregrinação a Compostela.

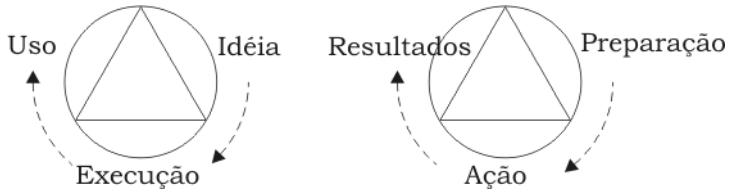
No eneagrama, ao mesmo tempo em que o círculo representa o físico, a héxade o mental e o triângulo o emocional, consideramos básica a divisão em três *arcos*, a Grande Tríade, também equivalendo aos três centros do homem: Mental, Físico e Emocional, ou aos subprocessos de Começo, Meio e Fim.

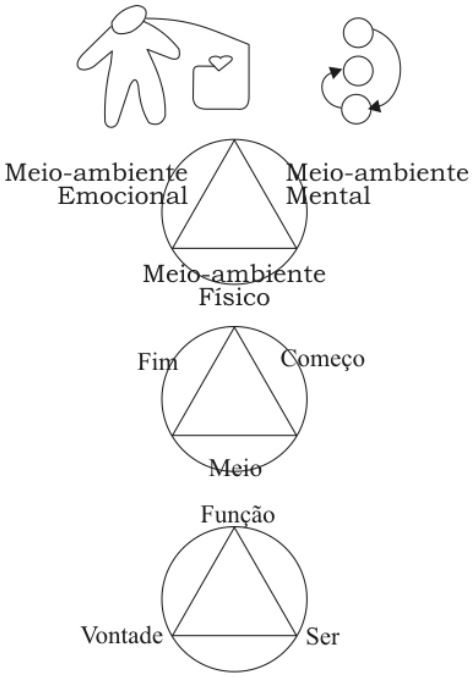
A parte de baixo, o Físico, é o *cadinho* onde ocorre a luta pela existência. É preciso partir do lado mental (1-2-3) e conquistar o emocional (7-8-9), o que só pode ser feito com a luta no plano físico (4-5-6).

Tudo começa no Mental, com as *idéias*, passa pelo Físico na *prática* e tem um *resultado* no Emocional.

---

[1] Bennett, *O Eneagrama*, p. 19.





O que ocorre no mundo visível segue a seqüência cronológica de 0 a 9. Na mente, o processo segue pela linha da periodicidade da héxade, indo e vindo no tempo, raciocinando ou seguindo associações, muitas vezes perdendo-se na imaginação. Paralelamente, as três forças necessárias ao processo atuam ou precisam atuar nos intervalos situados nos vértices do triângulo, interagindo com o exterior.

De acordo com Bennett, nos vértices do triângulo estão as forças que intervém no processo: "Função", "Ser" e "Vontade".

No primeiro meio, o Meio Mental, tudo se passa no mundo das idéias, da associação e da imaginação. Ainda é pura *preparação* — etimologicamente, a própria palavra o diz (do Latim, *præ:* antes + *parare:* apontar + *actio:* ação). Nesse meio nada acontece ou é transformado realmente.

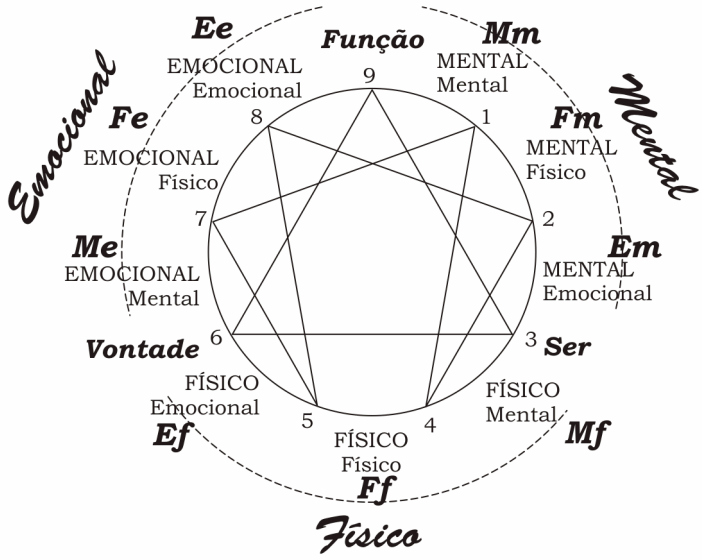
O segundo meio é o Meio Físico, onde a segunda etapa é deflagrada pela entrada do Ser (3), matéria ou objeto a ser transformado. Nesta etapa ocorre a irreversibilidade do processo pela transformação parcial do Ser.

O terceiro meio, o Meio Emocional, é posto em funcionamento pela Vontade (6), pelo envolvimento e compromisso pessoal. Neste meio, Ser, Vontade e Função são todos transformados.

SUBCENTROS

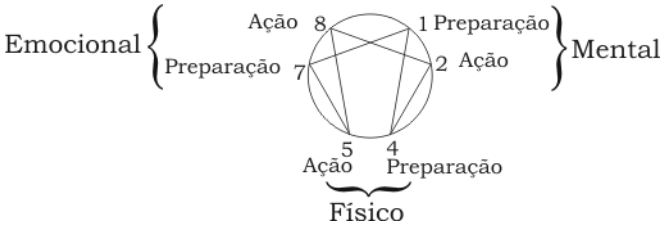
Tudo se desenvolve por tríades: tríades dentro de tríades, em cadeias de tríades. Assim como temos centros dentro dos centros,

pois cada um dos 3 centros tem 3 subdivisões, cada um dos Meios tem 3 pontos-de-deflexão e 3 *stopinders* ou três partes: parte mental, parte física e parte emocional.



Etapas do Processo

Há três pares Preparação-Ação situados na héxade, um em cada Meio:



Esses pares são separados pelos *intervalos*, situados nos vértices do triângulo. Cada intervalo, quando preenchido, ao mesmo tempo que Resultado da tríade anterior, propicia o envolvimento e fornece condições para a formação da próxima tríade.

No total, temos três tríades básicas com três tríades interiores:

Correspondendo o Mental à *preparação*, o Físico à *ação* e o Emocional ao *envolvimento*, temos cronologicamente a seguinte seqüência:

1. Preparação Mental
2. Ação Mental
3. Mudança de meio: envolvimento do Mental com o Físico
4. Preparação Física
5. Ação Física
6. Mudança de meio: envolvimento do Físico com o Emocional
7. Preparação Emocional
8. Ação Emocional
9. Mudança de meio: resultado ou envolvimento com um novo ciclo.

Tal como as posições nas tríades[1], essas atividades não são forças, mas atividades condutoras de forças — e conforme as forças conduzidas, formarão tríades diferentes, podendo assim alterar as características do processo como um todo.

Visando os processos evolutivos e conscientes, que não se deixam levar por desvios e influências cegas, daqui em diante não entraremos mais em detalhe sobre as diversas tríades.

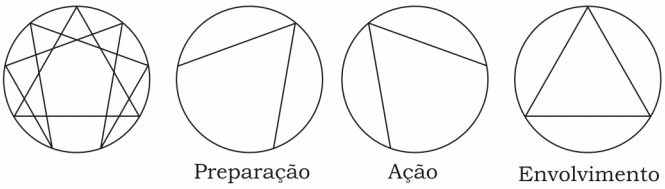
Triângulos Partidos

Podemos dividir a héxade virtualmente em dois triângulos "partidos", como mostrado na "geração da héxade".[2]

Entre os 3 triângulos do eneagrama, o triângulo emocional (3-6-9) permanece puro e raramente o notamos, talvez exatamente por sua

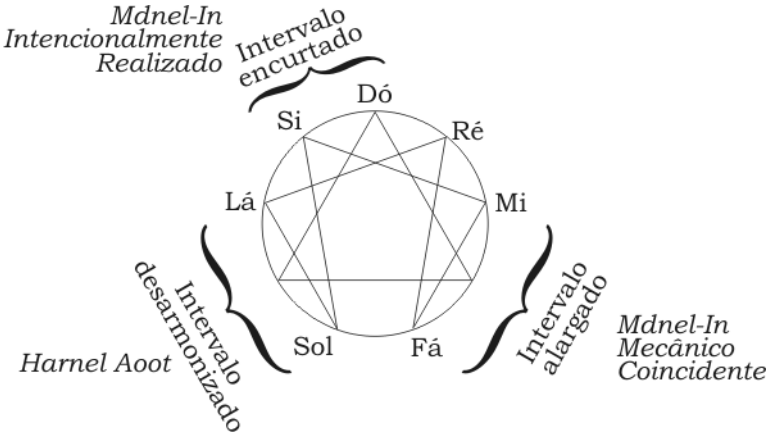
[1] Ver p. 116, tríades.
[2] Ver p. 158, Geração da Héxade.

perfeição os outros 2 triângulos, o mental (1-4-7) e o físico (2-8-5), foram quebrados e interconectados para dependência mútua.



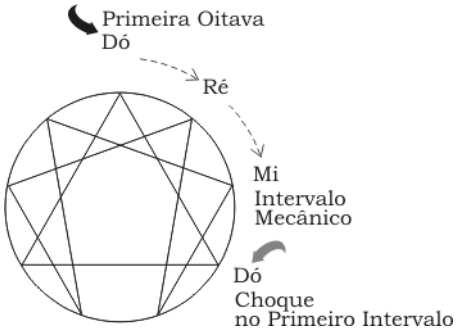
Baseado na seqüência das tríades, devemos lembrar de colocar a Segunda Força antes da Primeira. Isto significa ser intencionalmente passivo em relação ao objetivo ou à essência. Intencionalmente passivo significa começar com a aceitação ou alguma atitude passiva como humildade, por exemplo, ou começar com as próprias dificuldades ou sofrimentos.

Os Três Intervalos



A cada mudança de meio, o processo perde a força e precisa de um choque exterior. O choque exterior só pode ser recebido pela parte emocional do centro a que se relaciona, pois é a parte do eneagrama que pode estabelecer ligações. Somente o contato, a participação e o envolvimento com o exterior propiciam a sobreposição das oitavas e a Manutenção Recíproca.

Primeiro Intervalo (3)



O primeiro intervalo, *Mdnel-In Mecânico-coincidente*, é passivo e automático. O universo tem máquinas[1] geradoras de força para atuar neste intervalo. Trata-se da passagem Mi-Fá do meio Mental para o meio Físico. Embora o Mi da primeira oitava perca a força, pode-se contar com a ajuda da própria matéria. No eneagrama, é um movimento descendente e funciona como que atraído pela gravidade. Apesar da facilidade mecânica que apresenta, por ter sido alargado para receber mais energia, é sentido como uma parada ou uma preguiça que impossibilita continuar. Nesta etapa morrem muitos processos que não saem do plano mental: não passam de meras idéias, sem manifestação, sem nenhum poder de transformação.

O choque exterior necessário aqui é a entrada do Ser, matéria ou objeto a ser transformado, que então começa a participar do processo, animando-o com nova vida.

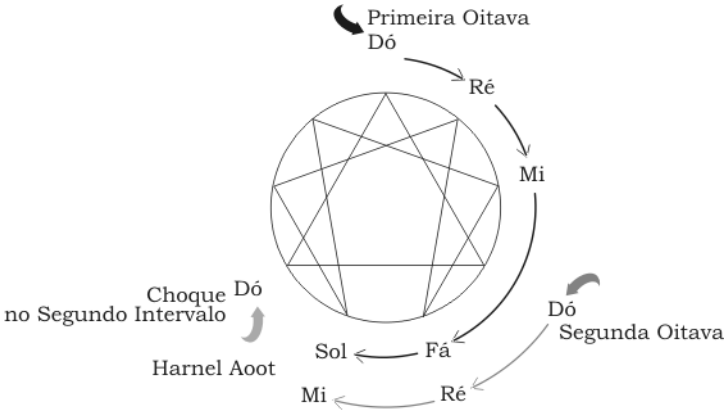
Só Cabeça

A imagem do indivíduo ou processo que pára ou morre no primeiro intervalo é simplesmente uma *cabeça.* Esta imagem de um

[1] Ver p. 124, três máquinas

ser incompleto, unicerebrado, é muitas vezes usada em arquitetura como suporte ou base para esculturas.[1]

Segundo Intervalo (6)



O segundo intervalo, *Harnel Aoot*, é a passagem do meio Físico para o meio Emocional. Exige como choque o envolvimento ativo e o comprometimento da Vontade, escolha, compromisso ou responsabilidade.

Pode ser considerado um intervalo composto, pois além de sua dificuldade no plano físico (primeira oitava), sofre a ação da perda de força do Mi da segunda oitava, relativo ao segundo corpo, o psíquico.

O envolvimento ativo — coragem, audácia, sofrimento voluntário ou responsabilidade — é necessário, pois a própria Vontade, a própria pessoa ou autor, aqui *se transforma*.

A não-superação deste intervalo aborta muitos processos que restam inacabados (crescidos, porém não desenvolvidos), causando então efeitos maléficos, físicos (transformações incompletas irreversíveis) e emocionais (mal-estar, culpa, insatisfação, etc.). Na Kabbalah há um equivalente a isso na figura dos Qlipoth[2] — um tipo de demônio — que são os restos ou resíduos da Criação[3].

---

[1] Foto feita na cripta da Catedral de Saint-Étienne de Bourges, França.
[2] Do hebraico *qelipoth:* cascas, conchas.
[3] Halevi, *Árvore da Vida* e *Universo* Kabbalístico.

A Gárgula

A imagem do indivíduo que não supera o *Harnel Aoot* é a gárgula.

Gurdjieff disse que houve uma mudança em nosso terceiro cérebro, e ele foi disperso em nodos nervosos[1] através de todo o nosso corpo, permanecendo um centro de gravidade no plexo solar. Por causa dessa mudança, temos dificuldade com este centro, e a maioria dos homens vive sua vida como um ser bicerebrado, sentido emoções apenas físicas ou mentais ou, pior, emoções negativas ou falsas.

Os construtores de catedrais medievais usavam as gárgulas para representar o homem caído, que só usa dois centros. As gárgulas ou quimeras, são animais hipotéticos, com apenas corpo e mente[2]. É interessante notar que estão sempre do lado de fora das catedrais.

Mouravieff diz que a Quimera é um animal de tipo superior; classifica-se sem dúvida, com sua cabeça de leão e seu corpo de cabra, na segunda categoria de seres que possuem dois centros psíquicos. Como ser vivente, deveria possuir o centro motor e o centro emocional; ora, ela possui realmente dois centros psíquicos, mas estes são os centros motor e intelectual. Portanto, ela não pode ter senão uma existência irreal, quimérica, no sentido estrito do termo, pois não existem na Natureza outros seres bicerebrados que aqueles providos de um centro motor e um centro emocional.[3]

Terceiro Intervalo (9)

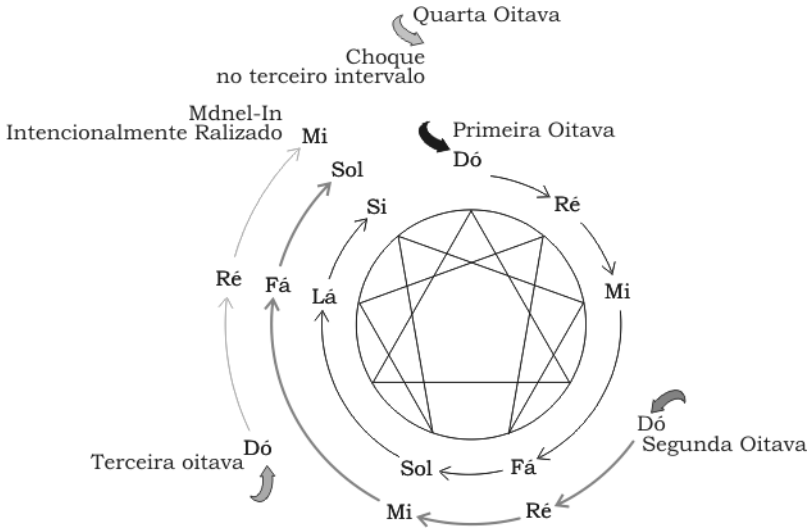
O terceiro intervalo, *Mdnel-In Realizado-intencionalmente*, corresponde ao fechamento do processo e exige um choque especial.

O último *stopinder* foi encurtado para facilitar a passagem para um novo ciclo. Porém, ainda que facilitada, essa passagem não é automática.

---

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, p. 147.
[2] Foto feita na Catedral de Saint-Gatien (Claustro de La Psalette) em Tours, França.
[3] Mouravieff, *Gnôsis*, vol. II, pp. 193-196.

É preciso haver intenção de consciência desde o *Harnel Aoot*, e agora a força adicional para o choque extra vem dos próprios resultados obtidos no processo: se este estiver sendo completado com sucesso, terá sido criada a força requerida para a passagem.



Através de experiência (vivência, sensação, sentimento) e da participação (comunicação, doação, compartilhamento), o envolvimento real torna o processo completo bem-sucedido, possibilitando novo início na espiral ascendente.

O processo que não se completa no meio emocional, embora possa ao homem exterior parecer completo (do ponto de vista material), cobra alto preço em termos de energias finas. Correspondentemente, cada superação do terceiro intervalo acumula energia nos corpos superiores, tornando-nos cada vez mais capazes e autoconfiantes.

Daí a grande importância de determinarmos para nós *metas possíveis* — nem tão pequenas que não exijam luta, nem tão grandes que nos derrubem. É preferível sempre começar com pouca pretensão, mas aprender a *fazer* bem feito.

Cada tarefa completada, por menor que seja, soma-se a um sólido edifício de realizações — um corpo superior, uma quarta oitava. Mas só contam as tarefas que constituem "projetos", ou seja, intencionais, com início, meio, fim, resultados e clientes previamente estabelecidos.

"A partir do momento em que comecei a estudar projetos brilhantes, fiquei fascinado pelos indivíduos e grupos que se dedicam à 'busca de algo'."[1]

As Três Forças

Para lançar um processo no eneagrama é necessário identificar as 3 forças que atuam nos intervalos. Seguem-se algumas perguntas auxiliares a serem feitas (não necessariamente nessa ordem).

Força Passiva: Ser (3)

A força passiva, ou Sagrada Negação, é aquilo que oferece resistência. Aqui representa o Ser, o objeto que vai sofrer a transformação. Pode ser qualquer coisa, qualquer ser vivo, e até mesmo uma idéia ou um relacionamento. Seja o que for que entre como Ser (pessoas, informações ou até mesmo outros processos), será tratado como "coisa".

— O quê?
— O que deve ser transformado?
— Qual é a matéria-prima do processo?
— O que oferece resistência, dificulta ou impede?

Força Ativa: Vontade (6)

A força ativa, ou Sagrada Afirmação, entra como Vontade. É geralmente o autor, uma ou mais pessoas; é quem realizará ou usará o processo. Seu próprio envolvimento é condição essencial para a obtenção dos resultados. O autor também será transformado. Por isso o processo é sempre chamado "autotransformador".

Seja o que for que entre como Vontade, será tratado como "pessoas".

— Por quem?
— Para quem?
— Quem usará?
— Quem lucrará com isso?
— Quem pode ajudar ou impulsionar?

---

[1] Peters, *A Marca Você,* p. 20.

Força Neutralizante: Função (9)

A força neutralizante, ou sagrada Reconciliação, é incorporada pela Função que determina a transformação. É o *know-how*, a fórmula, a receita, a lei. É o próprio nome da atividade, o verbo ou nome da ação.

— Que tipo de transformação será feita?
— Como fazer?
— Como harmonizar os prós e os contras?
— Qual é o processo?
— Qual é o *know-how*?
— Qual é o *don't know-how*?

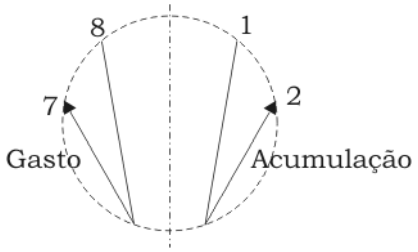
O triângulo indica uma atuação conjunta de Ser, Vontade e Função. Embora estejamos num mundo onde as três forças são separadas, sempre há uma ligação entre elas, como o triângulo mostra. O Ser é essencialmente o que vai ser transformado; no entanto, no decorrer do processo, a Vontade será fortalecida e a Função será aperfeiçoada. Tudo e todos que participam do processo ou lhe são vizinhos são transformados.

Cada processo completado conforme a lei, grande ou pequeno, emana influência positiva e *altera o ambiente*.

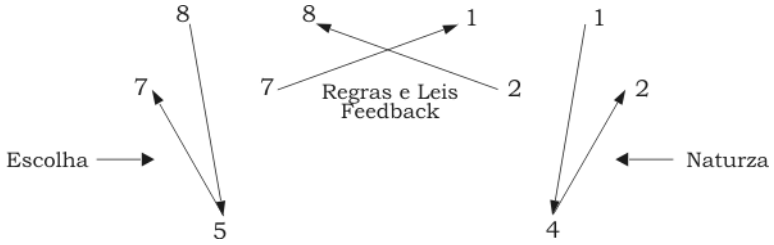
Duas Fases

O eixo vertical implícito do eneagrama separa claramente duas fases básicas dos processos: *acumulação* e *gasto* (1-4-2 e 8-5-7) de energia.

Nas etapas de 1 a 4 faz-se acumulação de energia ou matéria. Passando pela linha central, essas energias ou matérias passam a ser aplicadas, usadas ou gastadas.



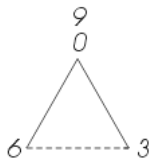
A Héxade e os Intervalos



Os Nove Pontos

Vejamos a seguir as características de cada um dos nove pontos, em termos cronológicos, no processo.

Ponto 0 – Ee (Emocional-emocional)



O zero corresponde ao Dó da Primeira Oitava Ascendente. É o choque inicial, a inspiração da idéia que surgirá no ponto 1, uma *possibilidade* a ser realizada, ainda não colocada na existência. Procede de um meio exterior ao processo. Sempre depende de ciclos anteriores. Desde que percebemos ou atraímos o que somos — antes de tudo há o que somos. O choque pode vir de influências aleatórias e mecânicas ou até mesmo dos próprios centros superiores.

Da Função (9), uma energia seminal penetra o mundo mental, das idéias — a força harmonizadora que determinará a natureza do processo.

Quando essa força surge, já implica na definição do Ser (3) e da Vontade (6), que atuam em conjunto. Mesmo que não tenham entrado realmente no processo, existe já a inspiração ou idéia dessas forças.

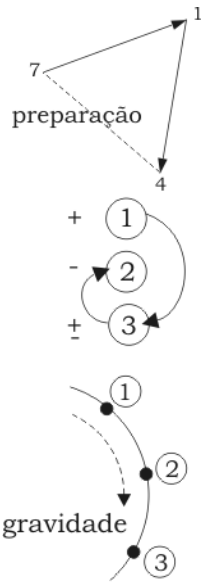
Ponto 1 – Mm (Mental-mental)

Surge a idéia. O ponto 1 corresponde ao $Ré_1$ e vem automaticamente, sem esforço. Na verdade, surgem sempre muitas idéias. É possível que a lentidão do centro mental se deva à enorme triagem que precisa fazer para levar adiante apenas algumas idéias entre os milhares de associações que se insinuam automaticamente.

Neste ponto recebem-se milhões de influências externas — conscientemente percebidas ou não. Nenhuma delas ainda entrou no processo. Ainda são apenas potencial, mas começam a ativar os

nossos próprios potenciais, assim como a comida ingerida pela boca ativa a saliva em seu interior e dá partida no processo da mastigação.

As influências são percebidas por ressonância, como se nosso próprio potencial as escolhesse. Daí a importância do autoconhecimento, pois se não conheço meus talentos e minhas limitações, poderei deixar passar muitas oportunidades de autodesenvolvimento e realização, pensando que tal "idéia" nada tem a ver comigo. Ou vice-versa.



O ponto 1 recebe também influências diretamente do ponto 7, ou seja, de algo que foi feito em um ciclo anterior ou que poderá ser feito no futuro. É o próprio objeto já transformado, a forma, atuando sobre a mente (7-1).

Ao receber essas influências ativas, o ponto 1 consulta o mundo físico no ponto 4, para ver se a idéia é plausível (7-1-4). Age intuitivamente, procurando o equilíbrio entre o possível sucesso e as possíveis dificuldades. O ponto 1 devaneia, mas sempre baseado em alguma possibilidade. Então, como em cada ponto — ou a cada instante da vida — é feita uma seleção ou triagem (refinamento), por *Harnelmiatznel*[1]. O superior deve existir antes que o inferior possa sofrer uma transformação.

A idéia sai do ponto 1 e vai para o 2 ainda não lapidada, geralmente acompanhada de várias idéias afins que a ela se apegaram como possibilidades alternativas. Esse avanço no círculo é fácil, e se nota no desenho do eneagrama, como se o 1 caísse pela força da gravidade — essa é a força natural das idéias, que urgem manifestação.

O trabalho do Ré não é, pois, muito difícil — basta mastigar e engolir (embora, para mastigar seja preciso ter dentes e saliva).

O símbolo geométrico do 1 é o *ponto*, de dimensão zero: em termos materiais ou de realização, não é nada.

Ponto 2 – Mf (Mental-físico)

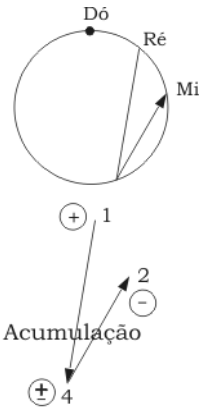
A matéria bruta do mundo das idéias foi engolida e agora precisa ser trabalhada pelos sucos gástricos, no estômago. Alcançamos o Mi_1, ponto em que o processo perde a força.

O ponto 1 é ativo em relação ao 2, e este oferece resistência. Surge a dualidade, como oposição ou conflito.

---

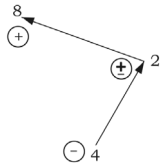
[1] Ver p. 111, *Harnelmiatznel.*

Após 1-4-2, o ponto 4 influencia o 2 como dificuldade ativa (-), reclamando trabalho e mostrando uma realidade física que irá requerer maior especificidade ainda das idéias.



Como poderá o ponto 2 decidir, se não pesar o lado positivo desta tríade? Dirige-se então ao 8 (+) e encontra incentivo na meta; vislumbra a serventia, a utilidade da forma 7 já imaginada pelo 1. Há ainda outro aspecto do 8, que diz respeito ao passado: o 8 pode ser alguém que já passou por essa experiência (um consultor, por exemplo) ou a própria experiência pessoal como resultante de ciclos anteriores.

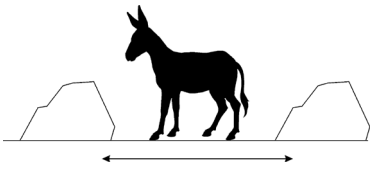
O ponto 2, como parte instintivo-motora do centro mental, faz cálculos, pesa e julga. Todos os recursos devem ser avaliados: os recursos materiais (local, equipamento, ferramentas, estoque), financeiros (caixa, financiamentos, remanejamentos), humanos (pessoas, profissionais, usuários, clientes, mercado), tempo (disponibilidade de tempo, prazos, contratos), etc.



O ponto 2 inicia o intervalo Mi-Fá devido à própria natureza de sua atividade. Demora porque tem muito a fazer. Requer conhecimento da questão abordada, por isso é relacionado à aprendizagem. Se não souber o suficiente, terá que parar e aprender (2-8), se necessário desenvolvendo um eneagrama auxiliar dentro do eneagrama principal.

O trabalho da ação mental no 2, o "Grande Simulador", é percorrer intencionalmente a héxade (2-8-5-7-1-4-2) imaginando realistamente o processo e avaliando as possíveis dificuldades antes de entrar no mundo físico.

Compete ao 2 planejar, programar, cronogramar e orçar, assim como dar subsídios ao 8 para acompanhar o andamento (8-5-7) e a qualidade do processo. Quanto melhor o planejamento, mais sucesso terá o processo.

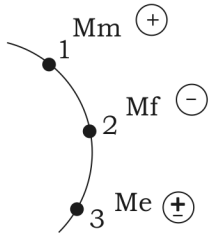


O símbolo geométrico do 2 é a *reta*, que pode oscilar entre duas direções sem sair do lugar, como na história do burro que morreu de fome entre duas pilhas de alfafa, por não decidir de qual comer primeiro. Mas pode também ser uma reta orientada para a meta (2-8).

Ponto 3 – Me (Mental-emocional)

Mdnel-in Mecânico-coincidente, este intervalo é facilmente preenchido e conta com ajuda da natureza.

As idéias contêm em si o germe da realização e uma inerente necessidade de manifestação. A primeira manifestação é a Palavra. Uma idéia manifestada tem poder de ação no mundo físico.



Aqui entra o Ser que sofrerá a transformação, sentido no qual é passivo. Porém, neste momento tem uma função harmonizadora na tríade Mental. A mente, que estava em conflito (1 querendo e 2 limitando), tenta resolvê-lo passando para o meio físico.

A "queda na matéria" chega a ser bastante natural, pois a matéria tem gravidade, atraindo as atividades mentais para si, para a existência. Tão natural, que chega a ser doentio quando uma pessoa se abandona aos níveis mentais e não sai do 1 ou do 2 — o mundo hoje em dia apresenta um alto grau de entropia, propiciando doenças de isolamento e pânico em participar da vida.

Neste intervalo, influências externas podem vir fácil e naturalmente, mas também podem ser boas ou más em relação à nossa meta. Além disso, temos a ilusão de viver quando estamos apenas sonhando os sonhos de outros. Na verdade, a televisão, vício que cooptou a maioria das pessoas no mundo inteiro, propicia a ilusão de se está vivendo quando não se está mais que *sonhando sonhos alheios*. Na verdade, a televisão nos ilude também no segundo intervalo, o *Harnel Aoot*, quando precisamos fazer contato com outras pessoas. Com o correr do tempo, torna os espectadores ineptos para colocar na prática suas próprias idéias, se é que as têm, e os torna incapazes de se relacionarem com os outros. Portanto, precisamos estar vigilantes de modo a não usarmos a nós mesmos como seres bicerebrados ou unicerebrados.

O símbolo geométrico do 3 é o *triângulo*, bidimensional, que pode ser eqüilátero (ideal), como no eneagrama, ou desequilibrado (escaleno ou isósceles).

Ponto 4 – Fm (Físico-mental)

Conforme a Lei de Três e o Tetragramaton, o ponto 4 é um novo início: o início em novo meio, o meio Físico. Corresponde à parte mental do centro Instintivo-motor, a preparação da ação ou ação preparatória.

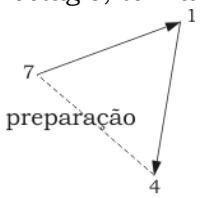
Ainda muito apegado à mente e ao passado, procura, na prática, harmonizar a idéia inicial (1) com aquilo que foi planejado (2).

Muito mais ligado ao *antes* que ao *depois*, fecha a *tríade da acumulação* (1-4-2), preocupando-se com o abastecimento e a economia, como quem cuida de uma família. É, sob diversos aspectos, o ponto de maior estabilidade material.

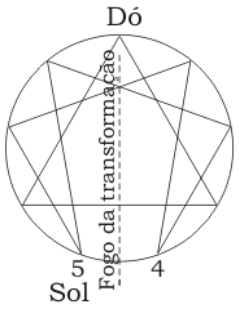
Mental
Yod
Hé
Vau
Hé

Físico
Yod

Dependente do mental, o 4 trata da obediência às leis e da burocracia. Neste caso, burocracia inclui comunicação, pois uma das formas para deixar o domínio do mental foi a Palavra (3). Aqui entra o Som que dá forma, ainda que a forma, neste estágio, tenha mais a ver com a estrutura ou pré-forma (moldes, projetos, maquetes, modularidade, dimensões, etc). O 4 faz parte do triângulo partido 7-1-4, da *preparação*, visualização e forma. Nessa tríade o 4 se apresenta como resistência e matéria bruta, mas ao mesmo tempo como apoio e estrutura.



Tem relação com depósitos e estoques de recursos e de alimentos, bem como sua distribuição controlada. Não pretende alterar o *status-quo*.



Começa a aparecer certa complexidade, no sentido de que no ponto 4 soam notas de duas oitavas, o $Fá_1$ e o $Ré_2$.

Além disso, o 4 também faz triagem do que pode ou não prosseguir em termos materiais — daí sua associação aparentemente supersticiosa com a *morte* e o número 13 no Tarô, cuja soma dos dígitos é 4. Onde há início há fim, e neste caso o 4 *inicia* a etapa física e *termina* a etapa mental.

Aqui acaba a *teoria* e começa a *prática*.

O 4 é geralmente um trabalho de grupo ou massa, anônimo, como o trabalho dito "da mulher", de apoio administrativo — anônimo: o nome do autor não se destaca.

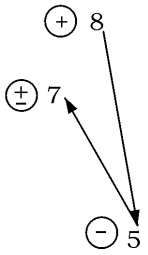
A estabilidade material se reflete na correspondência geométrica com o quadrado.

Ponto 5 – Ff (Físico-físico)

A passagem de 4 para 5 faz deste um ponto de *não-retorno*, trazendo a irreversibilidade do processo, pois o Ser, tendo passado pelo "fogo da transformação", o eixo de simetria vertical, foi substancialmente alterado.

O cinco corresponde à parte física do centro Instintivo-motor, portanto, à ação física ou execução.

Saindo do 4, família, grupo ou multidão, o 5 se individualiza e pode por isso ter a ilusão de que já "chegou lá" — porém o que alcançou foi o máximo de individualização ou separação.



É o ponto mais difícil do processo, e parece ser o mais fácil. "Fazer" dá uma sensação de autonomia e poder — mas não vivemos num sistema Autoegocrata. Nossa realidade é a dependência mútua, Trogoautoegocrata.

O ponto 5 (Sol)[1] é o ponto mais distante da origem. É o ponto da *dependência dupla*, para trás e para diante. Embora pareça não se lembrar disso, apóia-se no 4, assim como o indivíduo independente e criativo precisa de apoio administrativo, seja da família, seja de empregados (apoio do trabalho anônimo). Por outro lado, recai ou recairá sobre ele a responsabilidade sobre aquilo que transforma.

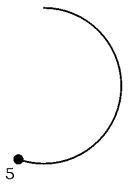
"Você se torna eternamente responsável
por aquilo que conquistou." [2]

Você é responsável quando tira uma planta da floresta ou um animal da selva. Toda a ação, intencional ou não, tem efeitos sobre o ambiente e conseqüências para o autor.

O 5 é o Sol da primeira oitava, exatamente o meio (1/2 ou 0,5) da oitava de Dó a Dó. Isto o coloca numa posição especial em analogia com o Raio da Criação — é um Sol-de-segunda-ordem e depende agora dele a continuidade do processo.

Além disso, é dificultado pelo "intervalo escondido": o Mi-Fá da segunda oitava, nem sempre percebido como intervalo.

Quanto à triagem, a decisão do cinco é fundamental para o processo como um todo. Em termos de gravidade, já desceu tudo que podia e prevê a necessidade de subir. Porém subir não é simples como foi descer. Muitas vezes



[1] *Sol*, nome de nota musical, é o mesmo nome de nossa estrela, o *Sol*, *Sun* em inglês, que tem o mesmo som de *Son* (*filho*, em inglês), como no alemão antigo, *sun*, *son*, e no japonês *san* ou *son*, foneticamente também relacionado a *som* (sound).

[2] Saint-Éxupery, *Le Petit Prince: "Tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé", Cap. 21.*

tem que voltar um pouco atrás, como no labirinto ou no fliperama, para tomar impulso.

Por outro lado, subir implica em sair do físico de enfrentar outro meio, o Emocional, o meio menos desenvolvido no homem, um meio que desperta todos os seus medos.

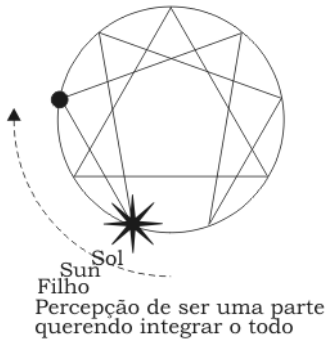
A ilusão, dada pela ação física, de que "está fazendo", proporciona genuína satisfação e uma tendência a não "abandonar o posto".

Vem o temor à perda de segurança e de apoio que o 4 ainda lhe dá e há uma intuição de isolamento, mas o pior é a necessidade do desapego da individualidade. Quem está no 5 percebe como uma ameaça a necessidade de submeter-se à Vontade (6), porque sabe que esta o transformará: transformará *seu próprio ser*, além do Ser a que o processo se propõe transformar.

Aqui o indivíduo "faz" e seu *nome* aparece. É como o trabalho "do pai", que se apóia no trabalho "da mãe". Assim sendo, este é o ponto em que a maioria das pessoas razoavelmente "bem-sucedidas" pára, com a ilusão de que faz. No entanto, o 5 não terminou o trabalho e já modificou o Ser de maneira irreversível, de modo que sofrerá o carma (8-5) dessa incompletação enquanto não a resolver.

Passou do ciclo da acumulação (1-4-2) para o ciclo de gasto (8-5-7): o ponto 8, a meta, cobra do 5 a realização do 7 como obra pronta. Só a obra pronta (7) provará que o 5 amadureceu e se tornou adulto, responsável por si próprio e talvez também por outros.[1]

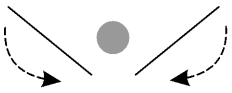
A saída do 5 se faz pelo *Harnel Aoot*, um momento de *metanóia* em que o "Filho vira Pai", ainda mais difícil porque que na civilização moderna existe a doença epidêmica da *imaturidade*, ou relutância em tornar-se adulto e assumir responsabilidades. É tão importante este momento, que o resto todo do eneagrama pode tomar 3 direções diferentes (1, 2 ou 3 oitavas), dependendo de como foi enfrentado o *Harnel Aoot*.



[1] O dono da casa, como *chefe-de-família* (*householder*). Ver p. 45, O Homem e a Mudança de Ser.

"Só aquele que consegue se perceber como 'filho',
como parte, enxerga a 'luta'.
Só quem busca a luz porque conhece a escuridão
pode iluminar-se (não fugir)."[1]

No fliperama, a bola cai e só volta a subir com os choques adequados das paletas. Assim, o homem fica como que preso neste ponto: oscilando entre o 5 e o 4, indo e vindo, levando choques da vida, uns positivos, outros negativos, até que decida por si, conscientemente, fazer esforço necessário para prosseguir.

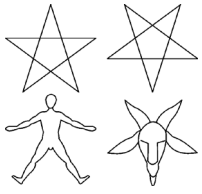


Essa oscilação 5-4-5 é o "fundo do poço", pois não é possível descer mais do que isso; agora é subir intencionalmente ou ser reciclado. Na verdade, o "fundo do poço" é necessário e útil: para levantar-se do chão, o individuo precisa se apoiar no próprio chão.

Conforme o nível de auto-engano[2] do indivíduo, o 5 pode ser o "fundo do poço" (uma dificuldade que pode impulsioná-lo para cima) ou a "vida que pediu a Deus" (fácil, mas que cobrará seu preço, mais cedo ou mais tarde).

"Você não pode assumir um compromisso a não ser que aceite
que é uma escolha a ser renovada de novo, e de novo e de novo."[3]

Não é à toa que o símbolo do 5 é o pentagrama, a "imagem do homem", que pode assumir duas posições: como homem ou como demônio.



Ponto 6 – Fe (Físico-emocional)

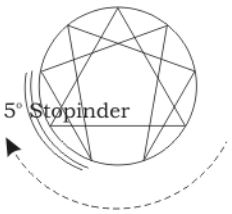
O intervalo Sol-Lá do Heptaparaparshinokh é o *Harnel Aoot*, desarmonizado pela alteração dos outros dois intervalos. Olhando

---

[1] Bonder, *O crime descompensa*, p. 77.
[2] Ver p. 379, Musiquinha de 5 notas.
[3] Do filme *Tenha Fé* (*Keeping the Faith*), USA, 2000, dirigido por Edward Norton, script de Stuart Blumberg.

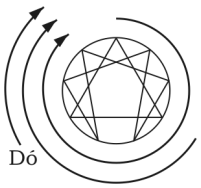
pelo aspecto da gravidade, torna-se evidente que aqui o processo tem que reverter a direção — o que antes era fácil se torna difícil.

A mudança de lado no eneagrama pela simetria, na verdade, inverte tudo.



No ponto 5 há duas notas especiais que precisam se desenvolver: um Sol e um Mi. O Sol da primeira a oitava exige um desdobramento físico e o Mi da segunda apresenta um desafio psicológico. Portanto, o choque necessário no 6 também precisa ser muito especial. A Vontade deve ter *consciência* e *presença*.

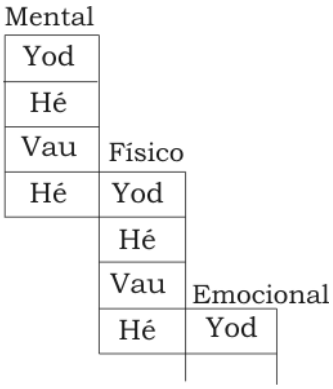
É preciso "esforço e ajuda"[1]. A ajuda externa não apenas deve ser buscada, como também aceita com gratidão e aproveitada. Porém a ajuda não funciona sem o esforço pessoal, nem este bastaria sem a ajuda — o que nos lembra novamente que vivemos num sistema onde nada é independente. Precisamos das outras pessoas. Aqui se confirma: isolamento é morte.



O ponto 6 é o momento do compromisso. Correspondendo à parte emocional do Físico, exige que a *ação* tenha *envolvimento* com o exterior.

É simbolizado pela Estrela de Davi: a escolha do equilíbrio feita pelo pentagrama traz uma perfeita unidade entre o que está em cima e o que está em baixo. Pode então ressoar com força o Dó da terceira oitava ascendente.

Ponto 7 – Em (Emocional-mental)



O 7 simboliza a completação material, a obra pronta, o modelo, a beleza, a limpeza. Está, pois, ligado a aparência, cerimônia e ritual.

Vai inspirar novos ciclos no 1 e ambos, 1 e 7, podem ser comparados à primavera anunciadora do verão. Essa comparação de 7 e 1 à primavera é confirmada com a colocação dos signos do zodíaco no eneagrama, pois correspondem respectivamente a Libra e Áries, iniciadores da primavera nos hemisférios sul e norte, respectivamente.

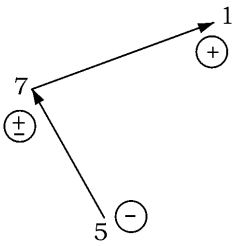
Na primeira oitava, o 7 corresponde a um Lá, a nota do homem, na segunda a um Fá e na terceira a um Ré, formando um agradável

[1] Ouspensky, *Psicologia*, p. 8.

acorde em Ré menor. Traz energias motoras, de atenção e de prazer estético.

Pode iludir mais ainda que o 5, pois a obra "terminada" pode ser um fim em si sob o aspecto físico, mas *não é* o fim do processo. O 7 deve prosseguir: é um novo início num novo meio, um novo Yod.

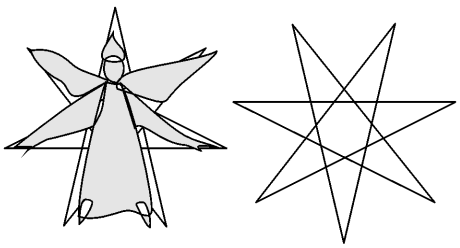
Fazendo parte do triângulo partido da preparação (7-1-4), continua como tríade na qual a forma (7) equilibra a idéia (1) e a matéria (4).



Como perfeição, é a manifestação do próprio Todo, como as sete notas e as sete cores. Mas seu símbolo também pode ser invertido, indicando que há uma decisão a ser tomada e tudo ainda pode mudar.

Correspondendo à parte mental do centro Emocional, não passa de uma idéia emocional, algo que ainda precisa ser posto em prática. Exatamente como as idéias, que urgem para serem manifestadas, a obra agora tem personalidade e uma força própria, ativa no sentido de continuar para 8 e 9. Esta força quer ser vista e ser usada.

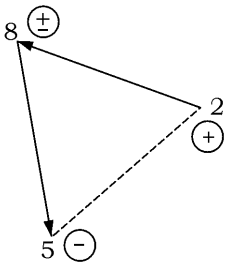
O possível reverso aqui é que a força da obra, sem intervalos que a freiem, pode ser implosiva, se não for devidamente implementada.



A forma geométrica do 7, o heptágono ou a estrela heptagonal, sugere um anjo ou homem com asas, mas seu inverso é similar ao pentagrama invertido.

Ponto 8 – EF (Emocional-físico)

Chegamos agora à etapa em que o emocional é posto em prática, tendo suas potencialidades realizadas. Esta é a meta do processo inteiro.



O ponto 8 é o cliente, o mercado, o usuário, o juiz. Ao mesmo tempo é o mestre que vivenciou todo o processo e agora "sabe", podendo ajudar quem o procura. Como mestre, libertou-se da tirania da personalidade, e como usuário relaciona-se mais com a obra do que com o autor.

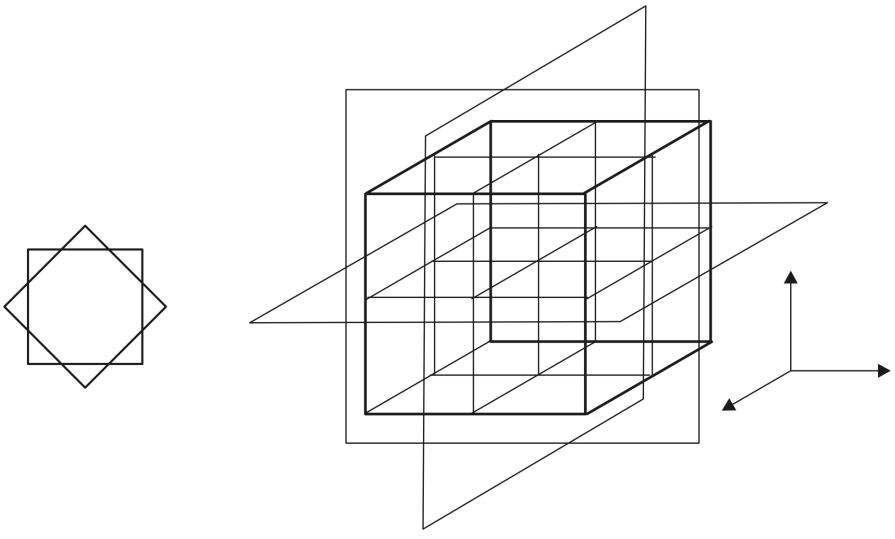
Conforme o triângulo partido da ação (2-8-5), nesta etapa é feito o controle de qualidade, a avaliação (8) da execução (5) em relação ao que foi planejado (2).

Convém lembrar que no mundo em que vivemos, devido às influências mútuas dos sistemas, nada pode ser completado exatamente como foi planejado, por mais bem planejado e bem executado que seja. Pode resultar pior, mas também melhor que o desejado. Essa experiência, com seus erros, percalços e vitórias, cria uma energia extra que só ela possibilita o autodesenvolvimento ou a passagem do processo para novos ciclos — uma energia altamente criativa. Corresponde ao Si 12 da oitava física, que deve soar com o Sol 12 da segunda oitava e o Mi 12 da terceira, num pungente acorde em Mi menor.

Caso tenha havido suficiente consciência no Dó 48, esse acorde soa forte e *atrai por ressonância* outras energias semelhantes que estiverem esparsas, o que então pode ajudar o 8 em seu prosseguimento criativo.

Em termos simbólicos, além do 8 simbolizar a oitava, o octógono é geometricamente o símbolo da escolha correta. Muito usado na arquitetura sagrada, por sua alta estabilidade estrutural e facilidade construtiva, tem ressonância com sentimentos de justiça e responsabilidade.

Do ponto de vista da álgebra, o 8 corresponde a 2^3 e determina a tridimensionalidade da matéria. Com 3 planos ortogonais (3 x 2-D) podemos dividir um cubo ao meio 3 vezes, resultando em 8 cubos perfeitos.



Ponto 9 – Ee (Emocional-emocional)

O intervalo Si-Dó, *Mdnel-In Realizado-intencionalmente*, foi encurtado, de modo a facilitar a passagem para novos ciclos, e o choque necessário aqui depende da própria força dos resultados.

Ora, a oitava está completa e o Si poderia com algum esforço passar ao Dó. Mas o que encontramos na segunda oitava? Um Sol, com sua necessidade de se tornar adulto (agora em outro nível) e se desdobrar, como auxiliar da criação; e na terceira oitava temos um Mi — uma parada na oitava das impressões. Este Mi precisa de um choque muito especial que será facilitado se encontrar no organismo um carbono já existente, como no diagrama da nutrição.

Isso tudo lembra algo que Gurdjieff diz:

"O caminho se torna cada vez mais difícil,
no entanto o indivíduo se torna cada vez mais forte."

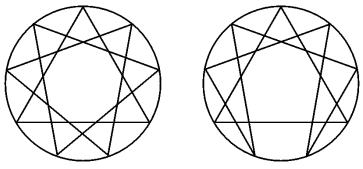
É na completação de ciclos que se armazena energia para mais completações de ciclos. Por isso são tão importantes os pequenos exercícios e tarefas aparentemente inúteis, mas de grande importância na criação de energias finas. A não-expressão das emoções negativas e posteriormente seu domínio levam à transmutação dessas poderosas energias em "ouro" alquímico.

O ponto 9 exige o abandono do processo, a *retirada* do autor, que, bem sucedido, se ocupará agora de coisas mais adiantadas e mais importantes.

"Quando eu era menino, pensava como menino;
mas, quando me tornei homem,
acabei com as coisas de menino.." [1]

Esse afastamento pode parecer mais doloroso que o desapego necessário em 5-6, porém uma vez que já se treinou o desapego, este deve ficar mais fácil, e se não houver identificação com a obra, com o processo ou consigo mesmo, a passagem para o novo ciclo será tranqüila.

Os símbolos do 9 são o eneágono na geometria comum e o eneagrama na geometria sagrada.



[1] I Coríntios 13: 11.

Exemplos dos Três Intervalos

A Sorte

Segundo Papus[1], a "sorte" compreende três fatores — nos três intervalos: a Sorte: a Vontade humana, a Providência e a Fatalidade.

Gênesis

Como *fazer*? Podemos aprender com Deus. Segundo a Bíblia, a criação do mundo foi toda feita por seqüências do tipo "idéia-ação-emoção" ou "preparação-ação-envolvimento".

Deus via o problema, verbalizava a ação e se regozijava — quando então o resultado se fazia.

"Disse Deus: haja luz. E houve luz.
Deus viu que a luz era boa." [2]

Exercícios de Gurdjieff

Há três exercícios básicos, dados por Gurdjieff, que formam um tríade de Evolução (2-1-3), que podemos usar constantemente como choques nos intervalos adequados:

Pela manhã: Treinamento na calma (relaxamento, *sitting*): precisamos parar, relaxar e nos tornarmos receptivos a influências superiores.

Durante o dia: auto-observação e lembrança de si.

À noite: antes de dormir, rever o dia.

---

[1] Papus, *La Ciencia de los Números*, p. 131.
[2] Gênesis 1: 3-4.

EDUCANDO FILHOS

Os três estados das crianças em relação a seus pais são um ótimo modelo para entender os intervalos.

O primeiro estágio é a dependência total. Chamo essa fazem de pseudo-Autoegocrata, porque os bebês se sentem tão ligados à mãe que não se dão conta de suas próprias necessidades de troca com o exterior.

Quando aprendem a andar e a falar, e começam a levar os outros em conta, então entram no estágio fisico.

A adolescência é o seu *Harnel Aoot*. Quando entram na adolescência, precisam enfrentar a vida emocional, com todas as dificuldades de tomar conta de sua própria vida. Esse *Harnel Aoot* também é muito difícil para os pais, que precisam gradualmente liberar o controle e deixar os filhos tomarem suas próprias decisões — eles devem estar preparados para isso.

Um estaleiro faz navios para mandá-los ao mar. Depois de certo ponto, os filhos precisam continuar por si próprios. No terceiro intervalo, os pais devem se retirar como pais — embora possam continuar com amigos, em um novo ciclo.

Tive esse *Harnel Aoot* com meu primeiro livro, quando precisei entregá-lo de repente ao editor. Senti-me mal, como se alguém estivesse tirando meu filho de mim — pois daquele momento em diante o livro passou a ser de interesse deles, e não mais meu. É interessante ver neste caso que embora esse ponto fosse o *Harnel Aoot* para o livro, para mim era o último intervalo, o *Mdnel-In Realizado-intencionalmente*.

Alguns artistas se sentem assim — não podem suportar serem separados de suas pinturas ou esculturas, e por isso hesitam em vendê-las ou dá-las.

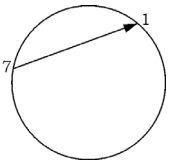
No entanto, se você não fizera sua melhor energia circular fora de você, logo estará entupido ou bloqueado. O desapego é necessário para abrir espaço para o novo.

Precisamos de três tipos de desapego, para cada um dos três intervalos. Precisamos sacrificar a teimosia, o ego e o próprio sacrifício.

Dinâmica da Existência

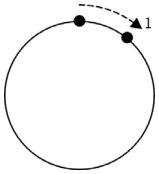
"Para mudar nossa maneira de pensar, devemos reconhecer,
antes de tudo, que não se trata de olhar a um só
tempo várias linhas diferentes,
mas de reconhecer que há uma estrutura no que se está olhando.
A estrutura pode ser imperfeita, mas, se não estivesse presente
de algum modo, não poderíamos compreender nada."[1]

O eneagrama ilustra a dinâmica da nossa vida, mas além do símbolo visível, temos as três oitavas, o caminho em espiral e, como vimos, também um labirinto. Avançamos e retrocedemos, erramos e consertamos o erro, nos desviamos, voltamos e muitas vezes temos que reformular a meta ou a trajetória.



A seguir apresentamos uma descrição dos pontos em ordem cronológica, visando dar uma idéia da aplicação prática. Embora seja uma descrição seqüencial, o leitor deve começar por si mesmo a perceber que as ligações não são lineares, e que vários tempos e momentos se superpõem ao tempo cronológico. Certas partes dos processos se desenrolam ao mesmo tempo em dois ou três meios (mundos) e se estivermos atentos veremos que a ordem passado-presente-futuro não é tão rígida como pensávamos.

Ponto 1

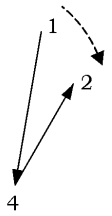


Tenho uma idéia. Em geral essa idéia vem por pura associação (indução), quando sou influenciado por algo já existente (7-1). Porém, mesmo que tenha surgido de minha própria experiência passada (9-1) ou de um choque externo (0-1) de qualquer nível, uma idéia só encontra terreno fértil em mim por ressonância, ou seja, se encontrar potencial correspondente.[2]

---

[1] Bennett, *O Eneagrama*, p. 19.
[2] Ver p. 22, Parábola do semeador.

Sou fecundado pela idéia, pois pressinto em mim possibilidades para realizá-la. Dificilmente eu teria uma idéia que não fosse de alguma forma suportada por meu potencial e meus recursos. Por exemplo, nem pensaria em dar um salto e tocar a Lua com a mão.



Agora percorro toda a héxade em pensamento, imaginando se terei o apoio físico (1-4), planejando e estabelecendo uma meta (4-2-8), antecipando a execução (8-5), visualizando o objeto pronto (5-7-1). Isso ocorre em geral automaticamente, em frações de segundos.

A distância entre a imaginação criativa e a mecanicidade da imaginação sonhadora é muito pequena. Esse ponto é um Ré, Regina Cœli, a própria Lua. Mas felizmente o Ré tem força e "pede" mecanicamente para passar ao Mi.

A incursão mental no mundo físico (1-4) me fornece o incentivo necessário à vontade de desenvolver a idéia mais detalhadamente (1-4-2) — então passo do Ré ao Mi, por obra de uma tríade em *Harnelmiatznel*.

Ponto 2

Gurdjieff certa vez definiu "consciência" como "pensar antes".

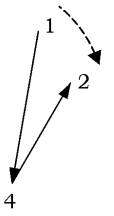
Começa e mobilização mental, o planejamento. De que recursos reais (4) disponho? O que me falta (1-tenho, 2-falta)? Qual é o meu objetivo? De que preciso para atingir a meta (8)? É em função do 8 que se determinam os prazos. Oito é o cliente do resultado, alguém que se consulta, já com a experiência necessária, ou minha própria experiência, agindo como *feedback*.

Como será executado (5)? Quais as ferramentas para a execução (*know-how*, pessoal, etc)? Como será mesmo a aparência final do objeto (7)? Corresponde ele à idéia inicial (7-1)? Assim, percorri a héxade (2-8-5-7-1-4-2).

A parte física da mente faz cálculos, anota, programa, dá telefonemas, coleta mais informações, e se necessário recorre a treinamento. Geralmente percorre a héxade várias vezes, fazendo ajustes e reprogramando ações, simulando sempre o processo inteiro.

Mi encontrou um intervalo. Tratando-se da "ação" mental, é fácil se iludir e pensar que está "fazendo". Como o planejamento é realmente necessário à ação, é natural que 2-3-4, alargado, ocupe nosso tempo — bem mais que o estágio 1-2, que se processa num instante.

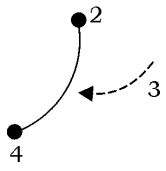
O próprio movimento 4-2, que veio com forte impulso do 1, opõe-se à saída de 2 para 3-4, como se a antecipação da manifestação no mundo físico "assustasse" o pensador. O processo perde a força: na mente somos muito poderosos, mas certamente sabemos que a teoria nem sempre funciona na prática e precisaremos nos submeter às limitações da matéria.



Ponto 3 – Primeiro Intervalo

Neste intervalo não distinguimos bem o caminho, pois há o triângulo inteiro entre 2 e 4. No entanto, só um cego não veria o auxílio da natureza neste ponto. Aqui sempre haverá um fator externo para ajudar — no mínimo, externo à mente. Na nutrição, por exemplo, a Graça é o ar: algo que vem de fora do organismo e absorvemos sem esforço consciente. Para sair do modo mental podemos usar o ar: emitir um sopro, um som ou a Palavra. Qualquer idéia manifestada fisicamente forma compromisso com o mundo físico, ativando-o, como se ligasse um motor.

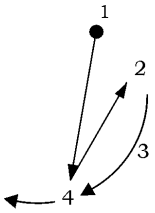
O 3 como parte emocional do centro intelectual, envolve relação e mudança de meio. Passamos do mundo das idéias para o mundo da ação, e toda ação é teleológica, ou seja, tem uma finalidade. conscientemente ou não, qualquer ação no mundo físico passou antes pela cabeça —ou da parte mental de outros centros.



Este é o intervalo mais fácil. Basta *não desistir*. Às vezes é suficiente esperar certa mudança em nosso próprio "humor", e a própria natureza nos faz participar da vida. É como esperar a onda certa para lançar-se ao surfe. Outras vezes basta inspirar profundamente, para encontrar a coragem necessária em nós. Estou no trampolim olhando a piscina lá em baixo: tomo fôlego e mergulho — simples assim.

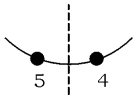
Por outro lado, o 3 é o momento da Palavra, da expressão. A idéia expressa em som é mágica. Gurdjieff disse que o órgão mais importante do homem é o órgão da fala.

Ponto 4



A idéia, que agora é um empreendimento, toma forma e personalidade material, ocupando espaço físico, ajustando-se a estruturas, tempo, ritmos e ciclos.

É uma fase estável, geralmente vivida em grupos. Também pode corresponder a qualquer rotina ou disciplina metódica. É nesse vértice do triângulo da acumulação (1-4-2) que se adquirem conhecimentos básicos pela experiência e energias estruturais. É o trabalho anônimo que precede ou suporta o criativo. Pode também ser chamada fase de teste ou exercício.

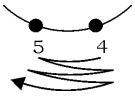


A mente vai ao 2 confirmar as decisões de planejamento, orçamento e cronograma, mas geralmente não tem energia para fazer toda a héxade de baixo para cima (4-2-8-5-7-1-4). É a situação dos empregados que são diretamente mandados pelo patrão (1-4) e quase sempre o máximo que fazem é reportar problemas (4-2) ao superior.

É como a mãe (4), que administra a casa, faz as compras, providencia as refeições diariamente, para que o pai (5) possa exercer sua profissão e os filhos possam brincar tranqüilos.

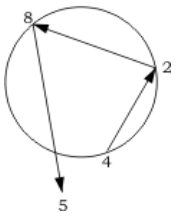
Há o perigo de cair no 4 e aí ficar. Longe da meta, o 4 não vê resultados (7-8). Quem não tem "Eu Sou" para segurar lá em cima, cai direto do 1 para o 4 e aí permanece.

Passagem 4-5 (Linha-de-Fogo)



A maior parte da vida da humanidade se passa no *stopinder* entre 4 e 5, indo e vindo como um pêndulo. A maioria perde a força pelo atrito em vez de aproveitá-lo para seu próprio crescimento.

O eixo de simetria é uma espécie de intervalo inconsciente, porque no ponto 4 a imersão na matéria muitas vezes causa o amortecimento da mente critica e a queda num automatismo cego — rotina pela rotina, burocracia, sem o 4-2-8-5-7-1-4 correto da atividade-meio.



Se o 4 consegue reportar-se ao 2 (subida, difícil), ainda será necessário subir mais, ao 8, para verificar se a meta está sendo cumprida e checar os processos de ação (4-2-8-5). Há, pois, o risco de ir para o 5 sem a devida preparação, cristalizando-se o processo em

detrimento da meta. Aqui ocorrem muitos desvios de objetivo e de *modus operandi.*

Ponto 5

Temos agora a plena operação no mundo físico. Uma vez preparado o campo material (4), tem início a ação e o movimento. O 5 deve verificar o modelo (7) e apenas por meio deste liga-se ao impulso inicial (5-7-1). Fazer, sim, mas fazer "o que?". Neste momento a idéia inicial (1) pode ter perdido toda a nitidez — 5 é o ponto mais afastado da origem.

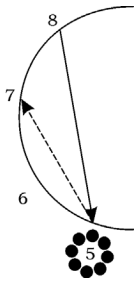
Criativo, o 5 pode, num esforço errado, "reinventar" o objeto visado (7), pois, tal como o 4, precisa fazer a héxade de baixo para cima e isso é difícil. Deve ir à frente, visualizando mentalmente o trabalho terminado (7). Mas isso não basta; precisa ligar-se à origem (5-7-1) e voltar um pouco (5-7-1-4-2-8-5), de modo que a mente o oriente na ação com toda a força da meta final, o 8. Precisa lembrar que no ponto 8 sua ação será julgada, e se tornará evidente se fez o que deveria ou não.

A atividade do 5 pode ser fonte de realização e prazer, dando por isso ilusão de realidade, o que é uma armadilha, pois quanto mais tempo se demorar no 5, maior será o afastamento dos objetivos iniciais.

O 5 tem que olhar para a frente, para a obra pronta, o 7, e não para o 8. Se olhar para o 8, obra no mercado, pode sentir pressão demais, se apavorar e se paralisar, como a mulher de Ló, que virou *estátua de sal* por olhar para trás, tendo a escolha de não fazê-lo.[1]

"Fá passa a Sol. A substância que se constitui aqui é realmente o sal[2] do organismo humano como tal. É, desse ponto de vista, a substância mais importante que ele pode elaborar." [3]

O 5 pode ser como um jogo ou um vício, no qual mergulhamos e não conseguimos parar — não paramos o jogo, mas paramos a vida.



[1] Gênesis 19: 26.
[2] Em russo as palavras "sal" e "sol" são quase homônimas. (Gurdjieff, *Gurdjieff Fala.*)
[3] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, pp. 31-2.

Ponto 6 – Segundo Intervalo

A ação não é tudo. É necessário completar a obra, dando-lhe uma forma final e definitiva. Existem sempre opções de desvios, tentações de diversificação, tentações de permanecer no processo de execução automaticamente, sem pensar ou sentir, eternamente "fazendo", identificado com a situação.

É preciso limitar o "fazer" e o "esquecimento de si" — e isso é doloroso. A escolha de uma só forma final, com a decisão de progredir, é uma das limitações mais assustadoras, sentida mais como perda do que como conquista da vitória.

Em algum momento é preciso *parar* (6), terminar o produto (5-7) e dar-lhe acabamento e beleza (7). Neste ponto é necessário muito esforço e ajuda externa. Deve-se apelar para um impulso maior, a fim de romper a inércia do momento (inércia na ação), recorrer à lembrança do triângulo 9-3-6, daquilo "que é", do triângulo do "Eu Sou".

É necessário coragem para assumir os riscos decorrentes da decisão e do compromisso, que se apresentam como inevitáveis. É preciso abandonar a confortável segurança sentida durante a ação e enfrentar a insegurança da mudança para um plano ainda desconhecido.

Estamos no *Harnel Aoot*. É imprescindível a atuação da Vontade, que só vem com a Consciência. Quem não tiver, que peça emprestado, porque a obra *quer* ser terminada, e uma obra incompleta será daí em diante um estorvo na vida do autor. O Ser já foi transformado e se a transformação não se completar alto preço terá de ser pago. Dificilmente temos a Vontade necessária, assim, frequentemente temos que pedir ajuda às pessoas certas.

Devido à assimetria do 5º *stopinder*, se as condições gerais não forem extremas (excessiva vibração ou absoluta calma), neste ponto o processo divide sua energia, metade para seu consumo próprio e metade para seus resultados, assumindo a perda por contrariar a segunda lei da termodinâmica.

Ponto 7

Vencido o *Harnel Aoot*, ocorre um rompimento de barreira, como uma explosão de raios e trovões, abrindo um claro entre nuvens cinzentas. É um salto para a liberdade, a fuga da prisão e o descortinar de horizontes límpidos, belos e prazerosos.

Trata-se agora da limpeza, do embelezamento, da embalagem para apresentação ao mundo do resultado do empreendimento.

O 7 diz: "Eis aqui" o produto. Está pronto. Está acabado, mas o processo ainda não terminou.

O caminho interior vai ao 1 para ver se confere com a idéia inicial, ao 4 agora para prever o solo onde se apoiará no futuro, ao 2 para confirmar os prazos, ao 8 para avisar que está pronto e ao 5 para ajustes eventualmente necessários. Volta ao 7 afirmado.

O 7 pode ser o produto pronto, mas isso não quer dizer nada — há ainda uma longa estrada a percorrer. Um produto não usado (8) não é nada. Aquilo que não é oferecido se perde.

PONTO 8

Chega a fase da utilização do produto. A obra já deve ter sido anunciada (7-1), e agora será distribuída no mercado e usada pelo cliente. O caminho interior 8-5 significa controle da execução e do produto, e prepara o *feedback* para os próximos ciclos.

Gurdjieff escreveu um pequeno livro, "Herald of Coming Good",
na fase de lançamento de "Beelzebub's Tales to His Grandson",
e depois o recolheu — uma vez cumprida sua missão,
o livro não tinha mais razão de ser.

Muitas vezes o processo precisa voltar atrás (8-5-7-1-4-2-8) para correção de desvios em relação à meta. O *know-how* é reavaliado para processos posteriores, novas etapas ou mesmo continuidade do processo atual. Este *know-how* ou sua mudança pode determinar alterações no produto final (7), que é comparado com a idéia inicial (1), que também pode ser agora reestudada (mas não reformulada), bem como a estrutura física e o próprio planejamento (2).

Se o produto não resultou bom, ainda assim ganhamos algo: ganhamos *don't know-how,* pois agora sabemos *como não fazer*, o que já é algo mais do que sabíamos antes. Portanto, na vida é preferível fazer algo errado e — e aprender — do que não fazer nada.

O 8 é a posição do gestor, aquele que tem o conhecimento pela experiência, ou mesmo um mestre que poderá agora orientar o aprendiz (2).

Sendo uma posição de poder devidamente adquirido, é possível que o responsável pelo processo hesite em afastar-se um dia, quando tiver que passar o posto a um novo gerente. Isto se deve ao terceiro intervalo, o *Mdnel-In Realizado-intencionalmente,* onde há um Si na primeira oitava, um Sol na segunda e um Mi na terceira. Apesar desse intervalo ter sido encurtado para facilitar a passagem a um novo ciclo, precisa de *intencionalidade*. Será como uma *aposentadoria*, o que não significa passagem à inatividade como se costuma pensar, mas sim o início de uma fase mais adiantada.

"Lembre-se: depois de resolver o problema,
diga adeus para ele"[1].

Ponto 9 – Terceiro Intervalo

Caso o processo tenha sido bem sucedido, todo o eneagrama estará em harmonia e as energias adequadamente utilizadas proporcionarão novo impulso no 9, como uma área escura que espera e atrai o relâmpago criador para um novo ciclo em nível superior.

No caso de vitória, o novo ciclo será realizado uma oitava acima em termos de energia, seguindo a espiral ascendente.

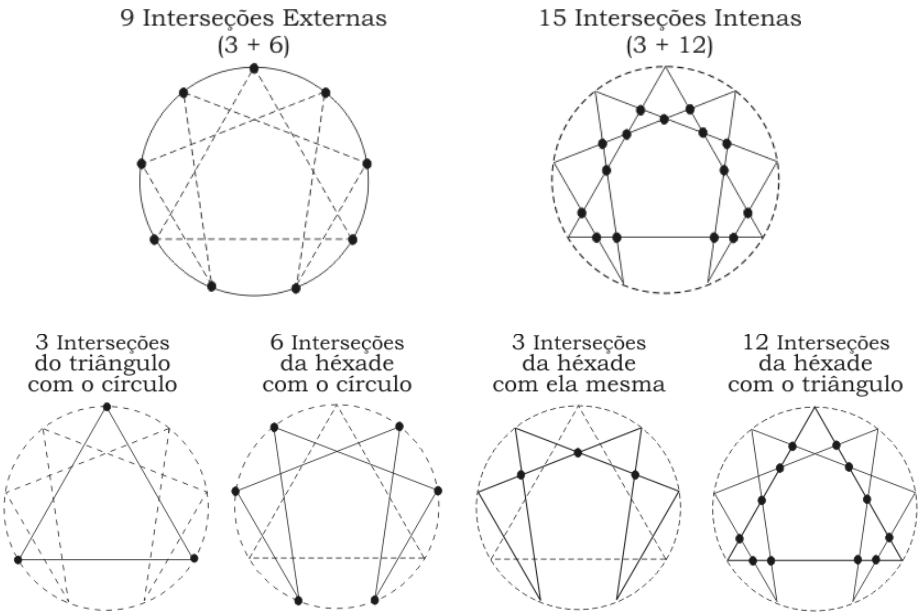
[1] Lama Gangchen Rimpoche (1941-), nascido no Tibet.

Partes Especiais

Partes especiais do eneagrama são pontos de interseção, arcos, cordas, segmentos de linha e também muitas figuras internas formadas pelas linhas. O significado dessas partes e suas combinações pode variar muito. Há algo em sua correspondência com os diversos Mundos criados, em uma seqüência de aprisionamento com mais e mais leis de restrições. Os significados também devem ser avaliados em termos da inter-relação entre os centros. No entanto, esse estudo das partes só pode ser efetuado após uma razoável compreensão do todo e do funcionamento geral.

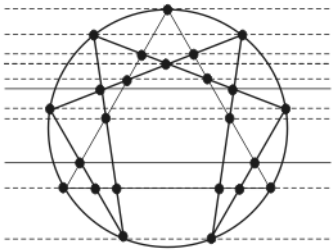
Interseções

Há 24 pontos de interseção no eneagrama: 9 externos, na circunferência, e 15 internos, fora da circunferência.

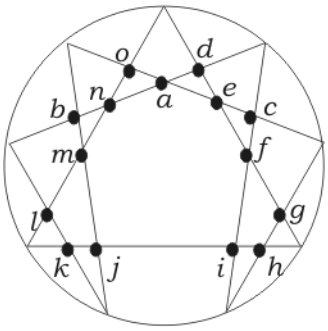


Outra observação diz respeito aos níveis e sua conexão simbólica com a hierarquia. Há cruzamentos em 11 níveis. [1]

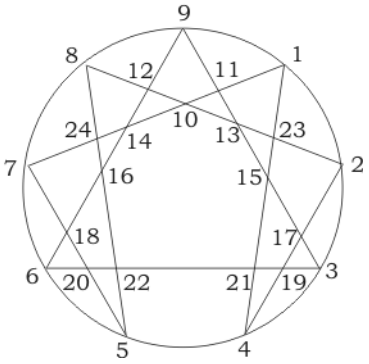
11 níveis de interseção



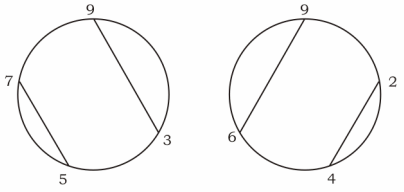
Caminho interior, com 15 letras



Caminho total, com 24 números



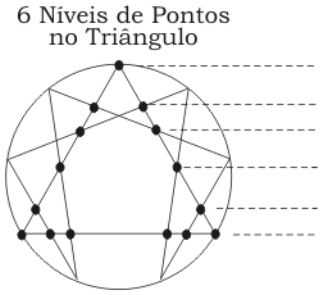
paralelas internas - ângulos equivalentes



7 + 5 = 12 = 3
9 + 3 = 12 = 3

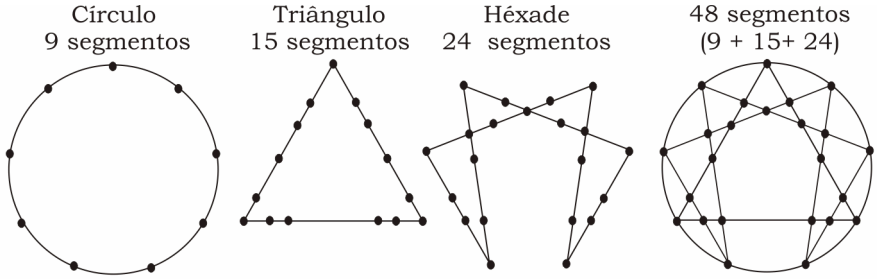
2 + 4 = 6
9 + 6 = 15 = 6

[1] Ver p. 312, Níveis na Empresa.



Segmentos

Segmentos são linhas retas ou arcos delimitados por pontos. No eneagrama, temos um total de 48 segmentos, que podem ser associados ao Mundo 48, a Terra.



Cordas

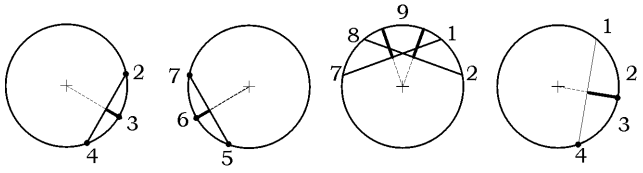
O estudo das cordas é muito interessante porque demarcam a áreas onde temos tendência a ser capturados, como “prisões” onde paramos. Por exemplo, a corda e 7-1 demarca na parte mais baixa do círculo, a prisão da identificação, que pode ter diversos graus ou aspectos. O primeiro é quando o objeto da atração, o 7, bate com o 1 e o hipnotiza, de modo que este não tenta mais ir ao 2 e permanece

"grudado" na imaginação. Essa corda pode, por exemplo, se referir ao autor que vai até o estágio do trabalho acabado, mas não o oferece nem o torna público — voltando constantemente ao 1 para tentar um novo trabalho.

Por outro lado, cada área demarcada por uma corda tem seu oposto: o resto do círculo, que também deve ser estudado em cada caso.[1]

Flechas ou Bissetores das Cordas

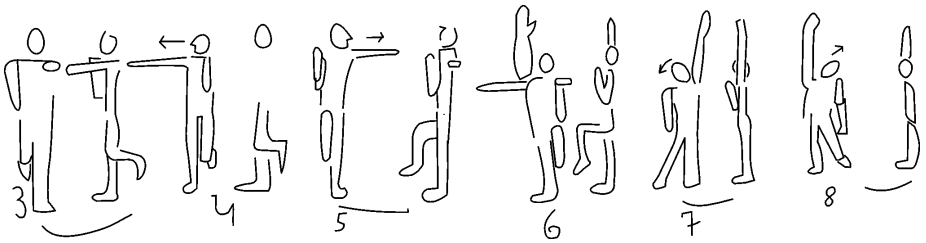
Outra estrutura geométrica a estudar em termos de significado são as flechas ou bissetores das cordas, as linhas que passam pelo centro do círculo e dividem cada corda ao meio.



[1] Ver p. 182, Estações do Ano e a área 7-1.

O Eneagrama se Move

"Gurdjieff tinha um grande eneagrama montado no hall do Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem. Os alunos que tomavam parte nos elaborados movimentos de dança feitos todas as tardes, se posicionavam nos pontos do círculo, marcados de 1 a 9, e então eram ensinados a mover-se de acordo com a seqüência 1-4-2-8-5-7, girando um em volta do outro nos pontos onde passavam um pelo outro, isto é, onde as linhas internas do eneagrama se cruzavam. Tomando parte nesses movimentos, os dançarinos aprendiam a vivenciar o eneagrama como ele realmente é, um diagrama representando os movimentos da vida."[1]



Multiplicação

"Eu o ouvi dizer que a pessoa
"para a qual o Eneagrama se move"
já começa a compreender alguma coisa".[2]

Em aulas de Movimentos, Gurdjieff dava exercícios de "multiplicação" baseados no eneagrama.

Há cinco cânones nos quais as pessoas colocadas nos números da héxade, geralmente em filas e linhas, mudam de lugar conforme as seqüências das divisões por 7. A chave da multiplicação é a série 1-4-

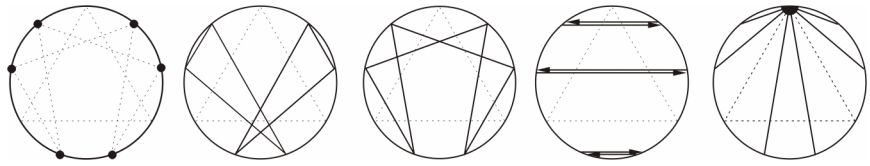
---

[1] Walker, *A Study,* p. 175.
[2] Popoff, *Gurdjieff: his work*, p. 159.

2-8-5-7 da héxade. Em busca da reunificação, é efetuada uma multiplicação sobre a divisão. O triângulo permanece fixo.

O esforço mental para manter a atenção nas mutações da héxade, enquanto o corpo faz movimentos predeterminados, gera incrível energia de *presença*.

Irmis Popoff foi a primeira fonte escrita que encontrei sobre os exercícios de multiplicação com a série 1-4-2-8-5-7 e sua ligação com o eneagrama. Ela tirou suas próprias conclusões e relacionou os movimentos da multiplicação com 5 "novas figuras" no eneagrama, que então se movia para ela, representando nossas necessárias e reduzidas *oportunidades de mudar* e evoluir.



Colocando-se no Lugar dos Outros

A partir das trocas de lugar nos movimentos, Popoff desenhou as 5 figuras acima. Não deu interpretação, e agora ouso achar significados em seus escritos e ainda acrescentar algo baseado em meus estudos e experiências. Como disse ela, "posso estar mentindo" — e é bom que cada um faça seu próprio exercício de verificação e compreensão.

Todos esses exercícios de multiplicação se baseiam em "*colocar-se no lugar do outro*", um dos mais importantes conceitos do Trabalho. Segundo Gurdjieff, este conceito, fundamento da *essência* de todo portador da Razão Divina, é formulado por nosso Pai Comum nas seguintes palavras colocadas sobre a entrada principal do Santo Planeta Purgatório:

"SÓ-PODE-ENTRAR-AQUI-AQUELE-QUE-SE-PÕE-A-SI-MESMO-NA-POSIÇÃO-DOS-OUTROS-RESULTADOS-DOS-MEUS-TRABALHOS."[1]

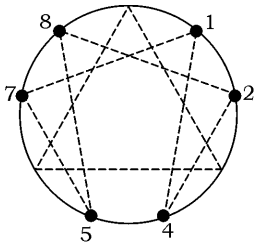
Assim como em relação aos outros, também deve ser em relação aos nossos pequenos *eus*, sendo muito útil que estes conheçam a posição uns dos outros — e isto pode ser o primeiro elo na direção da unificação.

---

[1] *Gurdjieff, Beelzebub's Tales, vol. III, p. 354.*

Primeira Multiplicação: 0,142857

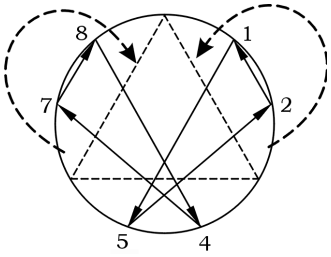
Na multiplicação por 1, todos os pontos permanecem onde estão e cada um se preocupa apenas consigo próprio. Não há mudança de lugar: a héxade é apenas potencial. No entanto, há movimento, pois sempre paralelamente aos deslocamentos da multiplicação, os alunos fazem uma série independente de movimentos. Pode-se ver bem isso na parte final do filme "*Encontros com homens notáveis*"[1].



Segunda Multiplicação: 0,285714

Quem era 2 8 5 7 1 4
torna-se 1 4 2 8 5 7

2 vai para 1
8 vai para 4
5 vai para 2
7 vai para 8
1 vai para 5
4 vai para 7

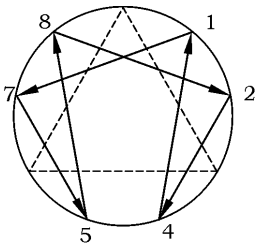


Começa a mudança de lugar. Os pontos 4 e 5 parecem os focos de dois grandes faróis, enquanto 7-8 e 1-2 estão afastados do mundo físico. Ver interpretação na Quarta Multiplicação, simétrica a esta.

Terceira Multiplicação: 0,428571

Quem era 4 2 8 5 7 1
torna-se 1 4 2 8 5 7

4 vai para 1
2 vai para 4
8 vai para 2
5 vai para 8
7 vai para 5
1 vai para 7

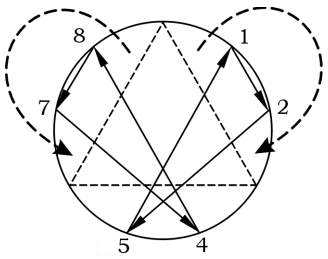


[1] Ver p. 10.

Cada ponto se move para o ponto *anterior* na ordem "chave" e a héxade faz movimento inverso ao normal, sua figura permanecendo a mesma. Parece a "Lei da Outra Maneira", de que falou Popoff. [1]

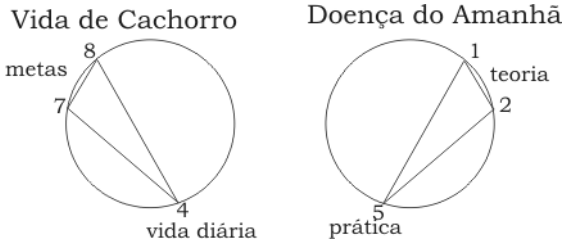
Quarta Multiplicação: 0,571428

Quem era 5 7 1 4 2 8
torna-se 1 4 2 8 5 7



5 vai para 1
7 vai para 4
1 vai para 2
4 vai para 8
2 vai para 5
8 vai para 7

Na segunda e na quarta multiplicações há cruzamento interior dos focos e os diagramas são similares, mas os movimentos são diferentes..

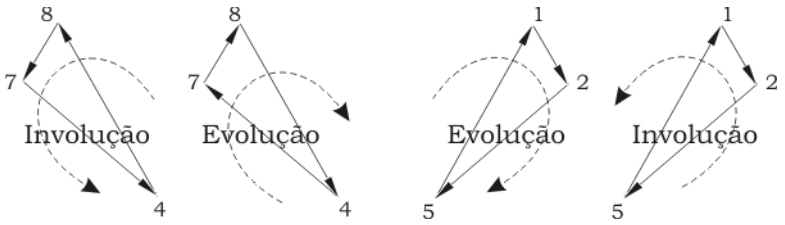


Sem movimento, no triângulo 4-7-8 há perda de contato entre a vida diária e as metas. O individuo cai na rotina e se esquece do que tem para fazer. Leva uma "vida de cachorro", tipo "come, bebe e dorme". Neste caso nem a rotina é bem feita, pois ainda há dependência e, além disso, nada persiste sem meta.

Também, se o vemos sem movimento, no triângulo 5-1-2 a teoria está completamente separada da prática. Penso em minhas idéias meus planos, meus trabalhos, mas o que faço está totalmente desvinculado de meus planos[2]. Vivo no hoje, com a "doença do amanhã"[3].

---

[1] Popoff, *Gurdjieff, his work*, pp. 136-7, 141-4 (*Law of Otherwise*).
[2] Ver Nota à p. 21 (Romanos 7: 15-18).
[3] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, pp. 5, 362.



Com movimento, podemos ter melhores relações. Para o 4 (a vida comum, a base), tomar o lugar do 8 parece quase impossível, mas pelo menos ele poderá ver o quanto o 8 precisa de seu trabalho. É como se o empregado fosse patrão por um dia. E vice-versa, quando o 8 vai para o 4 e o patrão vira empregado por um dia.

Como disse um de nossos mestres atuais,
"Você, que faz compras, deveria experimentar
o outro lado do balcão".[1]

Já a relação entre o 4 e o 7 é como o rascunho diante do "passado a limpo". Se eu nunca ler o que escrevo, não terei idéia de como minha letra é ilegível, mas se fizer esse exercício, da próxima vez procurarei escrever melhor e melhorar a letra para facilitar a vida dos que precisam me ler.

Quando o 7 vai ao 4, é como um violinista treinado ouvindo o garoto do vizinho estudando — coisa que ele havia esquecido que fez um dia. O caminho correto seria 7-1-4: faz o 7 voltar a lembrar sua idéia inicial, ele então acabará admirando a persistência do garoto que está no 4.

Para o 7, passar ao lugar do 8, é como uma devida promoção, ao passo que do 8 para 7 é um rebaixamento — tipo "você ainda não está pronto"; neste caso, o caminho correto seria 8-5-7, passando pela execução.

O 1 e o 5 são opostos como o filósofo e o artesão de um mesmo processo — o que tem a idéia e o que a põe em prática.

Não é fácil para o 5 o executor, trocar de lugar com 2, o planejador. Haveria o caminho interior 2-8-5, mas infelizmente, no nosso mundo esse triângulo foi "partido". Embora fosse bom, é muito raro aquele que planeja ter contato direto com o que executa e vice-versa.

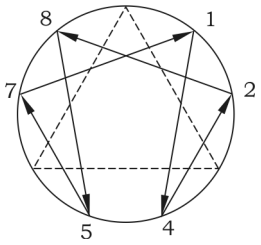
Quanto ao 1 e o 2, são opostos como o ativo e o passivo, a mulher e o homem, a idéia livre e as restrições, e ambos podem aprender muito um com o outro.

---

[1] Paulo A. S. Raful, São Paulo.

Quinta Multiplicação: 0,714285

Quem era 7 1 4 2 8 5
torna-se 1 4 2 8 5 7

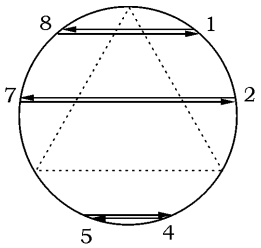


Nesta multiplicação, a héxade se move normalmente (1-4-2-8-5-7), e a interpretação é o "funcionamento" do eneagrama normal. Isto coincide com o papel principal do 5, que é a ação.

Sexta Multiplicação: 0,857142

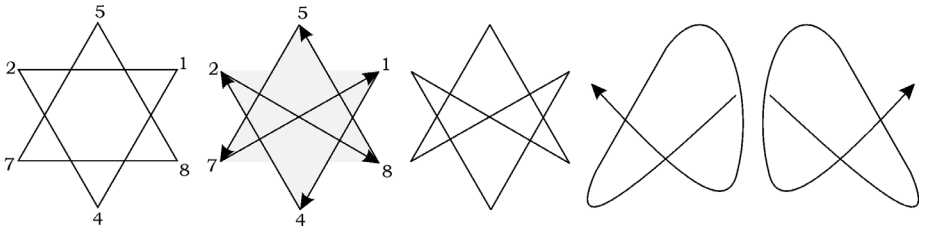
Quem era 8 5 7 1 4 2
torna-se 1 4 2 8 5 7

8 e 1 trocam de lugar
7 e 2 trocam de lugar
5 e 4 trocam de lugar



Há aqui uma troca de lugar no mesmo nível. Pelo que se pode ver no eneagrama de níveis na empresa [1], e é importante que os pares de números se entendam entre si. Como veremos nos 5 "Esforços Obligolnianos Esserais"[2], os pares 8-1, 7-2 e 5-4 têm muitas semelhanças.

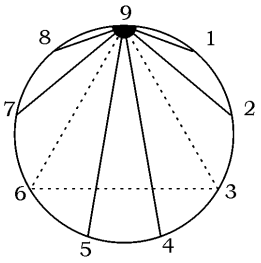
São seis números que fazem intercâmbio dois a dois. Colocando os pares na vertical sobre uma Estrela de Davi e conforme o caminhamento da héxade, teremos uma terceira figura esotérica, que representa a Dança das Oitavas[3] em um diagrama único:



[1] Ver p. 312, Níveis na Empresa.
[2] Ver p. 389, Esforços Obligolnianos
[3] Ver p. 270, A Dança das Oitavas.

"Ao final da sexta multiplicação cada pessoa...
se moveu e 'se tornou' (desempenhou o papel de)
todas as demais posições".[1]

Sétima Multiplicação: 0,999...



A multiplicação culmina na divisão por 7 com a unificação pela convergência, por mais teórica nos pareça. O nove no eneagrama simboliza reunião e unidade, e todos ansiamos, de certa maneira, por essa realidade. A multiplicação por 7 é a força centrípeta do Retorno.

A Multiplicação na Vida

O método de Glenn Doman[2] para tratar lesões cerebrais através de movimentos físicos tem semelhança, em efeitos, com os movimentos de Gurdjieff. Mais do que isso, Buzzell seu fala sobre a "aquisição de novos caminhos neurais".[3]

Agora, imaginemos que tipo de novos caminhos poderíamos construir para nós mesmos, não só pela prática desses exercícios de multiplicação, como também aplicando-os a todas as situações na vida, de uma maneira similar — trocando lugares e papéis!

Experiências com Movimentos

"...o trabalho incorreto, isolado ou automático do centro motor
priva os outros centros de apoio, pois os outros seguem
involuntariamente o centro motor.
De modo que a única possibilidade de fazê-los trabalhar
de maneira nova é, na maioria das vezes,
começar pelo centro motor, isto é, pelo corpo.
Um corpo preguiçoso, automático e cheio de hábitos estúpidos
detém qualquer espécie de trabalho."[4]

Se fosse contar o tanto que acho que esse símbolo mágico, não sei se acreditariam. Uso-o como proteção e inspiração, embora às vezes me "inspire" demais, a ponto de quase não suportar. Fiz experiências, inclusive com outras pessoas, por exemplo, sobre o

---

[1] Buzzell, *A Long Thought*, p. 3.
[2] Doman, *O que fazer.*
[3] Buzzell, *A Long Thought*, p. 29.
[4] Ouspensky, *Fragmentos, p. 394.*

aumento de energia eletromagnética que se cria ao redor se riscarmos continuamente a héxade no papel.

Certa época, fazíamos movimentos sobre um eneagrama enorme, na relva entre árvores, no alto de uma colina. Era encantador. Nessas ocasiões ocorreram experiências extraordinárias, comigo e com outras pessoas.

Também, presenciei um estranho fenômeno: a ação de uma força misteriosa que empurrou alguém para fora do eneagrama durante um exercício. Não chegamos a nenhuma conclusão a respeito e desta força, se era física ou hipnótica.

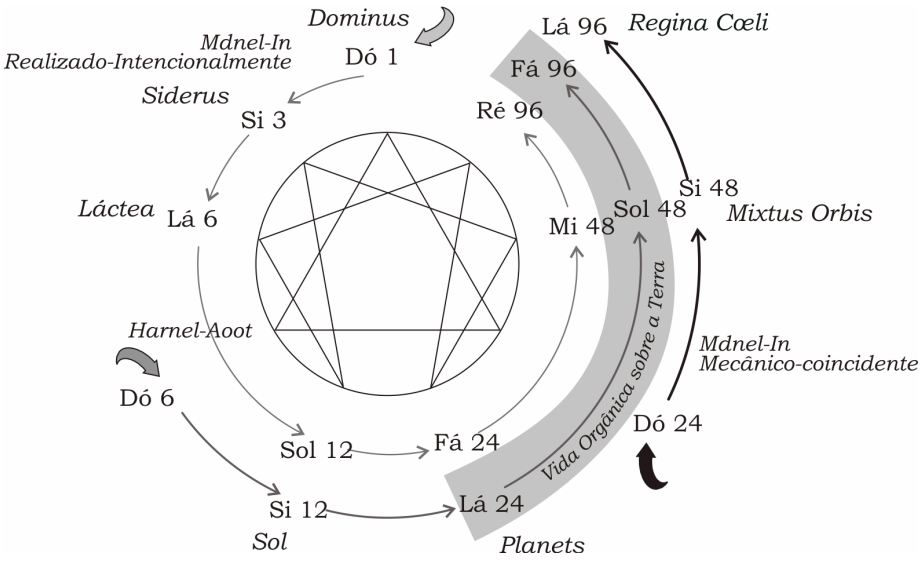
Outro fenômeno estranho foi minha experiência de superesforço. Havia feito trabalho físico por várias horas e subi correndo a colina. O calor era fortíssimo. Ao chegar ao topo, meu coração batia acelerado e a respiração faltava. Pensei que ia morrer. Todos já estavam em seus lugares. O instrutor chamou indicou que me posicionasse, pois os movimentos já iam começar. Fui como um zumbi, pensando que a qualquer momento desmaiaria de total exaustão. Mas quando entrei e me posicionei no eneagrama senti um influxo imenso de energia e renovei-me completamente. Fiz os movimentos, então, talvez melhor do que nas outras vezes.

O Eneagrama das Energias

O eneagrama é absoluto;
o que se coloca nele é relativo.

Como vimos, há uma só escada, por onde se desce ou sobe. Para melhor compreensão, às vezes as desenhamos separadas, quando ilustramos o processo. Mas se a escada é uma só, os caminhos são dois: criação e evolução, representados nos dois eneagramas fundamentais: o Raio da Criação e a Nutrição, respectivamente. Vamos agora mostrá-los em termos de energias.

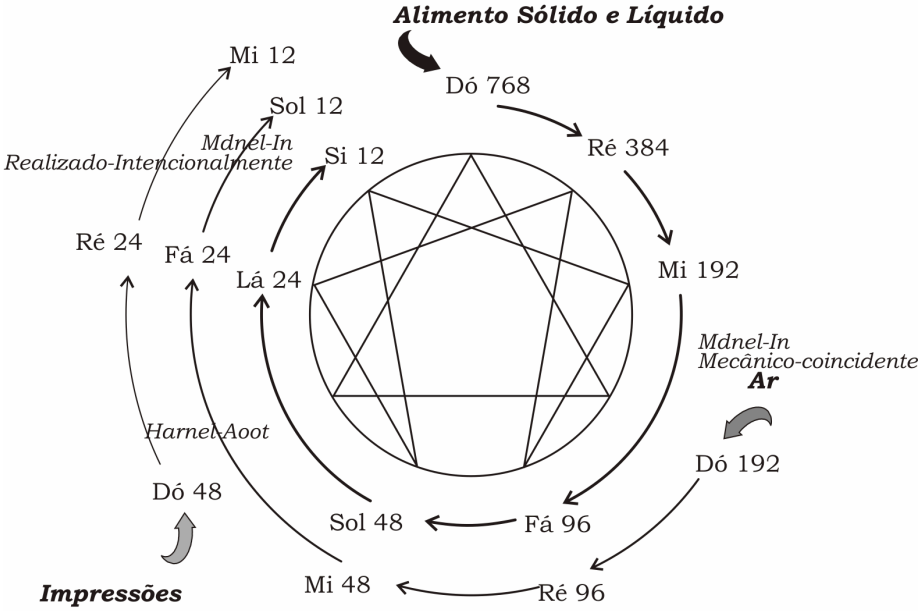
O Raio da Criação



O Raio da Criação é o modelo de todas as correntes *descendentes:* quando a energia é materializada através das três oitavas.[1] Sua Grande Oitava e as duas Oitavas Laterais são representadas em sentido anti-horário, ou de involução.

Nutrição e Energias

O processo da Nutrição, no eneagrama, representado no sentido horário, é o protótipo de todas as correntes *ascendentes* ou de evolução.



Os níveis de energia nesses dois diagramas não coincidem exatamente (no Raio da Criação, Sol 12 é o ponto 5, e na Nutrição é o ponto 8) porque estamos lidando com escalas diferentes[2], a do cosmos e a do homem.

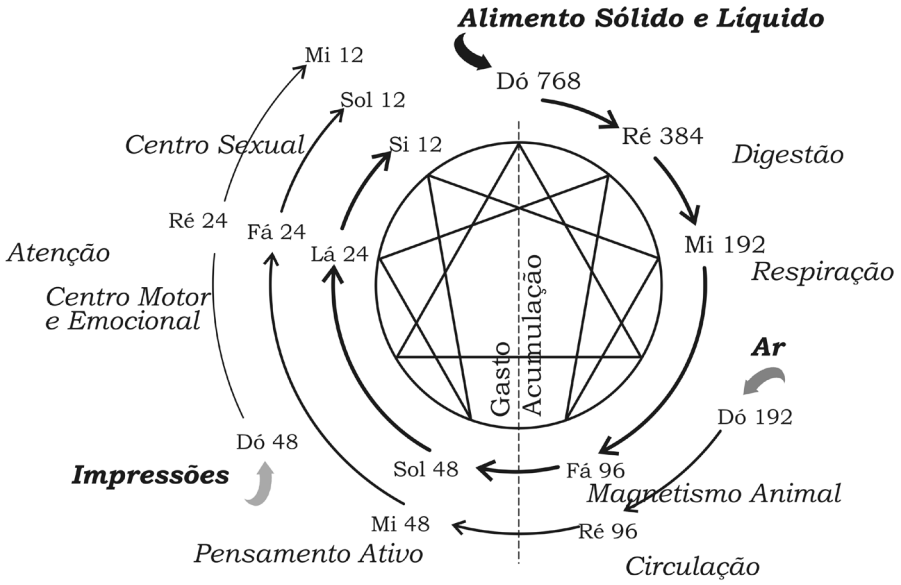
Agora, com este modelo podemos compreender melhor a interferência das oitavas superiores sobre as inferiores, proporcionando os choques corretos nos pontos adequados. Por ele também estudamos a digestão e o refinamento das energias, que nos levam a compreender outros processos relacionados ao trabalho sobre si e à transmutação de energias para a formação dos corpos superiores.

---

[1] Ver p. 126, Energias.
[2] See p. 127, escalas móveis.

O processo de Nutrição do homem se faz sobre os três planos, num entrelaçamento: físico, psíquico e espiritual.

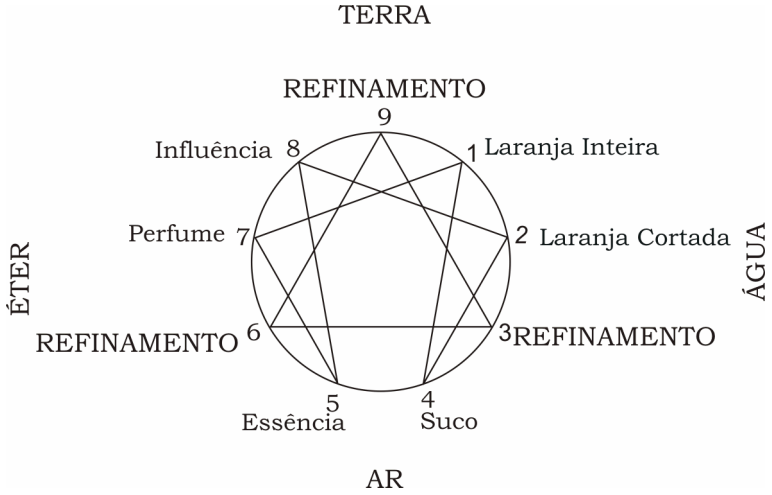
Os acordes do eneagrama são acordes menores: Ré-Fá-Lá (Ré menor) e Mi-Sol-Si (Mi menor). Este fato é pleno de significado. Como disse Menuhin[1], o acorde menor é geralmente considerado como triste, e é essa tristeza, como "falta de alguma coisa", nos incita à busca da completação e do retorno.



Em termos de "começo, meio e fim", na evolução pela Nutrição, o "alimento sólido e líquido" seria a idéia ou início, pois antes de ser processado pelo corpo é apenas "teoria". Por exemplo, do ponto de vista da topologia[2], o homem é uma rosquinha ou um tubo por onde passa o alimento. No processo da nutrição, enquanto não recebeu o choque do Ar, o alimento ainda não está "dentro" do corpo — ainda pode voltar a sair pela boca. A oitava do Ar efetua a verdadeira "ação" ou incorporação do alimento. A oitava das impressões corresponde ao emocional, e fixa as energias "onde" precisam ser fixadas, tornando real o processo.

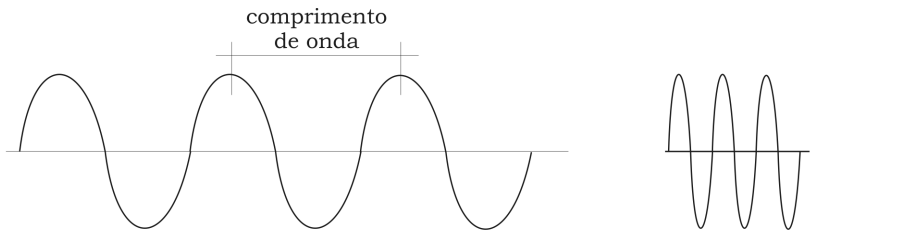
[1] Ver p. 104, citação de Menuhin: "O acorde maior é o primeiro e único acorde puro..."
[2] Topologia é o estudo dos diferentes tipos de espaço e suas transformações.

Laranja
– Um Exemplo de Refinamento



O eneagrama de refinamento das energias é determinado segundo a Lei das Vibrações. A densidade da matéria é inversamente proporcional à da energia. Quanto mais material, menor a freqüência da vibração (e maior a amplitude ou comprimento de onda); e quanto maior a freqüência vibratória, menos material e mais inteligente ela é.

Quando falamos de *energia* nos referimos mais às ondas curtas e rápidas, de longo alcance, enquanto a *matéria* corresponde às ondas longas, lentas e sem força para ir muito longe — aliás, matéria mesmo não vai a lugar algum.



ondas longas - matéria *ondas curtas - energia*

0 – Laranja, Conceito Geral

A laranja ainda está na árvore. Para nós, é praticamente um mero conceito. Mas tem possibilidades. A possibilidade mais natural e provável é que caia no chão e se transforme em alimento para a terra.

Nesse momento, a laranja é uma oportunidade. E oportunidades não duram muito, portanto algo precisa ser feito — ou ocorrerá a involução. Neste ponto, a escolha determinará a Função.

Do ponto de vista de potencialidade, ela pode sofrer muitas transformações, até o estado de máxima influência na corrente ascendente.

1 – Laranja Inteira (Mm)

A laranja foi colhida, separada da árvore, mas ainda é puro potencial. Presta-se a inúmeras aplicações, todas elas ainda não realizadas. Neste sentido, não é nada; como se fosse apenas a idéia de uma laranja. Traz a idéia da semente, para que se plantem laranjeiras que irão multiplicar as laranjas. Como está, serve para uma pessoa, mas só se for dividida poderá alimentar ou influenciar mais pessoas.

No presente exemplo, a laranja se destina a transformações de refinamento, alimentação e influência.

Uma laranja, sólida e inteira, é um ser em si (1), não podendo atender às necessidades de mais de um corpo. É também um corpo, mas dela, só a forma exterior é vista ou evocada (7). Seu interior só pode ser inferido de experiências anteriores.

Não pode ser utilizada como é. Se não for transformada apodrecerá como qualquer laranja que cair da árvore ao chão. Para ultrapassar essa fase, é necessário consultar sua estrutura (4) — por exemplo, para cortá-la.

2 – Laranja Cortada (Mf)

Cortando-se a laranja, ela continua externamente reconhecível, não perdendo sua identidade como Ser exterior. Pode ser dividida e servida a mais de uma pessoa. Pode também ser amassada com água, formando uma pasta.

Para essa divisão é necessário o uso de ferramentas, denotando alguma ação física (1-4-2) e um conhecimento (2) de sua estrutura interna (4).

Conforme um plano (2) que envolve finalidade (8) e a previsão da utilidade próxima, pode ser lavada, descascada, cortada ao meio, separada em gomos, separada das sementes, e mesmo retirada do envoltório dos gomos.

Neste momento, como Ré, mantém a forma de suas células originais, sendo ainda possível reconhecê-la pela visão, peso e tato. Porém a visão agora mostra seu interior, antes apenas subjacente (subconsciente).

Também o som que produz ao cair, por exemplo, ou o tato ao ser mordida, continuam mantendo a idéia física específica de uma laranja.

3 – Primeiro Intervalo (Me)

O Ser laranja precisa entregar-se à descaracterização exterior. Uma atitude de aceitação é necessária. Os instrumentos de transformação podem ser os mesmos da etapa anterior, mas a intensidade da divisão aumenta quantitativamente.

Este intervalo assusta, pois pretende-se uma transformação e o processo vai mudar de meio. Algo vai acabar, e isso é a individualidade da laranja.

4 – Suco (Fm)

Liquefeita, a laranja não é mais uma laranja. É matéria compartilhada. É um líquido, com todas as propriedades materiais de qualquer líquido. Seu estado físico mudou. Perdeu a forma individual, mas conserva a cor, o odor e o sabor.

Agora não apenas uma laranja pode servir a várias pessoas, como também não se pode mais saber se o suco provém de uma só laranja ou de várias.

O suco pode ser misturado a outras substâncias. Pode ser utilizado sob forma de minúsculas gotículas, num *spray*, por exemplo. Aqui é necessário o auxílio de um *recipiente*.

Em termos de preparo natural, sem ajuda de fator externo, parece terminar aí o possível preparo da laranja como matéria.

Observemos aqui a relevância do tempo. O suco, se não for logo utilizado, em curtíssimo prazo estará deteriorado. No entanto, neste mesmo estado, se devidamente processado, ainda servirá para armazenamento, congelamento ou cristalização.

5 – Essência (Ff)

Podemos secar o líquido laranja, fazê-lo coagular, evaporando toda a água que continha e deixando apenas a essência da laranja, resultando num óleo ou concentrado. Não é mais laranja, e sim seus componentes fundamentais. Podem ser separadas as fibras, as vitaminas, os sais minerais e a essência química que lhe deu a propriedade de ser assim tão especialmente laranja.

Neste ponto atuou a *tecnologia* e houve um processamento irreversível. Mesmo que se coloque de volta a água que foi evaporada, não teremos mais o suco de antes.

O processamento utilizado decorre de tudo que foi planejado na metade esquerda do eneagrama (1-2-3-4) e não pode mais ser modificado.

O cinco se preocupa mais com os resultados, portanto esse processo é executado tendo em vista sua apresentação (7) e distribuição final (8).

Há muito para muitos, mas fica uma dúvida O que? Para quem? Tem que haver direção e intenção, pois a função transformadora é inteligente e teleológica.

Não pode haver demora, sob risco de perder-se a força vivificante, o fator genético.

6 – Segundo Intervalo (Fe)

Como apresentar para distribuição esta essência obtida?

Aqui é necessário uma decisão, um compromisso, um choque voluntário e ativo. Implica num compromisso com a nova forma exterior (7) e o novo conteúdo interior (8) do ser transformado.

7 – Perfume (Em)

Concentrou-se o perfume. O refinamento produzido pela aceleração das vibrações (5-7) tornou o produto tão afastado da laranja original, que não poderíamos distinguir, pelos sentidos normais, entre um produto natural e um sintético.

O ponto sete exige a imagem, o arquétipo visual. Geralmente o produto precisa ser apresentado com um rótulo externo ou um desenho sugestivo que indique o conteúdo.

Por outro lado, o refinamento aumenta enormemente o campo de ação da força vivificante. O perfume (7) que sempre existiu dentro da laranja (1) ultrapassa as possibilidades físicas anteriores de atuação. Atinge espaços numa distância e poder que faz a laranja original voltar a ser uma idéia, antes aprisionada e agora livre em sua essência vivificante.

Tem tal facilidade de dispersão, que precisa ser artificialmente contida, conforme a finalidade de seu uso (8), para não se esvair.

Não esqueça que todos esses exemplos
você pode e deve aplicar no Trabalho interior.

A forma exterior final, o recipiente, levará em conta a estética e os fatores de atração instintiva ou emocional de que disponha. É o produto final do ciclo, aquilo que será visto e desejado para ser usado (7-1). Precisa ter qualidade interior, mas também *appeal* externo.

8 – Influência (Ef)

O perfume só será útil se utilizado. Enquanto não for distribuído e utilizado será apenas uma possibilidade, assim como era a própria laranja no início (1), e todos esforços terão sido em vão.

Só existirá verdadeiramente quando for realidade para alguém (relação 8-2). Como um mestre, que pode ter vários discípulos, exercendo ação multiplicadora e evolutiva, a distribuição e o uso do perfume influenciará várias pessoas, mas cada uma de maneira particular e distinta.

9 – Ciclo Completo (Ee)

Aqui não há nada mais de material — restou apenas a própria experiência.

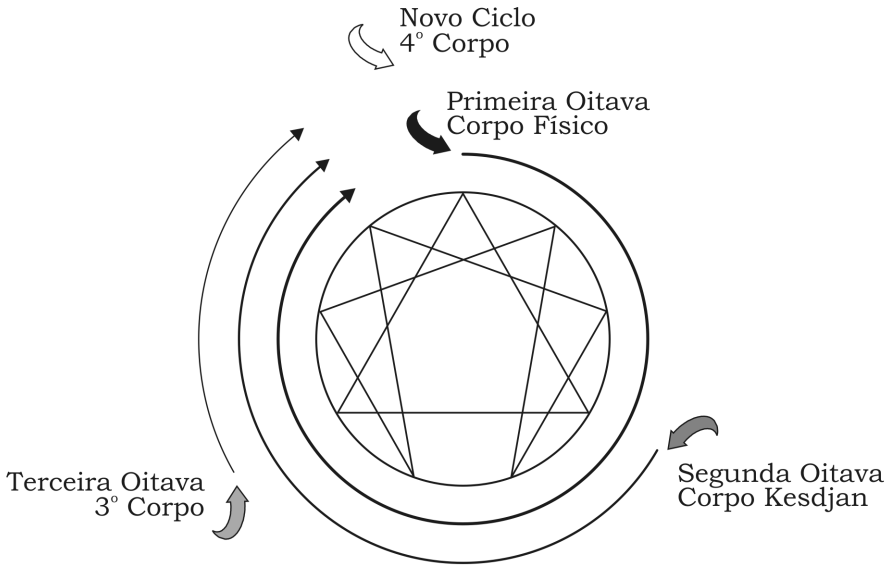
Com a completação deste ciclo, houve um aumento na evolução e no ser de todos os envolvidos e de tudo envolvido. Muito foi aprendido, compreendido e incorporado ao ser, de modo que o ciclo seguinte será uma função (9) superior, na espiral ascendente. A Vontade também foi aumentada.

Poderíamos fazer vários eneagramas para a laranja, variando a função (9). Poderíamos utilizá-la como uma imagem para fotografia, como uma bola para brincar. Poderíamos comê-la crua em gomos ou em forma de pudim. Poderíamos fabricar uma essência como água-de-colônia ou perfume concentrado para uso pessoal, ou a essência poderia destinar-se ao preparo de bolos e doces. Poderíamos extrair dela vitamina C ou outros elementos para fins medicinais. E assim por diante. Cada finalidade constituiria um determinado par 7-8, cuja realização exigiria um eneagrama específico.

Corpos do Homem

Os três primeiros corpos do homem correspondem às três oitavas da Nutrição, tendo como analogia a carruagem, o cavalo e o cocheiro. São oitavas que se sobrepõem e se entrelaçam por meio de ligações especiais, conforme o funcionamento integral do eneagrama, assim como os vínculos entre os elementos da atrelagem: *os varais, as rédeas e a voz*.

O quarto corpo fará já parte de outro ciclo, como um novo nascimento. À medida que são mais elevados, os corpos vão sendo formados por energias cada vez mais finas, menos densas e de mais alta vibração.

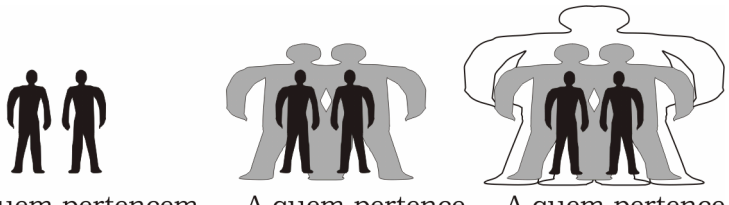


Nossos corpos físicos são separados uns dos outros, pois a matéria cria separação. Porém, já na oitava do ar, nossos corpos não apenas se tocam, como trocam matéria constantemente. Pessoas numa mesma sala inalam moléculas de ar que já passaram pelos pulmões das outras e trocam células entre si. Há, pois, uma ligação material entre os organismos através do ar.

Que dizer das energias mais finas de pensamento e de emoção, que interpenetram os mundos abaixo e por serem menos densas ocupam espaços e atingem distâncias que não ousamos imaginar!

As energias dos corpos e centros superiores são tão abrangentes, que quase não as posso chamar de “minhas”, e sim de “nossas”: “nossa idéia”, “nosso verdadeiro amor”. Provavelmente essa foi a intuição da tão difundida expressão “inconsciente coletivo”.

As energias muito finas não têm “dono”, pois em vez de “eu” tê-las, é mais possível que elas “me” tenham. Fazem a verdadeira integração ao todo.



A quem pertencem estes corpos? A quem pertence esta idéia? A quem pertence este amor?

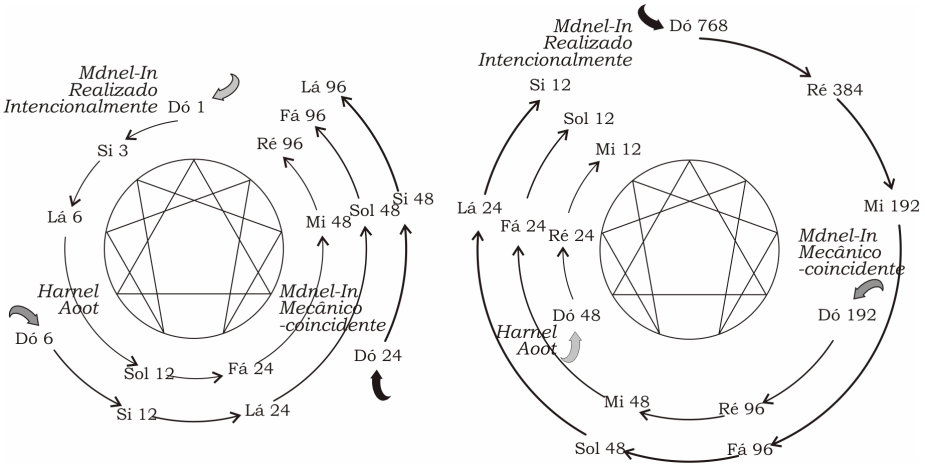
O homem costuma ter muito medo da integração ao Todo. Identificado com a personalidade e com o corpo físico, o homem comum tem um grande orgulho de sua "individualidade" e a considera grande tesouro. Mergulhado nessa ilusão, deixa de entrega-se a emoções superiores, como o verdadeiro amor, no qual todos somos um e não há "você" e "eu". Teme a morte e o compartilhamento, pensando na integração ao Todo como uma perda de si. O que não vê é que, ao contrário de perda, é um imenso *ganho*, pois então, além de continuar sendo o que é, passa a ser *mais do que isso*, sendo *também* os outros e tudo com o que se integra.

A única maneira de crescer e "permanecer" é acumular em si energias superiores. Se você possuir energias de um mundo acima, mais abrangente e penetrante, já não sentirá a mesma separação que há na matéria, entre uma pedra e outra pedra. Passará a ser como com uma água e outra água e, depois uma nuvem e outra nuvem, depois — nem se sabe...

Como diz Gurdjieff, podemos escolher alimentar a Lua ou o Sol. O que significa isso? Para o nível da Lua, só precisamos ser cada vez mais pedra. Mas para poder servir ao Sol, precisaremos nos aperfeiçoar. Se tivermos em nós energias solares, como H12, participaremos realmente do corpo do Sol e seremos "um" com ele.

"...você é um alimento para Deus.
Portanto, tenha um bom sabor!"[1]

A Dança das Oitavas



[1] Feild, *A última barreira.*

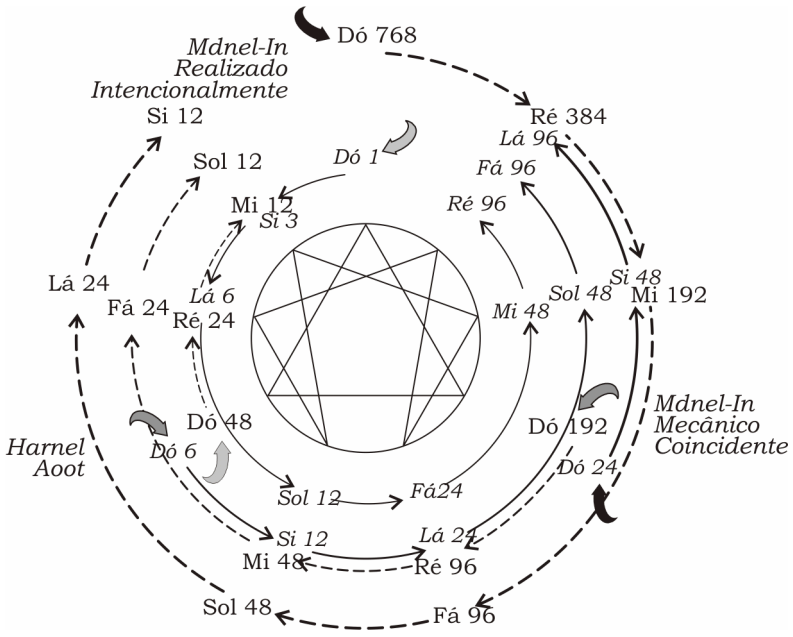
As duas correntes estão em constante luta, mas talvez seja mais adequado chamarmos isso de dança, como a dança de Shiva. Não é por acaso que Gurdjieff se intitulava um "Professor de Dança".

As correntes formam a própria vida. Se houvesse só uma delas, seria como o som de palmas batidas com uma só mão, como no famoso koan zen. Se não existisse oposição, seria como dar um soco numa nuvem, falar a um surdo ou o Sol irradiar sem uma Terra para ser iluminada.

Olhando assim os dois eneagramas separados, pode parecer bem simples. Mas nada é tão simples como parece.

LUTA

Os dois eneagramas na verdade são superpostos, e chamamos "dança" ou "luta" seu funcionamento conjunto, entrelaçado. Com seu diagrama conjunto podemos compreender melhor como é a luta em cada ponto, quando a corrente ascendente precisa lutar contra forças naturais contrárias — não esqueçamos que a Criação desce do Absoluto com imensa força coletiva.



Há vários outros pontos de vista a considerar. A Criação se faz com a manifestação do Absoluto no sentido da Unidade para a

Multiplicidade, e a volta é o oposto: o movimento da Multiplicidade para a Unidade. Existem ao mesmo tempo infinitos Raios da Criação em todas as direções, como que compondo uma esfera feita de cones, com centro no Absoluto. Portanto, é possível que existam infinitas Danças das Oitavas, e universo paralelos.

Por outro lado, as oitavas não são planas, mas tridimensionais, atuando por *Harnelmiatznel*, em forma de espirais descendentes divergentes e espirais ascendentes convergentes.

Diz-se que a escada é a mesma, para subir ou para descer, mas sua própria existência se deve a um erro infinitesimal na reconstrução do que foi dividido: existe uma *defasagem* de 0,111...

Se formos visualizar a "dança", precisamos também levar em consideração a densidade de energia e de matéria, pois o Absoluto é pura e total vibração e esta se desacelera quando desce, formando a matéria.

Como se isso não bastasse para desafiar as limitações da nossa compreensão, lembremos ainda que tudo isso se faz como labirintos e dédalos, ou em tabuleiros de xadrez.

Assim, graças ao "erro intencional", tudo que foi separado sofre o dinamismo da luta viva e constante da manutenção recíproca no sistema Trogoautoegocrata.

Portanto, viva a luta! Hurra!

Há uma cena bem interessante no filme "Michael"[1] onde arcanjo vê um touro e corre feliz para desafiá-lo, gritando "Luta!". Esse filme tem detalhes claramente tirados do Pistis Sophia, quando Jesus, após morrer e ainda na cruz, vence uma batalha no céus e então recebe nova "vestimenta" (novo corpo).

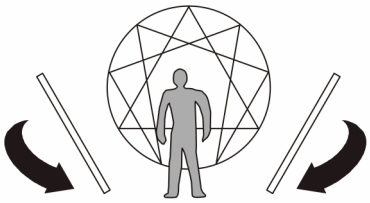
A oração às vezes simboliza a batalha entre os anjos da luz e os da escuridão. São Miguel e São Jorge são vitoriosos em lutas com dragões, que simbolizam o mal, a ilusão — ou mesmo nossa falsa-personalidade. Nas religiões orientais, o mais importante segmento da batalha do Mahabharata é o Bhagavad-Gita, o diálogo entre Krishna e o herói Arjuna sobre o significado da vida.

Pode parecer estranho gostar de luta. Mas se prestarmos atenção, se lutarmos a luta certa ou dançarmos a música correta, com toda certeza apreciaremos muito. É o total contrário de tédio. Daí a fascinação que temos por jogos de oposição e conquista, e até mesmo, talvez, por guerras[2].

---

[1] *Michael Um Anjo Sedutor* (*Michael),* EUA, 1996, dirigido por Nora Ephron; história e script por Pete Dexter, Jim Quinlan, Nora Ephron e Delia Ephron.

[2] Ver p. 387, Jogos.



Ilustremos isso com o fliperama: o homem em meio às duas correntes, levando choques de cá para lá e de lá para cá — e ele mesmo, ao mesmo tempo, tentando aplicar sua força nas paletas para dominar a situação em vez de deixar-se manipular como um joguete.

Luz e Cores

A luz visível é a faixa mais alta do espectro eletromagnético que nossos sentidos físicos podem captar. A própria palavra "luz" tornou-se para nós símbolo do que há de mais elevado, inteligente e espiritual — chamamos de "iluminado" um mestre ou alguém que atingiu alto nível de ser.

Por outro lado, a física quântica descobriu na luz o limite entre matéria e energia, devido à sua característica dual de comportar-se ora como *onda* (energia), ora como *partícula* (matéria).

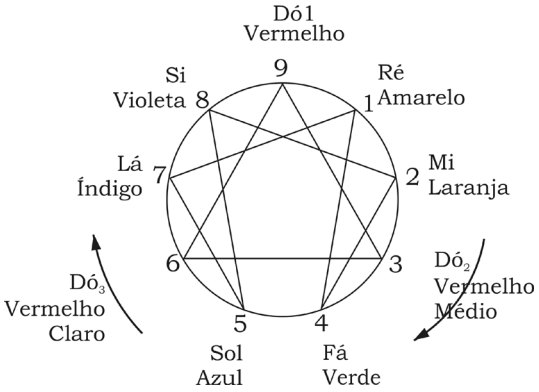
E o mais interessante aqui é o fato esotérico e simbólico, de que a luz equivale ao próprio eneagrama, sintetizando a Lei de Três e a Lei de Sete.

Como no eneagrama, temos uma *unidade*, que é a própria luz, a luz branca. Porém, como tudo que é manifestado tem *dualidade:* à luz se opõe a falta de luz, ou trevas; ao branco se opõe o preto. E como toda dualidade precisa ser *neutralizada* na existência, há entre o branco e o preto uma gama infinita de tons de cinza.

Tecnicamente, a luz é um campo eletromagnético oscilante que se propaga no espaço. É energia em movimento, diferente do som, que se propaga em meios elásticos e é matéria em movimento.

Como no eneagrama, temos 9 partes: 7 cores visíveis e 2 extensões invisíveis, o infravermelho (calor) e o ultravioleta (reações químicas).

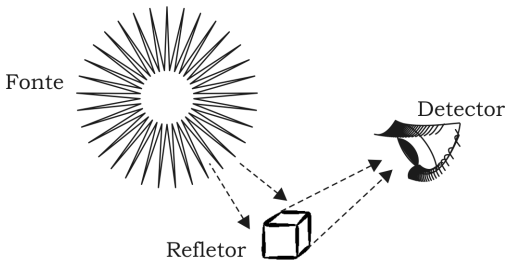
A luz visível, branca, policromática, é uma oitava em que soam conjuntamente as sete cores do arco-íris, monocromáticas, chamadas cores puras. Cor, portanto, é uma "nota" ou um "acorde" de luz, definida como a sensação visual evocada pela composição espectral da luz.



As sete cores puras, separadas pela refração em um prisma triangular, são: vermelho (ondas mais longas e mais lentas, mais perto da matéria), laranja, amarelo, verde, azul, índigo, violeta (ondas mais curtas e mais rápidas, mais afastadas da matéria).

Entre uma cor pura e outra, a variação é gradual e analógica, portanto existem muitos outros tons ou matizes, como na Lei de Sete, onde há pontos-de-deflexão e *stopinders*.

A visão da cor ocorre sempre em tríades. Por exemplo, a luz completa irradiada do Sol (fonte), encontra um obstáculo (objeto) que a reflete total ou parcialmente até atingir o olho (detector).



O objeto geralmente absorve parte da luz, e a cor que vemos nele é a parte do espectro da luz que ele reflete ou "não aceita". Isso afeta também a temperatura do objeto. Por exemplo, o interior de um carro branco que reflete todas as cores, é mais frio que o interior de um carro preto, que absorve todas as cores e não reflete nenhuma.

A influência da cor sobre um ser humano se dá, pois, não apenas a nível subjetivo e psicológico, mas a nível físico. Por isso as cores têm uma influência objetiva em nós.

Não é sem fundamento que na mitologia o vermelho é atribuído a Marte, deus da guerra (material) e o violeta a anjos e espíritos ascensionados.

Outro aspecto que nos influencia é o "batimento" da cor, pois deve haver sintonia ou harmonia entre um comprimento de onda e determinada pessoa ou situação, tal como se dá na música. É por

isso que entre muitos tons de verde, por exemplo, em determinado momento e para determinada aplicação, escolhemos o que "sentimos" ser mais adequado ou agradável. Assim, há espaço aqui para uma subjetividade secundária. Agora, examinemos o olho humano.

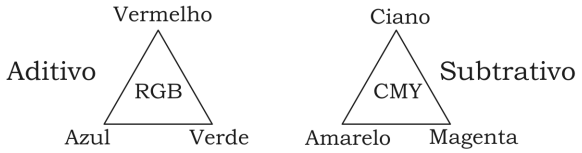
O olho é uma extensão do cérebro,
e não um nervo periférico.

No olho humano, a parte exterior ajusta a luminosidade e o foco e projeta a imagem no fundo, na retina, onde dois tipos de neurônios fotossensíveis, os cones e os bastonetes, a recebem. Os *bastonetes* são sensíveis à luz fraca e vêem somente em preto-e-branco (visão noturna). Os *cones* reagem à alta luminosidade e são responsáveis pela visão da cor. Reagem apenas às 3 *cores primárias*: vermelho, verde e azul através de pigmentos fotossensíveis.[1]

Da mistura dessas três cores *primárias* em diferentes proporções pode-se obter qualquer outra cor.

Temos então o primeiro mistério da cor: a luz branca é composta por 7 cores espectrais que formam infinitos matizes percebidos em nosso olho pela combinação de apenas 3 cores primárias e luminosidade.

O segundo mistério da cor é sua natureza dual. Existem dois tipos de cores: cores emitidas por luzes e cores refletidas por pigmentos — portanto, há também dois sistemas de combinação de cor: o aditivo e o subtrativo.



Sistema Aditivo (Ondas)

Nas cores emitidas ou recebidas diretamente por luz, usa-se o sistema RGB (*red, green, blue*), com as três primárias vermelho, verde e azul, sua mistura levando ao *branco*. É o sistema utilizado em televisão, monitores de vídeo, *scanners*, gravadores de filmes e projetores de teatro, enfim, sistemas que misturam a luz para gerar cor.

Na televisão, as cores são separadas em três para a transmissão, depois, na recepção, um mosaico de *pixels*, cada um formado por três células com as cores primárias, reconstitui a imagem. Há sempre alguma perda de informação, porque precisamos de matéria para

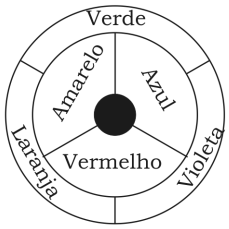
[1] *Pour la Science* (edição francesa de *Scientific American*), fevereiro 2002, p. 38-45.

criar emissão de luz, e a matéria tem sempre uma certa imperfeição. Na verdade, só a luz do Sol é pura.

Para determinar uma cor com a melhor precisão, usamos "informações de cor", por exemplo, o modelo de cor HSV: matiz (tonalidade, *hue*), saturação (pureza, *saturation*), e luminância (brilho, *value*).

Sistema Subtrativo (pigmento)

Quando se trata de luz refletida, de tintas, pigmentos ou corantes, usa-se o sistema de mistura subtrativa, no qual quanto mais pigmento, mais é impedida a passagem da luz, portanto, sua soma resultaria em preto e sua ausência em branco como um papel sem tinta.



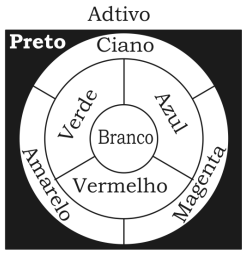
Pigmentos dos Artstas

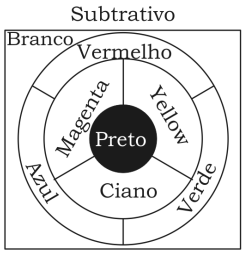
Tradicionalmente, os artistas usam *vermelho*, *amarelo* e *azul* como as três cores primárias.

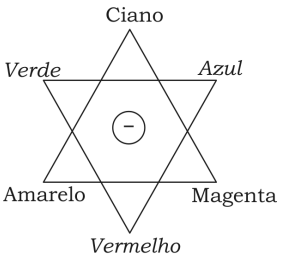
No processo subtrativo, as 3 cores primárias mais apropriadas são o ciano, que absorve vermelho, o magenta, que absorve verde, e a o amarelo, que absorve azul. Este sistema é chamado CMY (*cyan-magenta-yellow*). Teoricamente, estas 3 cores poderiam ser suficientes, mas devido à imperfeição da matéria, foi adicionado o preto — e o sistema hoje usado basicamente para a impressão é o CMYK (*cyan-magenta-yellow-black*). E aqui temos uma analogia com o Tetragramaton, onde o 3 é 4. Isso funciona bem para tintas solúveis em água e óleo, que assumem certa transparência, e também para filmes ou películas transparentes que "roubam" um pouco da luz para si.

As Duas Correntes

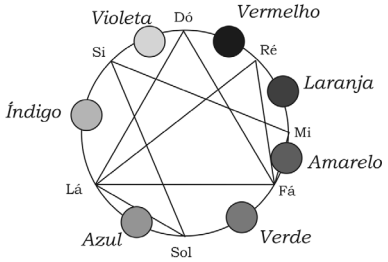
RGB e CMYK têm algo a ver com as duas correntes, energia e matéria, em que uma é fácil e a outra difícil. Em termos de ondas, por exemplo, em um computador, podemos ter um controle quase total sobre a definição de uma cor. No entanto, quando se trata de imprimir ou pintar, o pigmento vai depender da natureza do material empregado.







Cores e a Escala Diatônica



Cada oitava se forma sempre, como na música, dobrando o número de vibrações.

A energia dos fótons-luz é inversamente proporcional ao comprimento de onda da luz. Se, de um lado, a luz no limite do violeta tem a metade do comprimento de onda do limite vermelho, de outro, os fótons-luz violeta têm duas vezes o conteúdo energético dos fótons-luz vermelhos.[1]

"E, enquanto ele me falava, atravessou-me o pensamento
de que talvez o desenho e o colorido dos tapetes
tivessem correspondência com a música,
fossem sua expressão na linha e na cor;
que os tapetes podiam muito bem ser registros dessa música,
as partituras que permitiam a reprodução dos temas.
Nada havia para mim de estranho nessa idéia,
porque acontecia muitas vezes "ver" a música
sob forma de desenhos coloridos e complexos."[2]

É interessante notar que quando se trata de som, sendo as ondas mais longas, podem dobrar uma esquina; no entanto, a luz, em ondas mais curtas, vai reta e forma sombras — o que explica porque podemos ouvir o que não vemos.

Na aplicação prática das cores, interessa em primeiro lugar uma distinção entre cores quentes e frias. As cores de vibração mais lenta, próximas ao infravermelho, são mais quentes, ao passo que as de vibração perto do violeta, são mais rápidas e mais frias. As cores quentes são mais ligadas à matéria e as frias ao espírito. No meio delas, situa-se o verde — a natureza.

O uso adequado das cores possibilita a influência consciente. Embora Gurdjieff diga que apenas fragmentos da Lei da Combinação de Cores[3] chegaram até nós, atribui-lhe grande importância, principalmente nos legominismos[4].

---

[1] Asimov, *O Universo*, pp. 273 e 275-276.
[2] Ouspensky, Fragmentos, p. 52.
[3] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, p. 34.
[4] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, pp. 57-62.

Perfumes

Nos perfumes, podem-se distinguir 7 odores básicos: cânfora, almíscar, floral, mentol, éter, picante e podre.

Ao mesmo tempo, os preparadores definem 3 "notas" características de um perfume:

- A nota da cabeça: a que domina de imediato. Definida pelas moléculas mais "voláteis" da composição, é responsável pela primeira impressão, durando apenas poucos minutos.
- A nota do coração: desenvolve-se após a primeira e determina o "tema" do perfume, com duração de algumas horas e volatilidade média.
- A nota de fundo: representa a fase final do perfume, que persiste após a evaporação das outras notas. Dura alguns dias, e tem matérias-primas pesadas e fortes.

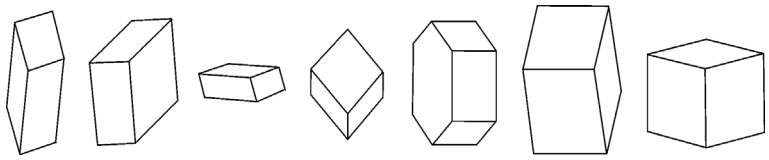
Cristalografia

Os corpos sólidos, ou cristais, se mantém naturalmente coesos pelas suas faces planas, que são a expressão externa de um arranjo regular interno de moléculas, átomos e íons.

Diferentes tipos de cristais, geralmente identificados por suas formas, são estudados em cristalografia, que pode ser fascinantes para aqueles interessados em geometria sagrada e simbologia objetiva.

Segundo a Lei de Três, a cristalografia é estudada em três áreas: geometria, fisica e química.

De acordo com o Heptaparaparshinokh, os cristais são agrupados conforme as relações de seus *três* eixos em *sete* sistemas: triclínico, monoclínico, ortorrômbico, trigonal, hexagonal, tetragonal e cúbico (isométrico).



Parte III – Aplicações

Como Usar o Eneagrama

É importante começar com alguma teoria, porém só aplicando a teoria à prática é que se obtém a compreensão.

Gurdjieff diz que o homem neste planeta tem apenas uma "Razão mecânica", com qual é impossível compreender as leis cósmicas. No entanto, todos nascem com as sementes de todas as possibilidades para obter a "Razão esseral objetiva" que caracteriza o "representante da Verdadeira Essência Divina".

Estas sementes podem ser desenvolvidas através de estudos e pesquisas, não para a satisfação do orgulho ou vaidade, mas para a obtenção de uma mais alta graduação de Ser.

Como aplicar o eneagrama na vida prática, e como pode o nosso ser crescer com isso?

Vivemos especialmente duas tríades evolucionárias: 2-1-3 e 2-3-1 (Evolução e Identidade). Sabendo que no processo do HarnelMiatznel, devemos visar o superior para atingir o intermediário.

Primeiro, devemos identificar as três forças a serem forças em ação. Essas duas tríades começam com uma atitude passiva (2), através de um estudo teórico que pode ser interessante, mas que isoladamente não leva a nada. As duas outras forças serão a ação prática ativa (1) e a compreensão (3).

A seguir, vivemos as tríades alternadamente. Algumas vezes agiremos antes de compreender, geralmente cometendo erros — corrigindo-os ou não (com outra tríade). No entanto, algumas poucas vezes agiremos corretamente. Em ambos os casos a fase de compreensão é absolutamente necessária: tivemos sucesso ou não? Por que?

Somente através da prática e um vasto treinamento em observar tudo que existe e está sendo feito, dentro e fora de nós mesmos, é que podemos nos preparar para a compreensão.

Até aqui, neste livro, trouxemos muita teoria — e agora fornecemos vários exemplos práticos, de forma a facilitar o estudo.

No entanto, a compreensão deverá prosseguir além deste livro, e durante toda a vida. Procurando reconhecer as leis cósmicas em tudo

e em todas as coisas, precisamos nos manter atentos, conscientes, humildes e abertos para a verdade.

Reconhecer as leis cósmicas, por outro lado, implica em usar os três centros — ou não serão compreendidas. Isso nos levará imperceptivelmente a vermos a nós mesmos como parte integrante do processo da vida e nos prepararmos a para a terceira fase, muito rara, a fase do "fazer objetivo".

Para fazer intencionalmente, temos que conhecer bem as duas leis cósmicas fundamentais e seu trabalho conjunto.

Pela Lei de Três, precisamos identificar as forças opostas e o que pode reconciliá-las; e a seguir empregar as tríades adequadas, aplicando as forças na ordem correta.

Com a Lei de Sete, não só identificamos e prevemos os intervalos onde a ação tende a parar, como nos tornamos aptos a aplicar os choques necessários conforme o resultado desejado. A arte da manipulação dos intervalos é um dos grandes segredos do autodesenvolvimento.

É preciso absolutamente distinguir o intervalo mecânico e saber esperar o provocar o choque externo.

Enfrentar conscientemente o *Harnel Aoot* é uma atitude que comprova e aumenta a responsabilidade e a verdadeira participação no todo. É possível modificar a ação subjetiva desse intervalo, procurando ou criando condições adequadas de calma, ordem ou mesmo caos.

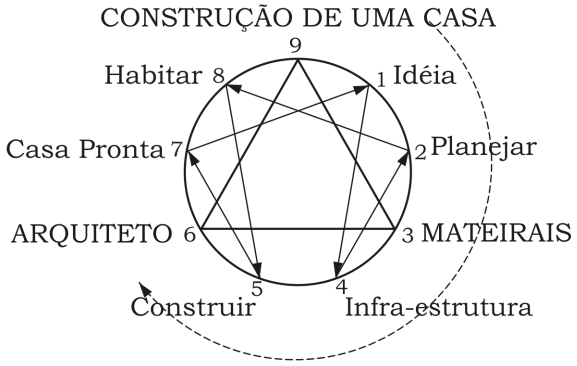
No terceiro intervalo, por sua vez, a energia suficiente para superá-lo depende dos próprios resultados. É algo que, mesmo com muita prática, são poucas as pessoas que conseguem.

Aquele que atinge tal grau começa a atuar conscientemente de acordo com a lei, integrado nos processos da vida e do universo, como deve ser próprio a um "representante da Verdadeira Essência Divina".

"Frequentemente, você pode passar uma hora examinando um objeto,
para acabar entendendo que era somente
algo comum e familiar com uma máscara diferente!
O truque é reconhecer os padrões básicos do universo escondidos
nas diferentes formas. E as únicas ferramentas de que dispomos
são muitas regras e padrões empíricos,
diversos paradigmas a escolher e uma gota de inteligência.
Quanto mais ângulos você usar para observar algo,
mais conexões poderá revelar."[1]

[1] From the Web: *Why I Write Music*, http: //www.red-bean.com/sussman/brain/whyIwritemusic.html.

Construção de uma Casa



"Minha receita para uma casa moderna?
Primeiro — um bom terreno. Escolha aquele no local
mais difícil — escolha um terreno que ninguém quer — um que tenha
possibilidade de formar um caráter: árvores, individualidade
e algum tipo de defeito na mente do corretor de imóveis.
Isto significa sair da cidade.
Então — parado nesse local, olhe ao redor, de modo a ver
onde está o encanto. Por que razão você quer construir ali?
Descubra. Então, construa a sua casa de modo que daquele mesmo
ponto onde esteve, possa continuar vendo
tudo que o encantou, sem perder nada do que viu antes."[1]

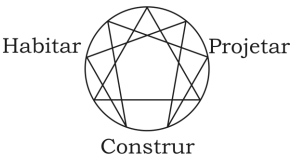
Um bom projeto nasce das necessidades. Se não houvessem limitações, talvez um arquiteto nunca decidisse como lançar uma casa num terreno.

Uma das experiências mais completas que tive na vida foi projetar, construir e morar numa casa de minha propriedade. Apesar da formação e certa prática com a arquitetura, nunca havia feito um projeto completo, do cálculo estrutural às instalações e à construção.

---

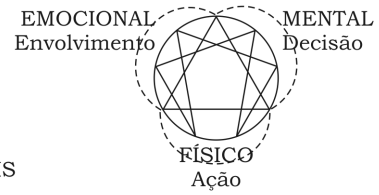
[1] Frank Lloyd Wright (1844-1959), arquiteto norte-americano.

Quando comecei a estudar o eneagrama, este ciclo de experiência gravou-se em mim sob a forma de uma compreensão especial, ao dirigir diretamente a construção, tratando da burocracia, do financiamento, do material e dos operários.



A diferença básica entre esse projeto e outros que havia feito antes foi “usar” além de “fazer”. O arquiteto, na maioria das vezes só “projeta”, mas “fazer” e “usar” tornam tudo mais real.

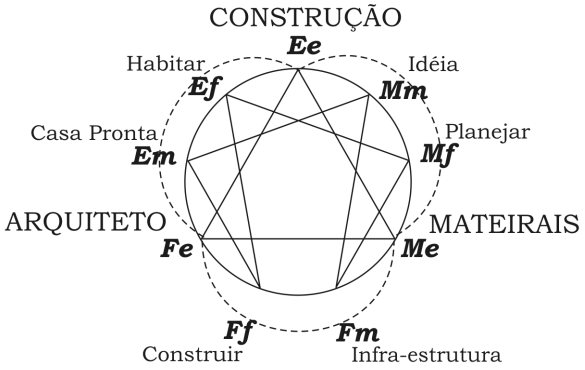
Para introduzir a aplicação da eneagrama na prática, estudaremos aqui o processo em apenas uma oitava.



Três Forças em Três Meios

Examinemos esse processo, inicialmente identificando as 3 forças nos vértices do triângulo. A *Função* será a Construção, ou transformação cíclica; o *Ser*, os Materiais que irão sofrer a transformação; e a *Vontade* o Arquiteto e as pessoas que realizam e utilizam o que é transformado. São 3 pontos de partida ou de contato com o mundo exterior. Cada uma dessas forças é o Dó de uma oitava.

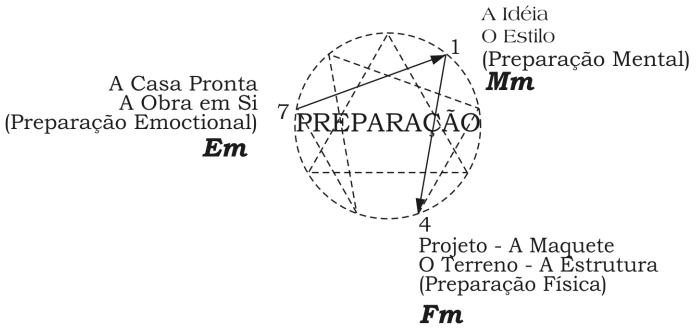
Determinamos então os três meios onde ocorrem os processos, subdivididos em três outras partes. Desse modo, temos atuação em nove etapas.



SEQÜÊNCIA DA MENTE

O *funcionamento* segue a Lei de Sete. É o caminho por onde a mente transita durante todo o processo. Correspondendo à héxade, com seus 6 pontos, equivale a dois triângulos "partidos": um de *preparação* e outro de *ação*.

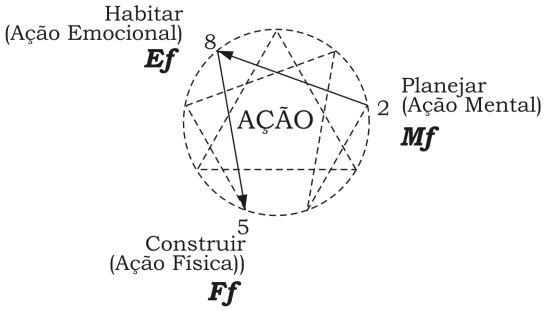
7-1-4 TRIÂNGULO DA PREPARAÇÃO



O triângulo da preparação é uma tríade toda mental, representada por três substantivos ou *objetos*: a Idéia (Mm), o Projeto (Fm) e a Casa Pronta (Em).

Sob este ponto de vista, tratamos a Casa Pronta (7) como a parte emocional da tríade de preparação. Antes de ser resultado e realização, é uma imagem motivadora. Mesmo quando terminada, é um "Emocional-mental", pois uma casa, mesmo pronta, se não for utilizada, será apenas a "idéia" ou símbolo da casa. A verdadeira realização inclui o uso, o compartilhamento, a vida.

2-8-5 TRIÂNGULO DA AÇÃO



É uma tríade física, representada por três verbos ou ações: Planejar (Mf), Construir (Ff) e Habitar (Ef).

SEQÜÊNCIA CRONOLÓGICA

A seqüência cronológica no círculo consta de nove etapas definidas, que devem ser atualizadas uma após outra no tempo, no mundo físico. O lançamento dessas etapas resulta da identificação das forças e dos meios, como acabamos de descrever.

ESTUDO PELOS NOVE PONTOS

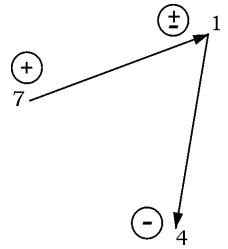
O processo da construção de uma casa pode surgir a partir de inúmeras motivações. Estamos aqui simplificando para fins de explicação da dinâmica interna do eneagrama. Sugerimos que o leitor observe e analise outros tipos de processos semelhantes.

Uma construção pode originar-se da necessidade básica de morar, mas também pode vir a ser feita para investimento, ou até com objetivos específicos (igreja, hospital, etc) ou mesmo artísticos (monumentos). Cada motivação provocará processos e resultados diferentes.

1 A IDÉIA

De onde veio essa Idéia? O solo estava fértil, pois essa idéia já passava pela minha cabeça: há muito tempo havia adquirido um terreno. O que deflagrou o processo naquele exato momento foi a informação sobre a possibilidade de um financiamento, junto com a necessidade premente de espaço pelo aumento da família.

A possibilidade do financiamento entraria no ponto 3 como choque ou ajuda material exterior.



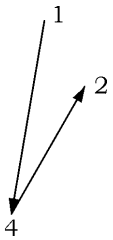
O ponto 1 pode também ser visto como busca de equilíbrio entre o 7, que acena como ideal, e o 4, as necessidades do dia-a-dia, a estrutura da família, o apoio físico rotineiro.

2 AS LIMITAÇÕES

O caminho 1-4-2-1 foi muitas vezes percorrido. Verifiquei os terrenos na vizinhança, as posturas municipais, a disponibilidade de recursos e materiais, e o espaço e tempo em minha vida para essa

nova atividade. Tratava-se nesse ponto de definir o estilo, de fazer o projeto, o orçamento e o cronograma físico e financeiro. Muitas vezes a héxade foi percorrida — a partir desta experiência, passei a chamar o ponto dois de "O Grande Simulador".

Consultei pessoas com mais experiência (2-8), os responsáveis pelo financiamento, vizinhos e colegas que haviam passado por isso. Discutimos o assunto em família e submeti com antecedência o projeto às pessoas que deveriam aprová-lo e conceder a permissão para construção.



A meta (8) já estava definida. Se 7 é a casa, 8 é o uso da casa. A definição do uso futuro é essencial para o planejamento. Uma casa para vender ou alugar seria completamente diferente desta feita sob medida, tanto no projeto quanto nos materiais e acabamentos. Portanto, 8 também é considerado como o "mercado".

Este é um ponto de parada natural. O planejamento é um eneagrama completo embutido no 2, que resultará em projeto, especificação de materiais e cronograma. Dentro desse eneagrama "lateral" pode estar a contratação de um arquiteto ou de uma empresa, ou mesmo a decisão adquirir uma casa pré-fabricada.

3 Materiais

Era só esperar o momento certo. Temos que saber reconhecer as oportunidades.

"Cavalo encilhado não passa duas vezes".

O financiamento foi aprovado.

O choque que possibilita a passagem do meio mental para o meio físico é a entrada de matéria no processo. Isso não causa em si ainda irreversibilidade, pois o material, novo e sem uso, ainda pode ser devolvido ou revendido. Mas não deixa de ser um compromisso inicial.

O ponto 3 inicia outra oitava. Alguém tem que estar decidido e preparado para adquirir material de construção e contratar operários. No ponto 4, o canteiro de obras já deve estar organizado. O 4 preparado significa que o projeto está pronto — a ligação 4-2, é extremamente interativa e essas atividades são praticamente concomitantes. Não se pode fazer um orçamento ou cronograma sem o projeto, nem este sem o terreno. Nota-se aqui a semelhança com o labirinto, no ir e voltar.

À medida que se processava a fase de projeto, fui comprando e estocando materiais de fácil armazenamento. Isso lembra também o

método PERT/CPM[1] — fazer certas coisas "enquanto" (nos intervalos) se fazem outras.

Quando começou a terraplenagem senti um ânimo novo: alguma coisa física começava a acontecer — um novo Yod.

4 Infra-Estrutura

Já temos o terreno e um projeto a ser seguido. O material é estocado e preparado de acordo com métodos de construção. Etapas são determinadas, em função dos prazos. Organizou-se toda uma base administrativa, uma atividade de apoio sobre a qual funcionará a atividade de construção propriamente dita (5). Providencia-se burocracia: medições, licenças, alvarás.

Este ponto olha mais para trás do que para frente: preocupa-se com o planejamento, o material e os recursos. O que vem em frente promete muita mudança.

5 Construir

Começa a obra e vem a irreversibilidade do processo. O tijolo transforma-se em parede, o cimento endurece.

O *tempo* passa a importar cada vez mais. Os erros agora não são mais facilmente corrigidos. No entanto, surge algo novo a cada instante e a energia parece fluir, proporcionando satisfação e entusiasmo. A idéia inicial não é mais questionada. Olha-se agora para a frente (7), sentindo mais o futuro que o passado, porém o presente fervilha em atividade.

A euforia da realização física pode dar a impressão de que apenas isso era o objetivo, e que o dever está sendo cumprido.

Então aparece sutilmente um outro intervalo. A tendência é para a inércia na ação: continuar fazendo, fazendo, melhorando, sem terminar.

6 Pessoas

Este segundo intervalo (6) é bem mais difícil que o primeiro (3). A Vontade tem de estar presente, e a todo instante precisam ser tomadas decisões. Na prática, as condições previstas inicialmente sempre sofrem alterações e é necessário flexibilidade e prontidão para resolver os problemas à medida que aparecem.

Começa-se a notar aqui que todas as pessoas que participam do processo também são tão transformadas. O dono do terreno passará

[1] PERT- Performance Evaluation and Review Technique (Técnica de Avaliação e Revisão de Programas), CPM – Critical Path Method (Método do Caminho Crítico).

agora a ser o dono da casa, o arquiteto terá mais uma realização em seu currículo, cada pedreiro sairá com mais experiência e muitos operários serão promovidos.

Ao mesmo tempo, se o trabalho não for bem feito, todas essas pessoas sofrerão conseqüências. Surge a consciência de *valor*, o questionamento da competência, o julgamento da eficácia. O compromisso é evidente. Os prazos são confrontados e os temores afloram, trazendo muito de emocional ao trabalho até aqui meramente físico. A equipe se desfará.

Término de trabalho também significa fim de emprego.

Não entrarei em detalhes sobre as inúmeras dificuldades que ocorreram neste exemplo, mais é preciso lembrar as Leis de Murphy, da sabedoria popular, que bem se aplicam ao *Harnel Aoot*:

1. Nada é tão simples quanto parece;
2. Tudo leva mais tempo e sai mais caro do que se planejou;
3. Se algo puder dar errado, esteja certo que dará.

7 A Casa Pronta

A etapa 5-7 precisou passar pelo intervalo da Vontade e a obra tinha que ser terminada. Não havia mais tempo para perfeccionismo. No entanto, a perfeição clama: não basta acabar a obra. É necessário fazer a limpeza, retirar andaimes, desobstruir canos, preparar o jardim.

Ainda há algumas etapas burocráticas (7-1-4): obter a licença para habitar. No entanto, ocorreu uma grande mudança. Temos que abandonar a "obra" (5), pois esta agora é a "casa" (7). A sensação de perda (6) é substituída então por uma sensação de vitória.

8 Habitar

Uma "casa" não é um "lar" enquanto não for habitada. Esta era a meta.

Constata-se o resultado: serviu? Avalia-se a qualidade: está boa?

A Lei de Causa e Efeito (8-5) mostra sua validade: se o trabalho foi bem feito os resultados são bons, caso contrário, o teto pode cair, as paredes podem rachar. Todos os participantes agora colhem o que plantaram, por ação ou por omissão.

Mas todos que chegaram a este ponto adquiriram *know-how* e sabem "como fazer" — ou então aprenderam "como não fazer". Cabe-

lhes daqui em diante usar essa experiência como base para novos ciclos (2-8).

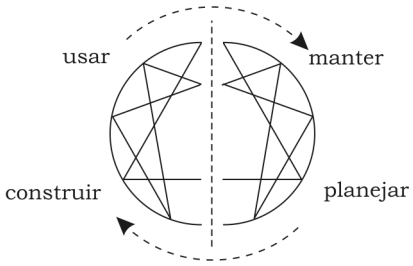
9 Construção

Terminado o tempo. Terminado o processo. Hora de se retirar, abandonar o campo de batalha e ceder o lugar para outros.

Precisamos de um período de repouso. O silêncio é necessário, para que se possa ouvir a voz que chama para o novo ciclo.

A construção, que era uma função *geral*, passou a ser uma função de construção *particular,* a desta casa. E alguns novos detalhes construtivos podem passar a fazer parte da função geral. A função também foi transformada.

Criação e Manutenção



O que mais aprendi ao morar na casa que "fiz" foi que desde o início deveria ter pensado na *manutenção*.

Embora vivamos num sistema altamente interativo, nos esquecemos disso e deixamos de relacionar causa com efeito, como se o eneagrama estivesse partido ao meio.

Todo profissional ou autor deveria prever e depois supervisionar a manutenção de sua obra, não só para assegurar-se da continuação de sua existência, como principalmente para obter o *feedback* necessário aos ciclos seguintes, para no mínimo não repetir os erros.

Entre os mistérios mais importantes do eneagrama está a estreita vinculação entre a Lei de Três e a Lei de Sete, entre Criação-do-Mundo e Manutenção-do-Mundo. Em seus livros, Gurdjieff insiste em repetir muitas vezes esses dois termos.

É preciso realmente insistir, pois a própria história da humanidade mostra que o homem se preocupa muito em "conquistar" e quase nada em "manter"[1]. Você pode comprar um carro, mas se quiser tê-lo, terá de mantê-lo, terá que gastar sempre

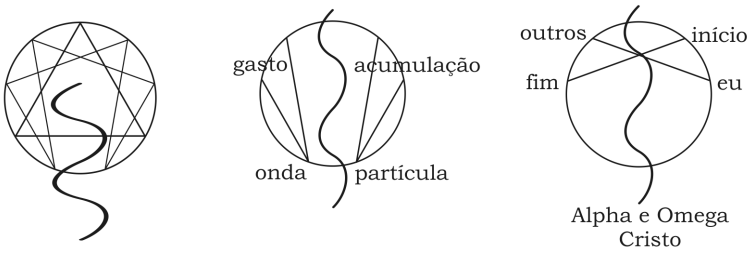
[1] Ver p. 166, manter.

em combustível, abrigá-lo, lavá-lo, conservá-lo — e principalmente usá-lo.

A Criação se deu com a transformação do sistema Autoegocrata num sistema Trogoautoegocrata, onde tudo depende de contato e intercâmbio com o exterior, ou seja, a Criação se deu através da Manutenção Recíproca.

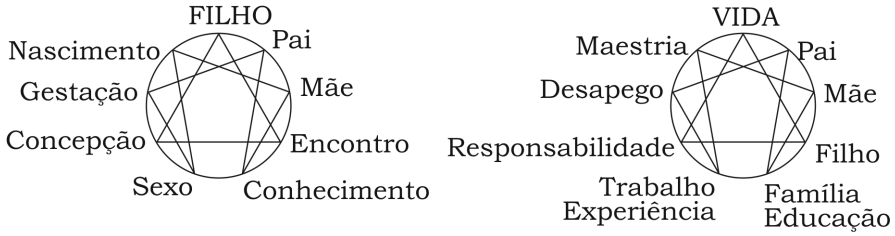
Gurdjieff coloca a Lei de Sete como primeira lei, e isso significa que o Megalocosmo já foi criado com sua manutenção assegurada — e é assim que nós, criados à semelhança do Criador, devemos fazer.

Quando Gurdjieff diz que o homem, no estado em que se encontra (estado de "queda") não pode "fazer", refere-se ao "fazer" completo e real. Isso porque o homem em geral não tem conseguido passar, no eneagrama, dos pontos 4 e 5 — o salto quântico. Pode-se dizer que na humanidade essa crise persiste há milênios.



"Fazer" não é soprar bolhas de sabão que se desfazem ao surgir. "Fazer" é como ter um filho e criá-lo. Um filho não é algo que se "faça" e largue por aí — é preciso alimentá-lo, educá-lo e encaminhá-lo para a vida.

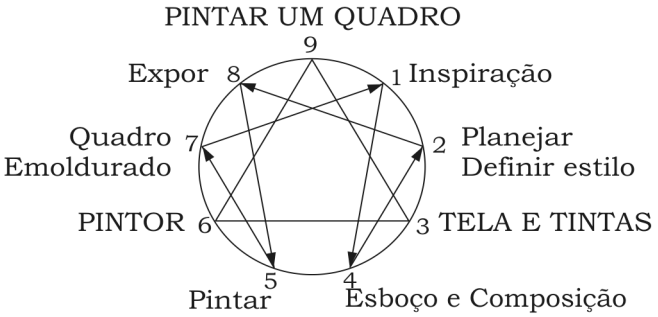
Até na guerra, se pode constatar a importância da manutenção, pois uma guerra pode ser perdida por motivos de abastecimento.



O mesmo se dá com todas as obras e aquisições do homem. Ele não se dá conta de que precisa manter tudo que possui e tudo que conquista. Do mesmo modo que nosso Pai Criador foi forçado pelo Heropass a criar um mundo que se automantém, nós somos forçados

a nos recriarmos a nós mesmos continuamente, investindo vontade em nossa própria manutenção criativa, sob pena de eliminação. As leis são as mesmas para o macrocosmo e para o microcosmo.

PINTANDO UM QUADRO



IMPULSOS E MEIOS

Os vértices do triângulo mostram os três impulsos fundamentais. A Função é pintar um quadro; o Ser, o material que será transformado, é a tela e as tintas; a Vontade é quem pinta ou a pessoa para quem é pintado.

Nem toda arte é a mesma coisa. A ordem em que esses impulsos aparecem determina a tríade que será usada.

Você pode ter sido inspirado pela própria função artística de pintar (9), pelo material, quando viu as tintas (3) e deu vontade de vê-las já como um quadro em sua parede, ou o quadro pode ter sido especialmente encomendado por alguém (6).

Conta-se que Michelangelo usava a "vontade da pedra", tornando-se mero instrumento para "libertar" a forma que já estava dentro do mármore. É a tríade "Liberdade" (3-2-1): a obra de arte se faz por si. Quando "a obra de arte se faz", não é o mesmo que "eu faço uma obra de arte porque quero", ou "faço uma obra de arte porque me encomendaram". Numa analogia com o Trabalho, liberdade é a tríade que devemos usar para libertar a essência, desfazendo-nos de todo o supérfluo que há na personalidade.

Importa para você identificar o fator restritivo, contra o qual luta (-), e o que o incita a prosseguir (+). Disso resultará uma obra particular, com determinada missão cósmica. Vamos analisar uma tríade de arte comum, e não de arte objetiva.

Quanto aos lados do triângulo, a inspiração é traduzida em idéia, e o mental é a motivação ou origem da intenção; o físico é o meio em que se realiza a ação, e o emocional é o resultado.

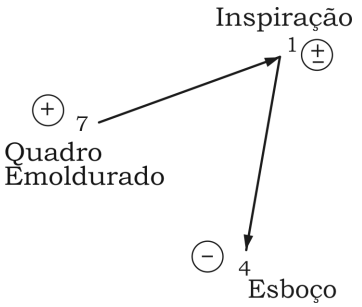
O círculo, como expansão do ponto central, representa a colocação em existência de algo que existia somente como possibilidade. Mostra a iniludível ligação espaço-tempo, pois na existência material, os avanços no espaço têm seqüência temporal.

O detalhamento a seguir vai enfatizar em cada ponto a tríade que se forma na héxade para reconciliar o ponto anterior com o seguinte, o que também significa passado e futuro reconciliados pelo presente.

1 Inspiração (Mm)

Tríade a Equilibrar: 7-1-4

Você tem a idéia de pintar um quadro. Deseja pintar um quadro. Antes disso havia algo, um pré-requisito para que você tivesse essa idéia. Provavelmente você tem *talento* ou imagina que tem. Dificilmente alguém deseja algo totalmente impossível. A solução está sempre implícita no problema.



Você pode ter se inspirado a partir da visita a um museu ou criado mental–mente a imagem da sua obra a partir de outras que viu no passado. Este será o fator inspirador (7-1) daqui em diante.

Para prosseguir, você precisa se apoiar na realidade física (4).Por exemplo, verificar se terá o tempo, o local e o material necessários.

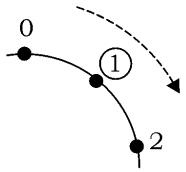
O ciclo completo da mente pela héxade neste caso é o seguinte: enquanto a idéia se desenvolve no 1, a mente percorre a seqüência 1-4-2-8-5-7-1. Vai ao 4, avaliando as possibilidades físicas; daí ao 2, antevendo a necessidade de preparação; ao 8, determinando o uso da obra, ao qual a técnica (5) deverá corresponder; ao 7, visualizando a obra pronta, e de volta ao 1. Nesse percurso há também uma

consulta ao passado, em busca, consciente ou não, das informações resultantes de experiências passadas, próprias ou de outros.

Ciclo Cronológico 0-1-2

Você recebeu o impulso inicial do Zero (o primeiro Dó). A idéia de pintar o quadro surgiu, vinda de fora ou do seu centro criativo. O Zero deflagrou o processo, implantando a Inspiração no 1.

No 1, o processo é puramente mental — nada ocorre senão na mente. É apenas imaginação e ilusão, ou *potencial*, até que venha a ser colocado na realidade da *existência*.



O 1 é a preparação mental (Mm) para a ação mental (Mf) no 2. Aí soa um Ré, ainda pura imaginação, que pode ser criativa ou apenas autotranquilizante. Você tem capacidade para querer muitas coisas, e isso lhe dá uma sensação de poder. Mas avançar para a concretização geralmente incomoda e restringe.

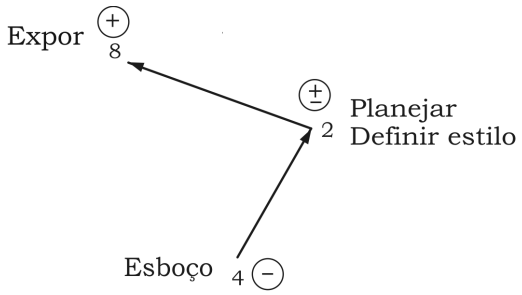
Ao colocar em prática uma idéia (primeiro impulso), você vai encontrar limitações (segundo impulso) e somente da luta e do acordo entre estes (terceiro impulso) poderá surgir algo.

2 Planejar (Mf)

Tríade a Equilibrar: 4-2-8

Considerando suas possibilidades reais e seus recursos de tempo, local e material (4), você faz um planejamento orientado para o cliente (8) ou público a atingir com seu trabalho.

Conforme o fim a que se destina a obra, será determinado o material. Por exemplo, um pôster a ser usado temporariamente não é planejado da mesma maneira que um quadro a ser exposto numa sala ou numa galeria de arte, que requererá material bom e durável.



É provável que precise entrar em contato com o cliente ou o dono da galeria (8) para decidir detalhes como tamanho, forma, etc. Se a obra não for encomendada de fora, é preciso definir por você mesmo como irá usá-la. Servirá para decoração? Vai dar de presente?

No ponto 2, a definição exata da meta (8) é essencial para o processo se desenvolver satisfatoriamente. Se não tomar uma decisão a esse respeito, dificilmente conseguirá fazer algo completo.

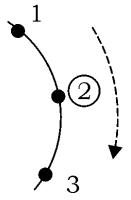
Pode ser necessário fazer desde já um esboço (4).

Você pode aqui concluir que ainda precisa adquirir mais conhecimentos sobre o trabalho — tipo estudar (2) desenho ou anatomia, ou consultar outro artista (8) sobre uma nova técnica, ou que precisa de mais recursos (4), e terá que ficar neste ponto até consegui-los.

Ciclo Cronológico 1-2-3

No 2 você planeja e avalia custos e prazos. É ação mental, ou seja, trabalho da parte física do centro intelectual.

Um objetivo sem cronograma não é um objetivo. E com razão. Se você não estabelecer um prazo, é bem possível que adie indefinidamente a tarefa.



O ponto 2 se depara com o intervalo Mi-Fá, por isso é longo e sujeito a parar. Muitas pessoas ficam estacionadas aqui, devaneando sobre seu processo de querer, e nunca realizam o que imaginaram. Como o 2 é um ponto de ação, enganam-se a si mesmos, pois lhes parece que já estão "fazendo" algo, embora seja apenas a mente que está funcionando.

3 Tela e Tintas (Me)

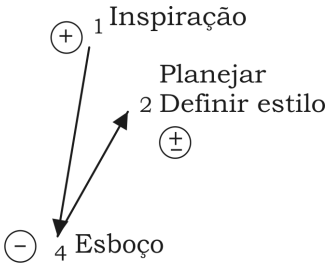
A matéria a ser transformada é o elemento passivo, que se entrega à transformação. Mas ao entregar-se oferece uma resistência, própria da matéria.

Ao mesmo tempo, essa resistência serve como ponto de apoio e desafio, trazendo novo alento. Como o ar, na respiração, é algo emocional por antever a possibilidade de relação com outro meio. O material, injetando um novo impulso como choque exterior, faz soar o Dó da segunda oitava.

4 Esboço (Fm)

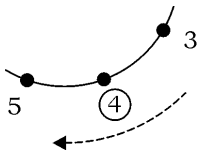
Tríade a Equilibrar: 1-4-2

A fim de possibilitar a realização da idéia (1) segundo o estabelecido em seu plano (2), no 4 você organiza o ateliê e o material, estabelece horário e rotinas e faz as preparações básicas, como montar a tela, limpar os pincéis, abrir as tintas para ver se estão em condições.



Aqui você pode preparar vários esboços, dos quais só um será desenvolvido, e lançar na tela o esquema inicial de estrutura e proporções.

Ciclo Cronológico 3-4-5



Usando a força adicional (3) da entrada no mundo físico através do contato real com as telas e tintas, o 4 prepara tudo para a ação física real, que será pintar (5).

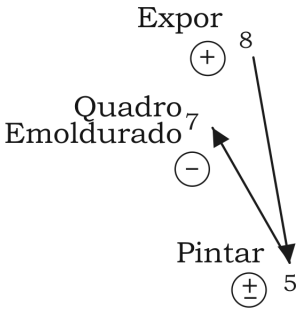
Constantemente preparando e apoiando a vida, 4 é o Fá, ou sangue vital.

Na prática, há um vai-e-vem do 3 ao 5. Pode ser preciso comprar mais tinta, melhorar a luz do ambiente, etc. E, quem sabe, até botar essa tela de lado e começar outra.

5 Pintar (Ff)

Tríade a Equilibrar: 8-5-7

A técnica é a quintessência do processo. No ponto 5, Sol, finalmente se "faz" realmente algo. Algo é transformado ou produzido.



O pintor pinta inspirado, seja pela imagem da obra pronta (7), seu desafio, seja pela meta (8), que lhe faz exigências. Neste momento não tem nenhum contato mental com o passado. Está mais ligado ao apoio físico sobre o qual trabalha (4), e tem mais contato com o futuro: a intuição da obra (8-5-7).

Porém o momento presente oferece perigos. O primeiro perigo é a ilusão do fazer: está pintando, e isso pode lhe parecer tudo. O próprio

prazer da ação ou o perfeccionismo podem fazer com que permaneça "fazendo", sem nunca terminar.

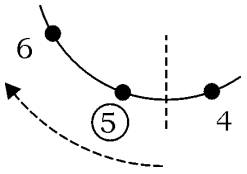
O momento de deixar este ponto é crucial, pois uma única pincelada a mais pode estragar todo o trabalho.

O segundo perigo é o medo. Se terminar, acabará esse prazer, o bem-estar, a sensação de importância, a despreocupação com passado e futuro. Sabe que, quando terminar a obra, para voltar a este ponto de novo terá de repetir tudo desde o zero.

Ciclo Cronológico 4-5-6

5 é um ponto sem retorno. Após a passagem 4-5, o eixo central, não há mais volta sem prejuízo. A matéria-prima já sofreu transformação — a tela manchou-se, as tintas se gastaram, os pincéis se desgastaram. O pintor também não é mais o mesmo.

Há um lado fácil e um lado difícil. Fácil, porque o 4 já preparou tudo e você agora só tem que "fazer". Difícil porque se apresenta outro intervalo: a grande e assustadora passagem pelo *Harnel Aoot*.



6 Responsabilidade (Fe)

O impulso que pode ajudar o 5 a passar ao 7 é a responsabilidade. É preciso certa maturidade para decidir terminar a obra, enfrentado tudo o que isso significa: insegurança, perda, medo da crítica e do fracasso, ou mesmo medo do sucesso. Enfim, significa auto–transformação.

Quem assumir "ser pintor", tem que assumir que tanto os acertos como os erros são seus, que tanto pode agradar como desagradar.

O 6 põe você diante de um dilema: o Selo de Salomão[1], com seus dois triângulos, um apontando para baixo e outro para cima. Um é o caminho fácil, infantil, da desistência ou parada no 5; o outro é o caminho adulto que assume as responsabilidades decorrentes de suas ações. O 6 mostrará você ao exterior, com tudo que você tem de

[1] Ver p. 159, Selo de Salomão.

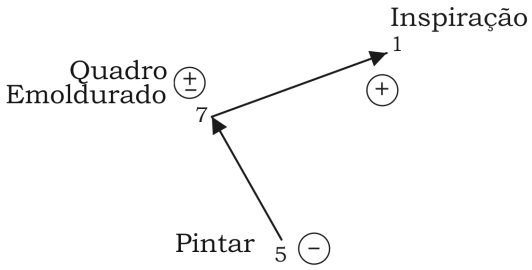
bonito e de feio. Se houver vitória, será celebrada, e se houver fracasso, deverá ter a coragem de fazer dele um aprendizado.

Mesmo que não se atreva a cruzar o portal do 6, você já não é mais o mesmo. É melhor *ousar* e completar. E essa ousadia vem de um nível superior: corresponde ao terceiro Dó, a Consciência. Se você o fizer soar intencionalmente, receberá incentivo e força para seguir adiante.

7 A Obra Pronta (Em)

Tríade a Equilibrar: 5-7-1

Pronto. Você consegue terminar (7), resistindo ao impulso de voltar atrás e dar mais uns retoques (5), e sente prazer ao confrontar sua obra com a idéia inicial (1). Sente um sabor de vitória, mesmo que o resultado não tenha sido exatamente como esperava. Antes de tudo, foi uma vitória sobre si mesmo. Você é um guerreiro que foi à luta e agora volta para casa.



A visão do 1 e sua idéia propulsora mostra como cada ciclo alimenta o próximo, pois no próximo quadro você terá agora mais capacidade. Qualquer experiência vivida é sempre, afinal, positiva: ou você aprendeu a fazer, ou então já sabe que assim não dá.

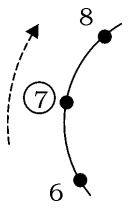
O 7 é o Lá junto ao qual soa o Fá da segunda oitava e, quem sabe, o Ré da terceira. É o ponto da Beleza Pura, se for equilibrado.

Também implica em purificação e limpeza para o próximo ciclo. O 7 é duplo e há um certo trabalho secundário a ser feito: lavar os pincéis, fechar e acondicionar as tintas, limpar o local, emoldurar o quadro.

Ciclo Cronológico 6-7-8

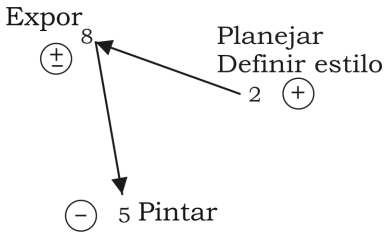
Sentindo-se vitorioso por haver passado o umbral do 6 e terminando o quadro, você corre o risco de pensar que não tem mais nada a fazer. Sim, o quadro está pronto — mas para que serve? Como

cumprirá sua missão? Vemos então que o 7 é uma etapa de *preparação* (Em) para a *ação* emocional do 8 (Ef).



8 Expor (Ef)

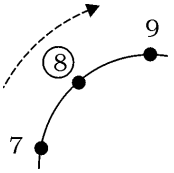
Tríade a Equilibrar: 2-8-5



Aqui aparecem os resultados decorrentes de sua ação (5). Se foi correta, resulta em sucesso, senão, apenas numa experiência a mais. Porém você cresceu (8). Você *expõe* a obra, oferece seu trabalho à crítica. Se aprendeu, pode mesmo vir a *ensinar*. Neste ponto você sempre tem algo a dar a quem precise (2), em relação à sua vivência.

Confrontando os resultados com o planejamento (2), pode estabelecer parâmetros para a previsão de um próximo quadro.

Ciclo Cronológico 7-8-9

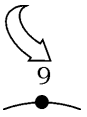


A obra terminada (7) é entregue ao cliente ou ao público (8). De que adiantaria uma obra de arte guardada na gaveta e nunca apreciada? Você mesmo pode ser o primeiro apreciador (8). O julgamento está aberto.

Soa o Si da primeira oitava. Compartilhe. Libere sua obra. Ela não é mais sua propriedade. Ela pertence ao todos, pertence ao mundo. Tem vida própria.

Um dos principais perigos do 8 é o desejo de permanecer ocupando o centro das atenções e cristalizar-se aí. Chegou o momento de se retirar (9), separar-se da obra e deixar que outros apareçam. Enquanto o 8 brilhar, o 9 não poderá assumir.

9 Separação (Ee)

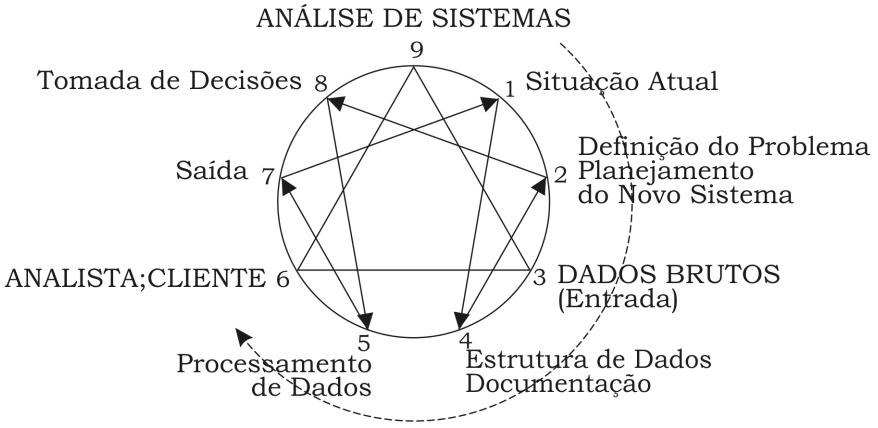


Sua função neste ciclo terminou. O 9 é difícil de alcançar, pois o último intervalo só é superado com ajuda do próprio resultado.

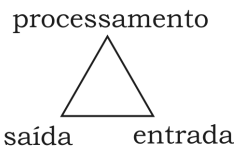
Você agora precisa de desligamento, recolhimento e descanso, para recarregar-se de forças naturais. Passa a correr o risco da inércia, da preguiça, ou seja, agora que você se sente realizado (ou frustrado), pode querer parar e não se dar mais ao trabalho de iniciar algo novo.

No entanto, com essa experiência completa você está capacitado para iniciar outro ciclo, seja para si mesmo ou para outras pessoas. O Dó inicial agora compete a você!

Numa Empresa



Grande Tríade



Neste exemplo, uma empresa (Cliente) contrata um profissional de informática (Analista) para implantar um sistema de informações gerenciais (Análise de Sistemas).

A tríade clássica em processamento de dados é entrada-processamento-saída, mas temos que achar as três forças corretas em cada caso particular.

Identificamos as três forças como:

9	Função	=	Leis, regras, modelos	Análise de Sistemas
3	Ser	-	O que será transformado	Dados Brutos
6	Vontade	+	Quem, para quem	Analista/Cliente

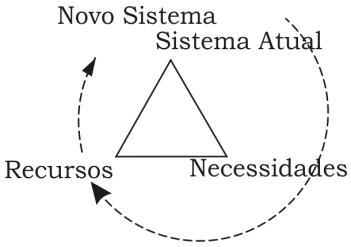
O uso do eneagrama não é algo matemático; podemos usar várias abordagens e adotar vários métodos. É preciso formar em si uma certa sensibilidade. Podemos escolher o ponto de vista da empresa, o ponto de vista do analista, ou outros. Também a abrangência do

eneagrama precisa ser definida, pois sempre cada parte é um todo em si. São sistemas dentro de sistemas.

Convém notar, no ponto 6 a dupla Analista/Cliente. Na verdade é uma tríade: sempre *alguém* faz *alguma coi*sa para *alguém*. Se não houver um *entendimento* entre os dois, nada poderá ser feito. Esta situação é muito comum. Se o cliente é uma empresa, deve haver um entendimento dentro da própria empresa sobre o que vai ser feito, ou seja, a empresa como um todo deve decidir o que quer. O analista pode ajudar nessa decisão, porém a Vontade deve ser única, a mesma. Passaremos aqui a considerar esse entendimento ou Vontade como o Analista, visto que, uma vez formado um *entendimento*, o Cliente funcionará mais como usuário (8) das informações processadas.

As especificações do sistema são determinadas de acordo com a natureza dos dados a serem transformados e sua destinação. São regras a serem seguidas, do geral para o particular, no caso em questão. A função Análise de Sistemas, passa a ser *específica* para este caso particular.

1 SITUAÇÃO ATUAL



Começamos com a situação atual representada pelo Cliente, que é o principal interesse nesta fase. A iniciativa partiu dele.

Muitas possibilidades deverão ser selecionadas e reduzidas a uma proposta de solução.

Para determinar o que queremos exatamente, podemos formar outra tríade. Começamos com a situação atual, que deve ser bem conhecida (autoconhecimento), pois é com base nela que tudo será feito. Precisamos saber o que existe, e por que não serve como está. Comparamos o Sistema Atual com as necessidades a serem atendidas e com os recursos disponíveis. Aqui vemos como algo *passivo,* tal como "necessidades", pode constituir um bom impulso *inicial, numa* tríade de evolução.

7-1 Objetivo Formal

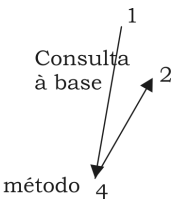
O ponto 1 é inspirado pelo 7, que no caso será a saída (*output*) do sistema, o resultado final, *o que* vai ser usado. Nesta fase é preciso visualizar os resultados desejados. Sob que forma os queremos? Por exemplo, teremos como saídas relatórios impressos, ou tabelas e gráficos na tela do computador? Em rede e tempo-real? Definimos então o objetivo "formal" do sistema.

1-4 Unidade de Comando

Logo no início, deve ser estabelecido *quem* vai liderar o trabalho, nomeando-se um chefe ou coordenador, caso mais de uma pessoa esteja envolvida, seja de parte do Cliente, seja de parte do Analista.

Por mais que todos estejam concordando nesta etapa mental, sem definição de Unidade de Comando não será possível executar nada na fase prática.

2 Planejamento



A análise e o planejamento do novo sistema se encarregarão de colocar os limites necessários à euforia do 1, cheio de idéias. O 2 identificará as necessidades, expectativas e restrições, requisitos funcionais e parâmetros técnicos quantitativos.

Muitas vezes é necessário fazer um eneagrama dentro do eneagrama — por exemplo, constatando-se falta de recursos, pode ser preciso levantar em empréstimo bancário e só depois voltar a este ponto. Pode ser que não se tenha ainda o conhecimento necessário, sendo então preciso parar e providenciar treinamento ou colher mais informações.

1-4-2 MÉTODO

Para ir do 1 ao 2, passamos mentalmente pelo 4, analisando o mundo físico antes de fazer o planejamento no 2. No 4 estão os métodos, as rotinas, as estruturas de dados. A viabilidade é analisada.

Um plano muitas vezes é formado por vários projetos ou subprojetos. "Dividit et impera" era a estratégia clássica dos romanos. Sempre é melhor ter metas pequenas, bem definidas, dentro das grandes metas, para melhor administrá-las.

Não podemos planejar sem definir a estrutura e os métodos a serem utilizados, sem sentir quais são as possibilidades físicas. Temos que examinar o local em que vamos trabalhar, os horários, enfim, os meios. Se desejamos utilizar determinado material ou equipamento, precisamos verificar se está disponível no mercado e a que preço. Tudo isso deverá de ser levado em conta. Também é bom fazer antes contato com as pessoas que estarão envolvidas na implantação, consultando a base, para conhecer suas dificuldades de perto.

2-8 OBJETIVO REAL

Chegando ao 2, começamos o planejamento. A primeira coisa a fazer será definir a meta (8) com precisão. Qual o real objetivo do sistema, agora já não em termos de *forma* (7), mas de *conteúdo*? Que informações serão entregues, para quem e quando?

Ir ao 8 também significa consultar pessoas do nível estratégico. Por um lado, pessoas que sabem mais, que já trilharam o Caminho ou que já tiveram dificuldades nesse assunto. É mais importante aqui prever as dificuldades que pensar no objetivo. 2-8 significa consultar, pessoal ou imaginariamente, as pessoas que usarão os resultados do sistema: o mercado. Representa ainda o *feedback* de eneagramas anteriores e fornece dados para controle de qualidade.

2-8-5-7-1-4-2 SIMULAÇÃO

Especialmente no ponto 2, a mente consulta todos os outros pontos, fazendo uma simulação prévia de todo o sistema. Do 8 passamos ao 5, onde está a técnica. Pode não existir ainda a preparação adequada para a execução das tarefas, donde podemos concluir pela necessidade de contratar novos auxiliares. Passando ao 7, pode ser preciso reformular o objetivo formal em função do que vimos pela héxade.

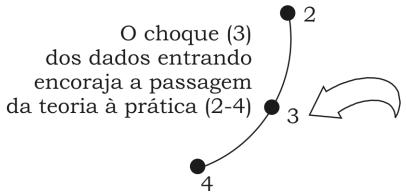
Tudo bem, a simulação foi feita para isso mesmo. Neste ponto pode-se até reformular inteiramente o projeto. Nada foi ainda

modificado fisicamente. Essas primeiras fases devem ser trabalhadas exaustivamente. O tempo empregado em planejamento será bem empregado. Depois de sair do 2, voltar atrás será cada vez mais prejudicial.

Determinamos então metas e submetas, custos (orçamento), prazos (cronogramas) e métodos.

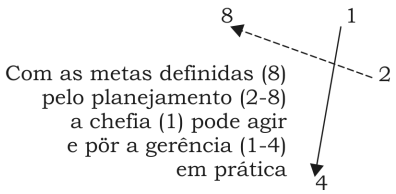
3 Primeiro Intervalo

Agora o processo tende a parar. A etapa mental só será ultrapassada quando for introduzido algo da próxima etapa, no caso, da etapa física.



Mas não é um compromisso difícil. A assinatura de um contrato, por exemplo, vai colher as etapas anteriores como um fruto maduro. Aqui entra aquisição de material, arrumação do local, treinamento de mão-de-obra, coleta de dados (*input*), enfim, tudo que faça o processo passar a existir no mundo físico.

4 Estrutura



Tem início a fase física do processo. No 4 é feita a *preparação* dos dados brutos para que possam sofrer o processamento no 5.

Como num labirinto, um pouco do 4 foi feito no 2, pois o planejamento é uma ação mental-*física* (Mf) e precisa de algo físico para se desenvolver (por exemplo, sala de reuniões com móveis, papel e lápis, horários e locais marcados, etc).

1-4 Comando

A chefia (1) comanda a base (4). O início da preparação, após a entrada do material (3), depende diretamente do comando (1). Os

dados precisam ser estruturados, classificados, conferidos, codificados, etc, geralmente por pessoal de apoio. Tudo é providenciado e verificado, para que o processamento (5) possa correr bem.

4-2 Reformulação

Nesta fase ainda é possível alguma reformulação no planejamento (4-2-1) sem muito prejuízo. Porém, se o 4 cristalizar ficará sem forças para subir na héxade, não se renovando nem se atualizando. Fica tão longe dos resultados finais, que nem se lembra que existem — torna-se burocracia pura.

Pode surgir a tendência a sacrificar o fim pelo meio e demorar no 4 com um preciosismo que impede a realização. É preciso lembrar que *o tempo* corre e agora, na etapa física, isso importa muito. Perda de tempo agora é perda de oportunidade, de dinheiro e de motivação.

Mas também pode ser prejudicial a tentação de passar logo à etapa seguinte — uma vez que o 4 não traz a satisfação de "fazer"— sem a preparação necessária.

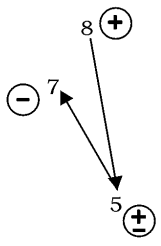
No ponto 4, se deve prever a futura *manutenção* do novo sistema, quando este entrar na nova rotina, que também se apoiará no 4.

5 Processamento

Aqui é crucial a figura do Analista, o profissional da execução, ou "autor". Uma vez preparados os dados, são feitos os testes e começa o processamento. Os programas são rodados e aparecem as primeiras saídas (*output*). Corre-se o risco de achar que tudo já está pronto, sem que realmente esteja. A ilusão da realização, quando esta é parcial, é o pior inimigo da realização completa.

O 5 tem mais compromisso com o fim que com o começo. É a fase mais afastada do 1, do comando e da idéia inicial. O processo está caminhando por si. Planos e objetivos não podem ser alterados agora, sob pena de ir tudo por água abaixo.

8-5 Gerência de Conteúdo



A meta (8) exige e cobra do 5, principalmente em termos de tempo e qualidade. O 8 acena prêmio ou castigo, implícita ou explicitamente, considerando a Lei de Causa e Efeito. O que for feito no 5 será usado no 8 e não será mais possível voltar atrás. Erros aqui podem implicar em problemas graves.

Muitas vezes é preciso colocar no 8 um técnico especializado como gerente de vendas ou de *conteúdo*.

Caberá a ele então controlar e pressionar adequadamente o 5.

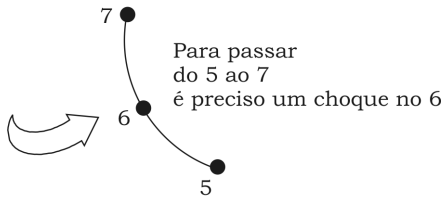
5-7 Forma

O ponto 5 deve se preocupar ao mesmo tempo com o conteúdo e com forma. Seu trabalho determina diretamente o resultado final.

8-5-7 Ação

O 5 tende a conservar o *status-quo.* A ilusão de "estar fazendo" é muito forte. Nesse ponto há muita individualização no trabalho, e o orgulho pode aparecer e aumentar a ilusão. Todo cuidado é pouco: seja com o perfeccionismo, seja com a pressa; mas também o cuidado com a satisfação e o relaxamento.

6 Segundo Intervalo



Este intervalo é bem mais difícil que o anterior. Exige a participação ativa da Vontade, com escolhas e decisões. Todas as etapas anteriores desciam e esta começa a subir — antes a gravidade ajudava, mas a subida requer esforço contra a mesma gravidade. Quanto maior a carga, maior o esforço necessário para inverter o sentido.

Aqui entram em jogo aspectos psicológicos do líder e da equipe (o Mi da segunda oitava). Qualquer desunião passa a ser grave. Surgem receios e temores, mas a Vontade tem que ser unificada. É preciso correr certos riscos e aceitar perdas para terminar o trabalho. Evidencia-se a consciência de que todos os envolvidos serão transformados no processo. Intervém o medo pessoal de ser desnecessário após o trabalho terminado.

7 Saídas (*Output*)

Efetuado o processamento, os resultados são colocados em forma adequada para apresentação e utilização. Agora passam a ser relevantes fatores como limpeza e beleza, relacionados com a

inspiração (1) e a estrutura (4). A aparência é a embalagem que vai recomendar ou não o produto a quem vê do exterior (*marketing*).

É o momento de fazer cópias de segurança e purgar arquivos que não servem mais. Deve ser atualizada a documentação.

Todas as dificuldades das etapas anteriores são esquecidas. Deu-se a *metanóia*: uma mudança interior da apreciação *quantitativa* para a *qualitativa*.

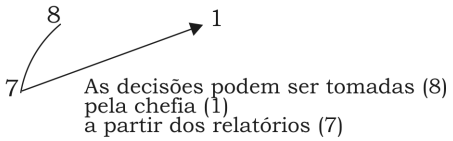
5-7 Autonomia

A consciência deve passar do indivíduo para o resultado. As saídas devem dizer tudo sozinhas, sem a presença do autor.

7-1 Saídas

O produto vai inspirar e influenciar o futuro, portanto é hora de preparar o terreno para o próximo ciclo. É importantíssimo limpar (*housekeeping*), descartar o lixo e jogar fora tudo que não é mais necessário. "Próximo ciclo" é algo que se refere não apenas a um outro processo semelhante no futuro, mas também à continuidade do ciclo atual num outro eneagrama: a manutenção do sistema. Se não houver cuidado desde aqui, isso será difícil ou impossível daí em diante.

O produto final influencia, por sua vez, o próprio comando (7-1).

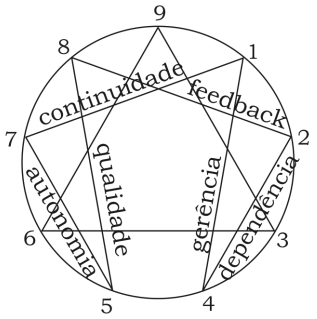


7-1-4-2-8-5-7 Revisão

Tal como no 2, aqui também se faz uma longa simulação, embora desta vez mais concreta. Os relatórios são mostrados à chefia (1), que os discute com a equipe de suporte (4), algumas vezes para aperfeiçoamento, indo depois à assessoria de planejamento (2) para conferir com a meta e entregá-los ao Usuário (8) e, se necessário, voltam à operação (5) para refazer ou corrigir alguma coisa, e daí ao 7 novamente.

8 Tomada de Decisão

A passagem 7-8 não é difícil, mas às vezes fica simplesmente esquecida, e o produto não é usado.



No presente caso, o novo sistema foi criado para que os dirigentes da empresa tomassem decisões gerenciais com base nas informações processadas. Enquanto isso não for feito, não se poderá dizer que o ciclo foi completado.

2-8 Feedback

Só fecharemos o círculo se as informações certas estiverem no lugar certo no tempo certo. Poderemos então ter *controle de qualidade* e *feedback* (2-8) do sistema em sua continuidade, manutenção ou reformulação futura.

É no 8 que se revelam a eficiência e o desempenho, a capacidade de gestão, a maturidade profissional. Agora qualquer erro será julgado.

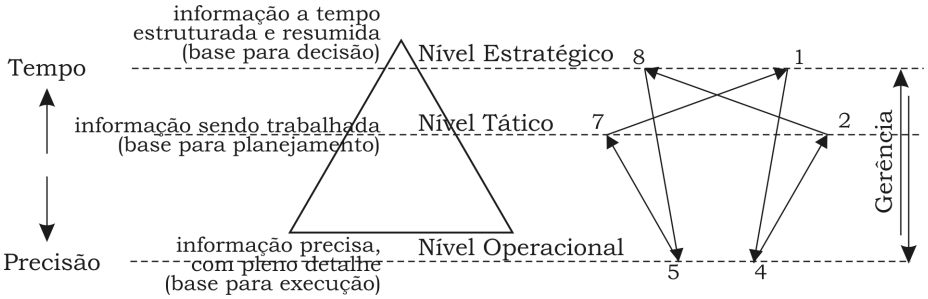
9 Fim

Além dos Dados, também foram transformados o Cliente (a empresa, seus dirigentes e seus empregados) e o Analista (Programadores, etc). Nada mais é como antes.

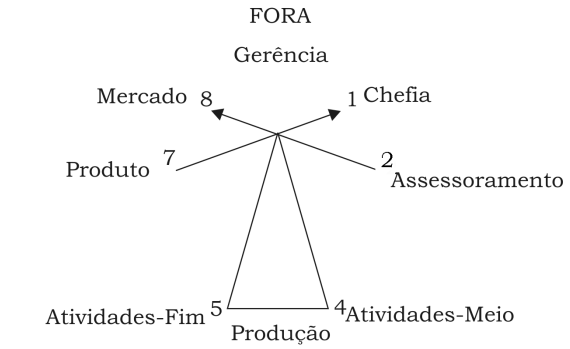
Fechado o círculo, o Analista se retira, e o sistema, devidamente implantado, entra em fase de funcionamento autônomo — passou para outro nível, como filho de si mesmo.

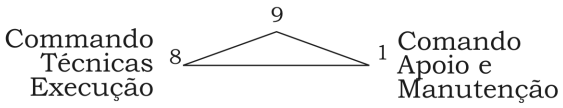
O Analista poderá servir daí em diante como Consultor (8), mas se ainda for necessário no dia-a-dia não terá sido vitorioso.

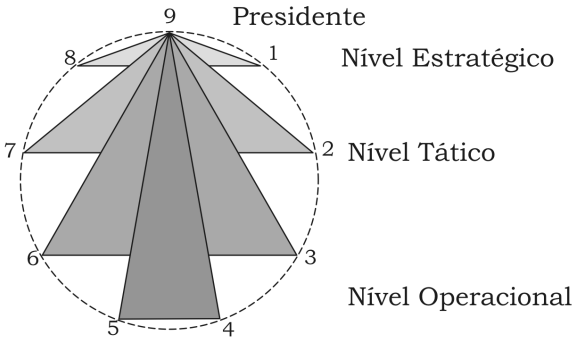
Níveis na Empresa

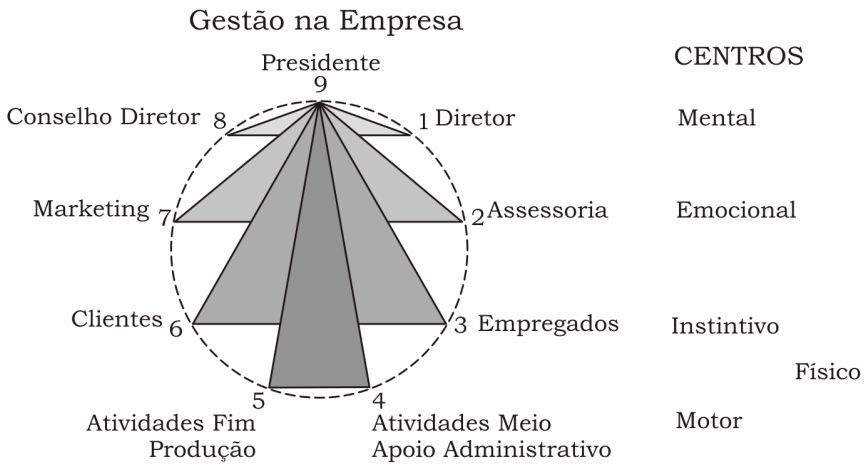


Aqui se vê claramente a pirâmide de informações: na base há grande quantidade de dados; no topo, poucos dados sumários. No topo, o tempo (prazos, oportunidade) é mais importante que a precisão.



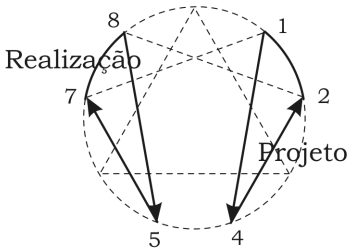






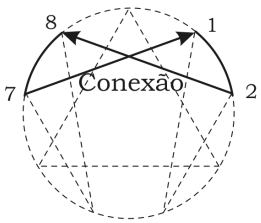
Grandes Figuras Internas

Projeto e Realização



Os dois triângulos de acumulação e gasto (1-4-2 e 2-8-5) correspondem aqui a Projeto e Realização. Pelo desenho, pode-se notar o quão autônomos e separados são na realidade, como se fizessem parte de dois mundos diferentes.

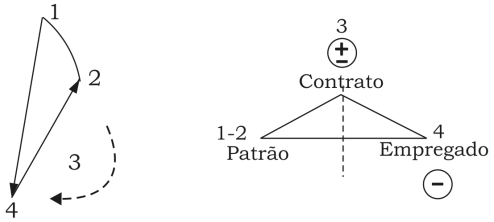
Conexão



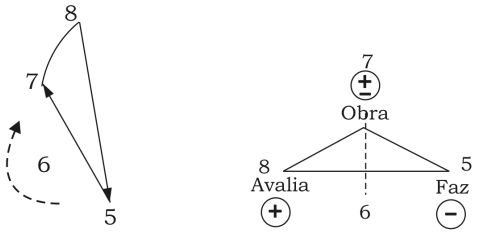
As cordas 7-1 e 2-8 da héxade mostram graficamente como se faz a continuidade, não só entre um ciclo e outro, como entre as fases de Projeto e Realização

TRIÂNGULOS

Num mesmo processo existem vários subprocessos se superpondo nas tríades internas. São desenvolvimentos paralelos, geralmente inconscientes ou intuitivos, e vale a pena trazê-los à consciência. O fator reconciliador ao mesmo tempo pré-existe e decorre.



Finanças, suprimentos e a própria companhia são resultado desta estrutura



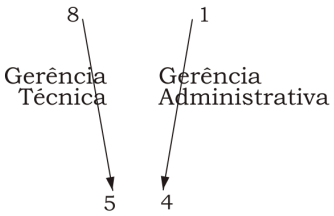
O compromisso, também, é tanto pré-existente quanto conseqüência

CORDAS DA HÉXADE

Com base no que vimos, temos outro conjunto de significados e palavras-chave associados a cada corda da héxade.

CORDAS DESCENDENTES

Os movimentos descendentes são *fáceis* e automáticos (1-4 e 8-5).



1-4 Gerência de Meios

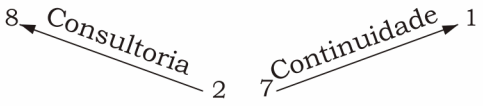
A chefia (1) administra a base (4), dando as ordens e as orientações necessárias.

8-5 Gerência de Fins

A chefia técnica ou o Cliente cobra do responsável pelo processamento que o trabalho seja feito como foi planejado e em tempo hábil. É uma pressão que deve ser exercida de cima, pois o ponto 5 não tem mais contato com o 1 e o 2. Também, o 8 é que sofrerá as conseqüências se as coisas não forem bem feitas.

Cordas de Conexão

Os movimentos de ligação (2-8 e 7-1), ambos ascendentes, são movimentos de nível superior, cruzando o oceano 0-9 e a "linha-de-fogo" 4-5. Nada fáceis, são muitas vezes esquecidos, não-intencionais ou não-observados.



7-1 Continuidade

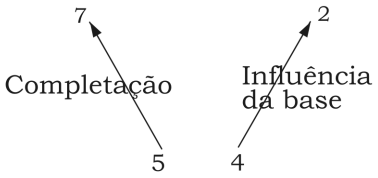
O 7 completa o produto, atuando como fator de atração de outros ciclos, e prepara tudo para os ciclos seguintes, propiciando a continuidade.

2-8 Consultoria

A assessoria (2) fornece recursos para o gerente de conteúdo dirigir a fase de execução e utiliza ainda a experiência do 8 como consultoria. Aqui "consultoria" também se refere à consulta ao usuário ou mercado.

Cordas Ascendentes

Os movimentos ascendentes (4-2 e 5-7) são muito *difíceis* — coincidem com os intervalos 3 e 6, e precisam de choque externo.



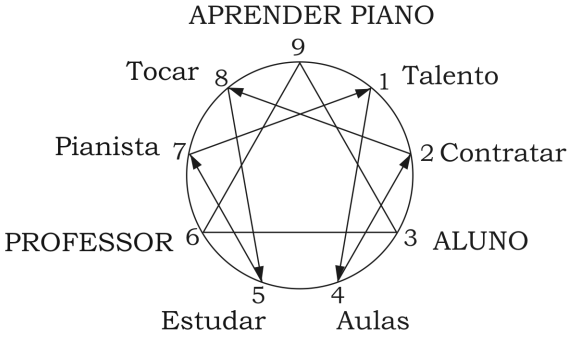
4-2 Influência da Base

A base (4) influencia o planejamento (2) informando como está a situação na prática (4). Cabem aqui também as reivindicações dos empregados.

5-7 Influência do Autor

O técnico da execução influencia diretamente o produto e, por conseguinte, toda a empresa. Isso se conseguir passar o intervalo do 6 (*Harnel Aoot*). É bom lembrar que é preciso "esforço e ajuda" — ele nada fará sozinho. Ninguém "faz" nada sozinho.

Aprendendo Piano – Professores e Mestres



1 Idéia, Situação, Recursos (Mm)

Situação: Há muito tempo quero tocar bem piano. Aprendi um pouco em criança, no piano da minha avó. Depois, como não podíamos comprar um piano, aprendi acordeom e violão. Agora ganhei um piano. Mas fico frustrado pois sei o que é tocar bem e não consigo.

Recursos: Tenho o piano e posso pagar as aulas. Antes não tinha tempo, mas agora tenho.

7 (Modelo) — Sei de um professor, que ouvi no rádio e gostei. Acho que tem a ver comigo. Imagino-me tocando como ele. Isso me entusiasma.

4 (Estrutura) — Posso marcar aulas semanais e estudar de manhã, quando o pessoal estiver fora. Imagino-me indo às aulas. Espero que seja um local de fácil acesso. Preparo-me para planejar com mais dados concretos.

2 Planejamento/Informações (Mf)

Consegui o número do telefone do professor (1-4-2).

8 (Meta) — Quero tocar bem para mim mesmo talvez para alguns amigos, e quero tocar músicas de Gurdjieff. Não preciso diploma nem virtuosismo. Aulas particulares estarão bem.

Terei que voltar à estaca zero, descondicionar erros, mas isso fará parte da meta maior, o Trabalho: servirá para desenvolvimento emocional, coordenação motora, atenção, autodomínio, persistência, etc. Sinto-me capaz.

4 (Estrutura) — Soube que o professor mora perto. Terá ele horários compatíveis com os meus?

3 Ser (Me)

Como aluno disponho-me a ser transformado Telefono ao professor e marco uma entrevista.

Intervalo: não sinto intervalo, pois o impulso inicial foi bastante forte e as etapas anteriores correram bem. Tenho a humildade necessária.

4 Estrutura/Detalhes (Fm)

Marcamos as aulas e acertamos o preço. Concordo em começar pelo começo e seguir o método que o professor (Vontade) escolheu. Confio nele.

Faço o primeiro pagamento e compro os dois primeiros livros, estabelecendo um compromisso comigo mesmo Vou às aulas e estudo.

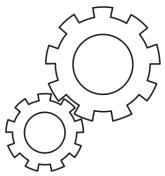
5 Ação Principal (Ff)

Treino sozinho muitas vezes (4-5), embora o professor me assista (8-5) e a possibilidade de tocar melhor me incentive (5-7). Tenho que ter força de vontade (6), pois o exercício (4) é quase puramente físico. Ele quer que eu toque "como uma máquina" (treinar o centro "motor"). Disse que ainda não posso colocar emoção; só depois que souber bem a música.

8 (Meta) — Acho que estou indo na direção que me propus, principalmente no tocante ao Quarto Caminho. Observo-me e anoto minhas experiências. O fato de estar paralelamente fazendo karatê Wa-Do tem ajudado muito: na postura, motricidade e persistência. Vejo o risco de mudar a meta, no entrelaçamento com outras

atividades da vida corrente. Preciso lembrar sempre: qual é mesmo a minha prioridade?

7 (Modelo) — O professor não toca para eu ver. Por que será? Consegui os dois primeiros diplomas e passei para o terceiro livro. Tem músicas bonitas.



7 (Modelo Passado) — Ele quer que eu esqueça tudo que sabia antes, que não toque nada do que tocava antes. Tenho que renunciar ao velho para obter o novo.

7 (Modelo Futuro) — No dia do terceiro livro, ele se entusiasmou, tocou para mim e cantei junto. Fiquei muito feliz.

5 (*Harnel Aoot*) — Uma amiga apareceu depois, toquei para ela e cantamos. Faltei aulas e quando voltei havia dado para trás. Não estava pronto como pensava, para tocar para os outros. Toquei aparentemente bem, mas com os dedos errados. Se sedimentar novos erros, será muito difícil refazer tudo novamente. Quantas chances podemos ter, na vida? Vi o perigo de ter ficado sem a assistência do professor (8-5), de pensar que alguma coisa está pronta antes do tempo (5-7), de colocar o emocional (6-7-8) antes de estar preparado(4-5).

6 Vontade (Fe)

Começo a sentir alguma transformação em mim. Minha vontade persiste. Envolvo-me, faço esforço. Vou e venho (4-5-6-7). Coragem tenho, mas custa!

Intervalo — Passei um tempo "emperrado, consciente disso, sem conseguir superar. Havia parado também o karatê e minha coordenação sofreu. A autoconfiança também. Como aplicar-me um choque para não parar agora?

Tive ajuda. Um colega do Quarto Caminho sugeriu que eu mudasse o piano de lugar. Lembrei o conselho do mestre de karatê, Takeo Suzuki, monge budista:

"Você pode mudar os outros? Não? Então, mude a si mesmo".

Pensei que não era o piano que devia ser mudado, mas Eu mesmo. Na manhã seguinte acordei disposto até a me castigar (geralmente prefiro me premiar) se não rompesse a inércia. Rompi. Coincidência: na aula seguinte o professor havia mudado piano dele de lugar.

A este *Harnel Aoot* somava-se a enorme dificuldade em conseguir as partituras de Gurdjieff — quase impossíveis de encontrar na época. Quem as tinha não queria me dar, e isso me abalava

profundamente — será que não dava porque “sabia” que eu não merecia? Quase desisti.

7 Modelo (Em)

Volta e meia vejo que subi um pequeno degrau. Completo um livro, depois outro. Alegro-me à medida que avanço e venço dificuldades (5-6-7-8-5). Gostaria de ter as partituras de Gurdjieff. Imagino quando as tocarei. Sinto-me melhor por estar continuando, mais completo e confiante. A possibilidade de superar a mim mesmo é uma sensação maravilhosa!

1 (Recursos) — De vez em quando tenho que rever os recursos: aumenta o preço das aulas e meu tempo diminui, ocupado por outras atividades. Não posso deixar que nada me desanime!

5 (Ação Principal) — Ainda sou Aluno. Não devo esquecer disso!

8 Meta (Ef)

Quanto à meta principal, posso dizer que vou indo... Não me preocupa muito quanto tempo vai levar. Já está bom sentir que mantenho a direção.

Superei, no momento, a tendência a “colocar o carro adiante dos bois” e também a querer “compartilhar” (8) meus “sucessos”, principalmente antes de obtidos (7).

Continuo anotando minhas experiências e observando enquanto as vivo.

2 (Planejamento). Tudo corre conforme planejei, fora os deslizes que provavelmente adivinhava. Até melhor do que esperava.

5 (Ação Principal) —Ainda sou Aluno...

9 Função (Ee)

A Vontade inicial mantém-se presente em mim. Sinto-me feliz ao ver que não errei na escolha desta meta. É algo que quero muito.

A felicidade e as coincidências são evidências de que estou na rota certa.

Continuidade

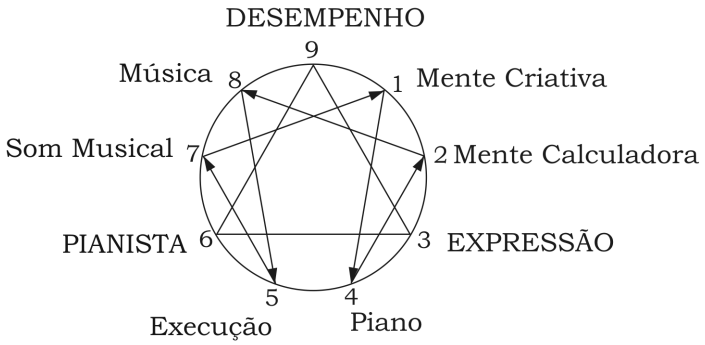
Esperava terminar o curso ou provavelmente me retirar um dia voluntariamente das aulas. Mas ocorreu um imprevisto: quem se retirou foi o professor, pois ele veio a falecer a essa altura, o que me causou grande tristeza. Tendo em vista que minha meta não era propriamente ser "pianista" nem profissional, considero que de certa forma a alcancei, pois agora gosto de tocar para mim mesmo, raramente para os outros; e agora toco algumas músicas de Gurdjieff.

Aprendendo piano e gente se sente a verdadeira carruagem. Tem que treinar os dedos, e isso exige boa postura; no início temos dores e o corpo todo tem que ser exercitado. É preciso prestar atenção em todos os dedos, para que tenham pressão uniforme e a força adequada. O cavalo só poderá galopar livre depois que souber obedecer a um trote controlado. A mão esquerda toca uma coisa e a direita outra, e a música é o conjunto — isso obriga a participação coordenada dos dois hemisférios cerebrais.

É importante a influência da mente no desempenho. A mente foi necessária para aprender, mas depois tem que se aquietar. É impressionante como podemos errar quando a mente "pensa" (1-4-2), pois ela pensa por meio do físico (4) e altera toda a coordenação muscular.

Os Efeitos da Música

"Um único som harmonioso
diminui o grau de incerteza no universo,
porque insere nele um princípio de ordem."[1]



[1] Jacques Attali (1943-), ensaista, economista e escritor francês.

Comecei a observar como a música me afeta e a usá-la para me auto-regular.

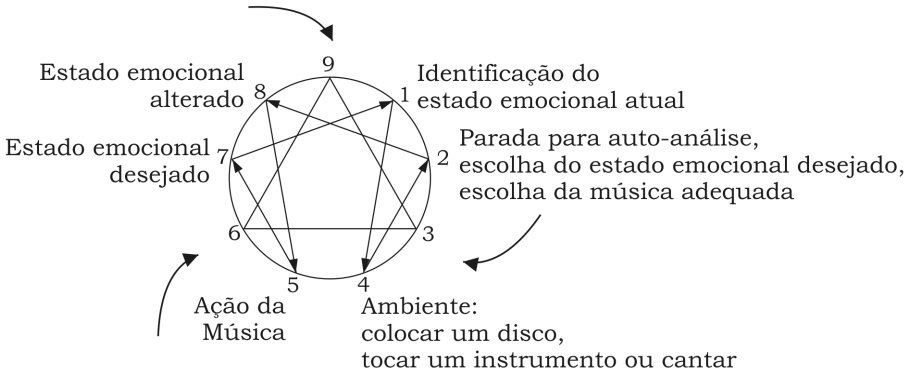
Notei que as músicas nos contam histórias, se prestarmos atenção. Frases musicais ascendentes evocam claramente a evolução, enquanto as descendentes puxam nossa atenção para um lado mais material e mesmo melancólico. O mesmo se dá com tons maiores e menores — nestes a melancolia vem daquela "falta" de um semitom[1].

Em decorrência das estruturas das frases, mas também muito pelos intervalos entre as notas do *leitmotiv*, algumas músicas podem ser usadas como sacras, como Jesus, Alegria dos Homens, de Bach. Outras, como a Marseillese francesa e o Stenka Razin russo[2], devido à distância ascendente Sol-Dó, são hinos claramente heróicos, dando-nos entusiasmo e energia física.

Não entrarei mais em detalhes sobre a influência da música, pois pesquisei o suficiente para saber por que Gurdjieff não deixou nada muito técnico sobre isso — realmente, é tanta e tão certa essa influência, que torna perigosa a divulgação indiscriminada de tais ensinamentos.

Uso a música em busca da influência adequada em qualquer momento — certas músicas me dão mais ânimo físico, outras me levam a um certo estado emocional, e outras me deixam com a mente mais clara para determinados estudos.

Muitas vezes uso o piano para "afinar" meu ritmo interior. Antes de sair de casa, ou antes de qualquer coisa importante, sento e toco algo simples e leve, parando a mente até sentir essa simplicidade e leveza se impregnarem em mim. É uma boa maneira de cortar estados da identificação.[3]



Ouvindo determinadas músicas, descobri também nelas o eneagrama — por exemplo, na Traviata, de Verdi. Tudo que é bem-

[1] Ver p. 104, Acordes.
[2] NT: E o Hino Nacional Brasileiro.
[3] Ver p. 29, Identificação.

feito se ajusta a este símbolo, e essa constatação soma em nós mais compreensão porque, embora "fazer bem feito" dependa do nível de ser do indivíduo, conhecendo o "mapa" podemos usá-lo intencionalmente e em nosso próprio aprimoramento.

De um tempo para cá começaram a aparecer CDs com a música de Gurdjieff e foram publicadas muitas partituras. Gostei de ouvir olhando a partitura, e de comparar as mesmas músicas interpretadas por pessoas diferentes.

Comecei a tocar junto com o CD de Alain Kremski: era como se houvesse arranjado outro professor. Inclusive pude observar a importância do piano em que ele toca, e a importância do meu piano ter uma boa afinação absoluta — algumas vezes, com o violão, usava afinação relativa, o que não foi bom para o meu ouvido, nem me permitia "compartilhar".[1] Um dia ouvi Alain Kremski tocar ao vivo e pela primeira vez percebi toda uma oitava dentro de uma única nota.

"Il faut écouter... "[2]

Enfim, meu professor maior tem sido o próprio eneagrama, pois sem todo esse interesse que ele me desperta, nunca teria tido coragem para esses tipos de experiência, nem compreendido como se pode tirar tantas lições importantes da vida prática e de atividades comuns.

[1] Isso pode fazer uma grande diferença em arte objetiva.
[2] "É preciso ouvir...." Alain Kremski (1940-), pianista e compositor, foi discípulo de Jeanne de Salzmann em Paris.

Vivendo pelo Eneagrama

Um Instrumento de Diagnóstico

Em que ponto nossos empreendimentos costumam falhar? Isso pode apontar um amortecedor[1] ou nossa característica principal — que não pode ser superada, segundo Gurdjieff, mas apenas "trabalhada". Observe e anote em que ponto tende a frustrar ou paralisar suas atividades e que recursos utiliza como justificativa.

No início, precisamos apagar antigas associações e perguntar em cada ponto: Onde está meu erro? Onde foi que errei?

1 — O que é que eu queria?

1 passivo (7-1) — Qual o modelo que me inspirava? Como via o objeto do meu desejo?

1 ativo (1-4) — Como imaginei que seria tudo no mundo fisico?

2 — Planejei explicitamente? Avaliei os pros e os contras? Procurei aprender algo a respeito antes de começar?

2 passivo (4-2) — Como interpretei as limitações materiais?

2 ativo (2-8) — Estabeleci uma meta? Quantifiquei? Estabeleci prazos e calendários? Consultei o mercado? Consultei pessoas mais experientes?

3 — Providenciei ou aproveitei o 1º choque para sair do plano mental e envolver-me com a realização material da idéia? Ou percebi e acolhi o 1º choque que me foi dado "de graça", pela vida?

4 — Estruturei e organizei fisicamente, em questão de espaço e tempo, as atividades e os insumos? Persisti na rotina necessária e nas atividades de apoio, por vezes insípidas, mas fundamentais?

4 passivo (1-4) — Trabalhei na rotina sempre me inspirando no "querer" inicial? Ou passei a ser escravo, identificado com a rotina e deixei- me desviar para onde o acaso levasse?

---

[1] Ver 26, Amortecedores.

4 ativo (4-2) — Realimentei e reprogramei meu planejamento com os dados encontrados no mundo material, que pudessem alterar o plano inicial?

5 — Tive suficiente coragem e presença de espírito para executar a ação necessária no momento necessário, saindo das rotinas de preparação e tornando o processo irreversível? Transformei algo?

5 passivo (8-5) — No momento da ação, mantive-me receptivo à meta, à experiência, ao mercado, ao cliente, ao uso posterior do meu trabalho?

5 ativo (5-7) — Agi pensando no resultado de minha ação, no objeto final, em como seria ao estar pronto e como poderia ser inspirador para os outros?

6 — Tive a coragem maior ainda de perceber o momento de parar a ação e passar à fase de compartilhamento real com os outros? De terminar o trabalho e envolver-me pessoalmente com os resultados? De enfrentar as perdas decorrentes disso? De enfrentar os ganhos decorrentes disso? De enfrentar um possível fracasso ou um possível sucesso?

7 — Consolidei o objeto de meu desejo como coisa pronta e real, capaz de servir por sua vez de modelo para os outros ou para um próximo ciclo? Limpei o local de trabalho? Joguei fora os restos? Arrumei a sala?

7 passivo (5-7) — Na fase de apresentação final do produto, respeitei os processos de execução e as limitações materiais? Embalei respeitando as características físicas? Ou cedi ao perfeccionismo a ponto de tornar o resultado final impraticável?

7 ativo (7-1) — Trabalhei na apresentação final do produto?

8 — Perseverei até completar todas as etapas do trabalho e fui altruísta o suficiente para compartilhar meu trabalho com os outros?

8 passivo (2-8) — Respeitei o planejamento inicial, de modo que o fim correspondesse ao começo? Cumpri o que planejei ou houve desvio de objetivo? Deixei-me inspirar adequadamente pelas necessidades do mercado? Dei assistência aos aprendizes que se apresentaram? Ensinei o que aprendi?

8 ativo (8-5) — Estou pronto a orientar a ação no mundo físico, a partir da experiência que adquiri? Sei comandar quando é necessário? Sou capaz de reconhecer e mesmo promover a lei de Causa e Efeito?

9 — Sentindo que meu trabalho foi concluído, que um ciclo foi terminado, soube retirar-me? Captei a essência da experiência? Reconheci que o fim de um ciclo é apenas a semente para o início de um outro, superior? Estou disposto a começar novamente, no mesmo nível e refazer tudo, caso algo tenha saído errado? Estou disposto a dar início ao ciclo seguinte e fazer melhor da próxima vez?

Aprendi? O que aprendi? Cresci? O que este ciclo me ensinou? Compreendi quando devo agir ativamente, quando devo aceitar, quando falar e quando calar, quando ficar neutro ou tentar harmonizar?

Perigos e Amortecedores

Devemos estar atentos aos mecanismos pelos quais evitamos o compromisso com cada fase do processo autotransformador, nos auto-enganando e nos justificando pela procrastinação ou pela não-realização de tarefas e obrigações. Examinaremos a seguir algumas situações de fuga e seus amortecedores. Em cada ponto, devemos examinar as palavras-chave em termos de falta ou excesso. Podemos achar assim uma "característica principal."

Estágios Mentais

Não existe tempo nem espaço. O mundo das idéias é bastante fácil, alimentando-se de imaginação em todos os níveis. Embora não seja real, é rico e variado em possibilidades. Aparentemente, nada me é cobrado. Se quero construir uma casa, em meus pensamentos posso ter muitas casas ao mesmo tempo, de tipos, tamanhos e estilos diferentes. Posso ter muitas profissões... desde que não me decida nunca por uma.

Perigo do 1: Indecisão

O 1 vive na imaginação de diversas possibilidades. A mente fervilha em criatividade. O perigo é não encarar as restrições impostas pela escolha necessária para passar ao desenvolvimento da idéia (2).

Escapando do 1

Voltar ao 9 | Preguiça e autocomplacência. Estagnação.

Saltar para o 4 | Em vez de apenas consultar o 4 para planejar (1-4-2), cair e se fixar em atividades de rotina, manutenção e detalhes.

Uma vez que o 4 precisa de material (3), esse caminho de queda muitas vezes se faz como 1-3-4: ter idéias e sair direto para o mundo físico, comprando coisas, adquirindo materiais; e permanecer em eterna preparação física, sem forças para realmente executar. Então, a qualquer nova inspiração, refazemos o caminho 1-3-4, ficando presos aí.

Avançar incompleto para o 2 | Adiantar-se e lançar-se logo ao planejamento, cronograma e alocação de recursos, quando ainda não sabe bem o que quer (7-1) ou sem verificar a viabilidade prática da idéia (1-4).

Perigo do 2: Imaginação

Escolhida uma entre várias idéias, o comprometimento para sua realização pode ficar ainda a nível de pensamento ou palavras. Este é um intervalo Mi. Nada exterior cobra ação real. O 2 coloca a idéia no papel, calcula, simula todas as fases do processo. Desenvolve a idéia. Se é uma casa, para que vai servir? Para morar? Alugar? Vender? A escolha de uma destas alternativas determinará as especificações do projeto, o cronograma e o orçamento. A ação é necessária, mas o projeto pode deter-se aí indefinidamente, em lúdico planejamento.

Escapando do 2

Voltar ao 1 | Depois de ter verificado a viabilidade (1-4-2), voltar atrás e duvidar da idéia inicial ou da meta estabelecida. Resolver querer outra coisa, ou não querer mais nada.

Saltar para o 8 | Querer colher sem plantar. Achar que já sabe tudo e querer ensinar sem antes aprender.

Avançar incompleto para o 3 | Adiantar-se e tomar providências no mundo material antes de completadas as etapas necessárias do 2. Por exemplo: adquirir material antes de definir o que realmente precisa.

Primeiro Intervalo – 3: Procrastinação

Aqui torna-se evidente a procrastinação. O tempo começa a contar, porém a matéria nos atrai e parece importar mais que o tempo.

Escapando do 3

Voltar ao 2 | Adiar os compromissos de entrada no mundo físico, mantendo-se na ilusão e na fantasia mental. Deleitar-se em planejar, sem nunca se lançar à execução.

Saltar para o 6 | Tentar logo envolver outras pessoas no processo, assumir compromissos emocionais antecipados e tomar decisões apressadas, quando ainda nada foi feito. Vender o peixe antes de pescado.

Avançar incompleto para o 4 | Entrar na rotina antes de ter a estrutura necessária, fixando-se na dependência.

Estágios Físicos

Além de não ser fácil, a etapa física é muito enganadora, pois a maioria das pessoas pensa que é a última e qualquer realização no plano material lhes basta.

Perigo do 4: Detalhe e Anonimato

Tratando de detalhes, analiticamente, o 4 pode perder-se em eterno perfeccionismo, cuidando da árvore sem ver a floresta.

Por outro lado, quanto mais bem feito o trabalho do 4, menos aparece o autor. O principal perigo do 4 é querer aparecer, para o que então relaxa suas funções, chamando assim a atenção pela ausência. A cozinheira é mais lembrada quando o jantar não aparece na mesa, e o chefe do almoxarifado é chamado quanto falta papel na copiadora.

Escapando do 4

Voltar ao 1 | Tentar escapar do trabalho de rotina, influenciado pela força de seu próprio 1, criador de novas idéias — portanto, contestando a idéia inicial que serviu de base ao estabelecimento de sua atual disciplina.

Voltar ao 2 | Viver querendo reprogramar. A reprogramação é um movimento natural, mas não poder ser usado apenas para alterar eternamente a rotina. Isso acontece com pessoas muito criativas, que recebem muito impulso do 1 (1-4-2).

Avançar incompleto para o 5 | Começar a executar a ação principal sem a necessária preparação dos meios. A passagem intempestiva do 4 ao 5 prejudica todo o processo, talvez irremediavelmente. Nessa passagem a transformação é irreversível, e é alto o preço a pagar pela precipitação neste ponto. Geralmente a causa é o desejo de escapar ao anonimato e aparecer.

Perigo do 5: Ativismo

Há o mesmo o risco de automatismo que havia no 4, porém com ilusão de realização. Permanência na atividade por pura inércia mecânica. Um agravante: como o 5 transforma irreversivelmente o material, haverá danos e prejuízos se o processo não for completado. Um bom exemplo é quando se pinta um quadro, pois chega o momento em que uma pincelada a mais estraga tudo. É preciso saber quando parar.

Escapando do 5

Voltar ao 4 | Voltar às etapas de preparação e apoio em vez de realizar a ação principal, ou por incompetência ou por um

perfeccionismo que impede qualquer completação. Nunca se sentir suficientemente preparado para a responsabilidade. É como o filho que depois de adulto e independente volta a morar com os pais.

Saltar para o 7 | Encerrar apressadamente uma tarefa que ainda não está pronta, para se ver livre do trabalho de execução.

Avançar incompleto para o 6 | Muito raro, devido ao *Harnel Aoot*. O envolvimento emocional prematuro neste ponto deve-se a uma grande ilusão sobre si mesmo, geralmente com auto-sacrifício e muitas perdas.

Segundo Intervalo – 6: Medo

Se no primeiro intervalo a natureza ajuda, neste ponto se dá o contrário. E quanto mais elevada for a meta, mais dificuldades se apresentarão — faz parte da homeostase cósmica.

No desenvolvimento pessoal, este é o portal em que você vê a si mesmo como realmente é — o que muitas escolas ocultistas chamam "Terror do Umbral". Seja qual for o processo em que estejamos envolvidos, é impossível não ver a si mesmo ao passar pelo 6.

No 5 você ainda tem as opções de viver o pentagrama em pé ou invertido, mais no 6 terá que harmonizar seu lado claro com seu lado escuro, como no selo de Salomão.

Certas pessoas cedo "decretam" sua própria vitória ou falência: cristalizam uma auto-imagem negativa e passam o resto da vida tentando confirmá-la.

A única palavra que Deus sabe dizer é "sim".

Sei do caso de um arquiteto que "se declarou" vítima da vida, achando que a vida lhe devia algo — e não conseguiu concluir sua própria casa, deixando-a virar ruína quando faltava pouco para completar. Não conseguiu enfrentar o 6, sua própria transformação, pois passaria de "vítima" para "feliz proprietário" e "bem-sucedido profissional". Com sua experiência comecei a compreender melhor o *Harnel Aoot*.

Muitos aspectos psicológicos do Mi da segunda oitava se somam ao Sol da primeira, exigido nesse intervalo um choque consciente. É comum recebemos "choques negativos" do movimento descendente do Raio da Criação, que nesse ponto desce com toda sua potência. Isso é bom, pois não deixa as coisas ficarem paradas. O choque negativo pode ser transformado em consciente pela a aceitação intencional do sofrimento. Do ponto de vista individual, o choque negativo pode parecer inicialmente o contrário da ajuda, mas em termos cósmicos é um esforço contra a estagnação. Você tem que reagir a ele de uma maneira ou de outra: o luta ou morre. Devemos agradecer as

dificuldades que nos são apresentadas, pois é só com elas que nos tornamos fortes e crescemos.

Escapando do 6

Voltar ao 5 | Uma vez terminada a fase de execução, voltar a ela ou continuar "fazendo" depois de pronto, sem se submeter à transformação.

Saltar para o 9 | Iludir-se pensando que terminar a ação principal é terminar o processo. Deixando assim as coisas pela metade, fica praticamente impossível recomeçar.

Avançar incompleto para o 7 | A ousadia em declarar pronto e decidido o que ainda não está. Apresentar-se como vencedor sem o merecer. É como o nascimento de um bebê prematuro.

Estágios Emocionais

A partir do 6 é exigido o compromisso e a conseqüente responsabilidade, que existem para o bem ou para o mal. Se não houver consciência e intenção, será assumido um "default" descendente.

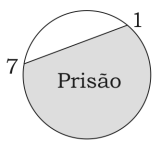
Gurdjieff explicou bem isso em relação à nutrição: certas energias superiores, se não forem utilizadas na formação de corpos superiores, voltam a involuir, causando doenças e encurtando a vida[1].

Perigo do 7: Isolamento

Uma obra pronta, limpa, bonita — e novamente a ilusão de algo terminado. Não. Não está terminado. Uma obra precisa ser compartilhada, vista, usada. Na verdade isso não é difícil, pois aqui não há intervalo e a própria obra, se terminada com vitória, provê a energia necessária para prosseguir.

Escapando do 7

Voltar ao 5 | Fixar-se no papel de vítima ou apegar-se à personalidade. Ter medo de aparecer como vencedor ou de perder o *status* de executor.



[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 385.

Saltar para o 1 | Começar outras coisas ou tentar diversas versões da mesma idéia, iludindo-se na nova atividade, sem haver cumprido a anterior. O processo assim se auto-alimenta e a pessoa fica presa na rede 7-1 (prisão).

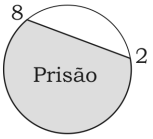
Avançar incompleto para o 8 | É como vender um produto sem embalagem, ou comer sem prato, na cozinha suja. Ações complementares não foram realizadas, de modo que a obra não pode ainda ser abandonada, nem os louros colhidos.

Perigo do 8: ingratidão

A obra foi apresentada, oferecida e festejada. É preciso agradecer e pagar todas as dívidas. É preciso compartilhar a experiência adquirida.

Escapando do 8

Voltar ao 7 | Hesitação em liderar, em passar adiante o que aprendeu, em assumir sua própria maturidade em beneficio dos demais. Medo de perder o posto conquistado, sem reconhecer que um posto maior lhe é oferecido. Medo da reação cármica e de sofrer os efeitos do que causou.



Saltar para o 2 | Não assumir sua posição social. Não assumir que seu futuro está acontecendo *agora*. Em vez de ensinar, voltar a estudar ainda mais. O eterno estudante e o eterno planejador ficam presos na rede 2-8 (prisão).

Avançar incompleto para o 9 | Retirar-se do processo enquanto ainda tem compromisso com ele. Ignorar o controle de qualidade e a satisfação do cliente. Não se preocupar com os resultados e o armazenamento de experiência (energia) para o próximo ciclo.

Terceiro Intervalo – 9: Status-Quo

Processo completado. Descanso antes de um novo ciclo A própria satisfação pela completação é o maior perigo aqui. O indivíduo acha que "já fez" e pode parar. Não. Não pode parar.

Escapando do 9

Voltar ao 8 | Querer manter a condição de responsável e líder, recusando-se a se retirar na hora em que deve dar lugar aos mais

novos ou aos outros que o seguem. O indivíduo passa a ser o maior empecilho para sua própria obra, e também para o próximo ciclo.

Saltar para o 3 | Atitude infantil, quando a maturidade exige responsabilidade. Uso indevido dos bens recebidos. Hesitação em assumir a liderança natural da idade ou do desenvolvimento.

Avançar incompleto para o 1 | Esquecer que o repouso é tão necessário para iniciar-se um novo ciclo, quanto são necessários os domingos nas semanas. Não respeitar seus limites naturais. Negar-se à tarefa de irradiar a influência do poder conquistado.

Gestão Pessoal

Tudo que é criado tem que ser mantido, e a boa manutenção é a administração. Se fazemos isso com a empresa, com o carro e outras coisas que temos, por que não administrarmos intencional e tecnicamente a nós mesmos?

O Trabalho, na verdade, é tecnologia. Gurdjieff falou em "técnica da religião"[1] e todo seu ensinamento consiste em técnicas para o crescimento do Ser.

No entanto, a maioria de nós quer trilhar o Quarto Caminho sem as condições básicas que ele exige.

O caminho do desenvolvimento espiritual começa quando já houve um desenvolvimento pessoal na vida comum. Não é para pessoas com problemas psicológicos — portanto procure antes ajuda especializada. E também não é para pessoas que não saibam se manter materialmente na vida — estude e tenha antes uma profissão.

Il faut avoir un métier.[2]

Tanto mais que mesmo ao ingressar numa escola esotérica, sua vida comum deve continuar, e será então até mais difícil, pois você viverá duas vidas paralelamente.

Estude, procure consultores e leia livros de gestão para sua vida comum e use o eneagrama para afirmar-se em seu primeiro esforço obligolniano esseral — antes e depois de ingressar no caminho espiritual.

"Esteja no mundo sem ser do mundo".

---

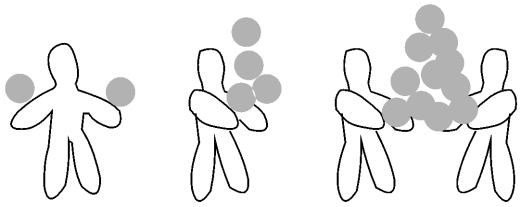
[1] Ouspensky, Fragmentos, p. 346.
[2] "É preciso ter um ofício", Nicolas Tereshchenko.

EQUIPES

O sistema Trogoautoegocrata clama por trabalho de equipe. Qualquer um que tenha tentado um trabalho sozinho e depois o mesmo trabalho em conjunto verá claramente a diferença: no trabalho em grupo há um afluxo de energias superiores.

Em grupos conscientes (não nas massas) cada um é capaz de muito mais do que seria sozinho.

Um personagem de uma peça de Tchekhov [1] observa que com as duas mãos juntas se pode carregar mais peso do que com as duas separadas. Tenho constatado que isso é real na prática. Duas pessoas carregam mais peso juntas do que separadas. Isso é lógico do ponto de vista da física e da resistência dos materiais, pois com mais pontos de apoio no solo as forças se dividem e o próprio solo ajuda no esforço, como se houvessem mais pilares para suportar um edifício.



Com as energias superiores compartilhadas se dá o mesmo, seja a energia mental ou a emocional. A energia emocional é a verdadeira cola de ligação entre as pessoas, a energia crística. "*Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estarei*" [2] — quando dois ou mais trabalham em união, a própria união gera a terceira força.

Há um ditado popular que diz: "Uma andorinha não faz verão", ou seja, uma força só não funciona. Duas forças opostas podem catalisar-se mutuamente, mais se não forem harmonizadas, seu conflito rouba energia ao conjunto. Quando há harmonização (três forças), então algo se faz, e quanto mais harmonizado, mais bem feito e menor o gasto de energia.

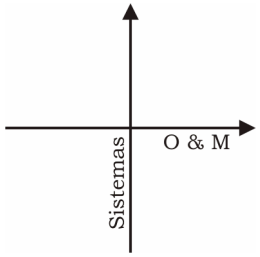
É impressionante o poder das relações humanas, ou da amizade, em qualquer processo, seja na vida interior ou em qualquer simples "fazer". Isso significa "pessoas integradas", e pode ser comparado a um gerador de energias superiores.

Quando se faz algo orientado pelo eneagrama, fica fácil ver como em qualquer processo cada etapa exige uma atitude diferente. Eu diria que o ideal é ter pessoas diferentes nos diferentes pontos — por exemplo, um pensando, outro fazendo e outro usando — harmoniosamente.

---

[1] Anton Tchekhov (1860-1904), escritor e dramaturgo russo, *As três irmãs*.
[2] Mateus 18: 20.

Num grande empreendimento é ideal formar equipes ou criar departamentos com funções bem definidas e estruturadas. Certos sistemas de gestão formam uma trama quadriculada com os trabalhos do 4 e do 5. Nas linhas horizontais podemos representar as atividades de apoio, organização e métodos (O&M), e nas linhas verticais cada sistema ou processo. O segredo então estará na harmonização dessas duas forças — a gerência.



Quem está no Trabalho e tem uma vida espiritual não pode esquecer que também tem a vida material. São as duas correntes. O grande segredo é a departamentalização harmoniosa. É preciso dividir-se entre várias atividades, sem misturá-las: "a César o que é de César".[1]

Se for preciso fazer algo sozinho, sem equipe, ainda assim posso organizar uma equipe com meus muitos *eus* e personagens. Qualquer trabalho tem que ter um chefe. Tenho que despertar o "chefe interior" em mim, parar, às vezes meditar e definir exatamente o que quero, meus prazos e prioridades. Depois vou "fazer": nesse momento sou operário, obedeço e não discuto o que foi decidido.

"Cadetes, ides comandar.
Aprendei a obedecer".[2]

O eneagrama ilustra bem isso: temos que ser nosso próprio Mestre, e ainda o cocheiro, o cavalo e a carruagem ao mesmo tempo — mas cada um com sua função Temos que aprender a usar a voz de comando e as rédeas, lubrificar as rodas, recauchutar os pneus.

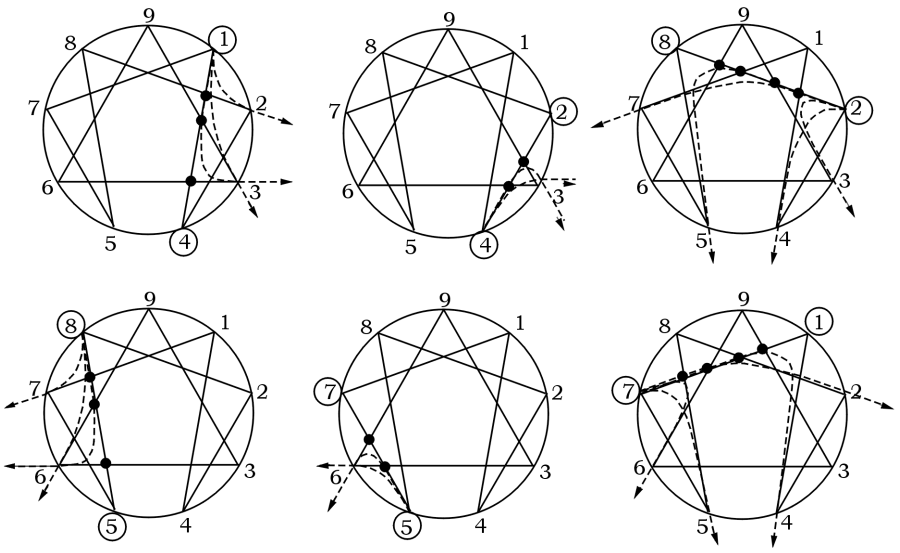
Outra coisa que nos dificulta "fazer" é pensar em termos de "gosto" ou "não gosto". Como vimos no eneagrama, primeiro vem a fase mental e segundo a física; "gostar" só cabe na terceira fase. Enquanto se está nas duas primeiras fases, isso não tem cabimento.

Existe a hora de "aprender" e a hora de "fazer". É bom fazer de tudo e aprender principalmente a "*troca de lugares*", para obter compreensão, capacidade e compaixão. Mas em termos finais, cada um deve achar aquilo em que é único, aquilo que não poderia pagar outro para fazer: sua própria missão.

---

[1] Mateus 22: 21. Marcos 12: 17. Lucas 20: 25.
[2] Frase no pórtico da Academia Militar das Agulhas Negras, Brasil.

Desvios



Analisando graficamente o eneagrama, em função da gravidade e da direção das linhas, identificamos os possíveis desvios no percurso.

Por exemplo, a fuga 1-4 tem mais probabilidade de ocorrer do que o percurso correto 1-4-2. Em momentos de grande influência emocional (triângulo), a fuga pode se fazer como 1-3.

Entre 1 e 4 há três cruzamentos internos que podem se apresentar como bloqueios. O primeiro bloqueio é uma interseção héxade-héxade, ou seja, puramente mental.

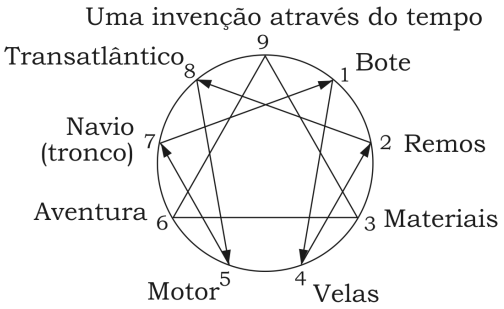
A subida 4-2 não se faz caso não haja um bom impulso do 1 (1-4-2), e ainda assim com riscos e tentações em dois momentos emocionais.

Convém rever as palavras-chave já aplicadas às cordas da héxade[1] e exercitar nossa capacidade de interpretação aqui com tudo que tem sido dito neste livro.

[1] Ver p. 314, Cordas da Héxade.

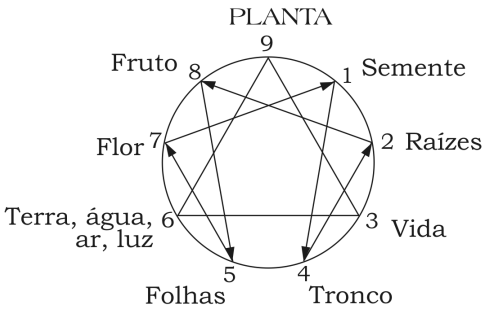
Vida Comum

Construção de um Navio



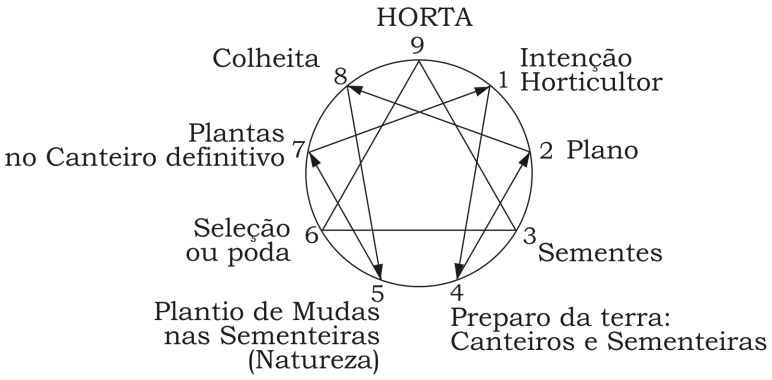
Quando criança, viajando de navio, pensava em como deveria ser inteligente o "homem que inventou o navio". Mas nenhum homem "inventou" o navio. O que existe é um belíssimo trabalho de equipe através do tempo. Um de nossos ancestrais provavelmente viu (7-1) um tronco de árvore boiando pelo rio e teve a idéia de fazer um bote, depois sentiu a necessidade de remos, para poder ter mais controle. Na experiência pelo mundo físico, descobriu diferentes materiais e inventou as velas, aproveitando o auxílio do vento (ar). Utilizou novas tecnologias, aventurou-se pelos mares e aperfeiçoou o barco a motor com benfeitorias para os usuários. Surgiram transatlânticos, cargueiros, navios de guerra e iates.

Planta



Evolução de uma Árvore

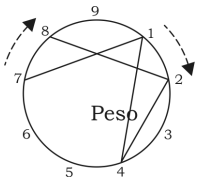
Fazer uma Horta



0-1 A horta é um processo artificial; tem que haver uma Vontade para que seja criada. No 1 defino minha intenção de fazer uma horta.

7-1 Essa intenção decorre da influência de outras hortas que existiram antes, que já vi ou sobre as quais li — centro intelectual inferior — ou mesmo que imaginei ou adivinhei existirem — centro intelectual superior. Ao mesmo tempo, essa influência vem do resultado futuro que visualizo no 7.

1-4-2 Sem uma consulta ao mundo físico, não poderia passar ao 2. Nessa consulta verifico se realmente tenho os recursos básicos necessários — por exemplo, local adequado, água, a possibilidade do plantio, da rotina necessária à manutenção, ou mesmo de ter um jardineiro.



Mecanicamente, essa tríade interna 1-4-2 agora atua como um peso que faz a haste 7-1 se mover para a posição 2-8.

Portanto, a passagem do 1 ao 2 põe em ação a referência à meta (8), levando-me a questionar minha motivação antes de lançar-me em campo. Para que possa planejar bem essa criação da horta, devo ter em mente sua finalidade: pura diversão pessoal? Alimento para a família? Base profissional?

Também nesse momento estudo a relação custo-benefício. Pode ser que seja mais barato e menos trabalhoso comprar os legumes no mercado, caso em que então ainda é tempo de desistir da idéia sem prejuízo algum.

No 2 a horta será dimensionada e estruturada mentalmente, para atender às finalidades do 8. No intervalo 3, trato da aquisição de material: ferramentas, sementes, adubo. No 4 preparam-se os canteiros e as sementes são plantadas em sementeiras provisórias. Entre o 4 e o 5 há o tempo da germinação. No 5 as sementes germinam e se transformam em mudas nas sementeiras. Há uma certa "passagem de comando", pois o crescimento das mudas germinadas depende mais da Natureza que do horticultor. O certo é que já são *plantas*, e não mais *sementes* — compete a elas próprias, ao seu arbítrio ou seu destino, sobreviver.

No entanto, não podem *todas* sobreviver. No intervalo 6 é preciso fazer escolhas. Separar "o joio do trigo", isto é, o que deve e o que não deve continuar. Não apenas devo retirar as ervas daninhas, mas também devem ser eliminadas as mudas fracas, para que sobrevivam as fortes, continuadoras da espécie, transplantadas para o canteiro definitivo. Se deixarmos todas, as mudas fracas impedirão o bom desenvolvimento das melhores, competindo pela luz do sol e pelos nutrientes do solo, e teremos uma horta deficiente. Se não houver alguma eliminação, toda a espécie definhará. No ponto 6, então, se faz a *seleção* ou poda.

"Eu sou a verdadeira videira e meu pai é o agricultor.
Todo ramo que não dá fruto em mim, o Pai o corta.
Os ramos que dão fruto, ele os poda
para que dêem mais fruto ainda...
Eu sou a videira, e vocês são os ramos.
Quem fica unido a mim, e eu a ele, dará muito fruto"... [1]

Conseqüentemente, no 7 a horta estará pronta e linda. No 8, poderá cumprir sua finalidade — as hortaliças serão colhidas e aproveitadas. No 9 o ciclo se completa e a terra — a horta — deverá descansar para o próximo ciclo.

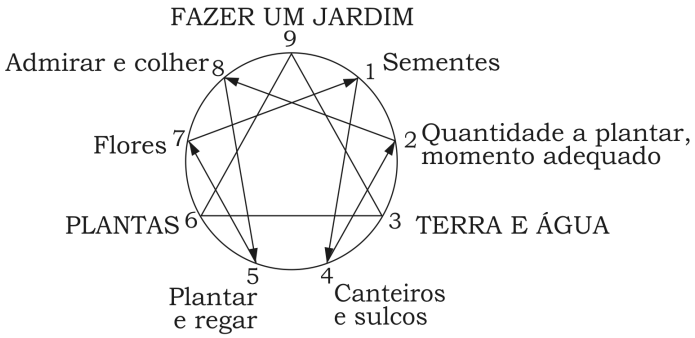
Na verdade, caso se pretenda manter constantemente uma horta em funcionamento, podem-se fazer eneagramas encadeados,

[1] João 15: 1-5

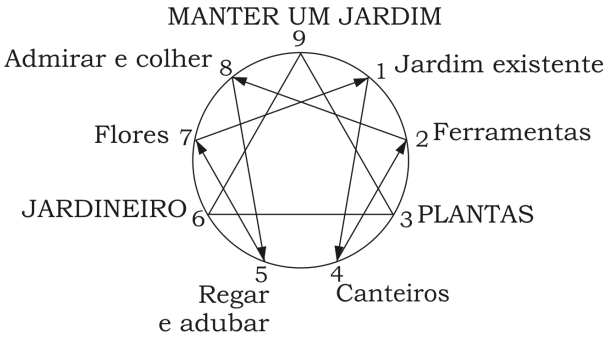
mantendo simultaneamente cultivos com ciclos alternados: enquanto certa cultura floresce, semeia-se uma outra, e assim por diante.

Jardinagem

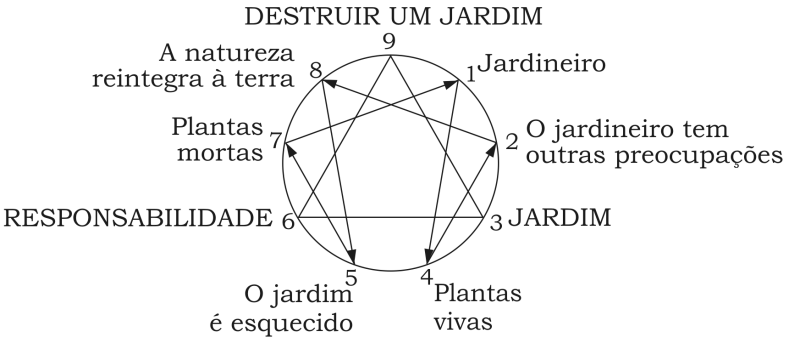
Fazer um Jardim



Manter um Jardim



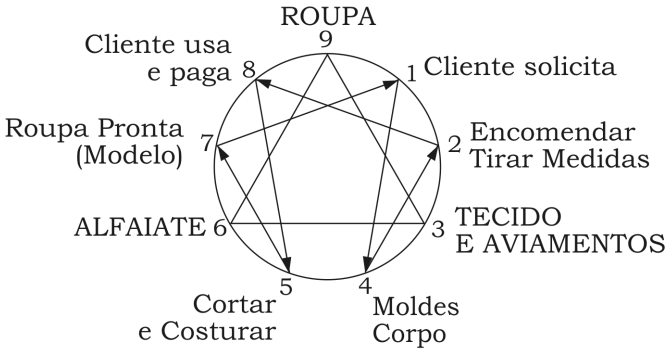
Destruir um Jardim



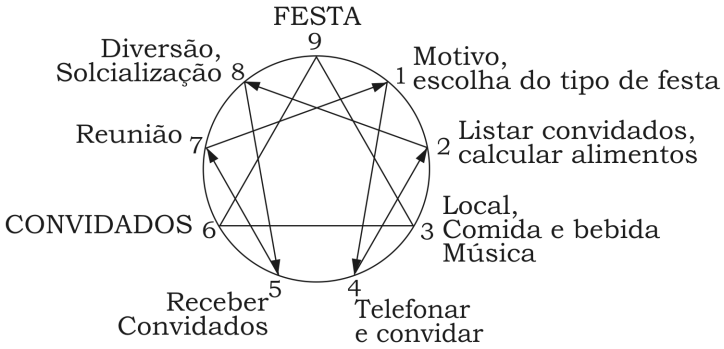
Se você tirar as plantas de seu *habitat* natural, terá de assumir a responsabilidade de cuidá-las, pois elas não estarão mais por conta da natureza e vivem agora de modo artificial. Esta analogia se aplica a muitos outros processos.

A destruição de um jardim pode ser considerada como um processo evolutivo negativo.

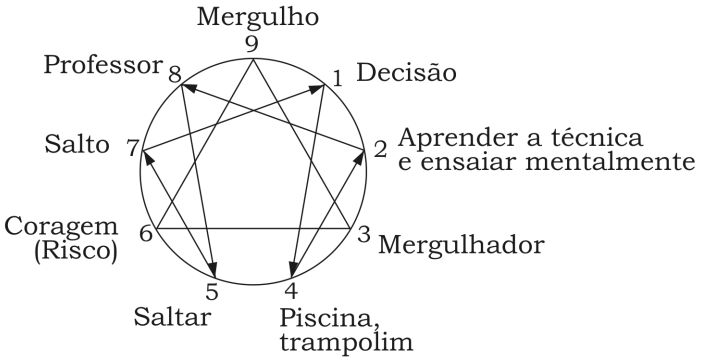
Fazer uma Roupa



Dar uma Festa


FESTA
9
Diversão,
Solcialização 8
1 Motivo,
escolha do tipo de festa
Reunião 7
2 Listar convidados,
calcular alimentos
CONVIDADOS 6
3 Local,
Comida e bebida
Música
5 Receber
Convidados
4 Telefonar
e convidar

MERGULHO



Digamos que quero (1) aprender a mergulhar de cabeça, saltando do trampolim de uma piscina. Geralmente esse desejo decorre de haver visto antes alguém saltando (7-1). Verifico se há essa possibilidade no mundo físico (1-4); estou bem de saúde e tenho acesso a uma piscina que dispõe de um trampolim razoavelmente baixo, para que possa me arriscar.

É impressionante a quantidade de pessoas que quebraram o pescoço pulando uma piscina ou lago quando o nível de água estava baixo. Isso também pode ser aplicado a outras situações da vida.

Analiso as limitações (2) que terei de vencer. Não estou preparado, pois nunca saltei antes. Preciso, pois, arranjar um professor, ou alguém que me ensine, nem que seja pelo exemplo. Aprendo mentalmente a técnica: que postura assumir, como prender a respiração.

Antes de lançar-me ao salto, já mentalizei todas as etapas: como será o salto (8-5-7), que pode apresentar certo risco (6), etc. Mas sei que será belo (7) e a visão global dessa possibilidade (1-4-2-8-5-7-1) faz com que realmente me decida.

Saio então da etapa mental e lanço-me ao mundo físico (3), pondo roupa de banho, subindo no trampolim e me preparando (4) conforme me foi ensinado. Salto (5).

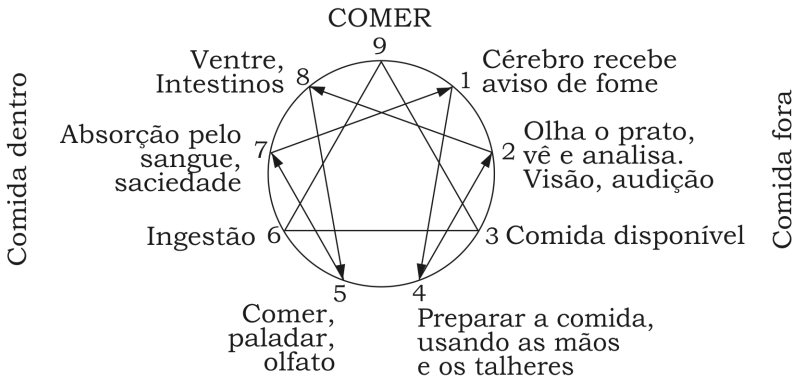
Passo com coragem pelo risco assumido (6) — e isso me transforma (7). Não sou mais o mesmo de antes. Acumulei uma experiência (7-8), tenha sido o salto vitorioso ou não.

Se errei, sofro a conseqüência — posso ter-me machucado, caso em que deverei consultar novamente o professor até realmente

aprender. Se acertei, então aprendi e passo a ser professor (8) de mim mesmo.

Todo esse eneagrama poderia estar dentro do ponto 4, por exemplo, como um treinamento de rotina para as Olimpíadas.

COMER



Ver, sentir e conhecer.[1]

1 Avisado da fome (7-1 condições do sangue), decide comer

1-4-2 Olha o prato, vê e analisa

4 Funções motoras rotineiras, levar comida à boca

4-2 Constata se era como pensou (se não for, rejeita)

2-8 Confronta com a meta: serve?

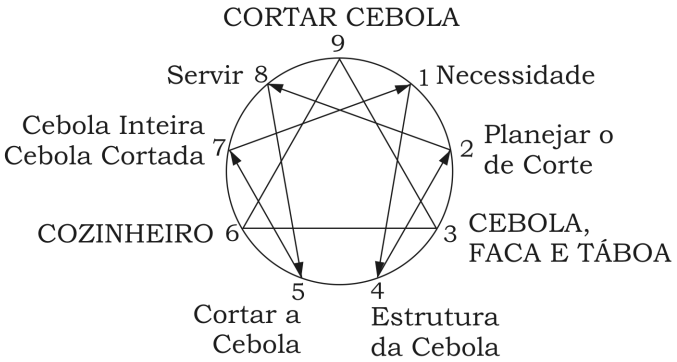
5 Mastiga e aprecia enquanto come: possibilidade da escolha de usar a consciência, a lembrança de si

7-1 No sangue se dá a verdadeira saciedade, não imediatamente à ingestão; é preciso certo tempo.

8 Os resíduos são processados para expulsão.

[1] Anônimo, *A Point in the Work*.

CORTAR CEBOLA



Para cortar uma cebola é preciso todo um processo.

Primeiro vem a necessidade de cortá-la (1). A seguir, devo planejar o corte em função do motivo que leva a executar essa ação. Tenho que ter em vista a aplicação (2-8). Se vou fazer uma sopa, não será tão importante a uniformidade. Para uma salada, deverei fatiar ou, para um suflê, ralar. Por exemplo, posso decidir cortar eu mesmo, posso encomendar cortada, enfim, conforme o que decidir será a ação.

Preciso ter uma idéia da *estrutura* da cebola (1-4-2), para planejar o tipo de corte que farei — por exemplo, não cortarei a cebola do mesmo jeito que corto o alho ou um abacaxi. O tipo de corte dependerá da estrutura da cebola e dos utensílios de que disponho.

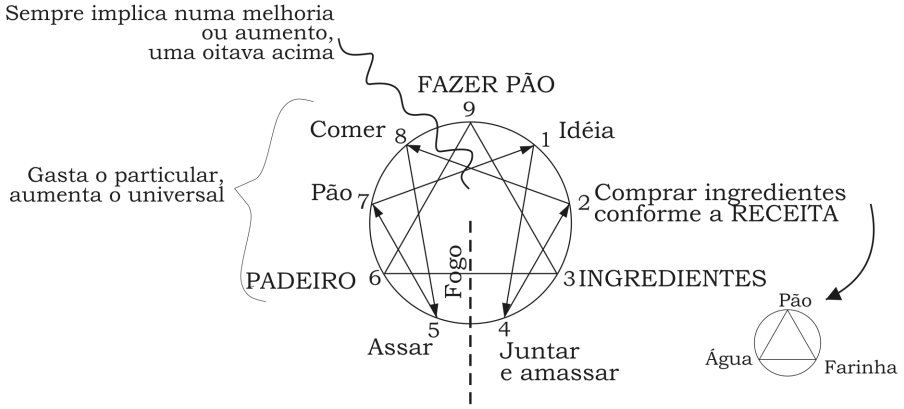
Uma vez planejado, entram em ação os utensílios (3): tábua, faca e água corrente. Se aprendi corretamente em ciclos anteriores, sei que molhando constantemente a faca o vapor da cebola não arderá nos olhos. Respeitando a estrutura (4), começo a cortar (5), separando a casca e fatiando como planejei. Pensando na comida pronta e nos comensais (8-5), termino o corte (6) e coloco a cebola cortada (7) no prato ou direto na panela. Depois a cebola é servida (8) e o ciclo (9) está pronto para ser iniciado novamente, em outra ocasião, cada vez com mais acerto.

O corte da cebola nos faz observar que a primeira vez que se faz algo, geralmente se erra, porque a estrutura está escondida sob a forma (triângulo partido 7-1-4) e precisamos conhecê-la antes. O único jeito de não errar da primeira vez é ter alguém que nos ensine — ainda assim nem sempre funciona, e é preciso aprender na prática.

"Ninguém se molha na palavra água."[1]

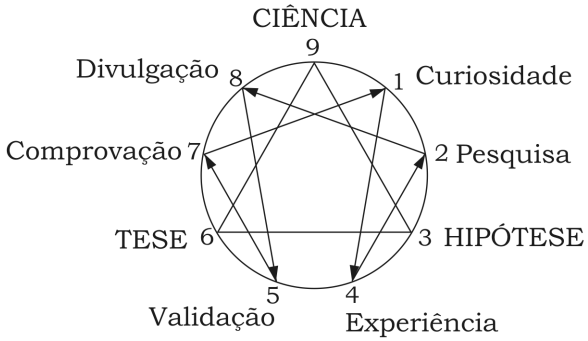
[1] Alan Watts (1915-1973), teólogo inglês, famoso por interpretar a filosofia oriental para o Ocidente.

FAZER PÃO

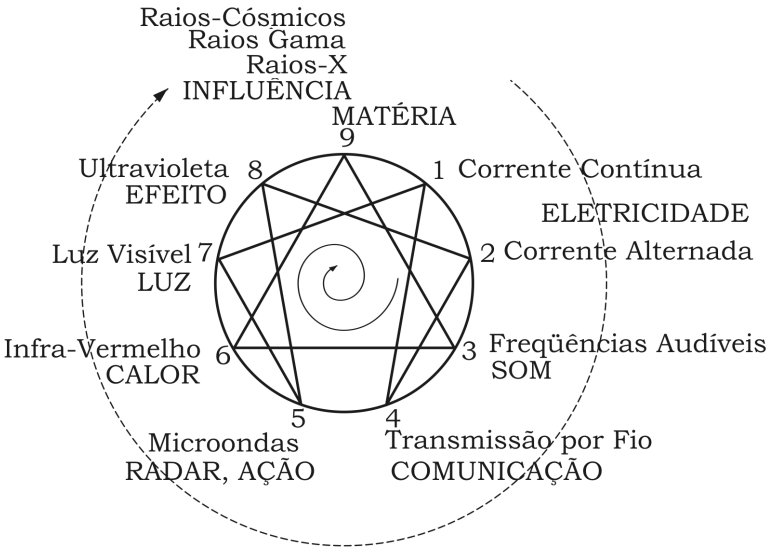


No ponto 7 havia primeiro a imagem do pão. Existiam pães antes e toda a idéia de pão ficou aumentada.

CIÊNCIA



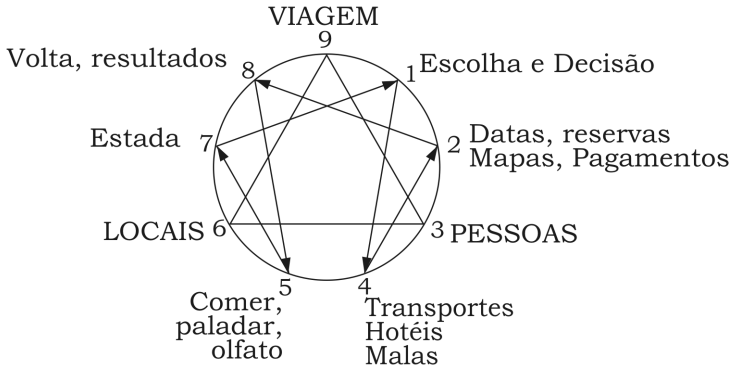
Espectro Eletromagnético[1]



Viagem

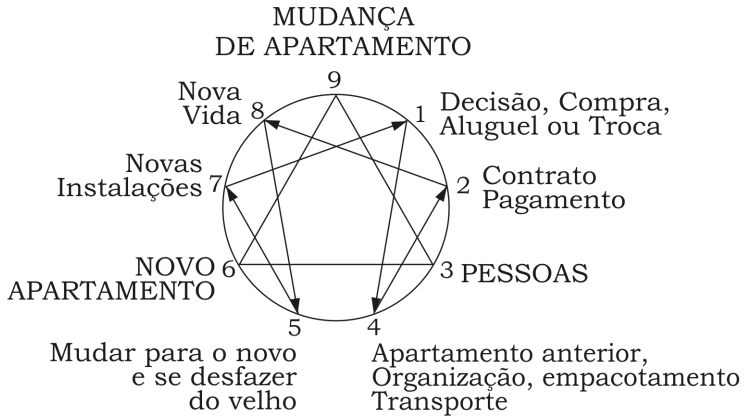
Precisamos ter um plano de emergência.

O que mais aprendi "eneagramando" minhas viagens foi a necessidade de ter, como em muitos outros casos, um *plano alternativo*, caso as coisas não corram como se esperava.

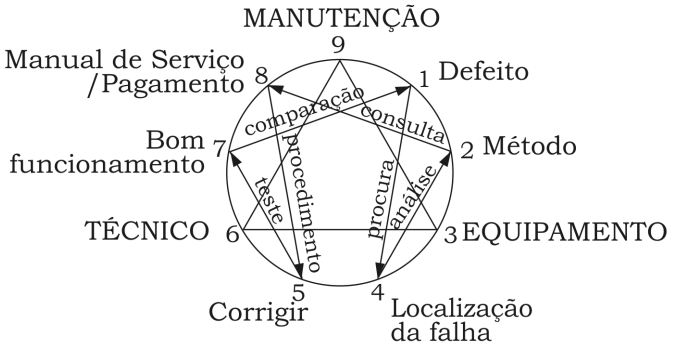


[1] Ver 346, Espectro Eletromagnético.

Mudança de Apartamento

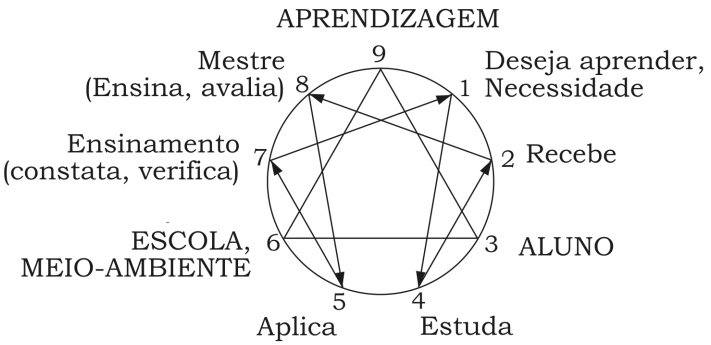


Manutenção de Equipamento



Uma vez constatado o defeito, é preciso verificar a constituição física ou estrutura do aparelho para localizar a falha e determinar, em função do *Manual de Serviço*, qual o método a adotar. Então a falha será corrigida (ou não). Este procedimento poderá ainda realimentar o Manual, e até mudar o conceito de "bom funcionamento", para casos futuros. O ponto 8 também é o ponto do *pagamento* do serviço, que pode ser a meta do fornecedor.

LEITURA E APRENDIZADO

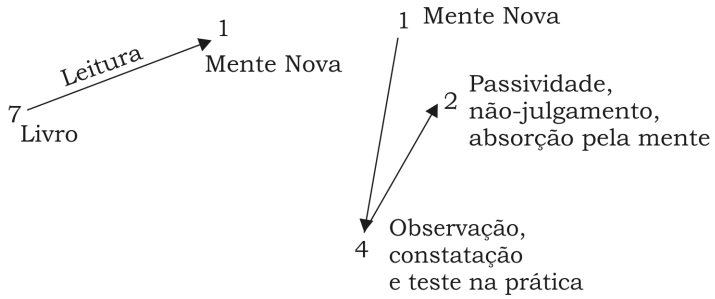


No ponto 1, o aluno precisa querer ou pedir o ensinamento; precisa ao menos constatar sua *necessidade* — é uma *tríade evolutiva*, ou seja, iniciada com a sagrada Negação. No 5 precisa aplicá-lo na vida (meio-ambiente), para a consolidação.

MENTE NOVA

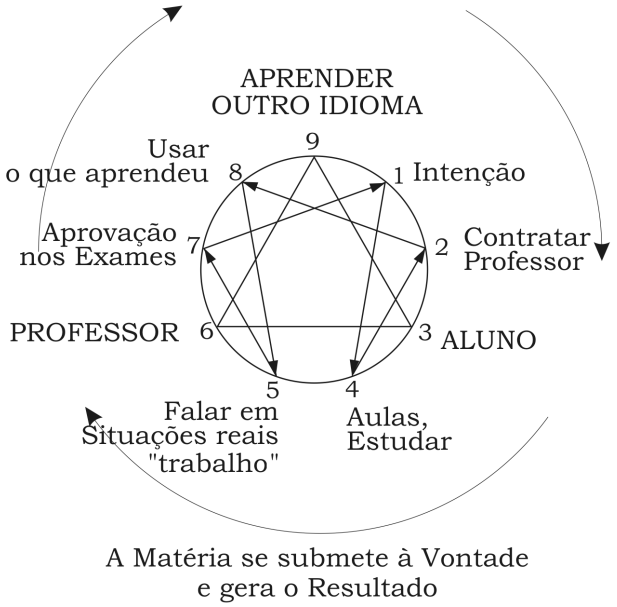
"Será possível para a mente humana,
desenvolvida através de 2 milhões de anos e escravizada
por certos hábitos (estrutura mental), num certo ritmo,
libertar-se de tudo isso e criar para si mesma
uma mentalidade diferente, uma nova maneira de ação?"[1]

É preciso esvaziar a taça para poder enchê-la.



[1] J. Krishnamurti (1895-1986), filósifo e educador indiano, *Uma nova maneira de agir.*

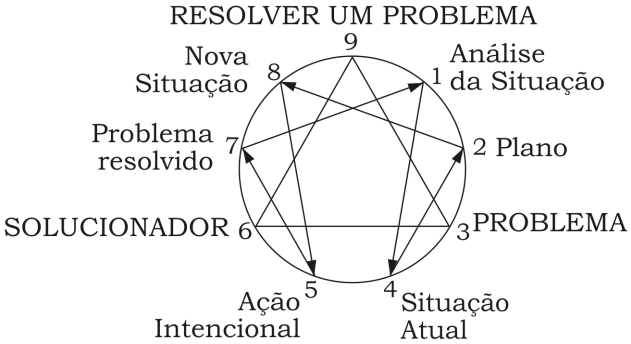
Aprender Outro Idioma



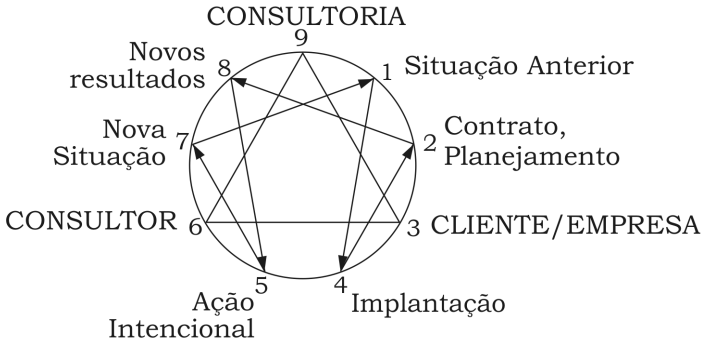
É importante usar a maneira certa de aprender um novo idioma, senão você pode estragar este talento em si.

Um idioma é uma habilidade instintivo-motora, portanto usamos o centro intelectual para ensinar o centro físico, e o emocional para motivá-lo. Um idioma é um meio para a comunicação, tanto quanto dirigir um carro é um meio para ir a algum lugar.

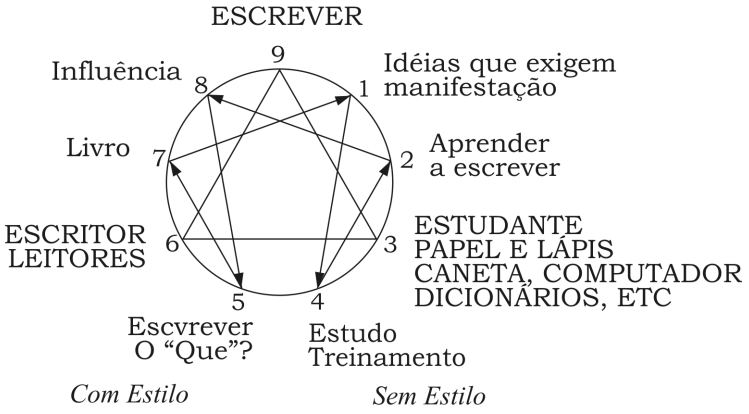
Resolver um Problema

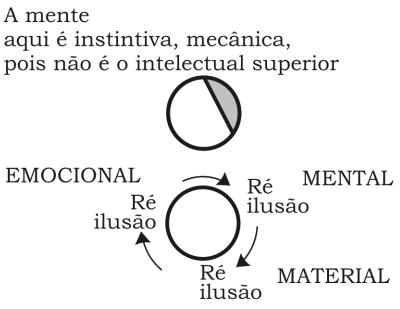


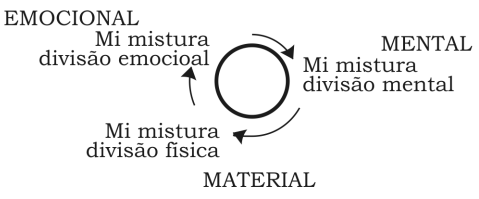
Consultoria

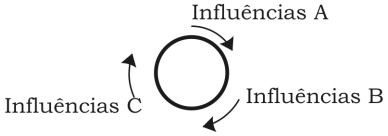


Escrever

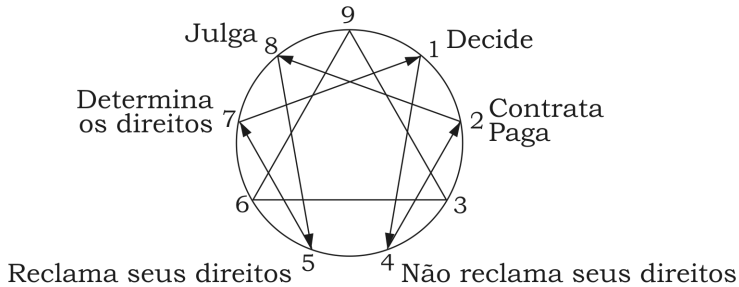








Direito e Leis



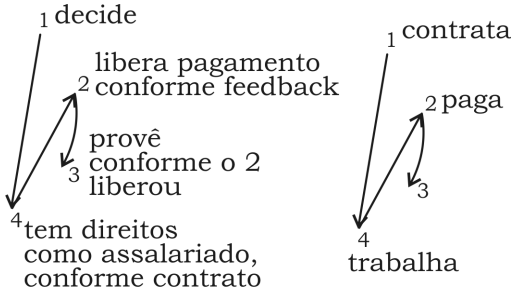
tem direitos
por méritos individuais

tem que mostrar serviço
e reivindicar seu pagamento

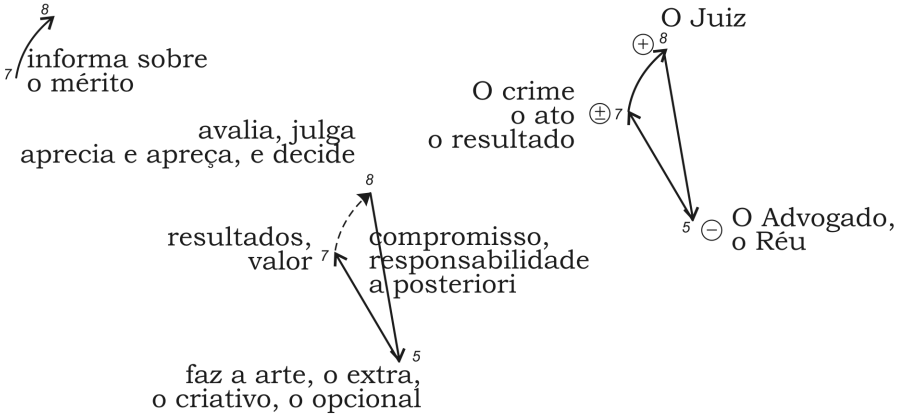
recebe tranquilamente
quando trabalha
assiduamente

às vezes recebe
mesmo que não trabalhe

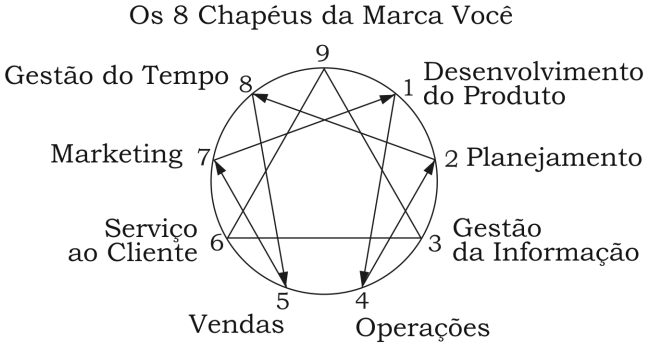
Lado Esquerdo: Preparação



Lado Direito: Realização



Os Oito Chapéus



Tom Peters[1], citando William Bridges[2], recomenda o uso de 8 chapéus:

- Marketing: persuasivo, bem apresentado, com clara estratégia para servir clientes;
- Desenvolvimento do Produto: não podemos nos dar ao luxo de nos tornarmos obsoletos; é necessário estar em constante atualização;
- Operações: a empresa deve funcionar tranquilamente; os compromissos mantidos; e excelentes relatórios produzidos;
- Serviço ao Cliente: servir aos clientes é a maior prioridade que existe;
- Vendas: fazer projetos UAU é um jogo de vendas;
- Gerência da Informação: sistema de formulários e rede de computador devem ser genuínas ferramentas estratégicas;
- Administração do Tempo: se a nossa alocação do tempo for focalizada, nós estaremos focalizados;
- Planejamento: quem sou eu, quais são meus valores. Preciso planejar cuidadosamente como entregar o meu projeto.

O ideal, na realização de um projeto, é que hajam pessoas diferentes, cada um em seu lugar, participando, trabalhando em harmonia[3]. Porém, se tivermos que fazer algo sozinhos, devemos nos conscientizar, a cada ponto, de qual personagem de nós mesmos estamos usando.

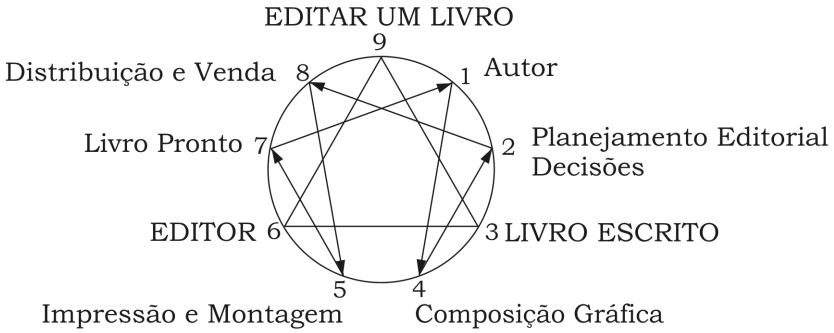
---

[1] Peters, *A Marca Você, p. 64.*
[2] Bridges, *Creating You & Co: Learn to think like the CEO of your own career:* Prepare to wear many different hats.
[3] Ver p. 334, Equipes.

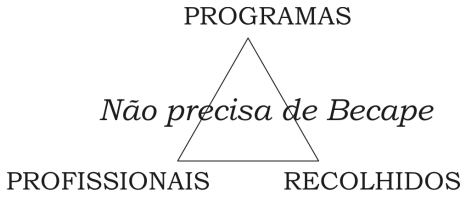
Usando meus próprios personagens, preparo a minha refeição — neste momento sou servo. Sento para comer, e neste momento sou rei. Depois retiro os pratos e os lavo — então sou de novo servo, mas também amigo, porque preparei o ambiente para mim mesmo, para meu próximo ciclo de escravo e de rei.

Cada personagem deve conhecer os demais e respeitá-los. Se "eu" planejei e "eu" devo executar o planejado, é bom que compreenda a necessidade da mudança de referencial. O caminho da unificação não é abolir as partes ou os personagens, mas fazê-los funcionarem juntos, num todo harmonioso.

Editar um Livro



Organização do meu HD



Que bagunça! Não acho mais nada nesse computador e não consigo tirar becape direito. De repente pergunto: para que me serve o eneagrama? Clique! É claro, por que não pensei nisso antes?

Desenhei um eneagrama numa enorme folha de papel. Não poderia fazê-lo no próprio computador, pois me identificaria. Há uma frase atribuída a David, que lutou com Golias[1]:

"Se você puder se manter a uma boa distância,
não importa o tamanho do inimigo."

[1] 1 Samuel 17.

Grande Tríade

Comecei definindo a Grande Tríade: Programas (9), Dados Brutos (3) e Dados Profissionais (6).

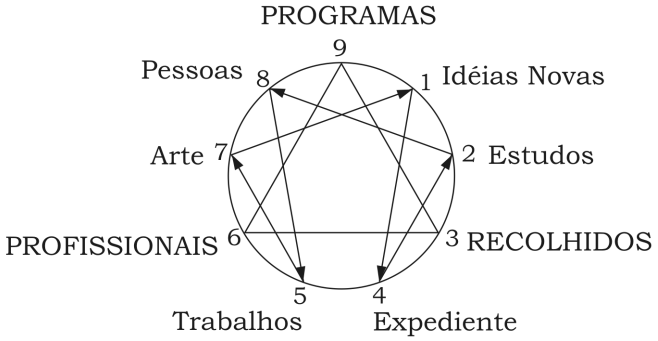
A) No ponto 9 (Função), ficam os Programas, que transformam tudo por lá.

B) No ponto 3 (Ser), estão as informações auxiliares a serem transformadas, os Dados Brutos não originados por mim, e sim resultado de pesquisa, baixados da Internet, escaneados ou copiados (textos, imagens, músicas, endereços de websites), que posso usar ou processar.

C) No ponto 6 (Vontade), estão as informações principais, que me influenciam e me transformam. Independente de sua origem, chamo – as de "Dados Profissionais". Embora também sejam dados externos, são completamente diferentes das informações auxiliares, por serem dados especiais ou processados que motivam minha vontade.

O espantoso é que o triângulo é fixo mesmo: a rigor, não preciso fazer becape do que está no triângulo, pois são coisas "não-minhas", que "estão sempre lá" e com certeza conseguirei obter de novo se perder.

Grandes Grupos



No 1 criei uma pasta para "Idéias Novas", onde entra tudo que invento, ainda não relacionado com nenhum trabalho organizado.

No 2 ficaram os trabalhos já definidos: todos os que já podem ter um título, projetos ou "Estudos".

No 4 entra tudo referente a apoio administrativo, o que preciso para a manutenção da vida: coisas de rotina, bancos, agendas, compras, impostos, correspondência e papéis profissionais, enfim a burocracia, que chamo de "Expediente".

O 5 recebe destaque, pois aí estão os "Trabalhos" em andamento, nos quais estou sempre mexendo. É o ponto de mais urgência em

temos de cópia de segurança, pois além de sua grande dinamicidade, se perdê-los perderei meu próprio trabalho, real e insubstituível

No 7 coloquei tudo produzido por mim relacionado a "Arte", mas apenas o que precisa estar à mão para uso em outros trabalhos ou o que gosto de ver ou ouvir.

Finalmente, no 8 ficou meu relacionamento com "Pessoas", o emocional prático: amigos, parentes, e-mails, cartas, trabalhos que faço para outros, etc.

NA VIDA

Essa organização foi espantosamente simples e praticamente mudou minha vida, facilitando-me o acesso imediato aos arquivos e dando-me, paralelamente, uma visão mais organizada de mim mesmo.

É impressionante a diferença entre estar trabalhando sobre um padrão inteligentemente estudado, ao invés do caos anterior que era o meu HD. Ao mesmo tempo, manter essa estrutura significa estar consciente cada vez que gravo um arquivo, para colocá-lo no lugar certo e nunca ao acaso.

Lembrei meus *lemas* principais:

- Fazer uma coisa de cada vez.
- Tudo que fizer, fazer bem feito. "Se não tem tempo para fazer bem agora, terá depois para fazer de novo?"[1]
- O ótimo é inimigo do bom.

Não foi difícil organizar meu HD desta maneira porque já havia tentado antes fazer certas organizações, sempre tentando sempre *separar* :

- O que é meu do que não é meu.
- O vivo do morto. Arquivos ou coisas de uso corrente, separados dos que são guardados por muito tempo sem mexer — se possível "enterrando" os mortos em CD, fora do computador.
- O perto do longe. Só deve ocupar espaço perto de mim o que estiver sendo usado no momento.

[1] Edward Yourdon, em *Modern Structured Analysis*.

Bom, em termos de conhecimento do eneagrama, o que ganhei com isso? Aprendi que:

- Quanto mais emprego a tecnologia do eneagrama na minha vida diária, mais fácil fica tudo e posso viver e produzir mais e melhor;
- Para dividir tem que haver uma técnica. Não adianta dividir de qualquer jeito. Se fosse apenas dividir em 9 partes estaria usando um simples eneágono. É preciso departamentalizar com lógica "eneagramática".
- Realmente, a maior parte do nosso tempo é gasto entre o 4 e o 5, e o 4 nunca deve ser negligenciado pelo 5 (minha tendência).

BECAPE

Antes tinha meus becapes misturados, com duplicatas e lacunas e certa vez um vírus "comeu" grande parte deste livro. Agora bastam 6 discos ou caixas, sem perigo, para as 6 pastas da héxade. Se quiser, uso mais três e guardo cópia do triângulo, mas isso não é imprescindível nem urgente.

QUÍMICA

Algo similar ao problema do HD, de classificar um grande número de itens, também ocorre na Química.

Quando um grande número de elementos se tornaram conhecidos, ficou difícil trabalhar com eles, porque não havia lógica na maneira de classificá-los. Dobreiner, um químico alemão, notou que alguns elementos eram agrupados por Tríades, e o inglês Newlands descobriu colunas de 7 elementos pelo peso atômico, ao que chamou Lei da Oitava. Os cientistas acharam que isso era simples coincidência.

Subsequentemente, o russo Mendeleyev abordou a classificação pela valência e construiu uma tabela que mostrava claramente as famílias químicas periódicas, em grupos de 1 a 8. Para ser coerente, foi forçado a deixar lacunas na tabela, afirmando que representavam elementos ainda não descobertos. Foi capaz de prever as propriedades de alguns desses elementos, e mais tarde suas previsões foram confirmadas.

"Embora essa classificação não corresponda absolutamente à realidade, ainda assim, de acordo com seus pesos atômicos, é possível estabelecer aproximadamente a classificação que então foi feita por aqueles grandes seres sábios terrestres da futura China." [1]

A Tabela Periódica dos Elementos é a mais bela prova de que as leis fundamentais funcionam em tudo e em todas as coisas, e que seu conhecimento torna mais fácil a compreensão do mundo. Os cientistas fariam melhor em procurar por tais coincidências e aceitar a interdisciplinaridade das leis cósmicas fundamentais, às quais são conectados todos os padrões particulares.

Este é apenas um estudo especulativo sobre a Tabela Periódica colocada no eneagrama, mais exercício do que proposição. O próprio nome "periódica" provém da observação de Mendeleyev de uma recorrência cíclica conforme os pesos atômicos. Há ciclos de nove, intervalos e oitavas dentro de oitavas. Quem se interesse nessa pesquisa deve estudar outras disposições gráficas da tabela por diversos autores.

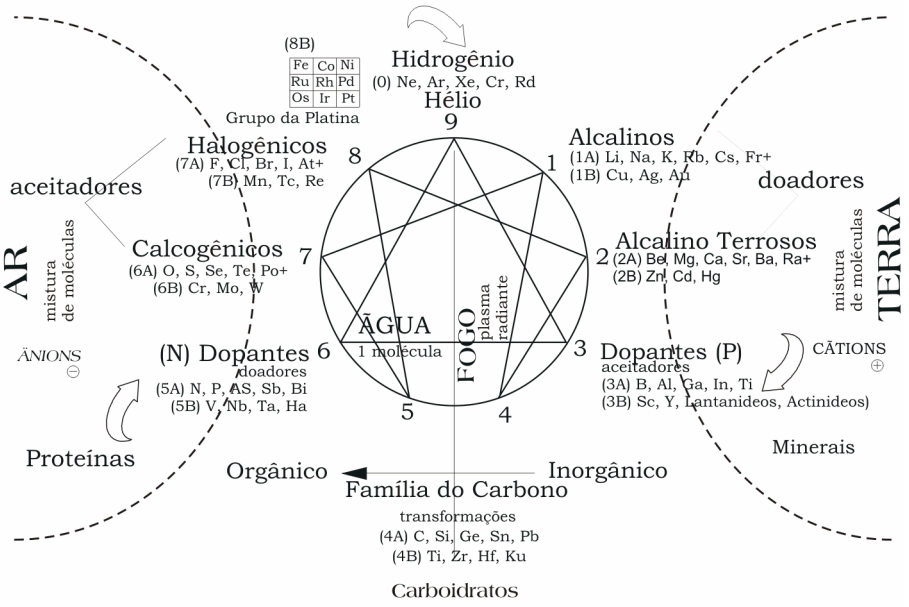
TABELA PERIÓDICA DOS ELEMENTOS
Massas atômicas relativas ao isótopo do Carbono 12

	1A												3A	4A	5A	6A	7A	0
①	1 H	2A																2 He
②	3 Li	4 Be											5 B	6 C	7 N	8 O	9 F	10 Ne
③	11 Na	12 Mg	ELEMENTOS DE TRANSIÇÃO										13 Al	14 Si	15 P	16 S	17 Cl	18 Ar
			3B	4B	5B	6B	7B	8B			1B	2B						
④	19 K	20 Ca	21 Sc	22 Ti	23 V	24 Cr	25 Mn	26 Fe	27 Co	28 Ni	29 Cu	30 Zn	31 Ga	32 Ge	33 As	34 Se	35 Br	36 Kr
⑤	37 Rb	38 Sr	39 Y	40 Zr	41 Nb	42 Mo	43 Tc	44 Ru	45 Rh	46 Pd	47 Ag	48 Cd	49 In	50 Sn	51 Sb	52 Te	53 I	54 Xe
⑥	55 Cs	56 Ba	57-71 ✻	72 Hf	73 Ta	74 W	75 Re	76 Os	77 Ir	78 Pt	79 Au	80 Hg	81 Tl	82 Pb	83 Bi	84 Po	85 At	86 Rn
⑦	87 Fr	88 Ra	89-103 ✻	104 Rf	105 Db	106 Sg	107 Bh	108 Hs	109 Mt	110 Uun	111 Uuu	112 Uub						

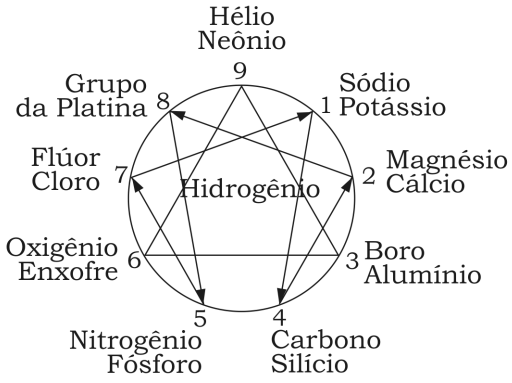
Número Atómico SÍMBOLO	57 La	58 Ce	59 Pr	60 Nd	61 Pm	62 Sm	63 Eu	64 Gd	65 Tb	66 Dy	67 Ho	68 Er	69 Tm	70 Yb	71 Lu
	89 Ac	90 Th	91 Pa	92 U	93 Np	94 Pu	95 Am	96 Cm	97 Bk	98 Cf	99 Es	100 Fm	101 Md	102 No	104 Lr

Podemos usar simplificações para incrementar o nosso estudo, como um esquema da Tabela Periódica associada ao Tetragramaton (3 e 4), ou um eneagrama simplificado.

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, p. 35 (sobre Mendeleyev).

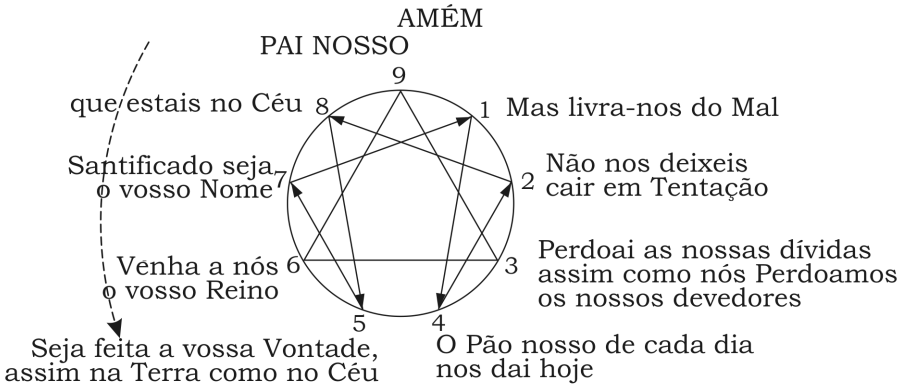


Abaixo está um eneagrama de 8 pares e um grupo, que parece ser interessante estudar.



O Homem, a Vida e o Caminho

A Oração do Senhor



A oração Pai Nosso apresenta um eneagrama descendente[1], semelhante ao Raio da Criação. Neste caso, no ponto 5 a *Vontade* que se faz é a do Criador. No ponto 4 *precisamos pedir* o pão de *cada dia*, pois é a necessidade diária de alimento que mantém o sistema de Manutenção Recíproca em *constante e disciplinado* funcionamento — por exemplo, não podemos comer em um único dia todo o pão do mês; isso deve ser feito passo a passo. Por outro lado, o 4 é evidentemente um lugar de exercícios, adequado para a conotação de "pão de cada dia" como "trabalho consciente e sofrimento intencional"[2].

"Nós não trabalhamos e suamos sempre pelo nosso pão de cada dia?"[3]

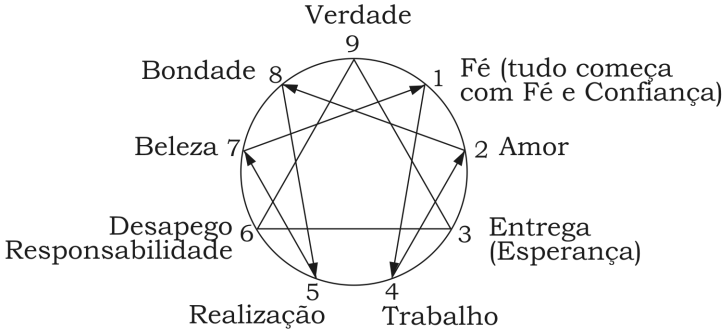
---

[1] Bennett, *O Eneagrama, p.* p. 132. Bennett apresenta expõe esta oração no sentido ascendente dos ponteiros do relógio. É o mesmo, apenas representado em outra convenção.

[2] Ver p. 113, Partkdolg-duty.

[3] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, p. 396.

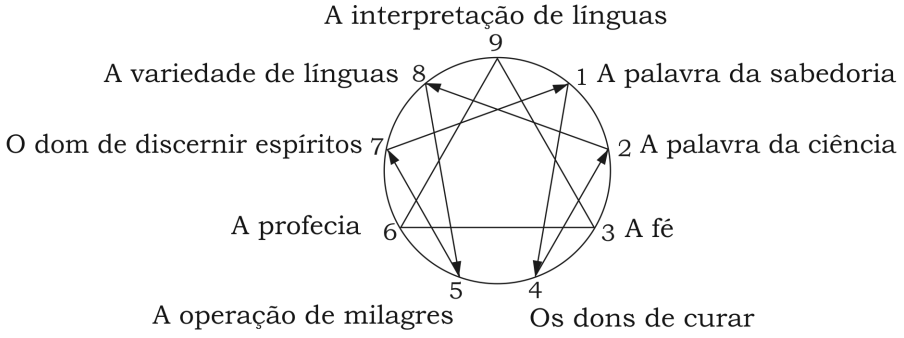
Os Mistérios da Bíblia



"A Fé vem de ouvir a mensagem,
e a mensagem é ouvida através da palavra de Cristo."[1]

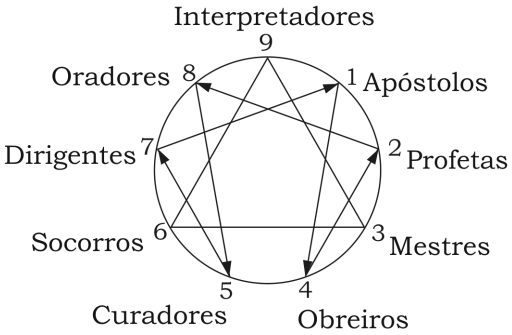
"Pois eu sei os planos que tenho para você,
planos para desenvolvê-lo, e não para prejudicá-lo,
planos para lhe dar esperança e um futuro." [2]

Os Nove Dons do Espírito



[1] Romanos 10: 17.
[2] Jeremias 29: 11.

"A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito
para o proveito comum.
Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria;
a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência;
a outro, pelo mesmo Espírito, a fé;
a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar;
a outro a operação de milagres; a outro a profecia;
a outro o dom de discernir espíritos;
a outro a variedade de línguas;
e a outro a interpretação de línguas." [1]



"E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos,
em segundo lugar profetas, em terceiro mestres,
depois operadores de milagres, depois dons de curar,
socorros, governos, variedades de línguas." [2]

Parece ter havido uma mudança entre o 4 e o 5 nessas duas citações, ambas de I Coríntios 12 (7-0 e 28), especialmente entre Curadores e Operadores de Milagres. Não sabemos se isso foi uma inexatitude intencional na Bíblia, erro de tradução ou algo sem algum significado mais profundo. Apresentamos isso aqui porque nos faz pensar a respeito, querendo saber o que significa. No entanto, Operadores tem mais afinidade com o 4 e Operação tem mais afinidade com o 5.

"...o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros do corpo,
embora muitos, formam um só corpo." [3]

Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, distribuindo particularmente a cada um como quer.

---

[1] I Coríntios 12: 7-10.
[2] I Coríntios 12: 28.
[3] I Coríntios 12: 11-12.

A primeira seqüência (7-10) se ajusta melhor ao eneagrama, e essas "partes do corpo" também podem ser interpretadas como nossos "muitos eus" e personagens.

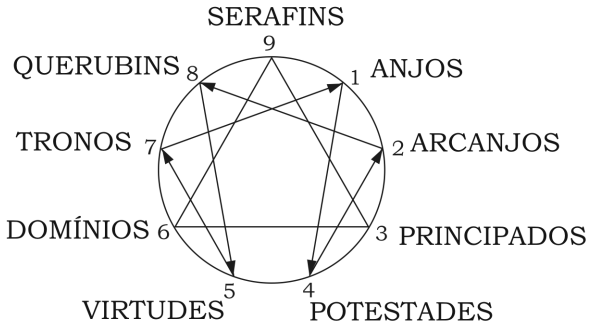
No entanto, os evangelhos nos dão uma indicação para a unificação:

"Mas procurai com zelo os maiores dons.
Ademais, eu vos mostrarei um caminho sobremodo excelente."[1]

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos,
e não tivesse amor, seria como o metal que soa
ou como o címbalo que retine.
E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos
os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé,
de maneira tal que transportasse os montes,
e não tivesse amor, nada seria.
E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento
dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado,
e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria." [2]

As Nove Ordens de Anjos

Os nove graus ou ordens de anjos correspondem às ordens das esferas planetárias de influências. Do Velho Testamento, temos os Querubins e Serafins — que acreditamos serem criaturas aladas que guardam o trono de Deus, e do Novo Testamento temos os Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos.



[1] I Coríntios 12: 31.
[2] I Coríntios 13: 1-3.

Anjos de Pura Contemplação, que governam Toda a Criação: Serafins, Querubins e Tronos.

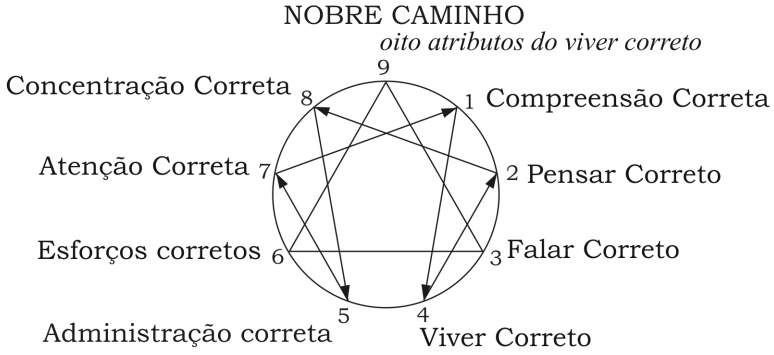
Anjos dos Cosmos, que governam todo o Cosmo: Domínios, Potestades e Virtudes.

Anjos do Mundo, que governam todo o Mundo: Principados, Arcanjos e Anjos.

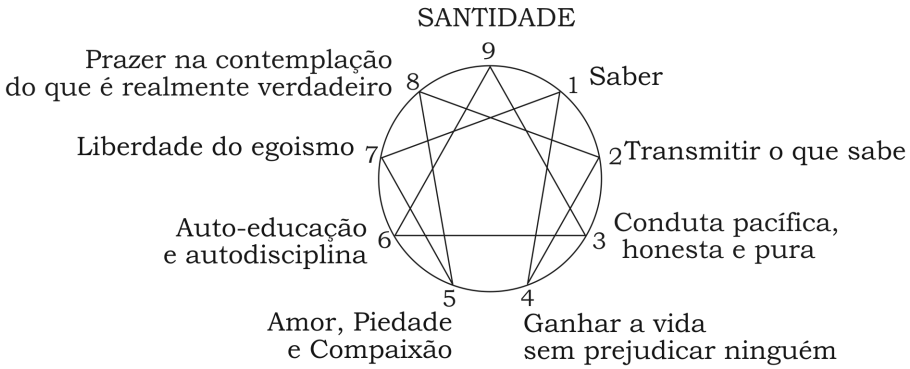
O Nobre Caminho de Buda

Buda esforçou-se para encontrar um caminho que libertasse os humanos da miséria e os conduzisse a um estado de maior espiritualidade.[1]

O nobre caminho coincide com os oito fatores ou oito atributos do viver correto, que se seguem:



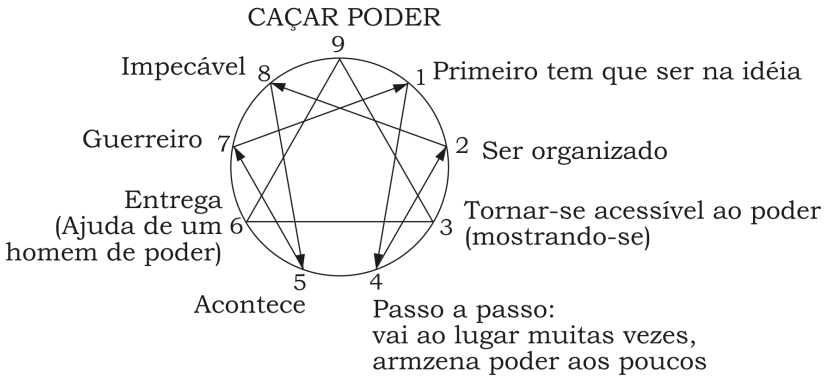
[1] Max Eastman, em *A Paz Interior,* Reader's Digest, *Grandes Vidas*, p. 175.


SANTIDADE
9
Prazer na contemplação
do que é realmente verdadeiro
8
1
Saber
Liberdade do egoismo
7
2
Transmitir o que sabe
Auto-educação
e autodisciplina
6
3
Conduta pacífica,
honesta e pura
5
4
Amor, Piedade
e Compaixão
Ganhar a vida
sem prejudicar ninguém

VIAGEM A IXTLAN

"O caçador deixa muito pouco para o acaso."[1]

Castañeda ensina um Caminho para se tornar um "homem de poder".



"Os caminhos são diferentes, mas todos devem levar a "Filadélfia";
é a meta fundamental de todas as religiões.
Entretanto, cada uma chega lá por um itinerário particular.
Uma preparação especial é necessária.
Todas as nossas funções deverão estar coordenadas
e todas as nossas partes desenvolvidas.
Depois de "Filadélfia", o caminho é um." [2]

I CHING

Antigo livro de sabedoria e oráculo da China pré-dinástica, o I Ching usa toda uma lógica simbólica a partir de duas figuras lineares — *linhas inteiras* e *linhas interrompidas,* Yang e Yin, antigamente significando *sim* e *não*. A seguir foram combinadas em tríades, surgindo assim 8 *trigramas* (2^3=8). Esses trigramas eram imagens de tudo que há no céu e na terra. Posteriormente foram também combinados em pares, num total de 64 *hexagramas*.

---

[1] Castañeda, *Viagem a Ixtlan*, p. 159.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 190. Ver tb. p 172, Labirinto.

Isso tem muito a ver com as 6 *tríades* fundamentais, compostas de 3 forças essenciais e 3 forças e existenciais. Como nas tríades, a ordem seqüencial das linhas é decisiva: Terra, Homem e Céu.

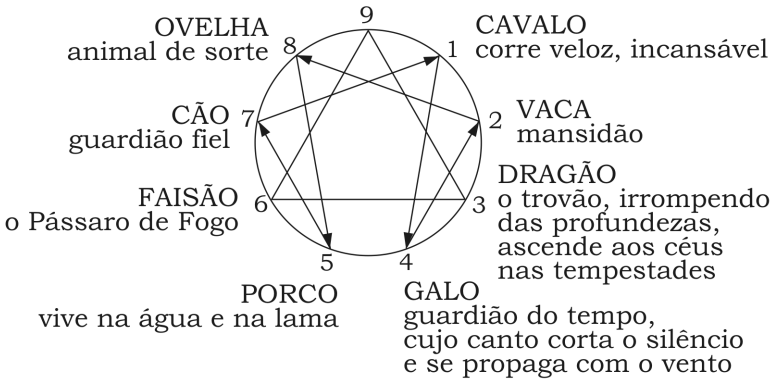
PARES E TRIGRAMAS

Para analisar o I Ching, usamos os pares[1]:

- *Céu e Terra (determina a direção)*
- *Montanha e Lago (unem suas forças)*
- *Trovão e Vento (estimulam um ao outro)*
- *Água e Fogo (não combatem um ao outro)*

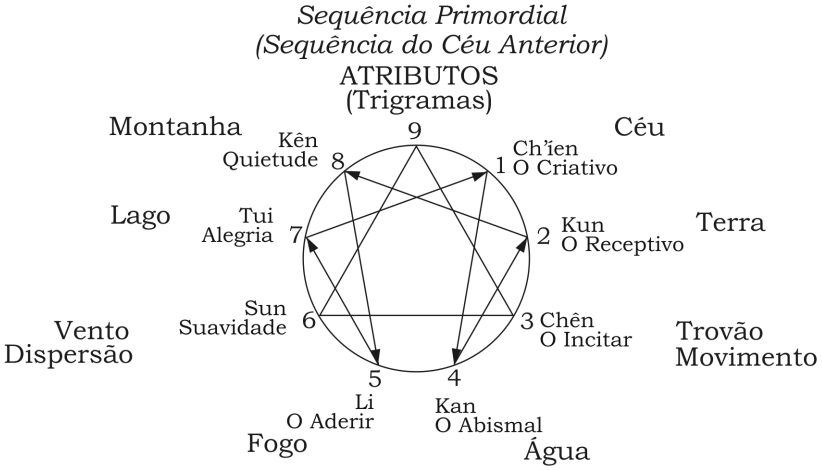
Aqui, vemos no eneagrama os animais simbólicos correspondentes a esses atributos.

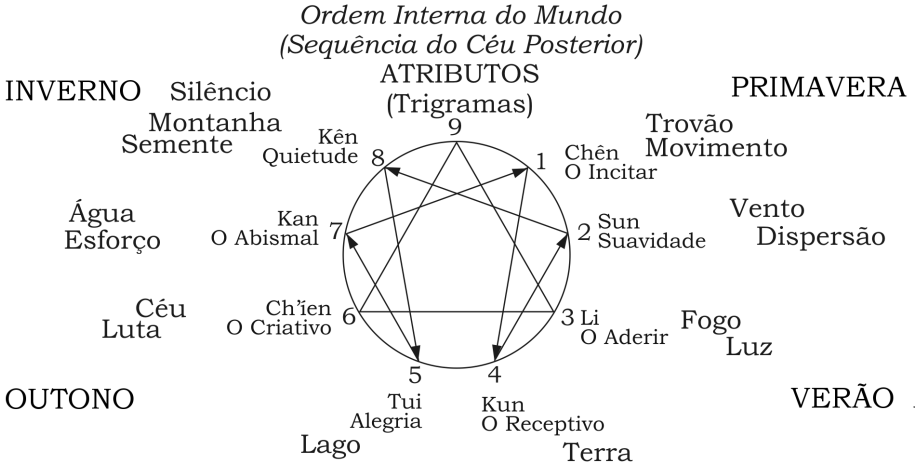
ANIMAIS SIMBÓLICOS



[1] Wilhelm, *I Ching*, p. 205.

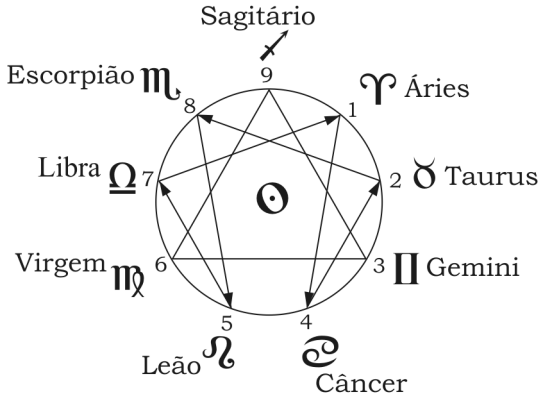
A seguir temos os oito *atributos* ou trigramas básicos do I Ching colocados no eneagrama de duas maneiras, de acordo com as seqüências básicas, a "Seqüência do Céu Anterior" ou Seqüência de Primal — Mundo do Pensamento — e a "Seqüência do Céu Posterior" ou Mundo Interno — Mundo dos Sentidos, Seqüência do Tempo.





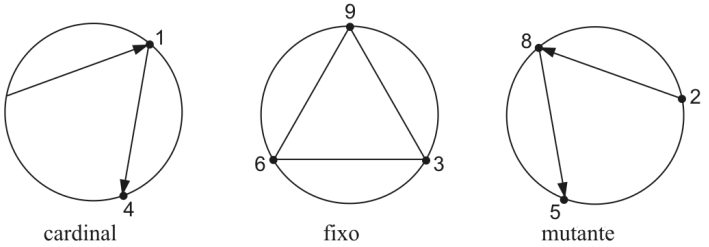
Zodíaco

Aparentemente, não há como que ligar o eneagrama, um sistema baseado em 9, com o Zodíaco, de base 12. A principal razão de minha tentativa é ter encontrado muito em comum no significado dos nove primeiros signos do zodíaco e a qualidade dos pontos do eneagrama.



A relação matemática entre 9 e 12, é que 9=3x3 (3 tríades) e o 12=3x4 (4 tríades). A relação entre 3 e 4 é encontrada no Tetragramaton: Yod-Hé-Vau-Hé, cuja quarta letra representa um novo ciclo — uma fórmula para harmonizar o eneagrama com o zodíaco.

Na astrologia, os 12 signos formam quatro tríades, ocupando casas de três em três, com posições ditas *cardinal*, *fixa* e *mutante*, que coincidem bem com a interpretação que temos feito do eneagrama:

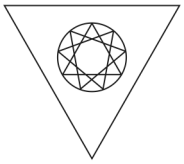


Se colocar nos as 3 primeiras Tríades no eneagrama, resta a resolver o problema dos três últimos signos. Há certa coerência no posicionamento dos signos 10, 11 e 13 sobre os números 1, 2 e 3,

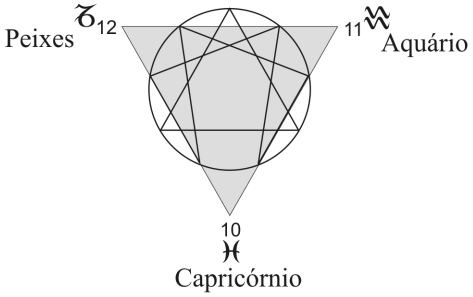
num nível mais alto. No entanto, em minhas observações práticas esse posicionamento não se confirmou plenamente.

A harmonização do 9 com o 12 geralmente se refere ao 9 como parte do 12. Encontramos isso, por exemplo, na arquitetura, nas 12 colunas da fachada do Grand Théâtre de Bordeaux. Essas colunas têm 12 estátuas, representando as 9 musas (Poesia Épica, História, Poesia de Amor, Música, Tragédia, Poesia Sagrada, Dança, Comédia e Astronomia) e as 3 deusas rainhas (Juno-Hera *poder*, Vênus-Afrodite *amor* e Minerva-Atenas *sabedoria*).

Na Ordem Mística Rosacruz aparece o símbolo do triângulo com um eneágono estrelado no interior, ressaltando a composição de 12 como 9+3.



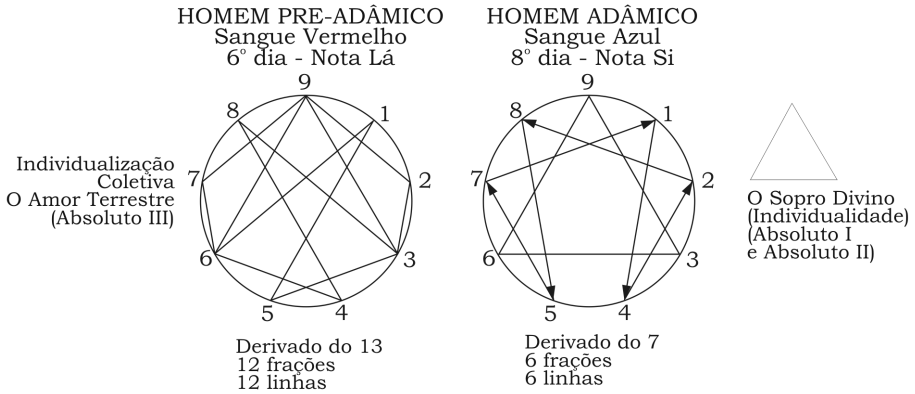
Considerando que foi dito acima, a correspondência entre os signos e as posições no eneagrama, proponho associarmos os 3 últimos signos com o triângulo externo formador da héxade, com o seguinte desenho:



HOMEM PRÉ-ADÂMICO

Mouravieff[1] fala do homem pré-adâmico, cujo eneagrama não tem o triângulo e se baseia no número 13.

Considera a coexistência de duas raças diferentes no planeta (Mixtus Orbis), aludindo à Bíblia, especialmente em Gênesis 1 e 2.

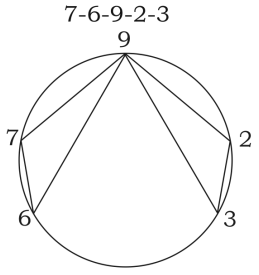


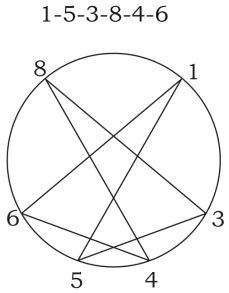
Da divisão da unidade por 13, temos dois tipos de fração decimal: x = 0,76923 e Y = 0,153846...

Essas são duas dízimas periódicas que formam seqüências ou figuras independentes (uma é o dobro da outra):

0,76923 e 0,153846...

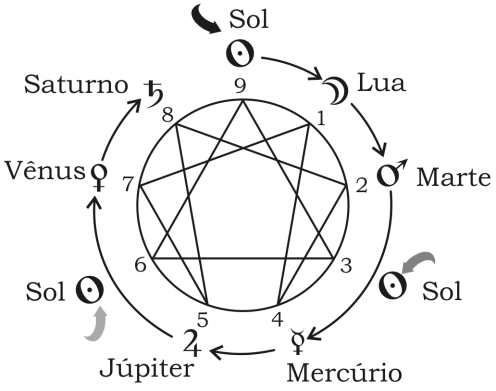
1/13 = 0,076923...
2/13 = 0,153846...
3/13 = 0,230769...
4/13 = 0,307692...
5/13 = 0,384615...
6/13 = 0,461538...
7/13 = 0,538461...
8/13 = 0,615384...
9/13 = 0,692307...
10/13 = 0,769230...
11/13 = 0,846153...
12/13 = 0,923076...





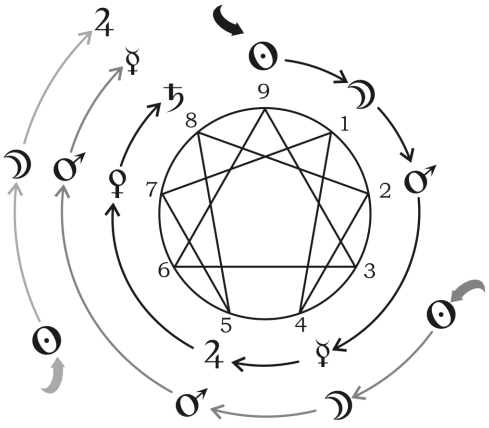
[1] Mouravieff, *Gnôsis*, vol. III, pp. 133-141.

O Grande Setenário



Segundo Ouspensky[1] e Mouravieff[2], os 7 planetas clássicos são colocados na héxade, com o Sol no triângulo, correspondendo ao Dó. Conforme o significado tradicionalmente atribuído aos planetas, toda essa simbologia se estende aos dias da semana. Simplificadamente, consideramos o Sol como fonte da vida, Lua imaginação, Marte decisão, Mercúrio comunicação, Júpiter expansão, Vênus beleza e Saturno restrição.

Mouravieff aponta para a necessidade de considerar as 3 oitavas:

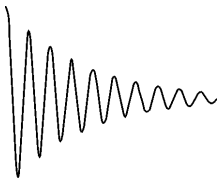


[1] Ouspensky, Fragmentos, p. 427.
[2] Mouravieff, *Gnôsis*, vol. III, p. 152.

Dias da Semana

Quando se coloca qualquer conjunto de 7 no eneagrama, o triângulo corresponde ao Dó. Um dos melhores exemplos disso é a semana. A semana de 7 dias já vinha desde a Babilônia, fato confirmado por Gurdjieff quando fala das artes associadas aos dias da semana.[1]

A Bíblia começa com uma semana de sete dias, sendo o último o dia em que Deus descansou. É uma divisão muito prática do tempo. Nota-se no eneagrama a importância de respeitar o domingo, que corresponde aos três Dós, ou três choques, e dá colorido e força à semana inteira. É mesmo um ciclo orgânico: exatamente aquilo que precisamos para descansar.



Depois temos os intervalos: entre terça e quarta e entre a quinta e sexta. Como não há continuidade natural nos intervalos, precisamos estar constantemente injetando força aí para não perder o ritmo, que normalmente tende a amortecer.

Os dias da semana na héxade também implicam no conceito do presente influenciando o futuro e o passado. Por exemplo, sábado influencia a terça-feira próxima e a passada. Este é um bom exercício: observar em nossa vida, para ver se há confirmação.

Dois Começos – Zero e Um

Uma das perguntas que nos fazemos a respeito da semana é em que dia ela começa. É fácil ver, pelo eneagrama, que "tudo tem dois

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, p. 54.

começos": o zero e o 1. Na semana, são o domingo e a segunda-feira. Achamos que a nossa vida começa no dia em que nascemos, porém ela começou nove meses antes, no momento da concepção.

No eneagrama, o ponto 1 corresponde ao Ré, que é a segunda nota e em português esse dia é chamado de "segunda-feira". Na maioria dos idiomas, é chamado "Dia da Lua". O Domingo, "Dies Solis", pode ser considerado o primeiro dia da semana, como o zero, mas o primeiro dia útil é a segunda-feira.

	Planetas	Latim
Dó	Sol	Dies Solis
Ré	Lua	Dies Lunae
Mi	Marte	Dies Martis
Fá	Mercúrio	Dies Mercurius
Sol	Júpiter	Dies Jovis
Lá	Vênus	Dies Veneris
Si	Saturno	Dies Saturni

Nas línguas mais conhecidas, há uma clara ligação entre os nomes dos planetas e os dos dias da semana:

	Francês	Espanhol	Italiano	Português	Inglês	Alemão
Dó	Dimanche	Domingo	Domenica	Domingo	Sunday	Sonntag
Ré	Lundi	Lunes	Lunedì	Segunda-feira	Monday	Montag
Mi	Mardi	Martes	Martedì	Terça-feira	Tuesday	Dienstag
Fá	Mercredi	Miércoles	Mercoledì	Quarta-feira	Wednesday	Mittwoch
Sol	Jeudi	Jueves	Giovedì	Quinta-feira	Friday	Donnerstag
Lá	Vendredi	Viernes	Venerdì	Sexta-feira	Thursday	Freitag
Si	Samedi	Sábado	Sabato	Sábado	Saturday	Samstag

Aplicação do Setenário

As religiões costumam ter uma liturgia especial para cada dia da semana. Na vida comum, também é útil distribuir nossas atividades na semana conforme os dias, não apenas pelo planeta relacionado ao dia, como pela função dos centros de gravidade e dos *stopinders* no eneagrama.

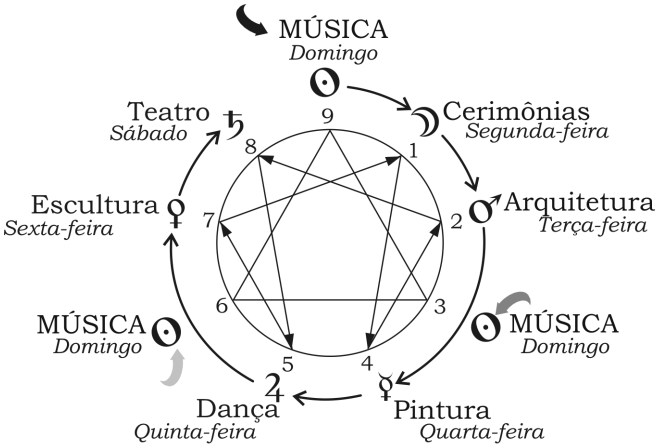
Assim, usando esse esquema mais como orientação que como limitação, pode-se atribuir determinadas atividades a determinados dias. Na prática, a semana começa na segunda-feira, quando verificamos a agenda e marcamos compromissos externos (1-4), de preferência de quarta-feira em diante. Reservamos segunda e terça para atividades intelectuais. Sendo segunda-feira o dia da Lua, pensamos no dia-a-dia e nos dedicamos a coisas que não gostamos

de fazer. Se toda segunda-feira fizermos uma coisa que não gostamos ou que estávamos adiando, nos sentiremos melhor o resto durante semana (tríade evolutiva). Terça-feira será usada para ação mental. A quarta-feira reservamos para assuntos externos, burocracia ou manutenção da vida comum. É bom para cursos e reuniões de rotina.

Quinta-feira é dia de "fazer" — um dia que parece sempre produtivo, principalmente se cumprimos bem os anteriores. Sexta-feira, dia de Vênus, procuramos terminar alguma coisa, fazer coisas que aparecem ou relacionadas a limpeza, arte e beleza. Sábado é bom para trocas, relações sociais, palestras e espetáculos. O domingo deve ser especial para cada um, pois influencia toda a semana.

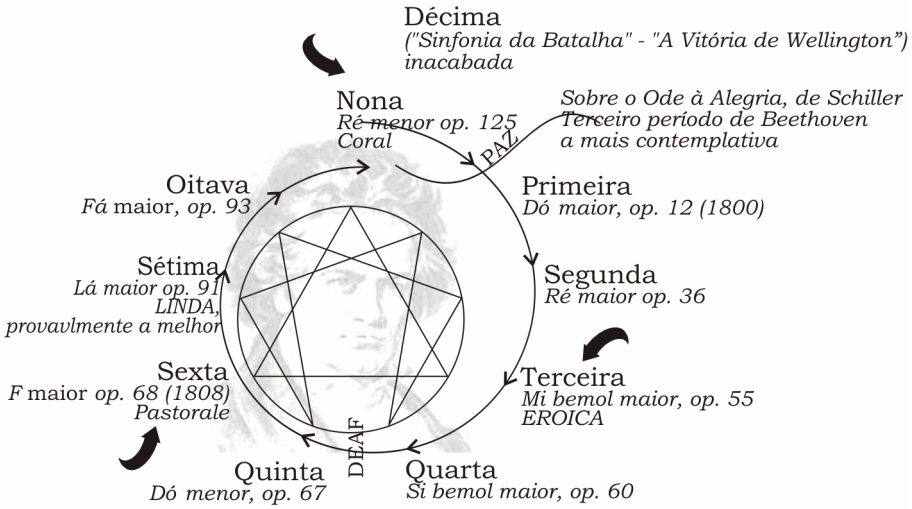
ARTES

Gurdjieff conta[1] sobre uma reunião dos sábios de todo o mundo em Babilônia, para a preparação de legominismos[2], em que atribuíram uma arte a cada dia da semana. É interessante notar a importância que se dava à Música, atribuída ao domingo.

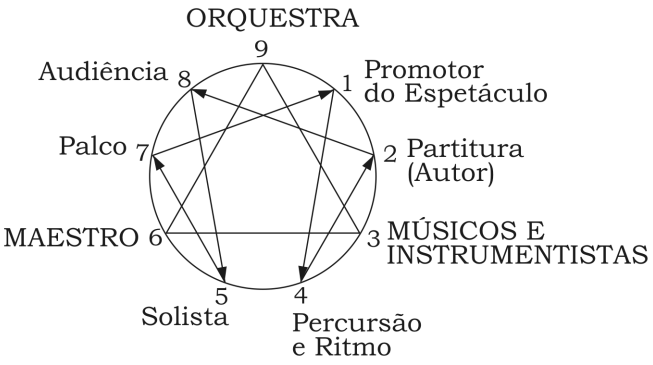


[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III, p. 54.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II p. 46.

Sinfonias de Beethoven



Orquestra



Há apenas um maestro para toda a orquestra, um general para toda a tropa. Isso significa que poucos "chegam lá". Que para um Sol brilhar no firmamento, muitos planetas, satélites, cometas e asteróides são precisos. Ainda assim, há maestros e maestros...

Ser Alguém, Fazer um Nome

Há maestros no 5, maestros no 7 e maestros no 8 (aprendiz de maestro, maestro e maestro mestre).

Para que *um* maestro esteja hoje regendo uma orquestra, muitos operários, durante muito tempo, construíram o teatro (inclusive foi preciso *um* arquiteto); muitos operários se dedicaram à fabricação dos instrumentos, outros à pavimentação das ruas por onde ele anda, à confecção das roupas, à impressão das partituras (inclusive *um* autor compôs a música); muitos administram o teatro e a orquestra; muitos músicos estudaram e treinaram (a maioria com dedicação total), e um grande público veio assistir e pagou pelo espetáculo, que, como vemos, não é composto apenas do que aparece no momento.

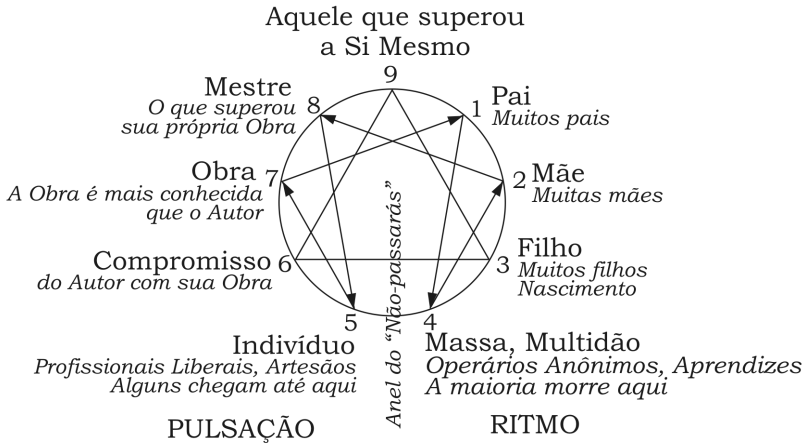
Em termos da massa, podemos dizer que vai havendo um refinamento do 1 ao 9, e a cada ponto a malha da peneira é mais fina.

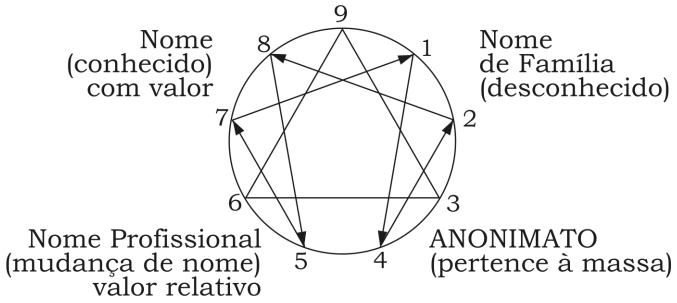
Existem muitas mães e muitos pais (1-2), muitas idéias e contra-idéias borboleteando pelas mentes — a maioria esmagadora delas jamais irá se realizar. Existem muitos filhos (3), muita gente nascendo, muitas idéias descendo da mente para o plano fisico — por isso o 4 é um ponto muito povoado, materialmente povoado. O 4 é essencialmente o ponto do coletivo, da massa mecânica, escrava e anônima. E a maioria dos indivíduos dessa massa, não passa daí. Morre no 4, sem nome e sem individualidade, sem se dar conta da própria existência.

Uma orquestra, portanto, é muitíssimo mais do que se pensa e para que um maestro brilhe, o conjunto de condições favoráveis que precisam estar presentes é muitíssimo maior do que se imagina. Há uma multidão de anônimos dedicados, eficientes e coordenados, um enorme trabalho harmonioso de massa, para que, numa certa noite, um certo maestro brilhe.

Assim é a natureza. Assim a natureza se eleva a si própria, elevando um por um, de cada vez.

Mas cada vez que um evento desses se realiza, todos os envolvidos no processo crescem. Embora apenas o Sol brilhe agora com brilho próprio, esse brilho se estende a todos ao seu redor, no presente, no passado e no futuro, a todos envolvidos na trama da realização desse brilho, a todos os encarregados dos trabalhos de apoio e manutenção.





No eneagrama, podemos dizer que o 1 empurra os que estão à sua frente, e o 5, quando tem consciência, puxa os que estão atrás. Poucos passam do 4 para o 5: são os que saem do anonimato e conquistam um nome por si mesmos.

No entanto, que significa "sair do anonimato"? Por quanto tempo alguém no 5 pode manter-se conhecido? Em que âmbito e por quantos será conhecido?

Existem muitas pessoas que em breve terão seu nome totalmente engolido pelas areias do tempo. O brilho do 5, por si só, é um brilho instantâneo, e geralmente efêmero.

Ritmo e Pulsação

"A taquicardia pode ser imprescindível para transmitir uma emoção.
Bach jamais escreveu indicações de andamento,
por achar que cada intérprete deveria intuir o tempo correto".[1]

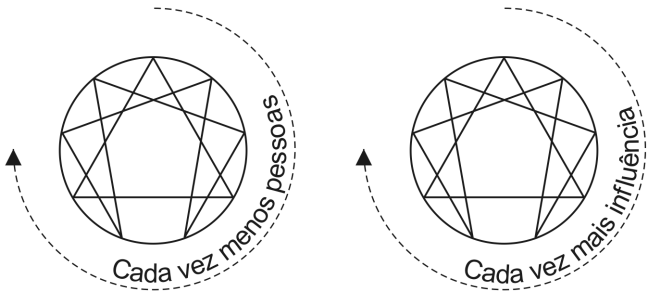
A diferença entre *ritmo* e *pulsação* é fundamental. O ritmo (4) é mecânico como a respiração — natural e tão necessário como o chão em que você pisa, como todos os dias da sua vida para você viver. A pulsação (5) é humana, como o coração — falha, às vezes, para expressar a emoção. No 5, a emoção vem do próprio 8 e daí se reflete para o 7, passando ocultamente pelo 6, que é o compromisso. O 5 faz a pulsação, alterando o próprio ritmo, o seja, temos *todos* os dias para viver, mas *cada* dia é diferente dos outros.

"Na música, como na vida, nunca se deve repetir
a mesma frase da mesma maneira".[2]

Para continuar a brilhar, o 5 precisa passar por outro umbral e enfrentar o *Harnel Aoot*. Precisa comprometer-se (6) com sua própria obra (7), responsabilizar-se por sua criação e pelo efeito que suas ações terão sobre os outros e sobre o mundo. Se assim o fizer, passará ao 8, onde realmente brilhará em toda a extensão de sua galáxia, além de seu sistema solar.

Em termos de quantidade, há uma escala decrescente, do 1 ao 9, em que cada vez há menos participantes realmente ativos.

Essa escala é crescente se olharmos em termos de influência: cada vez mais e mais pessoas são influenciadas, ou seja, os beneficiados aumentam.



Até o ponto 5, *muitos* trabalham praticamente para *um*. Mas quando esse *um* cresce em qualidade e poder, a partir do 5, esse *um* trabalha para os outros, cada vez para um número maior de pessoas.

---

[1] Atribuído a Sergiu Celibidache (1912-1996), maestro romeno.
[2] Sergiu Celibidache.

Seu trabalho cresce em importância, por sua vez atinge e influência *muitos*.

A magia de um maestro no palco ilumina e inebria uma platéia cada vez maior. Este é um dos melhores símbolos para a compreensão das conquistas possíveis ao homem e de como caminha a humanidade.

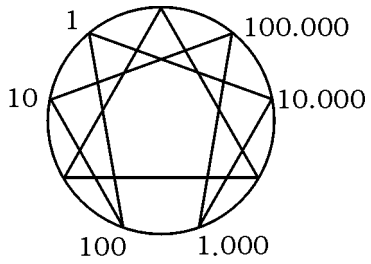
Lei das Proporções

De cima para baixo a expansão é *automática* e coletiva, quase indiscriminada; mas de baixo para cima a concentração é *individual* e *seletiva*. Esse refinamento não só se refere ao conjunto da humanidade, como também aos muitos *eus* do homem.

É algo como o Princípio de Pareto, 80:20, que estabelece que 20% do todo é responsável por 80% dos resultados, e tem provado ser válido em várias outras áreas.

Todos não sobem juntos ao mesmo tempo. Para que um indivíduo se sobressaia precisa do trabalho e do apoio de muitos outros. Em cada etapa há, necessariamente, uma filtragem — só uma parte dos pretendentes consegue ser aprovada. Imagine quanta gente é preciso para que um único maestro dirija uma orquestra sinfônica.

Exemplificamos isso com uma analogia bem genérica: começamos tudo sempre pela mente, e sempre com muitas idéias. À medida que avançamos no círculo, as idéias vão se concentrando e de cada vez apenas algumas delas continuam para serem implementadas na realidade existencial.



Na evolução, a quantidade diminui e a qualidade aumenta. Em termos de desenvolvimento pessoal, muitíssimas pessoas passam a vida no 1, apenas tendo idéias. Um número menor chega a planejar. Menos ainda se lançam à prática. Os pontos 1, 2 e 3 assinalam a grande massa de dependentes crônicos.

Já no 4 estão os que conseguem formar família, o que não significa sempre “sair da casa dos pais”. No 4 e, mesmo com a família, estão os empregados anônimos. Podem não ser dependentes de seus pais, mas dependem do patrão, do governo ou de alguma organização.

Somente no 5 começa a haver esperança de real continuidade. No entanto, é uma esperança fraca, pois aí está o *Harnel Aoot* — e muitos dos que chegam a atingir a individualidade e ter seu nome reconhecido ainda estão sob o risco de parar.

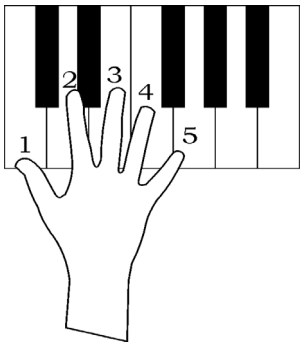
Menos pessoas ainda continuam no 7, no 8 e no 9.

É interessante ver isso como um processo global no planeta, na Vida Orgânica sobre a Terra, pois é este organismo que estabelece tais proporções, segundo suas necessidades. Chamemos isso de homeostase ou ajuste. Uma inteligência maior que cada um de nós escolhe, separa e determina.

Muitas vezes nos parece injustiça, mas a *justiça* deve sempre ser vista vez de um nível acima.

Tal como num exército, para cada batalhão de soldados há um sargento, para cada tropa de tenentes um capitão, etc, e no topo apenas um general. Em certas épocas, quando o exército precisa de um general, mesmo não havendo um coronel com a devida competência, um deles precisa ser promovida e será general "honoris causa". Outras vezes pode haver vários coronéis que mereçam a promoção, mas só uma vaga para general, então apenas um é escolhido. Assim é a vida.

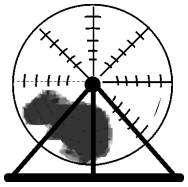
Musiquinha de 5 Notas



Muitas canções para criança estão contidas nas 5 primeiras notas, as notas que "cabem" em nossa mão. Podemos tocá-las sem grande esforço, e também sem grande esforço ouvi-las distintamente. Nem nos damos conta dos intervalos, uma vez que nessas musiquinhas fáceis não entram as "notas pretas" ou semitons.

Reconhecendo os limites estruturais de nossa mão, observamos que para tocar além do Sol, é preciso fazer esforço[1].

O significado disso? É que esta oitava incompleta, com 5 notas tem sido o nosso âmbito comum de vida, o espectro total de ação da maioria esmagadora das pessoas: vão até o *Harnel Aoot*, ou perto dele, e aí estacionam.



Se você não trocar os dedos a tempo (no 1º intervalo), quase não pode fazer soar a quinta nota (no 2º intervalo) — então desiste... Fica como ratinho de

[1] Ver p. 210, As Mãos no Piano.

laboratório, correndo eternamente em sua roda, lutando obsessivamente contra um eixo fixo.

Nossas metas são oitavas dentro de oitavas e a oitava maior depende de uma única decisão tomada bem cedo na vida: ser um vencedor ou um perdedor. É a "*passagem para a outra corrente, quando ocorre a divisão das águas no rio da vida*"[1]. Ser um perdedor é a decisão de omissão (default) do homem adormecido, o homem de 5 notas.

A princípio, pode parecer uma decisão preguiçosa, para não fazer esforço. No entanto, não se trata absolutamente disso. Muitas pessoas se esforçam diligentemente em processos descendentes, fazendo o esforço errado. É uma decisão geralmente baseada na ignorância.

Essa decisão passa a ser a Grande Meta — "Ser ou Não-Ser", já dizia Hamlet — à qual todas as demais metas se subordinam.

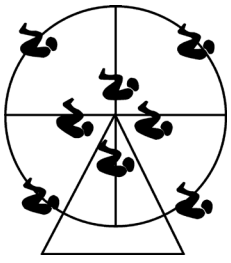
Para mim, é este o maior dos mistérios da vida: a Vontade. Por que uns decretam sua própria falência, desistem de lutar e se abandonam à "sorte"? E por que continuam assim, quando se sabe que é possível (até certo ponto) reverter a decisão?

Na Lei da Lua é como se o "peso" do 4 estivesse sempre puxando para baixo, e tanto faz se o indivíduo está correndo numa luta ingrata ou se está parado num plano, como um ratinho preso numa caixa.

Como sair de tal situação?

Fala-se muito na "quadratura do círculo". Eu, pessoalmente, prefiro o "arredondamento do quadrado".

Precisamos nos lembrar que não estamos numa caixa, e sim numa roda, e que ela gira em duas direções. Como no balé "Rota"[2] ou como nos labirintos góticos, é preciso voltar atrás para ir para a frente. Precisamos voltar e rever a meta.



Se não formos capazes de ver claramente a meta, podemos procurar um conselheiro.

Se pararmos no quatro, será a morte, pois aí pára a gravidade, e não teremos forças para subir ao 2 e pegar impulso.

É preciso tentar o 5, tentar sair da massa como um indivíduo responsável por si próprio e tentar o 6, por mais difícil que pareça. Esse movimento dará o momento (embalo) necessário para voltar a subir, como um pêndulo.

---

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III pp. 418-419.
[2] *Rota*, balé da diretora e coreógrafa brasileira Deborah Colker.

Só desafiando na prática nossas próprias dificuldades é que poderemos conhecê-las e conhecer a nós mesmos. Precisamos descobrir quais são os muros que nos limitam e perguntar por que batemos com a cabeça sempre no mesmo lugar, sem procurar uma porta, que pode estar ao lado.

Enfim, voltamos atrás e reprojetamos a vida conscientemente, o que não é feito de um dia para outro. Mas todo o tempo dedicado ao conhecimento, ao autoconhecimento e ao projeto de si mesmo trará com certeza frutos altamente compensatórios.

EMBRIOGÊNESE

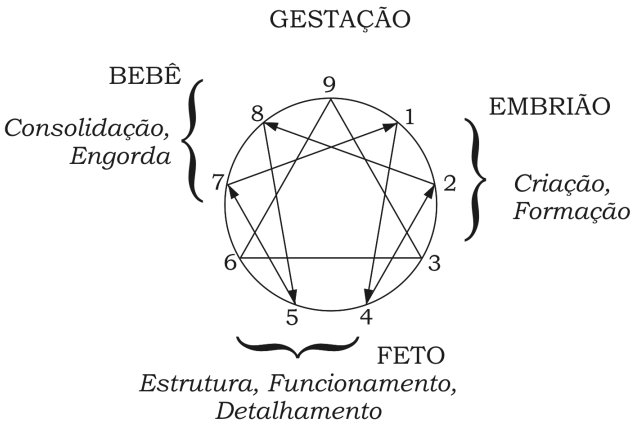
O estudo da embriologia humana coincide perfeitamente com o eneagrama. Observamos que os nove meses de gestação se dividem claramente em três fases muito bem definidas:

1-2-3 | Os três primeiros meses são cruciais: neles o *embrião* é criado com todos os órgãos e sistemas do organismo. Já tem uma individualidade.

4-5-6 | No estágio seguinte, o *feto* começa a "respirar" fluidos (o que desenvolve os órgãos da respiração) e seus sistemas se estruturam em termos de funcionamento. Mas não está ainda completo para o nascimento. Ocorre aqui um trabalho de refinação e detalhamento.

7-8-9 | Nos três meses finais, já é um *bebê* e esta fase de consolidação se passa como se estivesse numa incubadeira, apenas para se fortalecer e ganhar peso. Já pode nascer.

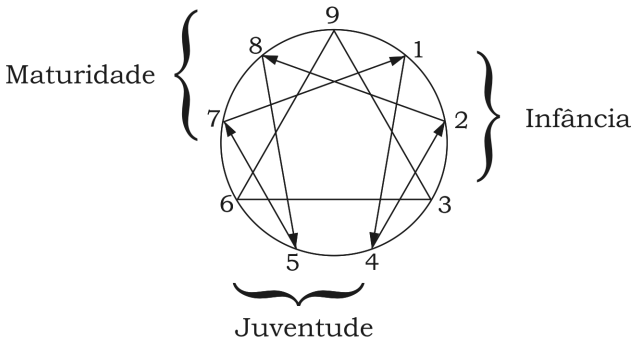
Poderíamos ir adiante, verificando as linhas da héxade e o processo HarnelMiatznel de reestruturação na gestação, mas isto seria trabalho para um especialista.



Crescimento e Vida

A gestação é a imagem da vida, como uma oitava dentro de uma nota, do mesmo modo com que a face tem divisões semelhantes às do corpo, na Lei das Dimensões[1], de que Gurdjieff fala.

Processo semelhante aparece se dividirmos a vida do homem em 3 fases:



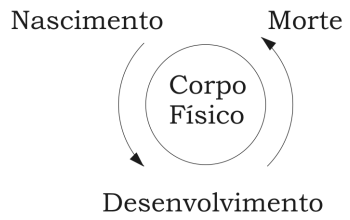
- Na *infância* é formada a base da personalidade e há total dependência. Colhe o que outros plantaram.
- Na *juventude*, o homem se estrutura e aprende a "funcionar". Planta para colher.
- A *maturidade* então passa a ser a fase de consolidação e realização do ser. Colhe o que plantou e planta para outros colherem.

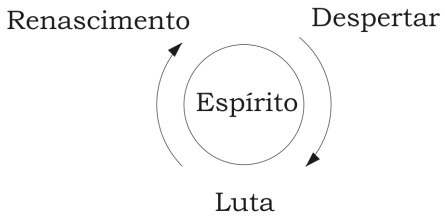
"Somos criados à imagem de Deus, de uma trindade.
Se absorvermos conscientemente as três substâncias
e as projetarmos para o exterior,
poderemos construir fora de nós o que quisermos.
Criar é isso.
Mas, quando isso se faz através de nós,
é a criação do Criador." [2]

Duas correntes se desenvolvem durante a nossa vida. O corpo físico passa por gestação, nascimento, crescimento, reprodução, maturidade, envelhecimento e morte — é a corrente da Criação. Já o espírito — que poderíamos chamar de processo de construção dos corpos superiores — se desenvolve na corrente da Evolução.

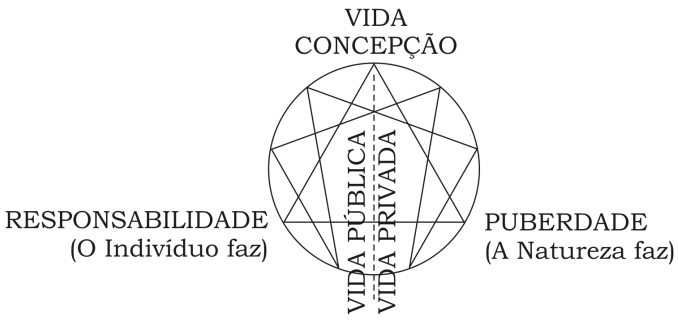
---

[1] Ver p. 206, Lei das Dimensões.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 197.

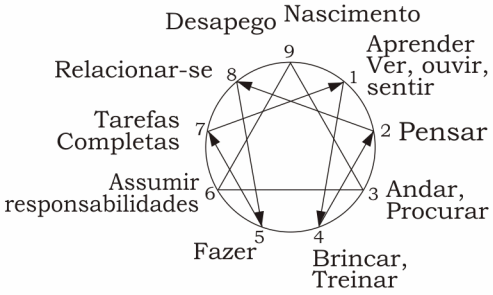




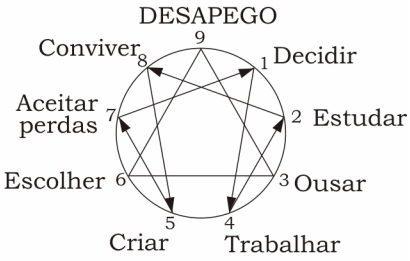
Fases da Vida



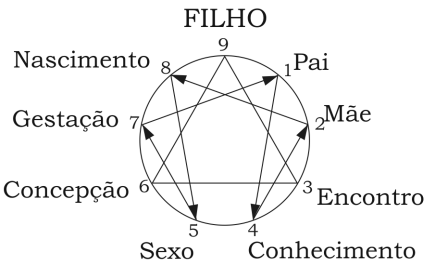
INFÂNCIA

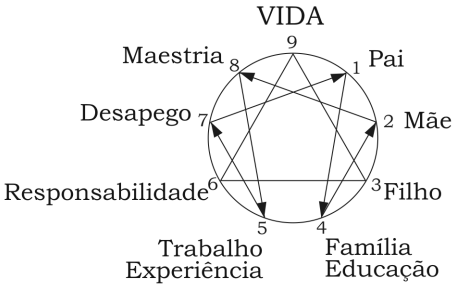


ADOLESCÊNCIA



Criação e Manutenção

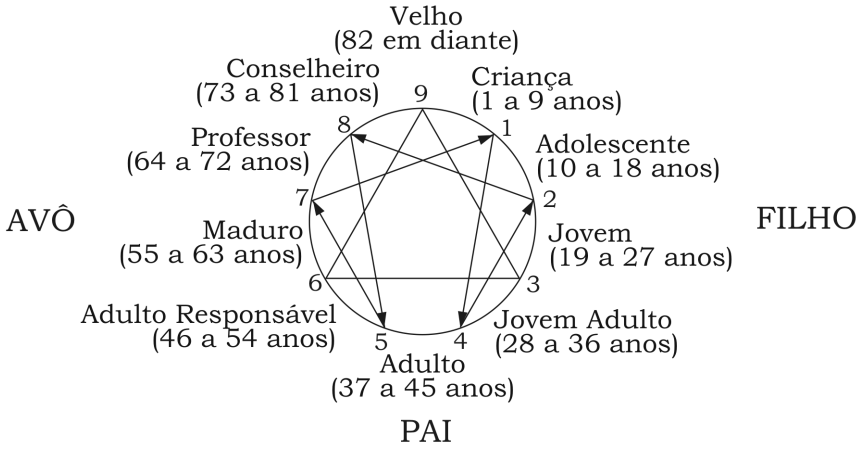




IDADES

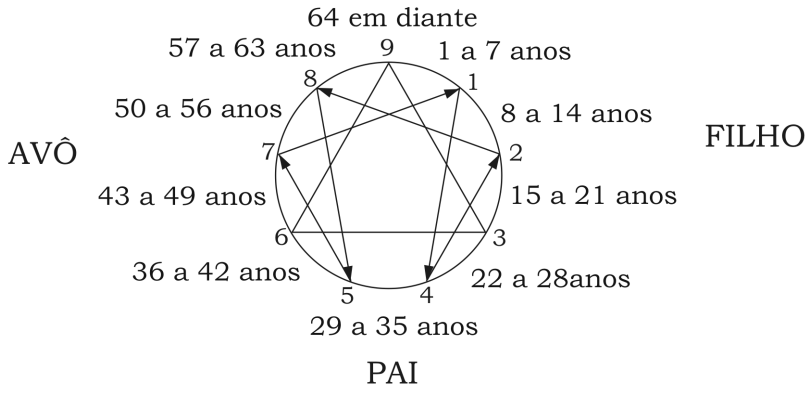
As idades do homem podem ser colocadas no eneagrama de varias maneiras, com abordagens e significados diferentes. Por exemplo, em períodos de 9 anos, cada período em um *stopinder*. Essa organização é um guia para nos avaliarmos, por exemplo, quanto às características de dependência e responsabilidade. Em cada fase de nove anos o ciclo se repete de forma semelhante, sempre exigindo um nível seguinte mais alto de desenvolvimento.

CICLO DE NOVE ANOS

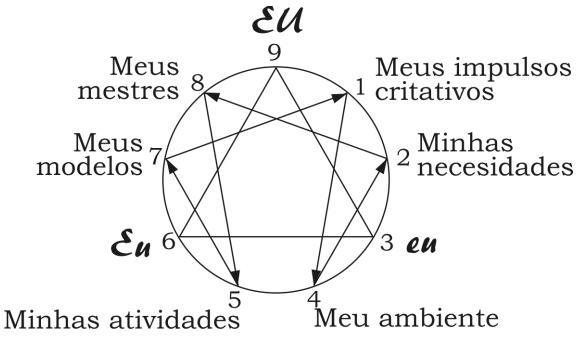


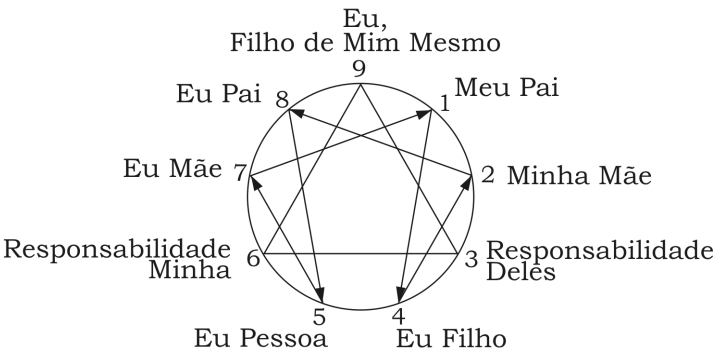
CICLO DE SETE ANOS

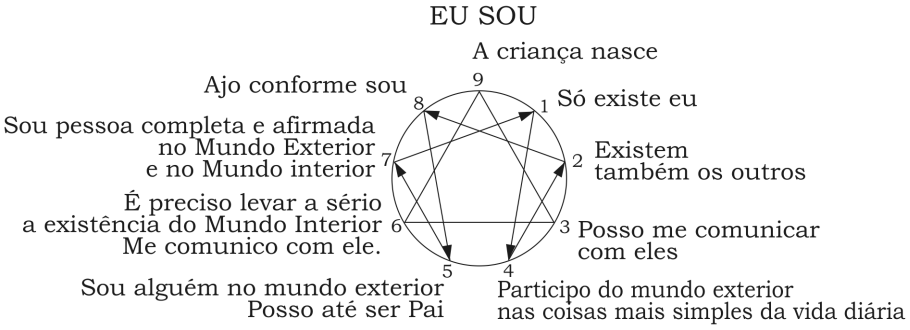
Podemos usar um modelo com fases de 7 em 7 anos, por um lado considerando apenas a vida fisica, por outro lado, substituindo o modelo de 9 em 9 anos devido ao encurtamento da vida humana.



Desenvolvimento do Eu

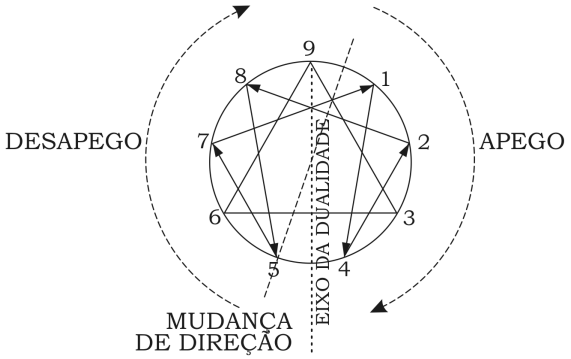




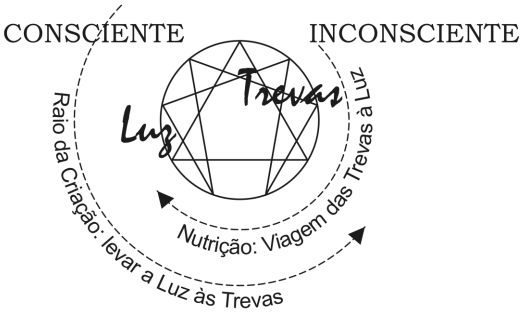


Apego e Desapego

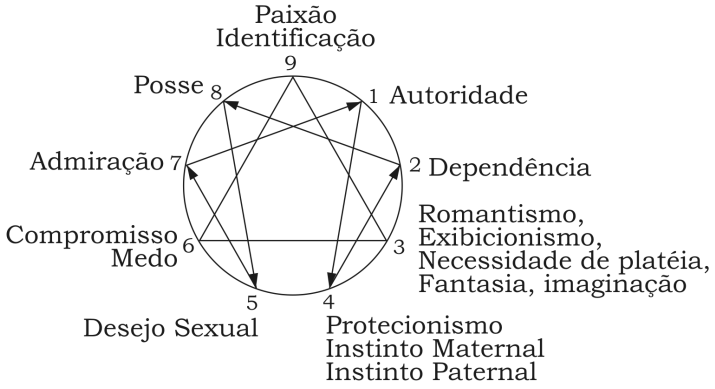
Apego é a maior causa do sofrimento humano. O desapego só pode surgir com a responsabilidade pelas próprias ações. Nos 5, o apego chega ao ápice e desapego deve começar.



Dualidade



Amor Subjetivo



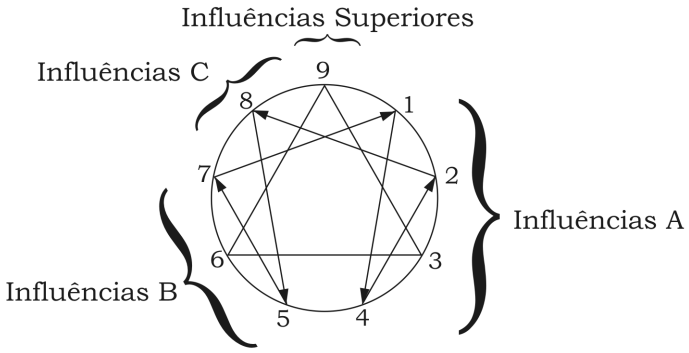
Jogos

Na verdade, mesmo o homem adormecido não gosta de jogos fáceis.[1] O sabor da vitória é tão mais forte quanto mais difícil a luta. Porém muitos se viciam em jogos do 4 e do 5, não chegando aos jogos do 6.

No 4 você joga por jogar, como uma criança que brinca; no 5, joga a dinheiro e ganha ou perde em termos materiais (dinheiro, bens, sexo). Mas no 6, você aposta a VIDA.

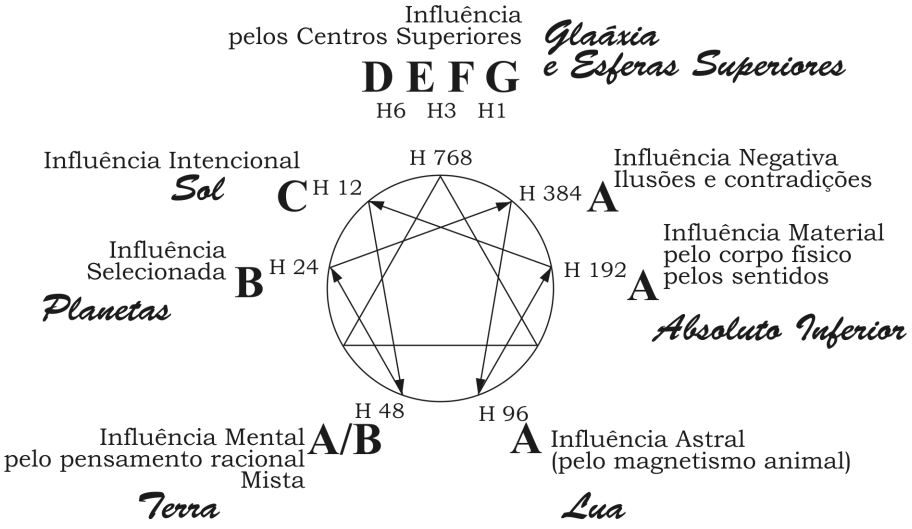
Se a vida no momento estiver muito fácil, provavelmente você está no 4 ou no 5. Se a vida não lhe oferece resistências ou dificuldades, você precisa criá-las. Contam que Gurdjieff, em seu instituto na França, contratou uma pessoa com a missão específica de perturbar os alunos, para dar-lhes oportunidade de se aprimorar.

Influências e os Corpos do Homem



Os planetas projetam influências especiais,
porém cada influência especial permanece não misturada
somente por pouco tempo. [2]

[1] Ver tb. p. 145, Fliperama, p. 199, Jogos de Nove Pontos, e p. 272, Jogos.
[2] Gurdjieff, *Gurdjieff Fala*, p. 197: leia mais em "Os diversos tipos de influências", pp. 254-265.



MONTE SAINT-MICHEL

O Monte Saint-Michel, na França, é citado explicitamente por Gurdjieff, que cita também o arquiteto incumbido da missão de construí-lo, Ignatius.[1]

Constitui uma quase perfeita corporificação do eneagrama em 3-D, cercado por uma muralha defensiva com torres e capelas.

É uma construção simbólica especial, onde a ilha em si é o círculo, o perfil cônico do prédio o triângulo e o jogo complexo de escadas a héxade. Tal estrutura é frequentemente usada em construções religiosas similares, afirmando a simbologia de "reverenciar o Alto".

[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. II, p. 111-2.

Necessidades

Por que alguém segue este Método, o Quarto Caminho?
Se você se sente insatisfeito, irá tentar algo
— se você tem uma necessidade.
Uma necessidade é um desequilíbrio interno.
Pelos seus interesses se pode dizer qual é o seu desequilíbrio.
Porque seus interesses são determinados pelas suas necessidades."[1]

Os Cinco "Esforços Obligolnianos Esserais"

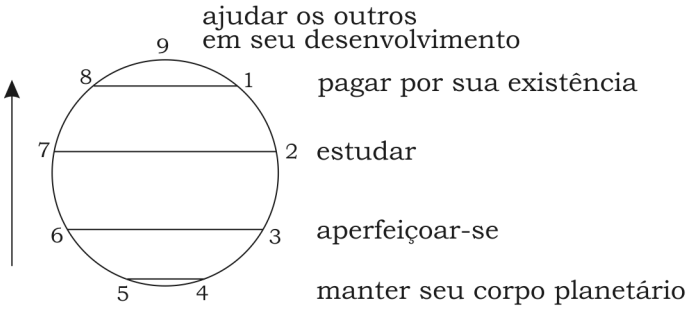
Primeiro esforço: ter em sua existência-esseral ordinária tudo o que for realmente necessário para a satisfação de seu corpo planetário.

Segundo esforço: ter uma necessidade instintiva constante e incansável pelo auto-aperfeiçoamento, no sentido de ser.

Terceiro: o esforço consciente para saber sempre mais e mais a respeito das leis da criação-do-Mundo e da manutenção-do-Mundo.

Quarto: o esforço desde o início de sua existência para pagar por seu surgimento e sua individualidade tão rapidamente quanto possível, a fim de depois estar livre para aliviar tanto quanto possível a Dor de nosso PAI COMUM.

Quinto: o esforço para sempre ajudar no aperfeiçoamento mais rápido dos outros seres, tanto aqueles semelhantes a si mesmo como aqueles de outras formas, até o grau do "sagrado Martfotai", isto é, até o grau da auto-individualidade. [2]

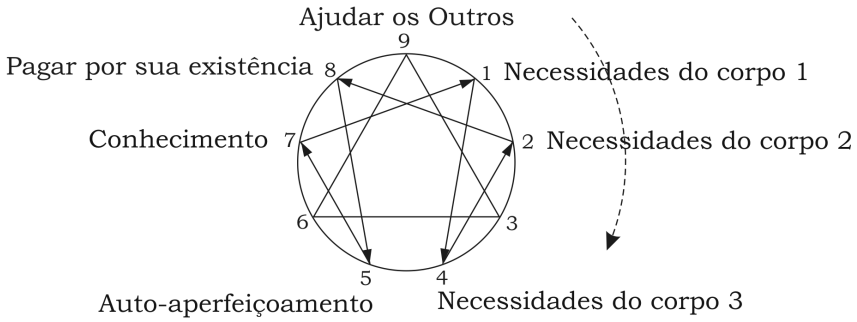


[1] Anderson, *The unknowable Gurdjieff,* p. 52.
[2] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. I, p.386

Nesta colocação dos Esforços no eneagrama, há grande semelhança gráfica com o exercício de Multiplicação por Seis[1], porém é mais abrangente, por incluir o triângulo (linha 3-6) — o que é bastante significativo. Inclui toda a trajetória de um ser no sistema Trogoautoegocrata, interagindo com os demais seres e com o próprio Megalocosmo.

Se considerarmos que os esforços relativos ao corpo planetário se compõem de três partes, teremos a seguinte colocação no eneagrama:

OS CINCO ESFORÇOS OBLIGOLNIANOS ESSERAIS



O esforço para "Ajudar os Outros" está no topo, portanto soa como um Dó nos três vértices do triângulo. Embora seja o último, é o impulso que inicia *cada uma* das três oitavas.

Hierarquia de Necessidades de Maslow

É interessante comparar os 5 "Esforços Obligolnianos Esserais" com as necessidades básicas do homem segundo Maslow[2] — a pirâmide das motivações humanas[3], também chamada Pirâmide de Maslow.

1 Necessidades do Corpo (fisiológicas):
fome, sede, abrigo, sexo.

2 Necessidade de Segurança:
tranqüilidade, proteção de danos físicos e emocionais

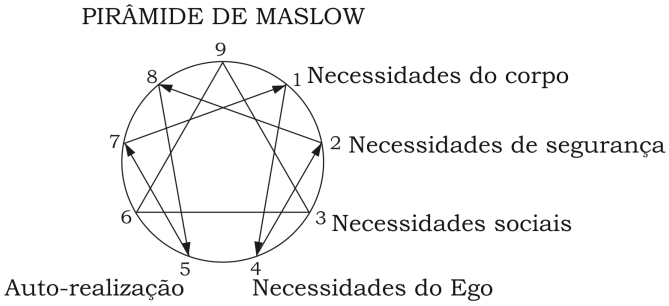
3 Necessidades Sociais:
afeição, pertencer, aceitação, amizade

4 Necessidades do Ego (estima)

5 Auto-realização (fazer)

---

[1] Ver p. 258, Multiplicação por 6.
[2] Abraham Maslow (1908-1970), psicólogp norte-americano, autor da teria da motivação humana em1943.
[3] Ver p. 172, Pirâmide, a Hierarquia.



No Santo Planeta Purgatório[1]

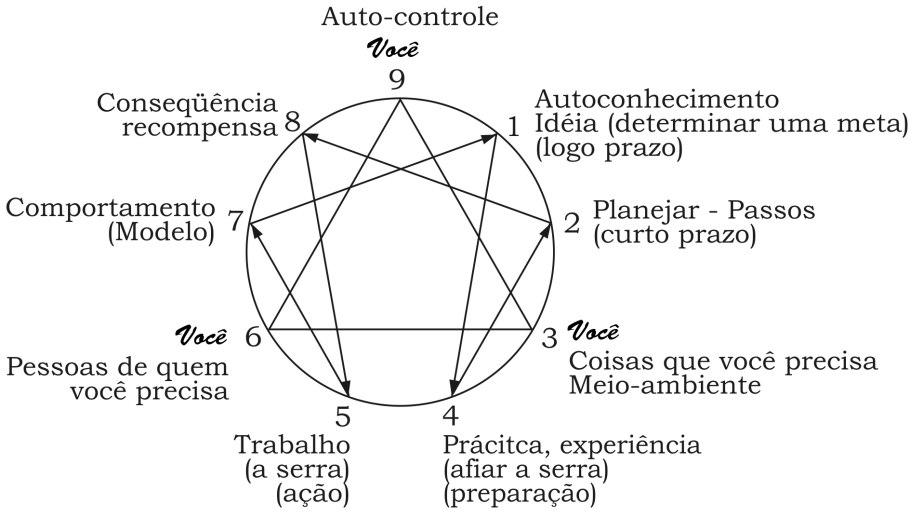
Auto-Ajuda

O moderno conceito de auto-ajuda não é tão moderno quanto parece. A auto-ajuda é a base do sistema de Gurdjieff: com nosso próprio autodesenvolvimento, podemos não apenas nos ajudar, como influenciar o mundo. A única diferença para o conceito moderno de auto-ajuda é que Gurdjieff enfatiza a necessidade de ajuda externa, por vivermos num sistema de Manutenção Recíproca. No entanto, cada um só pode mudar a partir de si mesmo.

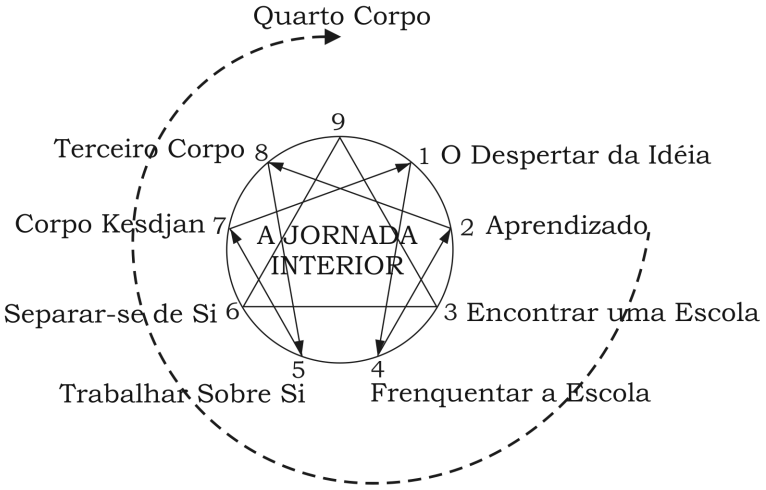
De acordo com Tucker[2], auto-ajuda é uma *cooperação intencional*. É lidar com suas próprias situações preocupantes através do exercício deliberado do controle consciente para encontrar a saída dessa situação. É reconhecer sua fraqueza pessoal [característica principal] e trabalhar para superar esses problemas e aperfeiçoar a si mesmo.

---

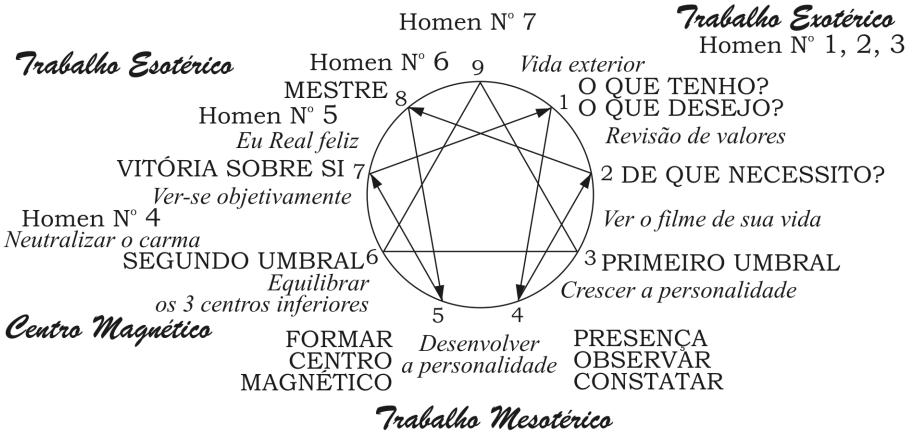
[1] Gurdjieff, *Beelzebub's Tales*, vol. III p. 354.
[2] Tucker-Ladd, *Psychological Self-Help*.



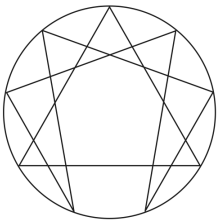
Jornada Interior



O Homem e o Caminho



O Símbolo do Amor



O eneagrama é a própria Lei Única Universal, transubstanciando a união das duas leis cósmicas fundamentais, a Lei de Sete e a Lei de Três. Em última instância, o eneagrama é o símbolo da União em seu mais alto nível: o Amor.

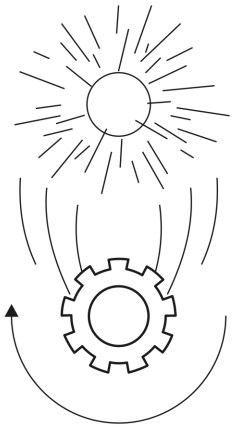
O Amor criou o mundo e o Amor pode nos levar de volta a Deus, de quem somos parte, como tudo mais, pois o Amor é a base do sistema Trogoautoegocrata e da Manutenção Recíproca.

Enquanto estamos separados, somos apenas ilusão. Somente o Amor, ou a unidade, pode nos tornar realidade.

Devemos olhar de volta para a Natureza e observar como a árvore produz seus frutos e como os animais cuidam de sua prole e se ajudam mutuamente nos rebanhos.

O Amor é a lição mais difícil de aprender, não apenas por sermos escravos de hábitos e emoções negativas, mas principalmente porque para fazer qualquer coisa em relação ao Amor, precisamos ter conhecimento e compreensão. É por isso que nos antigos textos sagrados o Amor está sempre “casado”: Amor e Sabedoria.

O Propósito da Vida



Somos parte da Natureza, que é parte de tudo e todas as coisas. Somos apenas uma engrenagem no grande sistema, no entanto, uma engrenagem muito importante. Somos o ponto de retorno — e é isso que é esperado de nós: ajudar no retorno ao Criador.

Nosso Criador não precisa que seres humanos o ajudem na Criação, mas precisa de nossa ajuda para a Evolução — por isso nos fez à sua própria imagem e nos deu a possibilidade de adquirir "Razão Individual".

Usemos, pois, todas as nossas possibilidades. Tornemos realidade as nossas possibilidades.

Que o propósito e o objetivo de nossas vidas seja conhecer a nós mesmos, compreender os outros e então amá-los, nos engajar conscientemente no Trabalho de transformar a matéria de volta em energia — e ajudar a Deus.

Referência Bibliográfica

Addington, Jack Ensign. *Les Mystères de la Bible*, Dauphin, Paris, 1983.

Anderson, Margaret. *The Unknowable Gurdjieff*, Routledge & Kegan Paul, Henley, 1977.

Anonymous, *A Point in the Work - A continuation of the teaching of the work of G.I.Gurdjieff, P.D.Ouspensky and Maurice Nicoll,* Work Books, Londres, 1985.

Asimov, Isaac. *O Universo*, Bloch, 1974.

__ *Asimov explica*, Francisco Alves, 1990.

Bennett, John G. *O Eneagrama*, Pensamento, São Paulo, 1985.

__ *O Homem Interior*, Martins Fontes, São Paulo, 1986.

__ *The Dramatic Universe,* vol 2, Claymont, Charles Town, 1987.

__ *The Dramatic Universe,* vol 3, Coombe Springs, Sherborne, 1966.

__ *Gurdjieff - L'Artisan d'un Monde Nouveau*, Le Courrier du Livre, Paris, 1977.

__ *Making a Soul*, Bennett Books, Santa Fe, 1995.

Bernier, Nathan. *Gurdjieff - His Life and His Work in the Enneagram,* Gilgamesh (a ser publicado em 2005).

Buzzell, Keith A. *Man, A Thee Brained Being – A Synthesis of the Perspectives of Gurdjieff and Science*, Wyllaned, Denmark, Maine, 1997.

__ *A Long Thought - A Perspective on the Multiplication Exercise*, particular edition, Bridgton, 1998.

__ *Photons and Spirituality*, article, particular edition, Bridgton, 1998.

Bonder, Nilton. *O Crime desconpensa*, Imago, Rio de Janeiro, 1992.

Castañeda, Carlos. *Viagem a Ixtlan*, Record, Rio de Janeiro, 1972.

Doman, Glenn. *O que fazer pela criança de cérebro lesado*, Auriverde, Rio de Janeiro, 1989.

Ferris, Thimothy. *O Despertar da Via Láctea*, Campus, Rio de Janeiro, 1990.

Feild, Reshad. *A última barreira, Eleusis.*

Fragomeni, Ana Helena. *Dicionário Enciclopédico de Informática*, Campus/Nobel, Rio de Janeiro, 1986.

__ *Legominism in Paris*, *Proceedings of the International Humanities Conference*, Bognor Regis, 2001.

__ *Triads and Laws*, *Proceedings of the International Humanities Conference*, Bognor Regis, 2002.

Gamow, George. *Matéria e Energia*, vol. 1 de *Matéria, Terra e Cosmos*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.

__ *Um, Dois, Três... Infinito*, Zahar, Rio de Janeiro, 1981.

__ *The Creation of the Universe*, Bantan Books, N.Y., 1970.

__ *A Star called the Sun*, Bantan Books, NY, 1970.

Gregory I, The Great. *Dialogues: Book Two - Life of Benedict.*

Gurdjieff, George Ivanovitch. *Tudo e Todas as Coisas*, 3 Séries:
__ Primeira Série: *Beelzebub Tales to His Grandson,* 3 vol., Arkana, Londres. 1985.
__ Primeira Série: tradução para o português de *Tudo e Todas as Coisas: Contos de Belzebu a seu Neto,* 3 vol, Gilgamesh, Brasília, 2000 (publicação não autorizada; uso para estudo).
__ Segunda Série: *La vie n'est réelle que lorsque 'Je suis'*, Rocher, Monaco.1983.
__ Terceira Série: *Encontro com Homens Notáveis*, Pensamento, São Paulo, 1980.
__ *Gurdjieff Fala a seus Alunos*, Pensameto, São Paulo, 1987.
Halevi, Z'ev ben Shimon (Warren Kenton). *A Árvore da Vida,* Siciliano, São Paulo, 1994.
__ *Universo Kabbalístico,* Siciliano, São Paulo, 1992.
Hands, Rina. *Diary of Madame Egout Pour Sweet – With Mr. Gurdjieff in Paris 1948-1949*, Two Rivers Press, Aurora Oregon, 1991.
Jenny, Hans. *Cymatics,* video and books, MACROmedia, 2001.
Lawlor, Robert. *Sacred Geometry – philosophy and practice*, Thames and Hudson, Londres, 1982.
Maslo, Dr Philippe. *Le Pouvoir des Odeurs*, Albin Michel, Paris, 1994.
Menuhin, Yehudi e Davis, Curtis W. *A Música do Homem,* Martins Fontes / Fundo Educativo Brasileiro, 1981.
Moore, James. *Gurdjieff: the Anatomy of a Myth - A Biography*, Element, 1991.
__ *The enneagram: A Development Study*, Religion Today: Journal of Comtemporary Religions, Vol 5, Nº 3.
Mouravieff, Boris, *Gnôsis - Études et Commentaires sur la Tradition Ésotérique de l'Orthodoxie Orientale*, 3 vol, Baconnière, Monaco, 1969-1972.
Nicoll, Maurice. *Comentarios Psicologicos sobre las enseñanzas de Gurdjieff y Ouspensky*, 5 vol, Kier, Buenos Aires, 1985.
__ *Living Time - and the Integration of Life*, Watkins, Londres, 1952.
Orage, A. R. *On Love - with some aphorisms & other essays*, Samuel Weiser, NY, 1969.
Ouspensky, P.D. *Fragmentos de um Ensinamento Desconhecido – Em Busca do Miraculoso*, Pensamento, São Paulo, 1985.
__ *Psicologia da Evolução Possível ao Homem*, Pensamento, São Paulo.
__ *O Quarto Caminho*, Pensamento, São Paulo, 1957.
__ *Tertium Organum*, Pensamento, São Paulo, 1983.
__ *Um Novo Modelo do Universo,* Pensamento, São Paulo. 1987.
__ *A Further Record*, Arkana, Londres, 1986.
Owens, Terry Winter. *The struggle to 'Fathom the Gist' of Beelzebub's Tales*, *Gurdjieff International Review*, Winter 1997/1998 Issue, Vol. I (2), at http://www.gurdjieff.org/owens3.htm
Papus (Dr. Encausse). *La Ciencia de los Numeros*, Editorial Humanitas, Barcelona, (1934)1982.
Peretzi, Dimitri. *The Enneagram and the Gurdjieff Work Today,* Panomeria Editions, Atenas, 2003.
__ *On the Third Line of Work, Proceedings of the International Humanities Conference*, Bognor Regis, 2003.
Peters, Tom. *A Marca Você - 50 maneiras de se reinventar*, Campus, 2000, Rio de Janeiro.
Popoff, Irmis B. *The Enneagram of the Man of Unity*, Samuel Weiser, N.Y.

__ *Gurdjieff: His Work on Myself, with Others, for the Work*, Vantage Press, N.Y.,1969.
Reader's Digest, Selecções. *Grandes Vidas, Grandes Obras*, Lisboa, 1980.
Roberts, J.M. *O livro de ouro da história do mundo*, Ediouro, Rio de Janeiro, 2001.
Saint-Éxupery, Antoine de, *O Pequeno Príncipe*. Agir.
Smith, Russell A. *Gurdjieff: Cosmic Secrets*, The Dog, Sanger, Texas, 1993.
Tereshchenko, Nicolas, *Gurdjieff et la Quatrième Voie*, Guy Trédaniel, Paris, 1991.
__ *Le Message de Gurdjieff*, Guy Trédaniel, Paris, 1995.
__ *Au-delà de la Quatrième Voie,* Guy Trédaniel, Paris, 1996.
Thomas, Bruce. *The Body of Time and the Energies of Being*, Penguin, Toronto, 1991.
Tucker-Ladd, Calyton E. *Psychological Self-Help*, at *http://mentalhelp.net/psyhelp/*.
Valentin, *Pistis Sophia.* Alatar, Madrid, 1982.
Vaysse, Jean. *Rumos ao Despertar de Si Mesmo*, Pensamento, São Paulo, 1988.
Walker, Kenneth. *A Study of Gurdjieff's Teaching*, Jonathan Cape, Londres, 1957.
Webb, James. *The Harmonious Circle - The Lives and Work of G.I.Gurdjieff, P.D.Ouspensky and Their Followers*, G.P.Putnam's Sons, N.Y., 1980.
Wilhelm, Richard. *I Ching, O Livro ds Mutações - Tradução e comentários*, Pensamento, São Paulo, 1956.

Índice Analítico

Conteúdo 8

George Ivanovitch Gurdjieff, o Mistério em Forma de Mestre 10

Introdução 12

A Situação 18
- Não nos Conhecemos 18
- Possibilidades e Escolha 19
- Criação e Evolução 19
- Intenção e Meta 22
- Autoconhecimento 23

Divisão Interior 25
- Essência e Personalidade 25
- Muitos Eus e Personagens 26
- Amortecedores 28
- Unificação 28
  - Vontade e Desejos 28
  - Lugar Tranqüilo 29
  - Caráter e Atitude 30
- A Hora da Volta 30
  - Trabalho em Grupo 31
  - O Trabalho Interior 32
  - Iniciados 32

A Estrutura do Homem 33
- Centros 33
  - A Carruagem 33
  - Os Quatro Caminhos 34
- Os Três Centros Inferiores 35
  - Centro Físico ou Instintivo-Motor 35
  - Centro Emocional 36
  - Centro Intelectual ou Mental 36
  - Subdivisões dos Centros Inferiores 37
  - Atenção 38
  - Centro Sexual 38
  - Uso dos Centros 38
- Os Centros Superiores 39
- Influências 40
- Centro Magnético 41
- Estados de Consciência 41
  - Kundabáfer 42
  - Ser, Saber e Compreender 43
- Sete Categorias de Homens 44
  - O Homem Exterior 44
  - O Homem Transicional 45
  - O Homem Interior 46
- Tipos 46
  - O Homem e a Mudança de Ser 47
  - Brinde aos Idiotas 47
  - Falsos Eneagramas 48
- Energias e Corpos 49
  - Três Tipos de Alimento 49
  - Corpos Superiores, Continuidade 51

A Inteligência Primordial 55
- O Homem 57
- O Segredo da Vida 57
- Termodinâmica Esotérica 58
- Seres Vivos 59
- Necessidades e Sobrevivência 60
- Salto Quântico 61

Simbologia Objetiva 65
- Alto e Baixo 65
- Eixos de Simetria 67
- Dualidade 68
- Hierarquia 69
- Proporção 69
- Expressão 70
- O Óbvio e a Informação 71
- Percepção 72
- Ilusão 73
- Ver o Novo 74
- Leis 75

Geometria 77
- Dimensões 77
- Forma e Número 80
- Os Símbolos e Nós 80
- Fazer Bem Feito 81
- Desdobramento da Geometria 83
- O Ponto e o Deslocamento Dimensional 83
  - Linha 83
  - Plano — 2D 84
  - Sólido — 3D 85
- Dimensões e Hierarquia 86
- Movimento e Relatividade 86
- O Tetragramaton e a Escada 87
- Percepção do Tempo 89
  - Tempo e Sensibilidade 90
  - Separar-se de Si 90
- Sensações Objetivas das Proporções 92

Heptaparaparshinokh, Lei de Sete e Lei de Nove 95
- Desvios, Intervalos e Choques 95
- Escala Musical 97
- A Escala Diatônica 99
- Notação Musical 102
- Acidentes Musicais (Semitons) 103
- Proporções, Harmônicos e Acordes 104
- Heptaparaparshinokh 106

Formas da Lei de Sete 108
Oitavas e o Espectro Eletromagnético 109
Lei de Nove 110

Lei de Três 113
Harnelmiatznel 113
As Três Forças 116
Tríades 117

O Raio da Criação 119
A Criação segundo Gurdjieff 120
Alteração das Leis 120
Efeito em Cascata 122
Ajudando o Criador 122
Grande Oitava Cósmica e Primeira Oitava Lateral 123
Segunda Oitava Lateral 125
A Lua 125
Três Máquinas 126
Mundos e Leis 127
Energias 128

Nutrição 131
As Três Oitavas da Nutrição 131
Amor 135

Origens 139

Eu Sou 141
Eu sou o Eneagrama 141
Eu sou Mágico 141
Eu sou o Caminho 141
Eu sou uma Ferramenta 141
Eu sou Um 141
Eu sou Dois 142
Eu sou Três 142
Eu sou Três e Quatro 142
Eu sou Música 142
Eu sou Completo e Sem Fim 142
Eu sou Espiral e Transcendental 143
Eu sou Dinâmico 143
Eu sou Sagrado como a Vida 143
Eu sou a Verdade 143
Eu Sou 144

Sonhos 146
Ciranda no Céu 146
Colar Ensaboado 147
Cama de Gato 147
Fliperama (*Pinball*) 148

Estrutura Gráfica 150
O Ponto 151
O Círculo 151
Números 152
O Triângulo 152
A Héxade 153
Ângulos 153
Desenhando o Eneagrama 154
Desenho à Mão Livre 154
Desenho por Ângulos 154
Desenho por Proporções 155
Desenho no Chão por Triângulos 155
Desenho no Chão com Corda 156
Desenho num Salão 156

Geração Simbólica 158
Geração 158
Geração do Círculo 158
Geração do Triângulo 158
Simetria Bilateral 159
Geração da Héxade 161
Matemáticas 163
Matemática do Sete 163
Matemática do Três 164
O 4 no Eneagrama 164
Analogias Numéricas 165
Divisão e Música 166
Matemática do Nove 167
Sistema Mecânico — Marionetes 168
Capacidade Mental — A Porta 170
Espiral, a Continuidade 172
Escala Musical e as 3 Oitavas 173
Pirâmide, a Hierarquia 175
Labirinto, a Complexidade 175
O Nove na Arquitetura 177

Geometria Sagrada 180
Polígonos Regulares 181
O Eneagrama e o Triângulo 181
O Eneagrama e o Círculo 181
Os Círculos da Humanidade 182
Parte de Algo Maior 183
O Eneagrama e o Quadrado 185
Estações do Ano 185
Círculo, Triângulo e Quadrado 186
O Eneagrama e o Pentágono 187
O Eneagrama e o Hexágono 188
O Eneagrama e o Heptágono 189
O Eneagrama e o Octógono 190
Vesica Piscis 192
Pétala 194
Relações Gráficas Matemáticas 194
Razões Inteiras Simples 194
Raiz Quadrada de 2 195
Raiz Quadrada de 3 195
Raiz Quadrada de 5 196
Seção Áurea 196
A Seção Áurea e o Eneagrama 198
A Seção Áurea e o Quadrado Inscrito 199
A Seção Áurea e a Estrela de Davi Exterior 199
A Seção Áurea e a Vesica Piscis 200
A Seção Áurea e a Escala Diatônica 200
O Eneagrama e a Escala Diatônica 200
O Eneagrama e Pi 202
Distribuição Normal 202
Tetraktys de Pitágoras 203
O Círculo de Nove Pontos 203

Jogos e Quebra-Cabeças de Nove Pontos 204
Hanukah ou Nove Luzes 205
O Carneiro no Arbusto 205
Yantras 206
A Héxade em Curvas 208
Proporções Humanas 208
O Homem Vitruviano de Leonardo . 209
Hemisférios Cerebrais e Medula Espinhal 210
Lei das Dimensões 210
Proporções com Rostos e Natureza . 212
Proporções de Mãos e Pés 213
As Mãos no Piano 214
O Homem e os Números do Eneagrama 215
O Emblema de Gurdjieff 215
O Eneagrama e as Catedrais Góticas . 216

Processos 219
Três Arcos — Três Meios 219
Subcentros 220
Etapas do Processo 221
Triângulos Partidos 222
Os Três Intervalos 223
Primeiro Intervalo (3) 224
Só Cabeça 224
Segundo Intervalo (6) 225
A Gárgula 226
Terceiro Intervalo (9) 226
As Três Forças 228
Força Passiva: Ser (3) 228
Força Ativa: Vontade (6) 228
Força Neutralizante: Função (9) 229
Duas Fases 229
A Héxade e os Intervalos 230
Os Nove Pontos 230
Ponto 0 — Ee (Emocional-emocional) 230
Ponto 1 — Mm (Mental-mental) 230
Ponto 2 — Mf (Mental-físico) 231
Ponto 3 — Me (Mental-emocional) .. 233
Ponto 4 — Fm (Físico-mental) 233
Ponto 5 — Ff (Físico-físico) 234
Ponto 6 — Fe (Físico-emocional) 237
Ponto 7 — Em (Emocional-mental). 238
Ponto 8 — Ef (Emocional-físico) 239
Ponto 9 — Ee (Emocional-emocional) 241
Exemplos dos Três Intervalos 242
A Sorte 242
Gênesis 242
Exercícios de Gurdjieff 242
Educando Filhos 243

Dinâmica da Existência 245
Ponto 1 245
Ponto 2 246
Ponto 3 — Primeiro Intervalo 247
Ponto 4 248
Passagem 4-5 (Linha-de-Fogo) 248
Ponto 5 249
Ponto 6 — Segundo Intervalo 250
Ponto 7 250
Ponto 8 251
Ponto 9 — Terceiro Intervalo 252

Partes Especiais 253
Interseções 253
Segmentos 255
Cordas 255
Flechas ou Bissetores das Cordas . 256

O Eneagrama se Move 257
Multiplicação 257
Colocando-se no Lugar dos Outros ... 258
Primeira Multiplicação: 0,142857 .. 259
Segunda Multiplicação: 0,285714 . 259
Terceira Multiplicação: 0,428571 .. 259
Quarta Multiplicação: 0,571428 260
Quinta Multiplicação: 0,714285 262
Sexta Multiplicação: 0,857142 262
Sétima Multiplicação: 0,999... 263
A Multiplicação na Vida 263
Experiências com Movimentos 263

O Eneagrama das Energias 265
O Raio da Criação 265
Nutrição e Energias 266
Laranja — Um Exemplo de Refinamento 268
Corpos do Homem 272
A Dança das Oitavas 274
Luta 275
Luz e Cores 277
Sistema Aditivo (Ondas) 279
Sistema Subtrativo (pigmento) 280
As Duas Correntes 280
Cores e a Escala Diatônica 281
Perfumes 282
Cristalografia 282

Como Usar o Eneagrama 285

Construção de uma Casa 287
Três Forças em Três Meios 288
Seqüência da Mente 289
7-1-4 Triângulo da Preparação 289
2-8-5 Triângulo da Ação 289
Seqüência Cronológica 290
Estudo pelos Nove Pontos 290
1 A Idéia 290
2 As Limitações 290
3 Materiais 291
4 Infra-Estrutura 292
5 Construir 292
6 Pessoas 292
7 A Casa Pronta 293
8 Habitar 293

9 Construção 294
Criação e Manutenção 294

Pintando um Quadro 297
Impulsos e Meios 297
1 Inspiração (Mm) 298
Tríade a Equilibrar: 7-1-4 298
Ciclo Cronológico 0-1-2 299
2 Planejar (Mf) 299
Tríade a Equilibrar: 4-2-8 299
Ciclo Cronológico 1-2-3 300
3 Tela e Tintas (Me) 301
4 Esboço (Fm) 301
Tríade a Equilibrar: 1-4-2 301
Ciclo Cronológico 3-4-5 302
5 Pintar (Ff) 302
Tríade a Equilibrar: 8-5-7 302
Ciclo Cronológico 4-5-6 303
6 Responsabilidade (Fe) 303
7 A Obra Pronta (Em) 304
Tríade a Equilibrar: 5-7-1 304
Ciclo Cronológico 6-7-8 304
8 Expor (Ef) 305
Tríade a Equilibrar: 2-8-5 305
Ciclo Cronológico 7-8-9 305
9 Separação (Ee) 306

Numa Empresa 307
Grande Tríade 307
1 Situação Atual 308
7-1 Objetivo Formal 309
1-4 Unidade de Comando 309
2 Planejamento 309
1-4-2 Método 310
2-8 Objetivo Real 310
2-8-5-7-1-4-2 Simulação 310
3 Primeiro Intervalo 311
4 Estrutura 311
1-4 Comando 311
4-2 Reformulação 312
5 Processamento 312
8-5 Gerência de Conteúdo 312
5-7 Forma 313
8-5-7 Ação 313
6 Segundo Intervalo 313
7 Saídas (*Output*) 313
5-7 Autonomia 314
7-1 Saídas 314
7-1-4-2-8-5-7 Revisão 314
8 Tomada de Decisão 315
2-8 Feedback 315
9 Fim 315
Níveis na Empresa 316
Grandes Figuras Internas 317
Projeto e Realização 317
Conexão 317
Triângulos 318
Cordas da Héxade 318

Aprendendo Piano — Professores e Mestres 321
1 Idéia, Situação, Recursos (Mm) 321
2 Planejamento/Informações (Mf) 322
3 Ser (Me) 322
4 Estrutura/Detalhes (Fm) 322
5 Ação Principal (Ff) 322
6 Vontade (Fe) 323
7 Modelo (Em) 324
8 Meta (Ef) 324
9 Função (Ee) 324
Continuidade 325
Os Efeitos da Música 325

Vivendo pelo Eneagrama 329
Um Instrumento de Diagnóstico 329
Perigos e Amortecedores 331
Estágios Mentais 331
Perigo do 1: Indecisão 331
Escapando do 1 331
Perigo do 2: Imaginação 332
Primeiro Intervalo — 3: Procrastinação 332
Estágios Físicos 333
Perigo do 4: Detalhe e Anonimato 333
Perigo do 5: Ativismo 333
Segundo Intervalo — 6: Medo 334
Estágios Emocionais 335
Perigo do 7: Isolamento 335
Perigo do 8: ingratidão 336
Terceiro Intervalo — 9: Status-Quo 336
Gestão Pessoal 337
Equipes 338
Desvios 340

Vida Comum 341
Construção de um Navio 341
Planta 341
Evolução de uma Árvore 342
Fazer uma Horta 342
Jardinagem 344
Fazer um Jardim 344
Manter um Jardim 344
Destruir um Jardim 345
Fazer uma Roupa 345
Dar uma Festa 345
Mergulho 347
Comer 348
Cortar Cebola 349
Fazer Pão 350
Ciência 350
Espectro Eletromagnético 351
Viagem 351
Mudança de Apartamento 352
Manutenção de Equipamento 352
Leitura e Aprendizado 353
Mente Nova 353
Aprender Outro Idioma 354
Resolver um Problema 354

Consultoria 355
Escrever 355
Direito e Leis 356
Lado Esquerdo: Preparação 356
Lado Direito: Realização 356
Os Oito Chapéus 357
Editar um Livro 358
Organização do meu HD 358
Grande Tríade 359
Grandes Grupos 359
Na Vida 360
Becape 361
Química 361

O Homem, a Vida e o Caminho 364
A Oração do Senhor 364
Os Mistérios da Bíblia 365
Os Nove Dons do Espírito 365
As Nove Ordens de Anjos 367
O Nobre Caminho de Buda 368
Viagem a Ixtlan 370
I Ching 370
Zodíaco 373
Homem Pré-Adâmico 375
O Grande Setenário 376
Dias da Semana 377
Dois Começos – Zero e Um 377
Aplicação do Setenário 378
Artes 379
Sinfonias de Beethoven 380
Orquestra 380
Ser Alguém, Fazer um Nome 381
Ritmo e Pulsação 383
Lei das Proporções 384
Musiquinha de 5 Notas 385
Embriogênese 387
Crescimento e Vida 388
Fases da Vida 389
Criação e Manutenção 389
Idades 390
Ciclo de Nove Anos 390
Ciclo de Sete Anos 390
Desenvolvimento do Eu 391
Apego e Desapego 392
Dualidade 392
Amor Subjetivo 392
Jogos 393
Influências e os Corpos do Homem 393
Monte Saint-Michel 394
Necessidades 395
Os Cinco "Esforços Obligolnianos Esserais" 395
Hierarquia de Necessidades de Maslow 396
No Santo Planeta Purgatório 397
Auto-Ajuda 397
Jornada Interior 398
O Homem e o Caminho 399
O Símbolo do Amor 399
O Propósito da Vida 400

Referência Bibliográfica 401

Índice Analítico 405

Índice Alfabético 411

Índice Alfabético

Absoluto
  Autolimitação do, 75, 117
  Na Criação, 84, 116, 121
  No Raio da Criação, 19
  O Alfa e o Ômega, 84
  Ou Deus, 114
Absoluto e relativo, 67
Acaso, 21, 32, 53, 271, 325, 355, 364
Acidentes musicais, 101
Acorde
  Em tríade, 103
  Maior, 103, 104, 163, 263
  Menor, 103, 104, 133, 263
  O que é, 103
  Proporções e Harmônicos, 102
Acumulação, 33, 209, 225, 230, 232, 244, 313
Adão, 24
Administração do tempo, 352
Afinação dos instrumentos, 163
Agradável, 99, 163, 234, 275
Aikido, 184
Ajuda
  Algo nos ajuda, 130, 131, 220, 229, 330, 334
  Auto-ajuda, 9, 391
  Do próprio resultado, 302
  Esforço e, 28, 234, 246, 316
  Externa, 29, 234, 243, 246, 266, 286, 333, 391
  Mecanismos de, 124
  Necessidade de, 30, 131, 224, 246, 391
  O contrário da, 330
  O eneagrama nos ajuda, 215
  Precisamos ajudar, 120, 389, 390, 391, 394
Alegoria, 10
Alfa e Ômega, 84
Álgebra, 81, 236
Algoritmo, 53, 173, 174
Alimento
  Ar, 48, 58, 59, 129, 133, 184, 243, 269, 297, 337
  Buscar seu próprio, 58
  Impressões, 34, 48, 59, 128, 129, 131, 237, 263
  Sólido e líquido, 48, 263
  Três Tipos de, 47, 127
Alla-attapan, 109
Alma, 22
Alquimia, 48, 131, 237
Alta resolução, 88
Alteração das Leis, 105, 111, 118
Alto, reverenciar o, 64
Altruismo, instinto de, 59
Aminoácidos, 162
Amnésia, 23
Amor, 28, 34, 64, 114, 124, 133, 140, 148, 269, 270, 362, 368, 386, 393
Amortecedores, 20, 26, 325, 327
Análise de Sistemas, 303, 304
Analogia, 49, 56, 59, 63, 64, 67, 81, 161, 162, 163, 190, 205, 206, 231, 268, 276, 293, 341, 378
Analógico, 67, 81
Anatomia, 209, 296
Animais
  Andorinha, 334
  Burro, 228
  Cachorro, 34, 77, 256
  Camaleão, 21
  Cavalo, 31, 32, 77, 268, 321, 335
  Dragão, 272
  Elefante, 73
  Escolha, 18
  Filhotes, 59
  Ganso, 70, 77
  Gato, 144
  Hipotéticos, 222
  Lebre, 104
  Mamíferos, 59, 60, 133
  Peixe, 19, 188, 328
  Ratinho de laboratório, 380
  Réptil, 60
  Sagrados, 213
  Simbólicos, 365
Anjos, 89, 204, 213, 235, 272, 274, 362, 363
Anonimato, 9, 10, 230, 231, 244, 329, 343, 376
Anulios, 40, 123
Apartamento, 347
Apego, 21
Aposentadoria, 247
Aprendizado, 167, 172, 300, 317, 321, 349
Arezzo, Guido, 100, 117
Aritmética, 80
Arjuna, 272
Armênia, 175
Arquimedes, 79
Arquitetura, 91, 137, 154, 174, 187, 221, 236, 283, 368
Arte
  Do homem comum, 68
  Dos Homens n° 1, 2 e 3, 42, 43
  E dias da semana, 373
  E tríades, 293, 294
  Ikebana, 90
  Legominismo, 69
  Objetiva, 69, 294, 323
  Obras de, 12, 69, 91, 293, 301
Artifícios de cálculo, 173
Árvore
  Camadas do tronco, 88

De Natal, 27
E a laranja, 264, 265
E floresta, 329
E frutos, 393
Eneagrama de uma, 338
Genealógica, 54
Transformar-se em, 44
Assimetria, 65, 90, 119, 158, 246
Astrologia, 101, 367
Áries e Libra, 182
Libra e Áries, 234
Astuto, 80
Atenção, 36
como filtro limitador, 72
Atitude, 28, 39, 333
Ativismo, 329
Atlântida, 108, 109, 110
Átomo, 55, 127, 278
Autocomplacência, 327
Autoconhecimento, 17, 22
Autodesenvolvimento, 24, 75, 110, 227, 236, 282, 391
Autoegocrata, 59, 118, 124, 158, 231, 239, 291
pseudo, 59, 239
Auto-estudo, 29, 47
Automóvel, 25, 32, 36, 349
Automóvel, carro, 25, 36, 349
Auto-observação, 22, 29, 47, 89, 238
Autopreservação, 59
Autotranqüilizante, 17, 295
Autotransformação, 21, 224, 299, 327
Auto-unificação, 26
Babilônia, 93, 107, 371, 373
Bach, 322, 377
Ba-guá, 187
Balística, 78
Beethoven, 79, 374
Beleza, 66, 99, 181, 208, 234, 246, 300, 309, 370, 373
Bemol, 101, 194
Beneditino, 100
Bhagavad-gita, 272
Bíblia, 80, 163, 238, 360, 361, 369, 371
Bicerebrados, 222, 229
Bilateralidade, 157
Bodas de Canã, 24
Bonecos, 166
Borboleta, 70, 87
Bordeaux, 368
Brahma-Shiva-Vishnu, 114
Bridges, William, 352
Brinde aos Idiotas, 45
Buda, 363
Burocracia, 230, 244, 284, 288, 308, 354, 373
C, O ou N, 126
Cabeça, 220
Caçador, 364
Cadinho, 215
Calar, 41
Cama de Gato, 144
Câmera-lenta, 88
Caminho
Alguém já no, 29, 306
Como começa, 47, 333
Da unificação, 353
de Buda, 363
Depois de Filadélfia é um, 364
Difícil, 237
Do conhecimento, 148
Do homem de poder, 364
Do refinamento, 168
Encontrar o, 30
Eneagrama e labirinto, 173
Escada e, 261
Fácil, 299
O Homem e o, 393
Os Quatro Caminhos, 32
Quarto Caminho, 11, 12, 32, 33, 45, 47, 172, 318, 319, 333, 389
Que não pode ser acessado de imediato, 175
Canhoto, 66
Cânon de Da Vinci, 204
Capacidade Mental, 167
Característica principal, 325, 327, 391
Caráter, 28, 43, 116, 188, 200, 283
Carbono, 126, 131, 132
Carneiro no Arbusto, 201
Carruagem, 31, 49, 268, 321, 335
Castañeda, 364
Catedrais e Igrejas, 9, 65, 90, 91, 173, 174, 175, 200, 212, 213, 221, 222, 286, 361
Categorias de Homens
Idiotas, 45
Sete, 42, 44
Tipos e planetas, 46
Três, 45
Categorias de matéria, 128
Centros
De gravidade, 93, 96
Duas partes, 35
E caminhos, 32
Emocional, 34, 37, 38
Físico, 33
Inferiores, 33, 35
Instintivo-motor, 31, 36, 59, 148, 228, 349
Intelectual, 34, 37, 38
Magnético, 28, 39, 56
Partes segundo a Atenção, 36
Quatro, 31
Quinto, 31
Sete, 31
Sexual, 31, 35, 36, 128
Subcentros, 216
Superiores, 31, 36, 38, 42, 44, 53, 78, 124, 157, 168, 226, 269
Três, 9, 31, 32, 37, 40, 78, 79, 80, 113, 133, 147, 174, 200, 206, 215, 282
Três andares, 35, 47, 48
Tricerebrado, 31
Uso dos, 32, 36
Cérebro
Primeiro, 59
Segundo, 59
Terceiro, 59, 222
Chartres, 173, 213
Chave, 11
Chefe interior, 335
Chefe-de-família, 45, 232
China, 108, 109, 187, 357, 364
Choque

Consciente, 267, 282, 319, 330
Da vida, imprevisto, 17, 21, 233, 273
Desvios, Intervalos e, 93
Domingo, 371
Exterior, 38, 121, 159, 219, 220, 241, 282, 297, 315
Graça, 325
Inicial, 226
Lei do, 95
Na Criação, 122, 123, 124
Na Nutrição, 132, 262, 263
Negativo, 330
No Harnel Aoot, 221, 234
No primeiro intervalo, 121, 122, 129, 130, 286, 287, 325
No terceiro intervalo, 222, 223, 237
Pontos de, 141, 145, 150, 238
Três máquinas, 124, 130, 220
Ciclo das quintas, 103
Ciclo de Nove Anos, 384
Ciclo de Sete Anos, 384
Ciência, 9, 39, 72, 78, 108, 109, 132, 345, 361, 362
Objetiva, 53
Tazaloorinono, 108
Ciranda, 143
Círculo
Da Humanidade, 179, 181
De Nove Pontos, 199
De pedras, 175
Geração do, 155
Iezida, 181
Triângulo e Quadrado, 183
Círculos de nove pedras, 137
Coincidências, 11, 80, 107, 184, 185, 197, 204, 206, 209, 356
Colar ensaboado, 144
Coletivo, 19, 72, 269, 271, 375, 378
Coluna espinhal, 40
Coluna vertebral, 31
Comando, 305, 307
Compostela, 101, 215
Compreensão, 11, 12, 21, 37, 41, 45, 78, 81, 85, 115, 116, 281, 378
Alimento da Essência, 23
Capacidade de, 168
De si, 125
Do eneagrama, 143, 284
Literal, 43
Nos corpos superiores, 168
Pela experiência, 23
Ser, Saber e Compreender, 41
Concentração, 31, 58, 60, 118, 119, 121, 171, 183, 202, 378
Cone, 172
Conhecimento objetivo, 101
Consciência
De outra dimensão, 76
Dos animais, 77
Dos Centros Superiores, 37
E arte objetiva, 69, 294, 323
Em relação ao tempo, 89
Estado superior de, 40, 89, 141
Estados de, 39
Expansão, 18, 168
Harnel Aoot, 130
Lampejos, 17
No espaço e tempo, 79
Tridimensional, 59
Varinha mágica, 9
Vida, um toque de, 58
Consideração interior e exterior, 34, 41
Construção de uma Casa, 283
Consultoria, 315, 350
Continuados, 30
Cordas
Ascendentes, 315
Bissetores das, 252
Da Héxade, 314, 336
De Conexão, 315
Descendentes, 314
O estudo das cordas, 251
Cores
Aplicação prática, 277
Dois tipos de, 275
E a Escala Diatônica, 277
E som, 277
Em tríades, 274
Influência, 274
Mistérios da cor, 275
Sete cores puras, 274
Sistema aditivo, 275
Sistema subtrativo, 276
Três básicas, 166
Três primárias, 70, 275, 276
Cornucópia, 12
Corpos
Astral, 49
Causal, 49
Crescimento dos cospos superiores, 49
Do Sol, 127, 270
Físico, 18, 23, 31, 33, 48, 49, 58, 64, 70, 86, 123, 129, 133, 172, 204, 270, 382
Humano, 65, 90, 91, 192, 211
Kesdjan, 49
O que é meu, 269
Partes do, 206, 362
Quarto corpo, 49, 131, 268
Superiores, 21, 36, 40, 45, 48, 49, 56, 120, 124, 133, 168, 172, 215, 223, 262, 331, 382
Córtex, 59
Cosmos
Três consecutivos, 85
Tridimensionais, 63
Crescimento e Vida, 382
Criação
Coletiva, 72
Do Mundo, 118, 139, 290
E Evolução, 18
E Manutenção, 290, 383
E Manutenção do Mundo, 140
Segundo Gurdjieff, 57, 118
Criança, 23, 70, 317, 337, 379, 387
Cristalização, 28, 44, 53, 121, 126, 266
Rede cristalina, 55
Cristalografia, 278
Cristo, 44, 212, 213, 360
Cura, 41
Da Vinci, Leonardo, 204, 205
Dança das Oitavas, 137, 149, 209, 258, 270
Dédalo, 173, 174

Deflexões, 93, 96, 104, 106
Deformação, 87
Delegação de poder, 58
Densidade, 84, 126, 127, 131, 264, 272
Depressão, 64
Desejos, 26
Deslocamento dimensional, 81
Desordem, 57
Despertar, 11, 20, 21, 40, 43, 130, 335
Desvios, 93, 336
Desvios, Intervalos e Choques, 93
Determinismo, 55
Deus
  Absoluto ou, 114
  Ajudar a Deus, 394
  Aprender com, 238
  Descansou, 371
  Deus Verbo, 112, 118, 120
  Fé em, 32
  Fez o mundo, 80, 238
  Imagem de, 149, 382
  Lutar contra Deus, 20
  Nome de, 85
  O Idiota Único, 45
  Onde está, 19
Diácono, Paulo, 100
Dias da semana, 371
Dificuldades, 33, 219, 227, 228, 239, 289, 306, 310, 320, 330, 331, 381, 387
Digital, 67, 81
Dimensões
  E Hierarquia, 84
  Hexadimensional, 158
Dinâmica da existência, 241
Dinamismo, 58, 149, 155, 158, 161, 272
Dinheiro, 38, 145, 308, 387
Direção natural, 57, 59
Direção positiva, 66
Direito e Leis, 351
Discernimento, 22, 39, 361
Discos, 23, 356
Distribuição normal, 198
Dividit et impera, 306
Divisão interior, 21, 25
Divisão por Treze, 369
Dízima periódica, 160
DNA, 162
Dobreiner, 356
Doenças, 69, 229, 331
Dois começos, 371
Doman, Glenn, 259
Dominante, 97, 103, 121
Dragão, 272
Dualidade, 66, 386
Duas correntes, 18, 19, 58, 83, 124, 209, 271, 273, 276, 335
Ecologia, 61
Ecologista, 9
Editar um Livro, 353
Educação, 23, 24, 28, 41, 43, 47, 68, 71, 109
Educando filhos, 239
Efeito em Cascata, 120
Egito, 137, 172
Egoísmo, 59
Einstein, 86
Eixos, 65, 66, 71, 90, 150, 157, 206, 225, 230, 244, 278, 299, 380
Emblema de Gurdjieff, 211
Embriogênese, 381
Emoções
  Negativas, 35, 41, 133, 222, 237, 393
  Parciais, 34
Empresa
  Eneagrama da, 303
  Níveis na, 187, 250, 258, 312
Eneágono, 147, 158, 237, 356, 368
Eneagrama
  Ângulos, 150, 151
  Associações, instrumento mnemônico, 168
  Cebola, 344
  Comer, 343
  Como usar, 281
  Cordas, 251
  Da Personalidade, 46
  Das Energias, 163, 261
  Desenhando o, 151
  Diatônico, 197
  Dois eneagramas fundamentais, 261
  E a Escala Diatônica, 119, 196
  E a Seção Áurea, 194
  E o Círculo, 178
  E o Heptágono, 186
  E o Hexágono, 185
  E o Octógono, 187
  E o Pentágono, 184
  E o Quadrado, 182
  E o Triângulo, 178
  E Pi, 198
  Em Paris, 137, 154, 175
  Estrutura gráfica, 147
  Eu sou, 139
  Evolutivo e consciente, 215
  Falso, 46
  Ferramenta, 139
  Festa, 341
  Geração simbólica, 155
  Instrumento de Diagnóstico, 325
  Jardinagem, 340
  Mergulho, 342
  Multiplicação, 253
  Novas figuras, 254
  Origens, 137
  Os nove pontos, 149
  Pão, 345
  Parte de Algo Maior, 180, 195
  Partes especiais do, 249
  Plantas, 338
  Roupa, 341
  Se move, 253
  Segmentos, 251
  Símbolo do fazer bem feito, 80
  Vivendo pelo, 325
Energias
  Cristalização dos mundos, 126
  E corpos, 47
  Hidrogênios, 126
  Refinamento, 20, 48, 49, 116, 132, 168, 172, 227, 262, 264, 265, 267, 375, 378
Entropia, 57, 58, 60, 69, 99, 229
  Ganho de organização, 57
  Perda local, 57
Envolvimento, 216, 217, 218, 219, 221,

223, 224, 234, 238, 330
Equação, 53, 55, 160, 190
Equipes, 333, 352
Erros, 57, 69, 95, 124, 172, 194, 236, 281, 288, 290, 299, 318, 319
Escada, 19, 75, 80, 84, 85, 95, 124, 170, 261, 272, 388
Escala
Cromática, 106
De energias, 126
De hidrogênios, 127
De idiotas, 45
De vibrações, 97
Diatônica, 97, 163, 182, 196, 277
Do Homem, 128
E tamanho, 67
Escalas móveis, 127, 262
Harmônica, 107
Métrica, 107
Musical, 95, 170
Temperada, 106
Escola, 11, 32, 33, 39, 43, 333
Escolha, 18
A quem servir, 130
Alimentar a Lua ou o Sol, 270
Auto-escolha, 22
De sua própria equação, 55
Decisão de omissão, 380
Individual, 19
Poder de, 18
Poucos seão escolhidos, 19, 172
Escrever, 12, 33, 68, 79, 257, 350
Esfera, 64, 76, 77, 83, 148, 272
Esforço
Ajuda no, 334
Contra a correnteza natural, 19, 20
Contra a estagnação, 330
Contra a gravidade, 309
E ajuda, 28, 234, 246, 316
Errado, 245, 380
Individual, 19
Intencional, 20, 59, 130
Obligolniano, 41, 258, 333, 389, 390
Quando é preciso, 379
Superesforço, 60, 260
Espaço-Mundo, 86, 87
Espaço-Tempo, 75, 76, 77, 86, 294
Espectro eletromagnético, 55, 107, 168, 273, 346
Espelho, 29, 70, 71, 140
Espiral, 76, 169, 170, 173, 192, 223, 241, 248, 268, 272
Espírito Santo, 112, 114
Espiritualidade, 363
Espontaneidade, 69
Esquecimento de si, 246
Essência
Alimento da, 42
Colocar-se no lugar do outro, 254
E educação, 47
E Personalidade, 23
Libertar a, 293
Reencontrar a, 47
Viver a, 44
Essencial e existencial, 159
Estações do Ano, 182, 252
Estética, 194
Estradas, 17
Estratégia, 173, 306, 352
Estrela de Davi, 158, 180, 195, 234, 258
Eternidade, 28, 80, 139, 147, 149
Eu e os outros, 68
Eu Observador, 28, 29
Eu Real, 27, 28, 32, 39, 44
Eu Sou, 10, 139, 141, 244, 246
Eureka, 79
Evolução, 11, 19, 20, 21, 27, 34, 45, 54, 57, 58, 72, 120, 122, 124, 129, 132, 140, 157, 170, 171, 183, 261, 262, 263, 268, 305, 322, 378
Evoluir, 21, 23, 28, 131, 254
Exercícios, 47, 168, 183, 237, 238, 253, 254, 259, 359
Exército, 379
Existência
Dinâmica da, 241
Expansão, 79, 148, 168, 170, 294, 370, 378
Experiência
Aprendizado pela, 172
Com erros, 236, 242
Com Movimentos, 259
Compreensão pela, 23
Conhecimento pela, 247
De desenhar o eneagrama, 151
É sempre positiva, 300
Envolvimento real, 223
No verdadeiro Caminho, 47
Pode nos ensinar, 70
Subjetivas, 68
Expressão, 68
Fábrica, 36, 47, 48
Falsa-personalidade, 24, 27, 29, 47, 69, 272
Família, 18, 45, 122, 161, 230, 231, 286, 287, 339, 378
Fanatismo, 43
Fases da vida, 383
Fazer
Aquilo em que se é único, 335
Bem Feito, 79, 80, 223, 296, 323, 355
Como fazer?, 225, 238
Dá sensação de poder, 231
E o poder das relações humanas, 334
Ilusão de, 183, 298
Não fazer nada, 247
O homem não pode, 291
O que devo, 46
O que?, 245
Objetivo, 282
Pão, 113, 115
Processos de, 215
Sem esforço, 59
Sem nunca terminar, 299
Sua própria história, 77
Tentar, 60
Felicidade, 19, 21, 31, 75, 80, 320
Feng Shui, 187
Festa da Luz, 201
Fibonacci, 193, 194
Ficção científica, 10
Filadélfia, 364
Filho, 25, 239, 244, 375
Pai, mãe e, 161

Pródigo, 20
Que agora é o Pai, 122, 232
Filme, 10, 56, 68, 87, 155, 160, 233, 255, 272
Filosofia, 39, 56, 344
Física quântica, 273
Flechas, 252
Fluxo espontâneo, 56
Fogo da transformação, 140, 230
Fome, 59, 228, 343, 390
Fônon, 39, 55, 56
Força
As três forças, 114, 224
Ativa, 111, 112, 113, 114, 131, 224
Como lançar no eneagrama, 224
Neutralizante, 111, 112, 113, 225
Palavras-chave, 114
Passiva, 111, 112, 113, 114, 131, 132, 224
Terceira, 112, 113, 156, 157, 209, 334
Forma e Número, 78
Fóton, 55
Fractais, 54, 82, 90, 194
Fricção, 28, 58
Função
Vontade, Ser e Função, 115
Funções, 31, 33, 35, 36, 37, 43, 48, 159, 329, 334, 364
Fundamental, Som, 102
Fundo do poço, 233
Futebol, 22, 88
Galáxia, manifestação da, 125
Galileo Galilei, 155
Gárgula, 157, 222
Gasto, 33, 56, 68, 209, 225, 232, 313, 334, 356
Gauss, 198
Geometria
Desdobramento da, 81
Geradora, 188
Sagrada, 97, 141, 178, 188, 190, 192, 237, 278
Geórgia, 175
Geração
Da linha, 82
Do espaço ou o sólido, 83
Do plano ou superfície, 82
simbólica, 155
Gestão pessoal, 333
Gobi, 108
Gogol, máscara mortuária de, 208
Golias, 353
Graça, 66, 130, 243
Grafologia, 68
Grande simulador, 228, 287
Graus de liberdade, 75, 81
Gravidade, 19, 31, 60, 64, 93, 96, 165, 220, 222, 227, 229, 231, 234, 309, 336, 372, 380
Grupo, 22, 29, 33, 39, 80, 128, 172, 212, 230, 231, 334, 358
Guerra, 18, 173, 272, 274, 291, 337
Hábitos, 17, 259, 348, 393
Halicarnassus, 175
Hamlet, 380
Hanukah, 201
Harmônicos, Acordes, Proporções,, 102
Harnel Aoot, 110, 119, 120, 121, 124, 130, 168, 221, 222, 223, 229, 232, 233, 239, 246, 282, 289, 299, 316, 319, 330, 377, 379
do homem, 130
Harnelmiatznel, 111, 121, 130, 131, 156, 227, 242, 272
Hartmann, Thomas de, 10
Hasnamuss, 45
HD, 353
Hemisférios cerebrais, 65, 67, 71, 140, 206, 321
Heptágono, 102, 186, 235
Heptaparaparshinokh, 54, 93, 104, 105, 106, 109, 110, 118, 147, 150, 197, 208, 233, 278
Herald of Coming Good, 247
Hereditariedade, 40, 41
Hermes Trimegistos, 63
Heropass, 57, 58, 118, 291
Heurístico, 53, 173
Héxade
Em Curvas, 204
Geração da, 158, 218
No Eneagrama, 150
Orientada por setas, 150
Hidrogênios, 58, 72, 126, 128
Hierarquia, 44, 67, 73, 84, 85, 103, 149, 156, 161, 172, 174, 250
Hino a São João Batista, 100
História de um homem, 18, 77
Homem
A nota do, 163
De poder, 364
E mulher, 133
Eixos de Simetria, 65
Exterior, 42, 60, 198
Frente e costas, 66
Interior, 42, 60
Nível significado, 60
Pré-adâmico, 137, 369
Representante da Essência Divina, 281, 282
Transicional, 42, 60
Vida e Caminho, 359
Vitruviano, 204, 205
Housekeeping, 310
Humildade, 25, 219, 318
I Ching, 187, 364, 365, 366
Idades, 384
Identificação, 29, 35, 36, 41, 47, 89, 237, 251, 286, 322
Iezida, 181
Ignorância, 21, 26, 380
Ikebana, 90
Iluminado, 273
Ilusão, 18, 23, 56, 71, 73, 145, 183, 229, 231, 232, 245, 270, 272, 295, 298, 308, 309, 328, 329, 330, 331, 393
Imagem de Deus, 149, 382
Imaginação, 32, 34, 35, 76, 166, 216, 242, 252, 295, 327, 328, 370
Imanifestado, 81, 140, 155
Imitação, 42
Imitar, 32, 33
Imperfeição, 28, 69, 81, 124, 173, 276
Impressões, 34, 48, 59, 128, 129, 131, 237,

263
Constatação das, 131
Incerteza, 53, 117, 321
Indecisão, 327
Índia, 202
Infância, Juventude e Maturidade, 382
Infinito, 64, 67, 72, 77, 83, 117, 148, 160
Influências, 38, 39, 78, 80, 109, 151, 225, 265, 268, 274, 277, 316, 321, 322, 333, 336, 338, 377, 378, 387
Iniciados, 11, 30, 69, 109, 117
Inimigo, 20, 25, 27, 34, 308, 353, 355
Insegurança, 77, 246, 299
Instinto, 18, 33, 35, 42, 70
Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem., 211, 253
Intelecto, 32, 60, 78, 140
Inteligência primordial, 53
Intenção, 20
Interdependência, 56, 158
Interseções, 249
Intervalos
A Héxade e os, 226
Apenas dois, 104, 121
Colocação dos, 149
Desvios, Intervalos e Choques, 93
Dois, 96, 104, 110, 121, 140, 208, 233
E a mão humana, 209
Escondido, 231
Gárgula, 222
Harnel aoot, 157, 222
Harnel Aoot, 110, 119, 120, 121, 124, 130, 168, 221, 222, 223, 229, 232, 233, 239, 246, 282, 289, 299, 316, 319, 330, 377, 379
Latentes, 105
Mdnel-In Mecânico-coincidente, 119, 130, 220
Mdnel-In Realizado-intencionalmente, 119, 222, 237, 239, 247
Na Nutrição, 124, 129
No Raio da Criação, 121, 122, 123
Notação por Proporções, 103
Os três, 219
Primeiro, 121, 129, 220, 243, 266, 307, 328, 330
Primeiro (3), 220
Segundo, 221, 229, 246, 267, 288, 309, 330
Terceiro, 110, 149, 222, 223, 239, 247, 248, 282, 332
Três, 104, 105, 109, 238
Involução, 54, 72, 120, 124, 129, 169, 170, 262, 265
Israel, 20
Itália, 100, 175
Ixtlan, 364
Jacó, 20
Jogos, 13, 22, 88, 145, 173, 200, 245, 309, 352, 388
De oposição e conquista, 272
Fliperama, 145, 387
Futebol, 22, 88
Jogos de nove pontos, 200
Regras, 13
Xadrez, 173
Judaísmo, 201
Judas Macabeu, 201
Julgamento, 35, 38, 289, 301
Justiça, 236, 379
Kabbalah, 101, 137, 221
Karatê, 184, 318, 319
Kircher, Athanasius, 137
Kremski, Alain, 323
Krishna, 272
Kundabáfer, 40, 41, 71, 108
Labirinto, 172, 173, 174, 232, 241, 287, 307, 364
Laboratório, 380
Lados direito e esquerdo, 65, 71
Lago, 155, 342
Laranja, 264, 265
Legominismo, 69, 107, 108, 154, 175, 277, 373
Lei cósmica Litsvrtsi, 120
Lei da analogia, 64
Lei da combinação de cores, 110
Lei da Combinação de Cores, 277
Lei da Lua, 380
Lei da Outra Maneira, 256
Lei da Subida e Descida, 172
Lei da Tipicalidade, 44
Lei Daivibrizkar, 100
Lei das Dimensões, 206, 382
Lei das Vibrações, 264
Lei de Causa e Efeito, 289, 308
Lei de Dez, 110
Lei de Murphy, 289
Lei de Nove, 93, 108, 109, 137, 208
Lei de Sete, 46, 80, 93, 95, 102, 104, 106, 107, 121, 129, 132, 145, 147, 150, 160, 163, 164, 166, 206, 207, 208, 273, 274, 282, 285, 290, 291, 393
Centros-de-gravidade, 93, 96
Deflexões, 93, 96, 104, 106
Desvios, Intervalos e Choques, 93
E a Escala Musical, 95
Intervalos, 93, 95, 96, 103, 105, 107, 109, 110, 123, 130, 140, 149, 150, 159, 168, 196, 197, 208, 209, 216, 217, 224, 233, 235, 238, 239, 282, 288, 315, 322, 357, 371, 379
O que é, 93
Stopinders, 93, 95, 96, 102, 104, 118, 208, 217, 274, 372
Três formas da, 106
Lei de Três, 46, 80, 84, 85, 93, 95, 105, 106, 111, 113, 114, 115, 131, 132, 140, 145, 147, 149, 163, 164, 229, 273, 278, 282, 290, 393
Lei do Acaso, 39
Lei do Choque, 95
Lei Única, 11, 73, 81, 93, 147, 173, 393
Leis cósmicas fundamentais, 69, 93, 104, 111, 118, 144, 147, 158, 173, 282, 357, 393
Leis Essenciais, 160
Leis Existenciais, 160
Leis, Alteração das, 105, 111, 118
Leitura e Aprendizado, 348
Lemas, 355
Lembrança de si, 40, 57

Liberdade, 9, 13, 53, 63, 64, 70, 75, 76, 81, 83, 84, 140, 246, 293
  Graus de, 75, 81
  Interior, 63, 70
Líder, 305, 309, 332
Limitações, 286
Linguagem, 11, 12, 13, 34, 38, 42, 53, 112, 179, 181
Linha
  De Fogo, 244
  Do Conhecimento, 33
  Do Ser, 33
  Geração da, 82
  Mundo, 77, 86
  Reta, 82
Litsvrtsi, 120, 131
Livre-arbítrio, 130
Lógica
  Bipolar, 112
  Triádica, 112
Lua
  Alimento da, 46
  E Anulios, 40
  Nascimento da, 123
  O elo mais novo da Criação, 121
  Servir à, 130
Lugar tranqüilo, 27
Lunático, 45
Luta, 271, 272
Luz
  E Cores, 273
  Onda ou partícula, 273
  Partícula ou onda, 55
  Raios positivos e negativos, 109
Madeira, 73, 127, 200
Maestro, 375, 377, 378
Mahabharata, 22, 272
Mandala, 148, 202
Mandorla, 188
Manipulação, 166, 167, 282
Manutenção, 29, 57, 72, 112, 119, 125, 150, 166, 272, 290, 291, 292, 308, 310, 311, 327, 333, 338, 354, 373, 375, 389
  De Equipamento, 347
  Do Mundo, 118, 139, 290
  Recíproca, 53, 118, 124, 159, 219, 291, 359, 391, 393
Mãos no Piano, 210, 379
Marionetes, 165, 166
Marketing, 352
Marseillese, 322
Máscara, 24, 208, 282
Masoquismo, 20
Massas, 19, 20, 38, 198, 230, 334, 375, 378, 380
Matemática, 13, 31, 53, 56, 78, 99, 105, 107, 173, 202, 208, 367
  Do Nove, 164
  Do Sete, 105, 160
  Do Três, 161
  Mais exato que, 56, 208
  Proporção, 190
  Razão, 190
  Sagrada, 13, 53
Matemáticas, 160, 190
Matéria
  Categorias de, 128
  Emanações, 129
  Teclado da, 127
  Três estados da, 127
Mdnel-in, 109
Mdnel-In
  Mecânico-coincidente, 119, 130, 220
  Realizado-intencionalmente, 119, 222, 237, 239, 247
Médico e Monstro, 25
Medida, número e peso, 53
Medieval, 117, 137
Meditação, 12, 202
Medo, 18, 77, 270, 299, 309, 330, 331, 332
Megalocosmo, 61, 111, 118, 291, 390
Memória, 31, 70, 73, 87, 144, 167
Mendeleyev, 356, 357
Menorah, 201
Mente nova, 348
Mesquita em Samarra, 169
Mestre, 9, 11, 19, 29, 32, 39, 41, 55, 154, 183, 235, 247, 268, 273, 319, 335, 375
  Relação mestre-discípulo, 39
Meta
  Bem ou mal em relação à, 229
  Conquistar o tempo, 89
  Definição exata, 296, 306, 307
  Definição exata é essencial, 296, 306, 307
  E desvio, 94, 247
  E Vontade, 26
  Felicidade e permanência, 21
  Incentivo na, 228, 232, 308
  Intenção e, 20, 69, 289
  Lunático, sem meta, 45
  Muitos eus e, 22
  No labirinto, 172, 241
  Possíveis, 223, 306
  Projetos, 223, 224, 230, 306, 352, 354
  Reformular, 241, 380
Metanóia, 232, 310
Michelangelo, 293
Milagre, 29, 201
Missão cósmica, 17, 294
Mistério, 21, 114, 131, 149, 156, 164, 183, 275
Mistérios da Bíblia, 360
Mitologia, 274
Mixtus Orbis, 101, 369
Monodimensional no tempo, 89
Monte Atos, 137
  Monte Saint-Michel, 388
Morrer para renascer, 20
Morte, 64, 157
Motorista, 32
Mouravieff, Boris, 28, 38, 71, 89, 90, 101, 111, 133, 137, 156, 222, 369, 370
Movimento
  Ascendente, 315
  Centro motor, 31, 33, 36, 37, 128, 132, 148, 222, 259
  De ligação, 315
  Descendente, 220, 314, 330
  do Sol e da Terra, 66
  Duas correntes, 18
  E Relatividade, 84
  No tempo, 87
  Perpétuo, 112, 143
Movimentos

De dança, 253
Experiências com, 259
Filme com, 68
Gurdjieff ensinava em Paris, 154
Multiplicação, 253, 254
Trocas de lugar nos, 254
Muitos Eus, 24
Multiplicação
Exercícios de, 253
No Lugar dos Outros, 254
Por 9, 164
Multiplicidade, 20, 58, 81, 139, 148
Mundos
Dentro de mundos, 180
E Leis, 75, 116, 125
Sete, 159
Museu Britânico, 175, 201
Música
Chinesa antiga, 103
Congelada, 78
De Gurdjieff, 10
Denominação das notas, 101
Efeitos da, 321
Erudita, 70
Escala diatônica, 97, 163, 182, 196, 277
Musiquinha de 5 Notas, 379
Notas pretas, 96, 379
Pauta de 5 linhas, 100
Sete notas básicas, 96
Mutação, 55, 81, 84
Nascer de novo, 44
Natal, 27
Natureza, 18, 29, 41, 53, 59, 70, 93, 208, 222, 339, 393, 394
Natureza mista, 18
Navio, 337
Necessidades e sobrevivência, 58
Necessidades humanas, 172
Neurônios, 108, 275
Newlands, 356
Nitrogênio, 126, 131, 132
Nível de ser, 39, 42, 89, 91, 168, 273, 323
Nome, 375
Notação musical, 100
Notas musicais, 96, 101
Notas pretas, 96, 379
Notre-Dame de Paris, 212
Nove
Dons do Espírito, 360
Luzes, Hanukah, 201
Musas, 368
Na Arquitetura, 154, 174
Ordens de Anjos, 362
Prova dos, 165
Nucleotídeos, 162
Número
Cardinal, 162, 367
Da besta, 163
Do Eneagrama, 211
Oito, 101
Ordinal, 162
Treze, 230, 369
Numerologia, 165
Nutrição, 48, 116, 126, 129, 132, 172, 261, 262, 263, 268
Agregação dos homogêneos, 120, 131
As Três Oitavas da, 129
O&M, 335
Objetivo, o que é, 63
Objetos, 21, 55, 69, 87, 167, 285
Deslocamento no espaço, 87
Número máximo, 167
Óbvio, 69
Octógono, 98, 137, 187, 236
Oitavas
Chinesa, 97
Dança das, 137, 149, 209, 258, 270
Dentro das oitavas, 88
E o Espectro Eletromagnético, 55, 107
E os corpos do homem, 268
Em espiral, 161, 170, 171
Em forma de onda, 103
Grande oitava cósmica, 121, 122
Grande Oitava Cósmica, 121, 122
Musical, 95, 96
Não são planas, 272
Primeira da Nutrição, 130, 163
Primeira Oitava Lateral, 121, 122
Principais e Subordinadas, 208
Segunda da Nutrição, 129, 130, 263
Segunda Oitava Lateral, 123
Terceira da Nutrição, 131
Três, 124, 129, 133, 141, 241, 262, 268, 390
Oito chapéus, 352
Olho, 274, 275
Bastonetes e cones, 275
Ondas
Amortecidas, 371
Curtas, 264
Longas, 264
Ópio, 109, 110
Oração do Senhor, 113, 359
Ordem dos bemóis, 101
Ordem dos sustenidos, 101
Orquestra, 374
Ortocentro, 199
Osíris-Ísis-Hórus, 114
Ouro, 12, 77, 131, 237
Ouspensky, 26, 28, 29, 32, 33, 35, 45, 46, 49, 70, 77, 87, 125, 127, 128, 143, 148, 158, 169, 179, 181, 234, 259, 277, 333, 370
Oxigênio, 126, 131, 132
Pai Nosso, 359
Pai, Filho e Espírito Santo, 112, 114
Pão de cada dia, 113, 359
Papéis
Que desempenhamos, 25
Trocando lugares e, 259
Papus, 161, 238
Parábolas, 20, 21, 24, 78, 81, 241
Parecido não é igual, 64
Pareto, Princípio de, 378
Paris, 9, 100, 137, 154, 175, 212, 213, 323
Partkdolg-duty, 113, 359
Passado e futuro, 68, 294, 299
Passageiro, 32
Pecado original, 71
Pentagrama, 233, 234, 235, 330
Percepção, 12, 34, 70, 71, 72, 87, 88, 89, 108, 109, 167, 215

Perda, conceito de, 57
Peregrinação, 101, 173, 215
Perfeição, 90
Perfumes, 267, 268, 278
Perigos e Amortecedores, 327
Permanência, 21
Perseguição, 43
Personagens, 24, 25, 26, 34, 212, 334, 335, 352, 353, 362
Personalidade, 23, 24, 26, 27, 29, 38, 44, 46, 47, 63, 68, 69, 128, 167, 235, 244, 270, 272, 293, 331, 382
  Falsa, 24, 27, 29, 47, 69, 272
Perspectiva, 87, 180
Pétala, 190
Peters, Tom, 352
Phi, 90, 193, 194
Pi, 198
Pintando um quadro, 293
Piracema, 20
Pirâmides, 64, 172, 201, 312, 390
Pitágoras, 78, 103, 199
Planetas, 46, 64, 120, 123, 370, 372, 375, 387
Plano-Mundo, 86
Plexo solar, 31, 222
Plotino, 137
Pluridimensionalidade, 77
Polaridade, 23, 35, 157
Polígono estrelado, 184
Polígonos, 98, 178, 184, 197
Polígonos regulares, 98, 178, 197
Ponto central, 140, 148
Pontos cardeais, 65, 202
Ponto-Universo, 86, 87
Popoff, Irmis, 254
Porta, 24, 27, 38, 77, 167, 168, 175, 212, 381
Possibilidades e Escolha, 18
Preço a pagar, 20, 57, 329
Preguiça, 64, 220, 302, 327
Presença, 41, 70, 113, 234, 254, 310, 326
Príncipes gêmeos chineses, 108, 110
Prisão, 73, 75, 77, 89, 145, 169, 183, 246, 251, 332
Procrastinação, 328
Professor de Dança, 271
Professores e Mestres, 317
Projetos, 205, 223, 224, 230, 283, 284, 287, 288, 306, 328, 352, 354, 381
Proporções
  Áurea, 90, 91, 99, 192, 193, 194, 195, 196, 206
  Dividido ao meio, 90
  Entre as vibrações, 162
  Geométricas puras, 98
  Harmônicos e Acordes, 102
  Humanas, 204
  Mãos e Pés, 209
  Rostos e Natureza, 208
  Sagradas, 69, 91, 141
  Sensações Objetivas das, 90
Proteínas, 48, 162
Providência, 130, 238
Pseudo-Autoegocrata, 59, 239
Pulsação, 377
Purgatório, Santo Planeta, 254, 391
Qlipoth, 221
Qlipoths, 221
Quadrado, 83, 98, 152, 172, 182, 183, 184, 187, 191, 193, 195, 200, 202, 230, 380
Quadratura do círculo, 380
Quadridimensional, 76
Quarto Caminho, 11, 12, 32, 33, 45, 47, 172, 318, 319, 333, 389
Quaternário, 161
Quatro caminhos, 32
Quebra-cabeças, 200
Queda, 24, 229, 244, 291, 327
Questão material, 172
Quimera, 222
Química, 34, 107, 110, 127, 266, 278, 356
Quinto stopinder, 119, 120, 121, 246
Raio da Criação, 9, 75, 84, 100, 105, 116, 117, 121, 123, 127, 128, 129, 130, 159, 231, 261, 262, 330, 359
  Duas representações, 121
Raiz Quadrada
  De 2, 191
  De 3, 191
  De 5, 192
Raízes, 27, 55, 188
Razão
  Esseral, 108
  Individual, 120, 394
  Mecânica, 281
  Objetiva, 281
  Razões inteiras simples, 190
Reciclagem, 58
Recorrência, 140, 145, 148, 169, 357
Rede cristalina, 55
Refugo, 58
Regras do jogo, 13
Relaxamento, 238, 309
Religião, 38, 39, 42, 43, 175, 333
Relógios, 66
Resolver um Problema, 349
Respiração, 33, 59, 68, 99, 130, 148, 260, 297, 342, 377, 381
Responsabilidade, 17, 45, 47, 58, 60, 221, 231, 236, 282, 299, 330, 331, 333, 341, 384, 386
Ressonância, 73, 79, 99, 108, 227, 236, 241
Reta, 82
Reta orientada, 82, 94, 148, 228
Retorno, 19, 124, 259
  Ponto de, 29, 394
Reunificação, 157, 254
Revelação, 12, 141
Rio, 12, 18, 19, 20, 77, 337, 380
Ritmo, 377
Rosacruz, 368
Sagrada Afirmação, 111, 114, 116, 224
Sagrada Negação, 111, 113, 114, 116, 224
Sagrada Reconciliação, 111, 112, 114
Sagrado, o que é, 63
Saint-Denis, Paris, 213
Salto quântico, 59
Samarra, 169
São Jorge, 272
São Miguel, 272
São Pedro, 89
Seção Áurea, 90, 91, 99, 192, 193, 194, 195, 196, 206

E Escala Diatônica, 99, 196
E Vesica Piscis, 196
Segredo da Vida, 55, 107
Selo de Salomão, 159, 299
Semana, 371
Semelhança
do Criador, 291
do Todo, 58, 60
Semitom, 96, 101, 104, 322
Sensações, 18, 33, 40, 103
Sensações agradáveis, 103
Sensações Objetivas das Proporções, 90
Separação, 302
Separar, 24, 29, 38, 47, 110, 302, 355
Separar-se de Si, 88
Seqüência, 12, 24, 85, 100, 101, 112, 115, 125, 151, 157, 160, 162, 210, 216, 218, 219, 249, 253, 286, 294, 362
Cronológica, 286
Seqüência 1-4-2-8-5-7, 151, 160, 253, 294
Ser
Nível de, 39, 42, 89, 91, 168, 273, 323
Vontade, Ser e Função, 115
Ser e Não-Ser, 156
Seres
Tricerebrados, 31, 41, 60, 147
Unicerebrados, 59, 229
Vivos, 57
Série de Fibonacci, 193, 194
Setas
Hexade orientada, 150
Triângulo não comporta, 149
Sete notas básicas, 96
Setenário, 370, 372
Sexo, 23, 73, 157, 387, 390
Atração sexual, 124
Shammash, 201
Shannon, 57, 69
Si 12, 130, 133, 236
Significado (60), 10, 12, 17, 30, 57, 60, 68, 69, 72, 86, 101, 114, 161, 178, 201, 202, 206, 249, 252, 263, 272, 361, 367, 370, 379
Simbolismo esotérico, 13
Símbolos, 11, 38, 53, 63, 64, 68, 78, 80, 114, 172, 237, 378
E Nós, 78
Meta-símbolo, 63
Simbologia, 12, 63, 64, 67, 68, 69, 73, 78, 80, 84, 101, 211, 278, 370, 388
Simetria bilateral, 65, 80, 90, 91, 140, 156, 206
Similaridades-ao-já-surgido, 120
Sistema
De base Oito, 165
Decimal, 165
Mecânico, 165
Solar, 122
Smith, Russell A., 197
Sofrimento intencional, 41
Sol
Absoluto, 54, 58, 118, 120
De-Segunda-Ordem, 120, 122
Manifestação do, 125
Solda, 28
Som
Fundamental, 102
Harmônicos, 102
Soma ou redução teosófica, 165
Sonhos, 143
Sorte, 238
Status-quo, 230, 309, 332
Stenka Razin, 322
Stopinders, 93, 95, 96, 102, 104, 118, 208, 217, 274, 372
Subconsciência, 39
Subjetividade, 63, 71, 88, 275, 386
Sufi, 137
Suméria, 201
Superesforço, 60, 260
Sustenido, 101
Suzuki, Takeo, 319
Tabela de Hidrogênios, 128
Tabela Periódica dos Elementos, 107, 357
Tábua de Esmeralda, 63
Tabuada, 164, 165
Tamanho, 67, 68, 87, 148, 296, 353
Taquicardia, 377
Tarô, 46, 212, 230
Táxi, 32
Tazaloorinono, 108
Tchekhov, Anton, 334
Teatro, 44, 79, 166, 275, 375
Teclado, 96
Tecnologia, 18, 266, 333, 356
Templo de Hera, Pæstum, 175
Templos, projeto dos, 205
Tempo
Alta resolução, 88
Câmera-lenta, 88
E sensibilidade, 88
Fluxo do, 118
Monodimensional no, 89
Três aspectos básicos do, 147
Tendência natural, 56
Tentativa-e-erro, 153, 172
Teoria da Informação de Shannon, 57, 69
Teoria do caos organizado, 54
Termodinâmica
Esotérica, 56
Primeira lei, 56
Segunda lei, 56, 57, 246
Tetraedro, 172
Tetragramaton, 85, 113, 126, 161, 171, 229, 276, 357, 367
Tetraktys, 199
Theomertmalogos, 118
Tipos
Idiotas, 45
No Eneagrama, 47
Tipos e planetas, 46
Tônica, 97, 103
Trabalho, 11, 26, 30, 48, 333
Consciente e sofrimento intencional, 41
Da mulher, 230
Do pai, 232
Duas linhas, 33
Em grupo, 29
Interior, 11, 22, 23, 24, 30, 38, 40, 48, 56, 57, 58, 75, 130, 267
Linha do Conhecimento, 33

Linha do Ser, 33
Três linhas, 33
Tradição oral, 9, 11, 12, 41
Treliças articuladas, 165
Três andares, 35, 47, 48
Três deusas rainhas, 368
Três máquinas, 124
Tríades
Descendentes e ascendentes, 116
E a Lei de Sete, 163
Essenciais e existenciais, 116
Fundamentais, 115, 125, 365
Grande Tríade, 114, 215, 303, 354
Seis combinações, 115
Visão da cor, 274
Tríades (115), 115, 116, 219, 356, 367
Triamazikamno, 111, 118, 147, 155
Triângulo
Autolimitação do círculo, 156
Corresponde ao Dó, 150, 170, 371
Da Ação, 285
Da preparação, 285
E a Escala diatônica, 197
Eneagrama sem, 369
Eqüilátero, 98, 149, 163
Essencial e existencial, 159
Exterior, 180, 185
Fixou o círculo, 156
Formação por bilateralidade, 157
Geração do, 155
Interseção, 192, 195
Invertido, 180
Lei de Três, 140
Não comporta setas, 149
No Eneagrama, 149
Notas Fá e Lá:, 98
Nova oitava em cada vértice, 171
Orientado, 149
Partido, 218, 230, 235, 257, 285, 344
Permanece fixo, 254, 354
Ten, Chi e Jin, 184
Três centros básicos, 37
Yantra, 202
Tridimensional, 59, 60, 76, 77, 83, 85, 87, 89, 148, 170, 192
Trigramas, 364, 366
Trilogia, 10, 138
Trindade, 125, 149, 156, 164, 193
Tristeza, 104, 263, 321
Troca de lugares, 258, 335
Trogoautoegocrata, 94, 118, 124, 129, 158, 159, 231, 272, 291, 333, 390, 393
Tudo está escrito, 55
Turquia, 19, 175
TV, 108
Umbral, 330
Unidade, 21, 27, 44, 58, 65, 81, 88, 95, 102, 105, 139, 148, 149, 156, 160, 161, 193, 234, 259, 271, 273, 305, 369, 393
Unificação, 26
Universo hexadimensional, 158
Ur, 201
Ut, 100
Vagabundo, 45
Ver o Novo, 72
Verdade, 38, 141
Vesica Piscis, 188, 191, 196, 213
E Seção Áurea, 196
Vézelay, 101
Viagem, 346
Viagem a Ixtlan, 364
Vibração, 55, 68, 78, 87, 102, 108, 119, 246, 264, 268, 272, 277
Vida
Comum, 337
Duração da, 17
Ordinária, 32
Orgânica Sobre a Terra, 23, 48, 122
Videira, 339
Vítima, 330, 331
Vontade
Aumentada, 268
Da Pedra, 293
Despertar, 22
E a Sorte, 238
E Desejos, 26
Física, 32
Harnel Aoot, 221, 224, 226, 232, 234, 246, 288
Investir, 292
Livre, 44
Mistério, 380
na Criação, 118, 121, 124, 125, 155
Na Criação, 359
Na formação do caráter, 28
No controle da atenção, 36
Orientada, 27
Ser e Função, 115, 216, 225
Tem que ser única, 309
Voz interior, 27
Xadrez, 173, 272
Yantra, 185, 202, 203
Yaweh, 85
Yod-Hé-Vau-Hé, 85, 113, 367
Zen, 183, 271
Zodíaco, 182, 212, 234, 367